



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA - PPGL

BRASÍLIA/DF

DEZEMBRO/2010

AUTORA: Tabita Fernandes da Silva

TÍTULO DA TESE: História da língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco

CURSO: Doutorado em Lingüística

DATA DE DEFESA: 27 de agosto de 2010

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

RESUMO

A presente tese consiste num estudo sobre a história interna do complexo Tenetehára, que compreende, atualmente, duas línguas, Tembé e Guajajára, classificadas como pertencentes ao sub-ramo IV da família lingüística Tupí-Guaraní, com o propósito de trazer novas contribuições para o conhecimento da diversificação dessa família lingüística. Nela, busca-se fundamentar uma hipótese sobre a trajetória do desenvolvimento histórico do Tenetehára e demonstram-se quais as principais mudanças lingüísticas sofridas por ele através do tempo, mas também se descreve a natureza dessas mudanças, desde sua diferenciação como língua independente das demais línguas do ramo setentrional da família Tupí-Guaraní, às mudanças mais recentes, que o levaram a uma diferenciação em duas línguas distintas faladas na atualidade por povos que se distinguem um do outro, mas que se identificam como tendo tido a mesma origem. Busca-se, ainda, prover explicações para as causas das mudanças sofridas pela língua Tenetehára, quer as motivações internas à língua, quer as externas, resultantes de situações de contato. Para isso, faz-se uma abordagem histórica sobre os Tenetehára, focalizando, sobretudo, a situação de contato vivenciada por esse povo. Esse aspecto etno-histórico fundamenta-se, entre outras, nas obras de Gomes (1997; 2002). Adota-se, aqui, o Método Histórico Comparativo tal como tradicionalmente vem sendo aplicado na linha de estudiosos como Meillet (1908, 1925), Hamp (1989), Lehman (1962), Rodrigues (1985, 1986, 2001), Labov (1969), Thomason e Kaufman (1988), Kaufman (1990), Campbell (1998), entre outros. Dada sua natureza comparativa, vale-se de descrições disponíveis de línguas da família Tupí-Guaraní, especificamente de línguas dos sub-ramo III, IV, V e VIII. São de particular importância os estudos de Rodrigues (1953 – 2007) sobre a família Tupí-Guaraní, sobretudo os de natureza reconstrutiva. Os principais dados da língua Tenetehára utilizados representam três estágios distintos da língua: a) os dados de Cyriaco Baptista (1932); b) o registro de Boudin (1966) e c) os dados de pesquisa dos últimos vinte anos, sobretudo os de Silva, reunidos para a presente pesquisa entre agosto de 2006 a fevereiro de 2010, junto a falantes Tembé da região do Gurupí (Pará) e Guajajára da região do Arame (Maranhão).

Palavras-chave: língua Tenetehára. Desenvolvimento histórico. Diversificação lingüística .Tembé e Guajajára. Família lingüística Tupí-Guaraní. Línguas em contato.

ABSTRACT

The present doctoral dissertation is concerned with the internal history of the Tenetehára complex, which comprises two languages – Tembé and Guajajára – classified as members of sub-branch IV of the Tupí-Guaraní linguistic family. The main purpose of this dissertation is to bring new contributions to the knowledge of the internal diversification of the Tupí-Guaraní linguistic family. My main interest is to strengthen a hypothesis on the internal historical development of Tenetehára and to identify the nature of the changes underwent by it as it became an independent language. This study is also concerned with the path followed by Tenetehára during its development into two distinct languages, as well as on the various past contact situations to which it has been exposed and that have interfered in its development. The study has greatly benefited from the works by Wagley (1943), Galvão (1996), Wagley and Galvão (1995), Zanoni (1999), and especially those by Gomes (1997, 2002). The historical comparison was developed following the Historical Method, such as it has been exposed and applied by scholars such as Meillet (1908, 1925), Hamp (1989), Lehman (1962), Rodrigues (1985, 1986, and 2001), Labov (1969), Thomason and Kaufman (1988), Kaufman (1990), Campbell (1998), among others. As a comparative study, the present doctoral dissertation has been benefited by the descriptive studies on the Tupí-Guaraní family, especially those focusing on the sub-branches III, IV, V, and VIII. The studies done by Rodrigues since 1953 were also crucial for the development of the present study. We have considered mainly Tenetehára data representative of three different stages: a) data from Cyriaco Baptista (1932); b) data from Boudin (1966) and c) data collected during the last twenty years, specially those collected by Silva from august 2006 and February 2010, among Tembé speakers from the Gurupí region (Pará) and speakers of Guajajára from the Arame region (Maranhão).

Keywords: Tenetehára language – historical development – linguistic diversification – Tembé and Guajajára, Tupí-Guaraní Linguistic Family – Languages in contact.



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA - PPGL

HISTÓRIA DA LÍNGUA TENETEHÁRA:

**CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS SOBRE A
DIVERSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ DO
TRONCO TUPÍ**

Tabita Fernandes da Silva

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

Brasília – DF

2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA - PPGL

HISTÓRIA DA LÍNGUA TENETEHÁRA:

**CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS SOBRE
A DIVERSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ DO
TRONCO TUPÍ**

Tabita Fernandes da Silva

Tese apresentada ao Departamento de Lingüística,
Português e Línguas Clássicas da Universidade de
Brasília como parte dos requisitos para obtenção
do título de Doutor em Lingüística.

BRASÍLIA/DF

Dezembro/2010

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB

INSTITUTO DE LETRAS – IL

DEPTO. DE LINGÜÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUISTICA – PPGL

TESE DE DOUTORADO

HISTÓRIA DA LÍNGUA TENETEHÁRA:

**CONTRIBUIÇÃO AOS ESTUDOS HISTÓRICO-COMPARATIVOS SOBRE A
DIVERSIFICAÇÃO DA FAMÍLIA LINGÜÍSTICA TUPÍ-GUARANÍ DO
TRONCO TUPÍ**

Tabita Fernandes da Silva

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Suelly Arruda Câmara Cabra

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Ana Suelly Arruda Câmara Cabral – UnB (Presidente)

Prof. Dr. Wilmar Rocha D'Angelis – Unicamp

Prof^a Dr^a Cristina Martins Fargetti – UNESP – Araraquara

Prof^a Dr Aryon Dall'Igna Rodrigues – UnB (membro interno)

Prof. Dr^a.Denise Elena Garcia da Silva – UnB (membro interno)

Prof^a Dr^a Dulce do Carmo Franceschini – UFU – (suplente)

Brasília/DF

2010

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, ao Povo Tenetehára

e, em segundo lugar, a toda a minha família,

de A a Z

das mais velha raízes ...

aos mais novos rebentos ...

de Manoel e Sarah ...

a

Fernanda

Davi

Clara Sofia

Ilana

Samuel

Maria Lúcia

Alissa

e aos que hão de vir.

AGRADECIMENTOS

A Deus – (não há palavras para).

À Universidade de Brasília pela oportunidade de ingresso no doutorado em Linguística.

Ao Laboratório de Línguas Indígenas – LALI.

À minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Ana Suelly Arruda Câmara Cabral por compartilhar comigo seu tempo, seu conhecimento, por me mostrar o caminho para as línguas indígenas e pela capacidade de lançar desafios, acreditar e ver antes de acontecer.

Ao Prof. Dr. Aryon Dall’Igna Rodrigues pela tão marcante influência em minha formação acadêmica diretamente ou por meio de suas obras.

À Banca Examinadora pelas contribuições e sugestões para que o trabalho atingisse um patamar de melhor qualidade.

A todos os meus professores do Doutorado que contribuíram, cada um, a sua maneira, para a minha formação.

À Fundação Nacional do Índio pela licença para a entrada na Área Indígena e pelo material de pesquisa disponibilizado.

Aos amigos funcionários da FUNAI e FUNASA, em especial Érica e Heleno que tanto facilitaram e contribuíram para tornar melhor minha estada nas aldeias.

À Valéria, Antônio e Lielson pela maravilhosa companhia durante os dias na aldeia Tekohaw.

Às lideranças Tembé do Tekohaw Sérgio Muxi, Lourival Tembé e Jacinto Tembé pelo apoio e boa-vontade para que o meu trabalho pudesse ser levado a efeito;

Aos meus amigos Tembé: Chico Rico Tembé, Verônica Tembé, Poluto Tembé, Xina’í Tembé, Moreira Tembé, Osmael Tembé, Clementina Tembé, Rute Tembé, Josimar Tembé, Maria Tembé, Luzia Tembé, Malvina Tembé, Piri Tembé, Livramento Tembé e a toda a comunidade da aldeia Tekohaw pelo bem singular de terem compartilhado comigo a sua língua e por terem me recebido sempre com tamanha boa vontade.

Aos amigos Guajajára: Pedro Paulino Guajajára e família, Ernesto Guajajára, Darlene Guajajára, Darly Guajajára, Darcilene Guajajára, Darciane Guajajára, Júlia Guajajára e

Emerson Guajajára que não mediram esforços para me ensinar a sua língua e a toda a comunidade Guajajára das aldeias Angico Torto e Barreiriha

Ao professor José Leonel pela boa vontade e disposição de me abrir portas fundamentais.

A Damares e Francisco pela confiança de me acolherem em sua residência com tamanho desprendimento e dedicação em minha fase de pesquisa com os Guajajára.

Ao Dr. Carl Harrison por compartilhar comigo o produto de tanto anos de pesquisa com a língua Guajajára, por participar tão gentilmente de minha defesa, ainda que em circunstâncias adversas, e pelas sábias observações e sugestões. Meu profundo agradecimento.

Às minhas amigas Cristina Caldas e Eliete Solano pela solidariedade irrestrita e por sempre compreenderem sem necessidade de palavra alguma.

À Suseile pela tão grande gentileza e pelo apoio tão precioso nas horas mais cruciais.

Ao Ricardo Castro pela boa vontade de compartilhar preciosas informações.

Aos queridos Levi e Eliene pela infinita paciência de revisar o meu texto.

Ao Eduardo e Idáilson pela disposição de contribuir para resolver os problemas mais inusitados.

A toda a minha família pelo apoio incondicional e ininterrupto. Quaisquer palavras serão sempre insuficientes para esboçar qualquer agradecimento.

RESUMO

A presente tese consiste num estudo sobre a história interna do complexo Tenetehára, que compreende, atualmente, duas línguas, Tembé e Guajajára, classificadas como pertencentes ao sub-ramo IV da família lingüística Tupí-Guaraní, com o propósito de trazer novas contribuições para o conhecimento da diversificação dessa família lingüística. Nela, busca-se fundamentar uma hipótese sobre a trajetória do desenvolvimento histórico do Tenetehára e demonstram-se quais as principais mudanças lingüísticas sofridas por ele através do tempo, mas também se descreve a natureza dessas mudanças, desde sua diferenciação como língua independente das demais línguas do ramo setentrional da família Tupí-Guaraní, às mudanças mais recentes, que o levaram a uma diferenciação em duas línguas distintas faladas na atualidade por povos que se distinguem um do outro, mas que se identificam como tendo tido a mesma origem. Busca-se, ainda, prover explicações para as causas das mudanças sofridas pela língua Tenetehára, quer as motivações internas à língua, quer as externas, resultantes de situações de contato. Para isso, faz-se uma abordagem histórica sobre os Tenetehára, focalizando, sobretudo, a situação de contato vivenciada por esse povo. Esse aspecto etno-histórico fundamenta-se, entre outras, nas obras de Gomes (1997; 2002). Adota-se, aqui, o Método Histórico Comparativo tal como tradicionalmente vem sendo aplicado na linha de estudiosos como Meillet (1908, 1925), Hamp (1989), Lehman (1962), Rodrigues (1985, 1986, 2001), Labov (1969), Thomason e Kaufman (1988), Kaufman (1990), Campbell (1998), entre outros. Dada sua natureza comparativa, vale-se de descrições disponíveis de línguas da família Tupí-Guaraní, especificamente de línguas dos sub-ramo III, IV, V e VIII. São de particular importância os estudos de Rodrigues (1953 – 2007) sobre a família Tupí-Guaraní, sobretudo os de natureza reconstitutiva. Os principais dados da língua Tenetehára utilizados representam três estágios distintos da língua: a) os dados de Cyriaco Baptista (1932); b) o registro de Boudin (1966) e c) os dados de pesquisa dos últimos vinte anos, sobretudo os de Silva, reunidos para a presente pesquisa entre agosto de 2006 a fevereiro de 2010, junto a falantes Tembé da região do Gurupí (Pará) e Guajajára da região do Arame (Maranhão).

Palavras-chave: língua Tenetehára. Desenvolvimento histórico. Diversificação lingüística. Tembé e Guajajára. Família lingüística Tupí-Guaraní. Línguas em contato.

ABSTRACT

The present doctoral dissertation is concerned with the internal history of the Tenetehára complex, which comprises two languages – Tembé and Guajajára – classified as members of sub-branch IV of the Tupí-Guaraní linguistic family. The main purpose of this dissertation is to bring new contributions to the knowledge of the internal diversification of the Tupí-Guaraní linguistic family. My main interest is to strengthen a hypothesis on the internal historical development of Tenetehára and to identify the nature of the changes underwent by it as it became an independent language. This study is also concerned with the path followed by Tenetehára during its development into two distinct languages, as well as on the various past contact situations to which it has been exposed and that have interfered in its development. The study has greatly benefited from the works by Wagley (1943), Galvão (1996), Wagley and Galvão (1995), Zanoni (1999), and especially those by Gomes (1997, 2002). The historical comparison was developed following the Historical Method, such as it has been exposed and applied by scholars such as Meillet (1908, 1925), Hamp (1989), Lehman (1962), Rodrigues (1985, 1986, and 2001), Labov (1969), Thomason and Kaufman (1988), Kaufman (1990), Campbell (1998), among others. As a comparative study, the present doctoral dissertation has been benefited by the descriptive studies on the Tupí-Guaraní family, especially those focusing on the sub-branches III, IV, V, and VIII. The studies done by Rodrigues since 1953 were also crucial for the development of the present study. We have considered mainly Tenetehára data representative of three different stages: a) data from Cyriaco Baptista (1932); b) data from Boudin (1966) and c) data collected during the last twenty years, specially those collected by Silva from august 2006 and February 2010, among Tembé speakers from the Gurupí region (Pará) and speakers of Guajajára from the Arame region (Maranhão).

Keywords: Tenetehára language – historical development – linguistic diversification – Tembé and Guajajára, Tupí-Guaraní Linguistic Family – Languages in contact.

‘Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o prato que retine.’

‘Ainda que eu tenha o dom de profetizar e saiba todos os mistérios e todo o conhecimento, e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei (...).’

‘O amor nunca perece, mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos, quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá (...).’

‘Agora, pois, vemos apenas um reflexo obscuro, como em espelho mas, então, veremos face a face.’

I Coríntios 13 1-12

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

MAPA 1 – Região do Pindaré – Maranhão.....	1120
MAPA 2 – Terras Indígenas do Maranhão.....	1123
MAPA 3 - Áreas habitadas por Tembé e Guajajara no Pará e Maranhão.....	1125
MAPA 4 – Áreas habitadas por Tupinambá e Tenetehára no Maranhão no Séc. XVII.....	1136
MAPA 5 – Áreas de migração dos Tenetehára a partir do séc. XVIII	1163

0. INTRODUÇÃO..... 62

0.0	Considerações iniciais.....	62
0.1	Metodologia.....	63
0.1.1	Métodos e fases da pesquisa.....	64
0.1.2	A pesquisa de campo.....	65
0.2	Documentação histórica, etnográfica, lingüística e didático-pedagógica sobre o povo Tenetehára	69
0.2.1	Material lingüístico usado como parâmetro comparativo.....	72
0.2.1.1	Material lingüístico usado como parâmetro comparativo entre o Tenetehára e outras línguas da família Tupi-Guaraní.....	73
0.2.1.2	Material lingüístico usado como parâmetro comparativo dos diferentes estágios da língua Tenetehára	73
0.3	Pressupostos teóricos	75
0.4	Organização dos capítulos	83

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA TENETEHÁRA.....	85
1. Introdução	85
1.1 O sistema fonológico do Tenetehára	85
1.1.1 O sistema fonológico do Tembé	85
1.1.1.1 Os fonemas consonantais do Tembé e seus alofones	86
1.1.1.2 O sistema vocálico do Tembé e seus alofones	87
1.1.2 O sistema fonológico do Guajajára	88
1.1.2.1 O sistema consonantal do Guajajára e seus alofones	88
1.1.2.2 O sistema vocálico do Guajajára e seus alofones	90
1.2 Realização dos fonemas do Tenetehára	91
1.2.1 Realização dos fonemas consonantais do Tenetehára	91
1.2.1.1 O fonema /p/ e seus alofones	91
1.2.1.2 O fonema /t/ e seus alofones	91
1.2.1.3 O fonema /k/ e seus alofones	92
1.2.1.4 O fonema /k ^w / e seus alofones	93
1.2.1.5 O fonema /ʔ/ e seus alofones	93
1.2.1.6 O fonema /d/ e seus alofones	93
1.2.1.7 O fonema /z/ e seus alofones	95
1.2.1.8 O fonema /s/ e seus alofones	97
1.2.1.9 O fonema /h/ e seus alofones	98
1.2.1.10 O fonema /m/	98
1.2.1.11 O fonema /n/ e seus alofones	99
1.2.1.12 O fonema /ŋ/ e seus alofones	101
1.2.1.13 O fonema /ŋ ^w /	101
1.2.1.14 O fonema /r/ e seus alofones	101
1.2.1.15 O fonema /w/ e seus alofones	102
1.2.2 Realização dos fonemas vocálicos do Tenetehára	102
1.2.2.1 O fonema /i/ e seus alofones	102
1.2.2.2 O fonema /ɛ/ e seus alofones	103
1.2.2.3 O fonema /ĩ/ e seus alofones	104
1.2.2.4 O fonema /ə/ e seus alofones	104
1.2.2.5 O fonema /a/ e seus alofones	105

1.2.2.6	O fonema /u/ e seus alofones	106
1.2.2.7	O fonema /ɔ/ e seus alofones	105
1.3	Mistura dialetal	106
1.4	Laringalização de vogais, nasalidade e padrão acentual em Tenetehára	108
1.5	A Estrutura Silábica do Tenetehára	109
1.5.1	Padrão V	110
1.5.2	Padrão VC	110
1.5.3	Padrão CV	110
1.5.4	Padrão CVC	110
1.5.5	Representação arbórea dos padrões silábicos do Tenetehára	110
1.6	O sistema fonológico do Tenetehára em estágios mais antigos	113
1.6.1	Os fonemas do Tembé conforme o registro de Cyriaco Baptista (1932)	113
1.6.1.1	Fonemas consonantais	116
1.6.1.2	Fonemas vocálicos	115
1.6.2	Os fonemas do Tembé conforme o registro de Boudin (1966)	116
1.6.2.1	Fonemas consonantais	116
1.6.2.2	Fonemas vocálicos	116
1.6.3	O registro da consoante /ʔ/ em Cyriaco Baptista e em Boudin	117
1.6.4	O registro das realizações do fonema /z/ em Cyriaco Baptista e em Boudin	121
1.6.5	O registro do fonema /K ^w / nos dados de Boudin	123
1.6.6	O registro do fonema /s/ nos dados de Cyriaco Baptista e de Boudin	124
1.6.7	A ocorrência do fonema /p/ em final de vocábulo	127
1.7	O sistema vocálico do Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV da família Tupi-Guarani	131
1.8	Considerações gerais	133
CAPÍTULO 2 – O SISTEMA PESSOAL DO TENETEHÁRA		134

2	Introdução	134
2.1	A constituição do sistema pronominal do Tembé e do Guajajára	134
2.1.1	Pronomes pessoais do Tembé e do Guajajára	135
2.1.1.1	Pronomes da Série I	135
2.1.1.2	Pronomes da Série II	140
2.1.1.3	Pronomes da Série III	150
2.1.2	Prefixos pessoais	153
2.1.2.1	Prefixos pessoais da Série IV	154
2.1.2.2	Prefixos pessoais da Série V	193
2.1.2.3	Prefixos pessoais da Série VI	196
2.1.2.4	Prefixos pessoais da Série VII	202
2.1.3	Semelhanças e diferenças entre os sistemas pessoais do Tembé e do Guajajára.....	239
2.2	O sistema pessoal do Tenetehára em comparação com línguas de outros sub-ramos	242
2.2.1	Línguas do sub-ramo IV	242
2.2.1.1	Pronomes Pessoais	243
2.2.1.1.1	Pronomes Pessoais Independentes	243
2.2.1.1.2	Pronomes Dependentes	244
2.2.1.1.3	Pronomes Ergativos	244
2.2.1.2	Prefixos pessoais	245
2.2.1.2.1	Prefixos pessoais subjetivos do modo indicativo	245
2.2.1.2.2	Prefixos acusativos	246
2.2.1.2.3	Prefixos subjetivos do modo imperativo	246
2.2.1.2.4	Prefixos correferenciais	247
2.2.2	Línguas do sub-ramo III	248
2.2.2.1	A Língua Tupinambá	248

2.2.2.2	A Língua Geral Amazônica	250
2.2.3	Línguas do sub-ramo V	251
2.2.3.1	A Língua Asuriní do Xingu	251
2.2.3.1.1	Pronomes pessoais	251
2.2.3.1.1.1	Pronomes pessoais independentes	251
2.2.3.1.1.2	Pronomes dependentes	252
2.2.3.1.2	Prefixos pessoais	196
2.2.3.1.2.1	Prefixos pessoais subjetivos e objetivos	252
2.2.3.1.2.2	Prefixos correferenciais	253
2.2.3.2	A Língua Araweté	254
2.2.3.2.1	Pronomes pessoais	254
2.2.3.2.2	Prefixos pessoais	255
2.2.3.2.2.1	Prefixos pessoais subjetivos	255
2.2.3.2.2.2	Prefixos correferenciais	256
2.2.4	Línguas do sub-ramo VIII	256
2.2.4.1	A Língua Ka'apór	256
2.2.4.1.1	Pronomes pessoais	257
2.2.4.1.2	Prefixos pessoais	257
2.2.4.2	A Língua Guajá	258
2.2.4.2.1	Pronomes pessoais	258
2.2.4.2.2	Prefixos pessoais	258
2.3	O sistema pessoal em estágios mais antigos da Língua Tenetehára	260
2.3.1	O sistema pessoal no registro de Cyriaco Baptista	260
2.3.1.1	Pronomes pessoais	260
2.3.1.1.1	Pronomes da Série I (Independentes)	260

2.3.1.1.2	Pronomes da Série II (Dependentes)	261
2.3.1.2	Prefixos Pessoais	262
2.3.1.2.1	Prefixos da série IV	262
2.3.1.2.2	Prefixos da Série V	264
2.3.1.2.3	Prefixos da Série VI	265
2.3.1.2.4	Prefixos da Série VII (correferenciais)	267
2.3.2	O sistema pessoal no registro de Boudin	270
2.3.2.1	Pronomes pessoais	269
2.3.2.1.1	Pronomes da Série I (Independentes)	269
2.3.2.1.2	Pronomes da Série II (Dependentes)	270
2.3.2.2	Prefixos Pessoais	273
2.3.2.2.1	Prefixos pessoais da série IV	273
2.3.2.2.2	Prefixos pessoais da Série V	275
2.3.2.2.3	Prefixos da Série VI	276
2.3.2.2.4	Prefixos da Série VII (correferenciais)	278
2.4	Mudanças ocorridas no sistema pessoal da Língua Tenetehára	286
2.5	Considerações gerais	

288.

CAPÍTULO 3 - OS MODOS VERBAIS EM TENETEHÁRA..... 291

3.	Introdução	291
3.1	Sobre modos verbais na família Tupi-Guaraní	291
3.2	Os modos verbais em Tembé e em Guajajára	292
3.2.1	O Modo Indicativo I em Tembé e em Guajajára	292
3.2.2	O Modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára	294

3.2.2.1	O Modo Indicativo II em Tembé desde os primeiros registros	294
3.2.2.1.1	O registro do Indicativo II em Tembé por Cyriaco Baptista (1932)	294
3.2.2.1.2	O registro do Indicativo II em Tembé por Boudin (1932)	296
3.2.2.1.3	A análise de Carvalho (2001)	298
3.2.2.2	O Modo Indicativo II em Guajajára em estudos anteriores	302
3.2.2.2.1	As análises de Harrison (1986) e Bendor-Samuel (1972)	302
3.2.2.3	O Modo Indicativo II em dados mais recentes do Tembé e do Guajajára	304.
3.2.2.3.1	O sufixo <i>-n</i> ~ $-\emptyset$ na expressão do Modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára	304
3.2.2.3.2	O sufixo <i>-i</i> na expressão do Modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára	308
3.2.2.4	O modo Indicativo II em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da família Tupí-Guaraní	317
3.2.2.4.1	Línguas do sub-ramo IV	317
3.2.2.4.2	Línguas do sub-ramo V	319
3.2.2.4.3	Línguas do sub-ramo III	320
3.2.2.4.4	Línguas do sub-ramo VIII	321
3.2.2.5	Considerações sobre o Modo Indicativo II em Tenetehára	323
3.2.3	O modo gerúndio	324
3.2.3.1	A expressão do modo gerúndio em línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní	324
3.2.3.2	A partícula <i>pə</i> e a expressão do modo gerúndio em Tembé e em Guajajára	325
3.2.3.2.1	Orações que expressam finalidade	328

3.2.3.2.2	Orações que expressam simultaneidade	335
3.2.3.2.3	Orações que expressam seqüência	345
3.2.3.3	A partícula <i>pə</i> em outros contextos de ocorrência	350
3.2.3.3.1	Em orações no Modo Imperativo /Permissivo	351
3.2.3.3.2	Em orações interrogativas	352
3.2.3.3.3	Em sentenças com o verbo <i>-punera</i> ‘poder’	352
3.2.3.3.4	Em orações independentes com idéia de propósito	352
3.2.3.3.5	Em orações independentes	353
3.2.3.4	O modo gerúndio em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da família Tupí-Guaraní	355
3.2.3.4.1	Línguas do sub-ramo IV	355
3.2.3.4.2	Línguas do sub-ramo III	357
3.2.3.4.3	Línguas do sub-ramo V	358
3.2.3.4.4	Línguas do sub-ramo VIII	360
3.2.3.4.5	Considerações sobre as semelhanças e diferenças entre o Tenetehára e línguas de outros sub-ramos quanto à expressão do modo gerúndio	362
3.2.4	O Modo Subjuntivo	362
3.2.4.1	O Modo Subjuntivo em Tembé e em Guajajára	362
3.2.4.1.1	Subjuntivo de contemporaneidade (quando)	363
3.2.4.1.2	Subjuntivo de condição	369
3.2.4.1.3	Subjuntivo de sucessividade	376
3.2.4.1.4	Observações sobre a partícula <i>mehe</i>	383
3.2.4.2	O Modo Subjuntivo em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da	385

	família Tupí-Guaraní	
3.2.4.2.1	Línguas do sub-ramo IV	385
3.2.4.2.2	Línguas do sub-ramo III	388
3.2.4.2.3	Línguas do sub-ramo V	389
3.2.4.2.4	Línguas do sub-ramo VIII	391
3.2.4.2.5	Considerações sobre o Modo Subjuntivo em Tenetehára em comparação com línguas da família Tupí- Guaraní	393
3.2.5	O Modo Imperativo	393
3.2.5.1	O Modo Imperativo em Tembé e Guajajára	393
3.2.5.1.1	O Modo Imperativo afirmativo	394
3.2.5.1.2	O Modo Imperativo Negativo	402
3.2.5.2	O Modo Imperativo em registros mais antigos do Tenetehára	406
3.2.5.2.1	O registro de Cyriaco Baptista	407
3.2.5.2.2	O registro de Boudin	408
3.2.5.3	A expressão do Modo Imperativo em Línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII	409
3.2.5.3.1	Línguas do sub-ramo IV	409
3.2.5.3.2	Línguas do sub-ramo III	413
3.2.5.3.3	Línguas do sub-ramo V	413
3.2.5.3.4	Línguas do sub-ramo VIII	414
3.2.5.4	Considerações gerais	417

**CAPÍTULO 4: A EXPRESSÃO DAS NOÇÕES DE ASPECTO, TEMPO,
MODO DE AÇÃO E MODALIDADE EM TENETEHÁRA**

4.	Introdução	418
4.1	O aspecto em Tenetehára	418
4.1.1	A expressão de noções aspectuais em Tembé e Guajajára	419
4.1.1.1	O aspecto realizado	420
4.1.1.2	O aspecto imperfectivo	424
4.1.1.3	O aspecto cessativo	427
4.1.1.4	O aspecto repetitivo	432
4.2	Modo de ação em Tenetehára	439
4.2.1	O modo de ação Habitual	440
4.2.2	O modo de ação Falhativo	452
4.2.3	O modo de ação Lusivo	457
4.2.4	O modo de ação Atenuativo	458
4.2.5	O modo de ação Freqüentativo	462
4.2.5.1	O modo de ação Freqüentativo por meio de reduplicação	462
4.2.5.2	O modo de ação Freqüentativo por meio de partícula	466
4.2.6	O modo de ação Intensivo	470
4.2.6.1	O modo de ação intensivo por meio de partícula	471
4.2.6.1.1	A partícula <i>tete</i>	471
4.2.6.1.2	A partícula <i>ahĩ</i>	474
4.2.6.1.3	A partícula <i>ete</i>	478
4.2.6.1.4	A partícula <i>aʔu</i>	481
4.2.6.1.5	A partícula <i>mar ~ mar aʔu</i>	484
4.2.6.1.6	A partícula <i>pitik</i>	486

4.2.6.2	O modo de ação intensivo por meio da composição com o tema <i>katu</i>	488
4.2.6.3	O modo de ação intensivo por meio de reduplicação	493
4.2.6.4	O modo de ação intensivo por meio de reduplicação e de partícula	495
4.2.6.5	O modo de ação intensivo por meio de reduplicação e composição com o tema <i>katu</i>	496
4.2.7	Outras noções de modo de ação expressas por meio de reduplicação	497
4.3	Tempo e Modalidade em Tenetehára	500
4.3.1	Partículas temporais	501
4.3.1.1	A partícula <i>kuri</i> ~ <i>kurí</i>	501
4.3.1.2	A partícula <i>kwejtərí</i>	505
4.3.1.3	A partícula <i>riř</i>	508
4.3.2	Tempo e modalidade: partículas temporais associadas a noções de modalidade epistêmica	510
4.3.2.1	Partículas temporais e modalidade epistêmica	510
4.3.2.1.1	Partículas temporais de passado e fonte de informação	510
4.3.2.1.1.1	As partículas <i>kwehe</i> e <i>zekwehe</i>	510
4.3.2.1.1.2	As partículas <i>kakwej</i> e <i>rakwej</i>	515
4.3.2.1.1.3	As partículas <i>ruko</i> e <i>raře</i>	518
4.3.2.1.2	Outras expressões de modalidade epistêmica	524
4.3.2.1.2.1	A partícula <i>ze</i> ~ <i>de</i> ‘disque’ – fonte desconhecida	524
4.3.2.1.2.2	A partícula <i>apuř</i> - ‘disseram, dizem’ - Fonte desconhecida/conhecida	526
4.3.2.1.2.3	A coocorrência das partículas <i>apuř</i> ‘dizem’ e <i>ze</i> ~ <i>de</i> ‘dizem	

que'... 'disque...' – fonte desconhecida	528
4.3.2.1.2.4 A partícula <i>zapo</i> - 'disque'	538
4.3.2.1.2.5 A combinação das partículas <i>zapo</i> ~ <i>apo</i> + <i>aipo</i> + o verbo <i>iʔi</i> (dizer)	539
4.3.2.1.2.6 As partículas <i>se</i> e <i>ʔi</i> 'testemunhado pelo falante'	542
4.3.3 Modalidade empática	543
4.3.3.1 O verbo <i>putar</i>	543
4.3.3.2 A partícula <i>putar</i> ~ <i>tar</i> ~ <i>ta</i> ~ <i>tata</i>	544
4.3.4 Partículas temporais e modalidade deôntica	550
4.3.4.1 A combinação da partícula <i>tar</i> ~ <i>ta</i> e outras partículas	550
4.3.4.2 O morfema <i>wer</i>	555
4.3.5 Modalidade intencional	558
4.3.5.1 Os morfemas <i>wer</i> , <i>wer dape</i> e <i>ram dape</i>	558
4.3.5.2 O morfema <i>wer</i>	560
4.3.5.3 A partícula <i>nehe</i>	562
4.3.6 Modalidade de projeção com propósito ou finalidade	572
4.3.6.1 A partícula <i>ram</i>	572
4.3.7 Modalidade alética: graus de certeza	585
4.3.7.1 Modalidade dubitativa	585
4.3.7.1.1 A partícula <i>ruʔu</i>	585
4.3.7.1.2 As partículas <i>niʔim</i> ~ <i>nariʔim ete</i> e <i>ranʔim</i>	590
4.3.7.1.3 Alto grau de certeza	592
4.3.7.1.3.1 A partícula <i>azeha ramo</i> ~ <i>adeha ramo</i> ~ <i>azeha romo</i>	592

4.3.7.2	Modalidade inferencial	597
4.3.7.2.1	A partícula <i>aipo</i>	597
4.3.7.1.3.2	Sentenças declarativas sem marcas de modalidade	607
4.4	O Tenetehára em comparação com línguas de outros sub-ramos	611
4.4.1	O Tenetehára em comparação com línguas do sub-ramo III	611
4.4.1.1	O Tupinambá	611
4.4.1.2	A Língua Geral Amazônica	613
4.4.2	O Tenetehára em comparação com línguas do sub-ramo V	618
4.4.2.1	Asuriní do Xingú	618
4.4.2.1.1	Aspecto	618
4.4.2.1.1.1	Aspecto Volitivo	618
4.4.2.1.1.2	Aspecto completivo	619
4.4.2.1.1.3	Aspecto mandativo	619
4.4.2.1.1.4	Aspecto desiderativo especializado	620
4.4.2.1.1.5	Frustrativo	621
4.4.2.1.1.6	Enfático	621
4.4.2.1.2	Modo de ação	622
4.4.2.2	Araweté	622
4.4.2.2.1	Aspecto	622
4.4.2.2.2	Verbo plural	622
4.4.2.2.3	Freqüentativo	623
4.4.2.2.4	Intensivo	623
4.4.2.2.5	Modalidade	624

4.4.2.2.5.1	Modalidade desiderativa	624
4.4.3	O Tenetehára em comparação com as línguas do sub-ramo VIII	624
4.4.3.1	Ka'apór	625
4.4.3.1.1	Aspecto	625
4.4.3.1.1.2	Perfectivo 1	625
4.4.3.1.1.3	Perfectivo2	625
4.4.3.1.1.4	Imperfectivo	625
4.4.3.1.1.5	Iminente	626
4.4.3.1.1.6	Progressivo	626
4.4.3.1.1.7	Frustrativo	627
4.4.3.1.1.8	Lusivo	627
4.4.3.1.2	Modo de ação	628
4.4.3.1.2.1	Freqüentativo	628
4.4.3.1.2.2	Intensivo	628
4.4.3.1.2.3	Habitual	629
4.4.3.1.2.4	Desejo e lamento	629
4.4.3.2	Guajá	629
4.4.3.2.1	Aspecto	629
4.4.3.2.1.1	Completivo	630
4.4.3.2.1.2	Imperfectivo	630
4.4.3.2.1.3	Perfectivo	630
4.4.3.2.1.4	Perfeito	630
4.4.3.2.1.5	Projetivo	630

4.4.3.2.1.6	Imediativo	631
4.4.3.2.1.7	Durativo	632
4.4.3.2.1.8	Replicativo	632
4.4.3.2.1.9	Lusivo	632
4.4.4	O Tenetehára em comparação com línguas do sub-ramo IV	633
4.4.4.1	Parakanã	633
4.4.4.1.1	Aspecto	633
4.4.4.1.1.1	Lusivo	633
4.4.4.1.1.2	Contrafactual	633
4.4.4.1.1.3	Freqüentativo	633
4.4.4.1.1.4	Intensivo	634
4.4.4.1.1.5	Atenuativo	634
4.4.4.1.1.6	Intensificador	635
4.4.4.1.1.7	Repetitivo	635
4.4.4.2	Avá-Canoeiro	635
4.4.4.2.1	Aspecto	635
4.4.4.2.1.1	Aspectos intensivo e iterativo	636
4.4.4.2.1.2	Aspecto completivo	636
4.4.4.2.2	Modo de ação	637
4.4.4.2.2.1	Modo desiderativo	637
4.4.4.2.2.2	Modo intensivo	637
4.5	Modalidade	638
4.5.1	O Tenetehára em comparação com línguas de outros sub-ramos da	638

	família Tupí-Guaraní	
4.5.1	O Tenetehára e as línguas do sub-ramo III	638
4.5.1.1	O Tupinambá	638
4.5.1.1.1	Modalidade intencional	638
4.5.1.1.2	Modalidade condicional	638
4.5.1.1.3	Modalidade optativo	639
4.5.2	O Tenetehára e as línguas do sub-ramo V	639
4.5.2.1	Araweté	639
4.5.2.1.1	Modalidade intencional	639
4.5.2.1.2	Modalidade intencional real	640
4.5.2.1.3	Modalidade de propósito	640
4.5.2.1.4	Modalidade restritiva	641
4.5.2.1.5	Modalidade alética	641
4.5.2.1.6	Dúvida e probabilidade	641
4.5.2.1.7	Modalidade epistêmica	643
4.5.2.1.7.1	Modalidade epistêmica reiterativa	643
4.5.2.1.7.2	A partícula <i>teje</i>	643
4.5.2.1.7.3	A partícula <i>re?e</i>	643
4.5.3	O Tenetehára e as línguas do sub-ramo VIII	644
4.5.3.1	Ka'apor	644
4.5.3.1.1	Ausência de certeza	644
4.5.3.1.2	Grau relativo de probabilidade fundamentado em evidência	644
4.5.3.1.3	Forte dúvida em relação ao conteúdo da informação	645

4.5.3.1.4	Probabilidade relativa	645
4.5.3.1.5	Noção de atestado por um terceiro	645
4.5.3.1.6	As partículas <i>nai</i> e <i>jé</i>	645
4.5.3.1.7	A partícula <i>jê</i>	646
4.5.3.2	Guajá	646
4.5.3.2.1	Intencionalidade	646
4.5.3.2.2	Desejo	646
4.5.3.2.3	Modalidade Deôntica	647
4.5.3.2.4	Evidenciais	647
4.5.3.2.4.1	Atestado pelo locutor/passado recente	648
4.5.3.2.4.2	Atestado pelo locutor/passado longínquo	648
4.5.3.2.4.3	Atestado por um terceiro	648
4.5.3.2.5	Modalidade epistêmica	648
4.5.3.2.5.1	Partícula epistêmica dubitativa	648
4.5.3.2.5.2	Partícula epistêmica de possibilidade	648
4.5.3.2.5.3	Partícula epistêmica similitiva	649
4.5.3.2.5.4	Partícula epistêmica de pressuposição	649
4.5.4	O Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV	649
4.5.4.1	Parakanã	649
4.5.4.1.1	Intencional	650
4.5.4.1.2	Propósito	650
4.5.4.1.3	Partículas evidenciais	650
4.5.4.2	Asuriní do Tocantins	651

4.5.4.2.1	Propósito	651
4.5.4.2.2	Intencional	652
4.5.4.2.3	Modalidade epistêmica	654
4.6.5	Considerações sobre modalidade	655
4.7	Expressão de tempo: o Tenetehára em comparação com outras línguas da família Tupí Guaraní	655
4.7.1	O Tenetehára e línguas do sub-ramo III	655
4.7.1.1	A Língua Geral Amazônica	656
4.7.1.1.1	O passado	656
4.7.1.1.2	O futuro	656
4.7.1.1.3	O pretérito imperfeito	656
4.7.1.1.4	O futuro imperfeito	657
4.7.1.1.5	O futuro perfeito	657
4.7.1.1.6	O mais- que- perfeito	657
4.7.2	O Tenetehára e línguas do sub-ramo V	658
4.7.2.1	Asuriní do Xingu	658
4.7.2.1.1	Futuro não imediato e especulativo	658
4.7.2.1.2	Passado não imediato	658
4.7.2.1.3	Passado enfático	659
4.7.2.1.4	Passado imediato	660
4.7.3	O Tenetehára e línguas do sub-ramo VIII	660
4.7.3.1	Ka'apor	660
4.7.3.1.1	Expressões temporais	660

4.7.3.2	Guajá	661
4.7.3.2.1	Palavras temporais	661
4.7.4	O Tenetehára e línguas do sub-ramo IV	662
4.7.4.1	Parakanã	662
4.7.4.1.1	Passado	662
4.7.4.1.2	Futuro	662
4.8	Considerações gerais	663
;		
CAPÍTULO 5 - A EXPRESSÃO DA VOZ EM TENETEHÁRA.....		664
5.	Introdução	664
5.1	Parâmetro para a abordagem da voz em Tenetehára: o Tupinambá como parâmetro	664
5.1.1	A voz causativa	664
5.1.1.1	A voz causativa em Tupinambá	664
5.1.1.1.1	A voz causativo-comitativa em Tupinambá	666
5.1.1.1.2	A voz causativo- prepositiva em Tupinambá	666
5.1.1.2	A voz causativa em Tenetehára	667
5.1.1.2.1	O prefixo <i>mu-</i>	667
5.1.1.2.1.2	Agregado a nomes substantivos	668
5.1.1.2.1.3	Agregado a adjetivos	668
5.1.1.2.1.4	Agregado a temas verbais intransitivos	672
5.1.1.3	A voz causativa em Guajajára	675
5.1.1.3.1	<i>O prefixo mu-</i>	675

5.1.1.3.1.1	Agregado ao morfema <i>-hu</i> ‘intensivo’	677
5.1.1.3.1.2	Agregado a nomes adjetivos	677
5.1.1.3.1.3	Agregado a temas intransitivos	679
5.1.1.3	A voz causativo-comitativa	680
5.1.1.3.1	Por meio do prefixo <i>eru-</i> ~ <i>er</i>	680
5.1.1.3.2	Por meio das partículas <i>inuromo</i> , <i>p̄r</i> , <i>pume</i>	682
5.1.1.4	A voz causativo-prepositiva	683
5.1.1.4.1	A voz causativo-prepositiva em Tembê	683
5.1.1.4.1.1	Ocorrências da partícula <i>kar</i> ~ <i>ka</i>	683
5.1.1.4.1.1.1	Com o verbo <i>-mono</i> ‘mandar’ em orações dependentes	683
5.1.1.4.1.1.2	Com verbos transitivos plenos	686
5.1.1.4.1.1.3	Com verbo de base intransitiva com valência aumentada	689
5.1.1.4.2	A voz causativo-prepositiva em Guajajára	694
5.1.1.4.2.1	Ocorrências da partícula <i>kar</i> ~ <i>ka</i>	695
5.1.1.4.2.1.1	Com sufixo	695
5.1.1.4.2.1.2	Com adjetivo	695
5.1.1.3	A voz causativa ilustrada em Cyriaco Baptista e em Boudin	695
5.1.1.3.1	A voz causativa nos textos de Cyriaco Baptista	696
5.1.1.3.1.1	Por meio do prefixo <i>mu-</i>	696
5.1.1.3.1.2	Por meio do sufixo causativo-prepositivo <i>kar</i>	696
5.1.1.3.2	Exemplos de construções na voz causativa extraídos de Boudin	697
5.1.1.3.2.1	O causativo <i>mu-</i> combinado com nomes substantivos e adjetivos	697

5.1.1.3.2.2	Por meio do prefixo <i>mu-</i> combinado com verbos	699
5.1.1.2	A voz causativa nas línguas do sub-ramo IV	700
5.1.1.2.1	Asuriní do Tocantins	700
5.1.1.2.2	Parakanã	702
5.1.1.2.3	Tapirapé	703
5.1.1.2.4	Avá-Canoeiro	705
5.1.1.3	A voz causativa nas línguas do sub-ramo III	705
5.1.1.3.1	A Língua Amazônica	705
5.1.1.4	A voz causativa nas línguas do sub-ramo V	706
5.1.1.4.1	Asuriní do Xingú	706
5.1.1.4.2	Araweté	708
5.1.1.5	A voz causativa em línguas do sub-ramo VIII	709
5.1.1.5.1	Ka'apór	709
5.1.1.5.2	Guajá	711
5.1.2	As vozes reflexiva e recíproca em Tenetehára	713
5.1.2.1	A voz reflexiva em Tenetehára	714
5.1.2.1.1	A voz reflexiva em Tembé	714
5.1.2.1.1.1	Com verbos transitivos	714
5.1.2.1.1.2	Com verbos causativizados	715
5.1.2.1.1.3	Com nomes causativizados	715
5.1.2.1.1.4	Com adjetivos causativizados	716
5.1.2.1.2	A voz reflexiva em Guajajára	717
5.1.2.2.2.1	Com verbos transitivos	717

5.1.2.2.2.2	Com temas causativizados	718
5.1.2.2.2.3	Com verbos no imperativo	719
5.1.2.2	A voz recíproca	720
5.1.2.2.1	A voz recíproca em Tenetehára	721
5.1.2.2.1.1	A voz recíproca em Tembé	722
5.1.2.2.1.2	A voz recíproca em Guajajára	722
5.1.3	As vozes reflexiva e recíproca em línguas do sub-ramo IV	723
5.1.3.1	Asuriní do Tocantins, Parakanã e Tapirapé	723
5.1.3.2	Avá Canoeiro	725
5.1.4	As vozes reflexiva e recíproca em línguas do sub-ramo V	725
5.1.4.1	Asuriní do Xingú	725
5.1.4.1.1	Voz reflexiva	725
5.1.4.1.2	Voz recíproca	726
5.1.4.2	Araweté	726
5.1.5	As vozes reflexiva e recíproca em línguas do ramo VIII	727
5.1.1.5.1	Ka'apór	727
5.1.1.5.2	Guajá	728
5.1.1.5.3	Considerações sobre a expressão das vozes reflexiva e recíproca em Tenetehára	728
5.2	Considerações gerais	729
..		
	CAPÍTULO 6: DERIVAÇÃO DE NOMES EM TENETEHÁRA	730
6	Introdução	730

6.1	Derivação de nomes em Tenetehára	731
6.1.1	Os nominalizadores em Tenetehára	733
6.1.1.1	<i>emi</i> ‘nominalizador de nome de objeto’	733
6.1.1.2	<i>maʔe</i> ‘nominalizador de predicados’	736
6.1.1.2.1	Combinação de <i>maʔe</i> com predicados que têm por núcleo verbos intransitivos	736
6.1.1.2.2	Combinação de <i>maʔe</i> com predicados que têm por núcleo verbos transitivos	741
6.1.1.2.3	Combinação de <i>maʔe</i> com predicados que têm por núcleo nomes adjetivos	743
6.1.1.3	<i>-pír</i> ‘nominalizador de p.aciente’	746
6.1.1.3.1	combinação do morfema <i>..-pír</i> com verbos transitivos	746
6.1.1.3.2	combinação do morfema <i>-pír</i> com verbos flexionados por prefixos pessoais	749
6.1.1.4	<i>har</i> ‘nominalizador de circunstância’	750
6.1.1.4.1	combinação do sufixo <i>-har</i> com os dêiticos <i>se</i> ‘aqui’ e <i>pe</i> ‘lá’	754
6.1.1.5	<i>-har</i> ‘nominalizador de agente’	755
6.1.1.6	<i>haw</i> ~ <i>-aw</i> ‘nominalizador de circunstância’	759
6.1.1.6.1	Combinação de <i>-haw</i> ~ <i>-aw</i> com nomes	759
6.1.1.6.2	Combinação de <i>-haw</i> ~ <i>-aw</i> com verbos intransitivos	760
6.1.1.6.3	Combinação de <i>-haw</i> ~ <i>-aw</i> com verbos transitivos	766
6.1.1.6.4	Combinação de <i>-haw</i> ~ <i>-aw</i> com adjetivos	769
6.1.2	Algumas inovações na distribuição de nominalizadores em Tenetehára	773
6.2	Comparação do Tenetehára com línguas da família Tupí Guaraní	777

6.2.1	Comparação do Tenetehara com línguas do sub-ramo IV	777
6.2.1.1	Tapirapé	777
6.2.1.2	Asuriní do Tocantins	780
6.2.1.3	Parakanã	783
6.2.2	Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo V	786
6.2.2.1	Asuriní do Xingú	786
6.2.2.2	Araweté	788
6.2.3	Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo VIII	792
6.2.3.1	Ka'apór	792
6.2.3.2	Guajá	794
6.2.4	Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo III	797
6.2.4.1	O Tupinambá	797
6.2.4.1.1	Nome de ação	798
6.2.4.1.2	Nome de agente	799
6.2.4.1.3	Nome de circunstância	799
6.2.4.1.4	Nome de objeto	800
6.2.4.1.5	Nome de paciente	800
6.2.4.1.6	Nome de agente habitual	801
6.2.4.1.7	Nome relativo	802
6.2.4.1.8	Nome de propensão	802
6.3	Considerações gerais	803
CAPÍTULO 7: O SISTEMA DA NEGAÇÃO EM TENETEHÁRA.....		805

7.1	Introdução	805
	A negação em Tenetehára segundo registros e análises do Tembê e do Guajajára	805
7.1.1	A negação em Tenetehára conforme as análises de Bendor-Samuel, Harrison, Castro e Duarte	805
7.1.2	A negação Tenetehára no registro de Cyriaco Baptista	808
7.1.3	A negação em Tembê no registro de Boudin	811
7.2	Inovações na negação em Tenetehára	814
7.3	A distribuição das estratégias da negação em Tenetehára	815
7.3.1	A negação de nomes	815
7.3.1.1	A partícula <i>nan</i> em combinação com outros morfemas	816
7.3.1.2	A partícula <i>nane</i> em combinação com outros morfemas	821
7.3.1.3	O clítico <i>na</i> em combinação com outros morfemas	822
7.3.2	A negação dos predicados que têm como núcleos verbos nominalizados	826
7.3.2.1	A partícula <i>nan</i> combinada aos morfemas <i>?im</i> e <i>kwaw</i>	826
7.3.3	A negação dos predicados que têm como núcleo o adjetivo <i>-eta</i> ‘ter’	828
7.3.3.1	O clítico <i>na</i> em combinação com outros morfemas	828
7.3.4	A negação de predicados das orações independentes que têm como núcleos verbos intransitivos e transitivos	830
7.3.4.1	O clítico <i>na</i> em combinações com outros morfemas	831
7.3.4.2	A partícula <i>nan</i> e combinações	834
7.3.5	A negação por meio do sufixo <i>-?im</i>	834
7.3.6	A negação no modo Imperativo	839

7.3.7	As estratégias de negação em orações coordenadas	841
7.3.8	A negação em orações dependentes	847
7.4	Considerações sobre a negação em Tenetehára	853
7.5	Expressões de negação em outras línguas do sub-ramo IV	854
7.5.1	Tapirapé	855
7.5.2	Parakanã	857
7.5.3	Avá-Canoeiro	859
7.5.4	Suruí	860
7.6	Expressões de negação em outras línguas do sub-ramo III	861
7.6.1	O Tupinambá	861
7.6.2	A Língua Geral Amazônica	864
7.7	A negação em línguas do sub-ramo V	866
7.7.1	Araweté	866
7.7.2	Asuriní do Xingu	870
7.8	A negação em línguas do sub-ramo VIII	872
7.8.1	Ka'apór	872
7.8.2	Guajá	874
7.9	Considerações gerais	879
 CAPÍTULO 8: O SISTEMA DE DÊITICOS LOCATIVO-ESPACIAIS DO TENETEHÁRA		 882
8.	Introdução	882
8.1	O sistema de dêiticos locativo-espaciais do Tenetehára	882

8.1.1	Dêiticos locativo-espaciais do Tembê nos estudos de Carvalho (2001)	882
8.1.2	Dêiticos locativo-espaciais nos estudos de Bendor-Samuel (1972) e Harrison (1969)	886
8.1.3	Dêiticos locativo-espaciais do Tenetehára com base em dados mais recentes do Tembê e do Guajajára (Silva 2009)	888
8.1.3.1	O dêitico locativo-espacial ko	890
8.1.3.1.1	O dêitico locativo-espacial ko em Tembê	890
8.1.3.1.1.1	Referentes humanos	890
8.1.3.1.1.2	Referentes animados	892
8.1.3.1.1.3	Referentes inanimados	893
8.1.3.1.2	O dêitico locativo-espacial ko em Guajajára	895
8.1.3.1.2.1	Referentes humanos	895
8.1.3.1.2.2	Referentes animados	895
8.1.3.1.2.3	Referentes inanimados	896
8.1.3.2	O dêitico locativo-espacial kwej	896
8.1.3.2.1	O dêitico locativo-espacial kwej em Tembê	896
8.1.3.2.1.1	O parâmetro visibilidade no uso de kwej : + visibilidade	896
8.1.3.2.1.2	O parâmetro visibilidade no uso de kwej : - visibilidade	900
8.1.3.2.2	O dêitico locativo-espacial kwej em Guajajára	903
8.1.3.1.2.1	O parâmetro proximidade no uso de kwej : -proximidade	903
8.1.3.1.2.2	O parâmetro proximidade no uso de kwej : + proximidade	905
8.1.3.3	O dêitico locativo-espacial akwej	905
8.1.3.3.1	O dêitico locativo-espacial em Tembê	905

8.1.3.3.1.1	O parâmetro visibilidade no uso de akwej : -visibilidade	905
8.1.3.3.1.2	O parâmetro visibilidade no uso de akwej : + visibilidade	906
8.1.3.3.2	O dêítico locativo-espacial akwez em Guajajára	907
8.1.3.3.2.1	O parâmetro +/- visibilidade no uso de akwez : - visibilidade	908
8.1.3.3.2.2	O parâmetro +/-visibilidade no uso de akwez : + visibilidade	909
8.1.3.3.2.3	O parâmetro proximidade no uso de akwez : - proximidade	910
8.1.3.3.2.4	O parâmetro proximidade no uso de akwez : + proximidade	911
8.1.3.3.2.5	O parâmetro ‘afastando-se de’ no uso de akwez	911
8.1.3.4	O dêítico locativo-espacial ʔəŋ	913
8.1.3.4.1	O dêítico locativo-espacial ʔəŋ em Tembê	913
8.1.3.4.1.1	Referentes huma..	914
8.1.3.4.1.2	Referentes animados	915
8.1.3.4.1.3	Referentes inanimados	915
8.1.3.4.2.	O dêítico locativo-espacial ʔəŋ em Guajajára	916
8.1.3.4.2.1	Referentes humanos	916
8.1.3.4.2.2	Referentes animados	917
8.1.3.4.2.3	Referentes inanimados	917
8.1.3.5	O dêítico locativo-espacial wi ~ vi	918
8.1.3.5.1	O dêítico locativo-espacial wi ~ vi em Tembê	918
8.1.3.5.2	O dêítico locativo-espacial wi ~ vi em Guajajára	920
8.1.3.6	O dêítico locativo-espacial ʔaw	926
8.1.3.6.1	O dêítico locativo-espacial ʔaw em Tembê	926
8.1.3.6.2	O dêítico locativo-espacial ʔaw em Guajajára	928

8.1.3.7	O dêítico locativo-espacial <i>pe</i> ~ <i>upe</i>	933
8.1.3.7.1	O dêítico locativo-espacial <i>pe</i> ~ <i>upe</i> em Tembé	933
8.1.3.7.2	O dêítico locativo-espacial <i>pe</i> ~ <i>upe</i> em Guajajára	934
8.1.3.8	O dêítico <i>aʔe</i>	940
8.1.3.8.1	O dêítico <i>aʔe</i> em Tembé	940
8.1.3.8.2	O dêítico <i>aʔe</i> em Guajajára	941
8.1.3.9	O dêítico <i>wə</i>	942
8.1.3.9.1	O dêítico <i>wə</i> em Tembé	942
8.1.3.9.2	O dêítico <i>wə</i> em Guajajára	943
8.1.3.10	O dêítico <i>amo</i> em Tembé e em Guajajára	945
8.1.3.11	O dêítico <i>aipo</i> em Tembé e em Guajajára	947
8.1.4	A coocorrência de dêíticos	949
8.1.5	Relação entre os verbos posicionais e os dêíticos em Tenetehára	951
8.1.6	Os dêíticos de posição e os verbos posicionais	953
8.1.7	Outras combinações de dêíticos de posição com verbos e partículas posicionais	958
8.1.8	Coocorrência dos dêíticos posicionais com verbos posicionais de ação	960
8.1.9	Partículas posicionais	962
8.1.10	Os dêíticos do Tenetehára em registros anteriores	963
8.1.10.1	O registro de Cyriaco Baptista (1932)	963
8.1.10.2	O registro de Boudin (1966)	966
8.2	Os sistemas de dêíticos de outras línguas setentrionais	972
8.2.1	Línguas do sub-ramo IV	972

8.2.1.1	Parakanã	972
8.2.1.2	Tapirapé	974
8.2.1.3	Avá-Canoeiro	976
8.2.2	Línguas do sub-ramo III	977
8.2.2.1	O Tupinambá	977
8.2.3	Línguas do sub-ramo V	980
8.2.3.1	Asuriní do Xingú	980
8.2.3.2	Araweté	981
8.2.4	Línguas do sub-ramo VIII	982
8.2.4.1	Ka'apór	982
8.2.4.2	Guajá	983
8.3	Considerações gerais	987
CAPÍTULO 9: O LÉXICO TENETEHÁRA		990
9.	Introdução	990
9.1	O léxico Tenetehára em quatro momentos distintos	990
9.1.1	O léxico Tenetehára em três momentos distintos	994
9.1.2	Algumas observações sobre o léxico comparado	1025
9.1.2.1	Reduções fonológicas	1025
9.1.2.2	Mudança por aumento da forma fonológica da palavra	1027
9.1.2.3	Mudança vocálica sem redução do número de sílabas	1028
9.1.2.4	Conservadorismos	1028
9.1.2.5	Variações de forma	1029

9.1.2.6	Empréstimos	1030
9.2	O léxico Tenetehára em comparação com outras línguas da família Tupí-Guaraní	1031
9.2.1	O léxico Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV	1032
9.2.2	O léxico Tenetehára e línguas dos sub-ramos III, V e VIII	1041
9.3	Comparação entre o atual léxico Tembé e o atual léxico Guajajára	1043
9.3.1	Observações sobre o atual léxico Tembé e o atual léxico Guajajára comparados	1083
9.3.2	Considerações gerais	1084
CAPÍTULO 10: INTERFERÊNCIAS DO PORTUGUÊS NA LÍNGUA TENETEHÁRA		1085
10.	Introdução	1085
10.1	Interferências do português no Tenetehára: estudos anteriores ..	1085
10.2	Interferências do português no Tenetehára em três estágios distintos	1086
10.2.1	O registro de Cyriaco Baptista (1932)	1087
10.2.1.1	Empréstimos do português	1087
10.2.1.1.1	Itens lexicais referentes a elementos do cotidiano	1087
10.2.1.1.2	Os nomes próprios	1088
10.2.2	O registro de Boudin (1966)	1090
10.3	Interferências do português no Tenetehára atual	1092
10.3.1	Elementos de natureza gramatical	1093

10.3.2	Elementos de natureza lexical	1098
10.3.4	A criação lexical	1114
10.4	Considerações gerais	1118
CAPÍTULO 11- OS TENETEHÁRA NA HISTÓRIA		1119
11.	Introdução	1119
11.1	O povo Tenetehára	1119
11.1.1	Etnografia	1119
11.1.1.1	Localização geográfica	1119
11.1.1.2	Afiliação etno-lingüística	1125
11.1.1.3	A autodenominação Tenetehára	1127
11.2	História do povo Tenetehára	1130
11.2.1	Introdução	1130
11.2.2	O Período Colonial	1133
11.2.2.1	Os índios Tupinambá no Maranhão	1133
11.2.2.2	O domínio português no Maranhão	1136
11.2.2.3	O período da escravidão indígena no Maranhão	1138
11.2.2.4	A Companhia de Jesus no Maranhão	1144
11.2.2.5	A resistência Tenetehára à escravidão e à servidão	1148
11.2.3	O Período Imperial	1149
11.2.3.1	A relação de patronagem	1150
11.2.3.2	A política indigenista imperial e os Tenetehára	1151
11.3.3.3	O Regimento das Missões e os sistemas de Diretorias e Colônias	1153

11.3.3.3.1	O sistema de Diretorias	1153
11.3.3.3.2	O sistema de Colônias	1156
11.2.4	O movimento de expansão demográfica e territorial dos Tenetehára	1160
11.2.5	O contato entre os Tenetehára e outras etnias	1163
11.2.6	As relações econômicas: o sistema de economias de troca	1165
11.2.7	O Período da República	1168
11.2.7.1	A situação das Colônias	1169
11.2.7.2	A situação das Diretorias Parciais	1173
11.2.8	A Missão do Alto Alegre	1179
11.2.8.1	A Rebelião do Alto Alegre e suas conseqüências sociopolíticas ...	1183
11.2.9	O tempo do Serviço de Proteção ao Índio – SPI	1184
11.2.9.1	O Serviço de Proteção ao Índio no Maranhão	1185
11.2.10	A Funai e sua atuação no Maranhão	1190
11.3	Considerações gerais	1194

CAPÍTULO 12 – SEGUINDO PISTAS PRÉ-HISTÓRICAS DA LÍNGUA

TENETEHÁRA: UMA HIPÓTESE SOBRE SUA ORIGEM..... 1197

12.	Introdução	1197
12.1	Semelhanças entre a língua Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV	1197
12.1.1	Fonologia	1197
12.1.2	Morfologia	1198
12.1.3	O sistema de dêiticos	1202

12.1.4	Tempo, aspecto e modalidade	1203
12.1.5	O léxico Tembé e Guajajára	1204
12.1.6	Bases etno-históricas	1204
12.1.7	Tembé e Guajajára: línguas distintas?	1207
CONSIDERAÇÕES FINAIS		1208
REFERÊNCIAS		1210
ANEXOS		1225

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA 1	Padrão silábico V	111
FIGURA 2	Padrão silábico CV	111
FIGURA 3	Padrão silábico VC	112
FIGURA 4	Padrão silábico CVC	112
QUADRO 1	Quadro fonológico 1 das consoantes do Tembê	86
QUADRO 2	Quadro fonético geral 1 das consoantes do Tembê	87
QUADRO 3	Quadro fonológico 1 das vogais do Tembê	87
QUADRO 4	Quadro fonético geral 1 dos segmentos vocálicos do Tembê	88
QUADRO 5	Quadro fonológico das consoantes do Guajajára	89
QUADRO 6	Quadro fonético geral das consoantes do Guajajára	89
QUADRO 7	Quadro fonológico das vogais do Guajajára	90
QUADRO 8	Quadro fonético geral dos segmentos vocálicos do Guajajára	90
QUADRO 9	Quadro fonológico 2 das consoantes do Tembê	113
QUADRO 10	Quadro fonológico 2 das vogais do Tembê	114
QUADRO 11	Representação do fonema /ə/	115
QUADRO 12	Representação do fonema /i/	116
QUADRO 13	Quadro fonológico 3 das consoantes do Tembê	117
QUADRO 14	Quadro fonológico 3 da vogais do Tembê	118
QUADRO 15	Representação do fonema /ʔ/ em Cyriaco Baptista e em Boudin	123

QUADRO 16	Os fonemas /j/ e /z/ em Ehrencheich, Cyriaco Baptista, Boudin e Silva	124
QUADRO 17	Representação do fonema /s/ em Cyriaco Baptista e em Boudin	125
QUADRO 18	Representação das variantes [z] e [s] em Tembé e em Guajajára	126
QUADRO 19	Representação do fonema /s/ em Enreich (1895) e Silva (2009)	127
QUADRO 20	Representação do fonema /p/ em final de vocábulo	131
QUADRO 21	Representação das vogais orais do Proto-Tupí	135
QUADRO 22	Pronomes pessoais do Tembé e do Guajajára	153
QUADRO 23	Prefixos pessoais do Tembé	153
QUADRO 24	Prefixos pessoais do Guajajára	154
QUADRO 25	Prefixos correferenciais em estágio anterior à cisão entre os Tembé e os Guajajára	241
QUADRO 26	Prefixos correferenciais após a cisão entre os Tembé e os Guajajára	241
QUADRO 27	Pronomes pessoais independentes das línguas do sub-ramo IV	217
QUADRO 28	Pronomes pessoais dependentes das línguas do sub-ramo IV	243
QUADRO 29	Pronomes ergativos das línguas do sub-ramo IV	244
QUADRO 30	Prefixos pessoais subjetivos do modo indicativo das línguas do sub-ramo IV	245
QUADRO 31	Prefixos pessoais acusativos do modo indicativo das línguas do sub-ramo IV	245
QUADRO 32	Prefixos pessoais subjetivos do modo Imperativo das	246

	línguas do sub-ramo IV	
QUADRO 33	Prefixos correferenciais das línguas do sub-ramo IV	246
QUADRO 34	O sistema pessoal do Tupinambá	247
QUADRO 35	Pronomes e prefixos pessoais da Língua Geral Amazônica	248
QUADRO 36	Pronomes pessoais independentes da língua Asuriní do Xingú	250
QUADRO 37	Pronomes pessoais dependentes da língua Asuriní do Xingú	251
QUADRO 38	Prefixos pessoais subjetivos e objetivos da língua Asuriní do Xingú	252
QUADRO 39	Prefixos correferenciais da língua Asuriní do Xingú	252
QUADRO 40	Pronomes pessoais do Araweté	253
QUADRO 41	Prefixos pessoais do Araweté	255
QUADRO 42	Prefixos correferenciais do Araweté	255
QUADRO 43	Pronomes pessoais independentes do Ka'apór	256
QUADRO 44	Os prefixos pessoais do Ka'apór	257
QUADRO 45	Os pronomes pessoais do Guajá	257
QUADRO 46	Os prefixos pessoais do Guajá	258
QUADRO 47	Os pronomes independentes no registro de Cyriaco Baptista	259
QUADRO 48	Os pronomes dependentes no registro de Cyriaco Baptista	260
QUADRO 49	Os prefixos pessoais no registro de Cyriaco Baptista	261
QUADRO 50	Prefixos pessoais do modo imperativo no registro de Cyriaco Baptista	263
QUADRO 51	Prefixos correferenciais no registro de Cyriaco Baptista	265

QUADRO 52	Pronomes pessoais independentes no registro de Boudin ...	265
QUADRO 53	Pronomes pessoais dependentes no registro de Boudin	267
QUADRO 54	Prefixos pessoais do modo indicativo no registro de Boudin	270
QUADRO 55	Prefixos pessoais do modo imperativo no registro de Boudin	271
QUADRO 56	Prefixos correferenciais no registro de Boudin	273
QUADRO 57	Os pronomes pessoais do Tenetehára até a 1ª metade do século XIX	277
QUADRO 58	Os prefixos pessoais do Tenetehára até a 1ª metade do século XIX	278
QUADRO 59	Partículas aspectuais do Tembé e do Guajajára	286
QUADRO 60	Partículas indicadoras de modo de ação em Tembé e em Guajajára	287
QUADRO 61	Formas do verbo <i>ae</i> ‘dizer’ no registro de Figueira (1880)	419
QUADRO 62	Partículas evidenciais do Parakanã	439
QUADRO 63	Expressões de modalidade em Asuriní do Tocantins	537
QUADRO 64	Expressões temporais do Ka’apór	650
QUADRO 65	Morfemas derivadores de nomes do Tapirapé conforme Almeida	654
QUADRO 66	Morfemas de negação do Tembé e do Guajajára	655
QUADRO 67	Estratégias de negação em orações independentes do Tembé e do Guajajára	661
QUADRO 68	Estratégias de negação das línguas do sub-ramo IV conforme Figueiredo	778
QUADRO 69	Estratégias de negação do Tapirapé	816

QUADRO 70	Estratégias de negação do Guajá	830
QUADRO 71	O sistema de demonstrativos do Tembê conforme Carvalho	855
QUADRO 72	Elementos especificadores do Guajajára conforme Bendor-Samuel	856
QUADRO 73	Os dêíticos locativo-espaciais do Tembê e do Guajajára conforme Silva	875
QUADRO 74	Alomorfes dos dêíticos do Tembê e do Guajajára	883
QUADRO 75	Dêíticos e verbos posicionais 1	886
QUADRO 76	Dêíticos e verbos posicionais 2	889
QUADRO 77	Dêíticos e verbos posicionais 3	890
QUADRO 78	Dêíticos e verbos posicionais 4	954
QUADRO 79	Dêíticos e verbos posicionais 5	955
QUADRO 80	Dêíticos e verbos posicionais 6	957
QUADRO 81	Dêíticos e verbos de ação 1	958
QUADRO 82	Dêíticos e verbos de ação 2	959
QUADRO 83	Dêíticos, verbos posicionais, verbos de ação e partículas posicionais	961
QUADRO 84	Os dêíticos do Tembê conforme Cyriaco Baptista	963
QUADRO 85	Os dêíticos do Parakanã	966
QUADRO 86	Os dêíticos do Tapirapé	973
QUADRO 87	Quantificadores do Tapirapé conforme Almeida	974
QUADRO 88	Os dêíticos do Tupinambá em comparação com os dêíticos do Tenetehára	976
QUADRO 89	Formas de terceira pessoa dos verbos posicionais do Tupinambá em comparação com as partículas posicionais	978

	do Tenetehára	
QUADRO 90	Os demonstrativos do Asuriní do Xingú	979
QUADRO 91	Elementos dêíticos do Ka'apór	980
QUADRO 92	Elementos dêíticos do Guajá	983
QUADRO 93	Os dêíticos do Tenetehára em comparação com línguas dos sub-ramos V e IV	985
QUADRO 94	Quadro lexical comparativo 1	988
QUADRO 95	Quadro lexical comparativo 2	991
QUADRO 96	Quadro lexical comparativo 3	995
QUADRO 97	Quadro lexical comparativo 4	1032
QUADRO 98	Quadro lexical comparativo 5	1041
QUADRO 99	Quadro lexical comparativo 6.1	1044
QUADRO 100	Quadro lexical comparativo 6.2	1049
QUADRO 101	Quadro lexical comparativo 6.3	1054
QUADRO 102	Quadro lexical comparativo 6.4	1059
QUADRO 103	Quadro lexical comparativo 6.5	1059
QUADRO 104	Quadro lexical comparativo 6.6	1062
QUADRO 105	Quadro lexical comparativo 6.7	1064
QUADRO 106	Quadro lexical comparativo 6.8	1065
QUADRO 107	Quadro lexical comparativo 6.9	1072
QUADRO 108	Quadro lexical comparativo 6.10	1076
QUADRO 109	Quadro lexical comparativo 6.11	1077
QUADRO 110	Quadro lexical comparativo 6.12	1078

QUADRO 111	Quadro lexical comparativo 6.13	1079
QUADRO 112	Quadro lexical comparativo 6.14	1079
QUADRO 113	Quadro lexical comparativo 6.15	1080
QUADRO 114	Quadro lexical comparativo 6.16	1082
QUADRO 115	Elementos do português no Tenetehára segundo Carvalho	1086
QUADRO 116	Empréstimos do português no Tenetehára segundo Cyriaco Baptista	1087
QUADRO 117	Nomes próprios do português adaptados à fonologia do Tembé conforme Cyriaco Baptista	1088
QUADRO 118	Empréstimos do português no Tenetehára segundo Boudin	1091
QUADRO 119	A criação lexical em Guajajára	1115

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

	1	‘eu’
	1	primeira pessoa do singular
	1S	primeira pessoa do singular
	1SG	primeira pessoa do singular
	1a.s.	primeira pessoa do singular
	1sg	primeira pessoa do singular
	1c	primeira pessoa correferencial
	12	primeira pessoa do plural inclusiva
	12+3	primeira pessoa do plural inclusiva
	1a.p.inc.	primeira pessoa do plural inclusiva
	1pl	primeira pessoa do plural
	123	primeira pessoa plural inclusiva
	13	primeira pessoa do plural exclusiva
	1excl	primeira pessoa do plural exclusiva
	1a.p.exc.	primeira pessoa do plural exclusiva
	2	segunda pessoa do singular
	2S	segunda pessoa do singular
	2	você
	2a.s.	segunda pessoa do singular
	2sg	segunda pessoa do singular
	23	segunda pessoa do plural
	2ac	acusativo dois
	2a.p.	segunda pessoa do plural
	2pl	segunda pessoa do plural

	3	terceira pessoa
	3s	terceira pessoa
	3sg	terceira pessoa do singular
	3pl	terceira pessoa do plural
	3a. c. refl	terceira pessoa correferencial reflexiva
	2SG	segunda pessoa do singular
	1 PL. INCL	primeira pessoa do plural inclusiva
	1PL. EXCL	primeira pessoa do plural exclusiva
	2 PL	segunda pessoa do plural
	2pl.	segunda pessoa do plural
	3SG	terceira pessoa do singular
	3PL	terceira pessoa do plural
	3.PL	terceira pessoa do plural
	2IMP	2ª pessoa do singular do modo imperativo
	23IMP	2ª pessoa do plural do modo imperativo
	A	agente, sujeito de verbos transitivos
	ABLT	Ablativo
	ABS	absolutivo
	Adj	adjective
	AFIRM	Afirmativo
	AFT	afetado
	aquele-aud	aquele auditivo
	aquele-deit/em.pé	aquele deitado ou em pé
	aquele-inv.	aquele invisível
	aquele-sent.	aquele sentado
	aquele-vis	aquele visível
	Arg	caso argumentativo

	ARG	argumentativo
	ASS	associativo
	ASSER	Assertivo
	asp.compl	aspecto completivo
	ATl	partícula evidencial de testemunho/ passado recente
	ATEN	atenuativo
	ATN	atenuativo
	AT-REC	atestado recente
	AT.REM	atestado remoto
	Atest.rem	Atestado remoto
	AUM	aumentativo
	AV	auxiliary verb
	CC	voz causativo comitativa
	CAUS	Causativo
	CAUS	voz causativa
	caus	morfema causativo
	CAUS.COM	prefixo causativo-comitativo
	CCOM	voz causativo-comitativa
	CES	aspecto cessativo
	CI	caso inessivo
	CN	caso nuclear
	CNT	contigüidade
	CNT	prefixo relacional de contigüidade
	COIB	coibitivo
	COL	Coletivo
	COM	Aspecto completivo
	COND	modo subjuntivo condicional
	CONT	Continuativo

	C.PREP	voz causativo-prepositiva
	C.PREP	Causativo Prepositivo
	CORR	correferencial
	corr	correferencial
	corr	correferencial
	CSCM	voz causativo comitativa
	CSPR	voz causativo-prepositiva
	CTF	partícula direcional centrífuga
	este-próx.	este próximo
	este-deit/em.pé	este deitado ou em pé
	este-sent	este sentado
	Erg	pronome ergativo
	em.re.a	em relação a
	DAT	dativo
	Dat	dativo
	D.E	demonstrativo espacial
	DEM	demonstrativo
	dem	demonstrativo
	DES	desiderativo
	dês	desiderativo
	DIM	Diminutivo
	D.NOM	derivador de nomes
	DUB	dubitativo
	DUR	partícula de aspecto durativo
	ELAT	(marina)
	estar.em.mov.	estar em movimento
	este.próx.	este próximo

	ENF	enfático
	ENFAT	enfático
	ERG	ergativo
	EV.AUD	Evidência Auditiva
	EXAT	partícula de localização exata
	EXO	modo exortativo
	FAL.FEM	fala feminina
	FAL.MAS.	fala feminina
	FALH1	Falhativo 1
	FALH2	Falhativo 2
	filho(a) de M	filho de mulher
	FOC	foco
	FONT.INF. 1ª	1ª pessoa como fonte de informação
	FONT.INF.3ª	3ª pessoa como fonte de informação
	FRUST	frustrativo
	Fut	future
	GER	Gerúndio
	GER	subordinador do modo gerúndio
	Ger	gerúndio
	H	humano
	HAB1	Aspecto habitual um
	HAB2	Aspecto habitual dois
	HAB3	Aspecto habitual três
	HAB4	Aspecto habitual quatro
	IMIN	iminente
	IMP	Modo Imperativo
	imp.	modo imperativo
	IMPERF	partícula de aspecto imperfectivo

	IMPF	Aspecto imperfectivo
	INDI	modo indicativo um
	INDII	Indicativo II
	IndII	modo indicativo dois
	Ind.II	Modo indicativo dois
	INDII	sufixo do modo indicativo II
	INF	inferencial
	Infer	Inferencial
	INT	Intensivo
	INTEN	Intencional
	Intens	Intensivo
	Intens	intensivo
	INTI	partícula interrogativa I
	INT.II	partícula interrogativa II
	INTR	
	INTS	intensivo
	INSTR	Instrumento
	LOC	locativo
	LOC	sufixo de caso locativo
	Loc	Locativo
	LD	locativo difuso
	LP	locativo pontual
	LUS	aspecto lusivo
	LUSIV	aspecto lusivo
	M.DISC.	marcador discursivo
	MOSTR	partícula mostrativa
	MS	mesmo sujeito
	MUD	partícula de mudança

	N	sufixo nominal
	N.CONC.	Não conclusivo
	NCNT	prefixo relacional de não contigüidade
	NCNT	não-contigüidade
	NEG	negação
	NEG1	negação um
	NEG1	negação dois
	Neg	negação
	NOM	nominalizador
	Nom	nominalizador
	NPh	nominal phrase
	NZR	afixo nominalizador
	obj	object
	OBL.TOP	oblíquo topicalizado
	OPT	modo optativo
	P	pergunta
	PAC	paciente
	part	partícula
	P.REM.ATT	passado remoto atestado
	P.Rem.N.att	passado remoto não atestado
	PASS.MIT	passado mítico
	PASS.REM.	passado remoto
	PER	Perlocutivo
	Perf	Aspecto perfectivo
	PERF	partícula de aspecto perfectivo
	PERF.1	perfectivo de não-exclusividade
	PERF2	perfectivo de exclusividade
	PERM	partícula permissiva

	PL	Plural
	PLU	plural
	POS	partícula posicional ‘em movimento’
	POS3	partícula posicional ‘de cócoras sentado/sentado’
	posp	posposição
	poss	possessivo
	Post	post-verbal, post-nominal
	Pre	pré-verbal, pré nominal
	PRO	propósito
	PROB	probabilidade
	PROIB	partícula proibitiva
	PROIB	proibitivo
	PROJ	Projetivo
	PROJ.DES	projetivo desiderativo
	PROJ	partícula de aspecto projetivo
	PROJ.DES	Projetivo de desejo
	PROJ.NES	Projetivo de necessidade
	pron.pess	pronome pessoal
	PROP	propósito
	PROSP	prospectivo
	R	relacional
	REAL	partícula epistêmica de pressuposição
	REC	voz recíproca
	RED	reduplicação
	redupl.	reduplicação
	Rel	relativo
	REL	relativo
	rel	prefixo relacional

	REL	relativo
	Rel	relator
	Rel	relacional
	REP	Repetitivo
	REP	aspecto repetitivo
	Rep	repetitivo
	REP	repetitivo
	RPh	relational phrase
	REF	voz reflexiva
	REF	reflexivo
	REFER	referenciante
	REFL	reflexivo ou recíproco
	REFL	voz reflexiva
	REFL /REC	prefixo reflexivo/recíproco
	RESTR	restritivo
	RETR	retrospectivo
	Retr	retrospectivo
	RETR	sufixo de atualização nominal retrospectiva
	RLZ	aspecto realizado
	R ¹	prefixo relacional de contigüidade
	R ²	prefixo relacional de não contigüidade
	R ¹	prefixo relacional de contigüidade
	R ¹	prefixo relacional que marca a contigüidade do determinante de um tema dependente
	R ¹	prefixo relacional de referente contiguo
	R ²	prefixo relacional de não contigüidade
	R ²	prefixo relacional que marca a não-contigüidade do determinante de um tema dependente
	R ²	prefixo relacional de referente não-contiguo

	R ³	prefixo relacional correferencial
	R ⁴	prefixo relacional genérico e humano
	SD	sujeito diferente
	SG	Singular
	sg	singular
	SIMIL	partícula epistêmica similitiva
	SO	sujeito de verbos intransitivos descritivos
	SUB	Subjuntivo
	SUBJ	Subjuntivo
	Subj.I	Modo Subjuntivo um
	TEMP	Modo Subjuntivo Temporal
	SUBTP	Modo Subjuntivo Temporal
	TG	Tupí Guaraní
	TOP	Tópico
	TP	Tópico
	TOT	Partícula totalizadora
	TRANS	Translativo
	Trans	Caso translativo
	TRANSL	Caso translativo
	VDR	Verdadeiro
	VR	Verdadeiro
	VPh	verbal phrase
	VIS.DO.FAL.	visão do falante

0. INTRODUÇÃO

0.0 Considerações iniciais

A presente tese é um estudo sobre a história interna da língua Tenetehára, que compreende, atualmente, duas línguas distintas, o Tembé e o Guajajára, classificadas por Rodrigues como pertencentes ao sub-ramo IV da família lingüística Tupí-Guaraní, uma das dez famílias do tronco Tupí (RODRIGUES, 1984-1985; 1986; 1999), juntamente com o Tapirapé, o Asurini do Tocantins, o Parakanã, o Avá-Canoeiro, o Suruí e o Turiwára. Atualmente os índios Tembé vivem no estado do Pará e os Guajajára permanecem no Maranhão, onde foram localizados pela primeira vez.

Em estudos recentes sobre a vitalidade da variedade Tembé-Tenetehára, Carvalho (2001) mostra, entre outras coisas, que, apesar das várias mudanças nela já ocorridas e das que estão em processo, essa variedade continua a mostrar sinais de muita vitalidade. Carvalho ressalta que a continuidade dessa língua depende, sobretudo, de uma política que estimule o uso da língua nativa e a sua transmissão para as próximas gerações.

A presente tese lança mão de estudos lingüísticos, antropológicos e etno-históricos relativos às duas variedades do Tenetehára e a seus respectivos falantes. Nela, busca-se fundamentar uma hipótese sobre a trajetória do desenvolvimento histórico seguido pela língua Tenetehára através dos tempos, tendo como referência os estudos reconstrutivos do Proto-Tupí-Guaraní, assim como os estudos de natureza descritiva e os de natureza histórico-comparativa das línguas individuais dessa família lingüística. A escolha do tema fundamentou-se na necessidade de aprofundamento dos estudos histórico-comparativo relativos ao desmembramento dos sub-ramos da família Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985). A escolha das duas variedades Tenetehára como objeto de estudo considerou o fato de que elas são línguas classificadas como pertencentes ao sub-ramo IV, mas são as línguas da família que se encontram mais a leste. São também aquelas que compartilham elementos únicos com línguas de outros sub-ramos como o Guajá (sub-ramo VIII) e como o Asurini do Xingu (sub-ramo V). Esses fatos sugerem algumas hipóteses, dentre as quais as de que a língua Tenetehára (a) tenha sido a primeira língua a desmembrar-se do sub-ramo IV, pouco depois de este ter-se desmembrado do sub-ramo V e do sub-ramo VIII, e/ou (b) tenha sofrido

interferências de línguas do sub-ramo V, após desmembrar-se do sub-ramo IV, considerando que (c) além de ter sido o primeiro membro a desmembrar-se do sub-ramo IV, foi o que veio sucessivamente sofrendo interferências de outras línguas Tupí-Guaraní, do Português e de outras línguas indígenas na região do interflúvio Tocantins-Mearim. A comparação foi projetada para resultar em um diagnóstico compreensivo do caminho histórico seguido pelo Tenetehára, assim como para elucidar quais os traços que podem ser atribuídos a contato com outras línguas Tupí-Guaraní. No presente estudo enfatizou-se a natureza das mudanças observadas no desenvolvimento histórico da língua Tenetehára, desde que se diferenciou como língua independente das demais línguas dos ramos setentrionais da família Tupí-Guaraní. Enfatizamos, também, as mudanças mais recentes que levaram a língua Tenetehára a uma diferenciação mais forte das suas duas variedades, quando comparadas às línguas do baixo Tocantins geograficamente mais próximas.

Um dos objetivos deste trabalho foi o de realizar um diagnóstico do desenvolvimento histórico percorrido pela língua Tenetehára que explicasse, por um lado, as mudanças nela ocorridas e, por outro lado, os traços que suas duas variedades compartilham com línguas de outros sub-ramos, mas que não são observados nas línguas do sub-ramo a que pertencem. Objetivamos identificar com quais línguas do sub-ramo IV da família Tupí-Guaraní o Tenetehára compartilha mais propriedades lexicais, fonológicas, morfológicas e sintáticas e verificar se havia outras línguas pertencentes a outros sub-ramos da família Tupí-Guaraní que compartilhavam características estruturais com o Tenetehára. Este trabalho incluiu, ainda, descrever mudanças fonológicas e morfossintáticas ocorridas no percurso histórico do Tenetehára, tendo como referência as características tipológicas e estruturais das demais línguas do sub-ramo IV, assim como de outras línguas Tupí-Guaraní orientais, mas tendo como referência o que foi até então reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní. Para explicar tais mudanças, buscamos identificar possíveis interferências externas na língua Tenetehára e explicar em que medida essas mudanças contribuíram para diferenciá-la mais ainda das demais línguas do seu sub-ramo.

0.1. Metodologia

0.1.1. Métodos e fases da pesquisa

Para o estudo da história interna do Tenetehára, adotamos o método Histórico-Comparativo e a técnica da reconstrução interna, conforme concebidos tradicionalmente pelos lingüistas históricos. Para a análise dos mecanismos externos que contribuíram para as mudanças ocorridas na história da língua Tentehára adota-se, aqui, o método analítico de Thomason e Kaufman (1988), cuja maior preocupação é identificar quando os efeitos dos contatos são cruciais para a não classificação genética de línguas, ou seja, para identificar línguas que não podem ser usadas para fins reconstrutivos. Esse método fornece princípios fundamentais para a identificação de mudanças lingüísticas relacionadas com as características do contato, o que é de grande importância para estudos como o desenvolvido na presente tese, que incide sobre línguas para as quais não há registros de fases intermediárias de sua história. Consideraremos também os mecanismos externos que contribuíram para as mudanças ocorridas na história dos Tenetehára, estudo que será desenvolvido à luz do método analítico de Thomason e Kaufman (1988).

Quanto ao aspecto descritivo, adotamos orientações funcionalistas encontradas em Lucien Tesnière (1950), Folley e Van Valin (1986), Comrie (1981), Baker (1985), Mithun (1999), Dèsclés e Guentchéva(1996; 997) e os estudos contidos em Shopen (1986), entre vários outros.

O trabalho é resultado de uma seqüência de fases cuja configuração final não segue estritamente tal sequenciação. Inicialmente, procedeu-se a uma abordagem histórica do povo Tenetehára desde o momento em que este foi mencionado na historiografia disponível até os dias atuais, enfocando tanto a situação do contato interétnico com a sociedade portuguesa/brasileira, quanto o contato com outros povos indígenas. Em seguida procedeu-se à descrição das duas variedades do Tenetehára, o Tembé e o Guajajára, com vistas à identificação das semelhanças e diferenças entre as duas, com posterior comparação dessas atuais variedades com estágios mais antigos da língua. Na fase seguinte fizemos uma comparação entre o Tenetehára e outras línguas: a) línguas do sub-ramo IV: Asuriní do Tocantins, Suruí, Tapirapé e Ava-Canoeiro; b) línguas de outros sub-ramos: Ka'apór e Guajá; (sub-ramo VIII), Araweté e Asuriní do Xingu (sub-ramo VIII), Tupinambá e Língua Geral Amazônica (sub-ramo III). A etapa seguinte consistiu na descrição de mudanças fonológicas e morfossintáticas ocorridas no percurso histórico do Tenetehára, tomando como referência as demais línguas do

sub-ramo IV, bem como outras línguas Tupí-Guaraní orientais. Na seqüência, foram identificadas possíveis interferências externas na língua Tenetehára com vistas a explicar em que medida essas interferências contribuíram para diferenciar o Tenetehára das demais línguas da família Tupí-Guaraní. Na fase final buscou-se responder quais dessas diferenças foram originais do Tenetehára e quais foram resultado de contato lingüístico no intuito geral de reunir mais evidências sobre a origem dessa língua.

0.1.2. A pesquisa de campo

A pesquisa de campo por nós desenvolvida deu-se, inicialmente, com os Tembé-Tenetehára do Alto Rio Gurupi, particularmente na aldeia Tekohaw, onde a língua ainda é falada no cotidiano. Posteriormente, depois que já estávamos familiarizados com a variedade Tembé, dirigimos nosso foco de pesquisa para a variedade Guajajára, cujo locus de pesquisa principal foi a aldeia Angico Torto, aldeia onde a língua nativa também ainda é falada no cotidiano.

A aldeia Tekohaw localiza-se na Reserva Indígena Alto rio Guamá, às margens do Rio Gurupi e, politicamente, pertence ao município de Paragominas, no estado do Pará onde as principais questões referentes à aldeia são resolvidas. Nesse município contam com o apoio do Pólo Indígena e da Casa do Índio. A aldeia Tekohaw é constituída por, aproximadamente, 300 pessoas, distribuídas em 70 famílias.

No que diz respeito à saúde, a aldeia Tekohaw conta com um posto médico e um técnico auxiliar de enfermagem para resolver as questões de saúde mais simples dos índios. Casos mais sérios são enviados para tratamento em Paragominas ou Belém. A aldeia recebe em períodos determinados a visita de um dentista.

Quanto à educação, a aldeia dispõe de uma escola que oferece o ensino fundamental completo. Os professores vêm do município de Paragominas para ministrar aulas na aldeia. A escola oferece educação bilíngüe e os professores da língua nativa são da própria aldeia Tekohaw. Durante nossa última estada na aldeia Tekohaw, testemunhamos os esforços empreendidos pelas lideranças para a construção de uma nova escola - uma vez que o prédio da escola em funcionamento estava bastante deteriorado - bem como presenciamos a luta para uma futura implantação do ensino médio na aldeia Tekohaw uma vez que já havia uma significativa demanda com o ensino fundamental completo.

A presença não-indígena na aldeia é representada pelos funcionários da FUNASA e FUNAI, pelos professores, por pesquisadores e por vendedores que, vez ou outra, aparecem pela aldeia. A grande maioria dos índios é bilíngüe e a língua portuguesa tem tomado grande espaço de modo que, na comunicação cotidiana, nota-se, não só na fala das crianças, mas na dos adultos, a língua nativa entremeada de elementos do português.

O acesso à aldeia Tekohaw em nossas primeiras idas no ano de 2006 ainda era feito via estrada e rio. Fazíamos um longo percurso via estrada, de Paragominas até a aldeia Cajueiro, onde, nessa aldeia, tomávamos uma voadeira que completava o percurso até a aldeia Tekohaw. Quando de nossa última pesquisa de campo, no ano de 2009, o acesso à aldeia foi feito apenas via estrada, pois a abertura da estrada que dá acesso direto à aldeia Tekohaw havia sido concluída. O acesso à aldeia tornou-se mais fácil e, conseqüentemente, pode propiciar uma forma de contato ainda mais intensa com a sociedade envolvente.

O cotidiano da aldeia é caracterizado pela realização de atividades bem marcadas: crianças e adolescentes vão à escola, mães se dividem entre cuidar dos afazeres domésticos, produzir alguma material artesanal, coletar sementes ou ir para a casa de forno fazer farinha. Quando é anunciada alguma programação especial, fora da aldeia, por exemplo, em que há alguma oportunidade de venda dos produtos artesanais, as mulheres empreendem esforços na produção de artesanato. Fora dessas situações, a atividade artesanal é rara. Por ocasião dos Jogos Indígenas de 2009, sediado em Paragominas, as mulheres se movimentavam tanto na produção de artesanato para venda, quanto na produção das peças de vestuário dos esposos e filhos para as apresentações durante os jogos. As modalidades esportivas contavam com a participação de atletas homens e mulheres. Os homens, por sua vez, dividem-se entre caçar e pescar, principalmente, ou participam de alguma ação de interesse da aldeia quando convocados pelas lideranças.

Ainda faz parte do cotidiano dos Tembê-Tenetehára o rito de passagem “a festa da moça nova”, um rito de passagem da menina e do menino. Em outras ocasiões pudemos presenciar a festa da moça nova e a festa do moqueado realizada com a presença de convidados de outras aldeias e autoridades do município de Paragominas, representantes da Funai, entre outras, sendo realizada como um evento de grande porte. Em nossa última estada na aldeia, pudemos presenciar a festa do mingau da moça nova sem a presença de visitantes e realizada como um evento do cotidiano. Essa festa

realizada sem a preocupação com a presença dos visitantes revela que ainda está viva a tradição do rito de passagem. Nota-se, no entanto, que os mais velhos ressentem-se do fato de que a tradição ocorra mais por esforço dos mais velhos, não havendo grande interesse por parte dos mais novos de levar adiante a tradição.

A expressão da religiosidade no cotidiano da aldeia Tekohaw é bastante velada, ocorrendo com maior expressão por ocasião das festas. Embora os índios mencionem a presença de missionários evangélicos que por ali passaram, não se percebe no cotidiano dos Tembé dessa aldeia qualquer manifestação ou expressão religiosa que indique uma ligação a qualquer um desses grupos religiosos que por lá passaram. Mesmo as manifestações católicas referentes a São Benedito parecem ter expressão apenas nas festas culturais. Os Tembé já contam com a tradução do Evangelho de Mateus, embora, vale ressaltar, nenhuma referência é feita a ele pelos falantes e não é mencionado nem nas festas em que algum ritual católico é evocado, situação bastante distinta da que ocorre entre os índios Guajajára da aldeia Angico Torto.

Nossa pesquisa contou, principalmente, com 12 informantes (sujeitos falantes) de faixas etárias diferentes – de 09 a 82 anos: Patika Tembé (por alcunha Chico Rico e um de nossos primeiros informantes, residente atualmente na aldeia Itaputyre na região do Guamá), Moreira Tembé, Rute Tembé, Clementina Tembé, Verônica Tembé, Poluto Tembé, Xina'í Tembé, Osmael Tembé, Ozimar Tembé, Luzia Tembé, Malvina Tembé e Piri Tembé, perfazendo um total de mais de 100 horas de gravação, além de vídeos e muitas anotações de campo que não puderam ser gravadas, e que foram tão somente registradas por escrito. Tivemos, também, a participação de crianças em algumas gravações, material que, por razões várias, ainda não pôde ser incluído no presente trabalho.

O material gravado em nossa pesquisa consiste de textos referentes ao passado mítico e a atividades do cotidiano, tanto solicitados por nós aos índios, quanto textos gravados em situação bastante natural e espontânea. Há, ainda, a gravação de sentenças elicitadas com fins bastante específicos, bem como listas de palavras com vistas ao conhecimento do léxico. Esse material foi coletado, transcrito e selecionado entre os anos de 2006 e 2009 e constituem o corpus que aqui utilizamos para a descrição da variedade Tembé-Tenetehára.

A outra parte de nossa pesquisa deu-se entre os índios Guajajára e teve início no ano de 2009 quando de nossa ida a Barra do Corda, estado do Maranhão, ocasião em que pudemos conhecer, ainda que rapidamente, várias aldeias dessa região.

Posteriormente focalizamos nossa pesquisa na aldeia Angico Torto localizada no município do Arame no estado do Maranhão e pertencente à Terra Indígena Araribóia. Angico Torto fica a poucos metros da rodovia que dá acesso aos municípios de Arame e Grajaú e é cortada por um braço do rio Zutuia.

Ao longo da rodovia estão assentadas várias aldeias Guajajára e seus habitantes têm contato direto e freqüente com a sociedade não indígena do entorno de modo que o acesso à cultura não indígena é fácil, intenso e contínuo. Diariamente é possível encontrar número considerável de índios Guajajára das mais diversas aldeias das proximidades no pequeno terminal rodoviário, nas agências bancárias ou nos comércios do município de Arame, ora falando o português, ora falando o Guajajára a depender de quem seja o seu interlocutor.

Segundo os dados dos representantes da Secretaria de Saúde (agente de saúde), a aldeia Angico Torto tem um contingente populacional de 239 pessoas, distribuídas em 55 famílias. A população masculina é de 130 pessoas, 57 das quais são crianças, 24 são jovens solteiros e 49 são adultos com família constituída. A população feminina é composta de 109 pessoas, entre as quais 41 são crianças, 18 são jovens solteiras e 50 são adultas com família constituída.

A aldeia conta com uma escola municipal que oferece ensino de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, um posto de saúde, 01 telefone público (apesar da proximidade com o município de Arame, não é possível na aldeia o uso de telefone celular). A grande maioria das famílias possui televisor e antena parabólica.

No que diz respeito à expressão da religiosidade dos índios Guajajára da aldeia Angico Torto, esta é evidente no cotidiano por meio da realização de cultos evangélicos, seja na Igreja Tenetehára seja nos terreiros das casas dos índios uma vez que a maioria desses índios, segundo relatos da agente de saúde e dos próprios índios, professa a fé evangélica. Os cultos são realizados na língua Guajajára, os textos bíblicos são lidos em Guajajára – uma vez que os índios já têm a Bíblia traduzida em sua própria língua. As canções são cantadas em Guajajára de cor ou acompanhadas no hinário escrito em Guajajára. Algumas canções são traduzidas do português, outras são de autoria dos próprios índios. Nessas manifestações religiosas, sobretudo aquelas realizadas nos terreiros das casas, as músicas podem durar um noite inteira, estendendo-se até a madrugada, às quais podem ser integrados elementos de dança, gestualidade corporal diversa, palmas e atitudes efusivas variadas. Ainda não se sabe se os Guajajára estão

incorporando ao culto evangélico elementos de alguma tradição religiosa mais antiga ou se é influência das novas tendências evangélicas absorvidas por meio da mídia.

Como em Tembé, o material lingüístico da variedade Guajajára gravado em nossa pesquisa consiste de textos com relatos de atividades do cotidiano, tanto solicitados por nós, quanto textos gravados em situações espontâneas, gravação de sentenças elicitadas e listas de palavras com vistas ao conhecimento do léxico. Esse material transcrito e selecionado constitui o corpus que aqui utilizamos para a descrição da variedade Tembé-Guajajára.

A coleta de dados desta pesquisa contou com a colaboração de falantes de faixas etárias diversas – falantes entre 60 a 22 anos de idade, tanto do sexo feminino quanto do masculino. Contamos, principalmente, com a contribuição dos seguintes informantes: Ernesto Guajajára, Darlene Guajajára, Darly Guajajára, Júlia Guajajára, Darcilene Guajajára, Pedro Paulo Guajajára e Jameson Guajajára. Nossa pesquisa contou, ainda, com a valiosa contribuição do indígena Pedro Paulino Neto Guajajára e família, pertencentes à aldeia Barreirinha, localizada a poucos quilômetros do município do Arame. O material lingüístico gravado da variedade Guajajára consiste em 60 horas de gravação. Observamos que os dados lingüísticos aqui utilizados fazem parte do acervo de dados do LALI - Laboratório de Línguas Indígenas da Universidade de Brasília - que vem desenvolvendo tanto pesquisas de natureza descritiva quanto de orientação histórico-comparativa com as línguas da família Tupí-Guaraní.

0.2. Documentação histórica, etnográfica, lingüística e didático-pedagógica sobre o povo Tenetehára

A documentação existente sobre o povo Tenetehára abrange campos distintos e foi produzida com propósitos diferenciados. No âmbito histórico a documentação não contempla todas as fases da história do povo, as informações são escassas e pouco claras, principalmente para a fase correspondente aos três primeiros séculos da história desse povo. Tais escritos foram feitos, em sua maioria, por religiosos, oficiais da colônia, do Império e da República. Pela quantidade e qualidade da documentação produzida nos primeiros anos da colonização é possível perceber o desinteresse demonstrado pela história e cultura do povo Tenetehára (cf. GOMES, 2002, p.106). Entre os documentos sobre esse povo, com os quais se pode contar, estão reportagens

em jornais, documentos oficiais em arquivos públicos e livros que descrevem aspectos da cultura e sociedade Tenetehára. No que diz respeito à literatura antropológica, há importantes obras que se referem especificamente aos Tenetehára, as quais surgiram como resultado de pesquisas realizadas nos anos 1920, 1940 e 1970, a saber: *Os índios Tenetehára: uma cultura em transição* (WAGLEY; GALVÃO, 1995), obra que descreve aspectos da cultura Tenetehára e traça uma sinopse da etno-história desses índios. Conta-se, ainda, com as obras *The etnical survival of the Tenetehara indians of Maranhão, Brazil* (GOMES, 1997) e *O índio na história: o povo Tenetehára em busca da liberdade* (GOMES, 2002). Merece destaque esta última por ser a mais completa produzida até então sobre o povo Tenetehára. Nela o autor apresenta uma aprofundada análise sobre a cultura Tenetehára, desde os primeiros contatos desse povo com a sociedade não indígena européia até o relacionamento desta com o último órgão tutelar oficial do governo brasileiro, a FUNAI. Além de apresentar o percurso histórico da sociedade Tenetehára, a obra traz informações cruciais para o entendimento do sistema econômico, da relação com a terra e da dinâmica demográfica que a história desse povo encerra. Com a abordagem desses aspectos diferentes, porém interligados, o autor, segundo ele mesmo, “busca conectar todas as peças e projetar o destino dos Tenetehára em relação ao destino do Brasil” (Gomes, 2002, p.11).

Há outros trabalhos que contemplam, ora o povo Tembé, ora o Guajajára. No trabalho de Srhröder (2002), feito para subsidiar outros trabalhos e pesquisas sobre o Guajajára, por exemplo, encontra-se uma relação de trabalhos antropológicos, etnológicos, lingüísticos, históricos e etno-históricos, documentos históricos e relatórios de viajantes, trabalhos de natureza política, artigos de jornais diários, revistas e periódicos, documentos administrativos, documentos pessoais, além de publicações didáticas.

Os trabalhos de natureza lingüística sobre o Guajajára apresentados por Scröder (2002) constam dos seguintes: *Vocabulare der Guajajara und Anambé* (EHRENREINCH, 1894), “Guajajarisch” (NIMUENDAJU, 1935), *Vocabulary of the Guajajara Dialect* (ROBERTS e SYMES, 1936), *Notes on Guajajara* (GUDSCHINSKY, 1959), *Vocabulário de quatro dialetos dos índios do Maranhão: Guajajára, Canela, Urubu e Guajá* (CRUZ, 1972), *A perda da nasalidade e outras mutações vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajára* (SOARES, 1979), *Typology disharmony and ergativity in Guajajára* (HARRISON, 1983), *The interplay of causative and desiderative in Guajajára* (HARRISON, 1996), *Poetry in Guajajára*

(HARRISON, 1999), *Hierarchical Structures in Guajajára* (BENDOR-SAMUEL, 1966, 1972), *Notes on Guajajara* (BENDOR-SAMUELI, 1970).

Convém mencionar que há, ainda, trabalhos escritos, frutos de motivação outra que não a lingüística propriamente dita, feitos com finalidade didático-pedagógica e religiosa como os que seguem: *Gramática pedagógica da Língua Guajajára* (BENDOR-SAMUEL, 1966), *Zazemu'e purumuhagaw /Hábitos de higiene e saúde* (BENDOR-SAMUEL, 1988), *Zazemu'e ze'egete rehe/Cartilha Guajajára 1* (BENDOR-SAMUEL, /1973/1988), *Zazemu'e ze'egete rehe/Cartilha Guajajára 2* (BENDOR-SAMUEL, MARGARETH, 1988), *Zazemu'e ze'egete rehe/Cartilha Guajajára 3* (BENDOR-SAMUEL, 1976/1988), *Ipira wamume'u haw/ Estórias sobre peixes* (GOMES, 1985/ 1988), *Ma'e mume'u haw tenetehar wanemimume'u kwer/ Estórias indígenas escritas por autores indígenas* (GUAJAJÁRA, FLORIANO, 1988), *Teacher training manual Guajajara* (HARRISON, 1972), *Zazemu'e ikair haw rehe/Caderno de escrever Guajajara* (HARRISON & HARRISON, 1987), *Ywyza'u imume'u haw xe a'e nehe kury/ A história do bacurau do povo Guajajára* (HARRISON; HARRISON; BOOTH & BOOTH, 1985/1988). Mais recentemente foi feita uma tradução da Bíblia completa para o Guajajára (HARRISON, 2007).

A documentação lingüística existente sobre o Tembé consiste em um material que, embora não seja representativo de todas as fases da história da língua, permite a realização do trabalho de reconstrução lingüística aqui proposta. Esses trabalhos são os seguintes: dois vocabulários coletados por Nimuendajú (1914), Hurley (1931) e Rice (1934). Um outro vocabulário, acompanhado da primeira coletânea de textos em Tembé, escrito no início do século passado pelo índio Tembé Cyriaco Baptista e publicado em 1932 por Emil Snethlage. Este material é um instrumento valioso para o nosso projeto, por fornecer informações de como a variedade Tembé-Tenetehára era falada há cem anos, permitindo que tenhamos uma base comparativa das mudanças mais recentes sofridas por essa língua. Outro material de alta importância para esta pesquisa é o dicionário bilingüe, em dois volumes, um Tembé-Português (BOUDIN, 1966), e o outro Português-Tembé (BOUDIN, 1978). São também importantes para o nosso projeto as três dissertações de mestrado sobre o Tembé: *Análise gramatical das orações da língua Tembé* (DUARTE, 1997), *Análise segmental do Tembé* (EIRÓ, 2001) e *Sinais de Morte ou de Vitalidade? Mudanças Estruturais na Língua Tembé* (CARVALHO, 2002). Sobre o Tembé há ainda uma tese de Doutorado sobre aspectos de sua gramática, em uma perspectiva gerativa (DUARTE, 2004) e vários artigos,

dentre os quais, *Ordem dos constituintes na língua Tembé* (DUARTE, 2000), *Negação frásica na língua Tembé* (DUARTE, 2001), *Mudanças estruturais em processo em Tembé* (CARVALHO, 2001), *Desvendando a historia interna do morfema pə da língua Tenetehára* (CABRAL & SILVA, 2007) e *Interface Morfologia e Sintaxe em Tenetehára*. (CASTRO, 2007). É esse conjunto de documentos diversos, entre outros, que tem tornado possível a realização da presente tese.

0.2.1. Material lingüístico usado como parâmetro comparativo

0.2.1.1. Material lingüístico usado como parâmetro comparativo entre o Tenetehára e outras línguas da família Tupí-Guaraní

O presente trabalho reúne comparações entre o Tenetehára e outras línguas, bem como entre estágios distintos do próprio Tenetehára; lança mão das descrições disponíveis das línguas da família Tupí-Guaraní e do que foi descrito até então sobre as duas línguas Tenetehára. As outras línguas incluídas na comparação foram as seguintes: a) duas línguas do sub-ramo III: o Tupinambá e a Língua Geral Amazônica; b) duas línguas do sub-ramo V: o Araweté e o Asuriní do Xingu; c) duas línguas do sub-ramo VIII: o Ka'apór e o Guajá; seis línguas do sub-ramo IV: o Asuriní do Tocantins, o Tapirapé, o Parakanã, o Avá-Canoeiro, o Suruí, e o Turiwara.

Quanto ao Tupinambá foram consideradas as descrições de Anchieta (1595), de Figueira (1880) e as de Rodrigues (1953, 1984/1985, 1986, 1996, 2000, 2007). Quanto à Língua Geral Amazônica, foi considerado o trabalho de Magalhães (1876). Foram considerados ainda estudos mais gerais sobre línguas da família, dentre os quais os estudos de Cabral e Rodrigues (2001, 2002, 2005) e de Cabral, Rodrigues e Correa da Silva (2006).

Quanto às línguas do sub-ramo IV, utilizamos as descrições de Almeida (1983) para o Tapirapé, as de Silva (1999) para o Parakanã e a descrição do Avá-Canoeiro de autoria de Borges (2006). Para o Asuriní do Tocantins utilizamos as descrições lexicográficas e gramaticais de Cabral e Rodrigues (2003, 2005), bem como notas de campo cedidas por esses autores para a presente tese. Sobre o Suruí e o Turiwára utilizamos os dados de Cabral (2001, 2003) os quais foram utilizados no trabalho comparativo desenvolvido por Figueiredo (2004).

A comparação com as línguas do sub-ramo V selecionadas tomaram como base as descrições de Monserrat (1998) sobre o Asuriní do Xingu e as de Solano (2004, 2005, 2009), bem como as de Cabral e Solano (2006, 2007) sobre a língua Araweté.

Quanto às línguas do sub-ramo VIII, foram de fundamental importância as descrições do Ka'apór desenvolvidas por Kakumasu (1986, 1988), Correa da Silva (1997, 2000a, 2000b) Silva (2001), Caldas (2001, 2009), Caldas e Silva (2002) e Caldas e Cabral (2006) e, para a comparação com o Guajá, utilizamos os dados de Magalhães (2006, 2007a, 2007b).

As lacunas evidentes em alguns pontos da comparação devem-se à ausência de dados, como é o caso do Suruí e do Turiwára, sobre as quais há pouquíssimo material descrito; outras, em virtude de as descrições existentes ainda não contemplarem os aspectos que aqui estamos tratando, como é o caso do Avá-Canoeiro e do Parakanã por exemplo. A concentração em um único autor, em certos casos, justifica-se pela ausência de trabalhos de outros pesquisadores sobre a língua, como é o caso do Guajá, do Avá-Canoeiro e do Parakanã. Salientamos, no entanto, que as descrições existentes foram suficientes para permitir o trabalho comparativo que aqui desenvolvemos.

0.2.1.2. Material lingüístico usado como parâmetro comparativo dos diferentes estágios da língua Tenetehára

Para proceder à comparação de diferentes estágios do Tenetehára, utilizamos aqui dados de três estágios distintos da variedade Tembé-Tenetehára falada na região do Gurupi, o que permite perceber tanto as mudanças sofridas pela língua quanto a preservação de características que podem trazer luz sobre a possível origem do Tenetehára. Os três estágios do Tenetehára compreendem:

1º período: o Tembé-Tenetehára falado na região do Gurupi na transição do século XIX para o século XX, extraído do registro feito pelo índio Tembé Cyriaco Baptista e publicado pelo Dr. Emil Snetlaghe em 1932, em *De La Revista Del Instituto De Etnología*, Tomo II, páginas 347 a 393;

2º período: o Tembé-Tenetehára falado na região do Gurupi no início da segunda metade do século XX, extraído do registro lexicográfico Max Boudin, o

volume I, Temb -Português, com publica o em 1966 pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente em São Paulo.

3o período: o Temb -Tenetehára falado atualmente, baseado em registros da última década do século XX (1997- 2000) e da primeira década do século XXI (2001-2010), ou seja, dados recolhidos nos últimos vinte anos, ressaltando-se que, os dados mais recentes são os de nossa própria pesquisa de campo realizada nos últimos quatro anos.

Quanto   variedade Guajajára, os registros representativos dos três diferentes estágios consistem dos seguintes:

1o período: um vocabulário publicado no final do século XIX, de Paul Enreich (1895), contendo palavras das línguas Anamb  e Guajajára.

2o período: duas obras do final do século XX: a obra de Bendor-Samuel (1972) e a de Harrison (1986), o que não nos permitiu fazer uma compara o em três estágios distintos dessa variedade específica.

3o período: os dados mais recentes do Guajajára coletados em nossa própria pesquisa levada a cabo nos últimos anos 2006-2009. Como o volume de material dos estágios mais antigos do Guajajára não equivale ao encontrado para o Temb , consideramos os três períodos distintos da variedade Temb -Tenetehára como base para postular as possíveis mudanças pelas quais o Tenetehára passou, usando, eventualmente, os dados do Guajajára .

O registro de Cyriaco Baptista constitui-se de uma lista de palavras e de uma coletânea de textos. A *wortliste* apresenta 776 entradas, algumas das quais consistem em itens lexicais e outras consistem em expressões maiores, divididos em 24 campos semântico-lexicais distintos: 1o) *zahlen* (pagar); 2o) *k rperteile* (partes do corpo); 3o) *verwandtschaft* (parentesco); 4o) *namen, tite, beruf* (nome, título, profissão); 5o) *spinnen, flechten, t pfern* (rota o, tecer, fazer cerâmica); 6o) *jagd, waffen, krieg* (ca a, armas, guerra); 7o) *fischerei und schiffahrt* (cruzeiros de pesca e de recreio); 8o) *haus und ger t, handwerkzeug* (habita o e ferramentas manuais); 9o) *nahrung, getr nk, genussmittel* (alimento, beber, estimulante); 10o) *glauben, krankheit* (acreditar, doença); 11o) *portugiesische lehnworte* (empréstimo de palavras do português); 12o) *aussprache*

von eigennamen (pronúncia dos nomes próprios); 13º) *natur* (natureza); 14º) *pflanzen* (planta); 15º) *niedere tiere* (animais inferiores); 16º) *fische, amphibien, reptilian* (peixes, anfíbios, répteis); 17º) *vögel* (aves); 18º) *säugetiere* (mamíferos); 19º) *adjektiva* (adjetivos); 20º) *adverbien* (advérbios); 21º) *pronommen* (pronomes); 22º) *verben und verformen* (verbos); 23º) *redensarten und satzteile* (partes de frases); 24º) *sonstige wörter* (outras palavras). Um expressivo número das palavras constantes nos textos da coletânea fazem parte da *wortliste*, embora nem todas figurem nessa lista.

A coletânea, por sua vez, é composta por 07 narrativas cuja temática gira em torno do universo ficcional, caracterizadas pela presença de animais que apresentam características humanas. Os animais que constituem presença marcante nessas narrativas são os gaviões, o tamanduá, a onça, a preguiça. As narrativas obedecem à seguinte seqüência: **1ª) Texto I:** narrativa sem título; **2ª) Texto II:** O menino transformado em gavião; **3ª) Texto III:** Fábulas indígenas: o tamanduá e a onça; **4) Texto IV:** constitui uma segunda versão da narrativa anterior; **5ª) Texto V:** O tamanduá e a onça; **6ª) Texto VI:** A preguiça e a onça; **7ª) Texto VII:** narrativa sem título. As narrativas apresentam tradução para o português, mas há boas porções de textos para as quais não há tradução. Algumas dessas traduções foram atribuídas pelo próprio Snetlaghe, ao organizar os textos, baseado nos dados do próprio Cyriaco Baptista.

A pesquisa de Max H. Boudin (1966) ocorreu durante os últimos anos de atuação do Serviço de Proteção ao Índio, extinto em 1967. Esta resultou num dicionário baseado em dados colhidos pelo próprio autor no período de dois anos em que esteve entre os índios do Alto e Médio Gurupi. Segundo o próprio Boudin, seu trabalho apresenta uma veia histórica ao trazer informações de natureza etimológica extraídas de obras clássicas como as de Montoya (1876), Batista Caetano (1879), Restivo (1893), além de outros. Consiste num registro lexicográfico que reúne informações etimológicas, com contextualização dos itens lexicais apresentados nas entradas, além de valiosas informações de natureza gramatical.

0.3. Pressupostos teóricos

Para dar conta do estudo aqui pretendido, o presente trabalho lança mão de estudos que caminham, principalmente, em duas direções: estudos de natureza etno-histórica e de natureza lingüística. Ao lado disso, apóia-se em obras de natureza teórica

que fundamentam a concepção de língua aqui adotada, bem como a concepção de mudança lingüística.

A história do povo Tenetehára aqui apresentada toma como fundamento principal a obra de Gomes (2002), cuja abordagem etno-histórica atende em muito a proposta desta tese que é a de considerar a história do povo, focalizando a situação de contato. A reconstrução histórica desenvolvida por Gomes foi feita à luz do método dialético. Esse método permitiu ao autor postular que os Tenetehára constituem um sistema sociocultural em relação de confronto com outros sistemas, em especial com o sistema composto pelas forças de colonização do Maranhão. O método consiste na adoção de dois campos-analíticos-chave: de um lado o povo Tenetehára sendo trazido para o sistema colonial nas várias fases de sua história e, de outro lado, a sociedade Tenetehára resultante ao final de cada fase. Valendo-se dos termos próprios desse método, o autor aponta como: a) fluxo histórico da tese: a sociedade Tenetehára num determinado momento histórico; b) a antítese: os Tenetehára em confronto com a sociedade colonial num momento histórico similar e c) síntese: a sociedade Tenetehára resultante desse confronto.

Neste estudo concebem-se as línguas como indissociáveis do ato da comunicação humana (Meillet, 1925; Tesnière, 1969; Coseriu, 1972; Folley & Van Valin, 1984), cuja realização está intimamente ligada a uma dada função comunicativa.

Essa visão funcionalista da linguagem parte do pressuposto de que as línguas são elaboradamente estruturadas e têm como característica o fato de serem entidades constituídas de subsistemas (lexical, fonológico, morfológico, sintático e semântico), inter-relacionados em diversos e diferentes modos (SILVERSTEIN 1977; FOLLEY & VAN VALIN, 1984; THOMASON & KAUFMAN, 1986), de forma que nenhum destes pode ser descrito com adequação, sincrônica ou diacronicamente, se concebidos como subsistemas autônomos.

Tem-se como pressuposto, também, que as línguas naturais são objetos dinâmicos e maleáveis, suscetíveis de variação, e que, com o tempo, podem sofrer mudanças em quaisquer de seus níveis, a ponto de evoluir acumulando transformações até que não seja mais possível associar estas a estágios anteriores de sua própria pré-história, se esses estágios não tiverem sido sistematicamente documentados. Nesta pesquisa, parte-se do princípio de que as mudanças ocorridas numa dada língua e a ordem em que ocorreram podem ser reconstituídas pelo método histórico-comparativo, eficiente para tal, como já tem sido provado e reconhecido em pesquisas anteriores, tais

como aquelas feitas sobre as línguas indo-européias e sobre as línguas neolatinas. Adota-se, aqui, o método histórico-comparativo tal como vem sendo concebido e executado na linha seguida por estudiosos como Antoine Meillet (1908, 1925), Eric Hamp (1989), W. Lehman (1962), Terrence Kaufman (1990), Lyle Campbell (1998), H. H. Hock (1986), Labov, Weinrich e Herzog (1968), Rodrigues (1985, 1986, 2001, 2005, 2007), entre outros.

A Lingüística Histórica trabalha, fundamentalmente, para identificar línguas geneticamente relacionadas, procede à reconstrução de seus ancestrais e traça o desenvolvimento histórico de cada uma dessas línguas (KAUFMAN, 1990). A realização de cada uma dessas tarefas é possível por meio do método histórico-comparativo que, segundo Campbell (1998, p. 108), “(...) é central para a Lingüística Histórica, o mais importante dos vários métodos e técnicas que nós usamos para recobrir a Lingüística Histórica”.

As tarefas da Lingüística Histórica têm como pressuposto o fato de que as línguas passam por mudanças ao longo do tempo, podendo, tais mudanças, ocorrer em qualquer um de seus níveis - fonológico, morfológico, sintático, e semântico-lexical. Dependendo da intensidade e abrangência da mudança ocorrida, uma língua pode desmembrar-se em sub-ramos de modo que qualquer uma desses desmembramentos pode vir a constituir línguas distintas. Cada um desses desmembramentos de uma língua desenvolverá um percurso específico, podendo manter características da língua ancestral ou sofrer inovações profundas ao ponto de tornar-se bastante diferente da língua de origem.

Assim como o método histórico-comparativo pode ser aplicado a línguas diversas para o conhecimento da língua ancestral ou língua de origem, por meio da técnica de reconstrução interna aplicada a uma mesma língua pode-se atingir um estágio mais remoto dessa mesma língua. Segundo Campbell (1998):

subjacente à reconstrução interna está o fato de que uma língua em seu processo de mudança deixa traços na estrutura da língua como variantes alomórficas ou irregularidades de algum tipo. Assim, na reconstrução interna postula-se, a partir das formas em variação, uma única forma mais remota, junto com as mudanças que fizeram gerar as várias formas do morfema em suas alternâncias (p. 201-202).

Segundo o mesmo autor, na técnica da reconstrução interna considera-se que as variantes de um morfema não são completamente originais, mas em algum estágio da língua, no passado, cada um dos morfemas teve uma única forma e as variantes conhecidas no presente, surgem como o resultado de mudanças que as línguas sofreram no passado.

Rodrigues (1984/1985), ao tratar das noções de parentesco genético e de proto-língua da família Tupí-Guaraní, mostra que se duas ou mais línguas supostamente relacionadas geneticamente compartilham considerável número de propriedades gramaticais e lexicais que não tenham advindo de tendências lingüísticas universais nem de resultado de processos de aquisição em situação de contato permitem a seguinte hipótese:

a hipótese que se põe, então, é a de que as línguas em questão sejam manifestações diferenciadas do que foi no passado uma mesma língua e que as propriedades compartilhadas sejam a herança comum conservada sem diferenciação ou apenas com diferenciação menos profundas (Rodrigues, 1984/1985, p. 34).

Rodrigues mostra que essa hipótese assenta-se em duas propriedades universais das línguas, a de que essas línguas estão em mudança constante e a de que não há coincidência entre as mudanças que ocorrem numa dada comunidade em relação às mudanças que ocorrem em outra. As mudanças lingüísticas que passam a ocorrer em cada uma dessas comunidades tomam rumos distintos uma vez que cada uma delas passará a vivenciar experiências particulares. Assim, o grau de diferenciação observado entre as línguas é “basicamente uma função do tempo decorrido entre o início do processo – a cisão da comunidade original – e o momento da observação (Rodrigues, 1984/1985, p. 34)”. Segundo o autor, essa mesma cisão pode ocorrer novamente, atingindo qualquer das línguas resultantes. Dessa forma, segundo Rodrigues, os termos *dialeto*, *família*, *tronco* e *filo* são empregados para a indicação de diversos graus de diferenciação, o que implicaria haver diferentes profundidades temporais entre o momento de observação e a língua comum original tomada como parâmetro. Assim, para o autor:

a proto-língua de um filo tem profundidade temporal maior que a de um tronco, a profundidade temporal da proto-língua de um tronco é maior que a da proto-língua de uma família, e a profundidade temporal da proto-língua de uma família é maior que a da proto-língua de um grupo de dialetos (1984/1985, p. 34).

Entre as razões que explicam o surgimento de novas línguas, o autor menciona duas: a que ocorre por cisão de comunidades e a que advém da interação de línguas numa comunidade bilíngüe. Mostra que a classificação que propõe para as línguas dos povos Tupí divididas em diversas famílias oriundas de uma mesma língua ancestral é um exemplo do modelo genético.

A mudança lingüística tem sido estudada pelas mais diversas correntes teóricas da Lingüística. Tem sido concebida, por uns, enquanto fenômeno interno ao sistema, posição defendida pelos neogramáticos, pelas vertentes diacrônicas do estruturalismo e do gerativismo diacrônico (WEINRICH, 1968; MATTOS & SILVA, 2008). Outro grupo expressivo de estudiosos concebe a mudança sob uma perspectiva sócio-histórica ou extralingüística alguns dos quais são considerados precursores dessa concepção como é o caso de Antoine Meillet, Otto Jespersen, Ramón Menéndez Pidal, e Émile Benveniste. Na esteira do caminho aberto por esses estudiosos estão alguns funcionalistas como Roman Jakobson, A. Martinet, William Labov e M. A. K. Halliday. Há, ainda, outras abordagens que tentam uma conciliação entre as duas concepções. O que, de fato, une essas diferentes concepções é o entendimento de que as línguas mudam ao longo do tempo. Essa constatação comum a diferentes correntes teóricas tem feito com que a mudança lingüística seja observada e concebida sob olhares diversos - certamente que não sem conflitos - o que tem trazido grande contribuição para o entendimento do fenômeno e alargado os horizontes da Lingüística Histórica.

Entre as propostas para o tratamento da mudança lingüística estão as de Weinrich, Labov e Herzog (1968) reunidos no ensaio *Empirical Foundations for a Theory of language change* o qual foi publicado na obra *Directions for Historical Linguistics* (1968) organizada por Lehmann e Yakov Malkiel. Os autores mostram que não se trata de uma teoria da mudança lingüística e sim de um conjunto de princípios que deveriam estar na base de qualquer estudo voltado para a mudança lingüística. O

ensaio baseia-se em fundamentos empíricos advindos de três áreas de pesquisa realizadas por cada um dos autores sobre línguas em contato (WEINRICH), de pesquisas dialetológicas (HERZOG) e de pesquisas da realidade sociolingüística urbana (LABOV). Os autores rejeitam a concepção de língua como objeto homogêneo e argumentam a favor de um tratamento da mudança lingüística sob o axioma principal de que a língua é um objeto constituído de heterogeneidade ordenada. Mostram que uma teoria da mudança lingüística deve responder a cinco questões fundamentais: 1) a questão dos fatores condicionantes para a mudança lingüística; 2) a questão da transição entre dois estágios de língua; 3) a questão do encaixamento; 4) a questão da avaliação; 5) a questão da implementação. Dessa forma propõem alguns princípios gerais para o estudo da mudança lingüística que são resumidos nas assertivas a seguir as quais transcrevemos:

- 1) A mudança lingüística não deve ser identificada com deriva aleatória procedente da variação inerente na fala. A mudança lingüística começa quando a generalização de um alternância particular num dado subgrupo da comunidade de fala toma uma direção e assume o caráter de uma diferenciação ordenada.
- 2) A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura lingüística inclui a diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos através de regras que governam a variação na comunidade de fala; o domínio do falante nativo sobre a língua inclui o controle dessas estruturas heterogêneas.
- 3) nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura lingüística implica mudança; mas toda mudança implica variação e heterogeneidade.
- 4) A generalização da mudança lingüística através da estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; ela envolve a co-variação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo, e está refletida na difusão de isoglossa por áreas do espaço geográfico.
- 5) As gramáticas em que ocorre a mudança lingüística são gramáticas da comunidade de fala. Como as estruturas variáveis contidas na língua são determinadas por funções sociais, os idioletos

não oferecem a base para gramáticas autônomas ou internamente consistentes.

6) A mudança lingüística é transmitida dentro da comunidade como um todo; não está confinada a etapas discretas dentro da família. Quaisquer descontinuidades encontradas na mudança lingüística são os produtos de descontinuidades específicas dentro da comunidade, mais do que os produtos inevitáveis do lapso geracional entre pais e filhos.

7) Fatores lingüísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança lingüística. Explicações confinadas a um ou outro aspecto, não importa quão bem construídas, falharão em explicar o rico volume de regularidades que pode ser observado nos estudos empíricos do comportamento lingüístico (WEINREINCH, 1968, p. 27)

Conforme a avaliação de Lehmann e Malkiel (*apud* Faraco, 2006 p.10), a obra de Weinrich, Herzog e Labov poderia redundar em refinamentos metodológicos capazes de contribuir para o esclarecimento de questões sem solução em estudos passados, bem como constituir ponto de partida para estudos sobre a dinâmica da mudança lingüística em outras sociedades contemporâneas. É importante esclarecer que, embora a presente tese compartilhe dos princípios acima apresentados, não se impõe a tarefa de comprová-los.

Considera-se, aqui, que as mudanças podem ser motivadas por razões diversas, entre as quais razões internas à própria língua e outras motivadas por situação de contato lingüístico. Dessa forma, o percurso da história das línguas tem estreita relação com a trajetória histórica do povo que a fala e a reconstituição da história dos contatos interétnicos pode ser usada para explicar mudanças lingüísticas ocorridas.

No que diz respeito a mudanças induzidas por contato e mudanças como resultado de atrito, THOMASON (2001) apresenta uma importante abordagem sobre o assunto. Ao tratar de mudanças induzidas por contato, elenca sete dos mecanismos operantes nesse tipo de mudança lingüística: a) *code-switching*; b) alternância de código; c) familiaridade passiva; d) negociação; e) estratégias de aquisição de segunda língua; f) aquisição de primeira língua por bilíngües e g) mudança por decisão deliberada. Esses mecanismos, segundo Thomason, agem independentemente ou combinados para gerar mudanças de várias ordens. Thomason chama a atenção para o

fato de que não existem restrições bem estabelecidas em nenhum mecanismo de interferência, especialmente em *code-switching*.

Ao tratar desse mecanismo, a autora (THOMASON, 2001, p.133) mostra que há fortes evidências de transição entre *code-switching* e interferência permanente. Define *code-switching* como o uso de material de duas ou mais línguas pelo mesmo falante na mesma conversação (THOMASON, 200, p.132). Entre as várias posições a respeito da relação entre *code-switching* e mudança induzida por contato, Thomason posiciona-se a favor da idéia de que, embora *code-switching* não seja um fator universal em mudança induzida por contato, é, evidentemente, um elemento importante em muitos casos de interferência lexical e estrutural. Como argumento utiliza o fato de que nomes e marcas discursivas resultados de *code-switching* não são ocorrências tão surpreendentes, mas são também tipos comuns de empréstimos, o que constitui uma evidência que dificilmente pode ser explicada como coincidência.

Thomason também discute vários dos critérios usados para distinguir empréstimo de *code-switching*, mas sua principal conclusão é a de que *code-switching* é certamente um mecanismo principal para a interferência via empréstimo, isto é, na qual a aprendizagem imperfeita não desempenha um papel preponderante (2001, p.103).

Ao tratar de atrito, Thomason o define como um processo gradativo no qual uma língua retrocede à medida que perde falantes, domínios e por fim, estrutura. Trata-se, de material lingüístico que não é substituído por material novo, material fonológico, morfológico ou sintático, assim como material da estrutura do discurso. Thomason observa que analisar dados de uma língua moribunda apresenta dificuldades especiais, por causa das diferentes fontes de inovação, nem todas as quais têm relação com o processo de morte de língua. A autora (p. 228-229) cita alguns tipos típicos de atrito, como (a) redução de alternâncias governadas por regras por meio da generalização analógica de uma das variantes; (b) fusão ou eliminação de categorias morfossintáticas; (c) tendência a substituir construções morfológicamente complexas por construções analíticas; (d) perda de construções sintáticas complexas; e (e) empréstimo, tanto de estrutura quanto de léxico. Entretanto, Thomason (p. 229) observa que, a exemplo de outras línguas, as línguas moribundas sofrem mudanças internas independentemente de atrito. Considera, ainda, que muitos processos que são comuns em situações de línguas moribundas são também comuns em situações de contato, nas quais não há línguas moribundas (p. 230). Argumenta, para isso, que há mudanças comuns como a perda lexical em certos domínios que ocorrem em todas as línguas do mundo através dos

tempos. Reconhece, no entanto, que a perda drástica de elementos lexicais seja conhecida apenas em casos de morte de línguas. Finalmente, mostra que empréstimo, incluindo empréstimo pesado, é também comum em várias situações de contato. Mas, segundo Thomason (2001, p. 230), atrito seria o único tipo de mudança exclusiva de situações de morte de língua (p. 230).

São fundamentais para esta tese os estudos desenvolvidos por Rodrigues (1985, 1986, 1993, 1996, 1999, 2001) sobre as línguas da família Tupi-Guaraní, bem como, notadamente, os estudos de natureza histórico-comparativa desenvolvidos por este autor, indispensáveis a qualquer estudo dessa natureza sobre as línguas indígenas brasileiras. Aliados a este, são cruciais para esta tese os estudos realizados sobre as línguas Tupi-Guaraní, especialmente os estudos sobre o Tupinambá (ANONIMOUS [1952-1953], ANCHIETA 1990, FIGUEIRA [1687] 1878); sobre a Língua Geral Amazônica (BETTENDORF, sec. XVII; MAGALHÃES, (1876); sobre o Guarani Antigo (MONTROYA, 1639, 1940); o Asuriní do Tocantins (NICHOLSON, 1975; CABRAL, 1997; CABRAL E RODRIGUES, 2002; CABRAL E SOLANO, 2003); sobre o Tembé (DUARTE, 2007^a, 2007^b, 2006^a, 2006^b, 2005, 2004, 2002^a, 2002^b, 2001, 2000, 1998, 1997; CARVALHO, 2001, 2002, 2007), o Ka'apor (KAKUMASU, 1986, 1988; CORREA DA SILVA, 2000, 1997; CALDAS, 2001; CALDAS E SILVA, 2001; SILVA, 2001), o Guajá (MAGALHÃES, 2007), o Anambé (JULIÃO, 2005); o Asuriní do Xingu (MONSERRAT, 1998) e o Araweté (SOLANO, 2004, 2009).

Essas obras e princípios são os fundamentos da presente tese e sustentam os três grandes campos de análise do estudo aqui proposto: (a) descrição de língua; (b) comparação e reconstrução de língua e (c) línguas em contato.

0.4. Organização dos capítulos

O trabalho estrutura-se em 12 capítulos. Em todos eles há descrição do estágio mais recente da língua Tenetehára em suas duas variedades e comparação entre essas variedades, comparações com os registros mais antigos do Tenetehára e, ainda, comparações com línguas de outros sub-ramos da família Tupi-Guaraní.

No primeiro capítulo apresentamos considerações sobre a fonologia das duas línguas Tenetehára, apresentando o inventário de fonemas. Descrevemos a realização dos fonemas vocálicos e dos consonantais, apresentamos padrões silábicos e mostramos

as principais inovações sofridas pela língua. No segundo capítulo procedemos à descrição do sistema pessoal do Tembé e do Guajajára, mostrando as inovações e os conservadorismos verificados a esse respeito. O terceiro capítulo focaliza a questão da expressão dos modos verbais em Tenetehára e as inovações que as duas línguas têm apresentado atualmente, sobretudo no que respeita ao modo Indicativo II. O quarto capítulo visa apresentar as estratégias das duas línguas Tenetehára empregadas para a expressão das categorias de aspecto, modo de ação, tempo e modalidade. Mostra como partículas temporais podem se combinar para a expressão de outras categorias gramaticais. O quinto capítulo trata da expressão da voz em Tenetehára e mostra como essa categoria manifesta-se, hoje, nas duas variedades. No sexto capítulo mostraremos as estratégias adotadas pela língua para proceder à derivação e o inventário de elementos nominalizadores numa e outra variedade. No sétimo tratamos do sistema de negação do Tenetehára, com particular destaque para as inovações sofridas nas estratégias. O oitavo capítulo descreve o sistema dos dêiticos locativo-espaciais do Tenetehára e a estreita relação destes com os verbos e as partículas posicionais. O nono capítulo tem como assunto o léxico Tenetehára e procede a uma comparação entre o léxico registrado em estágios anteriores da língua a fim de verificar o grau de perdas e/ou de manutenção desse léxico e estabelece comparação entre o léxico atual do Tembé e do Guajajára a fim de reunir evidências que concorram para considerar essas duas variedades Tenetehára como línguas distintas ou como dialetos. Além disso, traça comparação entre o léxico Tenetehára e o das demais línguas do sub-ramos IV, III, V e VII da família Tupí-Guarani. O décimo capítulo trata das interferências do português na língua Tenetehára numa abordagem que mostra a presença do português no Tenetehára desde a primeira fase de registro dessa língua até os dias atuais. O décimo primeiro capítulo, de caráter eminentemente histórico, apresenta parte da história dos Tenetehára desde o momento em que foram mencionados na historiografia no século XVI até o momento da tutela pela Fundação Nacional do Índio no século XX, privilegiando as informações que servem para mostrar a situação de contato vivida por esses índios nesse espaço de tempo. Finalmente, no décimo segundo capítulo, apresentamos uma análise que reúne argumentos para fundamentar uma hipótese sobre a origem do Tenetehára, bem como para fundamentar a concepção de que as duas variedades de língua oriundas do Tenetehára são, atualmente, línguas distintas a caminho de uma diferenciação cada vez maior.

CAPÍTULO 1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A FONOLOGIA DA LÍNGUA TENETEHÁRA

1. Introdução

A fonologia da Língua Tenetehára apresentada neste capítulo leva em consideração as descrições da Língua Tembé desenvolvidas por Cyriaco Baptista (1932), Boudin (1966), Duarte (1997, 2000, 2005), Cabral (2001), Carvalho (2001), Silva e Cabral (2005), Castro (2007) e, sobretudo, o estudo específico de Eiró (2001) sobre a fonologia segmental dessa língua e dos estudos de Bendor-Samuel (1972) e de Harrison (1986) sobre o Guajajára, bem como utiliza os dados de minha própria pesquisa com o Tembé e o Guajajára.

1.1 O sistema fonológico do Tenetehára

As descrições fonológicas sobre a língua Tembé são consensuais quanto à existência de 14 fonemas consonantais e 7 fonemas vocálicos para a mesma. Como já amplamente descrito, na língua Tembé não há vogais nasais, mas estas podem ser levemente nasalizadas quando seguidas de consoantes nasais, tornando-se mais fracas em sílabas pré-tônicas, excetuando-se os casos em que a vogal encontra-se entre duas consoantes nasais (EIRÓ, 2001). Duarte (1997; 2007) também traça importantes considerações a respeito da fonologia do Tembé. Na descrição da fonologia do Guajajára feita por Bendor-Samuel (1972, p. 59-75) também são inventariados 14 fonemas consonantais e 7 fonemas vocálicos orais, sem vogais nasais, a exemplo do Tembé. A respeito da perda da nasalidade em Guajajára, há o trabalho de Soares (1979) que oferece sólidas explicações para essa mudança específica, bem como para outras mudanças vocálicas sofridas por essa língua.

1.1.1 O sistema fonológico do Tembé

Os quadros a seguir mostram o inventário dos fonemas e a realização fonética dos mesmos tanto em Tembé quanto em Guajajára. A descrição da fonologia Tenetehára aqui apresentada concorda quase que integralmente com a descrição da fonologia do Tembé apresentada por Duarte (1997) e Eiró (2001), e com a descrição fonológica de Bendor-Samuel (1972) para o Guajajára. Mantivemos aqui a mesma representação simbólica usada por Eiró e por Bendor-Samuel.

1.1.1.1 Os fonemas consonantais do Tembé e seus alofones

Os dois quadros a seguir apresentam o inventário dos fonemas consonantais do Tembé.

Quadro 1 – Quadro fonológico 1 das consoantes do Tembé (EIRÓ, 2001)

		Labiais	Alveolares	Velares	Glotais
Oclusivas surdas	Simples	/p/	/t/	/k/	/ʔ/
	Labializada			/kw/	
Oclusivas sonoras			/d/		
Fricativas			/s/		/h/
Nasais	Simples	/m/	/n/	/ŋ/	
	Labializada			/ŋw /	
Flepe			/ɾ/		
Aproximante		/w/			

O quadro seguinte apresenta a realização fonética dos fonemas consonantais apresentados no quadro anterior.

Quadro 2 – Quadro fonético geral 1 das consoantes do Tembé (EIRÓ, 2001)

		Bilabiais	Alveolares	Álveo-palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	Su	[p] [pw]	[t]		[k] [kʷ] [kh] [kw]	[ʔ]
	So		[d] [dj]			
africadas	Su		[ts]	[tʃ]		
	So		[dz]	[dʒ]		
Fricativas	Su		[s]			[h]
	So		[z]			
Nasais	Su	[m] [mʷ] [mw]	[n] [nʷ] [nj]	[ɲ]	[ŋ] [ŋʷ] [ŋw]	
Flepe	So		[r]			
Vibrante	So		[r]			
Aproximantes	So	[w]		[j] [jʷ] [j]		

1.1.1.2 O sistema vocálico do Tembé e seus alofones

A seguir são apresentados dois quadros ilustrativos dos fonemas vocálicos do Tembé e suas realizações fonéticas.

Quadro 3 – Quadro fonológico 1 das vogais do Tembé (EIRÓ, 2001)

/i/		/i/		/u/
		/ə/		
/ɛ/		/a/		/ɔ/

Quadro 4 – Quadro fonético geral 1 dos segmentos vocálicos do Tembé (EIRÓ, 2001)

		Anterior		Central		Posterior
Alta	Fechada	[i] [iʔ] [j] [iʔ]		[ɨ] [ɨʔ]		[u] [uʔ] [ɯ]
	Aberta	[ɪ] [ɪ̃] [ɹ] [ɪʰ]		[ɨ̃] [ɨ̃] [ɨʔ]		[ʊ]
	Fechada	[e] [ɛ]		[ə] [əʔ] [ɘ]		[oʔ] [o]
Média				[əʔ] [ɘ] [ɘ̃]		
	Aberta	[ɛʔ] [ɛʔʔ]		[ʌ] [ʌ̃]		[ɔʔ] [ɔʔʔ] [ɔʔʔ]
		[ɛʔʔ]				
Baixa		[ɛ] [ɛʔ]		[a] [aʔ] [ã]		[ɔ] [ɔʔ]
		Não-arredondada			Arredondada	

1.1.2 O sistema fonológico do Guajajára

1.1.2.1 O sistema consonantal do Guajajára e seus alofones

Na página seguinte apresentamos dois quadros com os fonemas consonantais e vocálicos do Guajajára e suas realizações fonéticas.

**Quadro 5 – Quadro fonológico das consoantes do Guajajára
(BENDOR-SAMUEL, 1972)**

		Labiais	Alveolares	Velares	Glotais
Oclusivas surdas	Simples	/p/	/t/	/k/	/ʔ/
	Labializada			/kw/	
Africadas			/c/		
Fricativas			/z/		
					/h/
Nasais	Simples	/m/	/n/	/ŋ/	
	Labializada			/ŋw /	
Flepe			/r/		
Aproximante		/w/			

**Quadro 6 – Quadro fonético geral das consoantes do Guajajára
(BENDOR-SAMUEL (1972)**

		Bilabiais	Alveolares	Álveo- palatais	Velares	Glotais
Oclusivas	Su	[p]	[t] [tə]		[k] [kə] [kw]	[ʔ]
Africadas	Su		[ts]	[tʃ]		
Fricativas	Su					[h]
	So		[z]			
Nasais	Su	[mə] [m]	[nə] [n]		[ŋə] [ŋ] [ŋw]	
Flepe	So		[rə] [r]			
Aproximantes	So	[w] [wə] [u]		[j]		

1.1.2.2 O sistema vocálico do Guajajára e seus alofones

**Quadro7 – Quadro fonológico das vogais do Guajajára
(BENDOR-SAMUEL, 1972)**

/i/		/y/		/u/
		/ə/		
/e/		/a/		/o/

A realização fonética dos fonemas vocálicos do Guajajára corresponde àquela proposta por Eiró (2001) para o Tembé.

Quadro 8 – Quadro fonético geral dos segmentos vocálicos do Guajajára

		Anterior		Central		Posterior
Alta	Fechada	[i]		[i ⁺] [iʔ]		[u] [uʔ] [ɯ]
	Aberta	[ɪ] [ɪ̃] [ɪ̄] [ɪ ^h]		[ɨ] [ɨ̃] [ɨʔ]		[ʊ]
	Fechada	[e] [ẽ]		[ə] [əʔ] [ə̃]		[oʔ] [o]
Média				[əʔ] [ə̃] [ə̃]		
	Aberta	[ɛ [↑]] [ɛ [↑] ʔ]		[ʌ] [ʌ̃]		[ɔ [↑]] [ɔ [↑]] [ɔ [↑] ʔ]
		[ɛ [↑] ʔ]				
Baixa		[ɛ] [ɛʔ]		[a] [aʔ] [ã]		[ɔ] [ɔʔ]
		Não-arredondada			Arredondada	

1.2 Realização dos fonemas do Tenetehára

1.2.1 Realização dos fonemas consonantais do Tenetehára

A descrição dos fonemas /p/, /t/, /k/, /kw/, /ʔ/ e suas realizações a seguir apresentadas são válidas para as duas línguas Tenetehára.

1.2.1.1 O fonema /p/ e seus alofones

/p/: oclusivo bilabial surdo

Tembé e Guajajára

Alofones:

[pw] e [p]: em variação livre antes de /i/;

[tə'pwɨ] ~ [tə'pɨ] 'casa'

[ku'pwɨ] ~ [ku'pɨ] 'cupuaçu'

[pəpwɨ'ta] ~ [pəpɨ'ta] 'parem'

[p]: ocorre nos demais ambientes;

[u'pa] 'acabar' [pɣmʊʔeʔʔhar] 'professor'

[zapə'pɔ] 'panela' [ənu'pə] 'eu bato'

[pi'na] 'anzol' [pitʃika'ʔiʔ] 'ser pequeno'

1.2.1.2 O fonema /t/ e seus alofones

/t/: oclusivo alveolar surdo

Tembé e Guajajára

Alofones:

[tʃ]: precedido ou seguido de vocóide anterior alto;

[i'tʃi] 'nariz dele' [awa'tʃi] 'milho'

[t]: nos demais ambientes;

[ta'ta] 'fogo' [tu'kən] 'tucano'

[tɛ'kɔ] 'gente' [to'ri] 'lume'

[pitə'wə] 'bem-te-vi' [pu'tir] 'flor'

1.2.1.3 O fonema /k/ e seus alofones

/k/: oclusivo velar surdo

Tembé e Guajajára

Alofones:

[kɿ] e [kʰ]: em variação livre antes de silêncio, ou antes de /h/;

[i'hɔkɿ] ~ [i'hɔkʰ] 'lagarta'

[pɛ'tekɿ] ~ [pɛ'tekʰ] 'bater'

[uapwɪ kɿ'haw] ~ [uapwɪ kʰ'haw] 'assento'

[k]: nos demais ambientes;

[ka'ʔa]	‘mato’	[pa'kɔ]	‘gente’
[əkə'pin]	‘pipira’	[u'kir]	‘chover’
[taki'hɛ]	‘faca’	[pu'kɔ]	‘comprido’

1.2.1.4 O fonema /kw/ e seus alofones

/kw/: oclusivo velar labializado surdo

Tembé e Guajajára

[kw]: é a única realização fonética de / kw /;

[kwarahĩ]	‘sol’	[i'kwə]	‘dedo dele’
[kwaw]	‘saber’, ‘conhecer’	[tɨ'kwér]	‘caldo’

1.2.1.5 O fonema /ʔ/ e seus alofones

/ʔ/: oclusivo glotal surdo

Tembé e Guajajára

[ʔ]: constitui a única realização fonética do fonema /ʔ/;

[ʔar]	‘cair’	[ka'ʔa]	‘mato’
[ʔĩ]	‘água’	[dɔ'ʔɔkɪ]	‘arrancar’

1.2.1.6 O fonema /d/ e seus alofones

A descrição e realização fonética do fonema /d/ a seguir refere-se apenas à língua Tembé uma vez que em Guajajára o fonema correspondente é /z/. Adiante teceremos algumas considerações sobre essa correspondência do ponto de vista histórico.

/d/: oclusivo alveolar sonoro

Alofones:

[d] e [z]: em variação livre, quando em posição inicial e intervocálica;

[da'hi]	~	[za'hi]	‘lua’
[du'ru]	~	[zu'ru]	‘boca’
[ade'ʔɛŋ]	~	[aze'ʔɛŋ]	‘eu falo’
[adu'ru]	~	[azu'ru]	‘papagaio’

[j] ~ [d]: em variação livre, antes de silêncio, em fronteira de palavra;

[mɔj]	~	[mɔd]	‘cobra’
[hu'aj]	~	[hu'əd]	‘rabo dele’
[a'kwej]	~	[a'kwəd]	‘aquele invisível’

[j]: em final de sílaba, antes de silêncio, ou precedendo consoante oral;

[taj]	‘pimenta’	[to'poj]	‘roupa’
[ɛpu'ej]	‘lave!’	[ta'muj]	‘avô’

[həj'kwár] ‘dente cariado’ [kə'rəj] ‘arranhar’

[j]: em final de sílaba precedendo consoante nasal;

[tapij'ŋwɛr] ‘ex-casa’ [majnu'mwĩ] ‘beija-flor’

[dʒ], [dʲ], [j], [z], [dz] e [d]: em variação livre, seguindo vogal anterior alta;

[idʒu'ru] ~ [idʲu'ru] ~ [iju'ru] ~ [izu'ru] ~ [idzu'ru] ~ [idu'ru] ‘boca dele’

[d], [z] e [dz]: nos demais ambientes;

[da'rĩj] ~ [za'rĩj] ~ [dza'rĩj] ‘nós’

[adu'ru] ~ [azu'ru] ~ [adzu'ru] ‘papagaio’

[dʒ] ~ [z]: antes de /a/;

[awi'za] ~ [awi'dʒa] ‘sabiá’

[zapu'mĩ] ~ [dʒapu'mi] ‘piscar’

[mu'zar] ~ [mu'dʒar] ‘encostar’

1.2.1.7 O fonema /z/ e seus alofones

A descrição do fonema /z/ e sua realização fonética a seguir refere-se à variedade Guajajára.

/z/: fricativo alveolar sonoro

Alofones

[z] e [d]: em variação livre;

[za'hi] ~ [da'hi] 'lua'

[zew'ir] ~ [dew'ir] 'voltar'

[j]: em final de sílaba, antes de silêncio, ou precedendo consoante oral;

[tapu'kaj] 'galinha' [həj'kwar] 'dente cariado'

[j] e [z]: em variação livre, antes de silêncio, em fronteira de palavra;

[hu'aj] ~ [hu'az] 'rabo'

[kwej] ~ [kwez] 'aquele visível'

[mɔj] ~ [mɔz] 'cobra'

[tɪ'pij] ~ [tɪ'piz] 'casa'

[j]: em final de sílaba precedendo consoante nasal;

[tapɪj'ŋwer] 'ex-casa' [majnu'mwi] 'beija-flor'

[dʒ] , [dʲ], [j], [z], [dz]: em variação livre, seguindo vogal anterior alta;

[idʒu'ru] ~ [idʲu'ru] ~ [iju'ru] ~ [izu'ru] ~ [idzu'ru] ~ [idu'ru] ~ 'boca dele'

[z] e [dʒ]: nos demais ambientes;

[za'riʝ] ~ [dʒa'riʝ] 'nós'

[azu'ru] ~ [adʒu'ru] 'papagaio'

[zi'ij] ~ [dʒi'ij] 'cedo'

[zi'piw] ~ [dʒi'piw] 'sujo'

[izia'iw] ~ [idʒia'iw] 'mato'

1.2.1.8 O fonema /s/ e seus alofones

/s/: fricativo alveolar surdo

Tembé

Alofones:

[s] e [ts]: em variação livre em todos os ambientes;

[sɛ] ~ [tsɛ] 'aqui'

[ɔ'sɔkɫ] ~ [ɔ'tsɔkɫ] 'ele soca'

[s] e [tʃ]: antes de /a/;

[aɛ'sak] ~ [aɛ'tʃak] 'eu vejo'

Guajajára

[s] e [ts]: m variação livre em todos os ambientes;

[sɛ] ~ [tsɛ] 'aqui'

[ɔ'sɔkɾ] ~ [ɔ'tsɔkɾ] 'ele soca'

[s] e [tʃ]: em variação livre antes de /a/;

[aɛ'sak] ~ [aɛ'tʃak] 'eu vejo'

1.2.1.9 O fonema /h/ e seus alofones

/h/: fricativo glotal surdo

Tembé e Guajajára

[h]: é a única realização desse fonema;

[ha'ku] 'quente' [i'hi] 'mãe dele'

[heɾ] 'nome dele' [ɔ'hɔ] 'ele vai'

[mɔnɔ'hɔk] 'cortar' [arapu'há] 'veado'

1.2.1.10 O fonema /m/

/m/: nasal bilabial sonoro

Tembé e Guajajára

Alofones:

[mɔ̃]: antes de silêncio ou seguido de /h/;

[ihɛmɔ̃'haw] ‘saída dele’

[t̥ɕmi't̥ɕmɔ̃] ‘planta’

[mw] e [m]: flutuam livremente diante de /i/;

[mwi'kur] ~ [mi'kur] ‘mucura’

[majnu'mwi] ~ [majnu'mi] ‘beija-flor’

[m]: ocorre nos demais ambientes;

[miri'kur] ‘lombriga’ [mɛ'miɾ] ‘filho de mulher’

[mɔ̃j] ‘cobra’ [ri'maw] ‘limão’

[muka'tu] ‘limpar’ [ka'miɕ] ‘amassar’

1.2.1.11 O fonema /n/ e seus alofones

Tembé e Guajajára

/n/: nasal alveolar sonoro

Alofones:

[nɔ̃]: ocorre antes de silêncio;

[a'zanɿ] 'eu corro' [i'menɿ] 'marido dela'

[n] e [nʲ]: precedem vogal anterior alta

[ɛmupi'nimɿ] ~ [ɛmupi'nj mɿ] 'pinte'

[ɲ]: ocorre quando precedendo vocóide anterior alto;

[ka'ɲjm] 'fugir' [maɲj 'ʔɔ k ɿ] 'mandioca'

[ɛmupi'ɲjmɿ] 'eu pinto' [iɲj 'mɔ] 'fio dele'

[n]: ocorre nos demais ambientes;

[nɛ] 'você' [za'nu] 'aranha'

[kumanaʔ'i] 'feijão' [emimi'no] 'neto do homem'

1.2.1.12 O fonema /ŋ/ e seus alofones

/ŋ/: nasal velar sonora

Tembé e Guajajára

Alofones:

[ŋɿ]: antes de silêncio ou seguida de /h/;

[a'kaŋɔ] 'cabeça' [mɛʔɛŋɔ 'har] 'vendedor'

[ŋ]: ocorre em início de sílaba, exceto em sílaba inicial

[j'ŋa] 'ingá' [maŋi 'kwɛr] 'suco de manga'

1.2.1.13 O fonema /ŋw/

/ŋw/: nasal, velar, sonora, labializada

Tembé e Guajajára

[ŋw]: constitui a única realização de /ŋw/;

pɛ'ŋwɛr] 'pedaço' [zɛpɔhɛ'ŋwɛr ʌ] 'ex-forno'

1.2.1.14 O fonema /r/ e seus alofones

/r/: flepe alveolar sonoro: constitui a única realização fonética desse fonema;

Tembé e Guajajára

[arapu'ha] 'veado' [maʔɛri'ru] 'vasilha'

[kwaha'rɛr] 'menino' [pɛ'ur] 'tragam'

[tewi'ro] 'ciúme' [pu'nɛra] 'poder'

[pu'tar] 'querer' [ɔ'pɔr] 'ele pula'

[heɾ] ‘nome dele’ miˈkur] ‘mucura’

1.2.1.15 O fonema /w/ e seus alofones

Alofones:

/w/: aproximante bilabial sonora

Tembé e Guajajára

[w]: ocorre em posição inicial e final de sílaba. Esta é a única realização fonética de /w/ em Tembé.

[waˈriw] ‘guariba’ [teˈnaw] ‘assento’

[wɛˈwɛ] ‘voar’ [zɛˈrɛw] ‘deitar’

[uˈpaw] ‘todos’ [raˈriw] ‘cacho’

Em Guajajára, além da realização ilustrada nos exemplos acima, é possível encontrar [b] antes de segmento sonoro, como no exemplo abaixo:

[baˈta] ~ [waˈta] ‘andar’

1.2.2 Realização dos fonemas vocálicos do Tenetehára

A descrição dos fonemas vocálicos e sua realização a seguir apresentada aplica-se tanto ao Tembé quanto ao Guajajára.

1.2.2.1 O fonema /i/ e seus alofones

/i/: anterior alto oral

Alofones:

[ɪ]: em sílaba pós-tônica final seguindo consoantes sonoras orais;

[naʔʔaʔr ɪ] ‘eu não caio’ [na'mɔdzɪ] ‘não existe cobra’

[ɪ^h]: em sílaba pós-tônica final, seguindo oclusiva velar;

[zemo'mikɪ^h] ‘tristeza’ [api'hikɪ^h] ‘eu puxo’

[i] e [ɪ]: nos demais ambientes;

[mi'hir] ~ [mi'hɪr] ‘assado’

[pi'nɔ] ~ [pɪ'nɔ] ‘palha’

[pa'ri] ~ [pa'rɪ] ‘cercado’

[i'tʃi] ~ [i'tʃɪ] ‘nariz dele’

1.2.2.2 O fonema /ɛ/ e seus alofones

/ɛ/: anterior, baixo, oral

Alofones:

[e]: seguida de vocóide [-baixo], na mesma sílaba ou na sílaba seguinte;

[pu'ej] ‘lavar’

[heə'kɔŋɿ] ‘minha cabeça’

[ε↑] e [ε]: nos demais ambientes

[za'ne↑] ~ [za'ne] 'nós'

[dape↑'pɔ] ~ [dape'pɔ] 'panela'

[ze↑'pe] ~ [ze'pe] 'mesmo'

1.2.2.3 O fonema /i/ e seus alofones

/i/: central alto, oral

Alofones:

[ɨ] e [i]: em flutuação em todos os ambientes;

[wiɾami'ri] ~ [wɨɾami'ri] 'pássaro'

[i'wi] ~ [ɨ'wi] 'chão'

[ikɨ'pwɨɾ] ~ [ikɨ'pwɨɾ] 'canto(da parede)'

1.2.2.4 O fonema /ə/ e seus alofones

/ə/: central médio oral

Alofones:

[ə] e [ɛ̃]: em sílaba pós-tônica final de nomes, precedidas de consoante oral ou de vogal, exceto de vogais anteriores e centrais médias e baixas.

[penu'wə] ~ [penu'wɛ̃] 'vosso pai'

[tʃikwɛrɔ̃] ~ [tʃikwɛrɔ̃] ‘líquido’

[ɔ̃]: em sílaba pré-tônica

[tɔ̃pɪ] ‘casa’

[rɔ̃kɔŋ] ‘galho’

[ə]: nos demais ambientes

[ku'də] ‘fêmea’ [pə'nəm] ‘borboleta’

[kwə] ‘dedo da mão’ [pitə'wə] ‘bem-te-vi’

1.2.2.5 O fonema /a/

[a]: central, baixo, oral: ocorre em todos os ambientes;

[maraka'za] ‘gato do mato’ [ki'haw] ‘rede’

[aza'hak] ‘bacaba’ [he'ha] ‘olho dele’

1.2.2.6 O fonema /u/ e seus alofones

/u/: posterior, alto, oral, labializado.

Alofones:

[u] e [ʊ]: em flutuação livre em todos os ambientes;

[za'nu] ~ [zã'nu] 'aranha'

[maʔɛʔri'ru] ~ [maʔɛʔri'ro] 'vasilha'

[u'kir] ~ [u'kir] 'chover'

1.2.2.7 O fonema /ɔ/ e seus alofones

/ɔ/: posterior, baixo, oral, labializado

Alofones:

[o]: em final de palavra, precedido das consoantes alveolares /r/ e /n/;

[hɛ̃↑mɛ↑ri'ro] 'meu neto'

[wirihi'no] 'de novo'

[ɔ↑] e [ɔ] nos demais ambientes.

[ra'hɔ↑] ~ [ra'hɔ] 'levar'

[zɔ↑ɔ↑k] ~ [zɔ'ɔk] 'arrancar'

[mɔ↑j] ~ [mɔj] 'cobra'

1.2 Mistura dialetal

Em Tembé e em Guajajára há flutuação na pronúncia de certas palavras envolvendo os fonemas /z/, /d/, /s/ e /h/. Em nossos dados de uma e outra língua há uma alternância entre [h] ~ [ʒ] ~ [dʒ], por exemplo, na realização dos pronomes ihe e he :

[i'hɛ] ~ [i'ʒɛ], [i'dʒɛ]; [hɛ] ~ [ʒɛ] ~ [dʒɛ]. Essa flutuação é encontrada tanto na fala de idosos quanto na de falantes jovens.

Um outro caso diz respeito à pronúncia da palavra correspondente a ‘cesto’ em português que, em Tembé, é livremente realizada com [d], [z] ou [s]: [ɾɛda'kaŋ], [resa'kaŋ], ~[reza'kaŋ].

Observamos, também, no Guajajára, especificamente, que algumas palavras ora são pronunciadas com [z] ora com [r], mas com restrição de ocorrência apenas em final de palavra. Tal alternância entre [z] e [r] não se restringe à aldeia Angico Torto, foi identificada também através de falantes da aldeia Barreirinha. Na primeira, foi identificada principalmente na pronúncia de falantes mais velhos, enquanto que na segunda foi identificada na fala de jovens. A seguir, alguns exemplos da situação:

[za'ne]	~	[ra'ne]	‘nós’
[za'hi]	~	[ra'hi]	‘estrela’
[zeʔeŋ'aw]	~	[reʔeŋ'aw]	‘flauta’
[uze'ʔeŋ]	~	[ure'ʔeŋ]	‘ele fala’
[ɛzi'wir]	~	[ɛri'wir]	‘volte!’
[pirazuka'haw]	~	[piraruka'haw]	‘rede de pesca’
[za'maw]	~	[ra'maw]	‘sabão’
[ka'ʔa aza'hi]	~	[ka'ʔa ara'hi]	‘vinagreira’
[za'ir]	~	[ra'ir]	‘filhote’

Observamos, ainda, que, no Guajajára, a palavra para ‘galinha’ apresenta flutuação de pronúncia: ora é realizada com [z] [zapu'kaŋ] ora com [s] [sapu'kaŋ]. Verificamos, ainda, em Tembé e em Guajajára que as palavras kamitʃaw, pitʃan e tʃirur correspondentes respectivamente a ‘camisa’, ‘gato’ e ‘calça’ do português ora são pronunciadas com [tʃ] ora com [ʃ].

Considerando o pequeno nível de abrangência dessas alternâncias, não se pode falar de situação de alofonia em nenhum dos casos acima ilustrados. Interpretamos que essas ocorrências refletem mais o resultado de mistura dialetal do Tenetehára com as línguas com as quais entrou em contato, como o Ka'apór, a Língua Geral Amazônica, o Amanajé e o Ararandewára, assim como o Guajá e também o seu contato com o português regional.

1.3 Laringalização de vogais, nasalidade e padrão acentual em Tenetehára

No que diz respeito à laringalização de vogais em Tembé e em Guajajára, estas apresentam realizações laringalizadas em sílabas pré-tônicas e em sílabas tônicas, nas situações em que a vogal é precedida ou seguida de oclusiva glotal (cf. Eiró, 2001).

[pi'ra]	‘peixe’	[mu'kuj]	‘dois’
[te'kɔ]	‘gente’	[ta'hiw]	‘formiga’
[ka'ʔi]	‘macaco’	[mɨ'kur]	‘mucura’

Não obstante a inexistência de vogais nasais em Tembé e em Guajajára, estas são levemente nasalizadas quando seguidas de consoantes nasais e ficam atenuadas em sílabas pré-tônicas, salvo quando a vogal encontra-se entre duas consoantes (cf. Eiró, 2001).

[hɛrəpijme]	‘em minha casa’	[nɔ'hɛʔmɨ]	‘ele não sai’
[i'dzarɨ]	‘dono dele’	[naipi'hɨmɨ]	‘ele não é preto’

Quanto ao padrão acentual do Tembé e do Guajajára há ocorrência de acento na última sílaba da palavra, quando esta é formada por duas sílabas ou mais.

[za'nɛ]	‘nós’	[ha'muj]	‘avô dele’
[pa'kɔ]	‘banana’	[ta'hiw]	‘formiga’
[ka'ʔi]	‘macaco’	[miri'kur]	‘lombriga’

O acento também ocorre na penúltima sílaba, frequentemente nos temas nominais flexionados por sufixos de caso ou de temas nominais ou verbais flexionados pelo sufixo de negação -i. Os exemplos a seguir aplicam-se tanto ao Tembé quanto ao Guajajára.

[hɛrə'pijme]	‘em minha casa’	[nɔ'hɛ↑mǝ]	‘ele não sai’
[i'dzarǎ]	‘dono dele’	[naipi'hunǝ]	‘ele não é preto’

1.5 A Estrutura Silábica do Tenetehára

Em Tembé e em Guajajára a sílaba é formada por um núcleo com margens não obrigatórias. A margem esquerda ou posição de onset pode ser ocupada por uma consoante apenas, e todas as consoantes podem ocorrer nessa posição. A margem direita ou coda, por sua vez, também só pode ser ocupada por um segmento consonantal. Os padrões silábicos do Tembé podem ser resumidos à forma canônica (C)V(C).

1.5.1 Padrão V – Este padrão ocorre em início, meio e fim de palavras e todas as vogais podem ocorrer nesse padrão.

/i'ta/	‘pedra’
/ia'pir/	‘ponta’
/atu'a /	‘cangote’

1.5.2 Padrão VC – ocorre com mais frequência em final de palavra .

/te'in/	‘eu estando sentado’
/moze'iw/	‘jararaca’
/ku'ok/	‘derramar’ (acidentalmente)

1.5.3 Padrão CV – é o padrão silábico mais comum e ocorre em posição inicial, medial e final de palavra.

/te'kɔ/	‘gente’
/zati'ʔú/	‘nós mordemos’
/so'sók/	‘socar’, ‘bater’

1.5.4 Padrão CVC – ocorre no início, no meio e no final de palavra.

/mir 'kwɛr/	‘bando de lagartas’
/ihem'haw/	‘saída dele’
/a'kəŋ /	‘cabeça’

1.5.5 Representação arbórea dos padrões silábicos do Tenetehára

Nas páginas seguintes são representados padrões silábicos que são válidos tanto para o Tembé quanto para o Guajajára.

Padrão V

Posição inicial	Posição medial	Posição final
<p>Palavra: /i'ta/ 'pedra'</p> <p>Sílaba V inicial: 'i'</p>	<p>Palavra: /ia'pɪr/ 'ponta'</p> <p>Sílaba V medial: 'a'</p>	<p>Palavra: /atu'a/ 'cangote'</p> <p>Sílaba V final: 'a'</p>

Padrão CV

Posição inicial	Posição medial	Posição final
<p>Palavra: /te'ko/ 'gente'</p> <p>Sílaba CV inicial: 'te'</p>	<p>Palavra: /zati'u/ 'nós mordemos'</p> <p>Sílaba CV medial: 'ti'</p>	<p>Palavra: /te'ko/ 'gente'</p> <p>Sílaba CV final: 'ko'</p>

Padrão VC

Posição final da palavra			
σ / \ A R C N C C t e	σ R / \ N coda V C i n	σ / \ A R C V k u	σ R / \ N coda V C o k
Palavra: /te'in/ 'estar.sentado'		Palavra: /ku'ok/ 'derramar' (acidentalmente)	
Sílabas VC final: 'in'		Sílabas VC final: 'ok'	

Padrão CVC

Posição inicial	Posição medial	Posição final
σ / \ A R C N C V C m i r	σ σ / \ R A R N C V C V C V C i h e m	σ σ / \ R A R N C V C V C V C a k ə ŋ
Palavra: /mir'k ^w er/ 'lagarta'	Palavra: /ihém'haw/ 'saída'	Palavra: /a'kəŋ/ 'cabeça'
Sílabas CVC inicial: /mir/	Sílabas CVC medial: 'hem'	Sílabas CVC final: 'kəŋ'

1.6 O sistema fonológico do Tenetehára em estágios mais antigos

Apresentamos aqui algumas observações sobre a fonologia Tembé conforme o que pôde ser depreendido dos registros de Cyriaco Baptista (1932) e de Boudin (1966). Traçamos algumas considerações a respeito dos fonemas /ʔ/, /kw/, /s/ e /z/, considerando a forma como foram registrados por esses autores e como isso contribuiu para o entendimento da variação que caracteriza a realização desses fonemas à época em que foram registrados bem como para o entendimento da sua atual configuração.

1.6.1 Os fonemas do Tembé conforme o registro de Cyriaco Baptista (1932)

1.6.1.1 Fonemas consonantais

Os fonemas consonantais nos dados de Cyriaco Baptista são os seguintes:

Quadro 9 – Quadro fonológico 2 das consoantes do Tembé (CYRIACO BAPTISTA, 1932)

		Labiais	Alveolares	Velares	Glottais
Oclusivas surdas	Simple	/p/	/t/	/k/	
	Labializada			/kw/	
Oclusivas sonoras			/z/		
Fricativas			/s/		/h/
Nasais	Simple	/m/	/n/	/ŋ/	
	Labializada			/ŋw/	
Flepe			/ɾ/		
Aproximante		/w/			

Cabe notificar que as únicas observações a respeito de pronúncia feitas por Cyriaco Baptista são: a) o h entre vogais sôa como dois rr, assim como na palavra ‘réu’, etc como nesta ‘ihéu’, ‘hú’, ‘hy’, etc (1932, p. 350). É importante notificar que esse autor não fez um inventário dos fonemas do Tembé, portanto, os fonemas que figuram no quadro anterior foram depreendidos dos dados do autor.

1.6.1.2 Fonemas vocálicos

Quadro 10 – Quadro fonológico 2 das vogais do Tembé (CYRIACO BAPTISTA, 1932)

/i/		/y/		/u/
		/ə/		
/e/		/a/		/o/

A representação dos fonemas vocálicos adotada por Cyriaco não apresenta problemas para a identificação dos fonemas /a/, /e/, /o/, /u/. Quanto à existência dos fonemas /y/ e /ə/, esta é deduzida da maneira como Cyriaco os representou: as palavras que atualmente apresentam o fonema /ə/, Cyriaco ora registrou com ã quando próxima de consoante nasal, ora com â nos demais contextos, na tentativa de assinalar a diferença entre esse fonema e o fonema /a/, conforme pode ser confirmado no quadro apresentado na página seguinte:

Quadro 11 – Representação do fonema /ə/ (CYRIACO BAPTISTA, 1932)

FONEMA	REPRESENTAÇÃO				
	CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009)	GLOSSA	
/ə/	ã	<i>pyrmã</i>	<i>rétĩmã ~ tétĩmã</i>	<i>-etĩmə</i>	perna

	â	<i>kûâ</i>	<i>kwä</i>	<i>-kwə</i>	‘dedo da mão’
		<i>âi</i>	<i>räy ~häy</i>	<i>-əj</i>	‘dente’
		<i>pyhâ</i>	<i>pĩhü</i>	<i>-pihə</i>	‘dedo do pé’
		<i>kyhâhâm</i>	<i>kĩhaw-ham</i>	<i>kĩhəhəm</i>	‘corda de rede’
/a/	á	<i>ziuá</i>	<i>zĩwa</i>	<i>ziwa</i>	‘braço’
		<i>tehá</i>	<i>tehá</i>	<i>teha</i>	‘olho de alguém’

Quanto à vogal central, oral, alta, esta é representada em Cyriaco com *ÿ* para assinalar a diferença entre a vogal anterior, alta, oral /i/, conforme pode ser percebido no quadro a seguir:

Quadro 12- Representação do fonema /i/ (CYRIACO BAPTISTA, 1932)

FONEMA		REPRESENTAÇÃO			
/i/	/ÿ/	CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009)	GLOSSA
		<i>pÿ</i>	<i>pĩ</i>	<i>-pi</i>	‘pé’
		<i>pÿtá</i>	<i>pĩta</i>)	<i>-pĩta</i>	‘calcanhar’
	/ý/	<i>yuehý</i>	<i>hĩ</i>	<i>-hi</i>	‘mãe’
/i/	/i/	<i>inimó</i>	<i>inimô (fio)</i>	<i>inimo ~nemo</i>	‘fio de algodão’
		<i>pina</i>	<i>pina</i>	<i>pina</i>	‘anzol’

Cabe observar que há certa oscilação quanto à representação desse fonema por Cyriaco Baptista, mas o ilustrado acima é o predominante.

1.6.2 Os fonemas do Temb  conforme o registro de Boudin (1966)

1.6.2.1 Fonemas consonantais

Consistem nos apresentados no quadro abaixo.

Quadro 13 – Quadro fonol3gico 3 das consoantes do Temb  (BOUDIN, 1966)

		Labiais	Alveolares	Velares	Glotais
Oclusivas surdas	Simples	/p/	/t/	/k/	/ʔ/
	Labializada			/kw/	
Oclusiva sonora			/z/		
Fricativas			/s/		/h/
Nasais	Simples	/m/	/n/	/ŋ/	
	Labializada			/ŋw /	
Flepe			/r/		
Aproximante		/w/			

1.6.2.2 Fonemas voc3licos

Correspondem aos fonemas apresentados na p3gina seguinte.

Quadro 14 – Quadro fonológico 3 da vogais do Temb  (BOUDIN, 1966)

/i/		/i/		/u/
		/�/		
/e/		/a/		/o/

Em Boudin, a vogal / / central média oral   registrada como / / e a vogal /i/ central alta, oral   registrada como /i/ conforme pode ser atestado nos dois quadros anteriores.

1.6.3 O registro da consoante /ʔ/ em Cyriaco Baptista e em Boudin

Nos dados de Cyriaco Baptista não havia qualquer indica o da ocorrência de consoante oclusiva glotal. Nos dados de Cyriaco Baptista   possível observar que havia alternância, em contextos idênticos, do registro de [h] e [ ] como em mah  ~ ma ; kuh k ~ ku k . Nos dados de Boudin, j    encontrado o registro da consoante oclusiva glotal /ʔ/, ocorrendo, em grande número de casos, no mesmo contexto onde havia o registro da consoante fricativa glotal /h/ em Cyriaco Baptista como atestam os exemplos de 1 a 43 no quadro a seguir. Nota-se que, nos demais exemplos permanece em Boudin o fonema /h/. O símbolo usado por Boudin para representar a oclusiva glotal  : (').

Na página seguinte apresentamos o quadro contendo os exemplos da situa o descrita.

Quadro 15 – Representação do fonema /ʔ/ em Cyriaco Baptista, em Boudin e em Silva

	GLOSSA	TEMBÉ		
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009)
01	carne, corpo...	<i>ó</i>	<i>'o</i>	<i>-oʔo kwɛr</i>
02	carnudo	<i>tohó ~ tio</i>	<i>oo ~ tóo</i>	<i>-oʔo katu ~ toʔo katu</i>
03	filho	<i>-ahỹr</i>	<i>a'ír</i>	<i>-aʔír</i>
04	filho dele	<i>tahỹr</i>	<i>ta'ír</i>	<i>t-aʔír</i>
05	irmão mais velho do homem	<i>týkỹhỹr</i>	<i>tíkê'ír</i>	<i>híkíʔír</i>
06	mato, erva, folha	<i>kahá</i>	<i>ka'á</i>	<i>kaʔa</i>
07	cagador	<i>káhápáu</i>	<i>ka'a-paw</i>	<i>kaʔapaw</i>
08	feijão	<i>cumanahi</i>	<i>kumana'i</i>	<i>kumanaʔi</i>
09	dono de taberna	<i>mahémaézar</i>	<i>ma'ê-zar</i> (dono de bens materiais)	<i>maʔemaʔezar</i>
10	carne de boi	<i>tapihiróhókuer</i>	<i>toókwêr</i> (carne humana) <i>ma'è-róokwêr</i> (carne em geral)	<i>tapiʔirokwer</i>
11	moquiado	<i>kêhé</i>	<i>kā'ê (93)</i>	<i>keʔe</i>
12	bêbedo ou estar porre	<i>cahú</i>	<i>ka'ú</i>	<i>kaʔu</i>
13	cantar	<i>zéngar, zéhéngar</i>	<i>ze'ëngar</i>	<i>zeʔar</i>
14	doença	<i>maéahỹ</i>	<i>ma'ê ahĩ</i>	<i>maʔe ahĩ</i>
15	mato	<i>kahá (N.: kaa)</i>	<i>ka'a</i>	<i>kaʔa</i>
16	folha	<i>káharuér</i>	<i>ka'a-ro-wêr (93)</i> (folha caída)	<i>kaʔa</i>

			<i>ka'a-ro(w)</i> (93)	<i>kazu ruer</i> <i>petei huer</i>
17	capim	<i>káhápihi</i>	<i>ka'a-pĩ</i>	<i>kaʔa piʔi</i>
18	que flor!	<i>mãe putÿrã</i>	<i>ma'ê-putĩr</i> (219) (flor)	<i>maʔe putĩrə</i>
19	cupim	<i>cupihi</i>	<i>kupi'i</i>	<i>kupiʔi</i>
20	arroz	<i>auatihi</i>	<i>awati'i</i>	<i>awatʃi apo</i>
21	maniva	<i>monihÿu</i>	<i>mani'ĩw</i>	<i>maniʔi werə</i>
22	açaí	<i>uassahi</i>	<i>watza'i</i> (286)	<i>uasaʔi</i> (glotal bem leve)
23	periquito	<i>túhi</i>	<i>tu'i</i> (p.271)	<i>tuʔi</i>
24	japim	<i>zapihi</i>	<i>zapi'i</i>	<i>zapiʔi</i>
25	boi	<i>tapyhir</i>	<i>tapi'ir</i>	<i>tapiʔir</i>
26	vacca	<i>tapyhir-cuzã</i>	<i>tapi'ir-kuzã</i>	<i>tapiʔir hiãw</i>
27	chifre de boi	<i>tapyhir-ák</i>	<i>tapi'ak</i> (boi/ a anta de chifre) gado bovino em geral (chifrudo, cornudo)	<i>tapiʔi iak</i>
28	macaco	<i>cahy</i> (N.: kai)	<i>ka'i</i> (macaco em geral)	<i>kaʔi</i>
29	macaco cuxiú	<i>câhyhú</i>	<i>ka'i-uhu</i> (macaco grande/ macaco caiçara)	<i>kutʃihu</i>
30	anta	<i>tapihyr káhapor</i>	<i>tapi'ir</i> (240)	<i>tapiʔir</i>
31	preguiça	<i>ahÿ</i>	<i>ran-ahĩ</i> (preguiçoso) <i>ran-a'i</i> (não prestar, não crescer)	<i>aʔi</i>
32	preguiça real	<i>ahÿhú</i>	-----	<i>aʔi hu</i>

33	depressa	<i>náháréu</i>	<i>na'aréu</i> (depressa, ligeiro)	<i>naʔarew</i> ~ <i>narew</i>
34	ajunta	<i>mõnõhõng</i>	<i>mono'õng</i>	<i>-monoʔoŋ</i>
35	cair	<i>ar</i>	<i>'ar</i> (com glotal)	<i>ʔar</i>
36	eu cá	<i>ahár</i>	<i>a'ar</i>	<i>a-ʔar</i>
37	derramar	<i>kuhók, kuók</i>	-----	<i>kuok</i> (derramar acidentalmente)
38	olhar ou acordar	<i>mâhê</i>	<i>ma'ê</i>	<i>-meʔe</i>
39	falla	<i>zehéng</i>	<i>ze'ëng</i>	<i>zeʔeŋ</i>
40	preguiça	<i>nahỹ</i>	<i>a'i</i> (17) “preguiça” <i>ran-ahĩ</i> (“ser preguiçoso)	<i>aʔi</i> <i>ranahĩ</i>
41	assobio de alguém	<i>tymuzéhén</i>	<i>timĩ-zé'ëng</i> (assoviar)	<i>tĩmuzeʔem</i>
42	forçudo	<i>kỹrỹmáu máhé</i>	<i>kĩrĩmaw-ma'ê</i>	<i>kĩrĩmaw maʔe</i> (homem fazedor de força)
43	queixada	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>
44	veado	<i>arapuhá</i>	<i>arapuhá</i>	<i>arapuhá</i>
45	azedo	<i>azáhỹ</i>	<i>azahĩ</i>	<i>hazahĩ</i> ~ <i>azahĩ</i>
46	preto	<i>pihun</i>	<i>pihun</i>	<i>pihun</i>
47	muito bonito	<i>ikatéhété</i>	<i>kateté</i> ~ <i>kate-eté</i> (98)	<i>katete</i>
48	banhar	<i>záhak</i>	<i>zahak</i>	<i>-zahak</i>
49	beliscar	<i>pihanu</i>	<i>piham</i> (194)	<i>piham</i>
50	ficar sério ou zangar	<i>kuáhỹ</i>	<i>ahĩ-ahĩ</i> (17)	<i>-kwahĩ katu</i>

51	pesar	<i>puhyĩ</i>	<i>puhỹ</i>	<i>-puhĩj</i>
52	sonhar	<i>puahỹ</i>	<i>puayhu</i>	<i>-puaihu</i>
53	o que é?	<i>mahénã</i>	<i>ma'ê-té (o que é isto?)</i>	<i>maʔe</i>
54	é certo	<i>azéhárumu</i>	<i>azéha-ramo</i>	<i>azeha ramo</i>
55	coceira	<i>zuhar</i>	<i>zuhar</i>	<i>-zuhar</i>
56	dedo do pé	<i>pyhá</i>	<i>pĩ-hã</i>	<i>-pihə</i>
57	unha dos pés	<i>pyápé</i>	<i>pĩ-hã-pê</i>	<i>-piape</i>
58	cavador (cavar), o que vier	<i>zyhỹr</i>	<i>zihĩr</i>	<i>ĩwĩkəjtər</i>
59	sono	<i>pêhy</i>	<i>rupéhĩ ~ tupêhỹ</i>	<i>pihĩj</i>
60	amanhã	<i>pyhânê</i>	<i>pĩhawê (194)</i>	<i>pihawê</i>
61	pedaço	<i>péhénguér</i>	<i>pehëngwêr</i>	<i>-peĩwərər</i> (pedacinho) <i>-peheĩwər</i>

1.6.4 O registro das realizações do fonema /z/ em Cyriaco Baptista e em Boudin

Tanto nos dados de Cyriaco Baptista como nos dados de Boudin, não há qualquer indicação de que o fonema /z/ se realizava como [d], mas a respeito das realizações deste fonema, há uma importante observação de Boudin:

“O ‘z’ segundo um processo de aglutinação próprio, que será estudado numa Gramática de Tupi Moderno, na parte reservada à Fonética, muda, às vezes, em ‘y’ quando entre duas vogais, pronunciando-se como um jota português: Ex.; i-z-wi= junto dela.” (BOUDIN, 1966, p. 12).

A situação referida por Boudin é fartamente confirmada em nossos dados atuais do Tembé e do Guajajára. No que diz respeito à ocorrência de [d] no Tembé falado à época de Cyriaco Baptista, não há qualquer indicação nesses dados que apontem ao menos para uma possível situação de variação entre [d] e [z]. Isso é reforçado no registro de Boudin em que não há a indicação de [d] ocorrendo nem como forma variante do fonema /z/.

Os fonemas /d/ e /z/ respectivamente do Tembé e do Guajajára são reflexos do PTG *j. É muito provável que em estágio anterior do Tenetehára teria havido a seguinte situação: os reflexos do PTG *j teriam sido [dz] diante de vogais baixas e [dʒ] diante de vogais mais altas, [j] diante de silêncio e [ɲ] antes de n. Em estágio subsequente a língua começou a mudar [dz] em [d] e [z] e [dʒ] em [d] e [ʒ] com a desnasalização vocálica, condição para que [ɲ] viesse a ser pronunciado como [d] e [z]. É possível que a separação do Tembé e do Guajajára tenha-se dado nesta época de forma que na 1ª tenha prevalecido [d] e na 2ª [z]. Em Tembé verifica-se a ocorrência de [d] em todos os ambientes, inclusive em posição de coda. Já em Guajajára foi o [z] que se estendeu até mesmo a esta posição. Há em Tembé alguma variação de [z] e [d], mas é o [d] que tem distribuição mais ampla e também é a variante mais usada por todos os gêneros e faixas etárias. Em Guajajára também há uma situação de variação entre [d] e [z], mas ao contrário do Tembé, é o [z] que ocorre em todos os ambientes e é usada por gêneros e faixas etárias distintas. Outra importante comprovação do exposto encontra apoio nos dados de Ehrenreich (1895) sobre o Guajajára. Conforme esses dados, vocábulos registrados com [y] mudaram sistematicamente a [z] ~[d] conforme o exposto no quadro a seguir. Isso é um forte indicador de que pouco tempo após a cisão do povo Tenetehára, alguns vocábulos ainda eram pronunciados com [y] entre os Guajajára, ocorrendo a mudança j > z / j > d somente após a cisão.

Na página seguinte apresentamos um quadro com os exemplos ilustrativos da situação.

Quadro 16 – Os fonema /j/ e /z/ em Ehrenreich, Cyriaco Baptista, Boudin e Silva

Nº	PORTUGUÊS	EHRENREICH 1895 Guajajára	CYRIACO BAPTISTA 1932 Tembé	BOUDIN 1966 Tembé	SILVA 2009 Tembé	SILVA 2009 Guajajára
01	braço	<i>iua</i>	<i>ziuá</i> (N.:hejywá)	<i>zīwa</i> (329)	<i>ziwa</i> <i>diwa</i>	<i>ziwa</i>
02	lua	<i>yahē</i>	<i>zahỹ</i> (N.: <i>zahý</i>)	<i>zahĩ</i> (296)	<i>zahĩ</i> <i>dahĩ</i>	<i>zahĩ</i>
03	estrelas	<i>yahetata</i>	<i>zahỹtátá</i>	<i>zahĩ-tata</i> (296) 'estrela, astro'	<i>zahĩ</i> <i>tata</i> <i>dahĩ</i> <i>tata</i>	<i>zahĩ tata</i>
04	caju	<i>akayú</i>	<i>akazú</i>	<i>akazu</i> (21)	<i>akazu</i> <i>akadu</i>	<i>akazu</i>
05	jaguar	<i>yauarihū</i>	<i>zauáruhú</i>	<i>zawar-uhu</i> (303)	<i>zawar</i> <i>dawar</i>	<i>zawaruhu</i>

1.6.5 O registro do fonema /kw/ nos dados de Boudin

Embora Boudin não reconheça a existência do fonema /kw/, os dados apresentados por ele mostram a existência deste como fonema da língua conforme atestam os exemplos *ker* (dormir) e *kwer* (sufixo indicando o passado).

1.6.6 O registro do fonema /s/ nos dados de Cyriaco Baptista e de Boudin

Quanto ao registro do fonema /s/ nos dados de Cyriaco Baptista e nos de Boudin, nota-se que nos contextos onde aquele registrou com *ss*, *ç* e *c* este registra com *tz* ou com *z*, com exceção da palavra *wysa-miri* que Boudin registra como *wĩra-miri*.

Quadro 17 – Representação do fonema /s/ em Cyriaco Baptista e em Boudin em comparação com dados atuais do Temb  e do Guajajára

N�	TEMB�		TEMB�	GUAJAJÁRA
	CYRIACO (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009)	SILVA (2009)
01	<i>c�r�mi-ass�</i>	<i>kunumi watzu-mehe</i>	-	-
	‘moço’	‘quando muito menino’, ‘quando menino demais’	-	-
02	<i>�aku�</i>	<i>z�kw�</i>	-	-
	‘senhora ou dona’	‘usado para dirigir-se às mulheres e aos meninos’	-	-
03	<i>�v�c�</i>	<i>awatza</i>	-	-
	‘namorada’	‘amante’	-	-
04	<i>p�r�c�i</i>	<i>paratz�y</i>	<i>paras�j</i>	-
	‘dançar’	‘dançar’	‘dançar’	-
05	<i>uassahi</i>	<i>watza ’i</i>	<i>uasa ř</i>	-
	‘assahy’	‘jussara’, ‘assai’	‘a�ai’	-
06	<i>uysa-miri</i>	<i>wĩra-miri</i>	<i>wĩra-miri</i>	<i>wĩra-miri</i>
	‘passarinho’	‘passarinho’	‘passarinho’	‘passarinho’

07	<i>CE</i>	<i>tzê</i>	<i>se</i>	<i>se</i>
	‘aqui’	‘aqui’ ~ ‘cá’	‘aqui’	‘aqui’
08	<i>muçárái</i>	<i>zé-mu-tzaray</i>	<i>zemusaraj</i>	<i>zemusaraj</i>
	‘brincar’	‘brincar’, ‘zombar’, ‘folgar’, ‘divertir-se’, ‘jogar’	‘brincar’	‘brincar’
09	<i>çok</i>	<i>tzók</i>	<i>sok</i>	<i>sok</i>
	‘pilar ou soccar’	‘pisar’, ‘socar’, ‘moer’, ‘pilar’	‘pilar ou soccar’	‘pilar ou soccar’
10	<i>çak</i>	<i>êtzak</i>	<i>esak ~ etfak</i>	<i>esak ~ etfak</i>
	‘ver’	‘ver’, ‘olhar’, ‘vigiar’, ‘achar’	‘ver’, ‘olhar’, ‘vigiar’, ‘achar’	‘ver’, ‘olhar’, ‘vigiar’, ‘achar’
11	<i>áçáçáu</i>	<i>atzaw</i>	<i>asaw</i>	<i>asaw</i>
	‘furar’	‘esburacar’, ‘furar’, ‘perfurar’, ‘atravessar’	‘furar’, ‘perfurar’, ‘atravessar’	‘furar’, ‘perfurar’, ‘atravessar’

Nota-se que o vocábulo a seguir registrado por Cyriaco como **zu** e por Boudin como **tzu** atualmente apresentam as variantes **zu** e **su**.

Quadro 18 – Representação das variantes z e s em Tembê e em Guajajára

TEMBÊ			GUAJAJÁRA
CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009)	SILVA (2009)
zu	tzu	su ~ zu	su ~ zu
‘espinho’	‘espinho’, ‘farpa’, ‘sensitiva (flor)’	‘espinho’	‘espinho’

Nos dados de Ehrenreich (1895) sobre o Guajajára observa-se o registro de alguns vocábulos com o fonema /s/: Contrastando esses dados com os do Temb e e do Guajajára atuais nota-se: a) perda do /s/; b) manuten o do /s/; c) mudança de s > t; d) mudança de s > tʃ.

Quadro 19 – Representa o do fonema /s/ em Tembe e em Guajajára conforme Ehrenreich (1895) e Silva (2009)

	GLOSSA	GUAJAJ�ARA		TEMB�E
		EHRENREICH (1895)	SILVA (2009)	SILVA (2009)
01.	‘surucucu’	<i>surukus�</i>	<i>moj kaʔapor</i>	<i>urukuku</i>
02.	‘macaxeira’	<i>manikas�ra</i>	<i>makaser</i>	<i>makaser</i>
03.	‘frango’	<i>sapukaya</i>	<i>zapukaj ~ sapukaj</i>	<i>zapukaj</i>
04.	‘nariz’	<i>was�</i>	<i>ti</i>	<i>ti</i>
05.	‘fumaça’	<i>tata s�</i>	<i>tata timorer</i>	<i>tatatʃiŋ</i>
06.	‘milho’	<i>osi</i>	<i>awatʃi</i>	<i>awatʃi</i>
07.	‘cotia’	<i>akusiri</i>	<i>akutʃi</i>	<i>akutʃi</i>

A altern ncia de registro demonstrada nos pr prios dados de Cyriaco Baptista, bem como nesses dados em compara o com os de Boudin podem constituir evidência da situa o de varia o já existente no Temb e falado no Gurupi envolvendo aqueles fonemas   época em que os registros de Cyriaco e de Boudin foram produzidos. Nota-se que o Guajajára, atualmente, ainda mant m a forma *sapukaj* ‘frango’ como ainda o era no século XIX.

1.6.7 A ocorrência do fonema /p/ em final de vocábulo

Na reconstrução proposta para o Proto-Tupi, Rodrigues (1984-1985) mostra o fonema /p/ ocorrendo em fim de palavra, com o reflexo /β/ na família Tupi-Guarani, bem como a conservação de consoantes finais, com ou sem modificações no subramo IV. Nos exemplos apresentados por Rodrigues, nota-se a ocorrência dos fonemas /w/ e /r/ em Tenetehára como se pode notar nos exemplos a seguir:

Quadro 20 – Representação do fonema /p/ em fim de vocábulo

	*PT	*TG	TEMBÉ	GUAJAJÁRA
01	** pap	* paβ	upa ~ upaw	upa ~ upaw
	‘morrer’	‘morrer muitos’, ‘acabar-se’	‘acabar’	‘acabar’
02	** AP	* -aβ	-aw	-aw
	‘cabelo’, ‘pena’	‘cabelo, pena’	‘cabelo’	‘cabelo’
03	** ηap	* kaβ	kawə	kawə
	‘vespa’ /’wasp’		‘caba’, ‘vespa’	‘caba’, ‘vespa’
04	** kwap?	* kwaβ	-kwaw	-kwaw
	‘passar’	‘passar’	‘passar’	‘passar’
05	** perjep	* pereβ	perew	perew
	‘ferida’	‘ferida’	‘ferida’	‘ferida’
06	** kjap	* kaβ	-kawer	-kawer
	‘gordura’	‘gordura’	‘gordura’	‘gordura’
07	** ηkip	* kiβ	kiw	kiw
	‘piolho’	‘piolho’	‘piolho’	‘piolho’

08	** akjup	* akuβ	-aku	-aku
	‘quente’	‘quente’	‘quente’	‘quente’
09	** epwa	* -oβa	-uwa	-uwa
	‘rosto’	‘rosto’	‘rosto’	‘rosto’
10	** ipwi	* iβi	iwi	iwi
	‘terra’	‘terra’	‘terra’	‘terra’
11	** kipwit	* kiβir	kiwir	kiwir
	‘irmão de mulher’	‘irmão de mulher’	‘irmão’	irmão de mulher’
12	** ewit	* eir	-əʔirə	-əʔirə
	‘mel’, ‘abelha’	‘mel’, ‘abelha’	‘mel’, ‘abelha’-	‘mel’, ‘abelha’-
13	** et	* -er	-er	-er
	‘nome’	‘nome’	‘nome’	‘nome’
14	** kʔat	* ʔar	-ar	-ar
	‘cair’, ‘nascer’	‘cair’, ‘nascer’	‘cair’, ‘nascer’	‘cair’, ‘nascer’
15	** -ut ~ ** wut	* -ur ~ jur	-zur	-zur
	‘vir’	‘vir’	‘vir’	‘vir’

Em Tembé algumas ocorrências de /p/ em fim de palavra, provavelmente são resultado da combinação com a posposição *pe* ‘em’, ‘de’ conforme mostram os exemplos a seguir:

katup ‘fora’

1. *katup*

fora

‘fora’

Em Boudin (1966, p. 99) há o registro *katupê* ‘fora de’. Em Cyriaco Baptista há o registro de *cátúp* significando ‘fora’ e *catupé érahá* ‘leva lá fora’ (1932, p.359). Há também em Cyriaco Baptista a ocorrência da palavra *tumácáp* com o significado de ‘para baixo’ ou ‘salgado’ (1932, p. 358).

tuap ‘fronte’

2. *ne r-etuap*

2 R1-fronte

‘tua fronte’

Boudin registra para ‘fronte’ a mesma palavra usada para ‘rosto’: ***tuwa*** (1966, p. 274).

kuau ‘metade’, ‘meio’

3. *ne apeku kuap*

2 língua meio

‘o meio da tua língua’

Em Boudin (1966, p. 05) a palavra correspondente a ‘cintura’, ‘o meio’, ‘a metade’, ‘o meio entre extremos’ é ***ku’a***.

pe zaʔakap ‘encruzilhada’

4. *pe zaʔakap*

‘encruzilhada’

‘encruzilhada’

Em Boudin (1966, p.190) há o registro de *pê-za’ak* significando ‘dividir-se o caminho’, ‘bifurcar o caminho’.

pupip ‘canto’

5. *i-pupip*

R2-canto-LOC

‘canto dela (da casa)’

A palavra para ‘lado’, ‘canto’, ‘borda’, ‘fundo’, ‘a quina’ é *pupi*, segundo o registro de Boudin (1966, p.213).

A palavra ‘roça’ no exemplo da língua Guajajára a seguir funde-se com a posição *pe* tornando-se uma palavra que se ajusta a um antigo padrão do passado de seu ancestral.

6. *ure pe-n-esak kop kwej*

13 2-R1-ver roça RLZ

‘nós vimos vocês na roça’

7. *na pe-nesak akop kwej*

NEG 23-ver roça RLZ

‘nós não vimos vocês na roça’

8. *u-ze-mu-apip-hap*

3-REC-CAUS-furar-NOM6

‘a circunstância de duas pessoas se furarem numa briga’

Jensen (1989) mostra que as formas -hap e -hat são reflexos dos nominalizadores de circunstância e de agente do PTG *-tsaβ e *-tsar respectivamente.

1.7 O sistema vocálico do Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV da família Tupi-Guarani.

De acordo com Rodrigues (2005, p. 42) “o sistema vocálico do Proto-Tupí tinha seis vogais orais e não cinco, como é o caso da maioria das famílias lingüísticas dele descendentes”.

Quadro 21 – Representação das vogais orais do Proto-Tupí

PT	PTG
**i	*i
**ī	*ī
**u	*u
**e	*e, o
**a	*a
**o	*o

Na primeira divisão de seções da família Tupi-Guarani proposta por Rodrigues (1984/1985, p. 39) fariam parte do subconjunto IV da família Tupi-Guarani as seguintes línguas e dialetos: Tapirapé, Avá (Canoeiro), Asurini do Tocantins (Akuáwa), Suruí do Tocantins (Mujetire), Parakanã, Guajajára e Tembê cujas características mais gerais em relação ao PTG seriam as seguintes:

- conservação das consoantes finais, com ou sem modificações;
- fusão de *tx e *ts, ambos mudados em h;
- mudança de *pw em *kw;
- mudança de *pj em tx ou ts;
- mudança de *j em tx, ts, s ou z.

Na segunda proposta de subdivisão interna da família Tupí-Guaraní (2002), Rodrigues e Cabral propõem a reformulação de critérios e dados adicionais. No que diz respeito ao ramo IV há a inclusão do Turiwara nesse ramo e entre os critérios reformulados consta o seguinte:

* mudança de *j em tʃ, ts, s, z ou d em substituição ao critério anterior que propunha a mudança de *j em tʃ, ts, s, z de modo a dar conta de um dos dialetos do Tembé.

Figueiredo (2004) procede a uma comparação fonológica entre as línguas do subramo IV da família Tupí-Guaraní e os resultados mostram que o Tembé é a língua que mais se diferenciou das demais. Conforme Figueiredo:

Embora os dados disponíveis do Turiwára consistam em uma reduzida lista de palavras, a presença das formas de primeira pessoa ihé e hé nessa língua comprova a sua estreita proximidade com o Tembé. O Suruí se aproxima mais do Tembé do que das outras línguas no que diz respeito a certos aspectos da fonologia, como a presença de w, r e k em final de palavra, bem como na manutenção do contraste entre u e o. Com respeito a esse último traço, também se associam a essas duas línguas o Turiwára e o Avá-Canoeiro. Há um significativo traço fonológico que aproxima o Tapirapé ao Asuriní do Tocantins e ao Parakanã, que é a mudança do PTG *o em a e do PTG *u em o. Embora o Tapirapé tenha desenvolvido outras mudanças vocálicas independentemente, as duas mudanças mencionadas constituem fortes indicações de maior proximidade entre o Asuriní do Tocantins, o Parakanã e o Tapirapé (2004, p.104).

1.8 Considerações gerais

O Tembé e o Guajajára apresentam poucas diferenças fonológicas entre si. O que as diferencia mais é a presença de [d] em uma variedade quando na outra o som correspondente é [z]. Mas no Tembé, onde prevalece [d], há também alternância entre [d] e [z]. É notável a alternância entre [d] e [r] em Guajajára, como expomos anteriormente. Entretanto, considerando o Tenetehára como língua que deu origem as duas línguas atuais, Tembé e Guajajára, a mais considerável mudança estrutural ocorrida em sua história no que diz respeito à sua fonologia consiste no aparecimento de um novo fonema vocálico (/ə/) (CABRAL; CORRÊA DA SILVA; JULIÃO e MAGALHÃES, 2005). A existência de variantes Timbira – caracterizadas pela presença desse fonema – faladas na região entre os rios Tocantins e Mearim, a mesma área em que as variantes Tenetehára são faladas, apontam para uma mudança influenciada por interferências externas. A história do povo Tenetehára já anteriormente apresentada mostra o contato entre os índios Tenetehára e os Timbira naquela região do Maranhão.

Importante análise da difusão lingüística entre o Baixo Tocantins e o Rio Mearim é apresentada por Cabral (CABRAL; CORRÊA DA SILVA; JULIÃO e MAGALHÃES, 2005) que apresentam argumentos em favor de que essa área é uma área lingüística. O estudo dessas autoras será retomado adiante com mais detalhamento na análise mais geral deste trabalho.

Podemos concluir, de acordo com o exposto, que as duas línguas apresentam diferenças mínimas na fonologia.

CAPÍTULO 2 - O SISTEMA PESSOAL DO TENETEHÁRA

2. Introdução

Neste capítulo comparamos, primeiramente, o sistema pessoal do Tembé e do Guajajára, com base nos estudos de Bendor-Samuel (1972), Harrison (1986), Duarte (1997), Carvalho (2001), Cabral (2001) e Silva e Cabral (2005), tendo em vista identificar as diferenças e similaridades entre os dois sistemas. Os resultados da comparação constituirão fundamentos para a hipótese da constituição do sistema pessoal do Tenetehára antes da sua diversificação em duas línguas. As duas línguas Tenetehára são comparadas com outras línguas do sub-ramo quatro, mas também com línguas do sub-ramo VIII, vizinhas do Tembé e do Guajajára, com o Tupinambá e com a língua Geral Amazônica e com línguas do sub-ramo V. O objetivo é encontrar pistas que esclareçam sobre a origem do Tenetehára. Finalmente são comparados três estágios distintos do Tenetehára por meio de dados coletados em três épocas distintas ao longo de um século, os quais podem fornecer pistas sobre particularidades do sistema pessoal mais antigo do Tenetehára.

Com as comparações do sistema pessoal reunimos fundamentos para o diagnóstico final sobre a classificação interna do Tenetehára na família Tupí-Guaraní. Destacamos neste estudo a natureza das mudanças que ocorreram durante a história do Tenetehára e que mostram o caminho que levou esta língua a tornar-se independente das demais línguas da família e a sua posterior diversificação em Tembé e Guajajára.

2.1 A constituição do sistema pronominal do Tembé e do Guajajára

O sistema pronominal do Tembé e do Guajajára consiste em três séries de pronomes independentes e de quatro séries de prefixos pessoais. Esta análise aproxima-se mais da descrição resumida das expressões de pessoa do Guajajára apresentada em Harrison (1986) e do Tembé por Carvalho (2001), com pequenas diferenças devido à reanálise de alguns dados que propomos no presente estudo. Das três séries de pronomes, chamamos de Série I a constituída por pronomes que podem ocorrer como único elemento em um enunciado e que em várias situações são usados para efeitos de

ênfase, mas em outras situações são usados para desambiguar e, ainda, em outras, sua presença é meramente redundante. A Série II contém formas dependentes no sentido de que nunca ocorrem sozinhas em um enunciado e, em todas as situações que ocorrem, determinam núcleos que, por sua vez, as subordinam e, juntos, formam um sintagma em que nada pode intervir na relação estabelecida. A série III é constituída de um único pronome de segunda pessoa que codifica um agente que age sobre uma primeira pessoa.

2.1.1 Pronomes pessoais do Tembê e do Guajajára

Quadro 21 – Pronomes pessoais do Tembê e do Guajajára

GLOSSA	TEMBÊ			GUAJAJÁRA		
	SÉRIE I	SÉRIE II	SÉRIE III	SÉRIE I	SÉRIE II	SÉRIE II
1	<i>ize, ihe ~ he</i>	<i>he</i>		<i>ihe</i>	<i>he</i>	
2	<i>ene ~ ne</i>	<i>ne</i>	<i>pe</i>	<i>ne</i>	<i>ne</i>	<i>pe</i>
23	<i>pe</i>	<i>pe</i>		<i>pe</i>	<i>pe</i>	
12(3)	<i>zane, dane</i>	<i>zane, dane</i>		<i>zane</i>	<i>zane</i>	
13	<i>ure/ore</i>	<i>ure/ore</i>		<i>ure</i>	<i>ure</i>	

Bendor-Samuel (1972, p. 88) observa que, em Guajajára, a forma *ihe* só ocorre em combinação com a posposição *pe* e que a forma *he* ocorre nos demais ambientes. No Tembê, como será ilustrado pelos exemplos seguintes, a forma independente é sempre *ihe* e a dependente é sempre *he*, pelo menos nos dados de que dispomos até o presente. Os exemplos a seguir ilustram os pronomes da Série I como sujeito de verbo intransitivo e de verbos transitivo tanto em Tembê como em Guajajára.

2.1.1.1 Pronomes da Série I

Tembé

Como sujeito de verbo intransitivo

Exemplos:

9. *ihe a-zeŋar Ø-poraŋ ete*
1 1-cantar R¹-bonito INT3
'eu canto bem'
10. *ne re-dahak ʔi r-upi*
2 2-tomar banho rio R¹-PER
'você toma banho pelo rio'
11. *dane-ə ru-ata dane Ø-pirehar-ʔim*
12-ARG 13-andar 12 R¹-sapato-NEG
'nós estávamos andando sem sapato'
12. *ure-ə uru-dahak ʔi r-upi*
13 13-tomar banho rio R¹-PER
'nós tomamos banho pelo rio'
13. *pe-ə peho kwej kaʔa r-upi pe Ø-wirapar-ʔim*
2- ARG 2-ir RLZ mato R¹-PER 2 R¹-arco- NEG

‘vocês foram para o mato sem o arco de vocês’

Como sujeito de verbo transitivo

Exemplos:

14. *ihe-ə a-sosok uasaʔi-∅*
1- ARG 1-socar açai- ARG
‘eu amassei açai’

15. *ne re-ʔu iŋa-∅ zoromo apiw pako-ə no*
2 2-comer ingá- ARG melancia banana- ARG também
‘você comeu ingá, melancia e banana também’

16. *ure-ə ru-mupəi kwej awa r-ehe*
13- ARG 13-bater RLZ homem em.relação.a
‘nós batemos no homem’

17. *zane ti-káʔk maniʔok*
12 12-ralar mandioca
‘nós ralamos a mandioca’

1 Falantes da aldeia Tekohaw no Gurupi estão usando as formas alternativas *-mupə* e *-nupə* para o verbo ‘bater’.

18. *pe-ə* *pe-mupə* *kwej* *awa* *r-ehe*
 23- ARG 23-bater RLZ homem R¹-em.relação.a
 ‘você**s** bateram no homem’

Guajajára

Como sujeito de verbo intransitivo

Exemplos:

19. *ziʔj* *due* *a-ker* *ihe-ə*
 cedo HAB1 1-dormir 1- ARG
 ‘eu sempre durmo cedo’

20. *ne* *re-ata* *∅-iko* *ziaiw-pe*
 2 2-andar 3-estar.em.mov. mato-LOC
 ‘você anda pelo mato’

21. *zane* *za-zur* *naʔarew* *ahĩ* *zane-ə*
 12 12-vir pressa INT2 12- ARG
 ‘nós viemos com muita pressa’

22. *uru-hem* *ta* *oro-ho* *ure-ə*
 13-jogar PROJ2 1-ir 13- ARG

‘nós vamos sair’

23. *pe-zemiŋkar ta pihəwe pe no*
23-caçar PROJ2 amanhã 23 também
‘vocês vão caçar’

Como sujeito de verbo transitivo

Exemplos:

24. *a-pukuj tiram ihe riŋ*
1-torrar farinha 1 AFIRM
‘eu torro farinha’
25. *ne re-pihik he ziwa r-ehe kwej*
2 2-pegar 1 braço R¹-em.relação.a RLZ
‘você pegou pelo meu braço’
26. *zane ti-zutim maniŋok kwej*
12 12-plantar mandioca RLZ
‘nós plantamos mandioca’
27. *ure ne re-noz kwez*

13 2 2-chamar RLZ

‘nós chamamos você’

28. *pe pe-rur pira zane-we kwez*

23 23-trazer peixe 12-DAT RLZ

‘vocês trouxeram peixe para nós’

2.1.1.2 Pronomes da Série II

Na função de possuidor

Tembé

Exemplos:

29. *he Ø-miriro u-zeɽar u-iko*

1 R¹-neto 3-cantar 3-estar.em.movimento

‘meu neto está cantando’

30. *a-zuhaw ihe Ø-ziwa-Ø*

1-quebrar 1 R¹-braço- ARG

‘quebrei meu braço’

31. *ne zarɸ̃ u-zami i-perew u-ini*

2 avó 3-espremer R²-ferida 3-estar.sentado

‘tua avó está espremendo (sentada) o tumor (da perna do menino)’

32. *amono maper kwej ne r-íwí-pe*

1-dar livro RLZ 2 R¹-irmão- DAT

‘eu dei um livro para o teu irmão’

33. *zane ti-mumuj zane Ø-ɔaw kwej*

12 12-pentear 12 R¹-cabelo RLZ

‘nós (nos) penteamos nosso cabelo’

34. *zane r-ekohaw uhuaɔu*

12 R¹-aldeia grande

‘nossa aldeia é grande’

35. *ure ru-mumuj ure Ø-ɔaw kwej*

13 13-pentear 13 R¹-cabelo RLZ

‘nós penteamos nosso cabelo’

36. *reɔu katu ure r-emiɔu-ə*

2-comer bem 13 R¹-comida- ARG

‘você gosta de nossa comida?’

37. *pe pe-zaikaw pe Ø-namĩ-ə*
 23 23-cortar 23 R¹-orelha- ARG
 ‘você cortaram a própria orelha de você’

38. *pe pe-zamutar katu pe n-aʔĩr*
 23 23-gostar bem 23 R¹-filho
 ‘você têm amor aos filhos de você’

Na função de complemento de posposição

Tembé

Exemplos:

39. *t-ĩpĩ ipeʔĩr- haw he-we*
 R⁴-casa varrer -NOM6 1- DAT
 ‘a casa foi varrida por mim’

40. *t-emiʔu Ø-iapo-haw ne-wi*
 R⁴-comida fazer- NOM6 2-ABLT
 ‘a comida foi feita por você’

41. *ihe Ø-maʔe nukwaw ne r-ehe*
 1 R¹-ter.saudade 2 R¹-em.relação.a

‘eu tenho saudade de você’

42. *uasaʔi kamɨk irer zane-wi*
açai amassar NOM3 12- ABLT
‘o açai foi amassado por nós’

43. *aʔe o-ho ram kaʔa r-upi dane r-upi*
ele/esse 3-ir PROJ1 mato R¹-PER 12 R¹-PER
‘ele vai caçar conosco’

44. *pe-deŋar Ø-puraŋ ete ure-wi*
23-cantar R¹-bonito INT 3 13- ABLT
‘vocês cantam tão bem quanto nós’

45. *t-ɨpɨj iapo-haw ure-wi*
R⁴-casa fazer- NOM6 13- ABLT
‘a casa foi construída por nós’

46. *aʔe o-ho ram kaʔa r-upi pe n-upi*
ele/esse 3-ir PROJ1 mato R¹-PER 23 R¹-ASS
‘ele vai para o mato com vocês’

Como núcleo de predicado nominal

Exemplos:

47. *ihe* *r-anahĩ* *ete*
 1 R¹-ter. preguiça INT3
 ‘eu tenho preguiça’
48. *ne* *r-anahĩ* *ete*
 2 R¹-ter. preguiça INT3
 ‘você tem preguiça’
49. *zane* *r-anahĩ* *ete*
 12 R¹-ter. preguiça INT3
 ‘nós temos preguiça’
50. *pe* *r-anahĩ* *ete*
 23 R¹-ter. preguiça INT3
 ‘vocês têm preguiça’

Na função de possuidor

Guajajara

Exemplos:

51. *a-ro-poj ta he r-emaw zawar*
 1-C.COM-alimentar PROJ 2 1 R¹-criação cachorro
 ‘eu alimento o meu cachorro’
52. *ne e-reker ta ne r-u r-ípĵ-me ne no-j*
 2 2-dormir PROJ 2 2 R¹-pai R¹-casa- LOC 2 também-INDII
 ‘você vai dormir na casa do seu pai’
53. *uru-zemikar ure muripar pume*
 13-caçar 13 companheiro ASS
 ‘nós caçamos com nossos amigos’
54. *zane za-ker zane r-u h-ípĵ-me aĩ*
 12 12-dormir 12 R¹-pai R²- casa-LOC ATN
 ‘nós dormimos na casa do nosso pai’
55. *pe-ker ke pe n-u r-ípĵ-me riĩ*
 23-dormir RLZ 23 R¹-pai R¹-casa- LOC AFIRM
 ‘vocês dormiram na casa do pai de vocês’

Na função de complemento de posposição

Exemplos:

56. *aʔe u-meʔe he r-ehe*
 ele/esse 3-olhar 1 em.relação.a
 ‘ele olhou para mim’

57. *ne r-upi uru-zur kwez*
 2 R¹-ASS 13-vir RLZ
 ‘nós viemos com você’

58. *ne er-er-ur Ø-pira ure-we kwez*
 2 2-CCOM-trazer R¹-peixe 13-DAT RLZ
 ‘você trouxe o peixe para nós’

59. *aʔe u-er-ur Ø-pira zane- we kwez*
 ele/esse 3-CCOM -trazer R¹-peixe 12- DAT RLZ
 ‘ele trouxe peixe pra nós’

60. *a-rer Ø-pira pe-me kwez*
 1-trazer R¹-peixe 23- DAT RLZ
 ‘eu trouxe o peixe para vocês’

Como sujeito de predicado nominal

Exemplos:

61. *ihe r-upehĭj te-koko ihe-ə*
 1 R¹-ter.sono 1-estar. em.mov. 1- ARG
 ‘eu estou com sono’
62. *ne r-upehĭj iko ni-ə*
 2 R¹-ter.sono estar. em.mov 2- ARG
 ‘você está com sono’
63. *aʔe h-upehĭj Ø-iko no-j*
 ele/esse R²-ter.sono 3-estar. em.mov. também-INDII
 ‘ele também está com sono’
64. *zane r-upehĭj za-iko zane-ə-j*
 12 R¹- ter.sono 12- estar. em.mov. 12-ARG- NDII
 ‘nós estamos com sono’
65. *pe nu-pehĭj pe-ko pe-ə-j*
 2 R¹-ter.sono 23- estar. em.mov. 23-ARG-INDII
 ‘vocês estão com sono’
66. *aʔe h-upehĭj u-iko wə no-j*
 ele/esse R²-ter.sono 3- estar. em.mov. 3. PL também- INDII
 ‘eles estão com sono’

É comum em Guajajára a repetição do pronome por ênfase conforme ilustram os exemplos a seguir:

67. *ne ne ruríw ete iko ne no-j*
 2 2 R¹-alegre INT3 estar.em.mov. 2 também-INDII
 ‘você está alegre’
68. *pe pe n-uríw ete pe-ko-j*
 23 23 R¹-alegre INT3 23- estar.em.mov.-INDII
 ‘vocês estão alegres’
69. *zane paw r-upi zane r-uríw ete za-iko-j*
 12 tudo R¹-PER 12 R¹-alegre INT3 12-estar.em.mov.-INDII
 ‘ nós estamos alegres’
70. *he r-uríw ete Ø-iko ihe*
 1 R¹-alegre INT3 1corr-estar.em.mov. 1
 ‘eu estou alegre’
71. *ihe he Ø-maranuɣar ne-wi*
 1 1 R¹-ter.vergonha 2- ABLT
 ‘eu tenho vergonha de você’

72. *ne ne maranuɣar he-wi*
 2 2 R¹-ter.vergonha 1-ABLT
 ‘você tem vergonha de mim’

73. *zane zane maranuɣar wən-wi*
 12 12 R¹-ter.vergonha 3.PL-ABLT
 ‘nós temos vergonha deles’

Comportamento semelhante é também verificado no Tembê embora o uso nos pareça bem menos recorrente que no Guajajára:

74. *ne ne r-ahĩ*
 2 2 R¹-ter.dor
 ‘você tem dor’

75. *zane zane r-urĩw ete*
 12 12 R¹-estar.alegre INT3
 ‘nós estamos alegres’

76. *pe pe r-ahĩ*
 2 2 R¹-ter.dor
 ‘vocês têm dor’

2.1.1.3 Pronomes da Série III

Conforme Carvalho (2001), no Tembé, o pronome *pe* da série III é empregado quando o objeto é de primeira pessoa e o sujeito uma segunda pessoa. Nessa combinação, o objeto sintático quando expresso por uma forma pronominal, esta é da série II e o verbo recebe o prefixo R¹. O sujeito é marcado pelo pronome *pe* e pode, coocorrer com o pronome pessoal da série I por ênfase tão somente.

Tembé

Exemplos:

77. (*pé-ə*) *he* *Ø-məzəné* *pé*
 (23- Arg) **1** R¹-empurrar **Erg**
 ‘vocês me empurraram’ (P.) (CARVALHO, 2001)

78. (*né-ə*) *hé* *Ø-məzəné* *pé*
 (2- Arg) **1** R¹-empurrar **Erg**
 ‘você me empurra’ (E.) (CARVALHO, 2001)

79. (*né-ə*) *hé* *Ø-mumŋj* *pé* *no*
 (2- Arg) **1** R¹-apertar **Erg** Rep
 ‘você me aperta’ (E.) (CARVALHO, 2001)

Carvalho (2001) notou que o uso do pronome *pe* estava plenamente ativo na fala de indivíduos mais velhos, ao passo que tendia a desaparecer da fala dos mais jovens.

Pronomes da Série III

Guajajára

Em Guajajára o pronome ergativo *pe* (cf. HARRISON, 1986) foi identificado na nossa pesquisa recente tanto na fala de indivíduos mais jovens quanto na dos mais velhos.

Exemplos:

80. *ne-ə* *he* *mɛɛən* *pe* *no*
 2- ARG 1 empurrar ERG também
 ‘vocês me empurram também’

81. *ne-ə* *he* *mɛɛən* *pe* *kwej*
 2- ARG 1 empurrar ERG RLZ
 ‘você me empurrou’

82. *pe-ə* *he* *mɛɛən* *pe*
 23- ARG 1 empurrar ERG
 ‘vocês me empurram’

83. *pe-ə* *he* *mɛɛən* *pe* *kwej*
 23- ARG 1 empurrar ERG RLZ
 ‘vocês me empurraram’

Carvalho (2001) mostra que, em Tembé, os pronomes independentes, além de serem flexionados pelo caso argumentativo, possuem morfologia flexional própria, o caso morfológico dativo *-we* ~ *-me* conforme ilustrado pelos exemplos a seguir:

84. *izé-ə a-zepinatík pé-me*
 1-Arg 1-pescar **23-Dat**
 ‘eu pesquei para vocês’ (P.) (CARVALHO 2001)

85. *o-monó pakó-ə kwéj zané-we*
 3-dar banana-Arg Realizado **12-Dat**
 ‘ele deu banana para nós’ (P.) (CARVALHO, 2001)

Isso também é válido para o Guajajára, como atestam os exemplos subseqüentes:

86. *ne ere-rur pira ure- we kwez*
 2 2-trazer peixe 13-DAT RLZ
 ‘você trouxe o peixe para nós’

87. *karai kuzə u-m-ur kar pape zane-we kwez*
 não.índio mulher 3-CAUS-vir C.PREP livro 12- DAT RLZ
 ‘ela (a mulher não indígena) mandou os livros para nós’

88. *amono akazu pe-me kwez*

1-dar caju 23-DAT RLZ

‘eu dei caju pra vocês’

2.1.2 Prefixos pessoais

Há em Tembê e em Guajajára quatro séries de prefixos pessoais, uma delas, a Série IV, marca o sujeito de verbos intransitivos e de verbos transitivos no modo indicativo I quando o objeto é de terceira pessoa; a Série V marca o objeto de segunda pessoa quando o sujeito é de primeira pessoa (cf. BENDOR SAMUEL, 1972, p. 87; HARRISON, 1986); a série VI marca o sujeito de verbos no modo imperativo e, finalmente, a série VII marca o sujeito de verbos posicionais no modo gerúndio, em que este é correferente com o sujeito do verbo principal.

Quadro 22 – Prefixos pessoais do Tembê

TEMBÊ				
GLOSSA	SÉRIE IV	SÉRIE V	SÉRIE VI	SÉRIE VII
1	<i>a-</i>			<i>te-/∅-</i>
2	<i>ere- ~ re-</i>	<i>oro- ~ uru-</i>	<i>e-</i>	<i>re-/∅-</i>
12(3)	<i>za- ~ da-/ ti-</i>			<i>za-/∅-</i>
13	<i>uru- ~ oro-</i>	<i>po(r)- ~ pu(r)-</i>		<i>ru-/∅-</i>
23	<i>pe-</i>		<i>pe-</i>	<i>pe-/∅-</i>
3	<i>u- ~ o- ~ w-</i>			<i>u-/∅-</i>

Na página seguinte o quadro com os prefixos pessoais do Guajajára:

Quadro 23 – Prefixos pessoais do Guajajára

GUAJAJÁRA				
GLOSSA	SÉRIE IV	SÉRIE V	SÉRIE VI	SÉRIE VII
1	<i>a-</i>			<i>Te-/∅</i>
2	<i>ere-</i>	<i>uru-</i>	<i>e-</i>	<i>e-/re-/∅</i>
12(3)	<i>za-/ti-</i>			<i>za-/∅</i>
13	<i>uru-</i>	<i>po(r)- ~ pu(r)-</i>	<i>pe-</i>	<i>ru-/∅</i>
23	<i>pe-</i>			<i>pe-/∅</i>
3	<i>u-</i>			<i>∅ /u-/∅</i>

2.1.2.1 Prefixos pessoais da Série IV

Os prefixos dessa série já foram descritos e analisados em estudos anteriores sobre as duas línguas Tenetehára. Nossa descrição desses prefixos para o Tembé confere com a de Duarte (1997; 2005) e a de Carvalho (2001). O mesmo se dá com a nossa descrição para o Guajajára, que também coincide com as de Bendor-Samuel (1972) e Harrison (1986).

Harrison (1986) apresenta o paradigma verbal de alguns verbos do Guajajára, contendo os prefixos da série IV, os quais transcrevemos a seguir:

Com verbo intransitivo

-ker ‘dormir’

aker... (ihe) 1SG

ereker ... (ne) 2SG

<i>zaker (zane)</i>	1PL.INCL	
<i>uruker...(ure)</i>	1PL. EXCL	
<i>peker ... (pe)</i>	2PL	
<i>uker...(aʔe)</i>	3 SG	
<i>uker...(aʔe) wə</i>	3PL	(HARRISON, 1986 p. 431)

Com verbo transitivo

-esak ‘ver’

<i>aesak...(ihe)</i>	1 SG -3 SG
<i>aesak...(ihe) wə</i>	1 SG -3PL
<i>eresak ... (ne) wə</i>	2 SG -3SG /PL (with wə, 3PL; without wə, 3 SG)
<i>sisak...(zane) wə</i>	1PL.INCL.-3 SG /PL
<i>uruesak...(ure) wə</i>	1PL.EXCL.-3 SG/PL
<i>pesak ... (pe) wə</i>	2PL -3 SG/PL
<i>wesak...(aʔe)</i>	3SG-3SG
<i>wesak...(aʔe) wə</i>	3 SG-3PL, 3PL -3SG, 3PL -3PL (HARRISON 1986, p. 431)

A seguir reproduzimos alguns exemplos do Guajajára extraídos de Harrison (1986) e de Bendor- Samuel (1972):

89. *a-zən*
 1 SG –run
 ‘I run.’ (HARRISON, 1986, p. 421)

90. *ere-mo-pok*
 you make burst
 ‘You burst it’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 98)
91. *za-hem ram*
 we-leave want
 ‘We want to leave’ (BENDOR-SAMUEL, 1986, p. 95)
92. *uru-zapo wi*
 we-do again
 ‘We did it again’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 94)
93. *uru-əhem uruzuə pe pe no*
 we arrived come there at Rep
 ‘We arrived come there at’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 147)
94. *pe-ho tar aipo nehe*
 you-go Fut perhaps Fut
 ‘Are you going?’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 164)
95. *u-muwew tata*
 3-put out fire

‘He put out the fire’ (HARRISON, 1986, p. 435)

Os exemplos a seguir consistem em dados mais recentes de nosso corpus para os prefixos da Série IV. Apresentamos esses prefixos ocorrendo nos verbos intransitivos e nos transitivos do Tembé e do Guajajára em coocorrência ou não com os pronomes pessoais da Série I:

Tembé

Com verbo intransitivo

Exemplos:

96. *ihe a-enu Ø-katu we*
 1 1-ouvir R¹-bem CONT
 ‘eu ainda estou ouvindo bem’

97. *a-wata se-wi-be Ø-ko-pe*
 1-andar aqui- ABLT-LOC R¹-roça- LOC
 ‘eu andei daqui até a roça’

98. *ne redahak ʔi r-upi*
 2 2-tomar rio R¹-PER
 ‘você toma banho no rio’

99. *rezur kwej se*
 2-vir RLZ aqui
 ‘tu vieste aqui’
100. *dane da-ha ram ne Ø-iru-ramo*
 12 12-ir PROJ 1 2 R¹- companheiro-TRANS
 ‘nós vamos com você’
101. *da-ha ram p̃həwe*
 12-ir PROJ1 amanhã
 ‘nós vamos amanhã’
102. *ure ruzur kwej se*
 13 13-vir RLZ aqui
 ‘nós viemos aqui ‘
103. *ro-ho kwej kaʔa r-upi*
 13-ir RLZ mato R¹-PER
 ‘nós fomos pelo mato’
104. *pe pe-zeŋar Ø-poraŋ ete*
 23 23-cantar R¹-bonito INT3
 ‘vocês cantam bem’

105. *pe-zajʔo tete aʔu*
 23-chorar INT1 INT5
 ‘vocês choraram muito’

106 *aʔe uhem o-ho*
 ele/esse 3-sair 3-ir
 ‘ele saiu’

107. *aʔe wə u-dutim ram maniʔw dane Ø-iruramo*
 ele 3.PL 3-plantar PROJ1 maniva 12 R¹-ASS
 ‘eles vão plantar maniva conosco’

Com verbo transitivo

Exemplos:

108. *a-zuka miar kwej u-ʔiw Ø-iru-ramo*
 1-matar caça RLZ R³-flecha R¹-companheiro-TRANS
 ‘eu matei o bicho com a flecha’

109. *ne re-karəj ne Ø-əkəj*
 2 2-coçar 2 R¹-cabeça

‘você coçou a cabeça’

110. *zane ti-kɨk maniʔok*
12 12-ralar mandioca
‘nós ralamos a mandioca’

111. *ru-demue deʔeŋ ete-haw rehe*
13-aprender língua INT3- NOM6 R¹-em.relação.a

wə n-ehe
3.PL R¹-em.relação.a
‘nós aprendemos a língua Tembé com eles’

112. *pe pe-enu zeŋar- haw aipo*
23 23-ouvir cantar-NOM6 EV.AUDT
‘vocês ouviram a cantoria’

113. *aʔe u-zapo t-emiʔu-ə*
ele 3-fazer R⁴-comida- ARG
‘ela fez a comida’

114. *aʔe u-enu zeŋar-haw aipo wə*
ele 3-ouvir cantar- NOM6 EV.AUDT 3. PL

‘eles ouviram a cantoria’

Prefixos da série IV

Guajajara

Com verbo intransitivo

Exemplos:

115. *a-zahak* *ĩrĩkaw* *r-upi* *he j*
1-tomar.banho igarapé R¹-PER 1
‘eu tomo banho no igarapé’

116. *ne* *ere-hem* *tueha rupi* *dziři* *dahi* *ne* *no*
2 2-chegar HAB3 cedo dia 2 REP
‘você chega cedo todo dia’

117. *a?e* *u-zahak* *ĩrĩkaw* *r-upi*
ele 3-tomar.banho igarapé R¹-PER
‘ele toma banho no igarapé’

118. *uru-zahak* *ĩrĩkaw* *r-upi*
13 igarapé R¹-PER

‘nós tomamos banho no igarapé’

119. *pe-zahak* *ĩ:kaw* *r-upi* *aʔi*
23-tomar.banho igarapé R¹-PER ATN
‘vocês tomam banho no igarapé’

120. *aʔe* *u-zahak* *ĩ:kaw* *r-upi* *wəj*
ele 3-tomar.banho igarapé R¹-PER PL
‘eles tomam banho no rio’

Com verbo transitivo

Exemplos:

121. *a-pukuj* *tĩram* *ihe* *riʔi*
1-torrar farinha 1 AFIRM
‘eu torro farinha’

ne *re-pĩhĩk* *he* *ziwa* *r-ehe* *kwej*
2 2-pegar 1 braço R¹-PER RLZ
‘você pegou pelo meu braço’

123. *zane* *ti-zutĩm* *maniʔok* *kwej*

12 12-plantar mandioca RLZ

‘nós plantamos mandioca’

124. *ure ne re-noz kwez*

13 2 2-chamar RLZ

‘nós chamamos você’

125. *pe pe-rur Ø-pira zane- we kwez*

23 23-trazer R¹-peixe 12- DAT RLZ

‘vocês trouxeram peixe para nós’

Em Guajajara, nas variedades por nós pesquisadas, o prefixo de 2ª pessoa do singular da série IV tem apresentado os seguintes alomorfes: *ere-* ~ *re-* ~ *e-* \emptyset como mostram os exemplos seguintes:

126. *ne ere-rur Ø-pira kwej he-we j*

2 2-trazer -peixe RLZ 1- DAT

‘você trouxe o peixe para mim’

127. *ne re-ata Ø-iko zaiiw-pe*

2 2-andar 2-estar.em.movimento mato- LOC

‘você anda pelo mato’

128. *ne e-zahak iṛika r-upi*
 2 2-tomar.banho igarapé R¹-PER
 ‘você toma banho no igarapé!’

129. *ne e-pukuj tīram kwez*
 2 2-torrar farinha RLZ
 ‘você torrou farinha!’

130. *ne Ø-pinik putar(a)*
 2 2-dançar querer
 ‘você vai dançar’

O alomorfe *e-* de segunda pessoa do singular também foi verificado em nomes como os do exemplo a seguir:

131. *e-zemomik Ø-eko ne-əj*
 2-triste 2-estar.em.mov. 2- ARG
 ‘você está triste’

No que diz respeito aos dois prefixos de 1ª pessoa inclusiva da série IV *tī-* e *za-*, estudos anteriores têm verificado a seguinte distribuição: Bendor Samuel (1972:87) descreve o prefixo *tī-* do Guajajára como exclusivo de verbos transitivos e o prefixo *za-* exclusivo de verbos intransitivos. O mesmo foi verificado por Harrison para o Guajajára (1986). Duarte (1997; 2003, p. 41) descreve a mesma distribuição para o Tembé. Os estudos de Carvalho (2001) mostram uma alteração nessa distribuição entre os falantes do Tembé com os quais trabalhou. Segundo a autora:

...o prefixo pessoal *ti-* flutua livremente com o prefixo *da-*, o que mostra que o antigo condicionamento da ocorrência do morfema *ti-* da família Tupí-Guaraní – o primeiro só nos verbos transitivos e o segundo só nos intransitivos – (RODRIGUES & CABRAL, 2001) já não existe.(p. 56)

Carvalho (2001) dá exemplos dessa alteração na antiga distribuição:

132. *ti-hém da-zúr kwej*
12-sair 12-vir Perf
'nós viemos' (E.)

133. *da-hém da-zúr kwej*
12-sair 12-vir Perf
'nós viemos' (E.)

Nos dados coletados junto a falantes de várias aldeias Tembé, verificamos a mesma alteração observada por Carvalho (2001) na distribuição dos alomorfes da primeira pessoa inclusiva. A seguir apresentamos exemplos desses prefixos sendo usados conforme o antigo condicionamento e o uso desses prefixos revelando alteração nesse condicionamento:

Tembé

O prefixo *za-* ~ *da-* com verbo intransitivo - conforme o antigo condicionamento.

Exemplos:

134. *za-zekutiara* *za-há*
 12-passear 12-ir
 ‘vamos passear’
135. *za-zezemun* *katu-pe*
 12-cuspir fora –LOC
 ‘nós cuspiamos lá fora’
136. *za-hem* *za-zur* *n-ehe* *ne* *re-ho* *ram* *i*
 12 12-vir R¹-a respeito.de 2 2-ir PROJ1 ASSER
 ‘quando nós chegarmos, você vai embora’

O prefixo *ti-* com verbo transitivo - conforme o antigo condicionamento

137. *ti-aro* *ram* *aman* *kír:kír* *Ø-ʔar* *rihi*
 12-esperar PROJ1 chuva chover:chover 3-cair IMPF
 ‘nós vamos esperar essa chuva cair’
138. *ti-naneʔo* *zapukaj*
 12-cercar galinha
 ‘nós cercamos a galinha’
139. *zane* *ti-kaʔa mono* *wer*

12 12-caçar HAB4

‘nós caçamos habitualmente’

140. *zane ti-zapo zane r-emi-apo:apo ti-pihik*
12 12-fazer 12 R¹- NOM1-fazer:fazer 12-pegar

am temetarer

PROJ1 dinheiro

‘nós fazemos artesanato pra ganhar dinheiro’

141. *a-kamik uasaĩ kwej ti-ũ ram i*
1-amassar açai RLZ 12-comer PROJ1 ASSER

‘eu amassei o açai pra nós bebermos’

142. *zane ti-mææn mehe u-ũar o-ho kwej*
12 12-empurrar SUB 3-cair 3-ir RLZ

‘quando nós empurramos ele, ele caiu’

143. *zane ti-karəj zane Ø-əkəŋ kwej*
12 12-coçar 12 R¹-cabeça RLZ

‘nós coçamos a cabeça’

O prefixo *za-* ~ *da-* com verbo transitivo - alteração no antigo condicionamento

144. *da-mukatu* \emptyset -*pira* *kwej* *da-po* *tata*
 12-limpar R¹-peixe RLZ 12-fazer fogo
 ‘nós tratamos o peixe e fizemos o fogo’

145. *zane* \emptyset -*jupir* *za-ho* *kwej* *uasaĩ-ĩw*
 12 12-subir 12-ir RLZ açai-árvore

- r-ehe* *za-zoɔok* *uasaĩ* *r-arĩw* *kwej*
 R¹-em.relação.a 12-arrancar açai R¹-cacho RLZ
 ‘nós subimos no açazeiro e tiramos o cacho de açai’

146. *za-majũ* *za-iko*
 12-comer 12-estar.em.mov.
 ‘nós estamos comendo’

147. *zane* *maniɔok* *za-kĩkĩ* *za-zeɔm*
 12 mandioca 12-ralar 12-estar.em.pé
 ‘nós estamos ralando mandioca em pé’

O prefixo *ti-* com verbo intransitivo - alteração no antigo condicionamento

148. *karu mehe ti-zahak ram za-ha ?i r-upi*
 tarde 12-tomar.banho PROJ1 12-ir rio R¹-PER
 ‘nós vamos tomar banho no rio de tarde’
149. *pe pe-rur ?i aipo ti-zahak ram i-pupe*
 23 23-trazer água EV.AUD 12-tomar.banho PROJ1 R² -dentro
 ‘vocês trouxeram água pra nós tomarmos banho’
150. *i-katu a-há r-upi ti-momor kwej*
 R²-bom 1-ir R²- PER 12-jogar RLZ
 ‘foi muito bem que nós jogamos’
151. *zane ti-hj*
 12 12-correr
 ‘nós corremos’
152. *zane ti-zeɽar Ø-poraŋ ete*
 12 12-cantar R¹-bonito INT3
 ‘nós cantamos bem’
153. *zane ti-zemusaraj*
 12 12-brincar
 ‘nós brincamos’

154. *zane ti-zemuĵta za-ʔəm i*
 12 12-conversar 12corr-estar.em.pé ASSER
 ‘nós estamos conversando em pé’

155. *zane ti-pinaĥk*
 12 12-pescar
 ‘nós estamos pescando’

156. *zane ti-zaʔjo za-zu pə*
 12 12-chorar 12corr-estar.deitado GER
 ‘nós estamos chorando deitados’

Observamos, também, em nossos dados, os dois prefixos *ti-* e *za-* coocorrendo na mesma sentença com verbos intransitivos:

Ocorrência dos prefixos *ti-* e *za* na mesma sentença com verbo intransitivo

-hem ‘sair’ e *-ur* ‘chegar’

157. *aʔe u-hem mehe dane ti-hem da-duri*
 ele/esse 3-saiu SUB 12 12-chegar 12-vir
 ‘quando ele saiu, nós chegamos’

-ur ‘chegar’ e *zahak* ‘tomar banho’

158. *zane za-zur kwej ti-zahak kwej ti-maiʔu kwej no*
 12 12-vir RLZ 12-tomar.banho RLZ 12-comer RLZ REP
 ‘nós chegamos, tomamos banho e comemos’

Alternância dos prefixos *ti-* e *za-* com o mesmo tema verbal

-oʔok ‘arrancar’, ‘tirar’

159. *zane maniʔok ti-zoʔok za-iko*
 12 mandioca 12-arrancar 12corr-estar.em.mov.

∅-puʔəm pə
 12corr-estar.em.pé GER

‘nós estamos arrancando mandioca em pé’

160. *zane i-jupir za-ho kwej uasaʔ ʔiw*
 12 12-subir 12-ir RLZ açazeiro

r-ehe za-zoʔok uasaʔ r-ariv kwej
 R¹-PER 12-arrancar açai R¹-cacho RLZ

‘nós subimos no açazeiro e tiramos o cacho de açai’

-ʔu ‘ingerir’, ‘comer’, ‘beber’

161. *zane puhaŋ za-ŋu za-zu pə*
 12 remédio 12-ingerir 12corr-estar.deitado GER
 ‘nós estamos bebendo remédio deitados’

162. *a-kamik uasaĩ kwej ti-ŋu ram i*
 1-amassar açai RLZ 12-ingerir PROJ1 ASSER
 ‘eu amassei o açai pra nós bebermos’

-majŋu ‘ingerir’, ‘comer’, ‘beber’

163. *za-majŋu za-iko*
 12-comer 12-estar.em.movimento
 ‘nós estamos comendo’

164. *zane ti-majŋu Tetê zane Ø-kira(w) katu ram i*
 12 12-comer INT1 12 R¹-gordo bem PROJ1 ASSER
 ‘nós comemos bastante para ficar fortes’

Guajajara

Com relação ao uso dos prefixos da primeira pessoa inclusiva, em dados recentes do Guajajara, pode-se verificar a seguinte situação:

O prefixo za- com verbo intransitivo - conforme o antigo condicionamento

165. *zane za-hem iři dahĩ za-hem zane-ə-j*
 12 12-chegar mato lua 12-chegar 12-ARG-INDII
 ‘nós chegamos cedo todo dia’
166. *zane za-ker zane r-u h-ĩpĩj-me aʔe*
 12 12-dormir 12 R¹-pai R²-casa-LOC aí
 ‘nós dormimos na casa do nosso pai’
167. *zane za-zeʔeŋ za-in za-p#k pə*
 12 12-falar 12-estar.sentado 12-sentar GER
 ‘nós estamos conversando sentados’
168. *zane za-ha ta ko r-upi*
 12 12-ir PROJ2 lá R¹-PER
 ‘nós vamos por lá’
169. *za-pirapoj ta za-ha-j*
 12-pescar PROJ2 12-ir-INDII
 ‘nós vamos pescar’

O prefixo *ti-* com verbo transitivo - conforme o antigo condicionamento

170. *zane ti-zutim maniʔok kwej*
 12 12-plantar mandioca RLZ
 ‘nós plantamos mandioca’
171. *zane ti-zeʔej maʔe kwej*
 12 12-lavar coisa RLZ
 ‘nós lavamos roupa’
172. *ti-momor ta bol zane-əj*
 12-jogar vol bola 12- ARG-INDII
 ‘nós vamos jogar bola’
173. *zane ti-ʔu i-pira kwez aroj ze kuri*
 12 12-comer R²-peixe RLZ arroz dizem agora
 ‘nós comemos peixe e arroz’

O prefixo *za-* ~ *da-* com verbo transitivo - alteração no antigo condicionamento

174. *zane maniʔok za-kitk za-ʔəm*
 12 mandioca 12-ralar 12CORR-estar.em.pé
 ‘nós estamos ralando mandioca em pé’
175. *zane za-zoʔok zihar r-ariv kwej*

12 12-arrancar açai R¹-cacho RLZ
 ‘nós tiramos o acho de açai’

176. *za-zoʔok* *∅-pira* *kwej* *za-po* *tata*
 12-arrancar R¹-peixe RLZ 12-fazer fogo
 ‘nós descamamos o peixe e fizemos o fogo’

O prefixo *ti-* com verbo intransitivo - alteração no antigo condicionamento

177. *ti-puka* *təɾij* *zepe* *kwez*
 12-rir FALH1 N.CONCL. RLZ
 ‘quase nós ríamos’

178. *zane* *ti-zemiʔkar* *wi* *tar* *za-ha* *no*
 12 12-caçar REP PROJ2 12-ir REP
 ‘nós vamos caçar de novo’

179. *ti-pinik* *putar(a)*
 2-dançar PROJ2
 ‘nós vamos dançar’

Alternância dos prefixos *ti-* e *za-* com o mesmo tema verbal

-ʔok ‘arrancar’

180. *tí-zoʔok* *∅-pira* *kwej* *za-po* *tatá*
12-arrancar R¹-peixe RLZ 12-fazer fogo
‘nós tratamos o peixe e fizemos o fogo’

181. *za-zoʔok* *∅-pira* *kwej* *za-apo* *tatá*
12-arrancar R¹-peixe RLZ 12-fazer fogo
‘nós tratamos o peixe e fizemos o fogo’

-ʔu ‘ingerir’, ‘comer’, beber’

182. *zane* *za-jʔu* *ʔi* *kwej* *za-jʔu* *zʔhar* *kwej*
12 12-ingerir água RLZ 12-ingerir açai RLZ
‘nós bebemos água e bebemos açai’

183. *tí-ʔu* *ʔi* *kwej* *tí-ʔu* *zʔhar* *kwej*
12-beber água RLZ 12-beber açai RLZ
‘nós bebemos água e bebemos açai’

-mano ‘morrer’

184. *tí-mano* *təɾj* *zepe* *kwez*
12-morrer FALH1 N.CONC. RLZ

‘quase nós morríamos’.

185. *za-mano* *ete* *aʔi* *zepe* *kwez*
12-morrer INT3 aí N.CONC. RLZ
‘quase nós morríamos’

Em verbos como *meʔe* ‘olhar, ‘reparar’ e *maʔe nukwaw* ‘pensar’, que são verbos que não requerem um objeto direto, portanto verbos intransitivos, nota-se o uso do prefixo *ti-*:

Tembé

Exemplos:

186. *zane* *ti-meʔe* *kwaharer* *wə*
12 12-olhar criança 3PL
- r-ehe* *na* *ram* *u-ʔar* *wə*
R¹-a.respeito-de NEG PROJ1 3.cair 3.PL
‘nós reparamos os meninos para eles não cairem’

187. *zane* *ti-maʔe nukwaw* *zane* *r-aʔiʔ*
12 12-olhar 12 R¹-filho.de.homem
- wə* *n-ehe*

3.PL R¹-em.relação.a

‘nós pensamos nos nossos filhos’

Ainda no que diz respeito ao uso dos prefixos da série IV, nossos dados mostram que, no Tembé, esses prefixos também têm seu uso estendido aos adjetivos que, tradicionalmente, recebiam os prefixos relacionais. Carvalho (2001), ao tratar de adjetivos em Tembé, mas analisando-os como verbos descritivos, teceu a seguinte consideração:

Os descritivos formam uma classe de palavras distinta da dos verbos propriamente ditos por não receberem prefixos pessoais. A classe dos descritivos difere também da classe dos nomes por necessitar de nominalização para funcionar como argumento (SEKI, 2000; CABRAL, p. 2000a). Os descritivos não têm morfologia própria, compartilham os prefixos relacionais com os nomes possuíveis, os verbos e as posposições (exemplos 105-114); como os verbos, podem ser causativizados e como os nomes, recebem o caso translativo. (p. 52)

Utilizou exemplos de temas tais como: *-puku* ‘comprido’, *-eʔo* ‘doidice’ –*eta* ‘ter’, *ahí* ‘doente’ alguns dos quais rerepresentamos a seguir:

188. *né-ə r-eʔó-háw-ə Ø-irú-ramo*
2-Arg R¹-ter.doidice-Nom-Arg R¹-companheiro-Trans
‘você está com doidice’ (E.)

189. *h-eʔó aʔé-ə*
R²-ter.doidice esse-Arg
‘esse é doido’ (E.)

190. *u-kwáw w-eḷó-háw*
 3-saber **R³- doidice-Nom**
 ‘ele sabe da sua doidice’ (M.)
191. *n a-esák-pitik t-eḷó.maḷé-ə rihí*
 Neg 1-ver-Aten **R⁴- doidice-Rel-Arg** ainda
 ‘eu ainda não vi nenhum doido’ (E.)
192. *Tenetejár-ə r-etá*
 Tenetejár-Arg **R¹-ter.muitos**
 ‘existem muitos Tenetejára’ (P.)
193. *h-etá Tetê aḷi*
R²-ter.muitos mesmo Intens
 ‘existem muitos mesmo’ (T.)
194. *h-ahí Ø-ikó*
R²-ter.dor 3corr-estar.em.mov
 ‘ela tem dor’ (El.)
195. *hé r-ahí*

1 R¹-ter.dor

‘eu estou com dor’ (M.)

Os dados de nosso corpus mostram os verbos descritivos (adjetivos em nossa interpretação) recebendo tanto os prefixos relacionais quanto os prefixos pessoais da série IV. Os exemplos a seguir, encontrados em nosso corpus, ilustram a atual situação que tem-se configurado no Tembé. Apresentamos uma seqüência de exemplos ilustrando a ocorrência desses verbos descritivos, os quais consideramos adjetivos, ocorrendo ora com prefixos relacionais ora com prefixos pessoais.

Tembé

-demomik ~ *-zemomik* ‘triste’

Com prefixos relacionais

196. *ihe na Ø-demomik-kwaw*

1 NEG R¹-triste- NEG

‘eu não estou triste’

197. *i-demomik ahí*

R²-triste INT2

‘ele está muito triste’

198 *i-demomik ahí wə*

R²-triste INT2 PL
'ele estão muito tristes'

Com prefixos pessoais

199. *ne* *re-demomik*
2 2- triste
'você está triste'

200. *aʔe* *u-demomik* *wə*
ele 3- triste 3.PL
'eles estão tristes'

201. *ne na* *re-demomik-kwaw*
2 NEG 23- triste-NEG
'tu não estás triste'

202. *pe na* *pe-demomik-kwaw*
23 NEG 23-triste- NEG
'vocês não estão tristes'

-mawhej 'fome'

Com prefixos relacionais

203. *ne* ~~*Ø*~~-*mawhej*
2 R¹-fome
'você tem fome'

204. *aʔe* *i*-*mawhej*
ele R¹-fome
'ele tem fome'

205. *aʔe* *wə* *i*-*mawhej*
ele 3. PL R¹-fome
'eles têm fome'

Com prefixos pessoais

206. *zane* *ti*-*mawhej*
12 12- fome
'nós temos fome'

207. *pe* *pe*-*mawhej*
23 23- fome
'vocês têm fome'

-pirakori ‘calor’

Com prefixos relacionais

208. *zane* \emptyset -*pirakori*
12 R¹- calor
‘nós temos calor’

209. *aʔe* *i-pirakori*
ele R¹- calor
‘ele tem calor’

Com prefixos pessoais

210. *zane na ti-pirakor-i*
12 NEG 12- suor- NEG
‘nós não estamos suados’

211. *pe na pe-pirakor-i*
23 NEG 23- suor-NEG
‘vocês não estão suados’

-hiwej ~ jiwej ~ -ijiwej ‘sede’

Com prefixos relacionais

212. *ihe* *∅-hiwej*
1 R¹-sede
'eu tenho sede'

213. *ne ne* *∅-iwej*
2 2 R¹- sede
'você tem sede'

214. *aʔe wə* *i-jiwej* *wə*
ele 3. PL R¹-sede 3.PL
'eles têm sede'

215. *aʔe i-jiwej*
ele R²- sede
'ele tem sede'

Com prefixos pessoais

216. *zane za-jiwej*
12 2- sede
'nós temos sede'

217. *pe pe-iwej*

232 23- sede

‘vocês têm sede’

-kiʔa ‘sujo’

Com prefixos relacionais

218. *ihe* *Ø-kiʔa*

1 R¹- sujo

‘eu estou sujo’

219. *ne* *Ø-kiʔa*

2 R¹- sujo

‘você está sujo’

220. *aʔe* *i-kiʔa*

ele R²- sujo

‘ele está sujo’

221. *ihe* *Ø-kiʔa* *kwer*

1 R¹-sujo RETR

‘minha sujeira’

222. *i-kiʔa* *kwer*
R²-sujo RETR
'sujeira dele'

223. *aʔe* *i-kiʔa* *wə*
ele R²-sujo 3. PL
'eles estão sujos'

Com prefixos pessoais

224. *zane* *ti-kiʔa*
12 12- sujo
'nós estamos sujos'

225. *pe* *pi-kiʔa*
23 23-sujo
'vocês estão sujos'

-uríw 'alegre'

Com prefixos relacionais

226. *aʔe* *na* ***h-uríw*** *ete-j*

ele NEG R²- alegre INT3- NEG
'eles não está alegres'

227. *zane* *nane* *zane* *r-uríw* *ete-i*
12 NEG 12 R¹- alegre INT3- NEG
'nós não estamos alegres'

Com prefixos pessoais

228. *zane* *na* *tí-ruríw* *katu*
12 NEG 12- alegre bem
'nós não temos alegria'

-ahí 'doente'

Com prefixos relacionais

229. *zane* *Ø-maʔeahí*
12 R¹- doente
'nós estamos doentes'

230. *ihe* *Ø-maʔe:ahí-ə*
12 R¹- doente- ARG
'minha doença'

231. *i-maʔe:ahĩ-ə*
 R²-doente- ARG
 ‘doença dele’

Com prefixos pessoais

232. *zane na iti-maʔe:ahĩ*
 12 NEG 12-doente
 ‘nós não estamos doentes’

-pia ‘preocupado’

Com prefixos relacionais

233. *ihe na he Ø-pia-j*
 1 NEG 1 R¹- preocupado-NEG
 ‘eu não estou preocupado’

234. *ne na na Ø-pia-j*
 2 NEG NEG R¹- preocupado-NEG
 ‘tu não estás preocupado’

235. *aʔe na i-piá-j*
 ele NEG R²- preocupado-NEG
 ‘ele não está preocupado’
236. *aʔe wə na i-piá-j wə*
 ele 3. PL NEG R²- preocupado-NEG 3. PL
 ‘eles não estão preocupados’
237. *aʔe i-piá wə zane-wi wə*
 ele R²-preocupado 3. PL 12- ABLT 3. PL
 ‘eles estão preocupados com a gente’

Com prefixos pessoais

238. *zane na ti-piá-j*
 12 NEG 12- preocupado-NEG
 ‘nós não estamos preocupados’
239. *pe-ə na pi-piá-j*
 23-ARG NEG 23- preocupado- NEG
 ‘vocês não estão preocupados’

Há casos, em Tembé, como os do verbo *maʔe nukwaw* ‘ter saudades’, verbo intransitivo que também apresenta alternância desses prefixos, ora é marcado pelos prefixos pessoais ora pelos relacionais como a seguir se pode conferir:

–*maʔe nukwaw* ‘saudade’

Com prefixos relacionais

240. *ihe* \emptyset -*maʔe: nukwaw* *ihe* *r-ipj̄-wi*
 1 R¹- saudade 1 R¹ –casa-ABLT
 ‘eu estou com saudades de casa’

241. *ihe* *na* *he* \emptyset -*maʔe:nukwaw*
 1 NEG 1 R¹- saudade
 ‘eu não tenho saudade’

242. *i-maʔe:nukwaw* *wə* \emptyset -*pj̄-wi* *wə*
 R²- saudade 3. PL R¹-casa- ABLT 3. PL
 ‘eles estão com saudades de casa’

243. *aʔe* *na* *i-maʔe:nukwaw* *kwaw* *he -wi*
 ele NEG R²- saudade NEG 1-ABLT
 ‘ele não tem saudade de mim’

Com prefixos pessoais

244. *zane na ti-maʔe:nukwaw kwaw iji- wi*
 2 NEG 12-saudade NEG R²-DAT
 ‘nós não temos saudades dele’

245. *pe na pe-maʔe:nukwaw kwaw ore- wi*
 23 NEG 23-saudade NEG 13- DAT
 ‘vocês não têm saudades de nós’

Outra particularidade que se pode constatar no Tembé é que os prefixos de 1^a pessoa inclusiva *ti-* e *za-* ~ *da-* também estão tendo seu uso estendido aos nomes de sensações conforme pode ser confirmado nos exemplos acima apresentados e nos exemplos seguintes:

246. *zane za-jiwej*
 12 12-sede
 ‘nós temos sede’

247. *zane ti-mawhej*
 12 12-fome
 ‘nós temos fome’

248. *zane ti-wiru kwaharer wə Ø-ehe*
 12 12-ciúmes criança 3. PL R¹-em.relação.a
 ‘nós temos ciúmes das crianças’

249. *zane ti- kiʔa*
 12 12- sujo
 ‘nós estamos sujos’

250. *zane na ti-ruráw katu*
 12 NEG 12- alegre bem
 ‘nós não temos alegria’

No que diz respeito aos prefixos *za-* e *ti-* de primeira pessoa inclusiva estendido aos adjetivos, o corpus investigado mostra que há na língua Tembé um uso mais recorrente do prefixo *ti-* com esses temas do que do prefixo *za-*.

Nos dados do Guajajára, verificamos também a ocorrência de adjetivos cujos núcleos se combinam com prefixos pessoais da série IV como mostram os exemplos abaixo:

Guajajára

-zemomík ‘triste’

251. *a-zemomík te-ko ihe-əj*
 12-triste 1 CORR-estar.em.mov. 1-ARG-INDII
 ‘eu estou triste’

252. *e-zemomík ø-eko ni-əj*
 2-triste 2CORR-estar.em.mov. 2-ARG-INDII

‘você está triste’

253. *aʔe* *∅-zemomɨk* *∅-iko* *i-əj*
ele 3- triste 3-estar.em.mov. R²-ARG-INDII
‘ele está triste’

254. *za-zemomɨk* *za-iko* *zane-əj*
12-triste 12-estar.em.mov. 12-ARG-INDII
‘nós estamos tristes’

255. *pe-zemomɨk* *pe-ko* *pe-əj*
23-triste 23-estar.em.mov. 23-ARG-INDII
‘vocês estão tristes’

256. *aʔe* *∅-zemomɨk* *u-iko* *wə-nəj*
ele 3-triste 3-estar.em.mov. 3.PL-ARG- INDII
‘eles estão tristes’

Os exemplos acima mostram tanto os prefixos pessoais quanto os relacionais sendo usados com a mesma base.

2.1.2.2 Prefixos pessoais da Série V

Em Tenetehára há uma série de prefixos que, segundo Cabral (2001) codificam o sujeito de primeira pessoa e o objeto de segunda pessoa. Quando o sujeito é 1 ou 13 e o objeto é 2, os verbos recebem apenas o prefixo pessoal *uru-* que codifica o objeto, mas quando o sujeito é 1 ou 13 e o objeto é 23, o verbo entra em composição com o morfema *pu-* ‘gente’ que coocorre com os prefixos pessoais *a-* e *uru-* (CABRAL, 2001). Os estudos de Carvalho (2001) mostraram que, em Tembé, alguns falantes já estavam empregando a forma *a-pu* em lugar da forma esperada *uru-pu*.

Tembé

Exemplos:

257. (*izé-ə*) ***uru-esák*** *wihéno*
 (1-Arg) 2-ver Rep
 ‘eu vou te ver de novo’ (E.) (CARVALHO, 2001)

258. (*izé-ə*) ***uru-peték***
 (1-Arg) 2-bater
 ‘eu bati em você’ (E.) (CARVALHO, 2001)

259. (*uré-ə*) ***uru-zuká=putár***
 (13-Arg) 2-matar=querer
 ‘nós queremos te matar’ (P.) (CARVALHO, 2001)

260. ***uru-pu-esák*** *kwéj* *mehé* *tiʒi*
 13-23-ver Perf quando enfim

‘nós vimos vocês naquele dia’ (P.) (CARVALHO, 2001)

Em nosso corpus encontramos as seguintes ocorrências:

261. *ire umehe a-pu-mupinim ram*
depois quando 1-23-CAUS-pintar PROJ1
‘depois eu vou pintar você’
262. *a-zur kwej se a-pu-esak pə katete ram i*
1-vir RLZ aqui 1-23-ver GER mesmo PROJ1 ASSER
‘eu vim aqui para ver todo mundo’
263. *ure ruzur kwej se ru-pu-esak ram i*
13 13-vir RLZ aqui 13-23-ver PROJ1 ASSER
‘nós viemos aqui para ver vocês’

Guajajára

Bendor Samuel (1972, p. 87) analisa a forma *apu-* e *urupu-* do Guajajára como sendo formas insegmentáveis. Em nossa interpretação, trata-se da combinação dos prefixos *a-* e *uru-* com o prefixo *po(r)-* o qual, embora de origem traçável a *poro-* ‘gente’, tenha hoje uma semântica correspondente a uma segunda pessoa, como discutiremos mais detalhadamente adiante.

Exemplos:

264. *ihe a-puru-muəzən kwez*
1 1-23-empurrar RLZ
'eu empurrei vocês'

265. *ihe a-puru-nupə kwez*
1 1-23-bater RLZ
'eu bati vocês (com o cacete)'

266. *a-pu-esak irikaw-be kwez*
1-23-ver rio-LOC RLZ
'eu vi você lá no rio'

2.1.2.3 Prefixos pessoais da Série VI

Os prefixos que marcam o modo Imperativo no Tenetehara estão plenamente ativos, quer na fala dos mais jovens, quer na dos mais idosos. Tanto em Tembé quanto em Guajajara, a forma do imperativo negativo é feita por meio da partícula *zo ~ do* após o verbo.

Imperativo afirmativo

Tembé

Com verbo intransitivo

Exemplos:

267. *e-zahak* *e-ho* *kuri*
 2IMP-tomar.banho 2-ir logo
 ‘vai tomar banho!’

Com verbo transitivo

268. *e-zapo* *miŋaŋu* *e-ho*
 2 IMP-fazer mingau 2-ir
 ‘(menina) vai fazer o mingau!’

269. *e-mu-akim* *ne* *r-uwə*
 2IMP-CAUS-molhar 2 R¹-rosto
 ‘molhe o seu rosto!’

270. *pe-mono* *t-emiŋu* *zawar- pe*
 23IMP-dar R⁴-comida cachorro- DAT
 ‘dêem comida pra esse cachorro!’

271. *pe-zapo* *miŋaŋu* *pe-ho*
 23 IMP-fazer mingau 23-ir
 ‘(meninas) vão fazer o mingau!’

272. *pe-pituŋu* *maŋe* *∅-momor-haw* *i*

23 IMP-parar coisa R¹-jogar- NOM6 ASSER
 ‘parem o jogo!’

Imperativo na forma negativa

Com verbo intransitivo

273. *e-hem* *zo* *e-ho* *aman* *n-upi* *n-ehe*
 2IMP-sair PROIB 2-ir chuva R¹-PER R¹-em.relação.a
 ‘não vai sair na chuva agora’

274. *e-jupîr* *zo* *uasaŕîŕw* *r-upi*
 2 IMP –subir PROIB açazeiro R¹-PER
 ‘não vai subir nesse açazeiro’

275. *pe-ho* *zo* *kaŕa* *r-upi* *pe* *zutîk aŕî* *n-ehe*
 23 IMP-ir PROIB mato R¹-PER 23 sozinho R¹-em.relação.a
 ‘não vão entrar no mato sozinhos’

Com verbo transitivo

276. *e-zumun* *zo* *Ø-puhaŕe*
 2 IMP-cuspir PROIB R¹-remédio-ARG
 ‘não cuspa o remédio’

277. *pe-muzear zo uasaʔi akazu*

23 IMP-misturar PROIB açai caju

iru-ramo n-ehe

companheiro-TRANS R¹-em.relação.a

‘não vão misturar açai com caju’

278. *pe-momor zo ita wira:miri r-ehe*

23 IMP-jogar PROIB pedra pássaro-pequeno R¹-em.relação.a

‘não vão jogar pedra no passarinho’

Guajajara

Imperativo na forma afirmativa

Com verbo intransitivo

Exemplos:

279. *e-zewi no!*

2IMP-voltar PROIB

‘volte também’

280. *pe-zewír!*
 23IMP-voltar
 ‘voltem!’

Com verbo transitivo

281. *e-muŋuj* *ne* *∅-ʔaw*
 2IMP-pentear 2 R¹-cabelo
 ‘penteie o cabelo!’

282. *pe-muŋʔuj* *pe* *∅-ʔaw*
 23IMP-pentear 23 R¹-cabelo
 ‘penteiem o cabelo!’

Com verbo reflexivizado

283. *e-ze-mu-pinim* *ni-ə* *no*
 2IMP-REFL- CAUS-pintar 2-ARG REP
 ‘pinte-se!’

284. *pe-ze-mu-pinim* *pi-ə* *no*
 23IMP-REFL-CAUS- pintar 23-ARG REP
 ‘pintem-se!’

Imperativo na forma negativa

Com verbo intransitivo

285. *e-hem* *zo* *e-ho* *n-ehe*
2IMP-sair PROIB 2IMP-ir R¹-em.relação.a
'não saia!'

286. *pe-hem* *zo* *n-ehe*
23IMP-sair PROIB R¹-em.relação.a
'não saiam!'

Com verbo transitivo

287. *e-ʔu* *zo* *muhaŋ* *nehe*
2IMP-ingerir PROIB remédio INTEN
'não beba o remédio!'

288. *pe-ʔu* *zo* *muhaŋ* *nehe*
23IMP-ingerir PROIB remédio INTEN
'não bebam o remédio!'

289. *e-zuka* *zo* *kwej* *moj-ə*
2IMPF-matar PROIB RLZ cobra-ARG

‘não mate aquela cobra!’

290. *pe-zuka zo kwej moj-ə*
23IMP-matar PROIB RLZ cobra-ARG
‘não matem aquela cobra!’

Com adjetivo

291. *pe-zemumík ahí zo pe-nuríw ete pe-ə no*
23 -estar.triste INT2 PROIB 23-alegre INT3 23-ARG também
‘não fiquem tristes! Alegrem-se!’

Com verbo reflexivizado

292. *e-ze-mu-pinim zo ni-ə kurí*
2IMP-REFL- CAUS-pintar PROIB 2- ARG logo/agora
‘não te pinta agora!’

2.1.2.4 Prefixos pessoais da Série VII

Carvalho (2001) mostra que esta série de prefixos em Tembé é restrita aos verbos posicionais *-?əm* ‘estar ‘em pé’, *-eko* ‘estar em movimento’, *-in* “estar sentado” e *-?up* “estar deitado”. De acordo com a autora, havia um grupo de falantes que não utilizava mais os prefixos da série VII, a saber, o grupo constituído por pessoas de

diferentes faixas etárias que haviam aprendido o Tembé como segunda língua ou que não tinham tido a oportunidade de aprendê-lo perfeitamente. Alguns dos exemplos de Carvalho (2001) mostra o uso dessa série de prefixos nos verbos chamados ‘posicionais’, alguns dos quais são transcritos a seguir:

Tembé

Exemplos:

-ini ‘estar.sentado’

293. *ize-ə* *a-maʔe=ʔu* ***te-ini***
 1-Arg 1-caça=comer **1corr-estar.sentado**
 ‘eu estou comendo sentado’ (P.)

294. *ne* *ere-maʔe=ʔu* ***re-ni***
 2 2-caça=comer **2corr-estar.sentado**
 ‘você está comendo sentado’ (T.)

295. *zane-ə* *za-maʔe=ʔu* ***za-ni***
 12-Arg 12-caça=comer **12corr-estar.sentado**
 ‘nós estamos comendo sentados’ (E.)

296. *ure* *uru-maʔe=ʔu* ***ru-ni***
 13 13-caça=comer **13corr-estar.sentado**
 ‘nós estamos comendo sentados’ (El.)

297. *pe-ə* *pe-maʔe=ʔu* *pe-ni*
 23-Arg 23-caça=comer **23corr-estar.sentado**
 ‘vocês estão comendo sentados’ (E.)

298. *aʔe-ə* *u-maʔe=ʔu* *∅-ini*
 esse-Arg 3-caça=comer **3corr-estar.sentado**
 ‘ele está comendo sentado’ (P.)

-eko ‘estar.em.mov(imento)’

299. *ize-ə* *a-zeʔeŋ* *te-ko*
 1-Arg 1-falar **1corr-estar.em.mov**
 ‘eu estou falando (em movimento)’ (E.)

300. *ne-ə* *ere-zeʔeŋ* *re-eko*
 2-Arg 2- falar **2corr-estar.em.mov**
 ‘você está falando (em movimento)’ (P.)

301. *zane* *za-zeʔeŋ* *za-eko*
 12 12- falar **12corr-estar.em.mov**
 ‘nós (incl.) estamos falando (em movimento)’ (E.)

302. *ure-ə uru-zeʔeŋ ru-eko*
 13-ARG 13- falar **13corr-estar.em.mov**
 ‘nós (excl.) estamos falando (em movimento)’ (E.)

303. *pe-ə pe-zeʔeŋ pe-ko*
 23-ARG 23- falar **23corr-estar.em.mov**
 ‘vocês estão falando (em movimento)’ (P.)

304. *aʔe u-deʔeŋ Ø-eko*
 ele/esse 3- falar **3corr-estar.em.mov**
 ‘ele está falando (em movimento)’ (T.)

Os dados de nosso corpus do Tembé reforçam o verificado por Carvalho. Embora com algumas particularidades que analisaremos adiante, a série de prefixos correferenciais ainda ocorre nos verbos posicionais conforme exemplificado a seguir.

Tembé

Exemplos:

-ʔəm ‘estar em pé’

305. *ihe a-tʔram.pʔkuj te-ʔəm mi*
 1 1-farinha-torrar 1 CORR -estar.em.pé ASSER
 ‘eu estou torrando farinha em pé’

306. *ne tɨram ere-pɨkuj re-ʔəm mi*
 2 farinha 2-torrar 2 CORR -estar.em.pé ASSER
 ‘tu estás torrando farinha em pé’
307. *aʔe u-tɨram.pekuj u-ʔəm mi*
 ele/esse 3-farinha.torrar 3 CORR -estar.em.pé ASSER
 ‘ele está torrando farinha em pé’
308. *zane ti-tɨram.pekuj za-ʔəm mi*
 12 12-farinha-torrar 12 CORR -estar.em.pé ASSER
 ‘nós estamos torrando farinha em pé’
309. *pe pe-tɨram.pekuj pe-ʔəm mi*
 23 23-farinha.torrar 23 CORR -estar.em.pé ASSER
 ‘vocês estão torrando farinha em pé’
310. *aʔe wə u-tɨram.pɨkuj u-ʔəm i wə*
 ele PL 3-farinha.torrar 3 CORR-estar.em.pé ASSER PL
 ‘eles estão torrando farinha em pé’

Guajajára

Exemplos:

Em Guajajara também são encontrados em pleno uso os quatro verbos posicionais descritos para o Temb , mas nem sempre esses verbos se combinam com prefixos correferenciais quando em fun o auxiliar.

-eko ‘estar em movimento’

311. *azeɽar* **te-koko** *ih-əj*
1-cantar 1CORR -estar.em.mov. 1-ARG-INDII
‘eu estou cantando’

312. *uru-ata* **uru-iko** *kaʔa-pe* *ure-ə*
13-andar 13 CORR-estar.em.mov. mato-LOC 13-ARG
‘nós andamos pelo mato’

313. *za-ta* **za-iko** *kaʔa-pe* *zane-ə*
12-andar 2 CORR - estar.em.mov. mato -LOC 12-ARG
‘nós andamos pelo mato’

314. *pe-zeɽar* **pe-ko** *pe-əj*
23-cantar 23 CORR -estar.em.mov. 3-ARG
‘vocês estão cantando’

-in ‘estar sentado’

315. *a-pirapoj-ə a-pɨk te-nə kanu r-ehe*
1-pescar-ARG 1-sentar 1 CORR-estar.sentado canoa R¹-em.relação.a
‘eu estou pescando sentado na canoa’

316. *ne re-zeʔeŋ Ø-ina re-apɨk pə*
2 2-falar 2 CORR -estar.sentado 2-sentar GER
‘você está conversando sentado’

317. *aʔe u-zemuŋeta w-apɨk Ø-in*
ele/esse 3-conversar 3-sentar 3 CORR -estar.sentado

u-zeʔeŋ Ø-inə
3-falar 3-estar.sentado
‘ela está conversando sentada’

318. *zane za-zeʔeŋ za-in za-pɨk pə*
12 12-falar 12 CORR -estar.sentado 12-sentar GER
‘nós estamos conversando sentados’

319. *ure uru-zeʔeŋ uru-in uru-apɨk pə*
13 13-falar 13 CORR-estar.sentado 13-sentar GER
‘nós estamos conversando sentadas’

-ʔəm ‘estar em pé’

320. *ihe a-zemuŋeta Ø-ʔəm Ø-pe-pe*
1 1-conversar 1 CORR -estar.em.pé R⁴-caminho-LOC
‘eu conversei no caminho’
321. *ne ere-zajɔ Ø-ʔəm tete aɔu*
2 2-chorar 2CORR estar.em.pé INT1 INT5
‘você está chorando demais’
322. *kuzə u-pɥa Ø-ʔəm katu-pe*
mulher 3-ficar 3 CORR-estar.em.pé fora- LOC
‘a mulher ficou em pé do lado de fora’
323. *zane za-zeɽeŋ za-ʔəm zemuɽe-haw-pe*
12 12-falar 12 CORR -estar.em.pe ensinar -NOM6-LOC
‘nós estamos falando na escola’
324. *ure uru-majɔu uru-ʔəm rihi*
13 13-comer 13 CORR -estar.em.pé IMPF
‘nós ainda estamos comendo’
325. *pe pe-pɥa pe-ʔəm katu-pe*

23 23-ficar 23CORR -estar.em.pé fora-LOC

‘você estão em pé do lado de fora’

326. *aʔe wə u-majʔu Ø-ʔəm rihi*
ele PL 3-comer 3 CORR -estar.em.pé IMPF
‘eles ainda estão comendo’

-ʔup ‘estar deitado’

327. *tueha rupi ihe a-zeŋar Ø-zupə*
HAB3 1 1-cantar 1 CORR-estar.deitado
‘eu sempre canto deitada’

328. *re-kʰi:kʰi ne r-eha Ø-zupə*
2-esfregar 2 R¹-olho 2 CORR-estar.deitado
‘você está esfregando os olhos’

329. *aʔe u-zajʔo Ø-zupə rihi*
ele 3-chorar 3 CORR -estar.deitado IMPF
‘ela ainda está chorando’

330. *tueha rupi zane za-zeŋar za-zupə*
sempre 12 12-cantar 12 CORR -estar.deitado

‘nós sempre cantamos deitados’

331. *tueha rupi ure uru-zeŋar uru-zupə kɨhaw Ø-pupe*
HAB3 13 13-cantar 13 CORR -estar.deitado R¹-rede R¹-dentro
‘nós sempre cantamos na rede’

332. *pe pe-zemuŋeta pe-zupə peapɨk pə*
23 23-conversar 23 CORR -estar.deitado 23-sentar GER
‘você estavam conversando deitados’

333. *aŋe u-zemuŋeta Ø-upə wə rihi*
ele 3-conversar 3 CORR -estar.deitado 3.PL IMPF
‘elas ainda estão conversando’

Prefixo correferencial de 1ª pessoa do singular

A respeito da 1ª pessoa do singular, Bendor Samuel (1976:87-88) analisa, para o Guajajara, o prefixo *te-* (1ª pessoa do singular), que definimos como parte de uma série correferencial, como sendo apenas uma forma alternativa de primeira pessoa com dois alomorfes: *t-* (ocorrendo seguido de vogal) e *te-* (seguido de consoante). Mostraremos em seguida a ocorrência dos prefixos correferenciais em nossos dados, identificando os contextos em que surgiram novos alomorfes desses prefixos e o caminho que os têm levado ao enfraquecimento de seu uso.

Tembé

Exemplos:

334. *ihe a-zemujta te-ʔam mi*
1 1-conversar 1CORR estar.em.pé ASSER
'eu estou conversando em pé'

335. *ihe a-pinaʔk te-ko*
1 1-pescar 1 CORR-estar.em.mov.
'eu estou pescando'

Guajajara

336. *a-maʔereko te-koko ih-əj rihi*
1-trabalhar 1 CORR-estar.em.mov. 1-ARG IMPF
'eu ainda estou trabalhando'

337. *a-maraj te-koko ih-əj kuri*
1-brincar 1 CORR -estar.em.mov. 1-ARG logo/agora
'eu estou brincando'

A respeito da ocorrência dos prefixos correferenciais de 1ª e 3ª pessoas nos verbos posicionais (série VII), nota-se que eses verbos ora são marcados por esses prefixos ora são marcados pelos prefixos pessoais da série IV. Apresentamos a seguir

exemplos que mostram as duas ocorrências. Mostraremos as ocorrências na 1ª e 3ª pessoas em cada uma das línguas (Tembé e Guajajára)

Verbo posicional + prefixo correferencial *te-* (de 1ª pessoa do singular,série VII)

***-eko* ‘estar em movimento’**

Tembé

338. *a-zur te-ko kaʔa r-upi a-zemunita*
 1-*vir* 1 CORR-*estar.em.mov.* mato R¹-*PER* 1-*conversar*

ne Ø-iruramo

2 R¹-*ASS*

‘eu vim pelo mato conversando contigo’

339. *a-ta a-ha te-ko*
 1-*andar* 1-*ir* 1 CORR -*estar.em.mov.*

timuzeʔeŋ-ha te-ko

assobiar- NOM4 1CORR-*estar.em.mov.*

‘eu caminhei assobiando pelo mato’

340. *a-zeʔeŋ a-ha te-ko he Ø-piʔa*
 1-*falar* 1-*ir* 1 CORR -*estar.em.mov.* 1 R¹-*fgado*

ne *r-ehe*
2 R¹-em.relação.a
'eu viajei falando sobre você'

-in 'estar sentado'

341. *a-zapo* *maʔe:puʔiʔ* *te-nin* *a-ʔu* *tɨram*
1-fazer artesanato 1 CORR -estar.sentado 1-comer farinha
'eu fiz artesanato mastigando farinha'

342. *maniʔok* *a-pirok* *te-ni*
mandioca 1-tirar.a.pele 1 CORR-estar.sentado
'eu estou descascando mandioca'

-ʔam 'estar em pé'

343. *a-zapo* *miʔaʔu* *teʔam* *mi* *a-zajʔo*
1-fazer mingau 1 CORR -estar.em.pé ASSER 1-chorar

. *teʔam* *i*
1CORR -estar.em.pé ASSER
'eu mexi o mingau chorando'

344. *ihe a-pinaĩk te-ʔam*
 1r 1-pescar 1CORR -estar.em.pé
 ‘eu estou pescando em pé’

-ʔup ‘estar deitado’

345. *a-ʔaw t-upə Ø-ʔaw kiha-pe*
 1-deitar 2corr-deitado 2CORR -deitado R¹-rede-LOC
 ‘eu estou deitada na rede’

Verbo posicional + prefixo pessoal *a-* (de 1ª pessoa da série IV)

Tembé

-ʔup ‘estar deitado’

346. *ihe a-zemujta a-zu pə*
 1 1-conversar 1CORR -estar.deitado GER
 ‘eu estou conversando (deitado)’

347. *ihe puhaŋ a-ʔu a-zu pə*
 1 remédio 1-ingerir 1CORR-estar.deitado GER
 ‘eu estou bebendo remédio (deitado)’

348. *ihe maʔe a-mumiʔu a-zu pə*
 1 coisa 1-narrar 1CORR -estar.deitado GER
 ‘eu estou contando história (deitado)’

Note-se que as situações acima, em que a primeira pessoa correferencial não é marcada pela série VII é justamente quando o verbo é seguido pela marca de gerúndio, uma situação que, tradicionalmente, exigia o gerúndio.

Mas a ausência de prefixos correferenciais da série VII é também observada em outras situações, como as seguintes:

Tembé

–*eko* ‘estar em movimento’

349. *a-majʔu a-iko*
 1-comer 1CORR-estar.em.mov.
 ‘eu estou comendo (deitado na rede, se embalando) ‘

350. *a-majʔu a-iko*
 1-comer 1CORR -estar.em.mov.
 ‘eu estou comendo’

Há ainda a ocorrência de verbos posicionais em função auxiliar que recebem o alomorfe *∅*- do prefixo correferencial de primeira pessoa da série VII:

-ini ‘estar sentado’

351. *a-majʔu* *∅-ini-n* *∅-iapɨk* *pə*
1-comer 1 CORR -estar.sentado- INDII R¹-sentar GER
‘eu estou comendo (agachado)

352. *ihe* *a-zemujta* *a-pɨk* *∅-ini*
1 1-conversar 1-sentar 1 CORR-estar.sentado
‘eu estou conversando sentado’

-eko ‘estar em movimento’

353. *maʔe* *∅-putɨr* *a-etun* *∅-iko* *kɨtaw -pe*
coisa R¹-flor 1-cheirar 1 CORR -estar.em.mov. quintal-LOC
‘eu estava cheirando as flores lá do quintal’

354. *a-putar* *ihe* *r-emiriko* *∅-iko*
1-gostar 1 R¹-esposa 1 CORR-estar.em.mov.
‘eu estou gostando da Marluce’

A seguir os exemplos do Guajajára ilustrando a alternância de uso entre pronomes correferenciais e pronomes pessoais da série IV nos verbos posicionais.

Guajajára

Verbo posicional + prefixo correferencial *te-* (de 1ª pessoa do singular, série IV)

-in ‘estar sentado

355. *ihe a-zemuŋeta te-nə* *∅iapk pə*
1 1-conversar 1 CORR -estar.sentado 1-sentar GER
‘eu estou conversando sentada’

356. *a-majɔu te-nə* *ɔə ihe*
1-comer 1 CORR -estar.sentada sentado 1
‘eu estou comendo sentada’

-eko ‘estar em movimento’

357. *azeŋar te-koko* *ih-əj*
1-cantar 1 CORR -estar.em.mov. 1-ARG-INDII
‘eu estou cantando’

358. *a-maɔereko te-koko* *ih-əj*
1-trabalhar 1 CORR-estar.em.mov. 1-ARG-INDII
‘eu estou trabalhando’

359. *a-zemomik te-ko ihe-əj*
 1-estar.triste 1 CORR -estar.em.mov. 1-ARG-INDII
 ‘eu estou triste’

Verbo posicional + prefixo pessoal *a-* (de 1ª pessoa do singular, série IV)

***-lam* ‘estar em pé’**

360. *a-ro a-lam kwez kat-pe*
 1-esperar 1 CORR-estar.em.pé RLZ fora-LOC
 ‘eu esperei (em pé) do lado de fora’

361. *ihe a-zemuŋeta Ø-lam Ø-pe-pe*
 1 1-conversar 1 CORR-estar.em.pé R¹-caminho-LOC
 ‘eu conversei no caminho’

Verbo posicional + *Ø-* (alomorfe do prefixo correferencial de 1ª pessoa)

Em Guajajára a situação é similar à que ocorre no Tembé: a primeira pessoa correferencial tem um alomorfe *Ø-* e pode também alternar com o alomorfe mais conservador *e-*.

***-in* ‘estar sentado’**

362. *ihe a-zeŋeŋ Ø-inə Ø-iapik pə*
 1 1-falar 1CORR -estar.sentada 1CORR.sentar GER

‘eu estou conversando sentada’

363. *ihe a-zeʔeŋ e-in Ø-iapɨk pə*
1 1-falar 1 CORR -estar.sentada 1CORR.sentar GER
‘eu estou conversando sentada’

-ʔup ‘estar deitado’

A variedade falada por índios da aldeia Barreirinha (Guajajára) apresenta a forma *ʔupə* do verbo ‘estar deitado’ para todas as pessoas verbais, com exceção da primeira pessoa que mantém a forma *tupə*.

364. *ihe a-zeʔeŋ t-upə*
1 1-falar 1 CORR-estar.deitado
‘eu estou falando deitado’

365. *ne ere-zeʔeŋ Ø-ʔupə*
2 2-falar 2 CORR- estar-deitado
‘eu estou falando deitado’

366. *aʔe u-zeʔeŋ Ø-ʔupə*
ele 3-falar 3 CORR-estar-deitado
‘ele está falando deitado’

367. *ure uru-zeʔeŋ Ø-zupə*
 13 13-falar 13 CORR-estar.deitado
 ‘nós estamos falando deitados’

368. *pe pe-zeʔeŋ Ø-zupə*
 23 23-falar 3 CORR-estar.deitado
 ‘vocês estão falando deitados’

369. *aʔe u-zeʔeŋ Ø-zupə*
 ele 3-falar 3 CORR-estar.deitado
 ‘eles estão falando deitados’

Quanto à ocorrência do prefixo correferencial de 2ª pessoa do singular nos verbos posicionais, nota-se que estes também se alternam com os prefixos pessoais da série IV:

Prefixo correferencial de 2ª pessoa do singular

Tembé

Verbo posicional + prefixo correferencial *re-* de 2ª pessoa do singular

***-in* ‘estar sentado’**

370. *ne maiʔu re-ni re-wapik pə*
 2 comer 2 CORR -estar.sentado 2-sentar GER

‘tu estás comendo sentado’

-ʔam ‘estar em pé’

371. *ne* *maniʔok* *re-kɨk* *re-ʔam*
2 mandioca 2-ralar 2 CORR-estar.em.pé
‘você está ralando mandioca em pé’

Verbo posicional + prefixo correferencial *e-* de 2ª pessoa do singular

-up ‘estar deitado’

Nos dois exemplos a seguir, curiosamente, o falante utiliza a forma *-e* para o prefixo de segunda pessoa, que deveria ser justamente a forma da segunda pessoa correferencial do Tenetehára, cognata das demais línguas Tupí-Guaraní que possuem um sistema de prefixos correferenciais para todas as pessoas.

372. *ne* *∅-puhaŋ* *ere-ʔu* *e-zu* *pə*
2 R¹-remédio 2-ingerir 2CORR estar.deitado GER
‘tu estás bebendo remédio deitado’

373. *ne* *maʔe* *re-mumiʔu* *e-zu* *pə*
2 coisa 2-narrar 2 CORR -estar.deitado GER
‘tu estás contando história deitado’

Neste estudo assumimos que essas ocorrências de *e-* são resquícios da antiga forma correferencial.

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 2ª pessoa

-eko ‘estar em movimento’

374. *re-putuka maʔe \emptyset -iko*
2-lavar coisa 2CORR -estar.em.mov.
‘você está lavando a roupa’

375. *rezeʔeŋ \emptyset -iko*
2-falar 2 CORR-estar.em.mov.
‘você está falando’

376. *ne maniʔok re-pirok \emptyset -iko*
2 mandioca 2-tirar.a.pele 2 CORR-estar.em.mov.
‘tu estás descascando mandioca’

-in ‘estar sentado’

377. *ne \emptyset -puɨr ere-zapo \emptyset -ini \emptyset -apɨk pə*
2 R¹-colar 2-fazer 2 CORR -estar.sentado 2-sentar GER
‘tu estás fazendo colar sentado’

378. *ne re-zemujta Ø-ini re-wapɨk pə*
 2 2-conversar 2CORR-estar.sentado 2-sentar GER
 ‘tu estás conversando sentado’

379. *re-majɨu Ø-ni*
 2-comer 2 CORR-estar.sentado
 ‘você está comendo (sentada)’

-ɨam ‘estar em pé’

380. *re-pɨo miŋaɨu Ø-ɨam*
 2-mexer mingau 2 CORR-estar.em.pé
 ‘você está mexendo o mingau’

-up ‘estar deitado’

381. *re-kɨi:kɨiɨk ne r-eha Ø-zupə*
 2-esfregar:esfregar 2 R¹-olho 2 CORR-estar.deitado
 ‘você está esfregando os olhos’

382. *ne n-iakəŋ re-karãj Ø-zupə*
 2 R¹-cabeça 2-coçar 2 CORR-estar.deitado
 ‘tu estás coçando a cabeça deitado’

383. *re-puajhu* \emptyset -*zupə*
 2-sonhar 2 CORR-estar.deitado
 ‘você está sonhando’

Guajajára

Em Guajajára a marcação da correferencialidade em verbos posicionais, quando se trata da segunda pessoa, também apresenta modificações análogas às que ocorreram em Tembé. Observa-se, por exemplo, a presença do prefixo *e-* no tema da oração principal.

Verbo posicional + prefixo correferencial *e-* de 2ª pessoa

–*eko* ‘estar em movimento’

384. *e-zemomik* *e-ko* *ni-əj*
 2-estar.triste 2CORR-estar.em.mov. 2-ARG
 ‘você está triste’

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 2ª pessoa

–*eko* ‘estar em movimento’

385. *ne* *re-ata* \emptyset -*iki* *zaiw-pe*
 2 2-andar 2CORR-estar.em.mov. mato-LOC
 ‘você anda pelo mato’

386. *ne r-upeh̃j* *∅-iko* *ni-əj*
 2 R¹-estar.com.sono 2CORR -estar.em.mov. 2- ARG
 ‘você está com sono’

387. *ne re-zeʔeŋ* *∅-ina* *re-ap̃k* *pə*
 2 2-falar 2CORR estar.sentado 2-sentar GER
 ‘você está conversando sentado’

388. *ne ere-ap̃k* *∅-ini*
 2 2-sentar 2 CORR-estar.sentado
 ‘você está sentada’

Prefixo correferencial de 3ª pessoa - Série VII

Tanto em Tembé quanto em Guajajára foi observada a alternância de uso dos prefixos correferenciais de 3ª pessoa com os prefixos pessoais de 3ª pessoa da Série IV conforme ilustram os exemplos a seguir:

Tembé

Verbo posicional + alomorfe do prefixo correferencial *∅-* de 3ª pessoa

–*eko* ‘estar em movimento’

389. *aʔe u-pinaĩtik* *∅-ko* *wə*

ele 3-pescar 3 CORR-estar.em.mov. 3.PL
 ‘eles estão pescando’(em movimento)

390. *aʔe u-pinaɬik Ø-ko wə*
 ele 3-pescar 3 CORR -estar.em.mov. 3.PL
 ‘eles estão pescando’

-in ‘estar sentado’

391. *aʔe wə w-apɨk Ø-ini Ø-pinaɬik*
 ele 3PL 3-sentar 3 CORR -estar.sentado 3-pescar

pə iɲar-ipe
 GER canoa-LOC

‘ele está pescando (sentado) na canoa’

392. *aʔe w-apɨk Ø-ini iɲar-ipe i-pinaɬik pə*
 ele 3-sentar 3 CORR -estar.sentado canoa-LOC 3-pescar GER

‘ele estão pescando (sentados) na canoa’

-ʔəm ‘estar em pé’

393. *aʔe u-zeʔeɲ Ø-ʔəm i*
 ele 3-falar 3 CORR-estar.em.pé ASSER

‘ele está discursando (em pé)’

394. *aʔe u-zajʔo tete aʔu Ø-ʔəm i*
 ele 3-chorar mesmo muito 3 CORR- estar.ém.pé ASSER
 ‘ele está chorando muito (em pé)’

-ʔup ‘estar deitado’

395. *aʔe u-zeɲar Ø-ʔu pə*
 ele 3-cantar 3 CORR-estar.deitado GER
 ‘ele está cantando deitado’

396. *aʔe u-zaʔfo Ø-ʔu pə*
 ele 3-chorar 3 CORR -estar.deitado GER
 ‘ele está chorando deitado’

397. *aʔe maʔe u-mumiʔu Ø-ʔu pə*
 ele coisa 3-narrar 3 CORR-estar.deitado GER
 ‘ele está contando história deitado’

**Verbo posicional + alomorfe *u-* do prefixo correferencial de 3ª pessoa
 -eko ‘estar em movimento’**

398. *kuzə taʔi miɲaʔu u-zapo u-iko*

moça mingau 3-fazer 3 CORR -estar.em.mov.
 ‘a moça está mexendo o mingau’

399. *ihe miriro u-zeḡar u-iko*
 1 neto 3-cantar 3 CORR-estar.em.mov.
 ‘meu neto está cantando’

400. *he hi u-mupinim kuzə taʔi Ø-ze-muniar*
 1 R¹-mãe 3- CAUS-pintar moça R¹- REFL -menstruadas

 maʔe kwer u-iko
 coisa RETR 3 CORR-estar.em.mov.
 ‘minha mãe está pintando as meninas-moças’

-in ‘estar sentado’

401. *kwarer aʔi u-kamu u-ini*
 criança aí 3-mamar 3 CORR-estar.sentado
 ‘a criança está mamando’ (deitada no colo da mãe)

402. *kaʔa mono maʔe u-mukaw u-mukatu u-ini*
 caçador NOM2 R¹-espingarda 3-limpar 3 CORR-estar.sentado
 ‘o caçador está limpando a espingarda’ (agachado)

-ʔəm ‘estar em pé’

403. *aʔe u-zemujta u-ʔəm i wə*
ele 3-conversar 3 CORR-estar.em.pé ASSER PL
‘eles estão conversando em pé’

404. *aʔe u-zemujta u-ʔəm i wə*
ele 3-conversar 3 CORR-estar.em.pé ASSER PL
‘ele está conversando em pé’

405. *aʔe maniʔok o-ʔok Ø-iko*
ele mandioca 3-arrancar 3 CORR-estar.em.mov.

u-puʔəm pə
3CORR-estar.em.pé GER
‘ele está arrancando mandioca em pé’

406. *aʔe wə u-puʔəm Ø-iko maniʔok*
ele PL 3-estar.em.pé 3CORR-estar.em.mov. mandioca

o-ʔok pə wə
3-arrancar GER 3.PL
‘eles estão arrancando mandioca em pé’

407. *Bubute* *u-hɨk* *o-ho* *u-depinaɨk* *u-ʔəma*
 nome próprio 3-chegar 3-vir 3-pescar 3CORR-estar.em.pé
 ‘seu Bubute chegou para pescar’

-ʔup ‘estar deitado’

408. *aʔé* *u-zemujta* *u-ʔu* *pə*
 ele 3-conversando 3CORR-estar.deitado GER
 ‘ele está conversando deitado’

409. *aʔe* *wə* *u-zemujta* *u-ʔu* *pə* *wə*
 ele 3.pl 3-conversar 3CORR-estar.deitado GER 3.PL
 ‘eles estão conversando deitados’

Guajajára

Prefixo correferencial de 3ª pessoa

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 3ª pessoa

410. *aʔe* *u-zemuŋeta* *w-apɨk* \emptyset -*in* *u-zeʔeŋ* *inə*
 ele 3-conversar 3-sentar 3CORR-sentado 3-falar sentado
 ‘ela está conversando sentada’

411. *aʔe* *∅-zemomik* *∅-iko* *i-əj*
 ele 3-triste 3CORR-estar.em.mov. 3-ARG
 ‘ele está triste’

412. *aʔe* *maʔereko* *∅-iko* *noj*
 ele trabalhar 3CORR-estar.em.mov. também
 ‘ela está trabalhando também’

Verbos posicional + alomorfe *u-* do prefixo correferencial de 3ª pessoa

-eko ‘estar em movimento’

413. *aʔe* *u-ata* *u-iko* *iziaʔw-pe*
 ele 3-andar 3CORR-estar.em.mov. mato-LOC
 ‘ele anda pelo mato’

414. *aʔe* *u-zeɲar* *u-iko* *wə*
 ele 3-cantar 3CORR-estar.em.mov. 3.PL
 ‘eles estão cantando’

Prefixo correferencial de 1ª pessoa do plural inclusiva *za-*

O uso do prefixo correferencial de 1ª pessoa inclusiva *za-* é plenamente ativo em Tembé, talvez por ser homônimo do pronome de 1ª pessoa inclusiva da série IV.

Tembé

Verbo posicional + prefixo correferencial de 1ª pessoa inclusiva *za-*

-eko ‘estar em movimento’

415. *za-majʔu* *za-iko* *kurɨ*
12-comer 12CORR-estar.em.mov. agora
‘nós estamos comendo (agora)’

-ʔup ‘estar deitado’

416. *zane* *maʔe* *ti-mumiʔu* *za-zu* *pə*
12 coisa 12-narrar 12CORR-estar.deitado GER
‘nós estamos contando história deitados’

417. *zane* *puhaŋ* *za-ʔu* *za-zu* *pə*
12 remédio 12-estar.em.pé 12CORR-estar.deitado GER
‘nós estamos bebendo remédio deitados’

-ʔəm ‘estar em pé’

418. *zane* *ti-pinaitɨk* *za-ʔəm*
12 12-pescar 12CORR-estar.em.pé

‘nós estamos pescando em pé’

-in ‘estar sentado’

419. *zane* *ti-apik* *za-ini* *ijar-pe* *pinaik* *pə*
12 12-sentar 12CORR-estar.sentado canoa-LOC pescar GER
‘nós estamos pescando na canoa’

Os exemplos seguintes mostram a marcação de correferencialidade da 1ª pessoa do plural inclusiva em Guajajára:

Guajajára

Verbo posicional + prefixo correferencial de primeira pessoa inclusiva *za-*

-eko ‘estar em movimento’

420. *zane* *r-upehji* *za-iko* *zane-əj*
12 R¹-estar.com.sono 12CORR-estar.em.mov. 12- ARG
‘nós estamos com sono’

-in ‘estar sentado’

421. *zane* *za-ze?eŋ* *za-in* *za-pik* *pə*
12 12-falar 12CORR-estar.sentado 12CORR-sentar GER
‘nós estamos conversando sentados’

Apresentamos nos exemplos a seguir a marcação de correferencialidade em verbos posicionais do Tembé e do Guajajára quando se trata da primeira pessoa exclusiva:

Prefixo correferencial de 1ª pessoa do plural exclusiva *ru-*

Verbo posicional + alomorfe *uru-* do prefixo correferencial de 1ª pessoa exclusiva.

Tembé

-eko ‘estar em movimento’

422. *ure* *uru-majʔu* ***uru-iko***
 13 13-comer 13CORR-estar.em.mov.
 ‘nós estamos comendo’

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 1ª pessoa exclusiva.

-eko ‘estar em movimento’

423. *ure* *uru-majʔu* **\emptyset -iko**
 13 13-comer 13CORR-estar.em.mov.
 ‘nós estamos comendo (andando)’

Guajajára

Verbo posicional + alomorfe *uru-* ~ *ru-* do prefixo correferencial de 1ª pessoa exclusiva.

-eko ‘estar em movimento’

424. *ure uru-ata ru-iko i-ziaʔw-pe*
13 13-andar 3CORR-estar.em.mov. R²-mato-LOC
‘nós andamos pelo mato’

-in ‘estar sentado’

425. *ure uru-zeʔeŋ uru-in uru-apɨk pə*
13 13-falar 13CORR-estar.sentado 13CORR-sentar GER
‘nós estamos conversando sentadas’

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 1ª pessoa exclusiva

-ʔup ‘estar deitado’

426. *uru-məmiʔu \emptyset -zupə ru-əj*
13-conversar 13CORR-estar.deitado 13-ARG
‘nós estamos conversando (deitados)’

Ilustraremos nos exemplos seguintes o uso do prefixo correferencial de 2ª pessoa do plural em Tembé e em Guajajára.

Prefixo correferencial de 2ª pessoa do plural

Verbo posicional + alomorfe *pe-* do prefixo correferencial de 2ª pessoa do plural.

Tembé

-eko ‘estar em movimento’

427. *pe-majʔu* *pe-ko*
23-comer 23-CORR- estar.em.mov.
‘vocês estão comendo’

-ʔup ‘estar deitado’

428. *pe* *maʔe* *pe-mumiʔu* *pe-zu* *pə*
23 coisa 23-narrar 23CORR-estar.deitado GER
‘vocês estão contando história deitados’

429. *pe* *puhaŋ* *pe-ʔu* *pe-zu* *pə*
23 remédio 23-comer 23CORR-estar.deitado GER
‘vocês estão bebendo remédio deitados’

-ʔəm ‘estar em pé’

430. *pe* *pe-tíram-pekuj* *pe-ʔəm* *i*
23 23-farinha-torrar 23CORR-estar-em.pé ASSER
‘vocês estão torrando farinha em pé’

431. *pe* *pe-kítik* *maniʔok* *pe-ʔəm*
 23 23-ralar mandioca 23CORR-estar.em.pé
 ‘você^s estão ralando mandioca em pé’

Verbo posicional + alomorfe \emptyset - do prefixo correferencial de 2ª pessoa plural.

Tembé

-in ‘estar sentado’

432. *pe* *pe-majʔu* \emptyset -*ini* *w-apik* *pə*
 23 23-comer 23CORR-estar.sentado 3-sentar GER
 ‘você^s estão comendo sentados’

433. *pe* \emptyset -*puír* *pe-zapo* \emptyset -*ini* *w-apik* *pə*
 23 R¹-colar 23-fazer 23CORR-estar.sentado 3-sentar GER
 ‘você^s estão fazendo colar sentados’

Guajajára

Verbo posicional + alomorfe *pe-* do prefixo correferencial de 2ª pessoa plural.

-ʔup ‘estar deitado’

434. *pe* *pe-zemuŋeta* *pe-zupə* *pe-apɨk* *pə*
 23 23-conversar 23CORR-estar.deitado 23CORR-sentar GER
 ‘você^s estão conversando deitados’

-eko ‘estar em movimento’

435. *pe* *pe-nurɨw* *ete* *pe-koj*
 23 23-estar.alegre mesmo 23CORR-estar.em.mov.
 ‘você^s estão alegres’

436. *pe-zemomɨk* *pe-ko* *pe-əj*
 23-estar.triste 23CORR-estar.em.mov. 23-ARG
 ‘você^s estão tristes’

2.1.3 Semelhanças e diferenças entre os sistemas pessoais do Tembé e do Guajajára

Os dados comparados neste estudo mostram que a língua Tembé é a que apresenta mais flutuação, embora devamos considerar o fato de que os Guajajára são muitos e que nem todas as suas variedades foram contempladas na nossa pesquisa, portanto, é possível que também no Guajajára existam variações como no Tembé. Uma das variações mais interessantes é a fonológica entre as formas com *d* e as formas com *z*, como em *zane* e *dane* e *za-* e *da-*. É possível que, no momento anterior à separação dos Tembé e dos Guajajára, a língua original tenha mudado o som *dz* para *z* em flutuação com *d*, tendo os Guajajára optado pela pronúncia *z*, mas a flutuação de *d* e *z* permanecera em Tembé. Note-se que o som *dʒ* continua a ocorrer em Tembé em certos contextos fonológicos, envolvendo sílaba acentuada com vogal alta, sobretudo a central.

O que constitui evidências de que em um estágio anterior do Tenetehára havia alofonia dz e $dʒ$ do fonema cujos reflexos nas línguas atuais são z em Guajajára, mas $d \sim z \sim dʒ$ no Tembé.

É importante notar que nas duas variedades há ocorrência do prefixo *ti-* tanto com verbos transitivos quanto com verbos intransitivos. Considerando o registro dessa língua feito por Bendor Samuel, segundo o qual a forma *ti-* relacionava-se a verbos transitivos, deduzimos que a extensão do uso dessa forma aos verbos intransitivos é muito recente. Por outro lado, a presença nas duas línguas dessa forma, mostra um traço bastante conservador do Tenetehára, não mais encontrado, como veremos, nas línguas do sub-ramo IV.

Outro traço conservador do Tenetehára é a presença das formas *a-pu(r)* e *uru-pu(r)* para marcar objetos de segunda pessoa plural quando o sujeito é de primeira pessoa. Este é também outro traço que diferencia, como veremos, o Tembé das demais línguas do seu sub-ramo, mas que pode ser devido, como alegaremos adiante, ao seu conservadorismo histórico.

Quanto aos prefixos correferenciais, primeiramente, é importante observar que as duas variedades Tenetehára se comportam de forma muito similar com respeito aos reflexos dos prefixos correferenciais. Ambas desenvolveram alomorfes \emptyset para praticamente todas as pessoas, mas todas elas mantêm ocorrências do sistema de correferenciais existente no estágio anterior à cisão que levou o Guajajára e o Tembé a se diferenciarem e serem assumidas pelos seus respectivos falantes como línguas diferenciadas, mas ambas Tenetehára.

Os dados usados no presente estudo mostram que, em um estágio anterior à separação dos Tembé e dos Guajajára, a língua original tinha o presente sistema de prefixos correferenciais conforme apresentamos no quadro da página seguinte:

Quadro 23 - Prefixos correferenciais em estágio anterior à cisão entre os Tembê e os Guajajára

TENETEHÁRA	
GLOSSA	SÉRIE VII
1	<i>te-</i>
2	<i>e-</i>
12	<i>za-</i>
13	<i>ru-</i>
23	<i>pe-</i>
3	<i>o-</i>

Propomos, aqui, que já começavam a surgir contextos sintáticos em que os correferenciais começavam a desenvolver alomorfes sem substância fonológica, razão pela qual modificamos o quadro proposto para a fase mais tardia do Tenetehára, aquela em que os Tembê e os Guajajára começavam a distinguir fronteiras territoriais e políticas:

Quadro 24 - Prefixos correferenciais após a cisão entre os Tembê e os Guajajára

TENETEHÁRA	
GLOSSA	SÉRIE VII
1	<i>te- / ∅</i>
2	<i>e- / ∅</i>
12	<i>za- / ∅</i>
13	<i>ru- / ∅</i>
23	<i>pe- / ∅</i>
3	<i>o- / ∅</i>

A variação de formas na expressão de correferencialidade nas línguas Tenetehára serão discutidas mais adiante, quando considerados os registros mais antigos dessas línguas.

2.2 O sistema pessoal do Tenetehára em comparação com línguas de outros sub-ramos

2.2.1 Línguas do sub-ramo IV

Conforme já referido, de acordo com Rodrigues (1958), o Tembé e o Guajajára pertencem ao ramo IV da família lingüística Tupí-guaraní juntamente com o Suruí, o Parakanã, o Avá-Canoeiro o Turiwára e o Tapirapé. Tanto na primeira classificação interna da família Tupí-Guaraní proposta por Rodrigues (1958), quanto na segunda (1985), foram aquelas as línguas agrupadas no ramo IV. Em sua primeira classificação interna Rodrigues lançou mão quase que exclusivamente de critérios fonológicos e lexicais em virtude de que o volume de documentação então existente era ainda muito limitado. Na segunda classificação, Rodrigues (2002) utilizou como critérios propriedades lexicais e estruturais, duas das quais transcrevo a seguir, porque dizem respeito diretamente ao assunto tratado neste capítulo:

- 1) Prefixos marcadores de sujeito comum aos verbos intransitivos e transitivos em orações independentes, incluindo formas iguais a, ou deriváveis fonologicamente de: *a-* ‘eu’, *eré-* ‘você’, *já-* ‘eu e você’, *oro-* ‘eu e ele’, *pe-* ‘você e ele’, *o-* ‘ele’, ‘eles’ (também ‘eu, você e ele’).
- 2) Pronomes pessoais exprimindo possuidor, sujeito de verbos descritivos e objeto direto, assim como sujeito de verbos intransitivos em orações dependentes, incluindo formas iguais ou deriváveis fonologicamente de: *(i)t/é* ‘eu’, *(e)né*, ‘você’, *jané* ‘eu e você’, *ore* ‘eu e ele’, *pe(ẽ)* ‘você e ele’ (também *at/é* ‘eu, você e ele’).

Conforme já citado no início deste capítulo, em estudos sobre o sistema pessoal do PTG, Cabral (2003) reconstruiu 6 pronomes independentes, 6 pronomes dependentes, 1 pronome ergativo e quatro séries de prefixos pessoais para a proto-língua. Figueiredo (2004, p. 71-89) baseada na pesquisa de Cabral (2003) apresenta os reflexos desses prefixos e pronomes nas línguas do sub-ramo IV. Utilizo os dados apresentados no trabalho de Figueiredo (2004) e acrescento dados do Ava-Canoeiro (Borges, 2006, p. 189) não disponíveis ainda quando do trabalho de Figueiredo, bem como acrescento dados do Guajajára, tomando como base os estudos de Bendor-Samuel (1972), Harrison (1986), Duarte (1997; 2005; 2007), Castro (2007) e ainda os da minha própria pesquisa com a língua Guajajára.

A seguir apresentamos 7 quadros que permitem comparar as 3 Séries de pronomes e as 4 séries de prefixos das línguas do sub-ramo IV: Suruí (SU), Asuriní do Tocantins (AS.TO), Parakanã Oriental (PA.OR), Parakanã Ocidental (PA.OC), Tembé (TM), Guajajára (GUA), Turiwara (TU), Tapirapé (TP) e Avá Canoeiro (AV-C)

2.2.1.1 Pronomes Pessoais

2.2.1.1.1 Pronomes Pessoais Independentes (Cabral, 2003 *apud* Figueiredo 2004, p. 74)

Quadro 25 – Pronomes pessoais independentes das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS.TO	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C (TO)	AV-C (GO)
1	<i>*itʃé</i>	<i>iʃé</i>	<i>isé</i>	<i>iʃé</i>	<i>itʃé ~ idʒé</i>	<i>ihé ~ izé ~ iʒe</i>	<i>ihé ~ izé iʒé,</i>	<i>ihé</i>	<i>ié</i>	<i>itʃe</i>	<i>tʃi=t o</i>
12 +3	<i>*Jane</i>	<i>sene</i>	<i>sene</i>	<i>ʃené</i>	<i>tʃené</i>	<i>zané dane</i>	<i>zané</i>	<i>ñandé</i>	<i>tʃané</i>	<i>jane</i>	<i>jane</i>
12	<i>*ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>uré</i>	<i>?</i>	<i>aré</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>
2	<i>*ené</i>	<i>ené</i>	<i>ené</i>	<i>ené</i>	<i>ené</i>	<i>ené ~ ne</i>	<i>ené ~ ne</i>	<i>ené</i>	<i>ané</i>	<i>ené ~ne</i>	<i>ni=tõ</i>

23	<i>*peɾẽ</i> <i>~peẽ</i>	<i>pehé</i>	<i>pehé</i>	<i>pehé</i>	<i>pehé</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>	?	<i>peẽ</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>
13	<i>*atsé</i>	-	-	-	-		-	-	-	-	

2.2.1.1.2 Pronomes Dependentes (Cabral, 2003 *apud* Figueiredo 2004: 74)

No quadro a seguir apresentamos os pronomes pessoais dependentes das línguas do sub-ramo IV.

Quadro 26 – Pronomes pessoais dependentes das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C (TO)	AV-C (GO)
1	<i>*tʃé</i>	<i>si</i> <i>tʃi</i>	<i>sé</i> <i>tsé</i> <i>tʃé</i> <i>ʃé</i>	<i>sé</i> <i>ʃé</i>	<i>tʃé</i>	<i>hé</i> <i>zé</i>	<i>he</i>	<i>hé</i>	<i>tʃé</i>	<i>tʃi</i> <i>tʃe</i>	
12+ 3	<i>*jané</i>	<i>sene</i>	<i>sene</i>	<i>ʃené</i>	<i>tʃené</i>	<i>zané</i> <i>dane</i> <i>dzané</i>	<i>zané</i>	<i>ñané</i>	<i>tʃené</i>	<i>jane</i>	
12	<i>*ore</i>	<i>eré</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i> <i>uré</i>	<i>uré</i>	<i>oré</i>	<i>aré</i>	<i>ore</i>	
2	<i>*né</i>	<i>né</i>	<i>ne</i>	<i>né</i>	<i>ne</i>	<i>ne</i>	<i>né</i>	<i>né</i>	<i>né</i>	<i>na ~ né ~ ni</i> <i>ndé</i>	
23	<i>*pé</i> <i>pẽ</i>	<i>pé</i> <i>pén</i>	<i>pé</i> <i>pén</i>	<i>pé</i> <i>pén</i>	<i>pe</i> <i>pẽ</i>	<i>pé</i> <i>pén</i>	<i>pé</i>	?	<i>pé</i> <i>pén</i>	<i>pe</i>	

2.2.1.1.3 Pronomes Ergativos (Cabral, 2003 *apud* Figueiredo 2004, p. 77)

Quadro 27 – Pronomes ergativos das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C
1	<i>*jepé</i>	<i>ipê</i>	<i>Ipê</i>	<i>ipê</i>	<i>ipê</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>	?	<i>epé</i>	?
12+3	<i>*pejepé</i>	<i>ipê</i>	<i>Ipê</i>	<i>ipé</i>	<i>ipê</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>	?	<i>(pe)tjepé</i>	?

2.2.1.2 Prefixos pessoais

2.2.1.2.1 Prefixos Pessoais subjetivos do modo indicativo (Cabral, 2003 *apud* Figueiredo 2004, p. 79)

Quadro 28 – Prefixos pessoais subjetivos do modo Indicativo das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C
1	<i>*a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>a-</i>	<i>ã-</i>	<i>a-</i>
12+3	<i>*já-</i>	<i>sa-</i>	<i>sa-</i> <i>tsa-</i> <i>tfa-</i>	<i>sa-</i> <i>fa-</i>	<i>tfa-</i>	<i>za-</i> <i>da-</i>	<i>za-</i>	<i>ja-</i>	<i>tfi-</i>	<i>jane-</i>
12+3	<i>*ti-</i>	-	-	-	-	<i>ti</i>	<i>ti-</i>	?	<i>ara-</i>	-
12	<i>*oro-</i> <i>*oroj</i> -	<i>oro~</i> <i>oros-</i>	<i>oro~</i> <i>ara~</i> <i>oros-</i>	<i>oro~</i> <i>ara~</i> <i>oros-</i>	<i>oro~</i> <i>ara~</i> <i>orotf-</i>	<i>oro~</i> <i>uru-</i>	<i>uru-</i>			<i>oro-</i>
2	<i>*ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i> <i>re-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere-</i>	<i>ere~</i> <i>e-</i>

23	<i>*pe</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	?	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
3	<i>*o-</i> <i>*w-</i> <i>*oj-</i>	<i>o-</i> <i>~w-</i> <i>~os-</i>	<i>o- ~</i> <i>os- ~</i> <i>w- ~</i> <i>a-</i>	<i>o- ~</i> <i>os-</i> <i>w- ~</i> <i>a-</i>	<i>o- ~ w-</i> <i>otf- ~</i> <i>a-</i>	<i>o- ~</i> <i>u-~</i> <i>w-</i>	<i>o-</i> <i>u-</i> <i>w-</i>	?	<i>a- ~</i> <i>w-</i>	<i>o-</i>

2.2.1.2.2. Prefixos pessoais acusativos (Cabral , 2003 *apud* Figueiredo 2004: 82)

Quadro 29 – Prefixos pessoais acusativos do modo indicativo das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C
2	<i>*oro-</i>	<i>oro</i> -	<i>oro-</i>	<i>oro-</i>	<i>oro-</i>	<i>oro- ~</i> <i>uru-</i>	<i>uru-</i>	?	<i>ara-</i>	?
23	<i>*a-poro</i>	-	-	-	-	<i>pu-</i>	<i>pu-</i>	?	<i>ãpa</i>	?
23	<i>*oro-</i> <i>poro</i>	-	-	-	-			?		?

2.2.1.2.3 Prefixos pessoais subjetivos do modo imperativo (Cabral, 2003; Figueiredo 2004, p. 84)

Quadro 30 – Prefixos pessoais subjetivos do modo imperativo das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV-C
2	<i>*e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>
23	<i>*pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>	?	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>

2.2.1.2.4 Prefixos correferenciais (Cabral , 2003; Figueiredo 2004: 86)

Quadro 31 – Prefixos correferenciais das línguas do sub-ramo IV

	PTG	SU	AS-T	PA OR	PA OC	TM	GUA	TU	TP	AV- C
1	*wi(t)	we(t)-	we(t)	we(t)	we(t)	te-/∅-	te-∅-	?	we(t)	?
12+3	*já-	sere-	sere-	sere-	tʃere-	za-/∅-	za-/∅-	?	tʃere-	?
12	*oro-	oro-	oro- ~ oros-	oro- ~ oros-	oro- ~ orotʃ-	ru-/∅-	ru-/∅-	?	ãrã- ~ aratʃ-	?
2	*e-	e-	e-	e-	e-	re-/∅-	e-/re- /∅-	?	e-	?
23	*pe-	pese-	pese-	pese-	petʃe-	pe-/∅-	pe/∅-	?	petʃe-	?
3	*o- ~ *w-	o- ~ w-	o- ~ w- os- ~ ã	o- ~ w- os-	o- ~ w- otʃ-	∅-u	∅-/u-	?	ã- ~ w- wãtʃ-	?

Os dados das línguas do ramo IV usados nesta comparação evidenciam que as duas variedades Tenetehára diferem das demais em três aspectos principais:

- quanto à existência de uma forma *ti-* ‘primeira pessoa inclusiva’
- quanto à existência de uma forma *-pu* ‘2 plural’, combinável com *a-* ‘1’ e *uru-* ‘13’.
- quanto à série de prefixos correferenciais, que, diferente das demais línguas, não possui formas correspondentes à primeira do singular, à primeira inclusiva e à segunda plural das demais línguas.

Por outro lado, o desenvolvimento da forma da segunda pessoa ergativa foi similar ao desenvolvimento da forma cognata do Asuriní, Parakanã e Suruí.

2.2.2. Línguas do sub-ramo III

A seguir apresentamos dados de duas línguas do sub-ramo III: o Tupinambá e a Língua Geral Amazônica, considerando o fato de que falantes do Tenetehára tiveram contato com falantes do Tupinambá já no início do século XVII, quando o Tupinambá ainda era falado nas aldeias, assim como tiveram contato com a versão tardia dessa língua quando esta passou a ser a língua franca da região amazônica. Utilizamos, aqui, a análise de Rodrigues (1953, p.125) para o sistema pessoal do Tupinambá e os dados de Magalhães (1876) para a Língua Geral Amazônica.

2.2.2.1. A língua Tupinambá

O sistema pessoal do Tupinambá era dividido em cinco classes como é apresentado no quadro a seguir:

Quadro 32 – O sistema pessoal do Tupinambá

PESSOAS VERBAIS	CLASSE I	CLASSE II	CLASSE III	CLASSE IV	CLASSE V
1a.s.	<i>xe, ixē</i>	<i>a,</i>	<i>gûi</i>		<i>jepé</i>
1a.p.exc.	<i>ore</i>	<i>oro</i>	<i>oro</i>		
1a.p.inc.	<i>jandé</i>	<i>já</i>	<i>já</i>		
2a.s.	<i>nde, endé</i>	<i>ere</i>	<i>e</i>	<i>oro</i>	
2a.p.	<i>pe, peẽ</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>	<i>opo</i>	<i>pejepé</i>
3a. c. refl.	<i>o</i>	<i>o</i>	<i>o</i>		

2.2.2.1.1 Classe I: desempenhavam três funções: subjetiva (sujeito), objetiva (objeto direto) e relativa (objeto indireto e possessivo ou genitivo);

2.2.2.1.2 Classe II: desempenhavam somente a função subjetiva no modo indicativo I e no permissivo;

2.2.2.1.3 Classe III: desempenhavam função subjetiva e tinham o uso limitado ao gerúndio dos verbos intransitivos de 1ª conjugação, com exceção das 2a.s e 2a. p que também eram empregadas no imperativo;

2.2.2.1.4 Classe IV: exerciam função de sujeito e de objeto;

2.2.2.1.5 Classe V: ocorriam quando o sujeito era da 2a. pessoa e o objeto de 1a. Nesse caso, o objeto era expresso pelos pronomes da Classe I e o sujeito pelos pronomes da classe V.

2.2.2.2 A Língua Geral Amazônica

Observa-se que na Língua Geral Amazônica não há distinção entre primeira pessoa inclusiva e exclusiva, tanto na forma de pronome quanto na de prefixos, além de ter eliminado os prefixos acusativos (Corrêa da Silva, 1997, p.35).

Quadro 33 – Pronomes e prefixos pessoais da Língua Geral Amazônica

	PRONOME PESSOAL	PREFIXO PRONOMINAL	EXEMPLO	GLOSSA
1sg	<i>xe</i>	<i>a-</i>	<i>xe a-rasó</i>	‘eu levo’
2sg	<i>iné</i>	<i>re-</i>	<i>iné re-rasó</i>	‘tu levavas’
3sg	<i>ahé</i>	<i>o-</i>	<i>ahé o-rasó</i>	‘ele leva’
1pl	<i>iané</i>	<i>ia-</i>	<i>iané ia-rasó</i>	‘nós levamos’
2pl	<i>peen</i>	<i>pe-</i>	<i>pe-rasó</i>	‘vocês levam’
3pl	<i>aetá</i>	<i>o-</i>	<i>aetá orasó</i>	‘eles levam’

O Tenetehára se aproxima do Tupinambá em um aspecto que é a presença das formas *ja-* e *pe-* no paradigma de prefixos correferenciais. Quanto à LGA, a única semelhança que compartilha com essa língua é a extensão de prefixos da série de prefixos subjetivos para situações em que antes eram usados prefixos correferenciais, como nos exemplos seguintes, já apresentados anteriormente:

437. *ne maiʔu re-ni re-wapɨk pə*
 2 comer 2CORR-estar.sentado 2-sentar GER
 ‘tu estás comendo sentado’

438. *ne maniʔok re-kɨɨk re-ʔəm*
 2 mandioca 2-ralar 2CORR-estar.em.pé
 ‘você está ralando mandioca em pé’

2.2.3 Línguas do sub-ramo V

2.2.3.1 A Língua Asuriní do Xingu

De acordo com Monserrat (1998, p.6) o sistema pessoal do Asurini do Xingu é expresso por meio de pronomes e prefixos. Há um conjunto de pronomes independentes, um conjunto de pronomes dependentes e um conjunto de prefixos.

2.2.3.1.1. Pronomes pessoais

2.2.3.1.1.1. Pronomes pessoais independentes

Quadro 34 – Pronomes pessoais independentes da língua Asuriní do Xingú

<i>jê</i>	eu	primeira pessoa singular
<i>ene</i>	tu(você)	segunda pessoa singular
<i>ga</i>	ele	terceira pessoa singular masculino
<i>ẽ</i>	ela	terceira pessoa singular feminino
<i>jane</i>	nós	primeira pessoa plural inclusivo
<i>ure</i>	nós	primeira pessoa plural exclusivo
<i>pene</i>	vocês	segunda pessoa plural
<i>gy</i>	eles(elas)	terceira pessoa plural

2.2.3.1.1.2 Pronomes dependentes

Os pronomes pessoais dependentes, segundo Monserrat (1998, p.7), são obrigatórios e ocorrem em locuções possessivas ou relacionais.

Quadro 35 – Pronomes pessoais dependentes da língua Asuriní do Xingú

<i>jê</i>	eu	primeira pessoa singular
<i>ene</i>	tu (você)	segunda pessoa singular
<i>ga</i>	ele	terceira pessoa singular masculino
<i>ẽ</i>	ela	terceira pessoa singular feminino
<i>jane</i>	nós	primeira pessoa plural inclusivo
<i>ure</i>	nós	primeira pessoa plural exclusivo
<i>pene</i>	vocês	segunda pessoa plural
<i>gy</i>	eles(elas)	terceira pessoa plural

2.2.3.1.2 Prefixos pessoais

2.2.3.1.2.1 Prefixos pessoais subjetivos e objetivos

Os prefixos pessoais são acrescentados aos verbos intransitivos e aos verbos transitivos e indicam o sujeito da oração (Monserrat, 1998, p. 6).

Quadro 36 - Prefixos pessoais subjetivos e objetivos da língua Asuriní do Xingú

1sg	<i>a-</i>
2sg	<i>ere-</i>
12+3	<i>as-</i>
12	<i>uru-</i>
2pl	<i>pe-</i>
3	<i>u-</i>

Nos verbos transitivos:

- a) Com sujeito de terceira pessoa e objeto de primeira ou segunda: são usados os pronomes dependentes não reflexivos que indicam o objeto da ação;

- b) Com sujeito de segunda pessoa e objeto de primeira: são usados os pronomes independentes com o acréscimo da partícula *ape*
- c) Com sujeito de primeira e objeto de segunda: são usadas as formas verbais: quando o objeto é ‘tu’, o prefixo *uru-* indica ao mesmo tempo o sujeito (eu ou nós exclusivo) e o objeto (tu); quando o objeto é ‘vocês’, o prefixo de sujeito *a-* (primeira do singular) ou *uru-* (primeira do plural) é seguido pelo prefixo de objeto plural *puru-* (segunda do plural ‘vocês’).

2.2.3.1.2.2 Prefixos correferenciais

Quadro 37 – Prefixos correferenciais da língua Asuriní do Xingú

GLOSSA	PREFIXOS CORREFERENCIAIS
1	<i>te-/tej-</i>
2	<i>e-/ej</i>
12	<i>jare-/jarej-</i>
123/3	<i>u-/uj-</i>
13	<i>uru-/oro-</i>
23	<i>peje-/pejej</i>

Alguns exemplos do emprego desses prefixos correferenciais (Monserrat, 1998 apud Solano) são os seguintes:

439. *a-puraáj te-ját-a*

1-dançar 1Corr-vir-Ger

‘vim para dançar’ (MONSERRAT, 1998, p.17)

440. *peje sa-á jare-jauk-a*
23.fazer 12-ir **12Corr**-banhar-Ger
'vamos banhar!' (MONSERRAT, 1998, p.17)

Nos verbos posicionais

441. *kunumí u-apík o-ín-a*
menino 3-sentar **3Corr**-estar.sentado-Ger
'o menino está sentado' (MONSERRAT, 1998, p.18)

Nos nomes

442. *a-atá tej-úw-a r-upí*
1-andar **1Corr**-pai-Arg R¹-com
'fui caçar com meu pai' (MONSERRAT, 1998, p.10)

2.2.3.2 A Língua Araweté

2.2.3.2.1 Pronomes pessoais

Em Araweté há um conjunto de pronomes que distinguem cinco pessoas (Solano (2009, p.114). Funcionam como determinantes de nome, de verbo e de posposição. Podem ser núcleos de orações equativas e podem constituir-se nos únicos elementos de um enunciado.

Quadro 38 – Pronomes pessoais do Araweté

GLOSSA	CONJUNTO I
1	<i>he</i>
2	<i>nenê</i>
12(3)	<i>míde</i>
13	<i>ure</i>
23	<i>pepe</i>

2.2.3.2.2 Prefixos pessoais

2.2.3.2.2.1 Prefixos pessoais subjetivos

Em Araweté há dois conjuntos de prefixos pessoais que marcam o sujeito: um específico do modo indicativo I (o conjunto I) e outro do modo imperativo (conjuntoII).

Quadro 39 – Prefixos pessoais do Araweté

GLOSSA	CONJUNTO I	CONJUNTO II
1	<i>a-</i>	
2	<i>ere-</i>	<i>e-</i>
13(4)	<i>uru-</i>	
23(4)	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
3	<i>u-</i>	

2.2.3.2.2.2 Prefixos correferenciais

Finalmente, conforme Solano (2010, p. 364), o Araweté possui um sistema de prefixos correferenciais constituído das seguintes pessoas:

Quadro 40 – Prefixos correferenciais do Araweté

GLOSSA	PREFIXOS CORREFERENCIAIS
1	<i>te-/tej-</i>
2	<i>e-/ej-</i>
123/3	<i>u-/uj-</i>
13	<i>uru-/uruj</i>
23	<i>pe-/pej</i>

Os exemplos do Asuriní do Xingu e do Araweté permitem afirmar que o sistema pessoal das línguas do sub-ramo V compartilham com o Tenetehára a combinação de prefixos subjetivos com *-puru* para expressar as relações entre uma primeira pessoa agindo sobre uma segunda pessoa plural. Compartilham também a forma para a primeira pessoa correferencial *te-*.

2.2.4 Línguas do sub-ramo VIII

2.2.4.1 A Língua Ka'apór

Conforme os vários estudos sobre o Ka'apór (conf. Kakumasu (1986), Correa da Silva (1997), Caldas (2001; 2009) Silva (2001), há o seguinte quadro de pronomes e de prefixos pessoais nesta língua:

2.2.4.1.1 Pronomes pessoais

Quadro 41 – Pronomes pessoais independentes do Ka’apór

	PRONOMES PESSOAIS INDEPENDENTES
1SG	<i>ihẽ</i>
2SG	<i>ne</i>
1PL	<i>Jane</i>
2PL	<i>pehẽ</i>

O sistema pronominal do Ka’apór sofreu grande redução, comparado ao sistema de outras línguas.

2.2.4.1.2 Prefixos pessoais

Quadro 42 – Os prefixos pessoais do Ka’apór

	PREFIXOS PESSOAIS MODO INDICATIVO	PREFIXOS PESSOAIS MODO IMPERATIVO
1SG	<i>a-</i>	
2SG	<i>ere- re-</i>	<i>e-</i>
1PL	<i>ja-</i>	
2PL	<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
3	<i>-o ~ u- ~ -∅</i>	

Nota-se que o Ka’apór eliminou a distinção entre 1ª pessoa do plural inclusiva e exclusiva (Correa da Silva, 1997, p.35).

2.2.4.2 A Língua Guajá

Em Guajá a marcação de pessoa e número do sujeito e do objeto dá-se por meio de prefixos pessoais ou por meio de prefixos relacionais combinados a pronomes independentes. Esses prefixos estão distribuídos em quatro séries: duas para o modo indicativo e duas para o imperativo (Magalhães, 2007, p.175), conforme ilustra a tabela a seguir adaptada de Magalhães (2007, p. 175-179).

2.2.4.2.1 Pronome pessoais

Quadro 43 – Os pronomes pessoais do Guajá

		PRONOMES PESSOAIS INDEPENDENTES	PRONOMES PESSOAIS DEPENDENTES
1	‘eu’	<i>jahá</i>	<i>há ~ iha-</i>
13/12(3)	‘nós’	<i>areá</i>	<i>are</i>
2	‘você’	<i>nijã ‘</i>	<i>ni</i>
23	‘vocês’	<i>pijã</i>	<i>pĩ</i>
3	‘eles’	<i>a’iá</i>	<i>wỹ ~ wyn</i>

2.2.4.2.2 Prefixos pessoais

Quadro 44 – Os prefixos pessoais do Guajá

		MODO INDICATIVO I		MODO IMPERATIVO	
		SÉRIE I	SÉRIE II	SÉRIE I	SÉRIE II
1	‘eu’	<i>a-</i>	<i>h-</i>		
13	‘nós’ (excl.)	<i>ar- ~ ari- ~ arV-</i>	<i>har-</i>		
12	‘nós’ (incl.)	<i>x- ~ xi-</i>	<i>xah-</i>		
2	‘você’	<i>ar- ~ ari- ~ arV-</i>	<i>har-</i>	<i>a-</i>	<i>h-</i>
23	‘vocês’	<i>p- ~ pi- ~ pV-</i>	<i>pah-</i>	<i>p- ~ pi- ~ pV</i>	<i>pah-</i>
3	‘ele(s)’	\emptyset ~ <i>V-</i>	<i>h-</i>		

Os prefixos das séries II, uma do modo indicativo e outra do imperativo, agregam-se a temas verbais iniciados por vogais. Com temas iniciados por consoante são usados os prefixos das séries I em um e outro modo.

Observando o sistema pessoal das línguas Ka’apór e Guajá do sub-ramo VIII em comparação ao sistema pessoal do Tenetehára, nota-se que este último compartilha com o Guajá quatro traços importantes:

- a) a presença de uma forma para nós exclusivo derivada do PTG **ti*;
- b) a presença de reflexo do caso argumentativo do PTG **-a*;
- c) a presença de uma forma de primeira pessoa *ihV ~ hV*;
- d) harmonia vocálica regressiva afetando a forma fonológica de alguns prefixos pessoais.

O Tenetehára compartilha com as duas línguas as formas para a primeira pessoa da série independente, assim como o uso da série de prefixos subjetivos em verbos posicionais, o que em Tenetehára é uma inovação recente.

2.3 O sistema pessoal em estágios mais antigos da Língua Tenetehára

Passemos agora a uma investigação das mudanças no sistema pessoal do Tenetehára vistas através de seus registros no percurso de um século. Os dados que nos foram legados por Cyriaco Baptista (1932) e por Boudin revelam a seguinte situação do Tembê há 100 anos.

2.3.1 O sistema pessoal do Tenetehára no registro de Cyriaco Baptista (1932)

2.3.1.1 Pronomes pessoais

2.3.1.1.1 Pronomes da Série I (Independentes) (1932, p. 358)

Quadro 45 – Os pronomes independentes no registro de Cyriaco Baptista

1	<i>ihêa</i>	‘eu’
2	<i>nêâ, nêa</i>	‘tu ou você’
12	<i>zané</i>	‘nós’
23	<i>pê, peã</i>	‘vocês’
3	<i>ahéazépé</i>	‘ele mesmo’

Os exemplos desses pronomes encontrados nos textos de Cyriaco Baptista consistem dos seguintes destacados no texto:

443. *nahane, coaity. azetanonghê itécócó iheano,*
 ‘Não cunhado. Estou fazendo encanto eu mesmo’ (CYRIACO BAPTISTA,
 1932, p. 380)

444. *aéhau! Éçak êzuâ nêarino ihi muau zêkuêhê uỹuỹrupê*

445. *ame zanêa coaitỹ? Ihi zêkuêhê zâuaâruhuâ.*
 ‘Então somos nos dois disse em certo tempo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932,
 p. 380)

2.3.1.1.2 Pronomes da Série II (Dependentes)

Quadro 46 - Os pronomes dependentes no registro de Cyriaco Baptista

1	<i>he</i>	1
2	<i>ne</i>	2
12	<i>zané</i>	12
23	<i>pê</i>	23

446. *Ruáupê çeri táhán hêkámárár uapia Rumuri ihi*
 ‘Mais um pouco aqui deixo meus companheiros buscar primeiro disseram
 (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 381)

Uâziuén nupê eirê éhó êzêpỹk nêrêkyryrêhê kuti te
 ‘Para o genro d’ele. Indo vae vingar-te também em teu irmão agora. Até’

447. *Nahani! Nêrayr Putar hapéherucú hêrêkyhỹrete Zépé*
 Não. Seu filho querer por eu foi. Meu irmão verdadeiro mesmo’
448. *Omó ruhú miar ruhú pira aypo zanêui pá;*
 ‘Qual de nos caça come mais de nos dois (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 382)
449. *Ihi Zêkuêhêuâ Ihêá pa!*
 disseram elles sou eu’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 382)
450. *Pêzapóapó catú Pêmaêa nêhê?*
 ‘vocês façam assegurar bem as vossas cousas sim?’

Os três primeiros exemplos e o último exemplo mostram os pronomes na função de possuidor: *hêkámárár* ‘meu camarada’, *nêrêkyhy* ‘teu irmão’, *nêrayr* ‘teu filho’ e *pêmaêa* ‘vossas coisas’ enquanto que o terceiro exemplo mostra o pronome funcionando com o complemento de posposição: *Omo ruhú miar ruhú pira aypo zanêui pá* ‘Qual de nos caça come mais de nos dois’.

Quanto aos pronomes da série III, estes não foram encontrados nos textos de Cyriaco Baptista.

2.3.1.2 Prefixos Pessoais

Os prefixos pessoais depreendidos dos textos de Cyriaco Baptista consistem dos seguintes:

2.3.1.2.1 Prefixos da série IV

Quadro 47 – Os prefixos pessoais no registro de Cyriaco Baptista

1	<i>a-</i>
2	<i>êré-</i>
12	<i>za-</i>
12	<i>ti-</i>
13	<i>ru-</i>
3	<i>u-</i>

Exemplos desses prefixos nos textos de Cyriaco são apresentados a seguir:

451. *Atué Azehéngar putar kueteri Ihi zêkuêhê uanupé.*
 Porque cantar ‘eu quero hoje disse elle para elles’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
452. *Êrêzêmuçarái*
 ‘estás brincando’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
453. *Te Pitun! Uzehengar zêkuêhê iko.*
 Quando foi noite! Cantando Cantando estava. (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)
454. *ijupé. Ere! Ihi zêkuêhê Zauaríhúá Zakerahy tueri hemuiripar!*
 Para elle. Sim! Disse em certo tempo a onça Vamos dormir muito então
 companheiro (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 358)
455. *Tiapó Záhá*
 ‘vamos fazer’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

456. *Eré! Ihi zot zêkuêhê zauaruhú aêa. Omó ruhú miar*
‘Sim! Disse (engano) a elle em certo tempo a onça então. Qual de nos caça

Ruhú pira aypo zanêui pá;

‘Come mais de nos dois’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)

Ihi zêkuêhéuâ. Ihêá pa! Ihi zêkuêhê

‘disseram elles sou eu. Disse em certo tempo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)

457. *Karuk mehê uéhém zêkuêhê uyrahuâuâ ijupé.*

‘Tarde quando foi. Chegaram elles os gaviões para elle.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)

Os exemplos acima mostram os prefixos marcando o sujeito dos verbos intransitivos *-zehengar* ‘cantar’, *zêmuçarái* ‘brincar’, *-aker* ‘dormir’, *-ehém*, ‘chegar’, *-ha* ‘ir’ e dos verbos transitivos *-apó* ‘fazer’ e *-hu* ‘comer’.

2.3.1.2.2 Prefixos da série V : *apu*

Os únicos exemplos de prefixos da série V encontrados por nós nos textos de Cyriaco Baptista consistem dos seguintes:

458. *Pêzuâ ce tapiỹmê, apuêráhá putari yuáté Ihi Zêkuêhê*
 ‘venha aqui dentro de casa, vos levar porque eu quero para cima disse elle’
 (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)

459. *Apuihy zêkuêhê Iço Uzêupiâ*
 ‘apareceu trepando em certo tempo elle estava. Disse em certo tempo dizendo e trepando’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 357)

2.3.1.2.3 Prefixos da série VI – prefixos do modo Imperativo

Quadro 48 – Prefixos pessoais do modo imperativo no registro de Cyriaco Baptista

	AFIRMATIVO	NEGATIVO
2	<i>e-</i>	<i>(e-).... zu ~ zô</i>
23	<i>pe-</i>	<i>(pe-) ...zu ~zô</i>

Forma afirmativa do Modo Imperativo

460. *Ezeupir éhó! Ihi Zêkuêhê “Ahy” Ijupe kuri.*
 ‘Você trepa agora disse a preguiça’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

461. *Pêzapóapó catú Pêmaêa nêhê? Atué Azehéngar*
 ‘vocês façam assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar

putar kueteri Ihi zêkuêhê uanupé.

‘eu quero hoje elle para elles’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

462. *Emonó catú*

‘guarda bem’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

463. *Êpuam ne*

‘levanta tu’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

Forma negativa do Modo Imperativo

A forma negativa do Imperativo é formada com o acréscimo da partícula *zu ~ zô* ao verbo mais os prefixo *e-* (singular) e *pe-* (plural). Há casos em que o prefixo é ausente como nos três últimos exemplos.

Exemplos:

464. *Êmâêzu*

‘não mexe’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p.359)

465. *Tirôtirôzu ijupé*

‘não briga com elle’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p.358)

466. *zâ hôzô*

‘não chora’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p.359)

467. *Apuêrêzutué*

‘não digas assim’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p.360)

2.3.1.2.4 Prefixos da Série VII (Correferenciais)

Quadro 49 – Prefixos correferenciais no registro de Cyriaco Baptista

1	<i>te-</i>
3	<i>u-</i>

Os exemplos a seguir mostram os prefixos correferenciais nos verbos posicionais *-co* ~ *-icó* ‘estar em movimento’, *-hãma* ‘estar em pé’ e *-inâ* ‘estar sentado’. Os exemplos mostram também o antigo sufixo de gerúndio *-a* (seguindo consoantes):

468. *Nahane, coaity. Azetanonghê Itécóco iheano,*

‘Não cunhado. Estou fazendo encanto eu mesmo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 381)

469. *Catu múaú Zépét Ahú itécó ce auizé*

‘Boa pensando em que estava comendo aqui’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 378)

Cupihy zutitik Hêrêmhúrímú Kuri... hum... a tiabo

‘agora cupim somente como a minha comida como o diabo.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 377)

470. *Kukarirê Uzêupir zêkuêhê uicó. Apuihy zêkuêhê icó Uzêupiâ*

‘apareceu Trepando em certo tempo elle estava. Disse em certo tempo dizendo e trepando’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 382)

471. *Óhó zêkuêhê Zâuâruhú uikókó ahépé Ahéaranô*

‘indo em certo tempo a onça’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

472. *Te ukuer-upí Uzehengaraiua zekuehe uhãma.*

‘Até por causa disto Cantando cantigas de penna elle estava.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

473. *Támánuá zêkuêhê ukeri múaúaué tué Uinâ*

‘o tamanduá em certo tempo dormiu parte (fingiu dormir)’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 381)

474. *Aêa ikéramú zêkuêhê zauaríhú uinâ*

‘Roncando em certo tempo estava.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 381)

O registro do Tembé datando da primeira metade do século passado mostra um estágio anterior da língua em que certas formas pessoais que atualmente não se associam a uma função definida ainda gozavam de estabilidade funcional, como é o caso do prefixo *ti-* que até essa época se combinava com verbos transitivos núcleos de predicados exortativos e, possivelmente, com predicados marcados por outras expressões de modalidade de necessidade ou desejo (Cabral e Silva em preparação).

475. *Tiapó záhá*

‘vamos fazer’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

Observam-se, também, nos dados de Ciriaco Baptista as formas pessoais independentes flexionadas pelo morfema *-a* do caso argumentativo, o uso da primeira pessoa *te-* e da terceira pessoa *u-*, mas não os atuais alomorfes zero desses prefixos. Tudo isso sustenta a hipótese de que as variações nas formas da série correferencial do Tembé ocorreu muito recentemente.

2.3.2 O sistema pessoal do Tenetehára no registro Boudin (1966)

Dos dados de Boudin, deprendemos os seguintes paradigmas pessoais da variedade Tembé.

2.3.2.1 Pronomes pessoais

2.3.2.1.1 Pronomes da Série I (Independentes)

Quadro 50 – Pronomes pessoais independentes no registro de Boudin

1	<i>ihe</i>	pronome pessoal sujeito isolado;
12	<i>zanê</i>	pronome pessoal sujeito e isolado da primeira pessoa plural inclusivo, nós (BOUDIN, 1966; 299);
123	<i>urê</i>	pronome pessoal sujeito do verbo e isolado da primeira pessoa do plural adjetivo;
2	<i>ne</i>	tu, você;
23	<i>pé:</i>	vós (vocês), sujeito do verbo.

Exemplos:

476. *za-zekutiara za-há*

‘vamos passear’

477. *ihê a-zapô kwêy*

‘eu fiz aquilo’ (BOUDIN, 1966, p.70)

478. *ne ma'ê ahĩ-ra'é*

‘tu estás doente?’ (BOUDIN, 1966, p. 175)

479. *zanê za'é*

‘nós dizemos’ (BOUDIN, 1966, p.48)

2.3.2.1.2 Pronomes da série II (Dependentes)

Quadro 5 – Pronomes pessoais dependentes no registro de Boudin

1	<i>he</i>	pronome sujeito do verbo adjetival; meu, minha, meus minhas
12	<i>zanê</i>	nosso, nossa, nossos, nossas
123	<i>urê</i>	primeira pessoa do plural adjetivo pronome possessivo da mesma pessoa
2	<i>ne</i>	teu, tua, teus, tuas
23	<i>pé:</i>	o vosso, a vossa, os vossos, as vossas

Exemplos:

480. *hê ru(w)*

‘meu pai’ (BOUDIN, 1966, p. 230)

481. *hê-katu*

‘eu sou bom’ (BOUDIN, 1966, p. 57)

482. *hê-réhé*

‘por mim’, ‘por minha causa’ (BOUDIN, 1966, p. 57)

483. *hê iruramo*

‘comigo’ (BOUDIN, 1966, p. 57)

484. *nê-ru(w)*

‘o teu pai’ (BOUDIN, 1966, p. 175)

485. *nê-wi*

‘de ti’ (BOUDIN, 1966, p. 175)

486. *urê-wi o-ho amo-pite’i*

‘um de nós foi embora’ (BOUDIN, 1966, p. 281)

487. *urê-rêta-tété*

‘somos demais’ (BOUDIN, 1966, p. 61)

488. *zanê mukwi-amo u-mu’i (ä)-ram zépé’aw*

‘um de nós dois vai rachar lenha’ (BOUDIN, 1966, p. 299)

489. *zané ru(w)*

‘o nosso pai’ (BOUDIN, 1966, p. 230)

490. *pé-nu(w)*

‘o vosso pai’ (BOUDIN, 1966, p. 230)

2.3.2.2 Prefixos Pessoais

2.3.2.2.1 Prefixos Pessoais da Série IV

Quadro 52 – Prefixos pessoais do modo indicativo no registro de Boudin

1	<i>a-</i>
12	<i>za- ~ ti-</i>
123	<i>urê-</i>
2	<i>re- ~ ere-</i>
23	<i>pe-</i>
3	<i>u- o- ∅</i>

Com verbos intransitivos

Exemplos:

491. *a-kazĩm ka'a-pé*

‘perdi-me no mato’ (BOUDIN, 1966, p. 100)

492. *êréatá é-hó*

‘tu vais indo’ (BOUDIN, 1966, p. 37)

493. *za-ítaw za-há!*
‘nós vamos indo’ (BOUDIN, 1966, p. 81)

494. *urê-atá oro-hó*
‘nós vamos indo’ (BOUDIN, 1966, p. 37)

495. *péé-atá pé-hó*
‘vocês vão indo’ (BOUDIN, 1966, p. 37)

496. *u-atá o-hó*
‘ele vai indo’ (BOUDIN, 1966, p. 37)

497. *u-atá o-hó-wä*
‘eles vão indo’ (BOUDIN, 1966, p. 37)

Com verbos transitivos

Exemplos:

498. *a'ê a-péték*
‘eu surro ele!’ (BOUDIN, 1966, p. 189)

499. *érê'u pitôm aipó?*
'será que você come pitomba?' (BOUDIN, 1966, p. 18)
500. *awa érê-étzak a'ê hê-ruw*
'o homem que estás vendo é o meu pai' (BOUDIN, 1966, p. 271)
501. *u-péték uémirêko*
'está surrando a própria mulher' (BOUDIN, 1966, p. 189)
502. *uru-ê*
'nós dizemos' (BOUDIN, 1966, p. 29)
503. *tí-api!*
'atiremos!' (BOUDIN, 1966, p. 29)
504. *pé-tzak*
'vós vêdes' (BOUDIN, 1966, p. 184)

2.3.2.2.2 Prefixos Pessoais da Série V

Exemplos:

505. *ihê uru-étzak putar kwêtéri*
 ‘eu quero te ver hoje’ (BOUDIN, 1966, p. 281)
506. *ihê uru-pĩhĩk*
 ‘eu te seguro’ (BOUDIN, 1966, p. 281)
507. *u-putar(i)-wä ihê uru-zukä*
 ‘eles querem que eu te mate’ (BOUDIN, 1966, p. 281)
508. *ihê uru-mu’ê*
 ‘eu te ensino’ (BOUDIN, 1966, p. 281)
509. *ihê apo-ayhu*
 ‘eu vos amo!’ (BOUDIN, 1966, p. 32)
510. *ihê apu-mu’ê*
 ‘eu vos ensino!’ (BOUDIN, 1966, p. 33)
511. *uru-pĩtahâk*
 ‘eu te prometo’ (BOUDIN, 1966, p.202)

2.3.2.2.3 Prefixos da Série VI - Formas do Modo Imperativo

Quadro 53 – Prefixos pessoais do modo imperativo no registro de Boudin

	AFIRMATIVO	NEGATIVO
2	<i>e-</i>	<i>(e-)... zô</i>
23	<i>pe-</i>	<i>(pe-) ..zô</i>

Formas afirmativas do Imperativo

Exemplos:

512. *é-mur ihê-wê*

‘me dá, me passa!’ (BOUDIN, 1966, p. 163)

513. *pé-hó pé-aêaê*

‘ide (separadamente) cada um do seu lado’ (BOUDIN, 1966, p. 184)

Forma negativas do Imperativo

514. *é-ma'ê-zo!*

‘não olhe, não mexe!’ (BOUDIN, 1966, p. 331)

515. *pê-ma'ê-zo!*

‘não mexeis’ (BOUDIN, 1966, p. 331)

2.3.2.2.4 Prefixos da Série VII – (Correferenciais)

Quadro 54 – Prefixos correferenciais no registro de Boudin

1	<i>te-</i>
2	<i>i-/e-</i>
12	<i>za-</i>
13	<i>uru-</i>
23	<i>pe-</i>
3	<i>u-</i>

Com os verbos posicionais

-ám ‘estar em pé’ (sem andar), ereto, erguido. (BOUDIN, 1966, p.22)

516. *te'am*

‘estou em pé’

517. *i'am*

‘você está em pé’

518. *u'am*
'ele está em pé'

519. *za'am*
'nós estamos em pé'

520. *pe'am*
'vocês estão em pé'

Outros exemplos: (BOUDIN, 1966, p.22)

521. *a'am wĩra'ãng mwĩ-pé*
'estou à sombra da árvore'

522. *a'am tzê!*
'estou aqui!'

523. *érê-mu-pinim i'am*
'escreves em pé'

524. *a-pu'am i'am*
'ergo-me'

525. *u-mono u'am*
'ele dá(em pé)

526. *tzê é'am!*
'fique lá em pé'

-'up 'estar deitado'

Em Boudin aparece a entrada *tu-p(ä)* que significa 'estando sentado ou deitado, indica posição espacial.' (BOUDIN, 1966, p. 272)

527. *a-kêr i-tu-p(ä)*
'estou dormindo deitado'

528. *érê-kêr é-zu-p(ä)*
'estás dormindo deitado'

529. *u-kêr u-hu-p(ä)*
'está dormindo deitado'

530. *za-kêr za-pu-p(ä)*
'estávamos dormindo deitados'

531. *uru-kêr uru-zu-p(ä)*
‘estamos dormindo deitados’

532. *pé-kêr pé-zu-p(ä)*
‘estais dormindo deitados’

533. *u-kêr u-hu-p(ä)-wä)*
‘estão dormindo deitados’

534. *a-ké a-kêr(i)-ram i-tu-p(ä)*
‘vou dar um cochilãozinho’ (BOUDIN, 1966, p. 100)

Boudin apresenta outra entrada para o verbo ‘estar deitado’:

-u: estar deitado, sentado, jazendo (Boudin, 1966, p.278)

535. *a-zu hê-rupaw-pé*
‘estou deitado na minha cama’

536. *érê-zu né-rupaw-pé*
‘estás deitado na tua cama’

537. *u-u hupaw-pé*
 ‘está deitado na cama dele’
538. *uru-zu uru-rupaw-pé*
 ‘estamos deitados na nossa cama’
539. *pé-zu pé-nupaw-pé*
 ‘estais deitados nas vossas camas’
540. *u-u-(wä) wa-nupaw-pé*
 ‘estão deitados nas camas deles’
541. *mo-t-u-(wi)?*
 ‘quem é (este, aquele) sentado?’

Boudin apresenta a forma *u-p(ä)* (BOUDIN, 1966, p.65), a qual define como sufixo para formar um particípio presente ativo, indicando que o sujeito está deitado. Ainda, segundo esse autor, *tu* é apresentado como: índice de posição espacial, significando ‘estar deitado’ ou ‘sentado’ (BOUDIN, 1966, p.270).

Exemplos:

542. *u-kêr kuzä u-hu-p(ä) u-zukä u-mimř*

‘dormindo a mulher (estando ela deitada), ela matou o próprio filho’

Uma forma *-u* para ‘estar deitado’, é muito provavelmente a reanálise de *-up*, no gerúndio *-upə*, quando o gerúndio de finalidade passou a ser expresso pela partícula *pə*, que tem como fonte provável formas do gerúndio com raiz finalizando com *p*, como o próprio verbo *estár deitado* (Cf. Cabral e Silva 2006).

543. *a’aw i-tu-p(ä) awa wé-hêm(u)-wä*

‘estando eu deitado, chegou o homem’

544. *a-kêr i-tu-p(ä)*

‘ele está dormindo’

Quando ao posicional *-in* ‘estar sentado’, Boudin o define enquanto forma de gerúndio, da seguinte forma:

***-inä*: ‘estar bem’, ‘sentado’**

545. *tenä*

‘estou’

546. *i-nä*

‘estás’

547. *u-inä*

‘está’

548. *za-inä*

‘estámos’

549. *pê-inä*

‘estais’

550. *u-inä*

‘estão’

551. *a-inä-zêpé*

‘estou bem, sentado’

Boudin observa que há uma forma *tênä*: partícula verbal, que indica que o autor está na posição sentada e que é usada apenas nas primeiras pessoas do singular (BOUDIN, 1966: 258).

552. *ko mapêr a-mu-pinim tênü kuri*

‘estou escrevendo (sentado) esta carta (papel) agora’

553. *a-étzak(i)-têna*
'eu vejo (sendo imóvel)'

-ekó ~ -ikó 'estar em movimento' (BOUDIN, 1966, p. 71)

Alguns exemplos dados por Boudin (1966, p. 251) com os prefixos correferenciais combinados com o verbo *-ikó*, são os seguintes:

554. *a-étzak i-têko*
'estou vendo'

555. *êré-tzak i-ko*
'estás vendo'

556. *u-étzak i-iko*
'ele está vendo'

557. *uru-étzak uru-iko*
'estamos vendo'

558. *pé-tzak pé-iko*
'estais vendo'

559. *u-étzak(i)-wä-i-ko-(wä)*
 ‘eles estão vendo’

2.4 Mudanças ocorridas no sistema pessoal do Tenetehára

Uma comparação dos diferentes estágios do sistema pessoal do Tembê, considerando os registros feitos sobre essa língua em diferentes épocas, podemos concluir que o Tembê, até a primeira metade do século passado, tinha um sistema pessoal conforme sumarizado no quadro seguinte:

Quadro 55 – Os pronomes pessoais do Tenetehára até a 1ª metade do século XIX

		TEMBÊ		
	GLOSSA	SÉRIE I	SÉRIE II	SÉRIE III
	1	<i>idzé, ihé ~ hé</i>	<i>hé</i>	
	2	<i>ené ~ né</i>	<i>né</i>	<i>pe</i>
	23	<i>pé</i>	<i>pé</i>	
	12(3)	<i>dzané</i>	<i>dzané</i>	
	13	<i>uré/ore</i>	<i>uré/ore</i>	

Na página seguinte apresentamos o que estamos postulando para os prefixos pessoais do Tentehára até a primeira metade do século XIX.

Quadro 56 – Os prefixos pessoais do Tenetehára até a 1ª metade do século XIX

TEMBÉ				
GLOSSA	SÉRIE IV	SÉRIE V	SÉRIE VI	SÉRIE VII
1	<i>a-</i>			<i>te-/t-</i>
2	<i>ere- ~ re-</i>	<i>oro- ~ uru-</i>	<i>e-</i>	<i>e-</i>
12(3)	<i>dza-/ti-</i>			<i>dza-</i>
13	<i>uru- ~ oro-</i>	<i>po(r)- ~ pu(r)-</i>		<i>uru-</i>
23	<i>pe-</i>		<i>pe-</i>	<i>pe-</i>
3	<i>u- ~ o-, w-</i>			<i>u- ~ o-, w-</i>

Dada a ausência de dados do Guajajára datando do início do século passado, mas considerando que o caminho seguido por essa variedade Tenetehára não difere do caminho seguido pelo Tembé, embora só existam evidências de determinados traços antigos que poderia ter feito parte do ancestral das duas variedades nos dados registrados do Tembé, postulamos que o sistema pessoal do estágio anterior das duas variedades tenha tido os traços seguintes:

- existência de sete séries de marcas pessoais, três constituídas de pronomes (uma de pronomes independentes, uma de pronomes dependentes e outra de pronome agente, além de quatro séries de prefixos (duas subjetivas, outra acusativa, e outra correferencial com o sujeito da oração principal).
- a presença da forma *ti-* para uma primeira pessoa inclusiva em construções exortativas (cf. Ciryaco 193.);
- a presença de uma forma *it-* para a primeira pessoa correferencial (BOUDIN 196.);
- a presença de uma forma *pe* para marcar um agente de segunda pessoa;

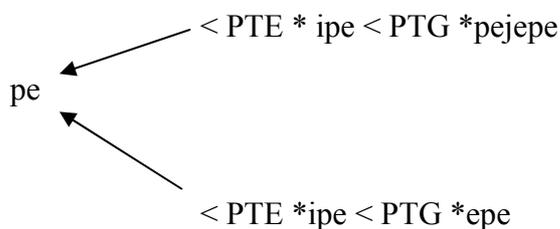
- a presença do prefixo *pu(r)-* < PTG *poro- ‘gente’, significando uma segunda pessoal plural paciente de agente de primeira pessoa singular ou de uma primeira pessoa exclusiva.

2.5. Considerações gerais

Os dados comparados até o presente mostram que o Tenetehára teria tido um sistema pessoal com características que, juntas, não correspondem às características globais de nenhum sistema particular de outra língua Tupí-Guaraní atual, embora esse sistema Tenetehára seja perfeitamente derivável do sistema reconstruível para o Proto-Tupí, apesar de suas características concordarem em parte com características de algumas línguas e, em parte, com características de outras línguas.

Os resultados da comparação desenvolvida neste capítulo mostram que, até aqui, o Tenetehára, por reunir características que concordam com línguas de todos os sub-ramos setentrionais, pode ser um dos representantes de uns dos mais antigos desmembramentos do ancestral dos sub-ramos IV, V, VI e VIII.

O Tenetehára, antes de sua diversificação, que é representada na atualidade pelo Tembé e pelo Guajajára, teria tido um sistema pessoal que se afina com o sistema atual das línguas Asuriní do Tocantins, Parakanã e Suruí com respeito à presença de uma forma *pe* para a segunda pessoa agente:



Esta redução foi atestada até agora apenas nas línguas do sub-ramo IV localizadas entre a confluência do Araguaia-Tocantins e interflúvio baixo Xingu-Tocantins e Tocantins-Pinadaré.

O Tenetehára teria tido um estágio em que a primeira pessoa correferencial era *it* como provam os dados oferecidos por Boudin. Esta forma correlaciona-se com um dos alomorfes da primeira pessoa correferencial do Asuriní do Tocantins, do Parakanã e do Suruí *wet-*, *wet-*, *wit-*, e *it-* que são variações de um dos alomorfes reconstruídos para o PTG como **wit-* (Cabral 2001, Cabral 2003 e Rodrigues e Cabral 2009). Entretanto, nos próprios dados de Boudin, assim como nos dados de Cyriaco Baptista, ainda mais antigos que os de Boudin, é atestada a forma *te-* que é a que sobrevive na atualidade em verbos posicionais. Ora, considerando que a forma original do ancestral do sub-ramo IV teria sido *wi(t)-* ~ *we(t)-*, é muito provável que a sílaba G(lide)V(ogal)C(onsoante oclusiva) tenha sido reduzida a VC. Sendo este um padrão atípico para um prefixo pessoal Tupí-Guaraní, teria sido induzida a metátese que resultou na forma atual CV = *te-*. Quando Boudin registrou o Tembé, ainda havia falantes que usavam a forma mais antiga *it-*, que era a que ocorria com os verbos da classe II.

Se com respeito à primeira pessoa correferencial o Tenetehára, em um estágio anterior, se afina com as línguas do sub-ramo IV, difere destas e mesmo das línguas do sub-ramo IV, V e VI quanto à ausência de formas correspondentes a *sere-* ‘12’ e *pese-* ‘23’ do Asuriní do Tocantins, do Parakanã, do Suruí e do Araweté, as quais são também correspondentes às respectivas formas de línguas dos sub-ramos V e VI. Na realidade, as formas para primeira pessoa inclusiva e segunda do plural correferenciais do Tembé, correspondem às formas dos prefixos correferenciais do Tupinambá (sub-ramo III), do Guaraní Antigo (sub-ramo I) e do Kamaiurá (sub-ramo IV). Esse fato pode significar, por um lado, que o Tenetehára e o Kamaiurá são as línguas setentrionais mais conservadoras, sendo as demais línguas que mantêm correferenciais menos conservadores, e as que desenvolveram formas como *sere-* e *pese-* do sistema de correferenciais.

Uma outra hipótese é que o Tenetehára tenha sofrido influência do Tupinambá durante o século XVII ou mesmo no século XVI, tendo em vista o registro do contato deles com as missões jesuíticas na primeira metade do século XVII na região do Pindaré.

Finalmente, há ainda a possibilidade de que a modificação no sistema de correferenciais do Tenetehára tenha sido decorrente do desaparecimento de temas não-posicionais no antigo modo gerúndio quando do desenvolvimento da expressão *(u)pə* ‘finalidade’, colaborando, para isso, o fato de que os direcionais que também tinham funções auxiliares como os verbos posicionais ocorriam com prefixos não correferenciais.

Com respeito à presença da forma *ti-* em Tenetehára, propomos, de acordo com Cabral e Silva (em preparação), que esta forma só ocorria em construções exortativas, tendo posteriormente perdido a sua funcionalidade nas duas variedades Tenetehára. Mas a presença dos reflexos de um PTG **ti-* em línguas Tenetehára as associa imediatamente às línguas dos ramos VI e VIII. Como este deve ter sido um traço das línguas setentrionais mais do norte, faz do Tenetehára uma língua conservadora.

Finalmente, a presença de um morfema *pu(r)-* codificando uma segunda pessoa plural objeto que se combina com uma primeira pessoa agente é mais uma prova de que o Tenetehára é conservador e se afina com o Asuriní do Xingu, com as línguas do sub-ramo VI e com as línguas do sub-ramo VIII (cf. Cabral 2001).

Todas essas considerações juntas mostram aspectos conservadores do Tenetehára, os quais, juntos, contribuem para a hipótese de que ele teria sido remanescente de um dos primeiros povos do ramo setentrional a migrar na direção leste do Brasil.

CAPÍTULO 3 - OS MODOS VERBAIS EM TENETEHÁRA

3. Introdução

Este capítulo trata do sistema de modos verbais nas duas línguas Tenetehára, com enfoque nas mudanças atestadas desde os primeiros registros dessas línguas até o momento presente. A análise leva em consideração as descrições disponíveis sobre o tema em outras línguas da família Tupí-Guaraní, particularmente as descrições e análises do Tupinambá por Anchieta (1559), Figueira (1888) e Rodrigues (1953). Analisamos os modos Indicativo I, Indicativo II, Gerúndio, Subjuntivo e Imperativo nas duas línguas Tenetehára e os comparamos com as expressões desses modos em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII. Os resultados da comparação são utilizados para fundamentar o diagnóstico do grau de relacionamento genético do Tenetehára com as línguas da família linguística Tupí-Guaraní, mas também para fundamentar o tratamento do Tembé e do Guajajara como duas línguas distintas.

3.1 Sobre modos verbais na família Tupí-Guaraní

As descrições mais antigas sobre modos verbais na família Tupí-Guaraní são as de Anchieta (1559) e Figueira (1888) sobre o Tupinambá e as de Montoya (1876) e Restivo (1893) sobre o Guaraní Antigo. Rodrigues (1953), baseado nesses autores, ao analisar a morfologia do verbo Tupinambá mostra que esta língua fazia distinção entre dois grupos de formas verbais: as formas remáticas (as formas propriamente verbais) e as formas onomáticas (as de natureza nominal). As formas verbais de natureza remática identificadas no Tupinambá foram o Indicativo I (ou remático), o Permissivo, o Imperativo o Gerúndio e o Nome relativo e as de natureza onomática eram o Indicativo II, (ou onomático), o Subjuntivo e nomes de ação, de agente, de circunstância, de objeto, de paciente, de agente habitual e de propensão (RODRIGUES, 1953, p. 126).

3.2 Os modos verbais em Tembé e em Guajajára

3.2.1 O Modo Indicativo I em Tembé e em Guajajára

Rodrigues (1953, p. 126) mostra que o modo indicativo I em Tupinambá exprimia a ‘simples realização do processo verbal (‘vi uma canoa’/ ‘eu fui’). Exemplos do modo Indicativo I nas duas variedades do Tenetehára são apresentados a seguir:

Tembé

Exemplos:

560. *zawar o-por kařĩ r-ehe*
onça 3-pular macaco R¹- em.relação.a
‘a onça pulou no macaco’
561. *a-há kwej Paragomin-pe*
1-ir RLZ Paragominas-LOC
‘eu já fui a Paragominas’
562. *a-há ram Paragomin-pe*
1-ir PROJ1 Paragominas-LOC
‘eu vou a Paragominas’
563. *u-hem o-ho p̃h̃aw ete ahĩ*
3-chegar 3-ir de manhã INT3 INT2
‘ela vai chegar de manhãzinha’
564. *kwei tuařu ařĩ u-r̃r̃j̃ tete*

aquele-vis velho ATN 3-tremer INT1
 ‘aquele velhinho se tremia todo’

565. *ihe r-emiriko Ø-mu-katu ihe r-ípĭj kwej*
 1 R¹-esposa 3- CAUS- bem 1 R¹-casa RLZ
 ‘a minha mulher já limpou a casa’

Guajajára

Exemplos:

566. *awa u-tim maniʔok*
 homem 3-plantar mandioca
 ‘o homem planta mandioca’

567. *aʔe o-poj u-emaw zawar riʔi*
 ele 3-alimentar R⁴ -animal de estimação cachorro AFIRM
 ‘ela alimentou o cachorro’

568. *uru-ata Ø-iko kaʔa-pe*
 13-andar 3-estar.em.mov. mato-LOC
 ‘nós andamos pelo mato’

569. *a-ker kwej he r-u h-ípĭj-me riʔi*
 1-dormir RLZ 1 R¹-pai R²-casa- LOC AFIRM
 ‘eu dormi na casa do meu pai’

570. *a-zahak* *ʔi* *r-upi* *no*
 1-tomar.banho água R¹-PER também
 ‘eu também tomei banho no igarapé’
571. *a-hem* *ta* *ziʔj* *tue* *a-hem* *ta*
 1-chegar PROJ2 cedo HAB1 1-chegar PROJ2
 ‘eu vou chegar sempre cedo’
572. *a-ker* *ta* *ziʔj* *tue* *ihe-ə* *i*
 1-dormir PROJ2 cedo HAB1 1-ARG ASSER
 ‘eu sempre vou dormir cedo’

3.2.2 O Modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára

De acordo com Rodrigues (1953), o modo Indicativo II era uma variedade de indicativo encontrada no Tupinambá, que ocorria quando uma circunstância antecedia um predicado com sujeito de primeira ou de terceira pessoa. O verbo, nesse contexto, não recebia prefixos pessoais, mas prefixos relacionais. Se o determinante do verbo formasse com este uma unidade sintática, o verbo recebia o prefixo R¹, se, do contrário, o verbo recebia o prefixo R². No verbo Tupinambá havia, ainda, o sufixo do modo Indicativo II, que tinha nessa língua dois alomorfes: o alomorfe *-i* que ocorria em temas terminados em consoantes e o alomorfe *-w* em temas terminados por vogais.

Em Tenetehára o modo Indicativo II ainda é expresso tanto em Tembé quanto em Guajajára.

3.2.2.1 O Modo Indicativo II em Tembé desde os primeiros registros

3.2.2.1.1 O registro do Indicativo II em Tembé por Cyriaco Baptista (1932)

Atualmente em Tembé o modo Indicativo II se realiza pela combinação de temas

verbais com prefixos relacionais e com o sufixo desse modo *-n* (depois de vogal) e *-∅* (depois de consoante). Na coletânea de textos de Cyriaco Baptista o modo Indicativo II ocorre com os verbos *-ho* ‘ir’ e *-eko* ‘estar.em.movimento’, ambos terminados em vogal e combinados, portanto, com o alomorfe *-n* do sufixo desse modo. A seguir alguns exemplos desses verbos no Indicativo II.

Exemplos com os verbos *-ho* ‘ir’ e *-eko ~ -iko* ‘estar.em.movimento’

***-ho* ‘ir’**

573. *Izêkuêhê koémirê; Ohóui zêkuêhê nó. Názáuê Zêkuêhê*
‘Disse em certo tempo ia indo em certo tempo de novo. Assim em certo tempo

Ihan Iko. Upuranupa Purunarȳ. Ohó
estava indo. Perguntando.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

574. *Umunãzauê Zêkuêhê aypó Omo Uariuayr Hekanynô.*
Uma vez aquelle filho de estava de novo.

Upau zêkuêhê
Acabou em certo tempo (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 388).

Com o verbo *-eko ~ -iko* ‘estar.em.movimento’

575. *Munã Zauê zêkuêhê aypó ‘Ahy’ Hekan uzetanonga. Uair izeça-*
‘Uma vez em certo tempo estava a preguiça fazendo um encanto. Quando o filho

kukarirê Uzêupir zêkuêhê uicó. Apuihy zêkuêhê ico Uzêupiã
apareceu Trepando em certo tempo elle estava. Disse em certo tempo
dizendo e trepando’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 386)

576. *Umunazâuê Zêkuêhê aypó támánuá Hékan uzétanônganú Tucumãiu*
‘D’esta forma em certo tempo aquelle tamanduá estava em encanto.
Tucumanzeiro...’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

No exemplo 573 o tema *-ha* combina-se com o relacional de não-contigüidade *i-* e com o alomorfe *-n* do modo Indicativo II. Essa forma é motivada pela presença do advérbio *nazawê* ‘assim’, ‘dessa forma’ que precede o predicado. No exemplo 576 o tema verbal *-eko* combina-se com o alomorfe *h-* do prefixo relacional de não-contigüidade, mas com o mesmo alomorfe *-n* do modo Indicativo II por ser também terminado por vogal.

3.2.2.1.2 O registro do Indicativo II em Tembê por Boudin(1966)

Nos registros de Boudin (1966), o sufixo do modo Indicativo II é $-\emptyset$ seguindo consoante e *-n* variando com *-ni* seguindo vogal. Exemplos do modo Indicativo II são encontrados em abundância. A presença de uma expressão de natureza adverbial nos dados de Boudin também é frequente. A título de ilustração apresentamos os seguintes exemplos:

Com o verbo *-ho* ‘ir’

577. *hupi-katu i-ho-n(i)*
‘está (vai) certo!’ ‘está direito’ (BOUDIN, 1966, p. 66)

578. *nazäwê-méhé i-ho-ni!*
‘afinal ele foi embora’ (BOUDIN, 1966, p. 174)

579. *ma'ê-méhé-té i-ho-ni rihi*
‘quando foi embora?’ (BOUDIN, 1966, p. 119)

Com o verbo *-eko ~ -iko* ‘estar.em.movimento’

580. *pêp- hêkó-n(i)*
‘lá está ele’ (BOUDIN, 1966, p. 58)

581. *kwêr- hêkó-n(i)*
‘lá está ele’ (BOUDIN, 1966, p. 58)

Boudin traduz a expressão *hêkó-n(i)* como ‘estar’, ‘ficar’, ‘permanecer’, ‘perdurar’, ‘conservar-se’.

Com outros verbos

-mano ‘morrer’

582. *nazäwê-há(wo) i-mano-ni!*
‘em consequência, êle morreu’ (BOUDIN, 1966, p. 174)

583. *na 'arêw-há-rupi i-mano-ni!*
 'êle morreu repentinamente' (BOUDIN, 1966, p. 171)

-mumezu 'narrar', 'contar', 'relatar'

584. *marázawê-té têko ma'ê i-mu-me'u-ni*
 'que há de novo' (BOUDIN, 1966, p. 171)

3.2.2.1.3 A análise de Carvalho (2001)

Segundo os estudos de Carvalho (2001), em Tembê, o modo Indicativo II embora ainda ativo já tem uso restrito e com algumas particularidades: sua ocorrência é restrita a situações em que o sujeito é de terceira pessoa, sendo acionado apenas quando o predicado é afirmativo. A seguir reproduzimos exemplos de Carvalho ilustrando o uso do modo Indicativo II em Tembê com verbos intransitivos não descritivos e com verbos transitivos.

Com verbo intransitivo (não-descritivo):

585. *aʔé r-upí he Ø-enám-ə i-hó-n pé-pe aʔé*
 esse R¹-por 1 R¹-parente-Arg R²-ir-IndII lá-Loc esse
- r-upí nazewé*
 R¹-por assim
- 'por isso meu parente foi lá, por isso, assim' (E.)

586. *sé h-ekó-n he Ø-kíwír-ə*
 aqui R²-estar.em.mov-Ind.II 1 R¹-irmão-Arg

‘ aqui está meu irmão’ (P.)

587. *sé hé Ø-kíwîr-ə r-ekó-n*
aqui 1 R¹-irmão-Arg R¹-estar.em.mov-Ind.II
‘aqui meu irmão está’ (P.)

588. *sé Ø-wí i-hém-Ø*
aqui R¹-de R¹-sair-Ind.II
‘daqui ele saiu’ (P.)

589. *né Ø-rú-ramo Ø-zíwîr-Ø*
2 R¹-companheiro-Trans R¹-voltar-Ind.II
‘com você ele voltou’ (P.)

590. *pé-pe n o-hó-j*
lá-LOC Neg 3-estar.em.mov-Neg
‘lá ele não foi’ (P.)

A mesma autora oferece exemplos em que o modo Indicativo II não é mais acionado.

591. *né Ø-rú-ramo u-kér*
2 R¹-companheiro-Trans 3-dormir
‘com você ele dorme’(P.)

592. *né Ø-rú-ramo o-hó*
2 R¹-companheiro-Trans 3-ir

‘com você, ele foi’ (E.)

593. *né* *∅-rú-ramo* *u-ʔáw* *pə*
2 R¹-companheiro-Trans **3-estar.deitado** Ger
‘com você ele tá deitado’ (P.)

594. *né* *∅-rú-ramo* *u-apík* *∅-iní*
2 R¹-companheiro-Trans **3-sentar** 3corr-estar.sentado
‘com você ele está sentado’ (P.)

Com verbo transitivo

Exemplos:

595. *sé* *i-zuká-n*
aqui **R¹-matar-Ind-II**
‘aqui ele o matou’ (P.)

596. *∅-takíhé-∅* *∅-irú-ramo* *i-monohók-∅*
R²-faca-Arg R¹-companheiro-Trans **R¹-cortar-Ind.II**
‘com a faca ele o cortou’ (P.)

O exemplo seguinte, com um verbo intransitivo de dois argumentos obrigatórios, e nos outros seguintes, todos transitivos o Indicativo II não ocorre:

597. *aʔé* *r-upí* *u-meʔé* *kwehé*
esse R¹-por **3-olhar** Atest.rem

‘por isso ele olhou’ (Atest.rem) (E.)

598. *Ø-takãhé-Ø* *Ø-irú-ramo* *u-zaikáv* *wirá-Ø*
R⁴-faca-Arg R¹-companheiro-Trans **3-cortar.em.pedaços** madeira-Arg
‘com faca ele cortou madeira’ (P.)

599. *Ø-takãhé-Ø* *Ø-irú-ramo* *u-monohók*
R⁴-faca-Arg R¹-companheiro-Trans 3-cortar
‘com a faca ele o cortou’ (P.)

Carvalho mostra que as estratégias de negação usadas no modo Indicativo II são as mesmas usadas no modo indicativo 1, mas há também casos em que a negação é feita por meio da partícula *niĩ*, como ilustram os exemplos a seguir:

600. *Ø-pé-ə* *r-upí* *n* *u-ikó-j*
R⁴-caminho-Arg R¹-por Neg **3-estar.em.mov-Neg**
‘pelo caminho não está’ (P.)

601. *pé-pe* *niĩ* *o-hó* *kwéj* *rihí*
lá-Loc **Neg** 3-ir RLZ ainda
‘lá, ele ainda não foi’ (P.)

602. *kó-wi* *niĩ* *Ø-zíwír* *ipó* *rihí*
roça-de **Neg** 3-voltar Infer ainda
‘da roça ele ainda não voltou’ (P.)

Carvalho (2001) mostra que falantes dos grupos 3 e 4 estavam usando àquela altura, o modo Indicativo II de forma não sistemática. Nos exemplos a seguir o modo Indicativo II não foi acionado, mesmo havendo condições ideais para tal.

603. *Santarẽj-pe* *o-hó*
 Santarém-Loc 3-ir
 ‘para Santarém ele vai’ (M.)

604. *Santarẽj-pe* *i-hó-n*
 Santarém-Loc 3-ir-Ind.II
 ‘para Santarém ele vai’ (M.)

605. *kaʔá-pe* *i-hó-n*
 mato-Loc 3-ir-Ind.II
 ‘para o mato ele vai’ (T.)

606. *kaʔá* *r-upí* *o-hém* *u-úr* *kwéj*
 mato R¹-por 3-sair 3-vir Perf
 ‘pelo mato, ele veio saindo’ (T.)

3.2.2.2 O Modo Indicativo II em Guajajára em estudos anteriores

3.2.2.2.1 As análises de Harrison (1986) e Bendor-Samuel (1972)

Harrison, (1986, p. 417) ao tratar de elementos oblíquos topicalizados em Guajajára, mostra que, se um advérbio é movido para o início da sentença ou para antes do verbo, sendo o sujeito de terceira pessoa, o verbo recebe a marca de (ergativo) absolutivo e o elemento oblíquo topicalizado é registrado no verbo por meio do sufixo *-n* (após vogal) e *~ -∅* (após consonte). Esta situação descrita por Harrison corresponde ao que Rodrigues (1953) chama de Indicativo II. Bendor-Samuel (1972) trata o

Indicativo II como “inverted sentence”. A seguir exemplos de Harrison (1986, p. 418) os quais mostram o contraste entre sentenças com o elemento oblíquo topicalizado e outras com o oblíquo em posição não topicalizada em Guajajára.

607. *w-iko aʔe-pe*
 3-be there-at
 ‘He is there’ (HARRISON, 1986, p. 418)

608. *aʔe-pe Ø-heko-n*
 there-at 3SG-be-OBL.TOP
 ‘He is there’ (HARRISON, 1986, p. 418)

609. *kaʔa-pe ure-reraha-n*
 jungle-to 1PL.EXCtake-OBL-TOP
 ‘(He) took us to the jungle’ (HARRISON, 1986, p. 418)

Segundo Harrison, esse tipo de construção já estava caindo em desuso em alguns dialetos do Guajajára, ocorrendo com verbos intransitivos tais como ‘ir’, ‘vir’, ‘ser/estar’ e outros destes derivados. Os exemplos a seguir ilustram bem as características do modo Indicativo II: o verbo recebe o prefixo relacional e o sufixo **-n** ~ **-Ø** típico desse modo.

VERBO	3SG	3SG-OBL.TOP	3PL-OBL.TOP
<i>-ho</i> ‘ir’	<i>o-ho</i>	<i>i-ho-n</i>	<i>wa-no-n</i>
<i>-ur</i> ‘vir’	<i>Ø-ur</i>	<i>Ø-tur-Ø</i>	<i>wa-nur-Ø</i>
<i>-iko</i> ‘ser/estar’	<i>w-iko</i>	<i>Ø-eko-n</i>	<i>wa-neko-n</i>

(HARRISON, 1986)

3.2.2.3 O Modo Indicativo II em dados mais recentes do Temb  e do Guajajára

3.2.2.3.1 O sufixo *-n ~ -∅* na expressão do Modo Indicativo II em Temb  e em Guajajára

Em nossos dados confirma-se o já descrito em estudos anteriores sobre o modo Indicativo II no Temb  e no Guajajára. Mas, como mostraremos adiante, o sufixo do modo Indicativo II encontra-se em plena expansão para outros contextos morfossintáticos não mais relacionado   anteposi o de uma circunstância ao predicado. Nesta se o apresentamos dados de nossa pesquisa e traçaremos discussões adicionais a respeito da manifesta o atual desse modo nas duas línguas Tenetehára. A seguir apresentamos exemplos do Modo Indicativo II em diferentes contextos de ocorrência e as inova es que essas línguas têm apresentado para a expressão desse modo.

Temb 

Com o verbo *-eko* ‘estar em movimento’

Exemplos:

610. *pe h-eko-ni Paragominas*
l  R² -estar.em.mov.-INDII Paragominas
‘ela está lá em Paragominas’

611. *zapukaj r-a r h-ake h-eko-ni*
galinha R¹-filhote R²-perto R²-estar.em.mov.-INDII
‘aquele pintinho está perto dela’

612. *maniku iwate h-eko-ni*
paneiro em cima R² - estar.em.mov.-INDII
‘o paneiro está pendurado’

Com o verbo *-ho* ‘ir’

613. *kwehe* *i-ho-n* *kwej*
PASS.REM. R²-ir- INDII RLZ
‘ele foi embora desde muito tempo’
614. *kudə* *ɪwer* *uəj* *iru ramo* *i-ho-ni*
mulher COL PL ASS R²- ir- INDII
‘foi na companhia das mulheres que ela foi’
615. *ʔi* *r-ihu* *t-ihu* *tete* *mehe*
água R¹-grande R⁴ -encher INT1 SUB
- paw* *ko* *i-ho-n* *ʔi-pe*
CES roça R²- ir-INDII água-LOC
‘o rio encheu tanto que as roças foram pro fundo’

Em sentenças interrogativas e negativas

No caso das sentenças interrogativas abaixo é o caso translativo *ramo* que aciona o modo indicativo II.

616. *amo* *r-aikwer* *ramo* *kwaharer* *h-eko-n*
quem R¹-atrás TRANS menino R² -estar.em.mov.-INDII
‘atrás de quem está o menino?’
617. *amo* *r-upi* *i-ho-n* *aipo*

quem R¹-de R² -atrás-INDII INF
 ‘na companhia de quem ela foi?’

Note-se que, no exemplo seguinte, o morfema do caso translativo tem um valor associativo.

618. *n akwaw amo iru-ramo i-ho-ni*
 NEG saber quem companheiro-TRANS R²-ir-INDII
 ‘eu não sei com quem ele vai’

Nos exemplos a seguir, era esperado que os temas verbais ocorressem no indicativo II, pois são precedidos por uma construção com a partícula *mehe*, mas esse modo não é acionado:

619. *akwed mehe a?e u-ahaw ?i kwehe*
 aquele-inv. SUB ele 3-atravesar água PASS.REM
 ‘naquele tempo ele ainda atravessava o rio’

620. *akwed mehe a?e u-pir we ?i-wi*
 aquele-inv. SUB ele 3-carregar CONT água- DAT
 ‘naquele tempo ele ainda carregava água do rio’

621. *akwed mehe awa u-pir we ?i-wi*
 aquele-inv. SUB homem 3-carregar CONT água- DAT
 ‘naquele tempo o homem ainda carregava água do rio’

Guajajára

Com o verbo *-eko* ‘estar em movimento’

Sem a circunstância antecipada, nota-se que o modo indicativo II não é acionado, como nos exemplos 622 e 627 a seguir, diferente dos demais exemplos em que este é acionado, um tipo de construção ainda ativo no Guajajára.

622. *he* *∅-hĩ* *u-iko* *ko-pe* *kurĩ*
1 R¹-mãe 3-estar.em.mov. roça-LOC agora
‘minha mãe está na roça agora’

623. *ko-pe* *he* *∅-hĩ* *h-eko-n*
roça-LOC 1 R¹-mãe R²-estar.em.mov.-INDII
‘na roça a minha mãe está’

624. *ko-pe* *h-eko-n* *aʔe*
roça- LOC R² -estar.em.mov.-INDII ele
‘na roça ele está’

625. *ʔĩ-pe* *h-eko-n* *aʔe*
água-LOC R² -estar.em.mov.-INDII ele
‘no igarapé ele está’

626. *t-ípuz-pe* *h-eko-n* *aʔe* *wə*
R⁴-casa- LOC R²-estar.em.mov.-INDII ele PL
‘na casa eles estão’

Com o verbo *-ho* ‘ir’

627. *he* \emptyset -*hi* *o-ho* *kwez* *ko-pe*
1 R¹-mãe 3-*ir* RLZ *roça-LOC*
‘minha mãe foi pra roça’

628. *ko-pe* *he* \emptyset -*hi* *i-ho-n* *kwez*
roça-LOC 1 R¹-mãe R²-*ir-INDII* RLZ
‘pra roça minha mãe foi’

629. *ko-pe* *i-ho-n* *kwej*
roça-LOC R²-*ir-INDII* RLZ
‘pra roça ele foi’

630. *ir-ikaw-pe* *i-ho-n* *kwej*
igarapé-LOC R²-*ir-INDII* RLZ
‘pro igarapé ele foi’

3.2.2.3.2 O sufixo *-i* na expressão do Modo Indicativo II em Tembé e em Guajajara

Embora o modo Indicativo II em Tembé e em Guajajara seja expresso pelo sufixo *-n* ~ \emptyset , há casos em que certos verbos terminados em consoante recebem o sufixo *-i* sempre que a circunstância é antecipada ao verbo. Exemplos com e sem esse sufixo são apresentados a seguir:

Tembé

Com verbo intransitivo:

-ur ‘vir’

631. *pʰawe* \emptyset -*tur-i* *ram* *aipo* *nehe*
 amanhã 3-vir- INDII PROJ1 INF INTEN
 ‘com certeza o rapaz vem amanhã’

No exemplo que segue, embora o verbo venha com o sufixo *-i*, combina-se com prefixos subjetivos, o que é uma inovação marcante.

632. *ɽaw* *apɽaw* *mujte* *u-itur-i*
 este-deit/em.pé homem longe 3-vir-INDII
 ‘este homem veio de muito longe’(em pé)

Já no exemplo seguinte, a forma verbal marcada por *-i* parece funcionar mais como auxiliar no modo gerúndio:

633. *ne* *r-ɽwɽr* *u-hem* \emptyset -*ur-i*
 2 R¹-irmão 3-vir 3-vir-INDII
 ‘foi seu irmão quem chegou’

Os dados seguintes mostram claramente formas verbais de predicados principais, precedidos por expressão adverbial, flexionados pelo morfema *-i* do indicativo II, mas também flexionados por prefixos pessoais e não por prefixos relacionais.

-ɽəm ‘estar.em.pé’

634. *kamutʃi* *r-uadar* *ramo* *mukaw* *u-ɽəm-i*
 pote R¹-lado TRANS espingarda 3-estar.em.pé- INDII
 ‘é ao lado do pote que a espingarda está’

635. *he r-uadar ramo mukaw u-ʔəm-i*
 1 R¹-lado TRANS espingarda 3-estar.em.pé- INDII
 ‘é do meu lado que a espingarda está’

-in ‘estar sentado’

636. *ʔi r-eke he r-ípĭj u-in-i*
 água R¹-perto 1 R¹-casa 3-estar.sentado-INDII
 ‘é perto do rio que fica a minha casa’

637. *kamutfi r-eke dapepo u-in-i*
 pote R¹-perto panela 3-estar.sentado-INDII
 ‘a panela está perto do pote’

-ʔar ‘cair’

638. *kwaharer ʔar ramo ita u-ʔar-i*
 menino em cima pedra 3-cair-INDII
 ‘foi em cima do menino que a pedra caiu’

Guajajára

Nota-se que, nos exemplo 639 e 640 do Guajajára, sem a circunstância antecipada, o indicativo II não é acionado. No exemplo 641, no entanto, com a circunstância precedendo o núcleo do predicado, o sufixo *-i* foi usado para marcar o modo indicativo II.

-ur ‘vir’

639. *u-zur kwez əmən upaw ire*
 3-*vir* RLZ chuva CES depois
 ‘ele chegou depois da chuva’

640. *∅-ur putar ruʔu Francisco se pʰawe*
 3-*vir* PROJ2 DUB Francisco aqui amanhã
 ‘será que Francisco vem aqui amanhã?’

641. *əmən upaw ire u-zur-i kwez*
 chuva CES depois 3-*vir*-INDII RLZ
 ‘depois da chuva ele chegou’

Outro traço inovador nas duas línguas Tenetehára é a extensão da ocorrência do sufixo *-i* do modo indicativo II com formas verbais núcleos de predicado com sujeitos de 1^a, 2^a e 3^a pessoas.

Tembé

Exemplos:

***-deruzar ~ -zerudar* ‘acreditar’, ‘confiar’**

642. *amo r-ehe ere-derudar-i*
 quem R¹-em.relação.a 2-*confiar*-INDII
 ‘você confia em quem?’

Guajajára

Exemplos:

643. *karu mehe ere-zur-i*
ontem 2-vir-INDII
'ontem você chegou'

-ho 'ir'

644. *majɽu paw ire uru-momor ta bol o-ho-j*
comer CES depois 13-jogar PROJ2 bola 13-ir- INDII
'depois do almoço nós vamos jogar bola'

645. *əmən ipɨk ire a-mareko tatá a-ha-j*
chuva fim depois 1-trabalhar PROJ2 1-ir- INDII
'depois da chuva eu vou trabalhar'

O exemplo seguinte ilustra a ocorrência do sufixo *-i* do modo indicativo coocorrendo com um prefixo pessoal de 3ª pessoa em Tembé.

-mudar ~ -muzar 'enrolar'

646. *akwed mehe aɽe u-mudar-i pɨm-a*
aquele-inv. tempo ele 3-enrolar-INDII fumo-ARG
'naquele tempo ele ainda enrolava o fumo'

Os exemplos com o sufixo *-i* mostram uma grande mudança na língua. Por um lado, há vestígios do antigo modo Indicativo II em que a forma *-n* alterna com a forma *-ni* depois de tema terminado em vogal e *-∅* depois de consoante. Por outro lado, verifica-se uma extensão do uso do sufixo do modo indicativo II para temas flexionados

por prefixos pessoais quando núcleos de predicados precedidos por expressões adverbiais. Essa extensão parece, à primeira vista, uma inovação relativa ao modo Indicativo II. Por contrariar restrições ativas em um estágio anterior da língua, trata-se de uma variante. Há, ainda, situações em que um tema verbal que se combina com o sufixo *-i* não é núcleo do primeiro predicado que segue a expressão adverbial, mas o último predicado da sentença que funciona como predicado auxiliar como mostram os seguintes exemplos:

Guajajara

Exemplos:

647. *əmən ipɛk ire a-zur putar nehe*
 chuva fim depois 1-vir PROJ2 INTEN
 ‘depois da chuva eu venho’

648. *majʔu paw ire uru-momor ta bol o-ho-j*
 comer CES depois 13-jogar PROJ2 bola 13-ir- INDII
 ‘depois do almoço nós vamos jogar bola’

Finalmente um fato muito inovador é a ocorrência do modo Indicativo II em situações em que o predicado é precedido por qualquer elemento topicalizado e não exclusivamente por uma expressão adverbial como o descrito para as línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní (cf. SILVA & CABRAL, 2010, Topicalização e Indicativo II em Tembé).

Tembé

Exemplos:

649. *aʔe kwaharer u-mədən-i*
 ele menino 3-empurrar-INDII
 ‘foi ele que empurrou o menino’
650. *ne kwaharer ere-mədən-i*
 2 menino 2-empurrar-INDII
 ‘foi você que empurrou o menino’
651. *maniʔok aʔe u-tim-i*
 mandioca ele 3-plantar-INDII
 ‘era mandioca o que ela plantava’
652. *ʔi u-enu-j wə*
 água 3-pedir-INDII 3.PL
 ‘é água o que eles estão pedindo’

Guajajara

Exemplos:

Assim como ocorre em Temb , em Guajajara também verifica-se a ocorrência ora do sufixo *-n*, ora do sufixo *-i* precedidos por expressão adverbial. Os temas verbais recebem tanto os prefixos pessoais quanto os relacionais.

Com o verbo - *ho* ‘ir’

653. *əmən ipɨk ire uru-momor ta*
 chuva fim depois 13-jogar PROJ2

bol *o-ho-j* *ure-əj*
 bola 3-ir-INDII 13-ARG
 ‘depois da chuva nós vamos jogar’

Há também casos, em Guajajara, em que mesmo havendo as condições ideais para o uso do modo Indicativo II, este não se realiza, como nos exemplos a seguir:

Com a circunstancia antecipada:

-eko ‘estar em movimento’

654. *ko-pe* *u-ata* *∅-iko*
 roça- LOC 3-andar 3corr-estar.em.mov.
 ‘pra roça ele foi’

-ho ‘ir’

655. *pɰtun* *ipɰ-i* *mehe* *a-hem* *ta-ha* *kwej*
 noitinha começo- ATN SUB 1-sair 1-ir RLZ
 ‘à noitinha eu saí’

656. *pɰtun* *ete* *aɰ* *mehe* *a-hem* *a-ha* *kwez*
 noite INT3 ATN SUB 1-sair 1-ir RLZ
 ‘à noitinha eu saí’

657. *pɰhawe* *ete* *ahɰ* *aha* *putar* *ihe*
 manhã INT3 INT 2 1-ir PROJ2 1
 ‘de manhã eu vou’

658. *ziʔj zahĩ za-ha ta ahi nehe*
cedo manhã 12-ir PROJ2 INT2 INTEN
‘nós vamos de manhã’
659. *paw ete ahi oro-ho putar ure-ə*
CES INT3 INT² 13-ir PROJ2 13-ARG
‘nós vamos de manhã’
660. *pʰhaw o-ho putar aʔe*
noite 3-ir PROJ2 ele
‘de noite ele vai’
661. *əməŋ ipʰk ire a-ha putar ihe*
chuva fim depois 1-ir PROJ2 1
‘depois da chuva eu vou’

Há situações, no entanto, em que o modo Indicativo II é usado mesmo sem circunstância alguma expressa.

662. *i-ho-n kwej*
R² -ir- INDII RLZ
‘ele foi’

Os dados apresentados até aqui evidenciam que o modo Indicativo II em Tembé e em Guajajára, embora preservado em várias situações, apresenta inovações em pleno desenvolvimento as quais diferenciam essas duas línguas das demais línguas da família Tupí-Guaraní em que a tendência tem sido o desaparecimento total desse modo como ocorreu em Ka’apór, em Zo’é e em Emerrilon.

3.2.2.4 O modo Indicativo II em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da família Tupí-Guaraní

3.2.2.4.1 Línguas do sub-ramo IV

Segundo Cabral (*apud* FIGUEIREDO 2004, p. 95), em todas as línguas suficientemente documentadas do ramo IV da família Tupí-Guaraní “o modo indicativo II se manifesta nos núcleos de predicados verbais quando o argumento externo de um verbo transitivo ou o argumento interno de um verbo intransitivo é de terceira pessoa”. Exemplos dados por Figueiredo a seguir:

Asuriní do Tocantins (CABRAL *apud* FIGUEIREDO, 2004)

663. *ihár-a* \emptyset -*popé* *i-tór-i*
 canoa-Arg R¹-dentro R¹-vir-Ind.II
 ‘na canoa ele veio’ (CABRAL *apud* FIGUEIREDO, 2004, p. 95)

664. *i-ka-páp-a* *i-asʔá-j*
 R²-quebrar-COM-GER R²-chorar-Ind.II
 ‘ele quebrou tudo e chorou’ (CABRAL *apud* FIGUEIREDO, 2004, p. 95)

Parakanã (SILVA, 1999)

Em Parakanã o Indicativo II caracteriza-se pela anexação do sufixo *-i* ao núcleo do predicado quando o sujeito é de terceira pessoa e o predicado é antecedido por uma expressão adverbial. Neste modo o verbo recebe prefixos relacionais e a negação ocorre por meio do sufixo *-iʔim*.

665. *imaʔétewe* *i-manó-i*
 ‘faz tempo’ NCNT-morrer-IND.II

‘ele morreu já faz tempo’ (SILVA, 1999, p. 40)

666. *kwetfaré n o-manó-i?im-i Mére-∅*
ontem NEG 3-morrer-NEG-IND.II Meré-ARG
‘ontem não morreu a Meré’ (SILVA, 1999, p. 40)

Tapirapé (ALMEIDA, 1983)

Almeida (1983) ao tratar de verbos no modo Indicativo II mostra que, em Tapirapé, este é usado depois de locução relacional e de alguns advérbios e que se o verbo antecipar tais expressões deverá ser usado o modo indicativo I. A diferença entre os dois modos restringe-se à 3c/3c, 2s, p/1s, 2s, p/1pe.

667. *a-pete ka-pe*
1 bater roça-LD
‘ele(s) bate(m) no(s) outro(s) na roça’ (ALMEIDA, 1983, p. 34)

668. *kape i-petek-i*
roça-LD R²-bater-IND.I
‘na roça ele(s) bate(m) no(s) outro(s)’ (ALMEIDA, 1983, p. 34)

669. *xe ∅-pete xepe*
1-bater R²-bater 2
‘você me bate’ (ALMEIDA, 1983, p. 34)

670. *ãxehi xe ∅-petek*
ontem 1 R¹-bater

‘ontem você me bateu’ (ALMEIDA, 1983, p. 34)

3.2.2.4.2 Línguas do sub-ramo V

Asuriní do Xingú (MONSERRAT, 1998; Nicholson, 1982)

No Asuriní do Xingú o modo Indicativo II só ocorre na 3ª pessoa dos verbos transitivos e intransitivos com o sufixo *-i* após consoante e $-\emptyset$ após vogal e, em vez dos prefixos verbais, ocorrem os pronomes dependentes ou outro qualquer, indicando o sujeito (nos verbos intransitivos) e o objeto (nos verbos transitivos). Exemplos utilizados pela autora:

671. *aite ae \emptyset kupir-i*
sempre esse R²-roçar-IND.II
‘sempre a gente roça’ (MONSERRAT, 1998, p. 21)

672. *karamu ga \emptyset jemu'e- \emptyset a-ka-u*
agora 3 R²-ensinar-IND.II 3CORR-estar.em.mov-GER
‘agora sim , ele está aprendendo’ (MONSERRAT, 1998, p. 21)

673. *kumeti tipe amyn-a paak-i*
há.pouco chuva-arg cessar-IND.II
‘só há pouco a chuva parou’ (MONSERRAT, 1998, p. 21)

674. *ka-r-ehé i-tor-i*
agora.aqui em.re.a R²-vir-IND.II
‘vai chegar logo’ Nicholson, 1982, p. 13)

Araweté (SOLANO, 2009)

Conforme Solano (2009, p. 202), a língua Araweté perdeu o sufixo do modo indicativo II, mas seus verbos continuaram a receber flexão relacional em todas as pessoas (cf. LEITE e VIEIRA, 1998, p. 21/22). Mudança similar ocorreu no Anambé do Cairari (JULIÃO, 2005). Em Araweté, o modo indicativo II ocorre em todas as pessoas nas situações descritas quando o predicado é precedido por uma expressão adverbial e quando o objeto (paciente) é mais alto do que o agente ou igual a este na hierarquia. Exemplos dados por Solano (2009, p. 203).

675. *deme ku he tapĩ?i Ø-juka*
agora FOC 1 anta R¹-matar
'agora eu mato onça' 'eu acabei de matar anta agora'

676. *paranĩ-uhu ne r-udĩ*
rio-INTS 2 R¹-voltar
'do Xingu você voltou'

677. *kaʒarume he akaju Ø-tĩ*
ontem 1c caju R¹-plantar
'ontem eu plantei caju'

3.2.2.4.3 Línguas do sub-ramo III

O Tupinambá (RODRIGUES, 1953)

Em Tupinambá o modo indicativo II era marcado pelo sufixo - *û* (nos temas vocálicos), -*i* (nos temas consonânticos). Nos casos em que os temas eram terminados na semivogal -*i*, ficavam inalterados. O modo Indicativo II corria com predicados de primeira e de terceira pessoa quando a estes precedia uma forma adverbial. Esses

núcleos de predicados recebiam prefixos relacionais em vez de prefixos pessoais (RODRIGUES, 1953, p. 126; p. 131-132).

678. *ko xe r-eko-û*
aqui eu R¹-estar-Ind.II
'aqui estou' (Rodrigues, 1953, p. 132)

679. *kûesé paié i-xubán-i*
ontem pajé R¹-chupar-Ind.II
'ontem o pajé o chupou' (Rodrigues, 1953, p. 133)

3.2.2.4.4 Línguas do sub-ramo VIII

Ka'apór

De acordo com Correa da Silva (1997, p. 65-66) o modo circunstancial (modo Indicativo II) não ocorre em Ka'apór e suas formas foram substituídas pelas do indicativo I. Formas do Indicativo II manifestam-se apenas de modo residual em verbos como *-u* 'estar deitado', *-ʔəm* 'estar na posição vertical', *-ho* 'ir', *-ĩ* 'estar sentado' e *-ur* 'vir.

680. *pe maniʔok t-ú-j*
lá mandioca R¹-vir-INDII
'e a mandioca está lá'

681. *i-memék o-ú*
R²-mole 3-vir
'ela está mole'

No exemplo 680 o verbo aparece acompanhado do sufixo *-j* e recebe prefixo relacional. No exemplo a seguir, o verbo *-ur* ‘vir’ não recebe o sufixo do modo indicativo II, mas recebe prefixo relacional, o que também caracteriza o modo indicativo II.

682. *pe t-ur i-fó*
 lá R²-vir R²-estar.em.movimento
 ‘ele vem vindo aí’

683. *kanindé ŋi a-júr*
 Canindé de 1-vir
 ‘vim de Canindé’

Guajá

Segundo Magalhães (2007), em Guajá a ocorrência do modo indicativo II está condicionada à presença topicalizada de expressões adverbializadas na oração independente, bem como quando a oração é precedida por partícula de posição inicial fixa e ocorre com todos os tipos de predicados, contanto que o sujeito seja de terceira pessoa. O núcleo do predicado é marcado pelo sufixo *-ri ~ -ni* e por prefixo relacional. Magalhães dá exemplos do modo Indicativo II ocorrendo em predicados existenciais, em predicados estativos e em predicados eventivos (com verbos transitivos e intransitivos).

Em predicados existenciais

684. *kwa kwarahý-ni mîpe*
 MOSTR sol-INDII lá-LOC
 ‘lá está o sol’ (MAGALHÃES, 2007, p. 249)

Em predicados estativos

685. *mõ kararahú i-kirá-ni mimehẽ*
INT paca R¹-gordo-INDII quando
'quando a paca vai estar gorda?' (MAGALHÃES, 2007, p. 249)

Em predicados eventivos

Verbos transitivos

686. *amo mehẽ karai-a are= Ø-ru-ri kyry'y*
outro quando não.índio-N 1213=R¹-trazer-INDII MUD
'e então outro dia o não-índio nos trouxe' (MAGALHÃES, 2007, p. 249)

Com verbos intransitivos

687. *mõ kamairú i-hó-ni mĩ-pe*
INT R²-ir R²-ir-INDII onde-LOC
'para onde Kamairú foi?' (MAGALHÃES, 2007, p. 248)

688. *mõ i-hó ta-ni mĩ-pe*
INT R²-ir PROJ-INDII onde-LOC
'para onde ele vai?' (MAGALHÃES, 2007, p. 248)

3.2.2.5 Considerações sobre o Modo Indicativo II em Tenetehára

Os dados discutidos até aqui mostram que as duas línguas Tenetehára têm mudado em direções análogas em vários aspectos, mas o Guajajára tem sido ao mesmo

tempo mais conservador e também mais inovador quanto ao modo indicativo II. Na situação atual dessa variedade há uma variação entre formas no indicativo II com sufixo de modo e relacionais e formas com sufixo de modo e prefixos pessoais. Essa situação leva ao entendimento de que os prefixos subjetivos do Tenetehára na variante Guajajára não são mais exclusivos do indicativo I, mas das duas variedades de indicativo, I e II. Os dados mostram que as formas combinadas com esses prefixos tornam-se produtivas enquanto que as formas com relacionais têm seu uso reduzido tanto em Tembé quanto em Guajajára. Observa-se, também, que, na língua Tembé, o Indicativo II passa a ser usado como forma condicionada a uma topicalização, independentemente da natureza do elemento topicalizado.

Finalmente, no que diz respeito às formas fonológicas do morfema do indicativo II em Guajajára e em Tembé, há evidências de que compartilham similaridades com o Guajá e com o Guaraní Antigo. Ora, sendo o Guajá uma língua do sub-ramo VIII, há a possibilidade de que a forma *-ni* do indicativo II nessa língua tenha sido um desenvolvimento do contato dos seus falantes com falantes do Tenetehára.

Há também indicações de que o Indicativo II do Tenetehára tenha sido restrito a construções com sujeito de terceira pessoa, mas que o novo modo indicativo II em desenvolvimento tenha se estendido para todas as pessoas.

De toda forma, a presença de um alomorfe *-ni* do modo indicativo II em Tenetehára faz dele uma das línguas mais conservadoras do ramo setentrional, quanto a essa forma, visto que a mesma só é encontrada no Guaraní Antigo, além do Guajá.

3.2.3 O modo gerúndio

3.2.3.1 A expressão do modo gerúndio em línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní

Nas línguas conservadoras da família Tupí-Guaraní há dois tipos de orações adverbiais que se distinguem segundo apresentem ou não sujeito correferente com o sujeito da oração principal. A oração cujo sujeito é correferente com o sujeito da oração principal tem sido conhecida, desde as primeiras descrições gramaticais sobre as línguas dessa família, como oração de gerúndio, ao passo que a oração com sujeito diferente do da principal tem sido considerada como expressão do modo subjuntivo.

Segundo hipótese apresentada por Cabral e Rodrigues (2005), tanto os predicados de gerúndio como os de subjuntivo teriam correspondido a temas verbais nominalizados e a temas nominais descritivos flexionados por morfemas de caso. No caso específico das formas de gerúndio de verbos processuais, estas seriam oriundas de antigas nominalizações com os reflexos do Proto-Tupí *-ap ~ *-tap, combinadas com sufixos casuais, cujo desenvolvimento teria acontecido num estágio anterior à separação das famílias Awetí e Tupí-Guaraní. As orações de gerúndio da família lingüística Tupí-Guaraní são conhecidas na literatura por expressarem finalidade, simultaneidade e seqüência (ANCHIETA, 1595, p. 27v; FIGUEIRA, 1687, p. 20; RODRIGUES, 1953, p. 126, *apud* CABRAL e RODRIGUES, 2005). Já as de subjuntivo são conhecidas por expressarem contemporaneidade e condição e sucessividade (CABRAL e RODRIGUES, 2005).

3.2.3.2 A partícula *pə* e a expressão do modo gerúndio em Tembé e em Guajajára

Dentre as mudanças morfossintáticas ocorridas na língua Tenetehára destaca-se o desenvolvimento de uma partícula de gerúndio concomitantemente com a redução do emprego de prefixos correferenciais em construções intransitivas, os quais, juntos, caracterizam o modo gerúndio das línguas mais conservadoras da família.

Em Tembé e em Guajajára o gerúndio é marcado pela partícula adverbial *pə* (cf. DUARTE 1997, p. 39), que, em Tembé, na fala de falantes mais velhos é também pronunciada *upə* (CARVALHO, 2001), e vem sempre posposta ao verbo da oração nesse modo (cf. DUARTE 1997, p. 39).

Duarte (1997, p. 39) menciona que Rodrigues havia sugerido a existência de indícios de que na língua Tembé também havia um sufixo verbal para a indicação de gerúndio, semelhante ao do Tupinambá. Tal sufixo, em virtude de processos diacrônicos, teria se transformado na atual partícula *pə*. Rodrigues fundamentava sua hipótese mostrando que, no Tupinambá, o sufixo de gerúndio *-aβo* apresentava variações morfofonêmicas ao agregar-se aos verbos: *-aβo* (após vogal alta), *-βo* (após vogal baixa), *-a* (após consoante), *-pa* (quando a consoante final do verbo era a fricativa bilabial: $\beta > p-a$). Para Rodrigues, esse último caso de variação deve ter dado origem à partícula *pə* do Tembé.

A hipótese do surgimento da partícula *pə ~ upə* de gerúndio em Tenetehára já apresentada por nós e aqui mantida (cf. Cabral & SILVA, 2007) é a de que esta partícula seja oriunda do verbo posicional **o-úβ* ‘estar deitado’, no modo gerúndio, flexionado pelo prefixo correferencial de terceira pessoa. Embora o Tenetehára tenha restringido o uso de prefixos correferenciais com verbos apenas para verbos posicionais, como já largamente mostrado em capítulo anterior, a presença destes no momento atual é uma indicação preciosa de que a língua teria feito uso desses prefixos nas construções de gerúndio com verbos intransitivos.

Este fato corrobora a proposta de Rodrigues de que o morfema de gerúndio Tenetehára teria sua origem na seqüência *p-a* correspondente ao final de temas terminados em *β*, no gerúndio. Por outro lado, é também uma forte indicação de que a fonte histórica desse morfema teria sido, mais especificamente, a terceira pessoa do verbo ‘estar deitado’. Contribui para esta hipótese o fato de que atualmente os verbos posicionais, quando modificam outros verbos, têm todos *-∅* na terceira pessoa

Exemplos de orações no gerúndio em Tembê e em Guajajára são dados a seguir, começando pela apresentação dos dados de Cyriaco Baptista (1932) e de Boudin (1966) sobre o Tembê.

Cyriaco Baptista

Tembê

689. *Upuranu zêkuêhê atamariâuâ éhé, maén érêkariko t̄y? Nahany*

‘Perguntou em certo tempo a elle, o que você estava?

Não’ (CIRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

690. *karuk mehê uéhém zêkuêhê Uyrahuâuâ ijupé. Mahén*

‘Tarde quando foi. Chegaram elles os gaviões para elle. Que foi’

ereçak êzuâ ce rahé? ihêkuêhêuâua upuranup ehé

‘Que você veio aqui então. Disseram elles perguntando a elle.’ (CYRIACO

BAPTISTA, 1932, p. 365)

691. *Izêkuêhê, uyráhuáúâ upuranup éhé Nahani!*

‘Disseram elles os gaviões perguntando a elle.’

Nêrayr putar hapêhêrúcu

‘Não Seu filho querer por eu foi’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

692. *Iizêkuêhê koémirê; Ohóui zêkuêhê nó. Názáuê Zêkuêhê*

‘Disse em certo tempo ia indo em certo tempo de novo. Assim em certo tempo’

Ihan Iko. Upuranupa Purunary. Ohó

‘estava indo. Perguntando.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

Nota-se que, no exemplo 689, o verbo *puranu* ‘perguntar’ não aparece acompanhado da partícula *pa* ~ *upa*. Nos demais exemplos, o verbo recebe ora a forma *up* ora a forma *pa*, o que reforça nossa hipótese de que a partícula *pə* ~ *upə* é oriunda do verbo *ɲup* ‘estar deitado’.

Boudin

Os dados de Boudin também mostram o uso do verbo *-up* ‘estar deitado’ em orações de mesmo sujeito.

693. *urê-étzak uru-zu-p(ä)*

‘enquanto estávamos vendo’ (BOUDIN, 335)

694. *u-étzak hup(ä)-wä*
'enquanto eles estavam vendo' (BOUDIN, 1966, p. 335)

695. *uru-kêr uru-zu-p(ä)*
'enquanto nós dormíamos' (BOUDIN, 335)

696. *azé'ëng i-tu-p(ä)*
'estou falando deitado' (BOUDIN, 1966, p. 335)

Os dados apresentados a seguir fazem parte dos registros mais recentes do Tembê e do Guajajára. Os exemplos obedecerão à seguinte seqüência: orações de gerúndio que expressam finalidade, simultaneidade e seqüência em Tembê e Guajajára respectivamente.

3.2.3.2.1 Orações que expressam finalidade

Tembê

As orações que expressam finalidade em Tembê podem ou não ser acompanhadas da partícula *pə*. Os exemplos a seguir ilustram bem a situação.

Com a partícula *pə*

Exemplos:

697. *a-puɽam pihawə a-zezemun ram pə*
1-levantar noite 1-cuspir PROJ1 GER
'eu levanto de noite para cuspir'

698. *o-ho kwej tenata ramo Ø-zahak pə ʔi r-upi*
 3-ir RLZ em.frente.de 3-banhar GER água R¹-PER
 ‘ele já foi na frente tomar banho no rio’
699. *ro-ho ram maniʔok ro-ʔok pə ure-ə*
 13-ir PROJ1 mandioca 13-arrancar GER 13-ARG
 ‘nós vamos arrancar mandioca’
700. *e-pitíwə kwej hiaʔi aʔu e-raha*
 2IMP-ajudar RLZ velha INT4 2IMP-levar
- e-mu-jahaw pə*
 2IMP-CAUS-atravessar GER
 ‘ajude aquela velhinha a atravessar o campinho’
701. *o-ho ram kwej maniʔok Ø-momor pə ʔi Ø-pe*
 3-ir PROJ1 RLZ mandioca 3-jogar GER água R¹-LOC
 ‘foi pra colocar mandioca na água que ele saiu’
702. *o-ho ram kwej u-tíram píkuj pə*
 3-ir PROJ1 RLZ 3-torrar.farinha GER
 ‘foi pra torrar farinha que ele saiu’
703. *ihe amono kar Belém-pe Ø-puraki kar pə*
 1 1-mandar C.PREP Belém-LOC 3-trabalhar C.PREP GER
 ‘eu mando ele ir a Belém trabalhar’

704. *o-ho kwej u-pinatik ram pə wə*
 3-ir RLZ 3-pescar PROJ1 GER ele
 ‘foi pra pescar que ele saiu’
705. *o-ho ram o-ho kwej i-hi r-esak pə*
 3-ir PROJ 1 3-ir RLZ R²-mãe R¹-ver GER
 ‘foi pra ver a mãe dele que ele saiu’
706. *o-ho ram kwej maniʔok Ø-momor pə ʔ-pe*
 3-ir PROJ1 RLZ mandioca 3-jogar GER água-LOC
 ‘foi pra colocar mandioca na água que ele saiu’
707. *o-ho ram kwej u-tiram pikuj pə*
 3-ir PROJ1 RLZ 3-farinha-torrar GER
 ‘foi pra torrar farinha que ele saiu’

Sem a partícula *pə*

708. *a-ʔu ram miŋaʔu a-há*
 1-comer PROJ1 mingau 1-ir
 ‘eu vou sair pra beber mingau’
709. *a-zur kwej a-enu ram wə Ø-zeŋarhaw wə*
 1-voltar RLZ 1-ouvir PROJ1 3.PL 3-cantar- NOM6 3.PL
 ‘eu voltei para ouvir a cantoria deles’
710. *re-zewir rezur kwej re-nu ram Ø-ijieŋar-haw wə*

2-voltar 2-vir RLZ 2-ouvir PROJ1 3-cantar- NOM6 ele
 ‘tu voltaste para ouvir a cantoria dele’

711. *zane ti-zapo zane r-emiapo:apo-ə ti-pʰɨk am temetarer*
 12 12-fazer 12 R¹-artesanato-ARG 12-pegar PROJ1 dinheiro
 ‘nós fazemos artesanato pra ganhar dinheiro’

Guajajára

Em Guajajára o modo gerúndio também, a exemplo do Tembé, é marcado pelo uso da partícula *pə* nas orações de mesmo sujeito que expressam seqüência, simultaneidade e finalidade. As orações que expressam finalidade também podem ou não ocorrer com o uso da partícula *pə*:

Com a partícula *pə*

Exemplos:

712. *a-mono-kar minaʔu ʔ-iapo pə*
 1-mandar- CAUS mingau 3-fazer GER
 ‘eu fiz ela fazer o mingau’/ ‘eu a fiz fazer o mingau’

713. *a-mono-kar kwej pupən ʔ-zuhej pə*
 1-mandar- CAUS RLZ roupa 3-lavar GER
 ‘eu fiz ela lavar roupa’/ ‘eu a fiz lavar roupa’

714. *a-mono-kar kwej awatʃi apo ʔ-zapo pə*
 1-mandar- CAUS RLZ arroz 3-fazer GER

‘eu fiz ela cozinhar o arroz’/ ‘eu a fiz cozinhar o arroz’

715. *amo* *∅-ur* *kwej* *se* *u-zeŋar* *pə* *wə*
outro 3-vir RLZ aqui 3-cantar GER ele
‘o outro veio pra cantar’
716. *amo* *∅-ur* *kwej* *se* *∅-purumuʔe* *pə* *wə*
outro 3-vir RLZ aqui 3-ensinar GER ele
‘o outro veio pra ensinar’
717. *ihe* *a-zur* *kwej* *se* *a-zeŋar* *pə* *ihe*
1 1-vir RLZ aqui 1-cantar GER 1
‘eu vim pra cantar’
718. *ae* *∅-ur* *kwej* *se* *∅-maʔe* *∅-momor* *pə*
ele 3-vir RLZ aqui R¹-coisa 3-jogar GER

ae *wə*
ele PL
‘eles vieram para jogar bola’
719. *he* *∅-memir* *∅-ur* *u-ker* *pə*
1 R¹-filho.de.mulher 3-vir 3-dormir GER
‘o meu filho veio pra dormir’
720. *ure* *uru-rur* *kwej* *se* *bol* *∅-momor* *pə*

13 13-vir RLZ aqui bola 3-jogar GER
 ‘nós viemos para jogar’

721. *a-zur* *∅-ma?e reko* *pə* *ihe*
 1-vir 1-trabalhar GER 1
 ‘eu vim para trabalhar’

Com uso alternado da partícula *pə*

Exemplos:

722. *Darly* *∅-ur* *kwej* *∅-purumu?e* *pə* *a?e*
 Darly 3-vir RLZ 3-ensinar GER ele
 ‘Darly veio pra ensinar’

723. *Darly* *∅-ur* *kwej* *∅-purumu?e* *∅-ma?e* *a?e*
 Darly 3-vir RLZ 3-ensinar R¹-coisa ele
 ‘Darly veio pra ensinar’

724. *a-zur* *kwej* *azemu?e* *pə* *tenetehara* *uaze?eŋ* *r-ehe*
 1-vir RLZ 1-aprender GER tenetehára fala R¹- em.relação.a
 ‘eu vim aprender a língua’

725. *a-zemu?e* *tu?ə* *tenetehara* *uaze?eŋ* *r-ehe*
 1-aprender ? tenetehára fala R¹- em.relação.a
 ‘eu vim aprender a língua’

726. *a-rur* *∅-kɨhaw* *kwej* *iawpaw* *roʔom*
 1-trazer R¹-rede RLZ deitar ?
 ‘eu trouxe esta rede pra eu deitar nela’

727. *a-rur* *∅-kɨhaw* *kwej* *∅-putuka* *pə*
 1-trazer R¹-rede RLZ 1-lavar GER
 ‘eu trouxe esta rede para eu lavar’

728. *aʔe* *∅-purumuʔe* *wə* *tenetehara* *zeʔeŋ* *r-ehe* *aʔe*
 ele 3-ensinar PL Tenetehára fala R¹- em.relação.a ele
 ‘ele veio para ensinar a língua’

Os exemplos seguintes não vêm marcados pela partícula *pə*, mas pela partícula projetiva *ram*. Embora as duas partículas tenham significados muito próximos, a partícula *pə* exprime uma finalidade e a partícula *ram*, uma projeção.

729. *a-muʔin* *i-pira* *kwez* *he* *r-emiʔu* *ram* *romo*
 1-cozinhar R²-peixe RLZ 1 R¹-comida PROJ1 ASS
 ‘eu cozinhei peixe para eu comer’

730. *a-rur* *ʔi* *kwez* *h-ejʔu-haw* *romo*
 1-trazer água RLZ R¹-beber- NOM⁶ ASS
 ‘eu trouxe água para eu beber’

731. *a-rur* *pino* *kwez* *aʔe* *u-pír* *putar*
 1-trazer palha RLZ ele 3-cobrir PROJ2

t-əpuz *r-ehe*
 R⁴ –casa R¹- em.relação.a
 ‘eu trouxe a palha para ele cobrir a casa’

732. *a-maʔe reko* *tuʔə*
 1-trabalhar parece
 ‘eu vim para trabalhar’

3.2.3.2.2 Orações que expressam simultaneidade

Tembé

Essas orações em Tembé também podem ou não ser acompanhadas pela partícula *pə* conforme mostram os exemplos a seguir:

Com a partícula *pə* ~ *upə*

Exemplos:

733. *a-utaw* *ram* *a-ha* *ʔi* *a-haw* ***upə***
 1-nadar PROJ1 1-ir água 1-atravesar GER
 ‘eu vou atravessar o rio (nadando)’

734. *Ø-kunahaw* *u-kutuk* ***pə*** *takihe* *iru- ramo*
 3-furar.traspassando furar GER faca INSTR
 ‘ele atravessou o outro com a faca

735. *n* *upuderan* *o-ho* *u-tʃie* ***upə***
 NEG barulho 3-ir 3-entrar GER

‘ele entrou silenciosamente’

736. *u-huríw* *ete* *u-ur* *kwej* *u-hem* ***pə***
3-estar.alegre INT3 3-vir RLZ 3-chegar GER
‘ele chegou muito feliz’

737. *u-tfie* *o-ho* *kwej* *u-puderan* ***pə***
3-entrar 3-ir RLZ 3-barulho GER
‘ele entrou fazendo barulho’

738. *u-hem* *o-ho* *kwej* *u-puderan* *aipo* ***pə***
3-sair 3-ir RLZ 3-barulho EV.AUDT GER
‘ele saiu fazendo barulho’

739. *Ø-urířk* *kwej* *u-deřeŋ* ***pə***
3-tremer RLZ 3-falar GER
‘ele falou nervoso’

740. *u-hj* ***pə*** *Ø-deřeŋ* *Ø-ko*
3-correr GER 3-falar 3-estar.em.mov.
‘ele estava correndo e falando’

741. *Ø-dziakíroŋ* *Ø-iko* *Ø-zeŋar* ***pə***
3-balançar 3-estar.em.mov. 3-cantar GER
‘ela está se embalando e cantando’

742. *mano- iɣwer u-iar Ø-iko u-irɨk pə*
 cadáver-RETR 3-boiar 3-estar.em.mov. 3-descer GER
 ‘o cadáver estava boiando no rio’
743. *u-hem o-ho u-dewɨr Ø-ur u-puka pə apuɨ ha-we*
 3-chegar 3-ir 3-voltar 3-vir 3-sorrir GER dizer 1-DAT
 ‘ele saiu, voltou achando graça e disse pra mim’
744. *a-kunahaw zoromo apɨw kweɣ Ø-kutuk pə*
 1-atravesar melancia RLZ 1-furar GER
 ‘eu atravessei a melancia’
745. *a-ker aipo Ø-meɣe pə ne r-ehe*
 1-dormir INF 1-olhar GER 2 R¹-em.relação.a
 ‘eu dormi olhando pra você’
746. *a-zuka arapuha kweɣ a-hɨ pə*
 1-matar veado RLZ 1-correr GER
 ‘eu matei veado correndo’
747. *a-zapo manaku kweɣ Ø-zemujta pə*
 1-fazer panheiro RLZ 1-conversar GER
- ne iru-ramo*
 2 companheiro-TRANS
 ‘eu teci o panheiro conversando com você’

748. *aʔe u-manu kwej ihe Ø-po Ø-pʰɪk pə*
 ele 3-morrer RLZ 1 R¹-mão 3-pegar GER
 ‘ela morreu segurando a minha mão’

749. *a-zemaʔe mɪnuj te-ko a-zeŋar pə*
 1-coisa-cozinhar 1-estar.em.mov. 1-cantar GER
 ‘eu estou cozinhando e cantando’

750. *u-hɨj pə Ø-deʔeŋ Ø-iko*
 3-correr GER 3-falar 3-estar.em.mov.
 ‘ele estava correndo e falando’

751. *Ø-dziakɪroŋ Ø-iko Ø-zeŋar pə*
 3-balançar 3-estar.em.mov. 3-falar GER
 ‘ela está se embalando e cantando’

752. *Ø-manonɔwer u-iar Ø-iko u-irɨk pə*
 cadáver 3-boiar 3-estar.em.movimento 3-descer GER
 ‘o cadáver estava boiando no rio’

753. *t-ɪpɨj rena ta ramo pɨtuhem hape h-eta tete*
 R⁴ –casa ao.lado.de boca da noite R²-ter INT1

aʔu kwaharer aʔi Ø-zemusaraj pə bol iru ramo wə
 INT4 menino ATN 3-brincar GER bola ASS PL
 ‘ao lado da casa havia muitas crianças brincando e jogando bola’

Orações que expressam simultaneidade

Com os verbos posicionais

Há um uso bastante produtivo da partícula *pə* ~ *upə* quando na sentença aparecem os verbos posicionais.

Tembé

Exemplos:

754. *ne* *∅-maiu* *re-ni* *re-wapɨk* *pə*
2 2-comer 2-estar.sentado 2-sentar GER
'tu estás comendo sentado'

755. *ae* *w-apɨk* *u-ni* *∅-maiɽu* *pə*
ele 3-sentar 3-estar.sentado 3-comer GER
'ele está comendo sentado'

756. *∅-puɨr* *ti-zapo* *za-ini* *ti-apɨk* *pə*
R¹-colar 12-fazer 2-estar.sentado 2-sentar GER
'nós estamos fazendo colar sentados'

757. *aɽe* *maniɽok* *o-ɽok* *∅-iko* *u-puɽəm* *pə*
ele mandioca 3-arrancar 3-estar.em.mov. 3-levantar GER
'ele está arrancando mandioca em pé'

758. *zane* *maniɽok* *ti-zoɽok* *za-iko* *∅-pu-ɽam* *pə*
12 mandioca 12-arrancar 3-estar.em.mov. 3-levantar GER

‘nós estamos arrancando mandioca em pé’

759. *ihe a-zemujta Ø-iko a-hj̃ pə*
 1 1-conversar 3-estar.em.mov. 1-correr GER
 ‘eu estou conversando correndo’

760. *pe-ə pe-zaʃo pe-zu pə*
 23-ARG 23-chorar 23-estar.deitado GER
 ‘vocês estão chorando deitados’

Há, no entanto, exemplos que carregam a noção de simultaneidade, nos quais não ocorre a partícula *pə*:

761. *a-meʔe kwaharer r-ehe a-zeŋar i-jupe*
 1-reparar menino R¹-em.relação.a 1-cantar R²-para
 ‘eu reparo a criança cantando/e canto’

762. *ne re-meʔe kwaharer r-ehe ere-zeŋar i-jupe*
 2 2-reparar menino R¹- em.relação.a 2-cantar R²-para
 ‘você repara a criança e canta’

763. *aʔe u-meʔe kwaharer r-ehe u-zeŋarə*
 ele 3-reparar menino R¹-em.relação.a 3-cantar
 ‘ele repara a criança e canta’

764. *zane ti-meʔe kwaharer r-ehe ti-zeŋar*

12 12-reparar menino R¹-em.relação.a 12-cantar

wə n Ø-upe no

3. PL R¹ -para também

‘nós reparamos as crianças e cantamos para elas também’

765. *a-ker aipo Ø-me? pə ne r-ehe*
 1-dormir INF 1-olhar GER 2 R¹-em.relação.a
 ‘eu dormi olhando para você’

766. *pe pe-me?e kwaharer r-ehe pe-ze?ar wə n Ø-upe*
 23 3-reparar menino R¹- em.relação.a 23-cantar 3. PL R¹-para
 ‘vocês reparam as crianças e cantam’

767. *a?e u-me?e kwaharer r-ehe wə u-ze?ar wə no*
 ele 3-reparar menino R¹-em.relação.a PL 3-cantar PL também
 ‘eles reparam as crianças e cantam’

Guajajára

Em Guajajára, assim como em Tembé, a partícula *pə* pode ou não ser utilizada quando há simultaneidade de ações:

Com a partícula *pə*

768. *u-zajo kwaharer u-zew?r pə kwez*
 3-chorar menino 3-voltar GER RLZ

‘o menino voltou chorando’

769. *kuzə təi ɲwer u-zewɨr wə u-zao pə aʔe wə*
criança RETR 3-voltar PL 3-chorar GER ele PL
‘a criança voltou chorando’

770. *kuzə u-hem o-ho kwej u-puka:puka pə aʔe*
mulher 3-sair 3-ir RLZ 3-sorrir:sorrir GER ele
‘a mulher saiu sorrindo’

Sem a partícula *pə*

Exemplos:

771. *a-putuka maʔe:maʔe a-zeɲar*
1-lavar coisa:coisa 1-cantar
‘eu lavo roupa e canto’

772. *ne re-zeɲar Ø-iko ne ere-maʔe-putuka*
2 2-cantar 3-estar.em.mov. 2 2-coisa-lavar
‘você lava roupa e canta’

773. *a-u pəw-ə a-ɨ-ʔu ʔi Ø-pupe*
1-comer pão- ARG 1-água-beber água R¹-dentro
‘eu como pão e bebo água’

774. *a-zemiɔwapo* *a-zemuɔeta* *te-ko*
 1-cozinhar 1-conversar 1-3-estar.em.mov.
 ‘eu cozinheiro e converso’
775. *a-peok* *maniok* *a-zeɔeŋ* *he* *∅-memɔ* *wa-n-upe*
 1-descascar mandioca 1-falar 1 R¹-filho.de.mulher 3. PL- R²-para
 ‘eu descasco a mandioca e falo com minha filha’
776. *a-peɔ* *t-ɔpuj* *a-zeɔeŋ*
 1-varrer R⁴-casa 1-falar
 ‘eu varro a casa e falo’
777. *Darli* *u-peɔ* *t-ɔpuz* *u-zeɔeŋ*
 Darli 3-varrer R4-casa 3-falar
 ‘Darly varre a casa e conversa’
778. *a-pirapoj-ə* *a-pɔk* *te-nə* *kanu* *r-ehe*
 1-pescar- ARG 1-sentar 1-estar.sentado canoa R¹- em.relação.a
 ‘eu estou pescando sentado na canoa’
779. *a-pirapoz* *a-pɔk* *kanu* *∅-pupe*
 1-pescar 1-sentar canoa R¹-dentro
 ‘eu estou pescando sentado na canoa’
780. *ne* *ere-pirapoj* *ere-apɔk* *kanu* *∅-pupe*
 2 2-pescar 2-sentar canoa R¹-dentro
 ‘você pesca sentado na canoa’

781. *aʔe u-zemuŋeta w-apɨk Ø-in u-zeʔeŋ Ø-inə*
 ele 3-conversar 3-sentar 3-estar.sentada 3-falar 3-estar.sentado
 ‘ela está conversando sentada’

782. *aʔe w-apɨk Ø-in u-zeæŋ Ø-inə*
 ele 3-sentar 3-estar.sentado 3-falar 3-estar.sentado
 ‘ela está conversando sentada’

783. *hɨau Ø-maʔe w-apɨk Ø-in Ø-kɨhaw*
 velha 3-coisa 3-sentar 3-estar.sentado R¹-rede

Ø-pupe u-maʔe mumiʔu Ø-nə
 R¹-dentro 3-contar.história 3-estar.sentado
 ‘ela está contando história sentada na rede’

Os exemplos a seguir mostram a partícula *pə* sendo ou não utilizada sem que haja uma motivação aparente que explique essa alternância:

784. *Darlene u-kiti Ø-pejəŋ Ø-maʔe roʔokweri Ø-ko*
 Darlene 3-cortar 3-cortar R¹-carne 3-estar.em.mov.

u-timi:zeʔe:zeʔeŋ Ø-iko no
 3-assobiar:assobiar 3-estar.em.mov. também
 ‘Darlene está cortando carne e assobiando’

785. *Darlene u-zaika:ikaw Ø-maʔe roʔokwer Ø-iko*
 Darlene 3-cortar:cortar R¹-carne 3-estar.em.mov.

u-timizeʔe:zeʔeŋ pə
 3-assobiar :assobiar GER

‘Darlene está cortando carne e assobiando’

786. *a-zuhej he Ø-aw-ə a-zeŋar*
 1-lavar 1 R¹-cabelo- ARG 1-cantar
 ‘eu lavo o cabelo e canto’

787. *a-zuhej pə he a-zeŋar Ø-aw*
 1-cantar GER 1 1-cantar R¹-cabelo
 ‘eu lavo o cabelo e canto’

788. *a-putuka Ø-maʔe te-ko a-meʔe te-ko*
 1-lavar R¹-coisa 1-estar.em.mov. 1-reparar 1-estar.em.mov.
 ‘eu lavo a roupa e reparo a panela’

789. *zapepo r-ehe no*
 panela R¹- em.relação.a também

a-putuka Ø-maʔe he Ø-meʔe pə zapepo r-ehe
 1-lavar R¹-coisa 1 1-reparar GER panela R¹-em.relação.a
 ‘eu lavo a roupa e reparo a panela’

3.2.3.2.3 Orações que expressam seqüência

As orações que expressam seqüência em Temb  ocorrem com alta freq ncia sem o uso da partícula *p *.

Temb 

Exemplos:

790. *a-zur kwej uru-esak ukwej*
 1-vir RLZ 2ac-ver RLZ
 ‘eu vim e te vi’

791. *ne  -zur mehe he re-sak aipo*
 2 2-vir SUB 1 2-ver INF
 ‘tu vieste e me viste’

792. * -tur mehe ure re-sak aipo*
 3-vir SUB 13 2-ver INF
 ‘ele veio e nos viu’

793. *ure ru-zur mehe ru-pu-esak kwej*
 13 13-vir quando 12-23-ver RLZ
 ‘nós viemos e vimos vocês’

794. *a-zuka tazahu kwej a u ram-i*
 1-matar porção RLZ 1-comer PROJ1-INDII
 ‘eu matei porção e comi’

795. *kwaharer u-zahak aipo u-munehew kamitfaw aipo*

menino 3-tomar.banho INF 3-vestir camisa INF
 ‘o menino tomou banho e vestiu a roupa’

796. *a-pirar ukwen kwej a-tfiw a-ha kwej t-ípĭj-me*
 1-brir porta RLZ 1-entrar 1-ir RLZ R⁴-casa-LOC
 ‘eu abri a porta e entrei na casa’

Guajajára

Em Guajajára as orações que expressam seqüência podem ocorrer sem a partícula *pə* conforme ilustram os exemplos seguintes:

797. *a-zemaŕe putuka kwez a-mu-kaŋ kar mono kwez*
 1-coisa-lavar RLZ 1-CAUS C.PREP mandar RLZ
 ‘eu lavei a roupa e estendi’

798. *a-mu-katu i-pira kwez a-mihĭr*
 1-CAUS -ser.bom R²-peixe RLZ 1-assar
 ‘eu limpei o peixe e assei’

799. *aŕe u-peŕok Ø-pira kwez u-mihĭr kwez*
 ele 3-descamar R¹-peixe RLZ 3-assar RLZ
 ‘ela limpou o peixe e o assou’

800. *ihe a-zahak kwez a-zemukaŋ kar kwez*
 1 1-tomar.banho RLZ 1-conversar C.PREP RLZ
 ‘eu tomei banho e me enxuguei’

801. *a-peʔok makaser kwez a-muʔin kwez*
 1-descamar macaxeira RLZ a-cozinhar RLZ
 ‘eu descasquei a macaxeira e cozinhei’

Há casos, também, em que o falante pode ou não utilizar, indiferentemente, a partícula *pə* nesse tipo de oração. Salientamos que, mesmo com ocorrência alternada, nesse tipo de oração o uso da partícula *pə* é bastante escasso, pelo menos nos dados de que dispomos.

802. *ihe a-zaika:ikaw Ø-mae rookwer a-muin*
 1 1-cortar:cortar R¹-carne 1-cozinhar
 ‘eu cortei a carne e cozinhei’

803. *a-zaika:ikaw Ø-mae rookwer i-muin pə*
 1-cortar:cortar R¹-carne 3-cozinhar GER
 ‘eu cortei a carne e cozinhei’

804. *a-zahak a-munehew he r-opoj*
 1-tomar.banho 1-vestir 1 R¹-roupa
 ‘eu tomei banho e vesti a roupa’

805. *a-zahak he r-opoj Ø-munehew pə*
 1-tomar.banho 1 R¹-roupa 1-vestir GER
 ‘eu tomei banho e vesti a roupa’

806. *a-aw a-ker*
 1-deitar 1-dormir

‘eu deitei e dormi’

807. *a-aw he Ø-ker pə*
1-deitar 1 1-dormir GER
‘eu deitei e dormi’
808. *zawar u-maju kwej nezewere o-ho*
cachorro 3-comer RLZ afinal 3-ir
‘o cachorro comeu e (afinal) foi embora’
809. *zawar u-maju o-ho pə*
cachorro 3-comer 3-ir GER
‘o cachorro comeu e foi embora’
810. *zane ti-maju kwez za-ha kwej kuri*
12 12-comer RLZ 12-ir RLZ agora
‘nós comemos e fomos embora’
811. *zane ti-maju kwez zane Ø-ho pə*
12 12-comer RLZ 12 1-ir GER
‘nós comemos e fomos embora’

É bastante comum em Guajajára a ocorrência da partícula *no* – que, por oram, estamos traduzindo como ‘também’ – nas orações que indicam seqüência, em vez do uso da partícula *pə*.

812. *a-zemaʔe putuka* *a-zemiapo* *no*
 1-coisa-lavar 1-cozinhar também
 ‘eu lavei roupa e fiz a comida’
813. *ne* *u-zeɽar* *∅-maʔe* *romo* *ere-zeʔeɽ* *no*
 2 3-cantar R¹- coisa recentemente 2-cantar também
 ‘você cantou e falou’
814. *he* *r-iker* *u-zaha* *kwej* *u-zapo* *t-emiʔu* *no*
 1 R¹- irmã 3-tomar.banho RLZ 3-fazer R⁴-comida também
 ‘minha irmã tomou banho e fez a comida’
815. *he* *ruʔu* *∅-kaʔa piri* *u-tiʔam pukuz* *no*
 1 DUB 3-capinar 3-farinha-torrar também
 ‘meu pai capinou o quintal e torrou farinha’
816. *a-ʔaw- i* *a-ker-i*
 1-deitar-INDII 1-dormir-INDII
 ‘eu deitei e dormi’

3.2.3.3 A partícula *pə* em outros contextos de ocorrência

Em Tembé há uma série de ocorrências da partícula *pə* ~ *upə* em situações não canônicas de uso. É o que apresentamos na série de casos a seguir:

Tembé

Exemplos:

3.2.3.3.1 Em orações no Modo Imperativo /Permissivo

Nesse contexto a noção de finalidade está implícita. Possivelmente, a partícula *pə* assumiu o lugar deixado pela partícula *ta* que por si só já funcionava como modalizadora de finalidade e valia como permissivo e como uma forte estratégia mandativa.

817. *pe-ho dahak pə ʔi-pe*
23 IMP-ir tomar.banho GER água-LOC
'podem tomar banho no rio'

818. *pe-ho pinatik pə*
23 IMP-ir pescar GER
'podem pescar'

819. *pe-ho uasaʔi Ø-doʔok pə*
23 IMP-ir açai 3-tirar GER
'podem tirar açai'

820. *pe-aro ram iapik pə se*
23IMP-esperar PROJ 1 sentar GER aqui
'vocês vão esperar sentados aqui'

821. *pe-ho bol momor pə*
23IMP-ir bola jogar GER
'podem jogar bola'

3.2.3.3.2 Em orações interrogativas

Neste caso também funciona como uma estratégia para fazer alguém fazer algo, sendo mais uma pergunta retórica. Em outros casos, nota-se implícita a noção de simultaneidade.

822. *re-punera* *∅-uata* *pə* *kurí*
2-poder 2-andar GER agora
'você já pode andar?'

823. *maʔe dewe* *tuehe* *∅-ko* *u-dajʔo* *pə* *no*
por que HAB2 3-estar.em.mov. 3-chorar GER também
'por que ele está chorando?'

3.2.3.3.3 Em sentenças com o verbo *-punera* 'poder'

A extensão do uso da partícula *pə* nos exemplos seguintes evidencia sua semântica adverbial de finalidade.

824. *ihe* *n* *a-punera* *a-ta* *pə* *rihi*
1 NEG 1-poder 1-andar GER IMPF
'eu ainda não posso andar'

825. *aʔe* *n* *u-punera* *u-ata* *pə* *rihi*
ele NEG 3-poder 3-andar GER IMPF
'ela ainda não pode andar'

3.2.3.3.4 Em orações independentes com idéia de propósito

Neste caso a partícula *pə* apresenta-se como uma pura partícula de finalidade e de propósito.

826. *o-ho ram karaiw r-ekohaw pə ju-wə*
 3-ir PROJ1 não-índio R¹-aldeia GER 3-PL
 ‘eles vão a Paragominas’

3.2.3.3.5 Em orações independentes

827. *a-jkuʔem pɨnik pə*
 1-manhã dançar GER
 ‘eu dancei até de manhã’

828. *a-karuk purakɨ pə*
 1-noite trabalhar GER
 ‘trabalhei até à noite’

829. *a-karuk tɨram pɨkuj pə*
 1-noite farinha torrar GER
 ‘torrei farinha até à noite’

830. *ne karuk tɨram pɨkuj pə*
 2 noite farinha torrar GER
 ‘você torrou farinha até à noite’

831. *aɨe u-karuk tɨram pɨkuj pə*
 ele 3-noite farinha torrar GER
 ‘ele torrou farinha até à noite’

832. *ure ru-karuk tɨram pɨkuj pə*
 13 13-noite farinha torrar GER
 ‘nós torraram farinha até à noite’
833. *pe-a pe-karuk tɨram pɨkuj pə*
 23- ARG 23-noite farinha torrar GER
 ‘vocês torraram farinha até à noite’
834. *aɨe-a u-karuk tɨram pɨkuj pə*
 ele- ARG 3-noite farinha torrar GER
 ‘eles torraram farinha até à noite’
835. *aj-karuk maniʔok Ø-iʔok pə*
 1-noite mandioca 1-arrancar GER
 ‘eu arranquei mandioca até escurecer’
836. *e re-karuk maniʔok i-ʔok pə pɨhaw no*
 2 2-noite mandioca 2-arrancar GER noite também
 ‘você arrancou mandioca até anoitecer’
837. *ure ru-zoʔok maniʔok ru-karuk maniʔok*
 13 13-arrancar mandioca 13-noite mandioca

o-ʔok pə te pɨhaw no
 3-arrancar GER até noite também
 ‘ele arrancou mandioca até escurecer’

838. *re-karuk maniʔok r-oʔok pʰaw no*
 2-anoitecer mandioca 2-arrancar noite também
 ‘você arrancou mandioca até escurecer’

839. *ure ru-zoʔok maniʔok o-ʔok pə te pʰaw no*
 13 13-arrancar mandioca 12-arrancar GER até noite também
 ‘nós arrancamos mandioca até anoitecer’

3.2.3.4 O modo Gerúndio em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da família Tupí-Guaraní

3.2.3.4.1 Línguas do sub-ramo IV

Asuriní do Tocantins (CABRAL, notas de campo)

Em línguas do sub-ramo IV, como o Asuriní do Tocantins, o modo gerúndio ocorre quando há igualdade de sujeitos, seja na relação entre orações de finalidade, simultaneidade ou sequência. O predicado no gerúndio combina-se com prefixos correferenciais se intransitivos e com prefixos relacionais se transitivos. Nota-se o uso do sufixo *ta* na marcação do gerúndio.

840. *a-sán we-poraháj-ta*
 1-vir 1corr-dançar-GER
 ‘eu vim para dançar’ (CABRAL, notas de campo)

Parakanã (SILVA, 1999)

Segundo Silva (1999, p. 40-41), o gerúndio em Parakanã recebe as seguintes marcas:

a) nos predicados processuais: *-ta* (com temas terminados em consoantes); *-o* (com temas com mais de uma sílaba terminados em vogal e *-∅* com temas monossílabicos terminados em vogal);

b) em predicados não processuais com o sufixo *-amo* (após temas terminados em consoantes e *-ramo* (após temas terminados em vogal).

Em Parakanã a negação de predicados no modo gerúndio ocorre por meio do sufixo *-iʔim*. O gerúndio nos exemplos abaixo é indicado por MS ‘mesmo sujeito’.

841 *a-há* *potá* *h-erót-a* *tfatá*
 3-ir IMIN NCNT-trazer-MS banana
 ‘ele vai trazer banana’ (SILVA, 1999, p. 40)

842. *a-há* *i-tfoká-o* *tapiʔr-a*
 3-ir NCNT-matar-MS anta-ARG
 ‘ele foi matando anta’ (SILVA, 1999, p. 41)

843. *a-tfán* *we-porahát f-ta*
 1-vir 1COR-dançar-MS
 ‘eu cheguei dançando’ (SILVA, 1999, p. 41)

844. *e-teʔo-ramo* *ere-karó*
 2COR-ter.fome-MS 2-comer
 ‘quando você teve fome, você comeu’ (SILVA, 1999, p. 41)

845. *a-há* *i-tfóká-iʔim-a* *tapiʔr-a*
 1-ir NCNT-matar-NEG-MS anta-ARG

‘ele foi e não matou anta’ (SILVA, 1999, p. 41)

Tapirapé (ALMEIDA, 1983)

Segundo Almeida (1983, p. 34), em Tapirapé, o gerúndio é marcado pelo sufixo *-a* (após raízes com consoantes finais) e *-wo* (após raízes com vogal final). Esse autor mostra que é condição para o gerúndio que exista anteriormente um verbo com o mesmo sujeito e esteja no modo indicativo I ou II. Para ele, a forma do gerúndio surge no nível da oração e do texto.

846. *taipe ãxa nemoona*
‘chego na aldeia e pinto você’ (ALMEIDA, 1983, p. 34-35)

847. *ãxeiwe ãino Nemawitewo*
‘amanhã (ALMEIDA 1983, p. 34-35)

3.2.3.4.2 Línguas do sub-ramo III

Tupinambá

Conforme Rodrigues (1953, p. 129-131), no Tupinambá o modo gerúndio recebia as seguintes terminações:

- 1) terminados em *-r* : perda dessa consoante.
Exemplo: *potár* ‘querer : potá
- 2) Terminados em outras consoantes e semi-vogal: uso do sufixo *-a*
Exemplo: *moñáng* ‘fazer’: *moñáng-a*
mondúú ‘ fazer transbordar’: *mo-ndúúa*

- 3) Terminados em -b: por meio do sufixo -a, mudando o *b* em *p* diante do sufixo –
a

Exemplo: *aûsúb* ‘amar’ *aûsúp-a*

- 4) Terminados em vogal: uso do sufixo -abo com as seguintes particularidades fonéticas:

Exemplo.: -á= -abo: -ábo *îuká* (matar) *îuká-bo*

-é+ -abo: -ébo *eé* (ralar) *eé-bo*

-ó+ -abo: -óbo *ó* (tapar) *ó-bo*

-í+ -ábo: -îabo *apítí* (matar) *apítí-ábo*

-ú+ -abo: -ûabo *peûú* (soprar) *peûú-ábo*

-y+ -abo: -ÿabo *aby* (errar) *aby-ábo*

- 5) Se o -ú não for precedido por consoante, o resultado é -gûábo.

Exemplos: *ú* (comer) *gû-ábo*

suú (morder) *sugû-ábo*

- 6) Se a vogal final do tema for nasal ou nasalizada por consoante precedente, o sufixo se nasaliza assumindo a forma -(a)mo.

Exemplos: *nupã* (açoitar) *nupã-mo*

manó (morrer) *manó-mo*

- 7) Há temas que formam o gerúndio de forma irregular:

Exemplos.: *iké* (entrar) *iké-ábo* ~ *iké-bo*

aó (injuriar) *aó-ábo*

3.2.3.4.3 Línguas do sub-ramo V

Asuriní do Xingú

Em Asuriní do Xingu (MONSERRAT, 1988, p. 16-17), o verbo no gerúndio recebe o sufixo -a (após consoante) e u- (depois de vogal), havendo um caso especial: depois de *i*, há o acréscimo de -tu com a conseqüente perda desse *i*.

O verbo no gerúndio não recebe prefixos de sujeito e sim os de pronomes dependentes; se a oração é intransitiva, usam-se os pronomes reflexivos que indicam o sujeito; se for intransitiva, usam-se os não-reflexivos os quais indicam o objeto.

848. *Ka'ave gy a u-kit-a*
'eles foram (para) dormir no mato' (MONSERRAT, 1988, p. 17)

849. *a teatau*
'fui caçar' (para caçar) (MONSERRAT, 1988, p. 16)

850. *ipira uenuem eyta i'u*
'pegou peixe, assou-o, comeu-o' (MONSERRAT: 19:16)

Araweté

Em Araweté, as construções no modo gerúndio são construções de natureza nominal e não há nada que as diferencie de predicados que têm por núcleos nomes. Como proposto por Rodrigues (1953:126) para o Tupinambá, as orações de gerúndio em Araweté, além de expressarem uma finalidade (“entrou para dormir”) ou uma simultaneidade (“chegou cantando”), podem também indicar uma seqüência (“chegou e dormiu”) (cf. CABRAL e RODRIGUES, 2005). Da mesma forma que em Tupinambá, as orações de subjuntivo são de dois tipos, as que expressam contemporaneidade e condição e as que expressam sucessividade (Solano 2009, p. 257) Segundo a autora, o Araweté perdeu o sufixo de gerúndio, mas manifesta as outras características morfossintáticas próprias desse modo, como o fato de a oração ter seu sujeito correferente com o sujeito da oração principal, e por ser expresso por prefixos correferenciais se intransitivos e por prefixos relacionais se transitivos, mas, neste caso, apenas se o predicado for afirmativo. As orações no gerúndio seguem o mesmo padrão, independentemente de o núcleo do predicado ser verbal ou menos verbal. Nos dois casos, recebem prefixos correferenciais quando núcleos de orações dependentes.

851. *he ku a-ha te-jeʔejeʔe*
 1 FOC 1-ir CORR-falar-falar
 ‘eu vou conversar’ (SOLANO, 2009;258)

852. *uru-há ure uru-jurijuri*
 13-ir 13 13-CORR-alegre-alegre
 ‘nós vamos (muito) alegres’ (SOLANO, 2009, p. 260)

853. *he ku a-já te-puranĩ pe n-ehe*
 1 FOC 1-vir 1CORR-conversar 23 R¹-para
 ‘eu vim para conversar com vocês’ (SOLANO, 2009, p. 262)

3.2.3.4.4 Línguas do sub-ramo VIII

Ka’apór

Conforme Correa da Silva (1997, p. 65), não ocorre o modo gerúndio em Ka’apór e suas formas foram substituídas pelas do modo indicativo.

854. *a-hó a-jiɲár ihẽ a-hó rahã*

‘eu fui cantando’ (CORREA DA SILVA 1997, p. 65)

Guajá

De acordo com Magalhães (2007, p. 349-355), o modo gerúndio em Guajá é marcado por meio do sufixo verbal *-á* (temas terminados em consoante) ~ *-pa* (temas

terminados em vogal oral) ~ *-ma* (temas terminados em vogal nasal), situação diferente do que ocorre com outras línguas do ramo VIII, que não apresentam marcação semelhante.

As orações no modo gerúndio em Guajá funcionam como orações dependentes adverbiais temporais (quando o evento é realizado simultaneamente ao evento da oração principal e finais quando o evento ocorre em seqüência ao da oração principal. Nas orações que expressam seqüência de ações, no Guajá, não ocorre o modo gerúndio e sim o indicativo. Nos temas verbais intransitivos o núcleo do predicado recebe apenas o marcador do modo gerúndio. Nos transitivos tanto o marcador de gerúndio quanto os prefixos relacionais (de contigüidade se o objeto precede imediatamente o verbo e não-contigüidade se não o objeto não o precede). Nos descritivos, o marcador de gerúndio e o sufixo relacional de contigüidade se o sujeito for de 1ª e 2ª pessoa e o de não-contigüidade se de 3ª. A negação de orações no modo gerúndio é feita por meio do sufixo *-ỹ*, típico das orações dependentes nesta língua.

855. *∅-hó takỹn-a wewé-pa*
 3-ir tucano-ARG voar-GER
 ‘o tucano foi embora voando’

856. *jahá a-jahó ka 'á-pe ni=r-u r-aká-pa*
 eu 1SG-ir mato-LOC 2SG=R¹-pai R¹-procurar-GER
 ‘eu fui para o mato para procurar teu pai’

857. *ma'á a- 'ú-teté-tá há=-kirá-pa*
 que 1 SG-comer-muito-PROJ 1=R¹-gordo-GER
 ‘o que eu vou comer muito para ficar gordo?’

858. *a-ju xí-a mukurí ∅- 'u- 'ỹ-ma. a- 'ú kyry 'ỹ*
 1 SG-uir aqui-ARG bacuri R¹-comer-NEG-GER 1 SG-comer já

‘eu vim aqui sem comer bacuri. Agora eu já comi’

Segundo a autora, não há registro da ocorrência de predicados nominais com marca de gerúndio em Guajá (2007, p. 351).

3.2.3.4.5 Considerações sobre as semelhanças e diferenças entre o Tenetehára e línguas de outros sub-ramos quanto à expressão do modo gerúndio

É muito evidente que o Tenetehára mudou em direção análoga à do Tembé com respeito ao modo gerúndio. Embora ainda haja formas terminadas em consoante que ainda exibem a forma tradicional do gerúndio, são as construções com o morfema *pə* que são produtivas e que passam a ter lugar de destaque na gramática da língua. Por outro lado, é com o Guajá que compartilha as inovações.

3.2.4 O Modo Subjuntivo

O que tem sido chamado de modo subjuntivo em Tupí-Guaraní são construções encabeçadas por adverbiais com o significado de ‘quando’ (Subjuntivo de contemporaneidade), ‘se’ (subjuntivo de condição) e ‘depois’ (subjuntivo de sucessividade) (cf. Rodrigues 1953).

3.2.4.1 O Modo Subjuntivo em Tembé e em Guajajára

As orações do Tembé e do Guajajára no modo subjuntivo expressam noções de contemporaneidade, condição e sucessividade e é comum serem encabeçadas pela partículas *mehe* (contemporaneidade e sucessividade) e *aze* (condição) em combinação com outras partículas. A seguir os exemplos da expressão desse modo nas duas línguas a começar com os dados de Cyriaco Baptista.

O registro de Cyriaco Baptista

859. *nô ueçak zêkuêhê ỹhỹ turmêhê uâỹtỹ zêkuêhê óhó*
‘novo voltar. Viu disque a mãe quando elle vinha encontrar elle foi’

izazuan putá hêpỹhỹkupé pá ómóaé ihéano
‘abraçar para querer. Não me pega não, senhor porque eu sou outro’
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

860. *gatú zêkuêhê cuzanguér-uâ hêrâhámêhê ỹuáté uhúkar zepem*
‘Bem disque as mulheres as quando elle levou para cima dar-se de comer p’ra foi’

zêkuêhê uékỹhỹr hêráhá uatỹupe. Uhuri zêkuêhê imãnmêhê
‘Elle o irmão Levar ao sogro. Tornou elle depois de muito tempo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

O registro de Boudin

861. *hê-kwaharêr-mêhé a-zé-amĩ-aw(ê)téri ĩ-rupi*
‘quando menino, quase me afoguei no rio’ (Boudin, 1966, p. 131)

862. *hê’aw-mêhé awa-kwêr(ä)-wä wêhêm(u)wä*
‘enquanto estava deitado, os homens chegaram’ (Boudin, 1966, p. 131)

3.2.4.1.1 Subjuntivo de contemporaneidade (quando)

Tembé

Com a partícula *mehe*

Exemplos:

863. *ne re-ho mehe aʔe u-dewɨr tue Ø-ur aʔe-ə*
2 2-ir SUB ele 3-voltar HAB1 3-vir ele- ARG
‘quando você foi, ela já tinha voltado’

864. *da-há mehe aʔe udewɨr tue Ø-ur aʔe-ə*
12-ir SUB ele 3-voltar HAB1 3-vir ele- ARG
‘quando nós fomos, ele já tinha voltado’

865. *aʔe u-hem mehe ihe a-ha kwej*
ele 3-chegar SUB 1 1-ir RLZ
‘quando ele chegou, eu fui embora’

866. *pe he Ø-mɛʒən mehe a-ʔar a-ha kwej*
23 1 23-empurrar SUB 1-cair 1-ir RLZ
‘quando vocês me empurraram, eu caí’

867. *ukɨr mehe a-há*
chover SUB 1-ir
‘quando chover, eu vou’

868. *ɛmən ukɨr mehe a-há*
chover SUB 1-ir

‘sempre que chover, eu vou’

869. *əmən ukɪr mehe a-há*
chover SUB 1-ir
‘assim que chover, eu vou’

870. *aɽe u-hem mehe dane da-hem da-ha*
ele 3-sair SUB 12 12-sair 12-ir
‘sempre que ele sai, nós chegamos’

871. *a-ha mehe te-ko aɽe u-hem Ø-ur wə*
1-ir SUB 1-estar.em.mov. ele 3-sair 3-vir PL
‘assim que eu saí, eles chegaram’

872. *əmən ukɪr mehe ihe r-itfaŋhaw u-hem Ø-ur-i*
chover SUB 1 R¹-ter.frio 3-chegar 3-vir-INDII
‘à medida que chovia, o (meu) frio chegava’

873. *kwarahi h-aku mehe Ø-pirakori-haw u-hem awe*
sol R²-estar.quente SUB R¹-suor-NOM6 3-sair CONT
‘à medida que o sol esquentava, o calor aumentava’

874. *ne Ø-hiahem mehe ihe Ø-piaɪw -i*
2 R¹-gritar SUB 1 R¹-aborrecer -INDII

he te-ko
1 1-estar.em.mov.

‘quanto mais você grita, mais eu me aborreço’

Em Tembé o subjuntivo não mais se restringe à situação em que os sujeitos são diferentes:

875. *purumue- maʔe u-rírĵ tete aʔu o-ho*
professora- NOM2 3-tremer INT1 INT4 3-ir

mehe Brasília-pe
SUB Brasília- a/para

‘a professora treme de frio quando vai a Brasília’

876. *ko-pe ihe a-purakĭ mehe i-pirakor tete aʔu*
roça-LOC 1 1-trabalhar SUB R²-ter.suor INT1 INT4
‘quando eu trabalho na roça, eu suo demais’

Guajajara

As orações de subjuntivo que expressam contemporaneidade caracterizam-se por receberem a partícula *aze* combinada ou não com a partícula *nehe*:

A partícula *aze*

Exemplos:

877. *aze he r-emiriko u-zapo t-emiu a-ʔu ta a-ha-j*
TEMP 1 esposa 3-fazer R⁴-comida 1-comer PROJ2 1-ir-INDII
‘quando a minha mulher fizer a comida, eu vou comer’

A partícula *aze* combinada com a partícula *nehe*

878. *a zé ere-zur nehe a-ha he ne no-j*
 TEMP 2-vir INT 1-ir 1 2 também-INDII
 ‘quando você vier, eu vou’

879. *aze əmən ukír nehe a-ha ta pu nehe*
 TEMP chover INT 1-ir PROJ2 PROJ2 INTEN
 ‘quando chover, eu vou embora’

880. *aze əmən upík nehe a-ha putar nehe*
 TEMP chuva fim INTEN 1-ir PROJ2 INTEN
 ‘quando passar a chuva, eu vou sair’

881. *aze kwaharer: arer u-hem zuwə wə*
 TEMP menino:menino 3-chegar PL PL

nehe Ø-momor ta bol wə-j
 INT 3-jogar PROJ2 bola PL-INDII
 ‘quando os rapazes chegarem, vai começar o jogo’

882. *aze əmən ukír nehe u-pítuŕu ta h-aku-haw*
 TEMP chover INTEN 3-ficar PROJ 2 R²-quente-NOM6
 ‘quando a chuva cair, o calor vai passar’

883. *a-há nehe a-zewír zuwa a-ha nehe*
 1-ir INTEN 1-voltar ele 1-ir INTEN

‘eu vou quando ela voltar’

884. *u-jtfe* *təɾij* *aʒe* *u-pɨimə wok* *∅-uken zipe* *wə* *nehe*
3-entrar hoje TEMP 3-abrir R⁴-porta -LOC ele INTEN
‘ele vai entrar quando abrirem a porta’

885. *aʒe* *i* *uru-puej* *ta* *ma:mãʔe*
TEMP água 13-lavar PROJ2 coisa: coisa

u-munehej *pɨri* *h-eta* *nehe*
3-vestir NOM3 R²-ter INTEN
‘nós vamos lavar roupa quando tiver água’

886. *zawar* *u-maju* *tarij* *aʒe* *u-mono*
cachorro 3-comer hoje TEMP 3-dar

t-emi-u *h-emiu* *izupe* *wə* *nehe*
R⁴-NOM1-comer R²-NOM1-comer para ele ele INTEN
‘o cachorro vai comer quando derem comida para ele’

Mas a noção de subjuntivo pode se realizar sem nenhuma marca adicional, apenas pela adição de orações:

887. *aʔu* *muhaŋ* *he* *∅-mono* *kwej* *akwej*
1-comer remédio 1 3-mandar RLZ aquele-inv

purumuhaj maʔe a- m-ur kar he- we no-j
 medico 1-CAUS-*vir* C.PREP 1- DAT também- INDII
 ‘eu bebi remédio quando o médico me mandou’

888. *u-m-ur kar Ø-zeʔeŋ he-we a-ha pe a-no-j*
 3- CAUS -*vir* CAUS 3-falar 1-DAT 1-ir lá 1-também- INDII
 ‘quando me chamaram, eu fui lá’

889. *aze kakwez uru-zu r-ɨpɨj se na h-eta*
 TEMP AT.REM 13-*vir* R¹-casa aqui NEG R² -*ter*
 ‘quando nós viemos morar aqui na aldeia, não havia ninguém ainda’

Embora as orações de subjuntivo sejam tradicionalmente conhecidas por apresentarem sujeitos diferentes, não há qualquer diferença de comportamento quando as orações de contemporaneidade apresentam sujeito idêntico ao da oração principal. É o que atesta a seqüência de exemplos:

890. *aze temetarer a-pɨhɨk nehe a-meʔe kar*
 TEMP dinheiro 1-pegar INTEN 1-comprar C.PREP

putar moto ihe zeupe nehe
 PROJ2 moto 1 para INTEN

‘quando eu ganhar dinheiro, eu vou comprar uma moto para mim’

3.2.4.1.2 Subjuntivo de condição

As orações no modo Subjuntivo de condição em Tembé são marcadas pela partícula *de ~ ade ~ze ~aze*. Pode ocorrer que essa partícula venha acompanhada da partícula *mehe*.

Tembé

Com a partícula *ade* ~ *de*:

Exemplos:

891. *a-ha nehe de re-ho ihe iru*
1-ir INTEN COND 2-ir 1 ASS
'eu só vou se você for comigo'

892. *de re-ho nehe a?e o-ho ne iru-ramo*
COND 2-ir INTEN ele 3-ir 2 companheiro-TRANS
'ele só vai se você for com ele'

893. *de ru-mu-kudar uru-p?in?ik*
COND 13- CAUS-pagar 1-dançar
'nós dançamos se nos pagarem'

894. *a?e u-p?in?ik de u-muj-kudar i-zupe wə*
ele 3-dançar COND 3- CAUS-pagar R²-para PL
'ele dança se pagarem ele'

895. *pe ne pe-p?itaj de n u-p?itaj*
23 NEG 23-ficar COND NEG 3-ficar
'vocês não vão ficar se ele não ficar'

896. *a?e n u-p?ita-kwaw-i de na pe-p?itaj*

ele NEG 3-ficar- NEG- NEG COND NEG 23-ficar
 ‘eles não vão ficar se vocês não ficarem’

897. *aʔe u-pʔta ade de a-pʔta*
 ele 3-ficar COND COND 1-ficar
 ‘eles ficam se eu ficar’

898. *aʔe u-maju ade pe pe-ə pe-maju*
 ele 3-comer COND 23 23-ARG 23-comer
 ‘ele come se vocês comerem’

899. *aʔe u-pʔnʔk ade ure ru-pʔnʔk*
 ele 3-dançar COND 13 13-dançar
 ‘você dança se nós dançarmos’

900. *ure ru-pʔʔmu ade ne Ø-pʔʔm*
 13 13-fumar COND 2 2-fumar
 ‘nós fumamos se você fumar’

901. *o-ho ram kaʔa r-upi ade pe-ə pe-ho ram*
 3-ir PROJ1 mato Ø-PER COND 23-ARG 23-ir PROJ1
 ‘eles vão pro mato se vocês forem’

Com as partículas *ade* ~ *de* e *mehe*

Exemplos:

902. *pe-pĩnk mehe de Ø-mu-kudar*
 23-dançar SUB COND 3- CAUS-pagar
 ‘eles dançam se pagarem eles’

903. *ade aʔe o-ho iru ramo na mehe re-dur r-oho*
 COND ele 3-ir companheiro-TRANS NEG SUB 2-*vir* 2*ir*
 ‘você só vai se ele for com você’

904. *ade re-pĩta ne mehe na medur a-ha*
 COND 2-*ficar* 2 SUB NEG *vir* 1-*ir*
 ‘eu vou se você ficar’

905 *de aʔe he Ø-petek mehe a-zajo*
 COND ele 1 3-*bater* SUB 1-*chorar*
 ‘se ele me bater, eu choro’

Subjuntivo de condição

Guajajára

As orações subjuntivas de condição em Guajajára recebem marcação semelhante à das orações de contemporaneidade: a presença da partícula *aze* e da partícula *nehe*.

Exemplos:

906. *aze ti-kwar h-ehe nehe u-zaʔo ta zane wej*
 COND 12-*bater* R²-a respeito.de INTEN 3-*chorar* PROJ2 12 DAT
 ‘se nós batermos nele, ele vai chorar’

907. *aze aʔe u-kwar ne r-ehe ere-zaʔo*
 COND ele 3-bater 2 R¹-a respeito.de 2-chorar

ta bu nehe
 PROJ2 PROJ2 INTEN

‘se eles baterem em você, você vai chorar’

908. *aze pe-zapo t-emiʔu aʔu anehe*
 COND 23-fazer R⁴-comida 1-comer INTEN

‘se você cozinhar eu como a comida’

909. *aze pe-zutim maʔe tim-ar nehe*
 COND 23-plantar coisa plantar- NOM5 INTEN

h-epoʔo ta i-a izui kwer
 R²-colher PROJ2 R²- fruta para RETR

‘se vocês plantarem, vocês vão colher’

910. *aze pe-hapukaj ure we nehe oro-ho ure-a*
 COND 23-chamar 13 DAT INTEN 13-ir 13- ARG

he no

1 também

‘se vocês nos chamarem, nós vamos’

911. *aze ae u-hapukaj ure-we*
 COND ele 3-chamar 13- DAT

nehe oro-ho ure-ə he no-j

INTEN 13-ir 13- ARG 1 também-INDII
 ‘se eles nos chamarem, nós vamos’

912. *aze i-ze-momor í pe Ø zipiw ta í nehe*
 COND 2-REF-jogar água em R¹-sujo PROJ2 água INTEN
 ‘se você pular na água, a água vai ficar suja’

913. *aze əmən ukɨr kwaw nehe h-aku ahɨ haw*
 COND chover NEG INTEN R²-quente INT2 NOM6

n upɨtuɨ kwaw- i n upɨtuɨ kwaw
 NEG parar- NEG-INDII NEG parar NEG

h-aku ahɨ haw i-munehe
 R²-quente INT2 NOM6 3-vestir
 ‘se a chuva não cair, o calor não vai passar’

Assim como nas orações subjuntivas de contemporaneidade, não há qualquer diferença de comportamento entre as orações subjuntivas de condição com sujeitos diferentes daquelas que apresentam o mesmo sujeito.

914. *aze ne h-iahem nehe ihe Ø-ezeʔeŋ*
 COND 2 R²-gritar INTEN 1 2-falar

amiʔaw ta riʔ
 ter.rouquidão PROJ2 AFIRM
 ‘se você gritar, vai ficar rouco’

915. *aze n ere-majʔu kwaw nehe ne*
 COND NEG 2-comer NEG INTEN 2

∅-petek ta bu nehe
 2-bater PROJ2 PROJ2 INTEN
 ‘se você não comer, vai apanhar’

916. *aze n ere-maj kwaw nehe ne ∅-aŋayw*
 COND NEG 2-comer NEG INTEN 2 R¹-magro

nehe ta riʔi
 INT PROJ2 AFIRM
 ‘se você não comer, vai ficar magro’

917. *aze zawar n u-zewir kwaw nehe ∅-kizim*
 COND cachorro NEG 3-voltar NEG INT 3-perder

ta o-ho-i
 PROJ 2 3-ir- INDII
 ‘se o cachorro não voltar, vai se perder’

918. *aze n a-maʔareko kwaw nehe n*
 COND NEG 1-trabalhar NEG INTEN NEG

‘se ele não trabalhar, ele não vai comer’

919. *a-maju kwaw nehe*
 1-comer NEG INTEN

<i>aze</i>	<i>n</i>	<i>a-zemu?e</i>	<i>kwaw</i>	<i>nehe</i>	<i>n</i>	<i>a-kwaw</i>	<i>kwaw</i>
COND	NEG	1-estudar	NEG	INTEN	NEG	1-saber	NEG

920. *a-mu?e* *nehe*
 1-aprender INTEN
 ‘se eu não estudar, eu não vou aprender’

3.2.4.1.3 Subjuntivo de sucessividade

Tembé

As orações no modo subjuntivo de sucessividade são marcadas pela partícula ***ire*** ~ ***re***, pela partícula ***mehe*** ou pela combinação dessas duas partículas:

A partícula ***ire***

Exemplos:

921. *ihe* *a-petek* ***ire*** *a-zaj?o* *ram* *(m)i*
 1 1-bater depois 1-chorar PROJ 1 INDII
 ‘depois que você me bater, eu vou chorar’

922. *ae* *ne* ~~*Ø*~~*-petek* ***ire*** *re-zaj?o* *ram* *(m)i*
 ele 2 3-bater depois 2-chorar PROJ 1 INDII
 ‘depois que ele bater em você, você vai chorar’

923. *a-há* *kwej* *tadahu* *a-?u* ***ire***
 1-ir RLZ porcão 1-comer depois
 ‘eu saí após ter comido porcão’

924. *a-ha kwej maniʔw i-tɨm ire*
 1-ir RLZ maniva 1-plantar depois
 ‘eu saí após ter plantado a maniva’

925. *iuɨr ire nehe a-ha*
 chover depois INTEN 1-ir
 ‘depois que chover, eu vou’

A partícula *mehe*

Exemplos:

926. *he Ø-ho mehe pe pe-hem pe-dur*
 1 1-ir SUB 23 23-chegar 23-
 vir
 ‘depois que eu fui, vocês chegaram’

927. *i-ho mehe dane dahem da-dur-i*
 1-ir SUB 12 12-sair 12-
 vir-INDII
 ‘depois que ele foi, nós chegamos’

928. *he Ø-ho mehe aʔe u-hem Ø ur*
 1 1-ir SUB ele 3-
 sair 3-
 vir
 ‘depois que eu fui, ele chegou’

929. *i-ho mehe ne re-hem re-dur-i*
 3-ir SUB 2 2-
 sair 2-
 vir-INDII
 ‘depois que ele foi, você chegou’

930. *a-ha mehe u-hem Ø dur-i*
 1-ir SUB 3-sair 3-ir- INDII
 ‘assim que eu saí, ele chegou’
931. *a-ha te-ko a?e u-hem Ø-ur-i*
 1-ir 1-estar.em.movimento COND 3-sair 3-vir-INDII
 ‘assim que eu saí, vocês chegaram’
932. *a-ha mehe te-ko a?e u-hem Ø-ur wə*
 1-ir SUB 1-estar.em.mov. ele 3-sair 3-vir PL
 ‘assim que eu saí, eles chegaram’
933. *i-ho mehe a-hem a-ha*
 R²-ir SUB 1-sair 1-ir
 ‘assim que ele saiu, eu cheguei’
934. *Ø-əmən ukir mehe a-ha*
 3-chover SUB 1-ir
 ‘assim que chover, eu vou’

As partículas *ire* e *mehe*

Exemplos:

935. *ire umehe a-pu-mu-pinim ram*
 depois SUB 1-2-CAUS-pintar PROJ 1
 ‘depois eu vou pintar você’

936. *ire* *umehe* *a-de-mu-pinim* *ram*
 depois SUB 1-REF-CAUS-pintar PROJ 1
 ‘depois eu vou me pintar’

Guajajára

As orações subjuntivas de sucessividade em Guajajára são marcadas pela presença das partículas *ire*, *mehe* e *aze*.

A partícula *ire*

Exemplos:

937. *a-hem* *putar* *a-ha* *t#ram* *ipukuj* *iapo* *paw* *ire*
 1-ir PROJ2 1-ir farinha torrar fazer CES depois
 ‘eu vou chegar depois de torrar a farinha’

938. *ihe* *a-há* *tar* *əməŋ* *ip#k* *ire*
 1 1-ir PROJ2 chuva fim depois
 ‘eu vou sair depois da chuva’

939. *əməŋ uk#r* *ire* *a-ha* *ta* *ri*
 chover depois 1-ir PROJ2 INDII
 ‘nós vamos sair depois da chuva’

940. *a-há* *tar* *ʔ#pe* *akwej* *he* *re-ma#e- puej*
 1-ir PROJ2 água- LOC aquele-inv 1 2-coisa-lavar

paw ire

CES depois

‘eu vou pro rio depois de lavar roupa’

941. *∅-zahak tar ?i-pe akwej re-ma?e-puej*
12-tomar.banho PROJ2 água-LOC aquele-inv 2-coisa-lavar

paw ire paw ire

CES depois CES depois

‘nós vamos pro rio depois de lavar roupa’

942. *a-ker tar a-ha maj?u ire*
1-dormir PROJ2 1-ir comer depois
‘eu vou dormir depois de comer’

943. *u-ker tar o-ho akwej u-maju ire*
3-dormir PROJ2 3-ir aquele-inv 3-comer depois
‘ela vai dormir depois de comer’

944. *a-munehew ata he r-opoj akwej ihe*
1-vestir PROJ2 1 R¹-roupa aquele-inv 1

a-zahak ire

1-tomar.banho depois?

‘eu vou vestir a roupa depois de tomar banho’

A partícula *mehe*

Exemplos:

945. *əməŋ ipɨk mehe a-ha mehe*
chuva fim SUB 1-ir SUB
'depois da chuva eu vou sair'

946. *əməŋ ukɨr ihe teɨm imehe a-ha tar ri*
chover 1 NEG SUB 1-ir PROJ2 INDII
'eu vou sair depois da chuva'

A partícula *aze*

Exemplos:

947. *a-ha putar aze he r-aku-haw*
1-ir PROJ2 COND 1 R¹-quente-NOM6

upaw i-hem ihe-wi ihe
CES R²-sair 1-DAT 1
'eu vou sair depois que a febre passar'

Nas orações a seguir não há uso de partículas relacionadas ao subjuntivo:

948. *aɽe azaŋapi o-ho ihe wi wə*
ele antes de 3-ir 1 de PL
'eles foram para a roça depois de mim'

949. *a-ker putar ihe azaŋapi pe-wi*

1-dormir PROJ2 1 antes 23- DAT
 ‘eu vou dormir antes de vocês’

950. *a-zahak tar ihe a-majɽu-ɨm ihe-we*
 1-tomar.banho PROJ2 1 1-comer- NEG 1- DAT
 ‘eu vou tomar banho antes de comer’

951. *ihe azaɽapɨ a-ha ne- wi*
 1 antes 1-ir 2 -DAT
 ‘eu saí antes de você’

952. *a-majɽu ihe azaɽapɨ iji-wi*
 1-comer 1 antes 3- DAT
 ‘eu comi antes dele’

953. *se ihe pe-zən pe-ho*
 aqui 1 23-correr 23-ir

kwej pe zaɽapɨ ihe-wi
 RLZ 23 antes 1- de
 ‘vocês correram antes de mim’

954. *əmən ukɨr-ɽɨm ihe a-ha tar ri*
 chover- NEG 1 1-ir PROJ2 INDII
 ‘eu vou antes da chuva’

955. *əmən ukɨr- ɽɨm ihe-we a-zən tar a-ha*

chover- NEG 1-DAT 1-correr PROJ2 1-ir
 ‘eu vou correr antes da chuva

3.2.4.1.4 Observações sobre a partícula *mehe*

Em Tembé a partícula *mehe* tem o significado geral de ‘quando’, mas seu significado pode ser interpretado como equivalente aos significados de orações adverbiais tais como as que expressam conformidade, conseqüência, causa/explicação, concessão e tempo, como mostram os exemplos a seguir:

956. *puhaŋ re-ŋu mehe puhaŋ monohar u-deʔeŋ r-upi*
 remédio 2-comer SUB médico 3-falar R¹-PER
 ‘você tomou o remédio conforme o médico lhe mandou’

957. *aʔe u-deʔeŋ tete a-ŋu mehe u-deʔeŋ Ø-miʔaw kwej*
 ele 3-falar INT1 1-comer SUB 3-falar 3-estar.rouco RLZ
 ‘eles falaram tanto que ficaram roucos’

958. *a-deʔeŋ tete mehe ihe Ø-muripar-a u-ker wə*
 1-falar INT1 SUB 1 R¹--amigo- ARG u-dormir PL
 ‘eu falei tanto que meus amigos dormiram’

959. *u-deŋar puŋaŋ ete mehe u-depopetek i-pe wə*
 3-cantar bonito INT3 SUB 3-bater.palmas R²-LOC PL
 ‘ele cantou tão bem, que todos baterem palmas’

960. *i-ata tete mehe i-kəniʔu kwej*
 R²-andar INT1 SUB R²-cansado RLZ
 ‘ele andou tanto que ficou cansado’
961. *ae u-mumuranuj-ím mehe pe-dur se*
 ele 3-convidar- NEG SUB 23-vir aqui
 ‘mesmo que ele não convida, vocês vêm aqui’
962. *n a-mumuranu ha-we ne ere-dur-i se*
 NEG 1-convidar 1-DAT 2 2-vir-INDII aqui
 ‘mesmo que eu não convida, você vem aqui’
963. *a-deʔeŋ dape mehe n udekaiw ahí kwaw -i*
 1-falar SUB NEG 3-dar.atenção INT2 NEG -INDII
 ‘mesmo que eu fale, ninguém liga’
964. *u-deʔeŋ mehe dape n adekaiw ahí kwaw -i*
 3-falar SUB NEG dar.atenção INT² NEG -INDII
 ‘mesmo que ele fale, eu não ligo’
965. *a-ʔar mehe atahaw Ø-hím ahí*
 1-cair SUB ponte R¹-liso INT2
 ‘eu caí, porque a ponte estava lisa’
966. *re-dajʔo mehe u-deʔe:deʔeŋ ahí aipo na-we-ə*
 2-chorar SUB 3-falar:falar INT2 INF 2-com-ARG
 ‘você chorou, porque brigaram com você’

967. *ure ro-ho mehe t-uʔhaw a-pui kwej*
 13 3-ir SUB R⁴-cacique 1-pedir RLZ
 ‘nós fomos, porque o cacique pediu’
968. *he Ø-hí Ø-maʔe ahí mehe*
 1 R¹-mãe R¹-estar.doente SUB
- aʔe r-upi Ø-dajo te-ko*
 ele R¹-por 1-chorar 1-estar.em.mov.
 ‘eu estou chorando, porque a minha mãe está doente’
969. *aʔe u-hem-ɨm mehe pe pe-hem pe-dur-i*
 ele 3-sair-NEG SUB 23 23-sair 3-vir-INDII
 ‘antes de ele sair, vocês chegaram’
970. *aʔe u-hem-ɨm mehe amo u-hem Ø-ur-i*
 ele 3-sair-NEG SUB outro 3-sair 3-vir-INDII
 ‘antes de ele sair, o outro chegou’

Em Guajajara orações expressando as mesmas noções não são acompanhadas da partícula *mehe*, pelo menos nos dados de que dispomos.

3.2.4.2 O Modo Subjuntivo em línguas dos sub-ramos IV, III, V e VIII da família Tupí-Guaraní

3.2.4.2.1 Línguas do sub-ramo IV

Asuriní do Tocantins

Segundo Rodrigues e Cabral (2005), em Asuriní do Tocantins nos modos conjuntivo e subjuntivo o tema do verbo é precedido pelos prefixos relacionais e seguido por um sufixo, que é *-amo* (quando o tema termina em consoante) ou *-ramo* (quando o tema termina em vogal) para o conjuntivo e *-iré* (depois de consoante) ou *-riré* (depois de vogal) para o subjuntivo, como nos exemplos seguintes:

Modo Conjuntivo

971. *ereson se hémamo*

‘você veio quando eu saí’

972. *asón ne hóramo*

‘eu vim quando você foi’

973. *ne Ø-kató-eté-ramo a-sán ta né Ø-pýri*
 2 R1-bom-Intens-Subj.I 1-vir Imin 2 R1-junto.de
 ‘quando você ficar/estiver boa eu venho para junto de você’ ou
 ‘estando você boa eu volto para você’ (CABRAL, notas decampo)

Modo Subjuntivo

974. *eresón se hémiré*

‘você veio depois que eu saí’

975. *asón ne hóriré*
 ‘eu vim depois que você foi’

Parakanã

Silva (1999, p. 42) mostra que em Parakanã o modo subjuntivo expressa circunstância e recebe o sufixo *-amo* (temas terminados em consoantes), *-ramo* (em temas terminados em vogal), marcador de ‘sujeito diferente’. Este sufixo traz duas indicações básicas: que a oração marcada por ele funciona como um modificador adverbial da oração principal e que o sujeito dessa oração modificada por ele é diferente do sujeito da oração principal. A autora usa SD (sujeito diferente) para identificar esse sufixo. Os núcleos dos predicados das orações nesses modo, quer transitivos ou intransitivos com sujeitos diferentes recebem prefixos relacionais.

976. *a-etfáŋ né r-ór-amo*
 1-ver 2 CNT-vir-SD
 ‘eu o vi quando você chegou’(SILVA,1999, p. 42)

977. *tʃé Ø-maʒéapó-ramo i-kéri o-óp-a*
 1 CNT-trabalhar-SD NCNT-dormir- INDII 3COR-ficar deitado-MS
 ‘enquanto eu trabalhava, ele dormia’

978. *amín-a Ø-kír-amo a-ʔó-pám*
 chuva-ARG CNT-SD 1-comer-acabar
 ‘quando choveu, eu comi tudo’

Avá-Canoeiro

Não há dados suficientes do Avá-Canoeiro que possam ilustrar o Modo Subjuntivo. Embora Borges (2007) deixe claro que não trata de orações dependentes em sua pesquisa, apresenta exemplos (BORGES, 2007, p. 162) que permitem visualizar um tipo de oração em que os sujeitos são diferentes. Nestas não ocorrem partículas cognatas às que ocorrem nas outras línguas do sub-ramo IV.

Exemplos:

979. *ni=to* *jawaɤa=∅* *ere-nano* *i-wa-wak*
 pron.pess.=part cachorro- CN 2sgA-ouvir 3so-redupl.-correr
 ‘você ouviu o cachorro correndo’ (BORGES, 2006, p. 162)

980. *ni=to* *jawaɤa=∅* *ere-nano* *o-wa-wak*
 pron.pess.=part cachorro- CN 2sgA-ouvir 3A-redupl.-correr
 ‘você ouviu o cachorro e ele correu’ (BORGES, 2006, p. 162)

3.2.4.2.2 Línguas do sub-ramo III

O Tupinambá

Em Tupinambá, de acordo com Rodrigues (1953) o subjuntivo expressava um processo que era causa ou condição de outro processo e era formado por meio do sufixo *-emé* como em *sé mondo-reme a-só* (‘fui porque me mandaram’ ou ‘fui quando me mandaram’) e *sé mondo-reme a-só-mo* (‘se me mandassem, eu iria’)

Dependendo da natureza da vogal do tema que o precedia, ocorriam as seguintes mudanças morfofonêmicas:

- | | | | |
|----|----------------------------------|--|------------------------------------|
| 1) | tema terminado em vogal
oral: | intercalava-se um <i>r</i> entre o
tema e o sufixo: | <i>só</i> ‘ir’
<i>só- r-emé</i> |
|----|----------------------------------|--|------------------------------------|

2)	tema terminado em vogal nasal ou nasalizada:	intercalava-se um <i>n</i> entre o tema e o sufixo:	<i>nupã</i> ‘açoiatar’ <i>nupã-n-eme</i>
3)	tema terminado em semivogal:	queda da vogal inicial do sufixo:	<i>kái</i> ‘queimar-se’ <i>kái-me</i>
4)	tema terminado em <i>-b</i> ou <i>-m</i> :	queda da vogal inicial do sufixo, acarretando a queda da consoante final do tema:	<i>páb</i> ‘acabar-se’ <i>páb-eme</i> ~ <i>pá-me</i>

Com temas verbais no aspecto nominal:

981. *katu*
‘bom’

982. *xe-katú-r-eme*
‘se eu for bom’

3.2.4.2.3 Línguas do sub-ramo V

Asuriní do Xingú

Em Asuriní do Xingú o marcador de orações subordinadas temporais e condicionais é o sufixo *-ramé* (após vogal) ~ *-amé* (após consoante). As formas com esse sufixo são nominais.

983. *paje te kutukame naja'ai*
‘quando o pajé me furou, não chorei’ (MONSERRAT, 1988, p. 30)

984. *jê rỹjá ayrame aja'a*
'quando meu dente doeu, eu chorei' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

985. *aye'ymame e'ujũ*
'se não doer, não fume' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

986. *ay verame petyma e'u juapyt*
'se voltar a doer, coma fumo de novo' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

Araweté

Em Araweté (Solano, 2009) as orações de subjuntivo são de dois tipos: as que expressam contemporaneidade e condição (quando/se...) e as que expressam sucessividade (depois que...). A seguir os exemplos de Solano:

Subjuntivo de contemporaneidade e condição

987. *ĩtfe ime ure Øtfe*
R²-dormir quando/se 13 R¹-dormir
'se ele dormir, nós dormimos' (SOLANO, 2009, p. 262)

988. *tapi?i Øjuka ime he pida ne Øhi*
anta R¹- matar quando/se 1 peixe 2 R² -assar
'se eu matar anta, você mata peixe' (SOLANO, 2009, p. 262)

Modo subjuntivo de sucessividade

989. *te-wahẽ didĩ ku he Ø-karu*
1-correr depois FOC 1 R¹-comer
'depois que eu cheguei, eu comi' (SOLANO, 2009, p. 263)
990. *arapuha Ø-wahẽ didĩ mĩde arapuha Ø-iwũ*
veado R¹-correr depois 123 veado R¹-flechar
'depois que o veado chegar, nós flecharemos o veado' (SOLANO, 2009, p. 264)

3.2.4.2.4 Línguas do sub-ramo VIII

Ka'apór

As orações subordinadas do Ka'apór ocorrem acompanhadas da partícula subordinadora *rahã*.

991. *ne ihé ke re-pixã rahã a-hém ta*
2 1 AFT 2-beliscar quando/se 1-gritar PROJ
'quando você me beliscar, eu grito'

992. *jane jaiɣwaté ke já-pĩhĩk rahã*
12 onça AFT 12-pegar quando/se

- pehẽ piɣwér ke pejʔók tá*
23 pedaço AFT 23-tirar PROJ

'se nós pegarmos a onça, vocês ganharão um pedaço' (SILVA, notas de

campo)

Guajá

Em Guajá as orações subordinadas adverbiais podem expressar referência temporal subsequente ou simultânea com relação ao evento da oração principal. O morfema empregado para subordinar a oração é a partícula *mehẽ~ amehẽ*, que se associa a temas verbais, adjetivais e nominais (MAGALHÃES, 2007, p. 269). A negação neste modo é feita por meio do sufixo *-ỹ*. Ao tratar do assunto, a autora oferece os seguintes exemplos:

993. *jahá a-xá Matỹkáj-n kypý o-‘ú mehẽ*
eu 1-ver Madalena-N cupuaçu 3-comer quando
‘eu vi quando Madalena comeu cupuaçu’ (MAGALHÃES, 2007, p. 270)

A língua Guajá não dispõe de um morfema subordinador para marcar a condição. As orações de condição são formadas por um tema no modo indicativo I associado à partícula de aspecto imperfectivo *xí*.

994. *∅-wahy tá xi Marajá-∅ h-awirok-ahá tá*
R² -mulher PROJ IMPERF Marajá-N R¹-nomear-NZR PROJ

∅-wanihã tá xi na’axí h-awirok-ahá ahameri
R¹-homem PROJ IMPERF não.há R²-nomear- NZR ainda
‘se for mulher, o nome vai ser Marajá; se for homem, ainda não tem nome’
(MAGALHÃES, 2007, p. 278)

995. *awá-∅* *n=∅imahy'* *we* *tar-í* *Hosỹna* *∅-u-ỹ*
 Guajá-N NEG=3-estar.bravo DUR PROJ-NEG Rosana R¹-vir-NEG

mehẽ *xía*
 quando aqui

‘os Guajá não vão mais ficar bravos quando Rosana não vier’ (MAGALHÃES, 2007, p. 270)

3.2.4.2.5 Considerações sobre o modo subjuntivo em Tenetehára em comparação com línguas da família Tupí-Guaraní

Os dados mostrados até aqui evidenciam vários pontos importantes para a compreensão da história do Tenetehára. Primeiramente devemos observar as inovações ocorridas em Tembé e em Guajajára. Nessas duas variedades, diferentemente das demais línguas do sub-ramo IV, o antigo sufixo Tupí-Guaraní *-rame*, *-ame* foi reduzido à partícula *mehe* (Cf. CABRAL, MAGALHÃES, SILVA E JULIÃO 2007). Nas duas variedades, as construções com *mehe*, não necessariamente combinam-se com prefixos relacionais. A língua Guajajára desenvolveu combinações de partículas diferentes para expressar significados antes expressos pelo morfema *mehe* e ambas as línguas podem eventualmente usar *mehe* mesmo quando os sujeitos são iguais, o que viola o antigo princípio da correferencialidade Tupí-Guaraní.

Por outro lado, é com o Guajá que o Guajajára mais se afina quanto à partícula *mehe*. Como proposto em Magalhães, Silva e Julião (2007), é possível que essas línguas tenham desenvolvido a forma *mehe* na área geográfica Tocantíns-Pindaré, sob influência da Língua Geral Amazônica.

3.2.5 O Modo Imperativo

3.2.5.1 O Modo Imperativo em Tembé e Guajajára

Tanto em Tembé quanto em Guajajára, o modo Imperativo é marcado pelos prefixos *e-* (2ª pessoa do singular) e *pe-* (2ª pessoa do plural) nos verbos intransitivos e transitivos em sua forma afirmativa.

3.2.5.1.1 O Imperativo afirmativo

Tembé

Exemplos:

Com verbo transitivo

996. *e-mířəkwen* *i-ziwa*
2IMP –esticar R² –braço
‘estique o seu braço, por favor!’

997. *e-zapo* *miřařu* *e-ho*
2IMP-fazer mingau 2IMP-ir
‘(menina) vai fazer o mingau!’

998. *e-kířk* *ko* *maniřok*
2IMP-ralar este-próximo mandioca
‘rale essa mandioca!’

999. *pe-zořok* *uasai* *pe-ho*
23IMP-tirar açai 23IMP-ir
‘vão apanhar o açai’

1000. *pe-přuřu* *maře- momor-haw* *i*

23IMP-parar coisa-jogar- NOM6 ASSER
'parem o jogo!'

1001. *pe-mono t-emiñu zawar-pe*
23IMP-dar R⁴-comida cachorro- DAT
'dêem comida pra esse cachorro'

Com verbo intransitivo

1002. *e-zahak e-ho*
2IMP-tomar.banho 2IMP-ir
'vai banhar!'

1003. *pe-zahak pe-ho*
23IMP-tomar.banho 23IMP-ir
'vão banhar!'

1004. *pe-tfie pe-zur t-ípji-me*
23IMP-entrar 23IMP-vir R⁴-casa- DAT
'entrem nessa casa!'

Guajajára

Em Guajajára os prefixos do modo Imperativo além de se agregarem a verbos transitivos e intransitivos também agregam-se a adjetivos conforme ilustram os exemplos:

Com verbo transitivo

1005. *e-muɽuj* *ne* *∅-aw*
 2IMP-pentear 2 R¹-cabelo
 ‘penteie o cabelo!’
1006. *pe-muɽuj* *pe* *∅-aw*
 23IMP-pentear 23 R¹-cabelo
 ‘penteiem o cabelo!’
1007. *e-pukuj* *tɨram*
 2IMP-torrar farinha
 ‘torrem farinha!’
1008. *pe-pukuj* *tɨram* *nehe*
 23IMP-torrar farinha INTEN
 ‘torrem farinha!’
1009. *e-zupɨn* *maniʔok*
 2IMP-descascar mandioca
 ‘descasque essa mandioca!’
1010. *pe-zupɨn* *maniʔok* *nehe*
 23IMP-descascar mandioca INTEN
 ‘descasquem essa mandioca!’
1011. *e-zuka* *kwez* *moz*
 2IMP-matar RLZ cobra
 ‘mate aquela cobra!’

1012. *pe-zuka* *kwez* *mozəwi*
 23IMP-matar RLZ cobra
 ‘matem aquela cobra!’
1013. *e-peîr* *pari* *∅-pupe* *nehe*
 2IMP-varrer quintal R¹-dentro INTEN
 ‘varra o quintal!’
1014. *pe-peîr* *pari* *∅-pupe* *nehe*
 23IMP-varrer quintal R¹-em INTEN
 ‘varram o quintal!’
1015. *e-dapo* *t-emiʒu* *nehe*
 2IMP-fazer R⁴-comida INTEN
 ‘faça a comida!’
1016. *pe-zapo* *t-emiʒu* *nehe*
 23IMP-fazer R⁴-comida INTEN
 ‘façam a comida!’
1017. *e-raha* *kwej* *ma:maʔe* *nehe*
 2IMP-levar aquele-vis coisa INTEN
 ‘leve aquela roupa!’
1018. *pe-zaha* *kwej* *ma:maʔe* *nehe*
 23 IMP-levar aquele-vis coisa INTEN

‘levem aquelas roupas’

1019. *e-páur* *maʔe* *memek*
2IMP-mexer coisa mingau
‘mexa o mingau!’

1020. *pe-páur* *miŋʔaw*
23IMP-mexer mingau
‘mexam o mingau!’

1021. *e-mono* *ipoapíehar* *i-zupe*
2IMP- dar pulseira R²- DAT
‘dê a pulseira pra ele!’

Com verbo intransitivo

1022. *e-hem* *o-ho*
2IMP-sair 2-ir
‘saia!’

1023. *pe-hem* *∅-ho*
23IMP-sair 23-ir
‘saíam!’

1024. *e-zən*
2IMP-correr
‘corra!’

1025. *pe-zən* *Ø-ho*
23IMP-correr 23-ir
'corram!'

1026. *e-puʔəm*
2IMP-levantar
'levante!'

1027. *pe-puʔəm*
2IMP-levantar
'levantem!'

1028. *e-zerew*
2IMP-deitar
'deite!'

1029. *pe-zerew*
23IMP-deitar
'deitem!'

1030. *e-aw*
2IMP-deitar
'deite!'

1031. *pe-aw*
23IMP-deitar

‘deitem!’

1032. *e-apik*
2IMP-sentar
‘sente!’

1033. *pe-apik*
23IMP-sentar
‘sentem!’

1034. *e-ker*
2IMP-dormir
‘durma!’

1035. *pe-ker*
23IMP-dormir
‘durmam!’

1036. *e-zur*
2IMP-vir
‘venha!’

1037. *pe-zur*
23IMP-vir
‘venham!’

1038. *e-zewĩ*

2IMP-voltar

‘volte!’

1039. *pe-zewĩ*

23IMP-voltar

‘voltem!’

1040. *e-ker* *ĩ*

2 IMP-dormir ASSER

‘durma!’

1041. *pe-ker* *i*

23IMP-dormir ASSER

‘durmam!’

Com adjetivo

1042. *ne* *r-urĩw* *ete* *ne* *no*

2 R¹-alegre INT3 2 também

‘fique alegre!’

1043. *pe* *n-urĩw* *ete* *nehe*

23IMP R¹-alegre INT3 INTEN

‘alegrem-se!’

1044. *ne* *r-urĩw* *ete* *nehe*

2IMP R¹-alegre INT3 INTEN
 ‘alegre-se!’

3.2.5.1.2 O Imperativo negativo

O imperativo negativo faz-se pelo acréscimo da partícula *zo* ~ *do* às formas afirmativas desse modo tanto em Tembé quanto em Guajajára.

Tembé

Exemplos:

1045. *e-zumun do puhaŋ-e*
 2IMP-cuspir PROIB remédio-ARG
 ‘não cuspa o remédio’

1046. *e-momor zo bola e-ho kuri*
 2 IMP- jogar PROIB bola 2IMP- ir agora
 ‘não vai jogar bola agora’

1047. *e-jupir zo e-ho maŋe ʔiw r-ehe*
 2IMP- subir PROIB 2IMP- ir árvore R¹-a respeito.de
 ‘não vai subir na árvore!’

1048. *e-por zo ʔ-pe nehe*
 2 IMP-pular PROIB água -LOC INTEN
 ‘não vai pular no rio agora’

1049. *e-ʔu zo akazu r-aku ahɨ-ə nehe*
 2IMP-comer PROIB caju R¹- quente INT2-ARG INTEN
 ‘não vai comer caju quente’
1050. *e-hem zo e-ho əmən n-upi nehe*
 2IMP-sair PROIB 2IMP-ir chuva R¹-PER INTEN
 ‘não vai sair na chuva agora’
1051. *e-monohok do iwɨra*
 2IMP-cortar PROIB árvore
 ‘não corta essa árvore!’
1052. *pe-momor zo ita wɨra:miri r-ehe*
 23IMP-jogar PROIB pedra passarinho R⁴-a respeito.de
 ‘não vão jogar pedra no passarinho’
1053. *pe-muzear zo uasai akazu iru-ramo nehe*
 23IMP-misturar PROIB açai caju companheiro-TRANS INTEN
 ‘não vão misturar açai com caju’
1054. *pe-momor zo bol pe-ho nehe pe-majʔu ire*
 23IMP-jogar PROIB bola 23IMP-ir INTEN 23IMP-comer depois
 ‘não jogar bola depois do almoço’
1055. *pe-ho zo kaʔa r-upi pe zutɨk aʔ nehe*
 23IMP-ir PROIB mato R¹- PER 23 sozinho ATN INTEN
 ‘não vão entrar no mato sozinhos’

1056. *pe-zepin zo maniʔok pe-ho*
 23IMP-descascar PROIB mandioca 23IMP-ir
 ‘não vão descascar a mandioca!’

1057. *pe-zoʔok zo uasai pe-ho*
 23IMP-arrancar PROIB açai 23IMP-ir
 ‘não vão apanhar o açai’

Guajajara

Exemplos:

1058. *e-hem zo e-ho nehe*
 2IMP-sair PROIB 2IMP-ir INTEN
 ‘não saia!’

1059. *pe-hem zo pe-ho nehe*
 23IMP-sair PROIB 23-ir INTEN
 ‘não saiam!’

1060. *e-zən zo*
 2IMP-correr PROIB
 ‘não corra!’

1061. *e-apik zo nehe*
 2IMP-sentar PROIB INTEN
 ‘não sente!’

1062. *pe-ap̃k* *zo* *nehe*
23IMP-sentar PROIB INTEN
'não sentem!'

1063. *e-ker* *zo*
2IMP-dormir PROIB
'não durma!'

1064. *pe-ker* *zo* *rihi*
23IMP-dormir PROIB IMPF
'não durmam!'

1065. *e-zur* *zo*
2IMP-vir PROIB
'não venham!'

1066. *pe-zur* *zo*
23IMP-vir PROIB
'não venha!'

1067. *pe-zew̃r̃* *zo*
23IMP-vir PROIB
'não voltem!'

1068. *e-zew̃r̃* *zo*
2IMP-vir PROIB

‘não volte!’

Verbos transitivos

Forma negativas

1069. *e-ʔu zo muhaŋ nehe*
2IMP-beber PROIB remédio INTEN
‘não beba o remédio!’

1070. *pe-ʔu zo muhaŋ nehe*
23IMP-beber PROIB remédio INTEN
‘não bebam o remédio!’

1071. *e-muŋuj zo ne Ø-ʔaw*
2IMP-pentear PROIB 2 R¹-cabelo
‘não penteie o cabelo!’

1072. *pe-muŋuj zo pe Ø-ʔaw*
23IMP-pentear PROIB 23 R¹-cabelo
‘não penteiem o cabelo!’

1073. *e-pukuj zo tɨram*
2IMP-torrar PROIB farinha
‘não torre a farinha!’

3.2.5.2 O Modo Imperativo em registros mais antigos do Tenetehára

3.2.5.2 1 O registro de Cyriaco Baptista

Conforme já tratado em capítulo anterior, o Imperativo foi registrado em Cyriaco Baptista (1932). Nota-se que os prefixos do Modo Imperativo são os mesmos ainda hoje utilizados nas duas variedades do Tenetehára: *e-* para a 2ª pessoa do singular e *pe-* para a 2ª pessoa do plural.

Imperativo Afirmativo

1074. *Ezeupir éhó! ihi zêkuêhé “Ahy” ijupe kuri.*

‘Você trepa agora disse a preguiça’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1075. *Pêzapóapó catú Pêmaêa nêhé? Atué Azehéngar*

‘vocês façam assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar

1076. *Putar kueteri ihi zêkuêhé uanupé.*

‘eu quero hoje elle para elles’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1077. *Emonó catú*

‘guarda bem’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1078. *Êpuam ne*

‘levanta tu’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

Imperativo negativo

A forma negativa do Imperativo é formada com o acréscimo da partícula *zu ~ zô* ao verbo mais os prefixo *e-* (singular) e *pe-* (plural). Há casos em que o prefixo é ausente como nos três últimos exemplos.

1079. *êmâêzu*

‘não meche’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1080. *tirôtirôzu ijupé*

‘não briga com elle’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 358)

1081. *zâ hôzô*

‘não chora’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1082. *apuêêzutué*

‘não digas assim’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)

3.2.5.2 2 O registro de Boudin (1966)

O mesmo verificado nos dados de Cyriaco Baptista pode ser atestado nos exemplos de Boudin:

Imperativo afirmativo

1083. *é-mur ihê-wê*

‘me dá, me passa!’ (Boudin, 1966, p. 163)

1084. *pé-hó pé-aêaê*

‘ide (separadamente) cada um do seu lado’ (Boudin, 1966, p. 184)

Imperativo negativo

1085. *é-ma'ê-zo!*

‘não olhe, não mexe!’ (Boudin, 1966, p. 331)

1086. *pê-ma'ê-zo!*

‘não mexeis’ (Boudin, 1966, p. 331)

3.2.5.3 A expressão do Modo Imperativo em línguas dos sub-ramo IV, III, V, VIII da família Tupí-Guaraní

3.2.5.3.1 Línguas do sub-ramo IV

Parakanã

Silva (1999, p. 41-42) mostra que o imperativo em Parakanã é caracterizado por ausência de sufixo modal e pela presença de prefixos pessoais do conjunto II *e-* (singular) *pé-*, exclusivos desse modo. A negação deste modo é feita por meio da partícula *emé*.

1087. *e-piʔé-eté*

2IMP-cheiro-INTR

‘seja (fique) bem cheiroso!’

1088. *konomi pe-ekwá*

criança 23 IMP-ir

‘meninos, vão!’

1089. *e-nopó* *tʃawár-a*
 2 IMP-bater cachorro-ARG
 ‘bata no cachorro’
1090. *e-maná* *eme* *moʒáŋ-a* *i-tʃopé*
 2 IMP-dar NEG H.remédio-ARG NCNT-para
 ‘não dê remédio para ele’
1091. *pe-ekwá* *eme*
 23 IMP-ir NEG
 ‘não vão!’

Tapirapé

O imperativo em Tapirapé é feito de maneira semelhante à de outras línguas da família Tupi-Guaraní: é marcado pelos prefixos *e-* e *pe-* de segunda pessoa do singular e do plural na forma afirmativa e *ere-* e *pe-* mais a partícula *ewi* na forma negativa (ALMEIDA, 1983, p. 61). A partícula permissiva (*i*)*ke*, que pode acompanhar a forma afirmativa do verbo no imperativo, dando-lhe o sentido de “pode(m)”, também pode acompanhar o verbo na forma negativa (ALMEIDA, 1983, p. 61).

Exemplos:

1092. *emãrãkã* (*ke*) *xewe!*
 ‘cante para mim’ (‘pode cantar!’)
1093. *pemãrãkã* (*ke*) *xewe*
 ‘cantem para mim!’ (‘podem cantar!’) (ALMEIDA, 1983, p. 61)

1094. *eremãrãkã ewi*
'não cante!' (ALMEIDA, 1983, p. 61)

De acordo com Almeida há fórmulas fixas que também podem exprimir as noções de imperativo. Há aquelas que podem ser usadas independentemente de verbos e as que podem ser usadas com eles. As fórmulas a seguir não podem ser usadas na forma negativa, sendo necessário, até, algumas vezes, o uso de outro verbo para a 1ª pessoa plural.

Para exprimir a 2ª pessoa do singular: *ere!* "saia!" (para pessoa ou animal) /*pexe!* (dirige-se a mais de um) a seguir exemplificadas. Outras formas que apresentam comportamento similar são *ãõxe!* "basta!" e *tehina* "deixa!"

1095. *ere (ke) Ximãrãkã!*
'cantemos!' (se duas pessoas)

1096. *pexe (ke) Ximãrãkã!*
'cantemos!' (se mais de duas pessoas)

Há, ainda, outras fórmulas dessa natureza: há as oriundas de formas verbais imperativas que perderam o caráter verbal como *kaxepe!* "calem-se!", *xatã!* "venham!" e outras que são formas verbais no imperativo que, pelo uso freqüente, se tornaram fixas: *(p)epyk apy!* "espere(m)!"; *(p)etyryk!* "saia(m)"; *(p)epyãhã!* "escute(m)!"; *(p)eixãk!* "olhe(m)!"; *(p)eka ixé!* "quieto!" (ALMEIDA, 1983, p. 61-62):

1097. *e-par-o*
2sg. IMP-sair-INT

“saia!” (referindo-se ao cachorro que estava dentro da casa)

1098. *pe-pyy=ke* *ekwe=gã-∅*
2pl. IMP-pegar=DUB D.E=SG-REFER
‘pegue aquela, por favor!’ (PRAÇA, 2007, p. 216)

Avá-Canoeiro

Borges (2006, p. 230) mostra que no Avá-Canoeiro só há marcas de imperativo para as segundas pessoas. Os verbos transitivos e intransitivos desta língua recebem os prefixos *e-* e *pe-*, (da série II) que marcam a segunda pessoa do singular e a do plural respectivamente. A seguir, exemplos apresentados pela autora com verbos intransitivos descritivos, transitivos e intransitivos ativos.

Exemplos:

1099. *pe-katu=ete*
2imp.pl.-ser bom=part
‘sejam bons de verdade!’ (E) (BORGES, 2006, p. 231)
1100. *pe-jepik* *t/i=∅-po-∅*
2imp.pl-segurar, pegar 1poss=rel-mão-CN
‘segurem minha mão’ (E) (BORGES, 2006, p. 231)
1101. *e-ekur* *i=kurpe*
2imp.sg-trazer 3=posp
‘Traga para ela’ (Tatxia) (E) (BORGES, 2006, p. 231)

3.2.5.3.2 Línguas do sub-ramo III

Tupinambá

Conforme Rodrigues (1953, p. 126) o modo imperativo está entre as formas propriamente verbais (remáticas) do Tupinambá e expressa ordem ou pedido. É formado por meio dos pronomes da 2ª pessoa da terceira classe *e-* (2ª singular) e *pe-* (2ª plural) (conforme anteriormente citado).

1102. *ñééng*
‘falar’

1103. *e-ñééng*
‘fala’

1104. *pe-ñééng*
‘falai!’

3.2.5.3.3 Línguas do sub-ramo V

Asuriní do Xingú

Conforme Monserrat (1988, p. 15; 16;20), o imperativo em Asuriní do Xingú tem duas formas: segunda pessoa do singular e do plural e é marcado pelos prefixos *-e* (1ª sing.) e *-pe* (2ªpl.)

1105. *eka tipe*
‘fique quieto’

1106. *peka tipe*
‘fiquem quietos!’

Araweté

Segundo Solano (2009), o modo imperativo em Araweté indica comandos diretos e recebe os prefixos *e-* e *pe-* de segunda pessoa do singular e do plural, respectivamente, do conjunto II (SOLANO, 2009, p. 207-208). A negação de predicados neste modo é feita por meio da partícula *inã*.

1107. *e-já taw-e*
2-vir aldeia-LP
‘venha na aldeia!’

1108. *pe-jijã*
23-cantar
‘cantem!’

1109. *u-tfe inã*
3-dormir NEG
‘não durma!’

1110. *pe-tfe inã*
23-dormir NEG
‘não durmam vocês!’

3.2.5.3.4 Línguas do sub-ramo VIII

Ka'apór

O imperativo na língua Ka'apór é feito por meio de prefixação dos morfemas *e-* e *pe-* a núcleos de predicados. A negação de predicados nesse modo é feita por meio do sufixo *-'im*.

1111. *né e-nupã*
2 2IMP-bater
'bata nele' (SILVA, notas de campo)

1112. *pehẽ pe-nupã*
2 23IMP-bater
'batam nele' (SILVA, notas de campo)

1113. *e-pía?im Ø-ehe*
23IMP- pensar R¹-em.relação.a
'não pense nele, não!' (SILVA, notas de campo)

Guajá

De acordo com Magalhães (2007, p. 250), o modo imperativo expressa a tentativa de o falante fazer com que o ouvinte realize o evento, estado ou condição de existência expresso respectivamente pelo verbo, adjetivo ou nome, podendo exprimir ordem conselho, solicitação, sugestão e até aprovação. Em Guajá nos predicados eventivos este modo é marcado por meio dos prefixos *e-* e *pV-* de segunda pessoa do singular e do plural respectivamente, os quais marcam A e Sa. Com os verbos transitivos com objeto de primeira pessoa é o pronome dependente que ocorre no verbo para marcar o argumento O. A negação no modo imperativo é feita por meio da partícula *mẽ ~ amẽ ~ kamẽ* que também negam o modo exortativo.

Exemplos:

1114. *nijã* *apiró* *mutuhũ* *iná*
você 2/ IMP-descascar sozinho POS3
‘descasque você sozinho (sentado)!’ (MAGALHÃES, 2007, p. 251)
1115. *pa-rahó* *pijã*
23/ IMP-levar vocês
‘levam vocês!’(MAGALHÃES, 2007, p. 251)
1116. *are=∅pyhý-apáj*
123= R¹-pegar-rápido
‘pegue-nos rapidamente!’(MAGALHÃES, 2007, p. 251)
1117. *a-já’ók* *amẽ*
2/ IMP-arrancar PROIB
‘não o arranque!’ (MAGALHÃES, 2007, p. 286)
1118. *ni=∅pa’uruhú* *mẽ*
2= R¹-grávida PROIB
‘não fique grávida!’

A diferença mais marcante entre o Tenetehára e as demais línguas do sub-ramo IV quanto ao modo imperativo é o uso da partícula *zo* ~ *do* nas proibições. Esta partícula é, por outro lado, muito provavelmente cognata das partículas do Asuriní do Xingu *ju* e do Araweté *ja*, ambas do sub-ramo V. A partícula *ju* do Asuriní ocorre em posição pós-verbal:

Araweté

1119. *ne tʃirima já we ne*
2 cansado NEG TOP 2
'você não estava cansado'

1120. *e-api eʔ u-ata já we*
2-sentar esse 3-andar NEG TOP
'esse senta! não vai andar'

3.2.5.4 Considerações gerais

A comparação desenvolvida neste capítulo pôs em evidência vários pontos que contribuem para elucidar aspectos da história da língua Tenetehára. Alguns dos pontos são os seguintes:

- Das línguas do sub-ramo IV bem documentadas o Tembé e o Guajajára foram as línguas que mais inovaram morfossintaticamente.
- O Tembé e o Guajajára tornaram-se mais analíticos desenvolvendo partículas a partir de antigos sufixos.
- Embora as duas variedades Tenetehára tenham inovado subversivamente, ainda assim preservaram aspectos originais de suas regras e princípios.
- O Tembé e o Guajajára compartilham algumas mudanças com o Guajá, como o desenvolvimento de uma partícula de gerúndio e de uma partícula de subjuntivo com características funcionais e fonológicas similares.
- O Guajajára se sobressai em vários aspectos das expressões modais como mais inovador e criativo do que o Tembé.
- Formas fonológicas de morfemas do Tenetehára destacam-se como relíquias no ramo setentrional.
- Há evidências morfossintáticas de que o Guajajára é mais diferenciado do Tembé do que o imaginado.

CAPÍTULO 4 - A EXPRESSÃO DAS NOÇÕES DE ASPECTO, TEMPO, MODO DE AÇÃO E MODALIDADE EM TENETEHÁRA

4. Introdução

Neste capítulo tratamos das expressões de noções de aspecto, tempo, modo de ação e modalidade nas duas línguas Tenetehára, em duas perspectivas, sincrônica e diacrônica. Primeiramente, descrevemos as expressões dessas categorias nas duas variedades e, em seguida, comparamos os resultados, tendo em vista identificar correspondências e divergências que fundamentem uma hipótese de diversificação de uma língua original em duas variedades. Em seguida, comparamos os resultados dessa comparação com dados de línguas do sub-ramo IV da família Tupí-Guaraní, procurando identificar correspondências e divergências entre o Tenetehára e essas línguas. Já os resultados desta comparação são, por sua vez, comparados com dados de línguas de outros sub-ramos da família com o mesmo objetivo.

Os resultados deste estudo trazem contribuições, por um lado, para fundamentar uma hipótese de desenvolvimento histórico do Tenetehára e, por outro lado, para identificar o grau de proximidade genética que mantém com as línguas de outros sub-ramos setentrionais da família. Com isso pretendemos iluminar o caminho que leva ao conhecimento dos fatores e mecanismos determinantes no desmembramento genético de uma língua original em variedades que vão se diferenciando ao longo do tempo, como foi o caso da língua que deu origem à língua Tenetehára.

4.1 O aspecto em Tenetehára

As duas línguas Tenetehára fazem uso de uma rica gama de operadores sintáticos e de estratégias morfológicas para expressar noções aspectuais relacionadas ao predicado ou à sentença como um todo. Neste estudo seguimos a idéia de que o aspecto não se manifesta unicamente nos morfemas gramaticais ou operadores que estabelecem relações aspectuais à predicação, mas também através de lexemas verbais os quais codificam uma significação intrínseca (cf. Desclés 1990). Aspecto é concebido neste estudo como situado no nível conceptual da linguagem e não no nível da forma

(KAROLAK, 1994, p. 22), sobretudo não se relaciona ao verbo, mas a qualquer lexema que possa ser núcleo de um predicado. A noção de intervalo é fundamental para a distinção entre estado – intervalos abertos –, evento – intervalos fechados –, e processo – intervalos semi-abertos (cf. DESCLEÈS, 1989, 1990; ZLATKA, 1990). Embora consideremos que a caracterização aspectual em termos de intervalos exista em Tembé e em Guajajára, há, por outro lado, outras noções aspectuais que não necessitam desse construto. Dessa forma, chamamos de expressões de aspecto as noções relacionáveis a intervalos e chamamos de modos de ação as que não se relacionam com estes. Esta separação não coincide com a divisão tradicional de aspecto e modo de ação, além do que, para vários autores que fazem a distinção, o que aqui chamamos de aspecto seria também modo de ação, tendo em vista a sua não obrigatoriedade e os meios pelos quais são expressos que não se constituem em elementos da estrutura morfológica dos verbos.

Considerando os pressupostos elencados anteriormente que fundamentaram a nossa análise, apresentamos a seguir os seus resultados. Na descrição a seguir apresentamos, primeiramente, os dados atuais do Tembé, em seguida os do Guajajára e, na seqüência, os dados de Cyriaco Baptista e, finalmente, os de Boudin.

4.1.1 A expressão de noções aspectuais em Tembé e Guajajára

Tembé e Guajajára fazem as seguintes distinções semânticas de aspecto, as quais são expressas por meio de partículas:

Quadro 57 – Partículas aspectuais do Tembé e do Guajajára

	GUAJAJÁRA	TEMBÉ	ASPECTO	
	<i>kwej</i>	<i>kwej</i>	Realizado	
	<i>rihi</i>	<i>rihi</i>	Imperfectivo	
	<i>upaw</i>	<i>upaw</i>	Cessativo	
	<i>wi...no</i>	<i>no</i>	Repetitivo	

4.1.1.1 O aspecto realizado

Nas duas línguas esse aspecto é marcado pela partícula *kwej* e indica que a ação ou evento já foi realizado.

Tembé

Exemplos:

1121. *ihe i-ʔu-haw a-zeka kwej*
1 água-beber-NOM6 1-quebrar RLZ
'eu quebrei o copo' (voluntariamente)

1122. *i-ʔu-haw u-zeka kwej*
água-beber- NOM6 3-quebrar RLZ
'o copo quebrou' (acidentalmente)

1123. *purumuʔe- maʔe u-puʔəm ukwej*
professor- NOM2 3-levantar RLZ
'a professora levantou'

1124. *zawar u-hj̄ o-ho kwej kaʔamono-maʔe r-aikwe-ramo*
onça 3-correr 3-ir RLZ caçar- NOM2 R¹-atrás -TRANS
'a onça correu atrás do caçador'

1125. *zawar u-hj̄ o-ho kwej puhaɽ-mono-har r-aikwe-ramo*
cachorro 3-correr 3-ir RLZ remédio-dar-NOM5 R¹-atrás-TRANS
'o cachorro correu atrás do enfermeiro'

1126. *a-ruak kwej maper*
 1-virar RLZ papel
 ‘eu virei o caderno’

1127. *a-ha kwej Paragomín -pe*
 1-ir RLZ Paragominas-LOC
 ‘eu já fui a Paragominas’

Guajajára

Em Guajajára há a alternância entre *kwej* e *kwez* para marcar o aspecto realizado.

Exemplos:

1128. *ne ere-rur Ø-pira ure-we kwez*
 2 2-trazer R¹-peixe 13-DAT RLZ
 ‘você trouxe o peixe para nós’

1129. *a-mu-pu?əm kar kwaharer kwej*
 1-CAUS-levantar C.PREP. menino RLZ
 ‘eu fiz o menino levantar’

1130. *ne re-pihik he Ø-ziwa r-ehe kwej*
 2 2-pegar 1 R¹-braço R¹-em.relação.a RLZ
 ‘você pegou pelo meu braço’

1131. *ti-ŕu ři kwej ti-ŕu zihar kwej*

12-beber água RLZ 12-beber açai RLZ
 ‘nós bebemos água e açai’

1132. *əŋ* *zawar* *he* *∅-tʃiʔu* *kwez*
 este-sent. cachorro 1 3-morder RLZ
 ‘este é o cachorro que me mordeu’

1133 *a-peʔok* *makaser* *kwez* *a-muʔin* *kwez*
 1-descascar macaxeira RLZ 1-cozinhar RLZ
 ‘eu descasquei a macaxeira e cozinhei’

1134. *zane* *ti-majʔu* *kwej* *zane* *∅-ho* *pə*
 12 12-comer RLZ 12 12-ir GER
 ‘nós comemos e fomos embora’

O registro de Cyriaco Baptista (1932)

Em Cyriaco Baptista encontram-se as partícula *kuéi* ~ *ukuéi* que ele traduz como ‘instante ou momento’ (p. 358) na lista de palavras que apresenta. Nos textos foram encontrados os seguintes exemplos:

1135 *nâhaniuér* *nêhê* *coaity?* *nâzâuêtákuéi* *hérékó*
 ‘não pode ser assim cunhado?’

ihêanó, *ihí* *zêkuêhê*

eu mesmo disse em certo tempo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

1136 *zêkuêhê nuzéhá áçáçáukarot oho aêâ*
'em certo tempo os olhos dele indo

Êçákatéhéténú coait̄? Êrêzê ukáukárômô
cunhado?

nêâ áizéperkuakuei uêuê Néâété uāhairuér nêhê êrêukuei
te não disse

ihéu ihi támánuá iko imãnurê kuri ijupé
para mim! disse o tamanduá está depois de morto (depois de muito tempo)
agora para ele' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

O registro de Boudin (1966)

Em Boudin encontramos a partícula *kwêj* em exemplos como os que seguem:

1137. *kwétéri i-ho-ni-kwêy*
'ele foi hoje mesmo' (BOUDIN, 1966, p. 115)

1138. *o-ho kwêy ipo!*
'ele já foi' (BOUDIN, 1966, p. 115)

Nota-se nos dois registros mais antigos da língua a partícula *kwej* em situações que marcam o aspecto realizado.

4.1.1.2 O aspecto imperfectivo

Este é expresso por meio da partícula *rihi* em ambas as línguas e indica que o evento expresso ainda não se realizou.

Tembé

Exemplos:

1139. *n* *apuʔəm* *ihe-ə* ***rihi***
NEG 1-levantar 1- ARG IMPF
‘ eu ainda não me levantei’
1140. *ti-aro* *am* *əmən ukír* *ʔar* ***rihi***
12-esperar PROJ1 chover tempo IMPF
‘ nós vamos esperar essa chuva cair’
1141. *uru-ata* *uram* *ro-ho* ***rihi***
13-andar PROJ1 13-ir IMPF
‘ nós vamos andar um pouco ali’
1142. *n* *a-majʔu-i* *ihe-ə* ***rihi***
NEG 1-comer-NEG 1-ARG IMPF
‘ eu ainda não comi’
1143. *n* *a-ʔu-j* *ʔi* ***rihi***
NEG 1-beber-NEG água IMPF
‘ eu ainda não bebi água hoje’

1144. *n a-ha-j pe ihe r-emiro r-ípĵ-me rihi*
 NEG 1-ir- NEG LOC 1 R¹-neto R¹- casa-LOC IMPF
 ‘eu ainda não fui na casa do meu neto hoje’

Guajajára

Exemplos:

1145. *n a-ŕu kwaw kwej rihi*
 NEG 1-comer NEG RLZ IMPF
 ‘eu ainda não comi’

1146. *he Ø memĵ n u-zahak kwaw kwej rihi*
 1 R¹-filho de mulher NEG 3-plural NEG RLZ IMPF
 ‘minha filha ainda não tomou banho’

1147. *ajkwej ikwe u-zahak pə aŕe rihi*
 aquele lá 3-tomar.banho GER ele IMPF
 ‘ele ainda está tomando banho’

1148. *n a-majŕu kwaw ihe-a rihi*
 NEG 1-comer NEG 1- ARG IMPF
 ‘eu ainda não comi’

1149. *n u-majŕu pitik kwaw aŕ-ə rihi*
 NEG 3-comer INT⁶ NEG INT⁷- ARG IMPF
 ‘ele ainda não comeu’

1150. *a-maʒju ta ihe-ə rihi no*
 1-comer PROJ2 1- ARG IMPF REP
 ‘eu ainda vou comer’
1151. *aʔe u-majʒu tar rihi no*
 ele 3-comer PROJ2 IMPF REP
 ‘ele ainda vai comer’

Cyriaco Baptista

Não encontramos registro da partícula *rihi* nos dados de Cyriaco Baptista.

Boudin

Em Boudin, essa partícula é registrada como mostram os exemplos seguintes:

1152. *awati na-mono 'õng(i)-rihi*
 ‘ainda não juntei o milho’ (BOUDIN, 1966, p. 229)
1153. *a-mu-pinin tēnä 'ãng-rihi*
 ‘por enquanto estou escrevendo’ (BOUDIN, 1966, p. 229)
1154. *a-inê-wê 'ãng-rihi*
 ‘por enquanto estou’ (BOUDIN, 1966, p. 229)
1155. *na-may'u-rihi*
 ‘ainda não comi!’ (BOUDIN, 1966, p. 177)

4.1.1.3 O aspecto cessativo

É expresso por meio da partícula *paw* ~ *upaw* nas duas línguas.

paw ~ *upaw*

Tembé

Exemplos:

1156. *u-ehem kwej se a-dahak paw tue ihe-ə*
3-sair RLZ aqui 1-tomar.banho CES HAB1 1- ARG
‘quando ele veio, eu já tinha tomado banho’

1157. *paw uru-sok kwej*
CES 13-socar RLZ
‘nós já amassamos o açai’ (socando)

1158. *pəw Ø-ikɨɨk aipo wə*
CES 3-ralar INF 3.PL
‘eles já ralaram a mandioca’

1159. *Ø-kɨɨk paw aipo wə*
3-ralar CES INF 3. PL
‘eles já ralaram a mandioca’

1160. *ihe r-emiriko upaw Ø-maʔe u-puej aipo*
1 R¹-esposa CES R¹-coisa 3-lavar INF
‘a minha mulher já lavou todas as roupas’

1161. *ihe a-kɨm paw kwej əmən wej*
 1 1-molhar CES RLZ chuva RLZ
 ‘eu fiquei todo molhado da chuva’
1162. *he Ø-kaniɽu paw pari Ø-pupe*
 1 R¹-cansado CES quintal R¹-dentro
 ‘eu descanso num quintal grande’
1163. *u-pir upaw wə Ø-wɨra- ok-ar wə nui*
 3-subir CES 3. PL R¹-madeira-tirar- NOM⁵ 3. PL DAT
 ‘disque eles vão tomar toda a madeira dos madeireiros’
1164. *ru-dapo paw t-əpɨj r-enatar ramo-har*
 13-fazer CES R-casa R¹-frente trans- NOM4
 ‘nós construímos as casas da frente’
1165. *pe-ə pe-majɽu pe-pituɽu upaw ire*
 2- ARG 23-comer 23-parar CES depois
 ‘vocês comeram até acabar toda a comida’
1166. *a-dapo paw*
 1-fazer CES
 ‘eu já fiz’
1167. *a-ɽu paw*
 1-comer CES

‘eu já comi tudo’

1168. *ʔi ri-hu tɬu tete mehe*
água líquido-grande líquido-grande INT1 SUB

paw Ø-ko i-ho-n ʔi-pe
CES R¹-roça R²-ir-INDII água-LOC

‘quando deu (teve) água grande, muito líquido mesmo, toda a roça foi para a água’

Guajajára

Exemplos:

1169. *a-ʔu paw kwej*
1-comer CES RLZ
‘eu comi tudo’

1170. *aʔe upaw uʔu kwej*
ele CES 3-comer RLZ
‘ele já acabou de comer’

1171. *u-zahak paw kwej*
3-tomar.banho CES RLZ
‘ele já acabou de tomar banho’

1172. *u-ʔu paw kwej*
3-comer CES RLZ

‘ele já comeu tudo’

1173. *he* *Ø-kaneʔo-haw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-cansado- NOM 6 CES RLZ
‘meu cansaço acabou’
1174. *he* *r-urîw ete-haw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-alegre INT 3- NOM6 CES RLZ
‘minha alegria acabou’
1175. *he* *Ø-zemumîk ahî-haw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-triste INT2- NOM6 CES RLZ
‘minha tristeza acabou’
1176. *he* *Ø-maʔe ahî-haw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-dor- NOM6 CES RLZ
‘minha dor passou’
1177. *he* *Ø-ranahî-haw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-preguiça- NOM 6 CES RLZ
‘minha preguiça passou’
1178. *he* *Ø-maʔuhej-taw* ***upaw*** *kwez*
1 R¹-fome- NOM6 CES RLZ
‘minha fome acabou’

1179. *he Ø-ñiʔej- taw upaw kwez*
 1 R¹-sede- NOM6 CES RLZ
 ‘minha sede acabou’

1180. *he Ø-kize- haw upaw kwez*
 1 R¹-medo- NOM6 CES RLZ
 ‘meu medo acabou’

Tanto em Tembé quanto em Guajajára, há a co-ocorrência das partículas aspectuais *kwej* ‘realizado’ e *upaw ~paw* ‘cessativo’ conforme atestam os exemplos 1157, 1161 e os exemplos de 1169 a 1180.

O registro de Cyriaco Baptista

Nota-se, nos dados de Cyriaco Baptista, o aspecto cessativo sendo expresso por meio da partícula *upaw* traduzida por ele como ‘tudo’ conforme o exemplo *upáu ipáu* ‘morreu tudo’ (1932, p. 361) e os que seguem:

Exemplos:

1181. *Upetek ȳ zêkuêhê ua kuáhárér hérekó nō upau*
 ‘surrando elles o menino de novo acabou

zekuehe ipeponi. Te
 elle de empennar. Até’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)

1182. *Uán upé Mêué rupi zêkuêhê tapũy iháu ikó uzêpyruákâ*
 ‘Para ellas Devagar disque a casa deste jeito foi emborcando.

1182. *Te upau*
 Até acabou-se.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)
1183. *uân êrâhâu yuaté upucapuca mahékuér cútuâ huri upau*
 ‘Levando elles para cima. Rindo-se estavam que aquellas agora acabou
zêkuêhê uá monokar zui rumu móitatanárumú
 disque .De mandar elles sapo como cobra de cipó como, etc.’ (CYRIACO
 BAPTISTA, 1932, p. 366)

O registro de Boudin

Os dados coletados por Boudin mostram as sentenças expressando o aspecto cessativo também por meio de *paw ~ upaw* , como mostram os exemplos seguintes:

Exemplos:

1184. *u-paw hê-ruwĩ-tzang-haw*
 ‘passou-me o frio’ (BOUDIN, 1966, p. 184)
1185. *u-paw hê-kanê’o-haw*
 ‘passou-me o cansaço’ (BOUDIN, 1966, p. 184)
1186. *paw-kwêy*
 ‘já acabou’ (BOUDIN, 1966, p. 115)

4.1.1.4 O aspecto repetitivo

Expresso por meio da partícula **no** em Tembé, dá a indicação de que o evento expresso pelo predicado é realizado outra vez, novamente.

Tembé

Exemplos:

1187. *azezemun ram ihe no*
 1-cuspir PROJ1 1 REP
 ‘eu vou cuspir de novo’

1188. *aha ram he no*
 1-ir PROJ1 1 REP
 ‘eu vou de novo’

1189. *re-ho ram no*
 1-ir PROJ1 REP
 ‘você vai de novo’

1190. *kuzə u-hem kwej no*
 mulher 3-sair RLZ REP
 ‘a mulher saiu de novo’

1191. *o-momor ruʔu ram o-ho aipo Paragomin -pe*
 3-jogar DUB PROJ1 3-ir INF Paragominas- LOC

nehe no
 INT REP

‘parece que ele vai jogar em Paragominas de novo’

Guajajára

Diferente do Tembé, o Guajajára ainda mantém a forma mais conservadora do morfema do aspecto repetitivo *wi...no* conforme registrada por Boudin (1966), o que ainda é bastante produtiva entre os falantes da aldeia Angico Torto. É o que mostram os exemplos a seguir.

Exemplos:

1192. *zane ti-zemiʔkar wi tar za-há no*
12 12-caçar REP PROJ2 12-ir REP
‘nós vamos caçar de novo’

1193. *a-majʔu wi kwez no*
1-comer REP RLZ REP
‘eu comi de novo’

1194. *he Ø-memir ere-ʔu wi kwej Ø-maʔe apo no*
1 R¹-filho.de.mulher 2-comer REP RLZ R¹-coisa INF REP
‘minha filha vai beber suco de novo’

1195. *kwaharer arer wə u-momor wi tar*
menino RETR PL 3-jogar REP PROJ 2

bor sabado mehe wə no
bola sábado SUB PL REP

‘os que já foram meninos vão jogar sábado de novo’

1196. *he Ø-zarj̄ o-ho wi tar p̄həwe*
 1 R¹-avó 3-ir REP PROJ2 amanhã

taw-pe no
 cidade- LOC REP

‘a minha avó vai voltar pro Arame de novo amanhã’

1197. *Darly u-zeŋar wi tar no*
 nome. próprio 3-cantar REP PROJ 2 REP

‘a Darly vai cantar de novo’

1198. *a-maʔereko wi tar Ø-purumuʔe-maʔe ip̄īwə pə ihe no*
 1-trabalhar REP PROJ2 R¹-ensinar- NOM2 ajudar GER 1 REP
 ‘eu vou trabalhar de novo ajudando a professora’

1199. *zane ti-zemiʔkar wi tar zaha no*
 12 12-caçar REP PROJ2 12-ir
 ‘nós vamos caçar de novo’

Os exemplos seguintes mostram como Ciryaco Baptista e, posteriormente, Boudin registraram este morfema.

O registro de Cyriaco Baptista

Nos dados de Cyriaco os morfemas *ui ... nó ~ nô* aparece em sentenças que expressam o aspecto repetitivo, a exemplo do que ainda ocorre atualmente. Nos exemplos a seguir o morfema *ui* aparece agregado aos verbos *-hi* ‘dizer’ e *-ho* ‘ir’.

Quanto ao morfema **nô**, este ora aparece registrado como partícula ora como sufixo. Observem-se os exemplos a seguir:

Exemplos:

1200. *iizêkuêhê koémirê; ohóui zêkuêhê nó. Názáuê zêkuêhê*
'Disse em certo tempo ia indo em certo tempo de novo. Assim em certo tempo' (Cyriaco, 1932, p. 373)

1201. *Uÿu hêruâ Hênuhêma. Aéupé ihãjupé,*
'a flecha trazendo para fora. Lá está ahi mesmo,

ihuii zêkuêhê Cuzãnguér-uanô
disseram disque mulheres as de novo.' (Cyriaco, 1932, p. 374)

1202. *ihuii zêkuêhéuâ nó upÿhÿk Zêkuêhéuâ izapytépe Umâê-*
'Disseram-as de novo Pegou então o gavião vindo elle no meio da cabeça. Olhavam' (Cyriaco, 1932, p. 375)

Os exemplos a seguir mostram o uso de **nô** sem a contraparte **ui** junto ao verbo *-hi* 'dizer'. Talvez seja um indício de que, àquela época, **wi ...nô** e **nô** eram formas alternativas para a expressão do aspecto repetitivo.

1203. *çaçaihá!... ihi zêkuêhê nó Nahane! pep!*
Disse elle de novo Não! Vae (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 386)

O exemplo seguinte mostra que Cyriaco registra o morfema **ui** como **i** na forma verbal *uhuri* (*u + hur + i*) antes de **nô**.

1204. *zêkuêhê hêráhá uát̃yupê ahêâ. uhuri*
‘elle levar ao sogro. Tornou elle

zêkuêhê imānmêhe nô. Ueçak
depois de muito tempo novo voltar. Viu’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

A partícula *nô* é registrada em Cyriaco Baptista com o significado de ‘também’, assim como é atualmente em Tembê e Guajajára.

1205. *Omómór zêkuêhê uỹu imónó ijupé zipi, uaytizot*
Sacudia disque elle a flecha para elle pegar, encontrava logo elle a flecha

zêkuêhê uyuanô
também. (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)

O registro de Boudin

Boudin registra o sufixo verbal *-wi* significando ‘de novo’ e registra, ainda, a forma *wi...no* também definida por ele como ‘de novo’. Exemplos ilustrativos oferecidos por ele são os seguintes:

1206. *puka-wi*

‘rir de novo’ (BOUDIN, 1966, p. 289)

1207. *hê-ma’e-ahi-wi-no*

‘estou doente de novo’ (BOUDIN, 1966, p. 290)

1208. *ko a-zapo wi-(a)-ram(i)-no*

‘eu farei aquilo de novo’ (BOUDIN,1 966, p. 290)

1209. *a-zur(i)-wi-néhé-no*

‘tenho que voltar de novo’ (BOUDIN,1 966, p. 290)

Há, no entanto, casos em que o morfema *wi* não é empregado com a partícula *nô* como nos exemplos a seguir, mostrando que à época de Boudin as formas *wi* e *wi ...nô* eram alternativas.

1210. *a-zur néhé-no*

‘virei de novo’ (BOUDIN,1966, p. 175)

Boudin interpreta, ainda, que a combinação das partículas *néhé-nô* eram empregadas para a expressão do aspecto ‘iterativo’. A seguir os exemplos do autor.

1211. *a-zur(i)-ru’u-néhé-no*

‘será que virei outra vez?’ (BOUDIN,1 967, p. 175)

1212. *ihê uru-étzak-néhé-no*

‘ver-te-ei de novo’ (BOUDIN,1 967, p. 175)

Nota-se que o Tembé já não mantém a forma *wi...no* nem a forma *wi* para a expressão do aspecto repetitivo, consolidando a mudança que estava em progresso em estágios anteriores da língua, mantendo apenas o morfema *no*. O Guajajára, por sua vez,

ainda mantém a forma *wi...no*, mostrando um conservadorismo maior que o Tembé a esse respeito.

No que diz respeito a aspecto, nas duas línguas, este não se gramaticalizou ao ponto de ser obrigatoriamente marcado, de forma que, embora determinadas estratégias de marcar aspecto ocorram com bastante frequência, seu uso não é expresso em todas as situações.

4.2 Modo de ação em Tenetehára

Modo de ação é expresso em Tembé e Guajajára por meio de reduplicação de um tema núcleo do predicado, por um tema modificador, ou por meio de partículas. O quadro seguinte apresenta as partículas que expressam modo de ação nas duas variedades do Tenetehára:

Quadro 58 – Partículas indicadoras de modo de ação em Tembé e em Guajajára

GUAJAJÁRA	TEMBÉ	MODO DE AÇÃO
<i>tue</i>	<i>tue</i>	Habitual 1 (HAB1)
	<i>tuehe</i>	Habitual 2 (HAB1)
<i>tueha rupi</i>	<i>tueha rupi</i>	Habitual 3 (HAB1)
<i>wer</i>	<i>wer</i>	Habitual 4 (HAB1)
<i>ejtik ahĩ</i>	<i>teʔen ahĩ</i>	Lusivo
<i>təɾjĩ</i>	<i>təɾjĩ</i>	Falhativo 1 (FALH1)
<i>ete aĩ</i>		Falhativo 2 (FALH2)
	<i>pitik</i>	Frequentativo
<i>pitika ĩ</i>	<i>pitika ĩ</i>	Atenuativo
<i>tete</i>	<i>Tetê</i>	Intensivo 1 (INT1)

<i>ahĩ</i>	<i>ahĩ</i>	Intensivo 2 (INT2)
<i>ete</i>	<i>ete</i>	Intensivo 3 (INT3)
<i>aʒu</i>	<i>aʒu</i>	Intensivo 4 (INT4)
<i>mar ~ mara</i>	<i>mar ~ mara</i>	Intensivo 5 (INT5)
<i>pitik</i>	<i>pitik</i>	Intensivo 6 (INT6)

4.2.1 O modo de ação Habitual

Tembé

Em Tembé o modo de ação habitual é expresso por meio das partículas ***tue***, ***tuehe*** e ***tueha rupi*** conforme mostram os exemplos a seguir:

Tue

Exemplos:

1213. *a-zur kwej meʒe tue ne r-ehe*
 1-vir RLZ ver HAB1 2 R¹-em.relação.a
 ‘eu vim aqui pra te ver’

1214. *tue apitun a-ker a-puaihu tue a-ker*
 HAB1 noite 1-dormir 1-sonhar HAB1 1-dormir

apuaihu tue a-puaihu
 1-sonhar HAB 1 1-sonhar
 ‘eu sonhei ontem à noite’

1215. *tue dawar u-ata se t-ɨpɨ-me tue...*

hab1 onça 3-andar aqui R-casa- LOC HAB1
 ‘sempre tem onça rondando a aldeia’

Em Tembé a forma *tue* também expressa outra noção similar à noção expressa pelo advérbio ‘logo’ do português.

***Tue* ‘logo’**

1216. *e-mono tue Ø-puhaŋ pe kwaharer aĩ-pe*
 2IMP-dar HAB 1 R¹-remédio para menino DIM- DAT
 ‘dê logo o remédio para aquele menininho’

1217. *re-majũ tue reker ram Ø-majũ hej-haw rumo*
 2-comer HAB1 2-dormir PROJ1 R¹-ter.fome- NOM6 com
 ‘ou come logo ou vai dormir com fome’

1218. *re-majũ tue re-ker ram Ø-majũhej-haw- i*
 2-comer HAB1 2-dormir PROJ1 R¹-ter.fome- NOM6- INDII
 ‘ou come logo ou vai dormir com fome’

1219. *e-majũ tue*
 2IMP-comer HAB1
 ‘come logo!’

1220. *e-itfe tue*
 2IMP-entrar HAB1
 ‘entra logo!’

Tuehe

Tembé

Exemplos:

1221. *tuehe pʰun r-upi re-dahak ʔi r-upi*
HAB2 noite R¹-em 2-tomar.banho rio R¹-PER
'toda noite você toma banho no rio pelo rio'
1222. *tuehe a-depinatʰk we-j iarape r-upi*
HAB 2 1-pescar HAB4 -INDII igarapé R¹-em
'eu costume pescar naquele igarapé'
1223. *tuehe te a-meʔe pʰawe ahí*
HAB2 pois 1-acordar manhã INT2
'eu sempre acordo cedo (de manhã)'
1224. *tuehe a-majʔu kon kwarahí u-in iapʰer-pe*
HAB2 1-comer quando sol 3-estar-sentado meio- LOC
'eu sempre como ao meio-dia'
1225. *tuehe ihe a-depinatʰk pə*
HAB2 1 1-pescar GER
'todo dia eu vou pescar'
1226. *tuehe Ø-pira Ø-duka o-ho*
HAB2 R¹-peixe 3-matar 3-ir

‘todo dia ele vai matar peixe’

Tueha rupi

Tembé

Exemplos:

1227. ***tueha rupi*** *ʔi* *a-ʔi-ahaw-ə*
HAB 3 rio 1-rio-atravesar-ARG
‘todo dia eu atravesso o rio’

1228. ***tueha rupi*** *ne* *re-ahaw* *ʔi-a*
HAB 3 2 2-atravesar rio-ARG
‘todo dia você atravessa o rio’

1229. ***tueha rupi*** *aʔe* *u-ahaw* *ʔi-a*
HAB3 ele 3-atravesar rio-ARG
‘todo dia ele atravessa o rio’

1230. ***tueha rupi*** *dane* *ti-ahaw* *ʔi-a*
HAB 3 12 12-atravesar rio-ARG
‘todo dia nós atravessamos o rio’

1231. ***tueha rupi*** *akwej* *awa* *u-ʔi-haw-ə*
HAB 3 aquele-inv. homem 3-rio-atravesar-ARG
‘todo dia aquele homem atravessa o rio’

1232. *tueha rupi p̃tun mehe re-ro Ø-miar*
 HAB3 noite SUB 2-esperar R¹-caça
 ‘toda noite você espera a caça’

1233. *tueha rupi p̃haw u-erur Ø-miar*
 HAB 3 manhã 3-trazer R¹-caçar
 ‘todo dia ele traz a caça’

1234. *tueha rupi pe pe-aro Ø-miar*
 HAB 3 23 23-esperar R¹-caçar
 ‘todo dia nós esperamos a caça’

1235. *tueha rupi p̃hawe aʔe u-miar u-ero wə*
 HAB 3 noite ele R-caça 3-esperar PL
 ‘toda noite eles esperam caça’

1236. *tueha rupi p̃hawə akwej awa u-ero Ø-miar*
 HAB3 noite aquele.inv. homem 3-esperar R¹-caça
 ‘toda noite aquele homem espera caça’

Em Tembé o habitual também pode ser expresso por meio de reduplicação, embora seja melhor definida como ação plural, correspondendo, assim, a uma ação habitual ou interativa.

***kwarahý* ‘sol’/ ‘ano’**

1237. *kwarahí:rahí r-ehe katu a-ha karai r-eko-ha-pe*
 sol:RED-R¹ em.rel.a bem 1-ir não índio R¹-aldeia- NOM6-LOC

‘todo ano eu vou a Paragominas’

***dahĩ* ‘lua’ / ‘mês’**

1238. *dahĩ*:*dahĩ*-*r-ehe* *katu* *a-momor*
lua:RED-R¹-em.rel.a bom 1-jogar
‘todo mês eu jogo’

***mituʔu* ‘semana’**

1239. *mituʔu*:*tuʔu*-*r-ehe* *katu* *a-momor*
semana:RED- R¹-em.rel.a bem 1-jogar
‘toda semana eu jogo’

***-jupir* ‘subir’**

1240. *jupir* *maŋ-ʔiw* *r-ehe*
subir manga-árvore R¹-em.relação.a
‘subir na mangueira’

1241. *kwaharer* *∅-jupir* *∅-iko* *t-ɨpɨ* *ʔar ramo* *wə*
menino 3-subir 3-estar.em.mov. R⁴-casa em.cima PL
‘os meninos estão subindo na casa’

Em Tembé é possível, ainda, a co-ocorrência da partícula *tueha rupi* e de reduplicação para a expressão do aspecto habitual, como mostram os exemplos seguintes:

Exemplos:

1242. *kwaharer* \emptyset -*ijupi:jupir* \emptyset -*uiz̃i:uiz̃w* \emptyset -*iko*
 menino 3-subir:subir 3-descer:descer 3-estar.em.mov.
- \emptyset*-*maʔe-ʔw* *r-ehe* *tueha* *r-upi* *wə*
 R¹-coisa-árvore R¹-em.relação.a HAB3 R¹-por PL
 ‘essa menina sobe e desce da árvore todo dia’

Guajajára

Em Guajajára a noção do aspecto habitual é expressa por meio das partículas *tue* e *tueha rupi*. Em nossos dados do Guajajára não foram encontradas ocorrências da forma *tuehe*, nem nas falas espontâneas nem nas elicitadas. Tanto na aldeia Barreirinha quanto na aldeia Angico Torto, quer jovens quer idosos, os falantes não têm conhecimento da partícula *tuehe*.

Tue

Exemplos:

1243. *a-putar* ***tue*** *t-ɨp̃j̃* \emptyset -*p̃iahu* \emptyset -*maʔe* *ihe*
 1-querer HAB1 R¹-casa R¹-novo R¹-coisa 1
 ‘eu quero uma casa nova’

1244. *h-əj* ***tue***
 R⁴-dente HAB1
 ‘dentes definitivos’

1245. *u-itse* ***tue*** *o-ho* *umə:mərən* \emptyset -*katu- haw*
 3-entrar HAB1 1-ir quanto:quanto R¹-bom NOM6

r-upi kaʔa-pe wə
 R¹-em mata- LOC PL
 ‘eles entraram várias vezes na mata’

1246. *kuzə təʔi wer u-itfe:tfe tue wə t-ɪpji Ø-pupe*
 menina COL 3-entrar HAB1 PL R⁴casa R¹-dentro

pitəʔi:təʔi Ø-katu -haw r-upi
 um.a.um R¹-bom- NOM6 R¹-em
 ‘as meninas entraram muito bem uma após a outra na casa’

1247. *i-katu ahɪ tue a-zewɪr ram he r-eko-haw-pe*
 R²-bom INT2 HAB1 1-voltar PROJ1 1 R¹-aldeia- NOM6-LOC
 ‘é bom que você volte pra aldeia’

1248. *maʔe- haw tue u-dutɪn ko-haw-ə təri*
 porque- NOM6 HAB1 3-plantar roça-NOM6- ARG hoje
 ‘por que eles plantaram roça hoje?’

Em Guajajara a forma *tue* abriga vários outros significados tais como ‘deixa pra lá!’, ‘logo’ e ‘mesmo’.

Exemplos:

1249. *tue!*
 ‘deixa pra lá!’

1250. *e-zan tue*

2IMP-correr logo
'corre logo!'

1251. *e-zur tue*
2IMP-vir mesmo
'vem mesmo!'

1252. *kuzə təʔi i-aŋaiw ahɨ tue*
menina R²-magro INT2 mesmo
'a menina é magrinha, magrinha, magrinha mesmo'

Tueha rupi

Guajajára

Exemplos:

1253. *ihe tueha r-upi a-mono purumuʔe-haw ihe*
1 HAB3 1-dar ensinar- NOM6 1
'eu sempre vou dar aula'

1254. *ne tueha r-upi ere-zur se he r-ɨpuz-me*
2 HAB3 2-vir aqui 1 R¹-casa-LOC
'você sempre vem aqui na minha casa'

1255. *tueha rupi a-zemaʔe putuka ihe*
HAB3 1-coisa-lavar 1
'todo dia eu lavo roupa'

1256. *tueha rupi za-maʔe reko zane*
 HAB3 12-trabalhar 12
 ‘todo dia nós trabalhamos’
1257. *Darly u-maʔereko u-zapo t-emiʔu tueha rupi aʔe*
 nome.próprio 3-trabalhar 3-fazer R⁴-comida HAB 3 ele
 ‘a Darly faz comida todo dia’
1258. *a-zaikaw zepe he Ø-ʔaw tueha rupi*
 1-cortar mesmo 1 R¹-cabelo HAB3
 ‘eu corto o meu cabelo(todo ano)’
1259. *he Ø-memɨr o-ho u-zarj h-əpuz tueha rupi*
 1 R¹-filho.de.mulher 3-ir R³-avó R²-casa HAB3
 ‘minha filha vai pra casa da avó dela (toda semana)’
1260. *kwej Ø-tuaʔu Ø-kepuahu tueha rupi p#hawe*
 aquele.vis R¹-velho 3-sonhar HAB3 noite
 ‘aquele velhinho sonha toda noite’

Falantes do Guajajára tanto da aldeia Barreirinha quanto da aldeia Angico Torto, também atribuem à partícula *tueha rupi* o significado de ‘eterno’, ‘para sempre’.

O registro de Cyriaco Baptista

Ciryaco Batista registra a partícula *tué* como expressando duas noções distintas: *tué* significando ‘logo ou sempre’ (p.358) e *tué* significando ‘mesmo’ (p.358). A seguir,

exemplos dessa partícula. Não foram encontrados no registro de Cyriaco Baptista exemplos das partículas *tuehe* e *tueha rupi*.

1261. *azehárumu ahêa rahé. Támánuá zêkuêhê*
'Certo mesmo elle. O tamanduá em certo tempo

Ukeri múaúaué tué uinâ Aêa
dormiu parte (fingiu dormir)' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 377)

1262. *ijupé Apuêrêzutué ihéu ty? kueteri úrúúkazót*
'para elle Não digas assim para mim Hoje

nêhê ihi zêkuêhê
disse em certo tempo' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

1263. *Póhó rupi Aheu zêkuêhê uzêa cutucutukarot áhêâ.*
'em certo tempo' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

1263. *Tué uzeukauka ahéazépé Ia!*

Etakino coaty Erêzeukaukaromo nêâ ahezépérkuakuei
elle mesmo coaty? Morreu te não disse (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 383)

O registro de Boudin

Em Boudin foram encontradas ocorrências da partícula *twê* expressando a noção de ‘sempre’. Os exemplos a seguir mostram que à época de Boudin havia alternância entre as formas *twê* e *twee* ~ *twêê* na indicação do modo de ação habitual.

Twê

1264. *twê'ar*

‘cada dia’ (BOUDIN, 1966, p. 276)

1265. *twê'a rupi*

‘diariamente’ (BOUDIN, 1966, p. 276)

1266. *ko-awa u-zé'ëng- twee azéha-ramo-há rupi*

‘este homem sempre fala a verdade’ (BOUDIN, 1966, p. 276)

1267. *twêê i-ma'ê-ahĩ iko*

‘ele está sempre doente’ (BOUDIN, 1966, p. 276)

Note-se que à época de Boudin a expressão *twê'ar* era usada para indicar ‘cada dia’, uma combinação de *twê* ‘sempre’ e *'ar* ‘dia’. Essa combinação mais a posposição *rupi* dá origem ao advérbio *twê'a rupi* ‘diariamente’. Observe-se que, tanto em Tembé quanto em Guajajára, a expressão para indicar ‘a ação diária’ ou ‘todo dia’, ‘diariamente’ é *tueha rupi*. Essas formas podem ser um indicador do estágio anterior da partícula *tueha rupi*:

twêê > *twê'ar* > *twê'a rupi* > *tueha rupi*.
(sempre/'o habitual) (cada dia) (diariamente) sempre

4.2.2 O modo de ação Falhativo

Indica que a ação esteve a ponto de se realizar, mas não o foi.

Tembé

O modo de ação falhativo em Tembé e em Guajajára realiza-se por meio da partícula *tərj̃*. Observa-se que, na duas línguas, em quase todos os exemplos de que dispomos do uso dessa partícula, há a co-ocorrência desta com a partícula *kwej*, indicadora de aspecto realizado. A co-ocorrência dessas partículas traz a noção de ‘quase realizado’.

A partícula *tərj̃*

Exemplos:

1268. *a-duka tərj̃ arapuha kwej*
1-matar FALH1 veado RLZ
‘quase eu matei o veado’
1269. *he Ø-tfiɽu tərj̃ urukuku kwej*
1 3-morder FALH1 surucucu RLZ
‘quase a surucucu me morde’
1270. *əmən he pih̃k tərj̃ kwej*
chuva 1 3-pegar FALH1 RLZ
‘quase a chuva me pegava’
1271. *uru Ø-jar pip̃k tərj̃ kwej*
13 R¹-canoa virar FALH1 RLZ

‘quase a nossa canoa virava’

1272. *apihik tərj wira:miri kwej*
1-pegar FALH1 passarinho RLZ
‘quase eu peguei o passarinho’

Guajajára

Em Guajajára o modo Falhativo é realizado tanto por meio da partícula *tərj*, quanto por meio desta acompanhada da partícula *zepe*. Boudin (1966, p. 325) traduziu a partícula *zepe* como ‘mesmo’, ‘ainda’, ‘ação não terminada’ ‘deixar de’, ‘contudo’, ‘até mesmo’, ‘por enquanto’. Nota-se que o Guajajára junta partículas que expressam noções aproximadas para expressar o modo de ação Falhativo. A partícula *tariwê* é traduzida por Boudin (1966, p. 242) com o significado de ‘falta pouco’, ‘perto (distância, peso), ‘falta ainda’ e a combinação de *tariwê* + *a’i* é traduzida por ele como ‘por pouco’.

A combinação de *tərj* + a partícula *a’i*

Exemplos:

1273. *he Ø-pihik tərj a’i əmən kwez*
1 3-pegar FALH1 chuva RLZ
‘quase a chuva me pegou’

A combinação de *tərj* + *zepe*

1274. *ti-puka tərj zepe kwez*
12-rir FALH1 N.CONC RLZ
‘quase nós ríamos’

1275. *ti-məno tərj̃ zepe kwez*
 12-morrer FALH1 N.CONC RLZ
 ‘quase nós morríamos’
1276. *u-mu-ək̃im tərj̃ zepe əmən Ø-maʔe:maʔe*
 3- CAUS -molhado FALH1 N.CONC chuva R¹- coisa:coisa
 ‘quase a chuva molhava a roupa’
1277. *u-eraha tərj̃ zepe zawar Ø-maʔe:roʔoker kwez*
 3-levar FALH1 N.CONC cachorro R¹- coisa:carne RLZ
 ‘quase o cachorro levava a carne’
1278. *u-zuka tərj̃ zepe he Ø-men arapuha kwez*
 3-matar FALH1 N.CONC 1 R¹-marido veado RLZ
 ‘quase o meu marido matou o veado’

A combinação de *tərj̃ aʔi* + *zepe*

1279. *he Ø-p̃h̃ik̃ tərj̃ aʔi zepe əmən kwez*
 1 3-pegar FALH1 N.CONC chuva RLZ
 ‘quase a chuva me pegou’

Em Guajajára o falhativo também pode ser expresso pela combinação das partículas *ete* + *aʔi* que também podem vir acompanhadas da partícula *zepe*. Verificamos em Boudin (1966, p. 50) o registro do sufixo –*été* cujo significado é: ‘estar prestes a’, ‘estar para’, ‘estar pronto para’, entre outros. A seguir exemplos do Guajajára.

Exemplos:

A combinação de *ete* + *aĩ*

1280. *u-ak ete aĩ kanu kwej*
3-virar FALH2 canoa RLZ
'quase a canoa virou'

1281. *a-ɔar ete aĩ kwez ihe*
1-cair FALH2 RLZ 1
'quase eu caía'

A combinação de *ete aĩ* + *zepe*

1282. *a-ha ete aĩ zepe rakwez karu mehe ihe riĩ*
1-ir FALH2 N.CONC AT-REC no final da tarde 1 AFIRM
'quase eu vou embora ontem'

1283. *a-ker ete aĩ zepe zeɲar-haw- pe*
1-dormir FALH2 N.CONC cantar-NOM6 -LOC
'quase eu dormia no culto ontem'

1284. *u-mu-əkɪm ete aĩ zepe əmən Ø-maʔe:maʔe*
3- CAUS –molhado FALH2 N.CONC chuva R¹-coisa:coisa
'quase a chuva molhava a roupa'

1285. *u-zuka ete aĩ zepe he Ø-men arapuha kwez*
3-matar FALH2 N.CONC 1 R¹-marido veado RLZ

‘quase o meu marido matou o veado’

1286. *ti-puka ete aʔi zepe kwez*
12-rir FALH2 N.CONC RLZ
‘quase nós ríamos’

1287. *za-məno ete aʔi zepe kwez*
12-morrer FALH2 N.CONC RLZ
‘quase nós morríamos’

A combinação de *ete aʔi* + *təɾij* *zepe*

É possível a co-ocorrência das duas partículas como mostra o exemplo a seguir:

1288. *a-ker ete aʔi təɾij zepe zeŋar-haw -pe*
1-dormir FALH2 FALH1 N.CONC cantar- NOM6-LOC
‘quase eu dormia na cantoria ontem’

1289. *a-ker ete aʔi təɾij zepe zeŋar-haw -pe*
1-dormir FALH2 FALH1 N.CONC cantar- NOM6-LOC
‘quase eu dormia no culto ontem’

Nota-se que o Guajajára, diferente do Tembé, realiza o modo Falhativo por meio de duas expressões básicas *təɾij* e *ete aʔi* que podem combinar-se entre si ou podem ser acompanhadas da partícula *zepe*. O Tembé, por sua vez, utiliza-se apenas da partícula *təɾij*.

4.2.3 O modo de ação Lusivo

Indica que a ação é realizada sem obrigatoriedade, sem um propósito claro e definido que leve à realização da ação.

Tembé

Em Tembé o modo de ação lusivo é expresso por meio da partícula *teʔen ahi~teʔen ahi*.

Exemplos:

1290. *a-dapo teʔen ahi*

1-fazer LUS

‘eu fiz o colar’ (fiz por fazer, sem obrigação)

1291. *a-ha e teʔen ahi te-koko*

1-ir M.DISC. LUS 1-estar.em.mov.

‘eu viajei a Paragominas’ (viajar por viajar, sem a obrigação de fazê-lo)

1292. *momor teʔen ahi a-iko-ə*

jogar LUS 1-estar.em.mov.

‘eu joguei bola’ (jogar sem a obrigação de fazê-lo)

Guajajára

O modo lusivo em Guajajára é expresso por meio da expressão *eitik ahi* significando ‘à-toa’, ‘sem compromisso’, ‘sem obrigação’.

1293. *a-zapo eitik ahi*

1-fazer LUS
'eu fiz o colar' (por fazer, sem obrigação)

1294. *a-ta eitik ahi Ø-eko kwej*
1-andar LUS 1corr-estar em mov. RLZ
'eu andei à-toa' (sem compromisso, sem obrigação)

1295. *o-ho eitik ahi Ø-iko kwej*
3-ir LUS 3-estar.em.mov. RLZ
'ele foi à toa' (sem compromisso, sem obrigação)

A expressão deste modo de ação é mais uma diferença entre o Tembé e o Guajajára. Boudin (1966, p. 248) registra a palavra *te'ên* significando 'qualquer, indeterminado', 'inqualificável', 'a-toa' e a combinação desta com a partícula *ahi* *te'ên-ahi* com o significado de 'de repente', 'a-toa', 'sem motivo aparente', 'sem motivação', 'sem pensar', 'qualquer'. Nota-se que o Tembé ainda conserva essa partícula com o mesmo significado, enquanto que o Guajajára ainda mantém a noção aspectual, porém expressando-a de forma diferente.

4.2.4 O modo de ação Atenuativo

Tembé

pitik ~ pitik aʔ

O modo atenuativo do Tembé faz-se pelo uso da partícula *pitik aʔ*.

Exemplos:

1296. *u-majʔu pitik aʔ aʔe r-upi n-uikəŋ kwaw*

3-comer ATN ele R¹-por NEG -força- NEG

aʔe wə kurí

ele PL agora

‘eles comem pouco, por isso estão fracos’

1297. *pe-ŋaiw pe-iko pe Ø majʔu-haw pitik aʔi*

23-magro 23-estar.em.mov. 23 R¹- comer-NOM6 ATN

‘vocês estão magros, porque comem pouquinho’

1298. *kwei Ø-tuaʔu aʔi u-puraki pitik aʔi*

aquele-vis R¹-velho ATN 3-trabalhar ATN

‘aquele velhinho trabalha bem pouquinho’

Em Tembé a partícula *pitik* também exprime a noção de ‘nada’, ‘nunca’. Nota-se que, ao exprimir tal noção, não é acompanhada da partícula *aʔi*.

1299. *n a-pʔímu-j pitik kwaw*

NEG 1-fumar- NEG ATN NEG

‘eu nunca fumei’

1300. *aʔe wə n umenar pitik*

ele PL NEG casar ATN

‘eles nunca casaram’

1301. *pe-a nu pe-dahak pitik kwaw ʔi r-upi*

23-ARG NEG 23-tomar.banho ATN NEG água R¹-em

‘vocês nunca tomaram banho no Gurupi’

Guajajára

Em Guajajára o atenuativo também é expresso por meio da partícula *pitik* ~ *pitikaĩ*.

pitik aĩ

Exemplos:

1302. *aʔe u-ʔu pitik aĩ*
ele 3-comer ATN
'ele comeu pouco'

1303. *a-ʔu kwez pitik aĩ ihe*
3-comer RLZ ATN 1
'eu comi pouco'

1304. *o-momor:momo kwej pitik aĩ aʔe*
3-jogar:jogar RLZ ATN ele
'ele joga pouquinho'

1305. *he r-emiʔu h-eta t-ipj-me zo*
1 R¹-comida R²-ter R⁴-casa-LOC somente

pitik aĩ aʔe
ATN ele
'eu tenho só um pouquinho de farinha'

1306. *a-mono tar i-peheɽwer pitik aʔ ne-we*
 1-dar PROJ2 R²-pedaço ATN 2 -DAT
 ‘eu vou dar um pouquinho para você comer’
1307. *∅-maʔa: rukwer a-muɽa:muɽa piti:pitik aʔ kwej*
 R¹- coisa:carne 1-cortar:cortar ATN RLZ
 ‘eu cortei a carne em pedacinhos’
1308. *takihe pitik aʔ*
 faca ATN
 ‘faca pequena’
1309. *i-kwə pitik aʔ*
 dedo ATN
 ‘dedo fino’
1310. *∅-pe pitik aʔ*
 R¹- caminho ATN
 ‘caminho estreito’

Assim como no Tembé, em Guajajara a partícula *pitik* ~ *pitik aʔ* também pode ser usada para expressar a noção de ‘nada’, ‘nunca’. Embora, ao exprimir tal noção, possa aparecer acompanhada da partícula *aʔ*, é mais comum que ocorra sem a presença desta.

1311. *n u-majʔu pitik kwaw aʔ-ə rih*
 NEG 3-comer ATN NEG INT 7-ARG IMPF
 ‘ele ainda não comeu nada’

1312. *ihe n aruríw pitik kwaw*
 1 NEG estar.alegre ATN NEG
 ‘eu não tenho alegria’

1313. *n a-reharaj pitik kwaw*
 NEG 1-esquecer ATN NEG
 ‘eu não vou esquecer nunca do meu filho’

4.2.5 O modo de ação Frequentativo

Tembé

O modo de ação freqüentativo em Tembé é expresso, principalmente, por meio de reduplicação de temas (verbais ou nominais) e também por meio de partícula. A seguir mostramos as duas estratégias para a realização desse modo.

4.2.5.1 O modo de ação freqüentativo por meio de reduplicação

Os exemplos mostram os temas com e sem reduplicação.

Exemplos:

-píhík ‘pegar’, ‘segurar’

1314. *kwaharer u-tfij kwej t-ípíj-me u-hi*
 menino 3-entrar RLZ R¹-casa- LOC R⁴-mãe

r-opoj 0-píhík pə
 R¹-roupa 3- pegar GER

‘o menino entrou na casa segurando a saia da mãe’

-p̄ih̄i-p̄ih̄ik ‘apalpar’, ‘pegar repetidas vezes’

1315. *∅-pohaŋ-mono-har* *u-p̄ih̄i:p̄ih̄ik* *he* *əj*
R¹-remédio-dar- NOM4 3-pegar:pegar 1 garganta
‘o médico apalpou a minha garganta’

-zupin – zepin ~ dapin ~ depin ‘raspar’

1316. *a-depin* *∅-amutaw*
1-raspar R¹- bigode
‘eu raspei o bigode’

-zepin:pin ~ depin:pin ‘descamar’

1317. *∅-pira* *zepin:pin* *te-koko*
R¹-peixe descamar:descamar 1-estar.em.mov.
‘eu estou tratando o peixe’ (tirando as escamas)

-piroŋ ‘pisar’

1318. *a-piroŋ* *kaʔa piʔi* *∅-akim* *ukwer* *r-ehe*
1-pisar capim R¹-molhado RETR R¹-em.relação.a
‘eu piso no capim molhado’

-piro:piroŋ ‘pisotear’, ‘pisar freqüentes vezes’

1319. *a-piro:piroŋ* *kaʔa piʔi* *r-ehe*
1-pisar:pisar capim R¹-em.relação.a
‘eu pisoteei o capim’

1320. *ihe a-piro:piroŋ he-ə*
1 1-pisar:pisar 1-ARG
'eu fiz embaixadas' (com a bola)

-por 'pular'

1321. *kwaharer o-por Ø iko*
menino 3-pular 3-estar.em.mov.
'o menino estava pulando'

-po:por 'pular várias vezes'

1322. *kwaharer o-po:por Ø iko*
menino 3-pular:pular 3-estar.em.mov.
'o menino pula várias vezes'

-ruak 'virar'

1323. *a-ruak maper*
1-virar caderno
'eu virei a folha do caderno'

1324. *a-ruak paratu*
1-virar prato
'eu virei o prato'

-rua:ruak 'revirar', 'virar várias vezes'

1325. *a-rua:ruak* *íwí*
1-virar:virar terra
'eu vou revirar a terra' (para o plantio)

-tʃiɽu 'morder'

1326. *a-tʃiɽu* *akazu* *kwej*
1-morder caju RLZ
'dei uma mordida no caju'

-tʃiɽu:tʃiɽu 'mastigar', 'morder várias vezes'

1327. *a-tʃiɽu:tʃiɽu* *Ø-maɽe-rokwer*
1-morder:morder R¹-coisa-carne
'eu mastiguei a carne várias vezes'

-depopetek 'bater palmas'

1328. *kwaharer* *u-depopetek* *kwej* *no*
menino 3-bater.com.as.mãos RLZ REP
'o menino bateu palmas de novo'

-depopete:petek 'bater palmas'

1329. *kwaharer* *u-depopete:petek* *kwej*
menino 3-bater.com.mãos:bater.com.as.mãos RLZ
'o menino bateu palmas várias vezes''

-tikir 'pingar'

1330. *tikír* *ji-əŋ* *ʔi*
pingar este-sentado água
'está pingando'

-tiki-tikír 'pingar ininterruptamente'

1331. *tiki:tikír* *Ø-ijĩ*
pingar:pingar 3-estar.sentado
'pingar muitas vezes'

4.2.5.2 O modo de ação Freqüentativo por meio de partícula

Embora menos freqüente, em Tembé, o freqüentativo também pode ser realizado por meio de partícula:

Por meio de partícula

A partícula *pitik*

1332. *u-por* *pitik*
3-pular INT8
'pular muitas vezes'

1333. *a-ʔar* *pitik* *we* *he*
1-cair INT8 CONT 1
'eu caí muitas vezes'

A partícula *tete aʔu*

1334. *u-mukun tete aʔu*
3-engolir INT¹ INT⁴
'ele engoliu muitas vezes'

É possível encontrar, ainda, o modo de ação freqüentativo expresso por meio de reduplicação e partícula.

1335. *a-po:apor tete aʔu he*
1-pular:pular INT¹ INT⁴ 1
'eu dei muito saltos'

Guajajára

Em Guajajára, assim como em Tembé, o freqüentativo realiza-se por meio de reduplicação.

Exemplos:

məran 'quanto/quantos'

1336. *məran ʔar h-aku aʔe*
quanto dia R²-quente esse
'quantos dias está com febre?'

mə:məran 'quantas e quantas vezes'

1337. *u-itʃe tue o-ho umə:məran Ø-katu-haw*
3-entrar HAB1 3-ir quanto:quanto R²-bom- NOM6

r-upi kaʔa pei wə
 R¹-em mata em PL
 ‘eles entraram várias vezes na mata’

-nupə ‘bater’

1338. *moj a-nupə kwej*
 cobra 1-bater RLZ
 ‘eu bati na cobra’

-nupə:nupə ‘bater várias vezes’

1339. *moj a-nupə:nupə kwez*
 cobra 1-bater:bater RLZ
 ‘eu bati várias vezes na cobra’

1340. *a-nupə:nupə məən-haw Ø katu*
 1-bater:bater quanto- NOM6 R¹-bom
 ‘eu bati várias vezes na cobra’

Em Guajajara o freqüentativo com idéia de seqüenciamento também dá-se por meio de reduplicação.

-ʔar ‘cair’

1341. *aʔe u-ʔar iwí-pe kwej no*
 ele 3-cair solo-LOC RLZ REP
 ‘esse caiu de novo’

-ʔar:ʔar ‘cair em sequencia’

1342. *i-hiaŋu ete Ø-maŋe h-əj u-ŋar:uŋar amo i-zuŋ no*
 R²-velha INT3 R¹-coisa R²-dente 3-cair:cair outro R²-de REP
 ‘os dentes da velhinha caíram um após o outro’

pitəŋ ‘um’

1343. *h-eta pitəŋ zawar pəri Ø-pupe*
 R²-ter um cachorro quintal R¹-dentro
 ‘tem um cachorro no quintal’

pitəŋ:təŋ ‘um a um numa sequência’

1344. *kuzə təŋ ŋwer u-hem pitəŋ:təŋ Ø-katu-haw r-upi*
 menina COL 3-sair um:um R¹-bom- NOM6 R¹-por
 ‘as crianças saíram uma após a outra’

1345. *kuzə təŋ wer u-ijfe:tfe tue zuə t-ɪpʃ Ø-pupe*
 menina COL 3-entrar:entrar HAB1 PL R-casa R¹-dentro
- pitəŋ:təŋ Ø-katu-haw r-upi*
 um:RED R¹-bom- HAB1 R¹-por
 ‘as crianças sempre entram muito bem uma após outra na casa’

O registro de Cyriaco Baptista

Encontramos nos dados de Ciryaco Baptista os seguintes exemplos que mostram o modo freqüentativo sendo realizado por meio de reduplicação.

Exemplos:

<i>pirâr-pirâr</i>	abrir	(p.358)
<i>tirôtirô</i>	brigar	(p.358)
<i>pyrôapirông</i>	pizar muitas vezes	(p.360)
<i>póupór:</i>	saltar muitas vezes	(p.360)
<i>zyũzyũyĩr</i>	voltar muitas vezes	(p.360)
<i>motôhôtôhôry:</i>	sacudir muitas vezes	(p.360)

O registro de Boudin

Em Boudin, os exemplos a seguir também são indicadores da reduplicação usada para o modo freqüentativo.

1346. *zé'êng ahĩ-ahĩ wê*

‘ ralhar, injuriar alguém’ (BOUDIN, 1966, p. 309)

1347. *pĩro-pĩrông*

‘ pisotear’ (BOUDIN, 1966, p. 201)

4.2.6 O modo de ação Intensivo

Tanto em Tembê quanto em Guajajára o modo intensivo pode manifestar-se por meio de partícula, por meio de reduplicação e por meio de composição com o tema - *katu*.

4.2.6.1 O modo de ação intensivo por meio de partícula

Tembé.

4.2.6.1.1 A partícula *tete*

Exemplos:

1348. *pe-zařfo tete ařu*
23-chorar INT1 INT4
'vocês choram muito'

1349. *zane ti-majřu tete zane Ø-křra Ø-katu ram i*
12 12-comer INT1 12 R¹-gordo R¹-bom PROJ1 INDII
'nós comemos bastante para ficar fortes'

1350. *kwei Ø-tuařu ař u-rřřj tete*
aquele-vis R¹-velho ATN 3-tremer INT1
'aquele velhinho se tremia todo'

1351. *purumuře-maře u-rřřj tete ařu o-ho*
ensinar- NOM2 3-tremer INT 1 INT 4 3-ir

mehe Brasili-pe

SUB Brasília-LOC

'a professora treme de frio quando vai a Brasília'

1352. *ko-pe ihe a-purakř mehe i-pirakor tete ařu*
roça-LOC 1 1-trabalhar SUB R²-suor INT1 INT4

‘quando eu trabalho na roça eu suo demais’

1353. *iwɨtu tete a-mu-pɨhawe a-ker Ø-katu ram i*
vento INT 1 1-CAUS-madrugada 1-dormir R¹-bom PROJ1 INDII
‘tomara que dê um vento forte hoje à noite pra eu dormir bem!’

Guajajara

Exemplos:

1354. *ne ere-zajɔ Ø-ɔam tete aɔu*
2 2-chorar 2-estar.em.pé INT1 INT4
‘você está chorando demais’

1355. *so i-azutɨk aɨ h-eta tete aɔu*
só sozinho INT4 R²-ter INT1 INT4
‘só eu vim torrar farinha’

1356. *u-dziapumɨ:pumɨ tete aɔu*
3-piscar:piscar INT1 INT4
‘o menino pisca muito’

1357. *u-pɨhɨk tete aɔu ko muɨr Ø-maɨe r-awer*
3-pegar INT1 INT4 este-próx. colar R¹-coisa R¹-pena
‘nesse colar leva muita pena’

1358. *wi kwaharer i-əkəŋ u-kəɔj*

aquele.em.pé/deit menino R²-cabeça 3-arranhar

i-əkəŋ inə-j

R²-cabeça sentado-ind.II

‘aquele menino está coçando a cabeça’

1359. *i-kuʔem tete kwej kwaharer u-zajʔo mə*
R²-manhã INT1 RLZ menino 3-chorar GER
‘o menino chorou a noite todinha’

1360. *na i-maʔe tete aʔu kwaw kwej kuzə təʔi aʔe*
NEG R²-coisa INT1 INT4 NEG RLZ menina esse

mərən zo h-eta i-zupe aʔe
quanto somente R²-ter R²-para esse
‘aquela menina tem pouquinha roupa (não tem muita roupa)’

1361. *h-eta i-kɨw tete aʔu i-əkəŋ r-ehe*
R²-ter R²-piolho INT1 INT4 R²-cabeça R¹-em.relação.a
‘tem muito piolho na cabeça dela’

O registro de Boudin

Boudin registra a partícula *tetê* com o significado de ‘muito mesmo’, ‘demais’, ‘excessivamente’ e os exemplos ilustrativos do uso dessa partícula são os seguintes:

Exemplos:

1362. *u-zé'ēng(é)-tété*
 'ele fala demais' (BOUDIN, 1966, p. 261)

1363. *a-réko-tété*
 'tenho muito' (BOUDIN, 1966, p. 261)

4.2.6.1.2 A partícula *ahi*

Tembé

Exemplos:

1364. *akwez Ø-hiaꞤu ete h-uitfaꞤ ahi aꞤe*
 aquela.inv. R¹-velha INT1 R²-frio INT2 esse
 'aquela velhinha está com muito frio'

1365. *u-pĩnk nare:narew ahi*
 3-dançar depressa:depressa INT2
 'o dançar dela é agitado'

1366. *i-puraꞤ ete ahi o-ho piꞤhawe*
 R²-bonito INT3 INT2 3-ir manhã
 'é bom sair cedo'

1367. *i-katu ahi tue re-dewĩr ram he r-eko-haw -pe*
 R²-bom INT2 HAB1 voltar PROJ 1 R¹-aldeia- NOM6 -LOC
 'é importante que você volte pra minha aldeia'

1368. *a-majʔu tete ahi r-ikətəŋ ahi kurɨ*
 1-comer INT1 INT2 R¹-satisfeito INT2 agora
 ‘eu comi até ficar cheio’
1369. *i-katu ahi*
 R²-bom INT2
 ‘legal! Bacana!Muito bem!’
1370. *ihe a-ha kwej pihaw ete ahi*
 1 1-ir RLZ manhã INT3 INT2
 ‘eu saí desde manhã’
1371. *daniro rimaw ru ramo iro ahi*
 andiroba limão com amargo INT2
 ‘andiroba com limão é muito ruim(amargo)’
1372. *n a-riko-j ete ahi t-emi-ʔu-a*
 NEG ter- NEG INT3 INT2 R- NOM1-comer- ARG
 ‘eu estou sem comida’
1373. *i-kuhem-ahaw Ø-zemomɨk ahi*
 R²-gemer- NOM6 R¹-triste INT2
 ‘o gemido dele foi muito triste’
1374. *e-ʔu zo akazu r-aku ahi-a nehe*
 IMP-comer NEG caju R¹-quente INT2 INT
 ‘não vai comer caju quente’

Guajajára

Exemplos:

1375. *Darly u-zapo i-katu ahi kumana aʔe*
 Darly 3-fazer R¹-bom INT2 feijão ele
 ‘Darly faz muito bem o feijão’

1376. *Tatirene u-zamutar Ø-katu ahi aʔe n ait#rik*
 nome.próprio 3-gostar R¹-bom INT2 ele NEG afastar

wer kwaw i-zui
 HAB4 NEG R²-dele
 ‘a Darcilene não gosta de se afastar muito da mãe dela’

1377. *pəw tətə ahi kuri*
 pão duro INT2 agora
 ‘o pão estava duro’

1378. *kwej kwaharer na i-puraŋ ete ahi kwaw aʔe*
 aquele.vis menino NEG R²-bonito INT3 INT2 NEG esse
 ‘aquele menino é feio’

1379. *kwej zawar na ipuraŋ ete ahi kwaw-ə*
 aquele.vis cachorro NEG bonito INT3 INT2 NEG – ARG
 ‘aquele cachorro é feio (não é bonito)’

1380. *kuzə təʔi i-aŋaiw ahi tue*
 menina R²-magro INT2 HAB1

‘a menina é sempre magrinha, magrinha, magrinha...’

1381. *kutəri ʔar h-aku ahi h-aku:aku* INT2 *aipo*
hoje dia R²-quente INT2 R²-quente:quente INT2 INF
‘o dia está quente, quente’

1382. *kwarahi h-aku ah:ahi zane*
sol R²-quente INT2:RED 12
‘o sol está muito quente para nós’

1383. *kwarahi ahi zane-we aipo*
sol INT2 12-DAT INF
‘o sol está muito quente para nós’

1384. *aʔe Ø-ur Ø naʔarew ahi wə*
ele 3-vir R¹-pressa INT2 PL
‘eles vieram com muita pressa’

1385. *e-r-uríw ete ahi*
2IMP- R¹-alegre INT3 INDII
‘alegre-sel!’

1386. *kwarahi ahi zane we aipo*
sol INT2 12-DAT INF
‘o sol está muito quente’

1387. *kutəri h-uitaŋ ahi wer aʔu aipo zane-we*
 hoje R²-estar.frio INDII DES INT4 INF 12- DAT
 ‘hoje está frio, frio, frio...’

Em Cyriaco Baptista há registro do modo intensivo realizado por meio da partícula *ahi* (*ahy* na representação do autor), como permitem confirmar os exemplos a seguir:

Exemplos:

1388. *Umanãzauê zêkuêhê turicó ijupé. Aeupé yũȳpétéahy iâhi ihiui*
 ‘D’esta forma disque vinha vindo para elle. Lá bem baixinho está elle ahi
 disseram-as’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, 365)

- 1389 *ijupé. Ere! Ihi zêkuêhê zauarúhúá Zakerahy tueri hemuiripar!*
 ‘Para elle. Sim! Disse em certo tempo a onça Vamos dormir muito então
 companheiro’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, 377)

Em Boudin o morfema *ahi* do Tenetehára é definido como sufixo que contribui com o significado de intensidade como no exemplo seguinte:

1390. *pan pu’i-ahĩ*
 ‘pano muito fino’ (BOUDIN, 1966, p. 116)

4.2.6.1.3A partícula *ete*

Tembé

Exemplos:

1391. *∅-apui i-jiemusaraj- haw zekwehe i-puraŋ ete*
 3-dizer R¹-brincar- NOM6 PASS.MIT R²-bonito INT3
 ‘ela disse que a festa (a brincadeira) dela foi muito linda’

1392. *pe pe-reko t- uríw ete haw-ə*
 23 23-ter R-alegre INT3 NOM9- ARG
 ‘vocês têm muita alegria’

1393. *u-hem o-ho pñhaw ete ahí*
 3-chegar 3-ir de manhã INT3 I INT2
 ‘ela vai chegar de manhazinha’

1394. *Gwama r-upi-har u-kwaw ∅-zeʔeŋ-∅ ete*
 Guamá R¹-em- NOM4 3-saber 3-falar- INDII INT3

∅-iko-∅ wə

3corr-estar.em.mov. PL

‘no Guamá estão aprendendo (a falar) a língua’

1395. *ko he mukaw-ə i-píahu ete*
 este-próximo 1 espingarda- ARG R²-novo INT3
 ‘a minha espingarda está novinha’ (próxima do falante, visível)

Guajajara

Exemplos:

1396. *he r-uríw ete Ø-iko ihe*
 1 R¹-alegre INT3 3-estar.em.mov. 1
 ‘eu estou alegre’
1397. *aʔe h-uríw ete Ø-iko enõj*
 ele R²-alegre INT3 3-estar.em.mov. também
 ‘ele também está alegre’
1398. *i-híaʔu i-kuhem kuʔem kat-ete pihaw*
 R²-velha R²-gemer manhã bem-INT3 noite
 ‘a velhinha gemeu a noite todinha’
1399. *pihawe ete ahí a-ha a-putar ihe*
 manhã INT3 INT2 1-ir 1-querer 1
 ‘de manhã eu vou’
1400. *karuk ete i-mehe awa u-hem*
 tarde INT3 R¹-SUB homem 3-sair
 ‘de tardinha o homem saiu’
1401. *a-ker ete kwej zejʔar-haw Ø-pe*
 1-dormir INT3 RLZ cantar- NOM6 R¹-LOC
 ‘eu dormi muito no culto’
1402. *akwez Ø-híaʔu ete h-uitʔaʔ ahí aʔe*
 aquele-inv R¹-velha INT3 R²-frio INT2 esse
 ‘aquela velhinha está com muito frio’

1403. *ʔaw kuzə təʔi i-kat-ete ahi tar riʔi*
 este-deit/em.pé menina R²-bem- INT3 INT2 PROJ2 AFIR
 ‘esta menina vai ser bonita’

Um exemplo extraído de Boudin mostra a partícula *-été* com o significado de ‘muito’, ‘bastante’:

1404. *huri(w)-été*

‘êle está muito alegre’ (BOUDIN, 1966, p. 50)

4.2.6.1.4 A partícula *aʔu*

1405. *re-mukun tete aʔu Ø-maʔe e-mono*
 2-engolir INT1 INT 4 R¹-coisa 2-mandar
 ‘você engoliu (muitas coisas)’

1406. *u-mukun tete aʔu*
 3-engolir INT1 INT4
 ‘ele engoliu muitas vezes’

1407. *a-ʔu tete aʔu kwehe Ø-pira*
 1-comer INT1 INT4 vez R¹-peixe
 ‘eu comi várias vezes aquele peixe’

1408. *er-ew aʔu mehe a-ha nehe*
 dizer INT4 SUB 1-ir INTEN

‘(diz que) daqui a pouco eu vou’

1409. *ti-pĩuʔu aʔu rihi zane Ø-kaneʔu upaw ram i*
12-parar INT4 IMPF 12 R¹-estar.cansado CES PROJ1 INDII
‘vamos parar para o nosso cansaço acabar’

1410. *e-ze-mutĩr aʔu he wi zawar*
2IMP-REF-afastar-se INT4 1 de cachorro
‘passa!’ (enxotando o cachorro)

1411. *tenetehara upaw aʔu o-ho ram aipo*
Tenetehára todos INT4 3-ir PROJ1 INF
Paragomin-pe bol Ø-momor u-resak pə
Paragominas-LOC bola 3-jogar 3-ver GER
‘quase todos os Tembê vão para Paragominas ver os jogos’

Guajajara

Exemplos:

1412. *u-tĩki:tĩkĩr wer aʔu vi ʔi-ə upaw*
3-pingar:pingar HAB4 INT4 aquele.sent. água-ARG CES

taʔu we
INT4 CONT

‘a torneira pingou a manhã todinha’

1413. *naipi teko mujte-uhar nape Ø-kĩhaw*

aquele-em.pé/deit. pessoa longe-NOM4 aquele-em.pé/deit R¹-rede

∅-pupe wi no i-maʔe ahĩ mar aʔu
R¹-dentro REP REP R²-doente INT5 INT4

∅-maʔe ahĩ tete aʔu-i
R¹-doente INT1 INT4

‘aquela pessoa, lá...longe, dentro da rede está muito doente, mas muito doente’

1414. *u-pihĩk tete aʔu ko ∅-muĩr ∅-maʔe r-awer*
3-pegar INT1 INT4 este.próx. R¹-colar R¹-coisa R¹-pena
‘nesse colar leva muita pena’

1415. *u-zemumĩk aʔu zepe aʔe*
3-triste INT4 mesmo ele
‘ele está triste’

1416. *he r-aku wer aʔu apo*
1 R¹-estar.quente HAB4 INT4 INF
‘eu estou com muita febre’

1417. *h-eta i-kĩw tetê aʔu i-əkəŋ r-ehe*
R²-ter R²-piolho INT1 INT4 R²-cabeça R¹-em.relação.a
‘tem muito piolho na cabeça dela’

1418. *na he ∅-katu aʔu kwaw*
NEG 1 R¹-bom INT4 NEG

‘eu não estou muito bom’

Boudin define esta partícula *aʔu* como sufixo verbal com o sentido de ‘imaginar’, ‘supor’, mais usado como comparativo dos adjetivos, substantivos, verbos e advérbios: ‘mais’, ‘ainda mais’, ‘melhor’, ‘mais um pouco’.

1419. *mêwê-a’ú*
‘mais devagar’ (BOUDIN, 1966, p. 39)

1420. *katu-a’ú*
‘bastante bom, melhor’ (BOUDIN, 1966, p. 39)

1421. *aputar-a’ú*
‘desejo, gostaria de...’ (BOUDIN, 1966, p. 39)

4.2.6.1.5 A partícula *mar* ~ *mar aʔu*

Tembé

Exemplos:

1422. *he r-uitfaŋ mar aʔu*
1 R¹-frio INT5 INT4
‘meu frio é demais’

1423. *kuzə ɪpwer u-ʔu mar aʔu kwej*
ela COL 3-comer INT5 INT4 RLZ

‘as mulheres comeram muito, muito’

Guajajára

Em Guajajára a partícula *mar* tem as seguintes realizações: *mar* ~ *mar aʔu* ou *mar zaʔu*.

1424. *he puru-ʔu wer mar za-ʔu*
1 GEN-comer HAB4 INT5 13-comer
‘eu quero comer muito’

t-emi-ʔu r-ehe
R- NOM1-comer R¹-em.relação.a
‘eu quero comer muito’

1425. *he puruʔu wer:wer aʔu t-emi-ʔu r-ehe*
1 comer HAB4: HAB4 INT4 R⁴- NOM1-comer R¹-.relação.a
‘eu como muito (tenho o hábito de comer) comida’

1426. *he u-ʔu mar pʔhaw*
1 1-tossir INT3 madrugada
‘eu tossi muito ontem à noite’

1427. *idzuʔu mar ihe Ø memʔ pʔhaw*
3-tossir INT5 1 R¹-filho.de.mulher madrugada
‘o meu filho tossiu muito de manhã’

1428. *zane r-uitfaŋ mar aʔu*

12 R¹-frio INT5 INT4

‘nós estamos com muito frio’

1429. *naipe teko mujte- uhar nape Ø- kîhaw*
aquele.em.pé/deit. pessoa longe- NOM4 aquele.em.pé/deit. R¹- rede

Ø- pupe we no i-maʔahî mar aʔu
R¹- dentro REP REP R²-doente INT5 INT4

Ø-maʔe ahî tete aʔu-i
R¹-doente INT1 INT4-INDII

‘aquele homem, deitado na rede está muito doente’

1430. *wi ʔi u-tîkî:tîkîr mar aʔu ʔi*
aquele.sent. água 3-pingar:pingar INT5 INT4 água

wi ʔi-ə pe-zapo Ø-katu wi ʔi-əj
aquele.sent. água-ARG 23-fazer R¹-bom aquele.sent. água-ARG-ENF
‘a torneira pingou muito..... a manhã todinha’

4.2.6.1.6 A partícula *pitik* ~ *pitik aʔ*

Tembé

Exemplos:

1431. *a-wekar pitik Ø-maʔe Ø-iwa n a-esak*
1-procurar INT6 R¹-coisa R¹-semente NEG 1-ver
‘procurei muito sementes, mas não encontrei’

1432. *aʔe r-upi u-dajʔo pitik kwej*
 ele R¹-por 3-chorar INT6 RLZ
 ‘por isso ele chorou muito ontem’
1433. *kwaharer u-ʔar Ø-iko iwí -pe u-dajʔo pitiki*
 menino 3-cair 3-estar.em.mov. solo -LOC 3-chorar INT6
 ‘quando o menino caía, o menino chorava muito’
1434. *ru-ata pitik aʔi r-upi ru-kaneʔo da-jko kurí*
 13-andar INT6 R¹-por 13-cansado 12-estar.em.mov. agora
 ‘nós andamos demais, por isso estamos cansados’
1435. *a-witaw pitik aʔi pe karu mehe karu kutír*
 1-nadar INT6 lá ontem à tarde
 ‘eu nadei muito (lá) no rio ontem à tarde’
1436. *a-majʔu pitik aʔi r-upi ihe Ø-kíra Ø-katu kurí*
 1-comer INT6 R¹-por 1 R¹-gordo R¹-bom agora
 ‘eu como muito, por isso estou gorda’
1437. *pe-híahem pitik aʔi r-upi pe-əj h-ahí kurí*
 23-gritar INT6 R¹-por 23- ARG R²-dor agora
 ‘vocês gritaram muito, por isso estão com dor de garganta’
1438. *ru-ata pitik aʔi r-upi ru-kaneʔo*
 13-andar INT6 R¹-por 13-cansado

da-jko *kuri*
12-estar.em.mov. agora
'nós andamos demais, por isso estamos cansados'

Em Tembé o uso da partícula *pitik* ~ *pitik aĩ* exprimindo tanto o intensivo quanto o atenuativo foi verificado tanto na fala dos mais velhos quanto na dos falantes mais jovens.

Guajajára

Em Guajajára não foram encontrados dados dessa partícula exprimindo o modo intensivo.

O registro de Boudin

Nos dados de Boudin a partícula *pitzik* ocorre com o significado de atenuativo e ele a define como 'pouco', 'em pequena quantidade', 'de jeito nenhum' (ou 'nadinha').

1439. *na-may'u-i* *pitzik-ahĩ*
'não comi de jeito nenhum' (BOUDIN, 1966, p. 205)

1440. *a-rêko* *pitzik-a'i* *mani'ók*
'tenho pouca mandioca' (BOUDIN, 1966, p. 205)

4.2.6.2 O modo de ação intensivo por meio de composição com o tema *katu*:

Tembé

Exemplos:

1441. *ere-zamutar-katu ure zeʔeŋ-haw-ə*
2-gostar-bem 13 falar- NOM6-ARG
‘você gosta bem de nossa língua?’
1442. *e-tfiʔu: tfiʔu-katu*
IMP-morder:morder-bem
‘mastiga direito a comida!’
1443. *pʰawe Ø-zapo ram kwarahĩ:rahĩ-katu ram pʰawe*
amanhã 3-fazer PROJ1 sol:sol-bem PROJ1 amanhã
‘com certeza vai fazer sol amanhã’
1444. *mituʔu:tuʔu-katu a-momor*
semana:semana-bem 1-jogar
‘toda semana eu jogo’
1445. *akwej i-hiəʔu-a n u-enu-katu-j*
aquela.inv. R²-velha-arg NEG 3-ouvir-bem-NEG
‘aquela senhora que estava aqui na janela não ouve bem’
1446. *e-mumeʔu-katu n a-punera a-ha kwaw -i*
IMP-explicar-bem NEG 1-poder 1-ir NEG -NEG
‘explique que eu não posso ir’
1447. *a-muʔuj wer-katu kwaharer Ø-ʔew*

1-pentear HAB4-bem menino R¹-cabelo
 ‘eu gosto muito (tenho por hábito) de pentear o cabelo das crianças’

1448. *i-ho wer-katu karai r-eko-haw -pe*
 R²-ir HAB4-bem não.índio R¹-aldeia- NOM6 -LOC
 ‘o branco tem o hábito de ir à cidade’

O intensivo por meio de composição com o tema *katu*

Guajajára

Exemplos:

1449. *u-zeŋar wer-katu Ø-maʔe*
 3-cantar HAB4-bem NOM2
 ‘aquele que canta muito (no sentido de bem)’

1450. *pɨnɨk wer katu maʔe*
 ‘aquele que dança muito’

1451. *Ø-maʔe Ø-zuka-katu maʔe*
 R¹-coisa 3-matar-bem NOM2
 ‘aquele que mata bem caça’

1452. *ure katu- katu -pe nehe*
 13 bem:bem -LOC INTEN
 ‘nós gostamos de vocês’

1453. *ker puahu wer-katu maʔe*
 sonhar HAB4-bem:bem NOM2
 ‘sonhador’
1454. *ukwaw kat-ete mukaw mopok-aw*
 3-saber R¹-bom-INT3 espingarda atirar- NOM6
 ‘aquele que atira bem’
1455. *uru-zamutar-katu zɬhar*
 13-gostar-bem açai
 ‘nós gostamos de açai’
1456. *i-deʔeŋ wer-katu apo-haw awiza iə-j*
 R²-cantar HAB4-bem fazer- NOM6 sabiá esse-INDII
 ‘aquele passarinho canta muito!’
1457. *Darly u-zapo-katu ahɨ kumana aʔe*
 Darly 3-fazer-bem INT2 feijão esse
 ‘Darly faz muito bem o feijão’
1458. *Tatirene u-zamutar-katu ahɨ aʔe na itɨɨk*
 nome.próprio 3-gostar-bem INT2 esse NEG afastar
- wer kwaw i-zui*
 HAB⁴ NEG R²-LOC
 ‘a Darcilene não gosta de se afastar muito da mãe dela’

1459. *aʔe u-peʔir- katu pəri Ø-pupe*
 ele 3-varrer-bem quintal R¹-dentro
 ‘ela varre bem dentro do quintal’

1460. *aʔe u-zemaraj -kat-ete tueha r-upi*
 ele 3-brincar-bem-INT3 HAB3 R¹-PER
 ‘ela brinca bem todo dia’

1461. *Darlene u-zeʔeŋ -kat-ete guajajara u-azeʔeŋ*
 Darlene 3-falar-bem-INT3 Guajajára 3-falar

r-upi aʔe

R¹-por esse

‘Darlene fala muito bem Guajajára’

O registro de Cyriaco Baptista

Nos dados de Ciryaco Baptista encontramos, tanto na lista de palavras quanto nos textos, exemplos do modo intensivo expresso pela combinação com o tema *katu*.

êruákátú: dobra bem (p. 361)

êmónó catú: guarda bem (p. 359)

1462. *Umaégatú zêkuêhê cuzãnguér-ua herâhâmêhê yuaté*
 ‘Olhavam bem disque mulheres as quando elle levou para cima.

Uhúkaré zépén

Dar-se comer p'ra foi' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

O registro de Boudin

Nos dados de Boudin, o tema *katu* também é registrado em composição com outros temas para a expressão do modo intensivo.

1463. *zé'ēngatu*

'falar bem, falar de um modo compreensível' (BOUDIN, 1966, p. 309)

4.2.6.3 O modo intensivo por meio de reduplicação

Tembé

Exemplos:

1464. *arapuha n-umí:umĵ kwaw Ø-amə*
veado NEG-mexer-se NEG 3-estar.em.pé
'o veado estava bastante quieto' 'o veado não se mexia'

-pĥun 'escuro' 'noite'

1465. *ihe a-zewĥr a-ha pe kurĭ pĥu: pĥun aĥ mehe*
1 1-voltar 1-ir lá agora noite:noite ATN SUB
'quando eu estava voltando, bem de noite'

-kwarahi 'sol'

1466. *ni?ĥm kwarahi: rahi ram aipo*
talvez sol:sol PROJ1 INF
'talvez vá fazer muito sol'

1467. *p̃hawē* *∅-zapō* *ram* ***kwarahi:rahi*** *∅-katu* *ram* *p̃hawē*
 amanhã 3-fazer PROJ1 sol:sol R¹-bem PROJ1 amanhã
 ‘com certeza vai fazer muito sol amanhã’

-puka ‘sorrir’

1468. *u-puka:puka* *∅-iko* *wə*
 3-sorrir-sorrir 3-estar.em.mov. PL
 ‘as mulheres estavam gargalhando na ramada’

-pumĩ ‘piscar’

1469. *kwaharer* *u-zəpumĩ:pumĩ* *Tetē*
 menino 3-piscar:piscar INT1
 ‘aquele menino está piscando demais’ (por causa de problema na vista)

1470. ***p̃ũ:p̃ũn*** *aʔe* *mehe*
 escuro:escuro esse SUB
 ‘ainda estava escuro’

Guajajára

Exemplos:

1471. *kwarahĩ* *h-aku* ***ahĩ:ahĩ*** *zane*
 sol R²-quente INT2: INT2 12
 ‘o sol está muito quente’

No exemplo acima nota-se que a partícula ***ahĩ*** que expressa o modo de ação intensivo pode ser reduplicada.

4.2.6.4 O modo de ação intensivo por meio de reduplicação e de partícula

Em Guajajára o modo intensivo também pode ser expresso por meio de reduplicação e partícula ao mesmo tempo como mostram os exemplos de 1472 a 1480.

Guajajára

Exemplos:

1472. *he* \emptyset -*ɾaw* ***u-tʃini:tʃiniŋ*** ***ahi*** *wə*
1 R¹-cabelo 3-seco:seco INT2 PL
'meus cabelos estão secos, secos' (demais secos)

1473. *kutəri* *ɾar* *h-aku* *ahi* ***h-aku:aku*** ***ahi*** *aipo*
hoje dia R²-quente INT2 R²-quente INT2 INF
'o dia está quente, quente...'/ 'o dia está demais quente'

1474. *kutəri* *h- uitaŋ* ***ahi:ahi*** *wer* *aɽu* *aipo* *zane* *we*
hoje R²-frio INT2: INT2 HAB4 INT4 INF 12 para
'hoje está frio, frio, frio...para nós'

1475. *kuzə təɽi* *u-majɽu* ***we:wer*** ***aɽu***
menina 3-comer HAB4: HAB4 INT4
'a menina come muito, muito'

1476. *kuzə təɽi* \emptyset -*zahak* ***we:wer*** ***aɽu***
menina 3-tomar.banho HAB4: HAB4 INT4
'a menina toma muito banho'

1477. *i-zemaraj we:wer aʔu*
 R²-brincar HAB4: HAB4 INT4
 ‘ela gosta muito de brincar’
1478. *i-zən we:wer aʔu*
 R²-correr HAB4: HAB4 INT4
 ‘ela gosta muito de correr’
1479. *kuzə təʔi i-aʔaiw:aiw ahi maʔe wə*
 menina R²-magro:magro INT2 coisa PL
 ‘a menina é magrinha, magrinha, magrinha...’
1480. *kuzə təʔi i-aʔaiw :aiw ahi*
 menina R²-magro:magro INT2
 ‘as crianças são magrinhas, magrinhas’

4.2.6.5 O modo intensivo por meio de reduplicação e composição com o tema *katu*

O uso de reduplicação e composição com o tema *katu* é mais uma combinação de estratégias que podem ser usadas na expressão do modo intensivo em Guajajára.

1481. *kuzə təʔi Ø- kira:kira-katu wə*
 menina R¹-gordo:gordo-bom PL
 ‘as crianças são gordas’
1482. *kuzə waza i-ajha-iha-katu wə*
 moça R²-alto-alto-bom PL

‘as moças são muito altas’

1483. *kuzəwazə i-ape:apew-katu maʔe wə*
moça R²-baixo:baixo-bom NOM2 PL
‘as moças são muito baixinhas’

Nos exemplos a seguir, nota-se que a mesma sentença expressa o intensivo de três maneiras diferentes:

Por meio de partícula

1484. *u-zeɲar mar aʔu u-aiko wə*
3-cantar INT5 INT3 3-estar.em.mov. PL
‘os pássaros estão cantando muito’

Por meio de reduplicação

1485. *wɪra miri u-zeɲar:iɲar u-aiko wə*
passarinho 3-cantar:cantar 3-estar.em.mov. PL
‘os pássaros estão cantando muito’

Por meio de reduplicação e partícula

1486. *u-zeɲar:iɲar mar aʔu u-iko wə*
3-cantar INT5 INT3 3-estar.em.mov. PL
‘os pássaros estão cantando muito’

4.2.7 Outras noções de modo de ação expressas por meio de reduplicação

Tembé

Em Tembé outras noções também podem ser expressas por meio de reduplicação. Há casos em que a reduplicação no tema verbal transitivo tem escopo sobre o objeto, implicando mudança no estado do referente expresso por ele. É o caso do exemplo 1475 com o verbo *zajkaw* que, reduplicado, expressa que a ação reduz o ‘peixe’ a várias partes menores. No exemplo em questão, não é o caso de a ação ser realizada freqüentes vezes, tão somente, uma vez que a ação de cortar freqüentes vezes poderia não reduzir o peixe a unidades menores. Este caso é um tipo de reduplicação que indica que o referente do objeto é reduzido a partes menores. Aqui o estado do objeto implica que a ação foi realizada repetidas vezes e não que a ação repetidas vezes implica o estado do objeto.

Exemplos:

zajkaw ‘cortar’

1487. *zajkaw inimo*
cortar fio
‘cortar (o cordão)’

1488. *zaika:ikaw aʔ*
cortar:cortar ATN
‘cortar (picar em pedacinhos - a carne, por exemplo)’

1489. \emptyset -*pira u-iwʔin u-zaika:ikaw ram ĩ*
R¹-peixe 3-cortar 3-cortar:cortar PROJ1 INDII
‘cortar’ (o peixe em pedaços)

No exemplo a seguir a reduplicação em um tema verbal expressa a idéia de diminutivo uma vez que a noção expressa pelo falante em *tím:tím* é a de plantas tenras, pequenas ainda.

tím ‘plantar’

1490. *h-imítím*
R²-plantar
‘planta’

1491. *a-mu-akím* *ram* ***tím:tím***
1-CAUS-molhado PROJ1 planta:plantar
‘eu vou molhar as plantinhas’

Quanto à expressão do modo de ação intensivo nos dados de Cyriaco Baptista, este é expresso por meio de reduplicação:

1492. ***mutýmutyk***
‘puxar com força’ (CYRIACO BAPTISTA,1932, p. 360)

1493. *zêkuêhê úmunguér cuzanguer úáikó upucapucauâ!*
‘d’elle algumas mulheres estavam rindo-se

Uzêhengarêhê Cutú
para que cantando a tóa’ (CYRIACO BAPTISTA,1932, p. 366)

Encontramos, ainda, nos dados de Cyriaco um tema reduplicado em composição com o tema *katu*.

1494. *Póapó catú pêmaêa, Nêhê. Atué azéhéngar putar kuêtêri Ihi*
'assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar eu quero hoje disse'
CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

1495. *zêkuêhê uanupé. Pêzapóapó catú pêmaêa nêhê?*
'elle para elles. Vocês façam assegurar bem as vossas cousas sim?'

Atué azehéngar

Porque cantar ...' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, 374)

Esse tipo de combinação também é encontrado nos dados de Boudin.

1496. *mêwê-mêwê-katu*
'devagarzinho'' (BOUDIN, 1966, p. 133)

Observa-se que, no que diz respeito a modo de ação, Tembê e Guajajára guardam mais semelhanças do que diferenças, sendo mínimas estas últimas.

4.3 Tempo e Modalidade em Tenetehára

Nesta seção tratamos de noções temporais em Tenetehára. Em Tembê e em Guajajára noções temporais são expressas por meio de partículas que correspondem a noções temporais de passado, como 'há muito tempo atrás', 'há poucos dias atrás', 'hoje', 'hoje cedo' e 'hoje mais tarde'. Algumas dessas partículas se associam a partículas de modalidade epistêmica, formando expressões que indicam tanto a fonte de informação do conteúdo proposicional associada a uma dessas noções temporais, como também contribuem, de certa forma, para indicar o comprometimento do falante com o que é dito. (CABRAL, 2000, 2007). Outras, ainda, conjugam noções de futuro à modalidade alética.

4.3.1 Partículas temporais

Algumas das partículas que expressam noções temporais nas duas línguas Tenetehára consistem das seguintes:

4.3.1.1 *kuri* ~ *kuri* ~ *kure* ‘agora, hoje’

Tembé

Exemplos:

1497. *e-momor zo bola e-ho kuri*
2IMP-jogar NEG bola 2IMP-ir agora
‘não vai jogar bola agora’

1498. *mərən t-eko-haw-pe re-ata kuri*
quanto R-aldeia- NOM6-LOC 2-andar agora
‘em quantas aldeias você já esteve?’

1499. *p̄tuɽu ram he kuri*
parar PROJ1 1 agora
‘agora já está bom’ (o falante proferiu a sentença, indicando que já estava no momento de parar o trabalho)

1500. *u-itfe da-ho o-íp̄j̄ Ø-me u-majɽu o-ho wə kuri*
3-entrar 12-ir R³--casa R¹-LOC 3-comer 3-ir PL então
‘entraram em casa e foram comer’

1501. *pe-itfe kaɽa r-upi kuri*

23-entrar mato R¹-em agora

‘entrem no mato agora!’

1502. *re-punera u-ata pə kuri*
2-poder 3-andar GER agora

‘você já pode andar (agora?)’ (pergunta feita a uma pessoa que havia sido vítima de acidente)

1503. *a-punera a-ta pə kuri*
1-poder 1-andar GER agora

‘(agora) eu já posso andar’ (o acidentado respondendo)

1504. *aɾe u-punera u-ata pə kuri*
ele 3-poder 3-andar GER agora

‘ela já pode andar’ (referindo-se à pessoa que sofrera o acidente)

Guajajára

Exemplos:

1505. *ko Ø-pe he Ø-hi i-ho-n kuri*
roça R¹-LOC 1 R¹-mãe R²-ir-INDII agora

‘para a roça minha mãe vai’

1506. *zane ti-majɾu kwez za-ha kwej kuri*
12 12-comer RLZ 12-ir RLZ agora

‘nós comemos e fomos embora’

1507. *i-hi* *u-pete:petek* *u-memĩ* ***kuri***
R²-mãe 3-bater:bater R¹-filho.de.mulher agora
‘a mãe bateu várias vezes no menino’
1508. *aze* *ne* *re-mekuzar* *kwaw* *ihe* *we* *nehe* *n* *a-zewĩ*
COND NEG 2-pagar NEG 1 para INTEN NEG 1-voltar
- wi* *kwaw* *tuə* *se* *ihe* *nehe* ***kuri***
NEG NEG frente.da.casa aqui 1 INT agora
‘se você não me pagar, eu não volto mais aqui na frente’
1509. *a-etfak* *h-eko-haw* *kwej* ***kuri***
1-ver R²-aldeia- NOM6 RLZ agora
‘eu descobri onde ela mora’
1510. *a-pĩtuɔu* *zeʔeŋ* *ire* ***kuri***
1-parar falar depois agora
‘eu vou parar de falar’
1511. *he* *r-urĩw* *ete* *ahi* ***kuri***
1 R¹-alegre INT3 INT2 agora
‘agora eu estou alegre’
1512. *a-zemumik* *ahi* ***kuri***
1-triste INT2 agora
‘eu estou triste agora’

1513. *a-pĩnik kakwez n a-pĩnik wi kwaw kuri*
 1-dançar AT-REM NEG 1-dançar NEG NEG agora
 ‘eu dançava, agora eu não danço mais’
1514. *a-zeŋar kakwez n a-zeŋar wi kwaw kuri*
 1-cantar AT-REM NEG 1-cantar CONT NEG agora
 ‘eu cantava, agora eu não canto mais’
1515. *he r-u kakwez n u-pĩmu:pĩum-i kwaw kuri*
 1 R¹-pai AT-REM NEG 3-fumar:fumar- NEG NEG agora
 ‘meu pai fumava, agora ele não fuma mais’
1516. *he puruzuka?ĩw kakwez ne puruzuka?ĩw kwaw kuri*
 1 brigar AT-REM NEG brigar NEG agora
 ‘eu brigava, agora eu não brigo mais’
1517. *he Ø-kĩwĩr kakwez u-kaŋu n u-kaŋu-i*
 1 R¹-irmão AT-REM 3-embebedar NEG 3-embebedar- NEG

kwaw kuri
 NEG agora
 ‘meu irmão bebia, agora ele não bebe mais’

Nos dados de Ciryaco Baptista, a partícula *kuri* é traduzida como ‘agora’.

kuri ‘agora’

1518. *Aéhau pá! mârâzanên tiriko kuri? ihi zêkuêhéuâ. Titinguar Imónó*

‘esta aqui como nos havemos de fazer agora? disse elle. Uma escada fazemos (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

1519. *uâziuén nupê Eirê éhó, êzêpỹk nêrêkỹhỹr*
‘...para cima. Depois de muito tempo. Disse elle o sogro, para o genro d’elle, indo vae vingar-te em teu irmão

rêhê kuri. Té uzêapó zêkuêhê óhó uyrâhúairúmú uápỹk
agora. Até transformado elle que foi em um gaviãozinho, sentou’
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)

Em Boudin, a partícula *kuri* é traduzida como ‘agora’, ‘presentemente’, ‘já’, ‘logo’, neste momento, breve, brevemente, vez (com adjetivos possessivos).

1520. *kuri i-přw marakuza*
‘o maracujá já está mole ’ (BOUDIN, 1966, p. 108)

1521. *a-há-pêpé kuri*
‘agora eu vou lá’ (BOUDIN, 1966, p. 108)

1522. *i-z-řwitu kuri*
‘presentemente está ventando ’ (BOUDIN, 1966, p. 108)

4.3.1.2 A partícula *kwejtari* ~ *kutari* ~ *tarij* ‘hoje’

Tembé

Em Temb  a partícula temporal significando ‘hoje’ tanto   usada em sua forma plena *kwejt ri* ~ *kut ri* quanto em sua forma reduzida *t rj* ~ *t ri* por jovens e por adultos.

1523. *ma?e haw tue u-dutim ko-haw-  t ri*
 por que HAB1 3-plantar roça- NOM6- ARG hoje
 ‘por que eles plantaram roça hoje?’

1524. *u-kir mo  m n kut ri nehe se*
 3-chover OPT chuva hoje INTEN aqui
 ‘tomara que chova hoje’

1525. * -ur damo kwarahi kwejt ri nehe se*
 3-vir OPT sol hoje INTEN aqui
 ‘tomara que venha sol hoje aqui’

Guajajára

Em nossos dados não foram encontradas ocorrências da forma reduzida *t rj* ~ *t ri* em Guajajára. A partícula que corresponde a ‘hoje’ realiza-se como *kujt rj* ~ *kut ri*.

Exemplos:

1526. *kujt rj he r-urim ete kwez*
 hoje 1 R¹-alegre INT3 RLZ
 ‘hoje eu estou alegre’

1527 *kut ri he kera-haw i-katu kwej*

hoje 1 dormir- NOM6 R²-bom RLZ
'hoje a minha dormida foi boa'

1528. *na h-eta kwaw ʔi kutəri*
NEG R²-ter NEG água hoje
'não tem água hoje'

1529. *u-kír damo əmən kutəri nehe se*
3-chover OPT chuva hoje INTEN aqui
'tomara que chova hoje'

Os registros de Ciryaco Baptista e de Boudin

Em Cyriaco Baptista e em Boudin a forma significando 'hoje' é registrada respectivamente como *kuêtêri* (hoje) *kwêtéri* (hoje, presentemente, ainda).

Cyriaco Baptista

1530. *Póapó catú pêmaêa, Nêhê. Atué azéhéngar putar kuêtêri Ihi*
Assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar eu quero hoje disse
CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

Boudin

1531. *kwêtéri a-há-pêp(é)*
'hoje eu fui lá' (BOUDIN, 1966, p. 115)

1532. *kwêtéri karu-méhé*

‘ hoje à tarde ’ (BOUDIN, 1966, p. 116)

4.3.1.3 A partícula *riʔ*

Tembé

Em nossos dados atuais do Tembé as ocorrências da partícula *riʔ* são numa quantidade inexpressiva. Boudin a define como indicando um passado próximo. A seguir alguns exemplos ilustrativos do uso dessa partícula apresentados pelo autor.

1533. *hêta-riʔi*

‘tinha muito’ (BOUDIN, 1966, p. 229)

1534. *iʔi-riʔi*

‘êle disse (isto) faz pouco tempo’ (BOUDIN, 1966, p. 229)

Guajajára

Diferentemente do Tembé, em Guajajára, a partícula *riʔ* é utilizada tanto em sentenças que expressam noção de passado quanto nas que expressam noção de futuro, razão pela qual não interpretamos essa partícula como indicadora de tempo e sim como partícula de modalidade assinaladora da idéia de afirmação em contextos onde o falante assevera algo.

Em sentenças com noção de passado

Exemplos:

1535. *a-ha kwej Barra do Corda -pe riʔ*
 1-ir RLZ Barra do Corda -LOC Afir
 ‘eu fui a Barra do Corda ’ (há, aproximadamente, um mês)

1536. *a-zur kwej Barra do Corda wi riʔ*
 1-ir RLZ Barra do Corda de AFIRM
 ‘eu vim de Barra do Corda ’ (há, aproximadamente, um mês)

1537. *a-ha ete aʔ zepe rakwez karu mehe ihe riʔ*
 1-ir FALH2 N.CONC AT-REC ontem 1 AFIRM
 ‘quase eu vou embora ontem’

Em sentenças com noção de futuro

Exemplos:

1538. *a-zeʔar ta riʔ*
 1-cantar PROJ AFIRM
 ‘vou cantar’

1539. *aze ne hiahem nehe ihe ezeʔeŋ*
 COND 2 gritar INTEN 1 fala

amiaw ta riʔ
 rouco PROJ AFIRM
 ‘se você gritar, vai ficar rouco’

1540. *aze ne re-majʔu kwaw nehe ne*
 COND 2 2-comer NEG INTEN 2

<i>i-anaíw</i>	<i>nehe</i>	<i>ta</i>	<i>riʔi</i>
R ² -magro	INT	PROJ1	AFIRM

‘se você não comer, vai ficar magro’

4.3.2 Tempo e modalidade. Partículas temporais associadas a noções de modalidade epistêmica

4.3.2.1 Partículas temporais e modalidade epistêmica

As partículas temporais do Tenetehára a seguir apresentadas conjugam informações de tempo a noções de modalidade, seja a epistêmica, com as noções de atestado/não atestado, fonte de informação, modalidade empática, exprimindo desejo, propósito ou intenção e modalidade alética exprimindo graus de certeza.

4.3.2.1.1 Partículas temporais de passado e fonte de informação

Em Tenetehára há duas partículas temporais que combinam noções temporais de tempo passado com fonte de informação: Assim a partícula *ze* que significa ‘dizem’ combina-se com a partícula *kwehe* ‘há muito tempo’ para formar uma expressão epistêmica de ‘não atestado pelo falante’ associada a uma noção de ‘tempo passado distante’ como ilustram os exemplos a seguir (cf. CABRAL, 2000; 2007):

4.3.2.1.1.1 As partículas *kwehe* e *zekwehe*

Exemplos:

kwehe ‘há muito tempo atrás atestado pelo falante’

Tembé

Exemplos:

1541. *kwehe...*

‘faz muito tempo’ (atestado pelo falante)

1542. *kwehe akwer rihi zeŋar-ahaw i-puraŋ ete i-puraŋ*
at-rem RETR IMPF cantar- nom6 R²-bonito INT³ R²-bonito

ete zeŋar-ahaw n a-h-eta kwaw zeʔe:zeʔeŋ
INT3 cantar- NOM6 NEG 1- R²-ter NEG cantar:cantar

‘naquele tempo a cantoria era bonita’ (atestado pelo falante)

1543 *kwehe Ø-maʔe kuzə təʔi ŋwer azemuʔe wə a-ha*
AT-REM R¹-coisa mulher COL 1-aprender PL 1-ir

ram akeʔe i-poraŋ ete kuri-e i-katu i-kure
PROJ¹ moqueado R²-bonito INT3 agora R²-bom agora

‘naquele tempo as meninas aprendiam ... o moqueado era bonito .(atestado pelo falante)’

Há, ainda, a expressão *kwehe mehe* para indicar um fato passado muito distante atestado pelo falante.

1544. *kwehe mehe kwehe*
P.Rem.Att quando P.Rem.Att

‘antigamente...’ (início de um relato de episódios da infância)

Guajajára

kwehe ~ *kwehe mehe* ‘passado distante’ – atestado pelo falante

Exemplos:

1545. *kwehe mehe na h-eta tete kwaw teko*
P.REM.ATT quando NEG R²-ter INT1 NEG pessoa

aʔe wə rihi

ele PL IMPF

‘naquele tempo tinha pouquinha gente na aldeia’

Assim como em Temb , essa partícula   muito comum nos relatos de episódios da infância em Guajajára.

O registro de Ciryaco Batista

ku h 

1546. *iz ku h  uariuay u  Aipózané ku h  népaiuér uazéngârâ Ihi*
‘disse em certo tempo disse (ram)’ Cyriaco Batista, 1932, p. 367)

O registro de Boudin

Kw h : ‘há tempo, faz tempo, muito tempo’

1547. *kw h  na- tzak(i) ko-awa*
‘faz muito tempo que não vejo  ste homem’ (BOUDIN, 1966, p. 114)

1548. *kw h -m h  akw y i-man -n(i)*
‘morreu já faz tempo’ (BOUDIN, 1966, p. 114)

Zekwehe ‘tempo remoto, não-atestado pelo falante’

Esta partícula é formada pela combinação das partículas *ze* ‘*dizem*’, usada para a expressão do reportivo, + *kwehe* ‘passado remoto’ e é usada para expressar algo que é do conhecimento coletivo e dito há muito tempo atrás. Essa combinação é muito comum em textos míticos (cf. CABRAL, 2007).

Tembé

Exemplos:

1549. *ze kwehe*
P.Rem.N.att
‘num tempo passado remoto’ (não atestado pelo falante)

1550. *aʔe mehe* *ze kwehe*
em certo tempo P.Rem.N.att
‘há muito tempo’... (não atestado pelo falante)

Guajajára

O passado não-atestado em Guajajára é expresso pela partícula *zekwehe*, assim como ocorre no Tembé.

zekwehe ‘passado distante, não atestado’

Exemplos:

1551. *ze kwehe* *Maír* *maʔe*
REP-REM Maír
‘na época de Maír...’ (HARRISON, 1967)

Ao lado desta há, ainda, a partícula *zekaipo* expressando a mesma noção e que, na interpretação de Harrison (1967), resulta da combinação das partículas *ze* (não-atestado) + *kwehe* (faz tempo) + *aipo* (dúvida). A seguir um exemplo extraído de um conto de Mair gravado por Harrison :

Zekaipó ‘passado distante, não atestado’

1552. *nezewe zekaipo maira'yr h-eko-n a'e*
 assim NÃO-AT Mayr-flho 3ABS_estar_ser_OBTOP 3ª_PESS
 ‘Mair’s son’s life was like this’
 ‘O filho de Mair viveu assim’ (HARRISON, 1967)

[Em Guajajára, nos exemplos seguintes, há um uso da partícula *zekwehe* que, em vez de opor-se a *kwehe* ‘passado distante atestado’, como em Tembé, opõe-se a *kakwez* ~ *kakwej* ‘passado recente atestado’. No exemplo o falante usa *kakwez* para indicar que lembra do fato que informa e *zekwehe* para indicar que o fato é de um passado muito distante do qual não tem lembranças, embora estivesse presente, de modo que o falante não pode dar testemunho dele. A sentença foi proferida por um falante jovem.

1553. *ze kwehe a-zur Arame me*
 P.REM.N-ATT 1-vir Arame LOC
 ‘eu vim do Arame’ (há bastante tempo quando o falante era ainda um recém-nascido, não tendo, portanto, memória do fato)

1554. *a-zur kakwez Arame me*
 1-vir At-rem Arame LOC
 ‘eu vim do Arame’ (no tempo em que o falante era uma criança com mais idade, tendo, dessa forma, memória do fato)

4.3.2.1.1.2 As partículas *kakwej* e *rakwej*

Em Tenetehára há duas outras expressões de tempo referentes ao passado que conjugam informações temporais a informações epistêmicas. As partículas *rakwej* ‘passado recente’ e *kakwej* ‘passado distante’ indicam que o fato foi atestado pelo falante.

Rakwej ‘faz pouco tempo que...’ - passado recente

Tembé

Exemplos:

1555. *o-ho rakwêy-ti'i*

‘faz pouco tempo que ele foi’ (BOUDIN, 1967, p. 222)

Guajajára

Rakwej ‘passado recente atestado pelo falante’

Exemplos:

1556. *maniʔok i-piw rakwez*

mandioca R²-mole AT-REC

‘a mandioca estava mole’ (ontem)

1557. *ʔ-zur aʔe w-eraha rakwez awa kwaharer*

3-vir ele 3-levar AT-REC homem menino

pe aʔe wə riʔi

lá ele pl AFIRM

‘o homem veio e levou a criança’

1558. *a-ha ete aʔi zepe rakwez karu mehe ihe riʔi*
 1-ir FALH2 N.CONC AT-REC ontem 1 AFIRM
 ‘quase eu vou embora ontem’

kakwej ‘passado distante atestado pelo falante’

Tembé

Exemplo:

1559. *akwej mehe kakwej*
 em certo tempo AT-REM
 ‘naquele tempo mesmo’

Guajajára

kakwez ~ kakwej ‘passado distante atestado pelo falante’

Exemplos:

1560. *a-esak kakwez kaʔi ihe*
 1SG-see DP.ATTESTED monkey I
 ‘I saw the monkey.’ (HARRISON, 1986, p. 99)

1561. *a-esak kakwez kaʔi ihe*
 1SG-see DP.ATTESTED monkey I
 ‘I saw the monkey.’

1562. *aʔe u-zuka moʒ kakwez aʔe*
 ele/esse 3-matar cobra AT-REM ele/esse
 ‘ela matou a cobra’ (visto pelo falante)
1563. *u-zip̄iroŋ kakwez ʔi Ø-pupe u-kəz̄im pə*
 3- AT-REM água R¹-dentro 3-desaparecer GER
 ‘ele/esse começou a desaparecer na água’
1564. *akwej ʔar aʔe mehe kakwez a-iko Zutəw*
 aquele.inv. tempo ele/esse SUB At-rem 1-estar.em.movi. Zutiwa

upe ihe
 R¹-LOC 1
 ‘naquele tempo eu morava no Zutiwa’
1565. *n a-ʔu kakwej rihi*
 NEG 1-comer AT-REM IMPF
 ‘eu ainda não comi’
1566. *he Ø-mem̄ir n u-zahak kakwej rihi*
 1 R¹-filho.de.mulher NEG 3-tomar.banho AT-REM IMPF
 ‘minha filha ainda não tomou banho’

Os exemplos a seguir ilustram bem a distinção entre *rakwez* e *kakwez*:

1567. *a-esak rakwez Ø-mano ɨwer pe r-upi*
 1-ver PASS.REC. 3-morrer RETR LOC R¹-PER

‘eu vi um homem morto na caminho’ (fazia três dias, atestado pelo falante)

1568. *a-esak kakwez Ø-mano ŋwer pe r-upi*
1-ver AT-REM 3-morrer RETR LOC R¹-PER

‘eu vi um homem morto no caminho’ (fazia muito tempo, atestado pelo falante)

4.3.2.1.1.3 As partículas *ruko* e *raʔe*

Há outras duas partículas epistêmicas que se relacionam intrinsecamente à noção de passado. São elas *ruko* e *raʔe*. Ambas expressam fonte de informação associada a tempo passado não distante, imediato. Assim *ruko* indica que o falante é a fonte de informação do conteúdo da proposição, enquanto que *raʔe* indica que outro é a fonte da informação.

Ruko ~ *roko* – ‘o falante como fonte da informação’

Guajajára

Exemplos:

1569. *kawar roko u-mənu pe-pe*
cavalo AT.2-ND 3-morrer lá-LP

‘o cavalo morreu lá’(BENDOR SAMUEL 1972, p. 150)

Os registros de Ciryaco Baptista e de Boudin

Nos dados de **Cyriaco Baptista** encontramos corências da partícula *ruku* ~ *roko* registrada como *rúcu* pelo autor.

1570. *âzâmútÿrÿhÿm rúcú*
 ‘eu ralhei com ele/esse’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)
1571. *Izêkuêhê, uyráhuáúâ upuranup éhé Nahani! Nêraÿr putar*
 Disseram elles os gaviões perguntando a elle. Não Seu filho querer por eu foi

hapêhé rúcú hêêkÿhÿrété zépé hêtinguar monohonohok
 meu irmão verdadeiro mesmo com a escada cortando

çé. Nahani; Herazir cútú!
 me deixou aqui. Não filha sim! (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)
1572. *Apápár rúcú ihó*
 ‘eu já fui contar’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
1573. *Apápár putari rúcú ihó*
 ‘eu tenho de ir contar’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
- Boudin define a partícula **ruku** como ‘sufixo do passado próximo’ ao passo que a interpretamos como assinaladora da noção de ‘atestado pelo falante em um passado imediato’.
1574. *a-há ruku pêp(ê)*
 ‘eu fui lá (faz pouco tempo) (BOUDIN, 1966, p. 231)
1575. *a-ha-ruku pa!*
 ‘de fato fui!’ (BOUDIN, 1967, p. 221)

1576. *ma'ê-**ruku** zuka ra'ê*
'parece que matou uma caça' (BOUDIN, 1967, p. 221)

1577. *azéha-rāmo ihê-**ruku** a-mu-mê'u*
'é certo (que) foi eu que contei aquilo' (BOUDIN, 1967, p. 231)

Raʔe 'uma terceira pessoa como fonte da informação'

Tembé

Exemplos:

1578. *o-ho ra'ê?*
'será que ele/esse foi?' (BOUDIN, 1996, p. 221)

1579. *ma'ê-té u-zuka ra'ê?*
'parece que matou uma caça' (BOUDIN, 1996, p. 221)

Guajajára

Exemplos:

1580. *u-ʔaw zaikaw raʔe*
R⁴-cabelo cortado FONT.INF.3^a
'o cabelo dela está cortado' (foi cortado recentemente)

Segundo a falante que proferiu esa sentença, o uso de **raʔe** indica que faz pouco tempo que o cabelo foi cortado.

Os registros de Cyriaco Baptista e de Boudin

Cyriaco Baptista

Rahé ‘atestado por outro recentemente’

Exemplos:

1581. *karuk mehé uéhém zékuêhê Uyrahuaâ ijupé. Mahén*
‘Tarde quando foi. Chegaram elles os gaviões para elle. Que foi...’
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)

1582. *ereçak Êzuâ çe rahé? Ihêkuêhêuâua upuranup Ehé*
‘Que você veio aqui então. Disseram elles perguntando a elle.’ (CYRIACO
BAPTISTA, 1932, p. 365)

Boudin (1966)

Exemplos:

Ra'é: partícula interrogativa, indicando dúvida, usa-se nos tempos passado ou presente;

1583. *o-ho ra'é?*
‘será que ele/esse foi?’ (BOUDIN, 1996, p. 221)

1584. *ma'ê-té u-zuka ra'é?*
‘parece que matou uma caça’ (BOUDIN, 1996, p. 221)

Partículas epistêmicas em Cyriaco Baptista e em Boudin

Zêkuêhê ‘atestado por outro em tempos remotos’

Nos textos de Cyriaco Baptista foram encontradas várias sentenças em que a partícula *zêkuêhê* é traduzida por meio da expressão ‘disque’ do português, mas, em Tenetehára, esse significado é expresso por meio da partícula ‘*zé ~ zê ~ dé ~ dê* (em Tembê) e *zé ~ zé* (em Guajajára).

1585. *Pêzuâ ce tapiymê, apuêráhá putari Yuáté ihi Zêkuêhê*
‘Venha aqui dentro de casa, vos levar porque eu quero para cima disse elle’
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)
1586. *Uánupé Méuérupi zêkuêhê tapũy iháuíkó uzêpyruákâ Te Upau*
‘Para ellas Devagar **disque** a casa deste jeito foi emborcando. Até acabou-se’
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)
1587. *Omómór zêkuêhê uỹu imónó ijupé zipi, uaytizot zêkuêhê uyuanô*
‘Sacudia **disque** elle a flecha para elle pegar, encontrava logo elle a flecha também.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)
1588. *Ihi zêkuêhê Cuzanguér-uâ, tỹkỹhỹrupê Héhéruhú! ihi zêkuêhêuâ*
Disseram ellas mulheres, ao irmão mais velho. É verdade! Disse elle vindo,
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)
1589. *uỹu hêruâ hênuhêma. Aéupé ihãjupé,*
a flecha trazendo para fora. Lá está ahi mesmo,

ihíui zêkuêhê Cuzãnguér-uanô
disseram **disque** mulheres as de novo. (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

1590. *Omómór zêkuêhê uÿu imónó ijupé zipi, uaytizot*
Sacudia **disque** elle a flecha para elle pegar, encontrava logo elle a flecha

zêkuêhê uyuanô

também. (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)

1591. *Umanãzauê zêkuêhê turicó ijupé. Aeupé ÿuÿpétéahy iâhi ihiuí*
D’esta forma **disque** vinha vindo para elle. Lá bem baixinho está elle ahi
disseram-as (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 367)

Zêkuêhê ‘em certo tempo’

Além da tradução como ‘disque’, a particula **zêkuêhê** nos textos de Cyriaco Baptista aparece com outras traduções, mas prevalece a sua ocorrência traduzida como ‘em certo tempo’ em todas as narrativas.

1592. *izêkuêhê uariuayâuâ Aipózané kuéhé népaiuér uazéngârâ Ihi*
disse **em certo tempo**
disse (ram)

1593. *zêkuêhêuâ ijupé. tipiuپیuhu ihiruku iupaiuér uazéngara.*
Em **certo tempo** para elle. dizia

Nahany pá

Não, senhor!

(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

1594. *Umunazauêzot zêkuêhê aypo omo hekaninô Ukahamónó Zêkuêhê*
Uma vez em certo tempo tinha um certo que estava. Caçar em **certo tempo**
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, 371)

1595. *óhó Rahé Uéhém zêkuêhê óhó uyrahuairupê*
Foi. Encontrar em certo tempo foi com gavião. (CYRIACO BAPTISTA, 1932, 372)

Karuk! uhur Zêkuêhê
Foi. Encontrar em certo tempo foi com gavião. Tarde veio **em certo tempo**.
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, 372)

4.3.2.1.2 Outras expressões de modalidade epistêmica

Em Tembê e em Guajajára as demais marcas que assinalam a fonte da informação expressa na sentença trazem indicações de que (a) a fonte é desconhecida e, portanto, não testemunhada pelo falante; b) a fonte é uma terceira pessoa conhecida ou não do falante; c) a informação é proveniente de boato sem fonte definida; d) a informação foi testemunhada por um falante masculino e que, portanto, este é a fonte da informação; e) a informação foi testemunhada por um falante feminino e que, portanto, este é a fonte da informação.

4.3.2.1.2.1 A partícula *ze ~ de* ‘disque’ – fonte desconhecida

Tanto em Tembê quanto em Guajajára quando a fonte da informação é desconhecida do falante este assinala seu desconhecimento por meio da partícula *ze ~ de* que tem sentido similar à expressão ‘disque’ do português.

Tembê

Exemplos:

1596. *h-eta de dawar u-ata pə t-ekohaw-pe*
R²-ter disque onça 3-andar GER R⁴-aldeia-LOC
‘disque tem uma onça rondando a aldeia’

1597. *h-eta de mo awa Ø-mano iŋwer*
 R¹-ter disque outro homem morrer RETR

ʔi-mi uʔiŋ
 água- LOC margem

‘disque tem um homem morto na beira do rio’

1598. *puhaŋ-mono-har pɨahu u-hem de aipo*
 remédio-dar- NOM4 novo 3-chegar disque INF

‘disque o enfermeiro novo já chegou’

1599. *h-eta kwaw de bol momor ram*
 R² -ter NEG disque bola-jogar PROJ1

Paragomin –pe kuri
 Paragominas- LOC Agora

‘disque não vai mais ter jogo em Paragominas’

1600. *Ø-duka de mod ʔi u-ikəj maʔe*
 3-matar disque cobra água 3-cavar coisa

ʔi uʔi wə
 água margem PL

‘disque mataram a cobra que está cavando na beira do rio’

1601. *ʔi rihu tete aʔu ram de*
 água grande INT1 INT4 PROJ1 disque

<i>aipo</i>	<i>ko</i>	<i>amo</i>	<i>ʔar-pe</i>	<i>nehe</i>
INF	este.próx.	outro	ano- LOC	INTEN

‘disque as águas vão subir muito no ano que vem’

A partícula *ze ~ de* no registro de Boudin

Nos dados de Boudin, o uso da partícula *zé* ‘dizem que’, ‘parece que’, ‘diz que, é’ (para insistir ou confirmar) (1966, p. 305) é ilustrada nos exemplos a seguir.

1602. *azéha-ramo-zé!*

‘dizem que é verdade!’ (BOUDIN,1966, p. 305)

1603. *ĩ-zê*

‘é água!’(quando um pessoa pediu água por exemplo e caso o interlocutor não ouviu ou não compreende, um dos assistentes confirma assim o pedido)
(BOUDIN,1 967, p. 305)

1604. *nai-katu-izé!*

‘dizem que não presta!’ (BOUDIN,1 967, p. 305)

4.3.2.1.2.2 A partícula *apuĩ* - ‘ disseram, dizem’ - Fonte desconhecida/ conhecida

Tembé

Empregada quando a fonte da informação é uma terceira pessoa conhecida ou não. No caso de fonte desconhecida ou a que o falante não quer revelar, os próprios falantes traduzem a forma *apuĩ* como ‘há rumores de que’, ‘estão zoando essa conversa’, ‘há um ‘zumzumzum’ por aí’.

Fonte desconhecida

Exemplos:

1605. *apu ʔi* *pe-ə* *dawar* *u-ata* *∅-iko*
disseram 23-ARG onça 3-andar 3-estar.em.mov.

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia-LOC

‘disseram que tem uma onça rondando a aldeia’

1606. *apu ʔi* *ha-we* *wə* *ʔiʔ* *hud* *ʔi* *hu*
dizer 1-para pl água grande água grande

a ʔu *ram* *aipo* *ko* *amo*

INT 4 PROJ 1 INF este.próx. outro

ʔar-pe *nehe*

ano-LOC INTEN

‘disseram pra mim que as águas vão subir muito no ano que vem’

Fonte conhecida

Exemplos:

1607. *a ʔe* *apu ʔi* *n* *u-momor* *∅-ko* *de* *∅-ho*
ele/esse dizem NEG 3-jogar 3-estar.em.mov. disque 3-ir

Paragomin-pe

Paragominas-LOC

‘ele/esse me disse que ele/esse não vai jogar em Paragominas’

1608. *he kɨwʔɨr Ø-puʔi duka de dawar wə*
 1 irmã 3-dizer matar disque onça PL
 ‘minha irmã me disse que mataram a onça’

É bastante recorrente no Tembé a combinação entre a partícula *apuʔi* e a partícula *ze ~ de* ‘disque’ na mesma sentença como ilustram os exemplos abaixo:

4.3.2.1.2.3 A co-ocorrência das partículas *apuʔi* ‘dizem’ e *ze ~ de* ‘dizem que’... *disque...* ‘fonte desconhecida’

A combinação dessas partículas assinala que a fonte da informação é desconhecida ou é fonte que o falante não deseja dar a conhecer.

1609. *apuʔi n u-momor kwaw de Ø-há Paragomin-pe*
 dizem NEG 3-jogar NEG disque 3-ir Paragominas- LOC
 ‘dizem que disque ele/esse não vai jogar em Paragominas’
1610. *apuʔi n u-momor kwaw de Ø-ho Paragomin-pe*
 dizer NEG 3-jogar NEG disque 3-ir Paragominas-LOC
 ‘disseram que disque ele/esse não vai jogar em Paragominas’
1611. *a-enu apuʔi he-wi ziupe wə n u-momor*
 1-ouvir dizem 1-DAT para ele/para esse PL NEG 3-jogar
- Ø-iko de Ø-ho Paragomin-pe*
 3-estar.em.mov. disque 3-ir Paragominas-LOC
 ‘eu ouvi dizer que disque ele/esse não vai jogar em Paragominas’

1612. *a-enu apuʔi mehe u-eko de dawar*
 1-ouvir dizem quando 3-estar.em.mov. disque onça

u-ata pə t-ekohaw-pe
 3-andar GER R⁴-aldeia-LOC

‘eu ouvi dizer que disque tem uma onça rondando a aldeia’

1613. *pari-pe apuʔi pe wə dawar*
 cercado-LOC dizem lá PL onça

u-ata Ø-iko t-ekohaw-pe
 3-andar 3-estar.em.mov. R⁴-aldeia-LOC

‘todos dizem (nos arredores) que disque tem uma onça rondando a aldeia’

1614. *apuʔi ha-we ə aeta de awa*
 dizem 1-DAT PL ter disque homem

Ø-mano ɲwer ʔir mir uʔi
 3-morrer RETR água margem margem

‘disseram pra mim que disque tem um homem morto na beira do rio’

1615. *apuʔi ha-we ə puhaɲ-mono-har*
 dizer 1-DAT PL remédio-dar- NOM4

piahu u-hem de Ø-ur
 novo 3-chegar disque 3-vir

‘disseram pra mim que disque o enfermeiro novo já chegou’

1616. *tapuʔi hawe wə Ø-duka de moj*

1-dizer para mim PL 3-matar disque cobra

ʔi u-ikəj maʔe ʔi-mi ʔi

água 3-cavar aquele que água-LOC margem

‘disseram pra mim que disque não mataram a cobra que está cavando na beira do rio’

Os exemplos seguintes ilustram como ainda ocorre em Tembé o verbo *apui* ainda empregado com os prefixos pessoais em situações nas quais a fonte da informação é explícita.

1617. *ihe a-puʔi u-deŋar Ø-katu*
 1 1-dizer 3-cantar R¹-bom
 ‘eu disse que ele/esse canta muito bem’

1618. *aʔe u-puʔe ihe Ø-deŋar katu*
 ele/esse 3-dizer 1 3-cantar bem
 ‘você disse que eu canto muito bem’

1619. *aʔe u-puʔe ure Ø-deŋar katu*
 ele/esse 3-dizer 13 3-cantar bem
 ‘ele disse que nós cantamos muito bem’

1620. *pe-ə pe-puʔe kudə ŋwer wə u-deŋar katu*
 23-ARG 23-dizer mulher COL PL 3-cantar bem
 ‘vocês disseram que as mulheres cantam muito bem’

1621. *aʔe wə u-puʔe ihe a-deŋar Ø-katu*

ele/esse PL 3-dizer 1 1-cantar R¹-bem
 ‘eles disseram que você canta muito bem’

1622. *a-puʔe aʔe u-momor katu*
 1-dizer ele/esse 3-jogar bem
 ‘eu vou dizer que eles estão jogando muito bem’

1623. *aʔe u-puʔe u-momor katu*
 ele/esse 3-dizer 3-jogar bem
 ‘ele/esse vai dizer que ele/esses estão jogando muito bem’

1624. *aʔe u-puʔe kudə təʔi ɲwer wə u-momor katu*
 ele/esse 3-dizer meninas COL PL 3-jogar bem
 ‘ele vai dizer que elas estão jogando muito bem’

1625. *ure ru-puʔe kudə təʔi ɲwer wə u-momor katu*
 13 13-dizer meninas COL PL 3-jogar bem
 ‘nós vamos dizer que elas estão jogando muito bem’

Há outros exemplos expressando a mesma noção sem a presença de prefixos pessoais.

1626. *apuʔ ha-we*
 dizer 1-DAT
 ‘então ele disse pra mim’

1627. *he Ø-men u-piʔa apuʔ ha-we*

1 R¹-marido 3-pensar dizer 1-DAT

‘meu marido ficou pensando e então me falou.’

1628. *pe-ə puʔe kudə təʔi ɪwer wə u-momor katu*

23- ARG dizer meninas COL PL 3-jogar bem

‘vocês vão dizer que elas estão jogando muito bem’

A partícula *apui* nos registros de Ciryaco Batista

Nos texto de Ciryaco Baptista encontramos a ocorrência da partícula *apuʔi* registrada como *apuii* e *apui* conforme exemplificaremos a seguir:

Apuii

O registro da forma *apuii* sem a fricativa glotal /h/ *apuihi* nos dados de Ciryaco pode ser um indicador dos estágios pelos quais as formas *apui* e *ihi* passaram até estabelecer-se como a forma atual *apui* do Tembé e do Guajajára.

1629. *Túkumâiu pôhôrupi zêkuêhé Uty hêrêkan Imúnéhénéhépâ. Apuii*

‘Tucumanzeiro entre em certo tempo elle estava . dizendo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

1630. *Zêkuêhé Iko upynykâ Pÿrÿça... Pÿrÿça... Pÿrÿça... ihi zêkuêhé*

‘Em certo tempo está dizendo em certo tempo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

A respeito da forma *apui*, em Boudin (1966, p. 33) há o registro da forma *apu* significando ‘ruído’, ‘rumor’, ‘estrondo’. Conforme já apresentado em exemplos anteriores, a atual forma *apui* do Tembé é traduzida pelos atuais falantes como ‘há

rumores de ...’, ‘há um zumzumzum por aí’ no sentido de que não é uma fala definida de alguém, mas várias falas com fontes indefinidas, o que configura o ‘boato’.

Apui

1631. *Iko Hêhê Apui cutú zêkuêhê t̃yk̃h̃ratiu t̃yũr̃upê*
‘N’este dito pau . Disse então a mulher de irmão mais velho para o irmão mais novo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 381)

1632. *Ohózót Zêkuêhê Kuaharérâ. Apuiui zêkuêhê Ijupé nô*
‘Foi enganado em certo tempo o menino. Disse a mulher para elle de novo..

ehó cutú

Vae então’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

1633. *Apui zêkuêhêuâ Tapuymê Uanupé.*
‘Disse elle em casa pra elles’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 377)

Nos exemplos apresentados a forma *apui* tem um sujeito particular, individual ‘ele disse’, ‘a mulher disse’. Diferente do exemplo a seguir em que *apui* apresenta um sujeito coletivo, plural indicado pela partícula *uâ*.

Apui ‘disseram’

1634. *iizêkuêhê kâyãuâ ijupé Kuém zêkuêhê Apui zêkuêhêuâ ijupé*
‘disse em certo tempo o macaco para elle. em certo tempo! Disse (ram)
em certo tempo para ele

Apózauê ruku nepaiué r uazéngârâ umuyũ-uyũ-uyũ. Nazauê rúkú

para elle. D'esta forma foi' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

Ainda com respeito às noções do 'ouvi dizer', 'disseram', há a ocorrência muito freqüente do verbo *apuihi* ~ *apuii* ~ *apui* nas narrativas conforme apresentamos a seguir:

Apuihi - *apuí* + *ihi* 'forma do verbo dizer na terceira pessoa'

A forma *apuihi*, combinação de *apuí* com o verbo *ihi* 'dizer' na terceira pessoa é bastante recorrente nas narrativas de Cyriaco Baptista:

1635. *apuihirucu*

'disse ele' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1636. *Zékuêhé ijupé Cuhêmirê Ápuihi Zékuêhé uánupé. Pêza-*

'Disse elle para Ella. Depois de ter amanhecido Disse elle para elles. Vocês façam

Póapó catú pêmaêa, Nêhé. Atué azéhéngar putar kuêtêri Ihi
Assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar eu quero hoje disse

1637. *Zékuêhé uánupé Te pitun Uzéhéngar zêkuêhé ikó Apuihi*

elle para elles. Quando foi noite. Cantando elle estava. Dizendo assim'
CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

1638. *aypó "Azan" rêmiráhakuér Ikó Ahé Uênu zépé zêkuêhé*

'Aquelle phantasma tinham disque levado está. Estava houvindo tudo

uiko uzêhênga apuihi zêkuêhê uênyruánupé Pêzêmonohon
Mais elle estava cantando. Disse elle irmãs para as. Si junctar' (Cyriaco
Batista, 1932, p. 366)

1639. *Apuihi zêkuêhê, umunguer cuzanguer Uáiko upucapucâuâ?*
'Dizendo assim d'elle algumas mulheres estavam rindo-se?

uzêhêngarêhê

para que cantando' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)

Embora os exemplos sejam escassos, há, no registro de Cyriaco Baptista exemplos da forma *apu* combinado-se ao verbo 'dizer' na segunda pessoa do imperativo negativo. A seguir os exemplos com a glossa correspondente por nós proposta:

1640. *apuêrêzutué*
'não digas assim' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

1641. *apu ê-ré! zu tué*
'não digas assim'

Há outras ocorrências da forma *apu* ~ *apo* significando 'dizer' sem a aparente presença do verbo 'dizer':

1642. *apózáuâ*
'dizendo assim' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)

1643. *apózáuâ*
'que quer dizer isto?' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)

A ocorrência do verbo *ihi* ‘dizer’ na terceira pessoa desacompanhado de *apuí* tem alta freqüência nas narrativas e pode ser confirmada nos exemplos seguintes:

ihi ‘dizer’

1644. *ihi zêkuêhê uÿrahú ijupé. Nahari? herâruákúpé çeri! tahan*
‘Disse elle o gavião para elle. Esperai? Me espera mais um pouco aqui, deixo ir.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 367)

1645. *ijupé. Éré! ihi zêkuêhê tykyhyr aheano.*
‘para elle. Sim, disse o irmão mais velho também.

Cahêmirê óhó Zêkuêhêuâ

Quando amanheceu foram elles.’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 367)

1646. *Aéhau pá! mârâzanên tiriko kuri? Ihi zêkuêhêuâ.*
‘Esta aqui como nos havemos de fazer agora? disse elle.

Titinguar Imónó

Uma escada fazemos’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 368)

1647. *Hupi ty! Ihi Zêkuêhêuâ. Éré! Uzapó zêkuêhê tykyhir Mytámytá*
‘N’elle disse elle. Sim, estava fazer o irmão mais velho a escada’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 373)

1648. *apuéráhá putari ÿuaté, ihi zekuehe uanupé.*
‘vos levar porque eu quero para cima, disse elle para ellas.

Méuêrupi zêkuêhê tapuȳ

devagar disque a casa' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 374)

É importante referir que, no registro de Figueira (1880, p. 38-39) para o Tupinambá, as formas do verbo *aé* 'dizer' consistiam das seguintes, das quais destacamos as de terceira pessoa:

Quadro 59 – Formas do verbo *aé* 'dizer' no registro de Figueira (1880)

PRESENTE	<i>aé</i>	'eu digo'
	<i>eré</i>	'tu dizes'
	<i>ei</i>	'elle diz'
	<i>iaé, vel oroé</i>	'nós'
	<i>peje</i>	'vós dizeis'
	<i>ei</i>	'elles dizem'
MODO IMPERATIVO PRESENTE	<i>eré</i>	'dize tu'
	<i>teí</i>	'diga elle'
	<i>tiaé</i>	'digamos'
	<i>peje</i>	'dizei vós'
	<i>teí</i>	'digão elles'
CONJUNTIVO	<i>éreme</i>	
INFINITIVO	<i>é. Éagoéra. Eráma. Eramboéra. Eaõáma</i>	
GERÚNDIO E SUPÍNO	<i>guiábo. Eíábo. Oiábo.</i>	<i>(singular)</i>
	<i>iaíábo, vel oroiábo. Peiábo. Oiábo.</i>	<i>(plural)</i>
VERBAES	<i>ejára</i>	O que diz, dizia
	<i>iába</i>	O que se diz
	<i>eçába</i>	O lugar em que se diz

Boudin também registra o verbo *-ɾé* ‘dizer’ do Tembé em todas as pessoas:

-ɾé: dizer, afirmar (BOUDIN, 1966, p. 48): *a’ê* ‘eu digo’; *ér-ê* ‘você diz’; *i’i* ‘êle diz’; *za-ê* ‘nós dizemos’; *pê-zê* ‘vocês dizem’; *i’i-(wü)* ‘êles dizem’. Boudin apresenta, ainda, formas cognatas desse verbo no Guaraní conforme registradas por Montoya: *e* ‘dizer’: *há’ê* ‘eu digo’; *ér-ê* ‘você diz’; *he-i* ‘êle diz’; *ya’ê* ‘nós dizemos’; *ro’ê* ‘nós dizemos’, *pé’yê* ‘vocês dizem’; *hê’i há’ê-kwêr* ‘êles dizem’ (Mont. II p.120 apud BOUDIN, 1966: 48). O verbo *ɾé* ‘dizer’ ainda é usado atualmente em Tembé e em Guajajára como ilustram os exemplos a seguir:

Tembé

Exemplos:

1649. *Ø-iɾi* *kwehe* *ihe- we* *no*
3-dizer faz.tempo 1-DAT logo
‘ele/esse disse logo pra mim’

Guajajára

Exemplos:

1650. *a-ɾe* *kwej*
1-falar aquele-vis
‘eu falei aquilo’

4.3.2.1.2.4 A partícula *zapo* - ‘disque’

A partícula *zapo* ‘disque’ é encontrada em Guajajára para assinalar que a fonte da informação é desconhecida.

Exemplos:

1651. *h-eta putar zapo bol-momor-haw pʰəwe*
 R²-ter PROJ2 INF bola-jogar-NOM6 amanhã
 ‘disque vai ter jogo amanhã’

1652. *h-eta zapo amo awa Ø-mano ɲwer Ø-pe r-upi*
 R²-ter INF outro homem 3-morrer RETR R¹-caminho R¹-PER
 ‘disque tem um homem morto no caminho’

1653. *h-eta zapo zawaruhu tap*
 R²-ter INF onça aldeia
 ‘disque tem uma onça na aldeia’

1654. *h-eta zapo moj iʔkaw r-upi*
 R²-ter INF cobra rio R¹-PER
 ‘disque tem cobra no rio’

4.3.2.1.2.5 A combinação das partículas *zapo* ~ *apo* + *aipo* + o verbo *iʔ* ‘dizer’

Essa combinação indica que a informação é oriunda de boato, significa que ‘estão dizendo que...’.

Exemplos:

1655. *o-ho Ø-kapim ze ə Ø-mim putar aipo iʔ kwej*
 3-ir 3-fugir disque PL 3-esconder PROJ2 INF dizem RLZ
 ‘estão dizendo que ele/esse vai fugir’

1656. *u-mano apo awa wə raʔa iʔ*
 3-morrer disque homem pl vis.do.fal. dizer
 ‘o homem morreu’ (estão dizendo por aí)
- i-mumeʔu-haw kwej*
 3-contar- NOM6 RLZ
 ‘o homem morreu’ (estão dizendo por aí)
1657. *h-eta zapo awa Ø-mano wer ʔi*
 R²-ter INF homem 3-morrer RETR água
- iwɨr iʔ kwej ihe we wə*
 margem dizer RLZ 1 para PL
 ‘disseram para mim que tem um homem morto na beira a do rio’
1658. *u-hem zapo wə raʔa iʔ kwej izupe wə*
 3-*vir* INF PL VIS.DO.FAL. 3-dizer RLZ para ele PL
 ‘dizem que ele veio’
1659. *u-mano zapo akwej kuzə raʔa iʔ muaʔu*
 3-morrer INF aquela.inv. mulher VIS.DO.FAL dizer mentira
- kukwej wə*
 enquanto PL
 ‘estão dizendo que aquela mulher morreu’ (boato)
1660. *Ø-munar zapo kəpitəw r-emireko wə raʔa iʔ*
 3- roubar INF capitão R⁴- esposa PL VIS.DO.FAL. dizer

muaʔu kukwej wə
 mentira enquanto PL
 ‘estão dizendo que a mulher do cacique roubou’

1661. *∅-ur putar zapo purumuhar-maʔe ko rupi*
 3-*vir* PROJ2 INF gente-remédio- NOM² por aqui

wə nehe iʔi muaʔu kukwej wə
 PL INT dizer mentira enquanto PL
 ‘estão dizendo que vem um médico por aqui’ (boato)

Os dois exemplos a seguir ilustram a mesma sentença com as partículas modais e sem a presença destas.

1662. *u-apí ∅-ko i-wə*
 3-queimar R¹-roça R²-PL
 ‘queimaram a roça’

1663. *u-apí zapo ko wə raʔa iʔi muaʔu*
 3-queimar INF R¹-roça PL VIS.DO.FAL. dizer mentira

kukwej izupe wə
 enquanto para ele PL
 ‘estão dizendo que queimaram a roça’ (há um boato por aí)

Nota-se que em Guajajára as mesma partículas podem ser usadas em sentenças cuja fonte de informação é definida.

1664. *u-hem putar zapo o-ho iʔi kwej he-we*
 3-sair PROJ2 INF 3-ir dizer RLZ 1-DAT
 ‘ele me disse que vai sair’

4.3.2.1.2.6 As partículas *se* e *ʔi* ‘testemunhado pelo falante’

Em Guajajára há duas partículas *se* e *ʔi* as quais indicam que o falante testemunhou o fato ocorrido constante na informação. A primeira partícula é exclusiva da ‘fala masculina’ e a segunda, da ‘fala feminina’.

Exemplos:

1665. *aʔe u-zuka moj aʔe zo n u-tʃiʔu kwaw se*
 ele 3-matar cobra só NEG 3-morder NEG FALA.MASC.
 ‘a mulher (só)matou a cobra para a cobra não a morder’ – (homem falando)

1666. *aʔe u-zuka moj aʔe zo n u-tʃiʔu kwaw ʔi*
 ele 3-matar cobra só NEG 3-morder NEG FALA.FEM.
 ‘a mulher (só) matou a cobra para a cobra não a morder’ – (mulher falando)

1667. *awa mano kwej se*
 homem morrer RLZ FALA.MASC.
 ‘o homem já morreu’ (homem falando)

1668. *awa mano kwej ʔi*
 homem morrer RLZ FALA.FEM.
 ‘o homem já morreu’ (mulher falando)

1669. *u-zahak paw kwej se*
 3-tomar.banho CES RLZ FALA.MASC.
 ‘ele já acabou de tomar banho’(‘eu vi’ - homem falando)

1670. *u-zahak paw kwej ?i*
 3-tomar.banho CES RLZ FALA.FEM.
 ‘ele já acabou de tomar banho’(‘eu vi’ - mulher falando)

4.3.3 Modalidade empática

Tembé

A modalidade desiderativa em Tembé é expressa por meio do verbo *putar* e da partícula *tar*. Apresentaremos a seguir exemplos com as duas estratégias.

4.3.3.1 O verbo *putar*

Exemplos:

1671. *ihe ru-petek putar*
 1 13-bater DES
 ‘eu vou querer bater em você’

1672. *a-ha putar*
 1-ir querer
 ‘eu quero ir’

1673. *a?e o-ho Ø-putar*
 ele/esse 3-ir 3-querer

‘ele/esse quer ir’

1674. *a-putar o-ho aʔe wə*
1-querer 3-ir ele/esse PL
‘eu quero que ele/esses vão ‘

1675. *a-putar ne re-pinik ram i*
1-querer 2 2-dançar PROJ1
‘eu quero que você dance’

1676. *re-putar a-majʔu ram i*
2-querer 1-comer PROJ1 INDII
‘você quer que eu coma’

1677. *u-putar tete aʔu u-zapo n-uzewe-haw*
3-querer INT1 ele/esse 3-fazer NEG-NOM6

zemasaraj-haw aʔe kwehe i-apo kwehe no
brincar- NOM⁶ ele/esse P.REM.ATT R²-fazer P.REM.ATT REP

E ela queria muito que as festas de hoje fossem tão bonitas como aquelas de antigamente quando ela ainda era uma mocinha

4.3.3.2 A partícula *putar ~ tar ~ ta ~ tata*

Em Guajajara o tema *putar ~ tar ~ ta ~ tata* contribui com o significado de algo projetado por vontade ou dever do falante: A seguir exemplos de cada uma dessas formas alternativas. Observamos que o uso da forma *ta* é bastante acentuado.

1678. *ihe a-pukuj putar tɨram ihe-ə*
 1 1-torrar PROJ.DES farinha 1-ARG
 ‘eu vou torrar farinha’

1679. *ihe a-pukuj tar tɨram ihe-ə*
 1 1-torrar PROJ.DES farinha 1-ARG
 ‘eu vou torrar farinha’

1680. *ihe a-pukuj ta tɨram ihe-ə*
 1 1-torrar PROJ.DES farinha 1-ARG
 ‘eu vou torrar farinha’

1681. *tɨram a-pukuj tatá ha ihe-əj*
 farinha 1-torrar PROJ.DES ir 1-ARG
 ‘eu vou torrar farinha’

1682. *əmən ipɨk ire u-hem putar wə*
 chuva cessar depois 3-sair PROJ.DES PL
 ‘ele/esses vão chegar depois da chuva’

A seguir mais exemplos da realização de *putar ~ tar ~ ta* em Guajajára. Usamos a representação PROJ² para indicar tanto a modalidade projetiva da ‘necessidade’, ‘dever’ quanto para a projetiva ‘desiderativa’.

Putar

1683. *ne re-zan putar(a)*
2 2-correr PROJ2
'você vai correr'
1684. *ti-zahak putar(a)*
12-tomar.banho PROJ2
'nós vamos tomar banho'
1685. *pe-pĩnk putar(a)*
23-dançar PROJ2
'vocês vão dançar'
1686. *oro-ho putar Barra do Corda-pe*
13-ir PROJ2 Barra do Corda -LOC
'nós vamos pra Barra do Corda'
1687. *a-ha putar pĩhawe Barra do Corda-pe*
1-ir PROJ2 amanhã Barra do Corda-LOC
'vocês vão pra Barra do Corda'
1688. *a-ker putar nehe*
1-dormir PROJ2 INTEN
'eu vou dormir'

Tar

1689. *Ø-ur tar rí*
3-vir PROJ2 AFIRM
'ele/esse já vem'
1690. *u-majɽu tar rihi no*
3-comer PROJ2 IMPF também
'ele/esse ainda vai comer também'
1691. *kwaharer arer wə u-momor wi tar*
menino RETR PL 3-jogar REP PROJ2

bor sabado mehe Wə no
bola sábado quando PL REP
'os meninos vão jogar sábado de novo'
1692. *he zarj̄ o-ho wi tar p̄həwe taw-pe no*
1 avó 3-ir REP PROJ2 amanhã cidade-LOC REP
'a minha avó vai voltar pro Arame de novo amanhã'
1693. *Darly u-zeɽar wi tar no*
nome próprio 3-cantar REP PROJ2 REP
'a Darly vai cantar de novo'
1694. *aze he Ø-men u-hem wə*
COND 1 R¹-marido 3-sair esse

nehe a-ha tar ihe no
 INTEN 1-ir PROJ2 1 também
 ‘quando o meu marido chegar eu vou sair também’

1695. *aze he Ø-memir Ø-ur nehe a-ha tar h-upi*
 COND 1 R¹-filho.de.mulher 3-vir INT 1-ir PROJ2 R²-ASS
 ‘quando a minha filha voltar, eu vou sair com ela’

1696. *a-zahak ta a-ha ir̃ka r-upi ihe-j*
 1-tomar.banho PROJ2 1-ir rio R¹-em 1-INDII
 ‘eu vou tomar banho no igarapé’

1697. *ne ere-ker ta ne r-u r-ir̃j-me ne n-õj*
 2 2-dormir PROJ2 2 R¹-pai R¹-casa-LOC 2 R¹-ARG
 ‘você vai dormir na casa do seu pai’

1698. *aɽe i-əj o-u r-ir̃j-me re-puker ta i-aj*
 ele/esse R²-ele/esse R³-pai R²-casa-LOC 2-dormir PROJ2 R²-ARG
 ‘ele/esse vai dormir na casa do pai dele’

1699. *p̃həwe pe-hem ta zuəj*
 amanhã 23-sair PROJ2 PL-INDII
 ‘vocês vão chegar amanhã’

1700. *a-zemikar ta p̃həwe ihe-ə*
 1-caçar PROJ2 amanhã 1-ARG
 ‘eu vou caçar amanhã’

1701. *pe-zemaraɟ ta pʰəwe pi-əɟ*
 23-brincar PROJ2 amanhã 23- ARG
 ‘vocês vão brincar amanhã’
1702. *majʎu paw ire uru-momor ta bol o-ho-j*
 comer CES depois 13-jogar PROJ2 bola 3-ir-INDII
 ‘depois do almoço nós vamos jogar bola’
1703. *əməŋ ipʰk ire uru-momor ta bol o-ho-j ure-əɟ*
 chuva cessar depois 13-jogar PROJ2 bola 3-ir- INDII 13-Arg
 ‘depois da chuva nós vamos jogar’
1704. *pe pe-pirapoj ta pi-əɟ*
 23 23-pescar PROJ2 23- ARG
 ‘vocês vão pescar’
1705. *a-ropoj ta he r-emaw wʰra miri ta a-ha-j*
 1-alimentar PROJ2 1 R¹-criação passarinho PROJ2 1-ir- INDII
 ‘eu vou alimentar o meu passarinho’
- Tata**
1706. *əməŋ ipʰk ire a-mareko tata a-ha-j*
 chuva cessar depois 1-trabalhar PROJ2 1-ir- INDII
 ‘depois da chuva eu vou trabalhar’
1707. *tʰam a-pukuj tatá a-ha ihe-əɟ*

farinha 1-torrar PROJ2 1-ir 1-ARG
 ‘eu vou torrar farinha’

4.3.4 Partículas temporais e modalidade deôntica

Se, por um lado, expressões referentes a um tempo passado conjugam tais informações epistêmicas de fonte de informação, em que entram em jogo noções de ‘atestado’/‘não atestado’ pelo falante e outro, por outro lado, as expressões de tempo referentes ao futuro conjugam-se a noções de modalidade deôntica, como veremos a seguir. Tembé e Guajajára expressam as seguintes modalidades que se relacionam, de alguma forma, ao desejo ou intenção.

4.3.2.2.1.2 A combinação da partícula *tar* ~ *ta* e outras partículas

Nota-se que, em Guajajára, a partícula *putar* ~ *tar* ~ *ta* também co-ocorre com as partículas *nehe* e *riʔi* que só são usadas em sentenças que expressam processos ou eventos projetados como as orações subordinadas condicionais/temporais.

As partículas *ta* e *nehe*

1708. *a-ze-tikwar h-ehe nehe u-zaʔo ta zane we-j*
 1-12-bater R²-em.relação.a INDII 3-chorar PROJ2 12 DAT-INDII
 ‘se nós batermos nele/esse, ele vai chorar’

1709. *aze i-ze-momor ʔi-pe Ø-ʔipiw ta ʔi nehe*
 COND R²-REF -jogar água-LOC R¹-sujo PROJ2 água INTEN
 ‘se você pular na água, a água vai ficar suja’

1710. *aze zawar n u-zewɨr kwaw nehe Ø-kɨ́ɨm*
 COND cachorro NEG 3-voltar NEG INTEN 3-sumir

ta o-ho-i
 PROJ2 3-ir- INDII

‘se o cachorro não voltar, vai se perder’

1711. *aze aʔe u-kwar he r-ehe nehe a-zaʔo*
 COND ele 3-bater 1 R¹-em.relação.a INTEN 1-chorar

ta nehe
 PROJ2 INTEN

‘se ele me bater, eu vou chorar’

1712. *aze ne re-majɨu kwaw nehe ne petek*
 COND NEG 2-comer NEG INTEN 2 bater

ta bu nehe
 PROJ2 PROJ2 INTEN

‘se você não comer, vai apanhar’

1713. *aze aʔe u-kwar ne r-ehe ere-zaʔo*
 COND ele 3-bater 2 R¹-em.relação.a 2-chorar

ta bu nehe
 PROJ2 PROJ2 INTEN

‘se ele/esses baterem em você, você vai chorar’

1714. *aze əmən ukɨr nehe a-ha ta pu nehe*

COND chover INTEN 1-ir PROJ2 PROJ2 INTEN
 ‘quando chover, eu vou embora’

1715. *aze əmən ukɨr nehe a-ha putar nehe*
 COND chover INTEN 1-ir PROJ2 INTEN
 ‘quando chover, eu vou embora’

1716. *aze əmən ukɨr nehe a-ha putar nehe*
 COND chover INTEN 1-ir PROJ2 INTEN
 ‘quando chover, eu vou embora’

1717. *aze əmən upɨk nehe a-ha putar nehe*
 COND chuva cessar INTEN 1-ir PROJ2 INTEN
 ‘quando passar a chuva, eu vou sair’

1718. *aze temetarer a-pɨhɨk nehe a-meʔe kar*
 COND dinheiro 1-pegar INTEN 1-comprar C.PREP

putar moto ihe zeupe nehe
 PROJ 2 moto 1 para INTEN
 ‘quando eu ganhar dinheiro, eu vou comprar uma moto’

As partículas *ta* e *riʔi*

1719. *aze ne h-ɨahem nehe ihe e-zeʔeŋ*
 COND 2 R²-gritar INTEN 1 2-falar

amiaw ta riʔ
rouco PROJ2 AFIRM
‘se você gritar, vai ficar rouco’

1720. *aze ne re-majʔu kwaw nehe ne*
COND 2 2-comer NEG INTEN 2

i-aŋaʔw nehe ta riʔ
R²-magro INTEN PROJ2 AFIR
‘se você não comer, vai ficar magro’

1721. *a-zeŋar ta riʔ*
1-cantar PROJ2 AFIRM
‘vou cantar’

As partículas *ta* e *ri*

1722. *nu arame o-ho ta ri kwej teko*
no Arame 3-ir PROJ2 INDII aquele-vis. pessoa

wə navi u-apʔk Ø-inə pe r-upi
PL aquele.sent/deit 3-sentar 3-estar.sentado lá R¹-em
‘aquele homem vai pro arame, ele/esse estava cansado’

1723. *nakwej teko o-ho ta w-apo kəmiəw Ø-pupe*
aquele.inv pessoa 1-ir PROJ 2 3-fazer carro R¹-dentro

o-ho ta ri kəmiəw oro-iko pe
3-ir PROJ 2 INDII carro 13-estar.em.mov. caminho

r-upi ikwej pe multe aŕu h-eko-ni
 R¹-por aquele.vis. lá longe INT4 R²-estar- INDII
 ‘aquele homem vai embora (muito longe, andando , esperando o carro passar)’

Os registros de Ciryaco Baptista e de Boudin

Em Cyriaco Baptista encontramos ocorrências do verbo **putar** expressando a modalidade desiderativa como é possível verificar nos exemplos a seguir.

Putar

Exemplos:

1724. *apápár putari ihó*
 ‘eu vou contar’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
1725. *apápár putari rúcú ihó*
 ‘eu tenho de ir contar’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
1726. *póapó catú pêmaêa, Nêhê. Atué azéhéngar putar kuêtêri ihi*
 ‘Assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar eu quero hoje disse
1727. *zêkuêhê uánúpé Te Pitun Uzêhêngar zêkuêhê ikó Apuihi*
 elle para elles. Quando foi noite. Cantando elle estava Dizendo assim’
 (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)
1728. *pêzuâ ce tapiÿmê, apuêráhá putari Yuáté ihi Zêkuêhê*
 ‘Venha aqui dentro de casa, vos levar porque eu quero para cima disse elle’

(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

Em Boudin também são encontradas ocorrências do verbo *putar* para indicar a modalidade de desejo. Boudin define o verbo *putar* como ‘querer’, ‘desejar’, ‘precisar’, ‘intentar’; ‘por querer’, ‘por gosto’.

Exemplos:

1729. *a-kêr(i) putar(i)*
‘eu quero dormir’ (BOUDIN, 1967, p. 218)

1730. *hê-ka'á mono-wam, a-putar mukaw-amo*
‘para eu caçar, preciso de espingarda’ (BOUDIN, 1967, p. 218)

1731. *kwêz u-zapo i-puta-ha-p(é)*
‘êle fez isto por gosto’ (BOUDIN, 1966, p. 218)

4.3.4.2 O morfema *wer*

Há em Tembé e em Guajajára o morfema *wer* que, associado a temas verbais, forma deverbais atribuindo-lhes o sentido de agente habitual de um processo:

Tembé

Exemplos:

1732. *he kaʔa mono wer*
1 caçar HAB4

‘eu quero caçar’

1733. *ihe zahak wer aipo*
1 tomar.banho HAB4 INF
‘eu sou um tomador de banho’

1734. *ihe ata wer kaʔa r-upi*
1 1-andar HAB⁴ mato R¹-por
‘eu sou um andador habitual’

1735. *ure tīram uru-zapo wer*
13 farinha 13-fazer HAB4
‘nós somos fazedores habituais de farinha’

Há exemplos em que o falante combina o morfema *wer* com verbos em forma finitas:

1736. *ihe a-zeŋar wer*
1 1-cantar HAB4
‘eu quero cantar’, ‘eu tenho por hábito cantar’

1737. *ne re-kaʔa mono wer*
2 2-caçar HAB4
‘você quer caçar’

Como um agente habitual o é voluntariamente, as construções com *wer* permitem uma interpretação de modalidade desiderativa ou volitiva, mas esta é expressa na língua pelo tema *putar*.

1738. *ure ru-pinaĩk wer*
 13 13-pescar HAB4
 ‘nós somos pescadores habituais’ ou ‘nós queremos ou gostamos de pescar’

1739. *ihe a-zeŋar putar*
 1 1-cantar querer
 ‘eu tenho por hábito cantar’ ou ‘eu quero cantar’

1740. *aŋe u-pinaĩk putar*
 ele/esse 3-pescar querer
 ‘ele tem por hábito pescar’ ou ‘ele quer pescar’

A tendência de *wer* se tornar um morfema mais modal é verificada em exemplos como os seguintes:

Tembé

1741. *a-putar wer h-eta Ø-teko ?i r-upi*
 1-querer HAB4 R²-ter R¹-peixe água R¹-em
 ‘tomara que tenha gente no rio’

1742. *a-putar wer ukĩr ram tərjĩ*
 1-querer HAB4 chover PROJ1 hoje
 ‘tomara que chova hoje’

1743. *a-putar wer kwarahi tərjĩ*
 1-querer HAB4 sol hoje

‘tomara que faça sol!’

1744. *a-putar wer h-eta Ø-pira ?i r-upi*
1-querer HAB 4 R²-ter R¹-peixe água R¹-em
‘tomara que tenha peixe no igarapé’

4.3.5 Modalidade intencional

Em Tembé a noção da intenção é expressa pela combinação dos morfemas *wer dape* e *ram dape*.

4.3.5.1 Os morfemas *wer dape* e *ram dape*.

Tembé

wer dape

Exemplos:

1745. *ihe a-ha wer dape*
1 1-ir INTEN
‘eu tenho a intenção de ir’

1746. *ihe a-momor wer dape*
1 1-jogar INTEN
‘eu tenho a intenção de jogar’

1747. *ihe a-menar wer dape*
1 1-casar INTEN

‘eu tenho a intenção de casar’

1748. *aʔe wə u-momor wer dape*
ele/esse pl 3-jogar INTEN
‘‘ele/esses têm a intenção de jogar’

1749. *aʔe wə u-menar wer dape*
ele/esse pl 3-casar INTEN
‘‘ele/esses têm a intenção de casar’

1750. *pe-ə pe-momor wer dape*
23- ARG 23-jogar INTEN
‘‘vocês têm a intenção de jogar’

1751. *pe-ə pe-menar wer dape*
23- ARG 23-casar INTEN
‘vocês têm a intenção de casar’

Ram dape

Exemplos:

1752. *ne-ə re-ho ram dape*
2- ARG 2-ir INTEN
‘você tem a intenção de ir’

1753. *ure-ə ro-ho ram dape*
13- ARG 13-ir INTEN

‘nós temos a intenção de ir’

1754. *ure-ə ro-momor ram dape*

13- ARG 13-jogar INTEN

‘nós temos a intenção de jogar’

1755. *aʔe-ə u-menar ram dape*

ele/esse- ARG 3-casar INTEN

‘ele/esse tem a intenção de casar’

1756. *ure-ə ru-menar ram dape*

13- ARG 13-casar INTEN

‘nós temos a intenção de casar’

4.3.5.2 O morfema *wer*

Guajajára

Em Guajajára o uso do nominalizador de agente habitual *wer* ~ *we* é profícuo:

Exemplos:

1757. *he zepiʔ Ø-iko we katu zepe ihe-ə*

1 viajar 3corr-estar.em.mov. HAB 4 bem mesmo 1-ARG

‘eu tenho o hábito de viajar’

1758. *he Ø-puruʔu wer mar zaʔu t-emi-ʔu r-ehe*

1 1-comer HAB4 INT5 INT4 R⁴- NOM1-comer R¹-em.relação.a

‘eu tenho a habitual vontade de comer muito’

1759. *he ker wi:wi wer zepe iziʔi tahi*
 1 dormir cont-cont HAB4 mesmo cedo INT2
 ‘eu dormirei continuamente muito amanhã’

1760. *he r-uráw ete zepe kwej pape*
 1 R⁴-alegre INT3 mesmo aquele/esse.vis papel

. *tupəzeʔeŋ r-ehe puru-muʔe kar wer pə*
 Bíblia R¹-em.relação.a gente-ensinar C.PREP HAB4 GER
 ‘eu estou feliz com respeito à Bíblia que faz ensinar de forma duradoura’

Nos exemplos que seguem do Guajajára o morfema *wer* mantém seu significado original de agente habitual:

1761. *kuzə təʔi u-majʔu we:wer aʔu*
 menina 3-comer HAB4¹ HAB4 INT3
 ‘a menina come muito, muito’, ‘a menina tem o hábito de comer muito’

1762. *kuzə təʔi i-zahak we:wer aʔu*
 menina 3-tomar.banho HAB4¹ HAB4 INT3
 ‘a menina toma muito banho’ ‘a menina tem o hábito de tomar banho’

1763. *izemaraj we:wer aʔu*
 3-brincar HAB4¹ HAB4 INT3
 ‘ela gosta muito de brincar’ ou ‘ela tem o hábito de brincar’

1764. *i-zən we:wer aʔu*

3-correr HAB4ⁱ HAB4 INT3

‘ela gosta muito de correr’

Boudin e o tratamento do morfema *wer*

Boudin traduz este morfema como ‘desejar’, ‘gostar de’, ‘ter vontade de’, ‘querer’. Entretanto nos exemplos fica claro o significado de agente habitual e o status do sufixo que é de natureza nominal. Trata-se de um nominalizador de agente habitual que encontra seu equivalente no Tupinambá *-swer*.

Exemplos:

1765. *Kamirãng-pé hê-ho-wêr*

‘eu desejo ir a Camiranga’ (BOUDIN, 1967, p. 288)

1766. *hê-zahak kwêr twêr’ar*

‘eu gosto de tomar banho cada dia’ (BOUDIN, 1967, p. 288)

1767. *hê-zur(u)-wêr pê-nupi*

‘quero ir com vocês’ (BOUDIN, 1967, p. 288)

4.3.5.3 A partícula *nehe*

Em Tembé e em Guajajára a partícula *nehe* é mais uma estratégia para a expressão da modalidade intencional.

Tembé

Exemplos:

1768. *o-momor ram aipo o-ho deha ramo Paragomin -pe nehe*
 3-jogar PROJ 1 INF 3-ir é certo que Paragominas-LOC INTEN
 ‘pode ser que ele/esse/ vá jogar em Paragominas’
1769. *o-momor ruʔu ram o-ho aipo Paragomin -pe nehe*
 3-jogar DUB PROJ1 3-ir INF Paragominas- LOC INTEN
 ‘parece que ele/esse/ vai jogar em Paragominas’
1770. *o-momor ram aipo deha ramo Paragomin -pe nehe*
 3-jogar PROJ 1 INF é certo que Paragominas- LOC INTEN
 ‘será que ele/esse/esse vai jogar em Paragominas?’
1771. *he kwa-haw o-ho ram aipo Paragomin-pe nehe*
 1 saber- NOM 6 3-ir PROJ1 INF Paragominas-LOC INTEN
 ‘eu acho que ele/esse vai jogar em Paragominas’
1772. *amo mehe do i-apo wi nehe a-ha*
 outro outro tempo R²-fazer REP INT 1-ir

ihe-ə he no
 1- ARG 1 REP
 ‘nos próximos jogos eu espero poder participar de novo’
1773. *o-momor ruʔu ram o-ho aipo Paragomin -pe nehe*
 3-jogar DUB PROJ1 3-ir INF Paragominas-LOC INTEN
 ‘parece que ele/esse vai jogar em Paragominas’
1774. *pe-mu-akim ram nehe*

23- CAUS -molhado PROJ 1 INTEN

‘você têm que molhar essa planta!’

1775. *niʔim i-katu nehe*

talvez R²-bom INTEN

‘talvez ele/esse vá ficar bom’

1776. *o-momor ram aipo deha ramo Paragomin -pe nehe*

3-jogar PROJ 1 INF é certo que Paragominas- LOC INT

‘será que ele/esse vai jogar em Paragominas?’

1777. *aʔe ʔar mehe Ø-puraŋ ete ram aipo*

ele/esse tempo R¹-bonito INT 3 PROJ 1 INF

dane we nehe

12 para INTEN

‘vai ser um momento muito importante para nós’

1778. *deha ramo ʔi-r-ihu ram aipo ko*

‘é certo que água- R¹-grande PROJ1 INF este.próx.

amo ʔar-pe nehe

outro ano- LOC INTEN

‘realmente as águas vão subir muito no ano que vem’

1779. *ukɨr ram akwej nehe*

chover PROJ1 até INTEN

‘com certeza vai chover’

1780. *pʰəwe t-ur-i ram aipo nehe*
 amanhã 3-vir-INDII PROJ 1 INF INTEN
 ‘com certeza o rapaz vem amanhã’
1781. *u-ur u-aze-ha ram nehe*
 3-vir 3-disque-ir PROJ1 INTEN
 ‘disque ele/esse vem’
1782. *∅-zajʔo ram ze zeha ramo ∅-zajʔo nehe*
 3-chorar PROJ1 disque é certo que 3-chorar INTEN
 ‘disque ele/esse vai chorar’ (disque é certo que ele/esse vai chorar)
1783. *tʰiʰiʰk ahí tʰram pʰkuj ram o-ho*
 daqui.a.pouco INT2 farinha torrar PROJ1 3-ir
 ‘daqui a pouco vocês vão torrar farinha’
1784. *deha ramo ʔi-rihu ram aipo ko amo*
 é certo que água-grande PROJ1 INF este-próx. outro

ʔar-pe nehe
 ano-LOC INTEN
 ‘realmente as águas vão subir muito no ano que vem’
1785. *e-hem zo e-ho nehe*
 2IMP-sair NEG 2IMP-ir INTEN
 ‘não saia!’

1786. *u-kĩr damo əmən kutəɾi nehe se*
 3-chover OPT chuva hoje INTEN aqui
 ‘tomara que chova hoje’

1787. *u-mu-awawak pan ɲə Ø-meʔeŋ bol Ø-momor-haw*
 3- CAUS -rodar pano sentado 3-olhar bola 3-jogar- NOM6

wə nehe

PL INTEN

‘ela está rodando o pano e olhando o jogo’

1788. *tĩɾĩɾĩk ahĩ ru-mu-pinim ram pe nehe*
 daqui a.pouco INT2 13- CAUS -pintar PROJ1 23 INTEN
 ‘daqui a pouco nós vamos pintar vocês’

1789. *pĩhəwe za-ha putar nehe*
 manhã 12-ir querer INTEN
 ‘de manhã nós vamos’

1790. *pari Ø-pupe kuzə təʔĩ ɲwer u-zemaraj putar wə nehe*
 quintal R¹-dentro menina COL 3-brincar querer PL INTEN
 ‘no quintal as crianças vão brincar’

1791. *aʔe t-ur mehe nehe*
 ele/esse 3-uir nesse tempo INTEN
 ‘se ele/esse vier (nesse tempo)’

1792. *a-ze-rekwar he rehe nehe a-zaʔo*
 1- COND -bater 1 R¹-em.relação.a INTEN 1-chorar

ta nehe

PROJ2 INT

‘se você me bater, eu vou chorar’

Guajajára

Exemplos:

1793. *aze ne Ø-híahem nehe ihe e-zeʔeŋ amiaw*
 COND 2 R¹-gritar INTEN 1 2-fala rouco

ta riʔi

PROJ2 AFIRM

‘se você gritar, vai ficar rouco’

1794. *aze n ere-majʔu kwaw nehe ne i-aŋaíw*
 COND NEG 2-comer NEG INTEN 2 R²-magro

nehe ta riʔi

INTEN PROJ2 AFIRM

‘se você não comer, vai ficar magro’

1795. *aze aʔe u-zapo a-ʔu t-emi-ʔu anehe*
 COND ele/esse 3-fazer 1-comer R⁴-comer INTEN

‘se ela cozinhar, eu como a comida’

1796. *aʔe t-ur mehe nehe*
 ele/esse 3-vir SUB INTEN
 ‘se ele/esse vier (nesse dia)...’
1797. *aze pe-zapo t-emi-ʔu a-ʔu anehe*
 COND 23-fazer R⁴-NOM1-comer 1-comer INTEN
 ‘se vocês cozinhareem, eu como a comida’
1798. *aze zawar n u-zewɨr k waw nehe Ø-kɨɨm*
 COND cachorro NEG 3-voltar NEG INTEN 3-sumir

ta o-ho-i
 PROJ2 3-ir- INDII
 ‘se o cachorro não voltar, vai se perder’
1799. *aze əmən upɨk nehe a-ha putar nehe*
 COND chuva cessar INTEN 1-ir PROJ 2 INTEN
 ‘quando passar a chuva, eu vou sair’
1800. *aze t-emetarer a-pɨhɨk nehe a-meʔe kar*
 COND R⁴- dinheiro 1-pegar INTEN 1-comprar C.PREP

putar moto ihe zeupe nehe
 PROJ2 moto 1 para INTEN
 ‘quando eu ganhar dinheiro, eu vou comprar uma moto para mim’
1801. *pe-ʔu Ø-muhaŋ nehe*
 23-comer R¹-remédio INTEN

‘bebam o remédio!’

1802. *pe-pukuj t̃ram nehe*
23-torrar farinha INTEN
‘torrem farinha!’
1803. *ne r-ur̃w ete nehe*
2 R¹-alegre INT3 INTEN
‘alegre-se!’
1804. *pe-ze-mu-katu nehe*
23-REF- CAUS -bom INTEN
‘limpem-se!’
1805. *pe-ze-mu-pinim nehe*
23- REF- CAUS -pintado INTEN
‘pintem-se!’
1806. *ihe a-ker ta nehe*
1 1-dormir PROJ2 INTEN
‘eu vou dormir’
1807. *ziř zahĩ za-ha ta ahĩ nehe*
cedo manhã 12-ir PROJ2 INT2 INTEN
‘nós vamos de manhã’

1808. *əmən ipʔk ire a-zur putar nehe*
 chuva cessar depois 1-vir PROJ2 INTEN
 ‘depois da chuva eu venho’
1809. *pʔhawe za-ha putar nehe*
 manhã 12-ir PROJ2 INTEN
 ‘de manhã nós vamos’
1810. *pari Ø-pupe kuzə təʔi ɲwer u-zemaraj putar wə nehe*
 quintal R¹-dentro menina COL 3-brincar PROJ1 PL INTEN
 ‘no quintal as crianças vão brincar’

A partícula *nehe* em Ciryaco Baptista e em Boudin

Exemplos:

1811. *Êzuri nêhê*
 ‘venha, sim!’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)
1812. *zêkuêhê Ijupé Cuhêmirê Ápuihi Zêkuêhê uánupé. Pêza-*
 ‘Disse elle para Ella. Depois de ter amanhecido Disse elle para elles.
 Vocês façam
póapó catú pêmaêa, nêhê. Atué azéhéngar putar kuétêri Ihi
 Assegurar bem as vossas cousas sim? Porque cantar eu quero hoje disse’
 (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)

1813. *Nâhaniuér Nêhê coaitȳ? nâzâuêtâkuéi hérékó ihéanó,*
Não pode ser assim cunhado? eu mesmo

Ihi zêkuêhê

disse em certo tempo' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 366)'

1814. *Ijupé Apuêrêzutué ihéu ty? Kueteri úrúzikazót nêhê*
...para elle Não digas assim para mim Hoje

Ihi zêkuêhê

disse em certo tempo' (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 367)

1815. *zâuâruhúâ Ijupé Êrêzêukamo Nêâ coaitȳ? ihi zêkuêhê támánuá*
a onça para elle você cunhado? disse em certo tempo o
tamanduá CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 380)

Boudin traduziu o sufixo *nêhé* como 'sufixo verbal do futuro próximo' conforme os seguintes exemplos:

1815. *a-za-po nêhé*

'eu farei (isto) na certa, tenho que fazer' (BOUDIN, 1967, p. 175)

1816. *hê-purãng-nêhé*

'serei bom' (BOUDIN, 1967, p. 175)

1817. *zawar oho arapuha-rakîkwê-ramo nêhé*

'o cachorro foi no rastro do veado' (BOUDIN, 1966, p. 222)

4.3.6 Modalidade de projeção com propósito ou finalidade

Tembé

Em Tembé um evento ou processo pode ser projetado como propósito ou finalidade por meio da partícula *ram*. Embora considerando essas características semânticas da partícula, a chamaremos aqui simplesmente de Projetivo (PROJ1).

4.3.6.1 A partícula *ram*

Exemplos:

1818. *a-zewír a-zur kwej a-inu ram ne*
1-voltar 1-vir RLZ 1-ouvir PROJ1 2

zeŋar-haw wə

cantar- NOM6 PL

‘eu voltei para ouvir a tua cantoria’

1819. *ure uru-zewír uru-zur kwej uru-aenu ram*
13 13-voltar 13-vir RLZ 13-ouvir PROJ1

pe-zeŋar-haw wə

23-cantar-NOM6 PL

‘nós voltamos para ouvir a cantoria dele/esse’

1820. *aʔe u-pʰhík wíra:miri aipo na ram u-zawa o-ho*
ele/esse 3-pegar passarinho INF NEG PROJ1 3-fugir 3-ir
‘ele/esse prendeu o passarinho para o passarinho não fugir’

1821. *a-kamɨk uasaʔi kwej tiʔu ram i*
 1-amassar açai RLZ 13-beber PROJ1 ASSER
 ‘eu amassei o açai para nós bebermos’
1822. *zane ti-zapo zane r-emiapo:apo ti-pɨhɨk am temetarer*
 12 12-fazer 12 R¹-artesanato 12-pegar PROJ1 dinheiro
 ‘nós fazemos artesanato para ganhar dinheiro’
1823. *a-zapo t-emi-ʔu a-ʔu ram i*
 1-fazer R⁴-NOM1-comer 1-comer PROJ1 ASSER
 ‘eu faço comida para eu comer’
1824. *a-ha ram i a-ʔu ram miŋaʔu a-ha*
 1-ir PROJ1 ASSER 1-comer PROJ1 mingau 1-ir
 ‘eu vou sair para beber mingau’
1825. *irumuʔi ram takihe iru-ramo*
 rasgar PROJ1 faca companheiro-TRANS
 ‘eu vou rasgar você com a faca’
1826. *a-esak ram a-ha pe zeŋar-ha -pe*
 1-ver PROJ1 1-ir lá cantar-NOM⁶ -LOC
 ‘vou dar uma espiada na cantoria’
1827. *t-ɨpɨj a-mu-tfiŋ ram i*
 R⁴-casa 1-CAUS -branco PROJ1 ASSER
 ‘vou dar uma pintada (caiada) na casa’

1828. *a-putar ne re-ker ram mi*
 1-querer 2 2-dormir PROJ1 ASSER
 ‘eu quero que você durma’

1829. *a-putar ne re-pinaĩk ram mi*
 1-querer 2 2-pescar PROJ1 ASSER
 ‘eu quero que você pesque’

Os exemplos a seguir mostram a partícula *ram* sendo usada com verbos no passado. Essas sentenças foram proferidas por falantes acima de cinquenta anos.

1830. *doto-ə Ø-iko o-ho ram i*
 doutor 3-estar.em.mov. 3-ir PROJ1 ASSER
 ‘o doutor se despediu e foi embora’

1831. *a-ʔaw h-akĩ-haw i-pupe a-ker ram i*
 a-deitar R²-rede- NOM6 R²-dentro 1-dormir PROJ1 ASSE
 ‘eu deitei na rede e dormi’

1832. *a-zahak ram a-zahak a-ha ram*
 1-tomar.banho PROJ1 1-tomar.banho 1-ir PROJ1

zeŋar-ha--pe

cantar- NOM4-LOC

‘eu tomei banho e fui ouvir a cantoria’

1833. *a-kamɨk uasaʔ-ə a-ʔu ram ɨ*
 1-amassar açai-Arg 1-beber PROJ1 ASSER
 ‘eu amassei açai e bebi’

1834. *a-zur ur -uesak ram i*
 1-vir 2-ver PROJ1 ASSER
 ‘eu vim e te vi’

Há outros casos em que *ram* aparece em orações causativizadas com ações no passado.

1835. *mamãe ihe Ø mono kar a-pɨnɨk ram a-ha*
 mamãe 1 3-mandar C.PREP 1-dançar PROJ1 1-ir
 ‘minha mãe me mandou dançar’

1836. *papaj he Ø mono kar Ø-apɨk ram a-ha*
 papai 1 3-mandar C.PREP 3-sentar PROJ1 1-ir
 ‘o pai mandou a filha sentar’

1837. *a-mono kwaharer u-zahak ram*
 1-mandar menino 3-tomar.banho PROJ1
 ‘eu fiz o menino tomar banho’

1838. *a-mono ka kwaharer u-majʔu ram*
 1-mandar C.PREP menino 3-comer PROJ1
 ‘eu fiz o menino comer’

1839. *a-mono ka kwaharer Ø-motohoŋ akazu ram*
 1-mandar C.PREP menino 3-balançar caju PROJ1
 ‘eu mandei o menino balançar o caju’

Outros ocorrências da partícula *ram*

Em orações independentes com noção de futuro

Exemplos:

1840. *a-zajɔ ram nɔ̃*
 1-chorar PROJ1 REP
 ‘eu vou chorar novamente’

1841. *a-majɔu ram i*
 1-comer PROJ1 ASSER
 ‘eu vou comer’

1842. *a-zeɣeŋ ram i hamad--pe*
 1-falar PROJ1 ASSE ramada-LOC
 ‘eu vou falar na ramada’

1843. *maɣe pe-ho ram*
 onde 23-ir PROJ1
 ‘para onde vocês vão?’

Em orações que indicam incerteza

Exemplos:

1844. *u-kĩr ram aipo*
 3-chover PROJ1 INF
 ‘disque vai chover’
1845. *təi doto i-hem ram wə*
 dente doutor R²-chegar PROJ1 ele/esse
 ‘disque vem um dentista hoje’
1846. *u-ĩr u-aze-ha ram nehe*
 3-*vir* 3-*disque-ir* PROJ1 INTEN
 ‘disque ele/esse vem’ ou ‘disque ele/esse vai vir’
1847. *ni?ĩm kwarahĩ: rahĩ ram aipo*
 talvez sol:sol PROJ1 INF
 ‘talvez vá fazer sol’
1848. *ni?ĩm zahak ram aipo*
 talvez tomar.banho PROJ1 INF
 ‘talvez eu vá tomar banho’

Em orações que indicam certeza:

Exemplos:

1849. *ukĩr ram əmən kwej*
 chover PROJ1 chuva lá
 ‘vai chover’

1850. *u-kɨ́ ram akweɟ nehe*
 3-chover PROJ1 lá INTEN
 ‘com certeza vai chover’
1851. *pɨ́həwe t-ur-i ram aipo nehe*
 amanhã 3-vir-INDII PROJ1 INF INTEN
 ‘com certeza o rapaz vem amanhã’
1852. *pɨ́həwe Ø-zapo ram kwarahí:rahí katu ram pɨ́həwe*
 madrugada R¹-fazer PROJ1 sol:sol bem PROJ1 madrugada
 ‘com certeza vai fazer sol amanhã’

Há casos em que a partícula *ram* não ocorre na sentença embora, aparentemente, haja condições favoráveis para tal, conforme ilustram os exemplos seguintes:

1853. *a-rur pino ne we a-zapo ne r-ɨ́pɨ́*
 1-trazer palha 2 para 1-fazer 2 R¹-casa
 ‘eu trouxe a palha para você cobrir a casa’
1854. *a-zur kweɟ meʔe tue ne r-ehe*
 1-vir RLZ ver HAB1 2 R¹-em.relação.a
 ‘eu vim aqui para te ver’
1855. *a-zupɨ́hɨ́k mukaw-ə a-ha kaʔa r-upi*
 1-pegar espingarda- ARG 1-ir mato R¹-PER
 ‘eu peguei a espingarda e fui para o mato’

1856. *a-kamɨk uasaʔi a-rur ne we*
 1-amassar açai 1-trazer 2 para
 ‘eu amassei açai e trouxe para ti’
1857. *a-zapo miŋaʔu a-raha ne we*
 1-fazer mingau 1-levar 2 para
 ‘eu fiz mingau e levei para ti’
1858. *a-ʔaw a-ha a-ker a-ha*
 1-deitar 1-ir 1-dormir 1-ir
 ‘eu deitei na rede e dormi’
1859. *a-pira t-ɨpɨj a-tʃe-ha t-ɨpɨj-me*
 1-abrir R⁴ -casa 1-entrar- NOM4 R⁴-casa-LOC
 ‘eu abri a porta e entrei na casa’
1860. *a-putar aʔe u-pɨɨk*
 1-querer ele/esse 3-dançar
 ‘eu quero que ele/esse dance’
1861. *a-putar aʔe u-zeɨar*
 1-querer ele/esse 3-cantar
 ‘eu quero que ele/esse cante’

A partícula *ram* em Guajajára

Em Guajajára a partícula *ram* não apresenta as mesmas funções que no Tembê, não se associando a verbos. Na variedade do Guajajára pesquisada por nós esta partícula ainda expressa o estado projetado dos referentes de nomes, como ocorria no Tupinambá, e como ocorre em várias línguas do sub-ramo IV, e no Asuriní do Xingú, sub-ramo V. O passado dos nomes ainda é plenamente ativo em Guajajára em faixas etárias distintas na aldeia Angico Torto. Os falantes dessa aldeia reconhecem que falantes das aldeias de Barra do Corda usam a forma *ram* associada a verbos.

Conforme já tratado em capítulo anterior, o nominalizador *pĩ* que marca os verbos no particípio recebe as marcas dos estados retrospectivo e prospectivo das entidades referidas por nomes como ilustram os exemplos a seguir do Guajajára:

1862. *Ø-maʔe i-puej pĩ-ram*
R¹-coisa R²-lavado NOM-PROSP
‘a roupa vai ficar lavada’

1863. *he r-ĩpuz Ø-pinim pĩ-ram*
1 R¹-casa R¹-pintado NOM-PROSP
‘minha casa vai ficar pintada’

A partícula *ram* combinada a nomes

Exemplos:

1864. *Ø-maʔe ram zepe t-ĩpĩ ram ruʔu aipo*
R¹-coisa PROSP mesmo R⁴-casa PROSP DUB INF
‘vai ser casa’

1865. *nami por wəm ruʔu aipo*

brinco PROSP DUB INF
'vai ser brinco'

1866. *wíra-pew* **uəm**
madeira-chato PROSP
'vai ser banco'

1867. *mez* **uam** *ruʔu* *aipo*
mesa PROSP DUB INF
'vai ser mesa?'

1868. *muʔír* *azur* *amo* **ram**
R⁴.conta pescoço outro PROSP
'vai ser colar'

1869. *t-opoz* *zete* **ram**
R⁴-roupa INT3 PROSP
'vai ser roupa'

1870. *maneku* **ram** *opo*
paneiro PROSP INF
'vai ser um paneiro'

1871. *kwə-kuaw-har* **ram** *ruʔu* *aipo*
dedo-metade- NOM4 PROSP DUB INF
'vai ser um anel'

A partícula **ram** mostra ser exclusiva dos nomes nessa variedade do Guajajára. Argumento a esse favor é o exemplo a seguir em que o adjetivo **katete** não ocorre com a partícula **ram** e sim com a partícula **tar**, por estar em função de núcleo de predicado.

1872. *aw kuzə təʔi i-katete ahɨ tar riʔi*
 este.sent/deit menina R²-bom- INT3 INT2 PROJ2 AFIRM
 ‘esta menina vai ser bonita’

As orações de gerúndio que expressam finalidade em Tembé recebem a partícula **ram** com bastante freqüência. Em Guajajára as orações de gerúndio que expressam finalidade não recebem a partícula **ram** como no Tembé.

1873. *aʔe Ø-ur kweɟ se Ø-maʔe Ø-momor pə aʔe wə*
 ele/esse vir RLZ aqui R¹-coisa 3-jogar GER ele/esse PL
 ‘eles/esses vieram aqui para jogar bola’

1874. *aʔe Ø-ur Ø-puru-muʔe pə Tenetehara*
 ele/esse 3-vir 3-gente-ensinar GER Tenetehára
 ‘ele/esse veio para ensinar a língua’

Ø-zeʔeŋ r-ehe
 R¹-língua R¹-em.relação.a
 ‘ele/esse veio para ensinar a língua’

1875. *aʔe Ø-puru-muʔe wə tenetehara*
 ele/esse 3-gente-ensinar PL tenetehára
 ‘ele/esse veio para ensinar a língua’

Ø-zeʔeŋ r-ehe aʔe
 R¹-língua R¹-em.relação.a ele/esse
 ‘ele/esse veio para ensinar a língua’

1876. *he Ø-memír Ø-ur u-ker pə*
 1 R¹-filho.de.mulher vir 3-dormir GER
 ‘o meu filho veio para dormir’

1877. *ure uru-rur kwej se bol Ø-momor pə*
 13 13-vir RLZ aqui bola 3-jogar GER
 ‘nós viemos para jogar’

1878. *a-rur Ø-kɨhaw kwej ʔi putuka pə*
 1-trazer R¹-rede RLZ água lavar GER
 ‘eu trouxe esta rede para eu lavar’

1879. *a-zur a-maʔe reko pə ihe*
 1-vir 1-trabalhar GER 1
 ‘eu vim para trabalhar’

Em raríssimos casos recebe o verbo **putar** como no exemplo a seguir .

1880. *a-rur pino kwez aʔe u-pír putar*
 1-trazer palha RLZ ele/esse 3-cobrir querer

t-əpuz *r-ehe*
 R⁴-casa R¹ -em.relação.a
 ‘eu trouxe a palha para ele/esse cobrir a casa’

Em um dos casos em que a partícula *ram* do Guajajára ocorre em oração aparentemente indicadora de finalidade, esta segue nome e não verbo, além do que a oração é uma oração independente. É o que o exemplo a seguir ilustra:

1881. *a-muʒin* *ipira* *kwez* *he* *r-emiʒu* ***ram*** *ruʒu*
 1-cozinhar peixe RLZ 1 R¹-comida PROSP DUB
 ‘eu cozinhei peixe para eu comer’ ou ‘eu cozinhei o peixe que vai ser minha comida’

A ocorrência de *ram* nos dados de Boudin

Modalidade projetiva

Boudin traduz o morfema *ram* como “sufixo de futuro”, mas deixa claro que exprime os significados de ‘idéia de querer’, ‘tencionar’, assim como os significados de ‘já’ e ‘para’:

Exemplos:

1882. *azéha-ramo-har* *a-ham-ram* *pép(é)*
 ‘justamente tencionava ir lá’ (BOUDIN, 1967, p. 222)

1883. *aha-ram*
 ‘já vou’ (BOUDIN, 1967, p. 222)

1884. *a-zé-pĩtahak ni-ram a'ar*
'eu me apóio para não cair' (BOUDIN, 1967, p. 222)

Observa-se que, na expressão da modalidade deôntica, há significativas diferenças entre o Tembé e o Guajajára.

4.3.7. Modalidade alética – graus de certeza

Na expressão da modalidade alética, os graus de certeza expressos em Tembé e em Guajajára são marcados por partículas que assinalam do mais baixo ao mais alto grau de certeza. Identificamos nas duas línguas as modalidades inferencial e dubitativa.

4.3.7.1 Modalidade dubitativa

A modalidade dubitativa é marcada em Tembé e Guajajára por meio da partícula *ruʒu* que ocorre em orações interrogativas que não expressam dúvida explícita, em interrogativas que expressam dúvida explícita e em orações não interrogativas que expressam dúvida explícita.

4.3.7.1.1 A partícula *ruʒu*

Tembé

Exemplos:

1885. *maʒe ruʒu aipo?*
que DUB INF
'o que é então?'

1886. *teko ruʒu aipo*
gente DUB INF
'será que é gente?'

1887. *maʒe aʒi ruʒu aipo*
bicho- ATN DUB INF
'será que é animal?'

1888. *apiterer ruʒu aipo*
visagem DUB INF
'será que é visagem?'

Guajajára

Exemplos:

Observe-se que em Guajajára, assim como em Tembé, a partícula *ruʒu* pode coocorrer com a partícula *aipo*.

1889. *nu mano kwaw ruʒu aipo*
NEG morrer NEG DUB INF
'eu acho que ele/esse não morreu'

Além de co-ocorrer com a partícula *aipo*, a partícula *ruʒu* pode coocorrer com outras partículas de modalidade como *tar*, *raʒa* como se pode comprovar nos exemplos que seguem.

Coocorrência das partículas *ruʒu* e *tar*

Exemplos:

1890. *ruʒu əmən ukɨr tar*
DUB *chover* PROJ 2
'será que vai chover?'

1891. *∅-ʒur putar ruʒu Francisco se pɨhəwe?*
3-vir PROJ2 DUB nome.próprio aqui amanhã
'será que Francisco vem amanhã?'

1892. *i-maʔe ahɨ tu-ruʒu pe zapukaj aipo*
R²-estar.doente PROJ-DUB aquele/esse-deit/em.pé galinha INF
'será que esta galinha está doente?'

O exemplo anterior (1855) mostra a partícula *ruʒu* em combinação com a partícula *tar*, resultando na forma *turuʒu*.

Coocorrência das partículas *ruʒu* e *raʒa*

Exemplos:

1893. *u-mano ruʒu raʒa*
3-morrer DUB VIS.DO.FAL.
'eu acho que ele/esse morreu'

1894. *n u-3-mano kwaw ruʒu raʒa*
NEG morrer NEG DUB VIS.DO.FAL.
'eu acho que ele/esse não morreu'

A sentença interrogativa ‘será que vai chover?’ a seguir apresentada ilustra alternância nas possibilidades de uso das partículas *aipo* e *ruɔu* em combinação com a partícula *tar*.

Tar e aipo

1895. *əmən ukɨr tar aipo*
chover PROJ 2 INF
‘será que vai chover?’

1896. *aipo əmən ukɨr tar*
INF chover PROJ2
‘será que vai chover?’

Aipo , ruɔu e tar

1897. *aipo ruɔu əmən ukɨr tar*
INF DUB chover PROJ2
‘será que vai chover?’

1898. *i-katu tar ruɔu aipo*
R²-bom PROJ2 DUB INF
‘será que ele/esse vai ficar bom’

A modalidade dubitativa nos registros de Cyriaco Baptista e Boudin

Encontramos a partícula *ruʔu* tanto nos dados de Cyriaco Baptista quanto nos de Boudin.

Cyriaco Baptista

A partícula *ruhu* (*ruʔu*)

1899. *Marazauê ruhú ereikukuei coait̄? ohó upuranupéhe Nahani!*
‘Perguntou a onça você dizendo assim indo perguntar a elle
Não’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 383)

Boudin define a partícula *ruʔu* como ‘partícula interrogativa pressupondo noção de futuro incerto’, ‘será que?’. Os dados atuais do Tembé e do Guajajára mostram que essa partícula pode ocorrer em sentenças que se reportam tanto ao passado (cf. os exemplos 1893, 1894 etc.) quanto ao futuro (cf. os exemplos 1890, 1891 etc.), uma evidência de que esta partícula não é uma partícula temporal.

1900. *mo-té ru’u*
‘quem será?’ (BOUDIN, 1967, p. 233)

1901. *kwêz a-zapo-néhé-ru’u?*
‘será que eu vou fazer isto?’ (BOUDIN, 1967, p. 233)

1902. *a-há ru’u-néhé*
‘eu não estou seguro de ir (não tenho certeza)’ (BOUDIN, 1967, p. 233)

Observa-se nos exemplos de Boudin a partícula *ruʔu* em sentenças que carregam noção de dúvida, incerteza, significados que se mantêm no Tembé e no Guajajára atuais.

4.3 As partículas *niʔim* ~ *nariʔim ete* e *raníʔim*

As partículas *niʔim* ~ *nariʔim ete* do Tembé e *raníʔim* do Guajajára carregam significado similar ao do advérbio ‘talvez’ do português. São quase sempre usadas em sentenças não interrogativas.

Tembé

Exemplos:

1903. *niʔim* *kwarahí: rahí ram aipo*
talvez sol:sol PROJ1 INF
‘talvez vá fazer sol’

1904. *niʔim* *zahak ram aipo*
talvez tomar.banho PROJ1 INF
‘talvez eu vá tomar banho’

1905. *teko aipo nariʔim ete*
gente INF talvez INT 3
‘talvez seja gente’

1906. *nariʔim ete maʔe aʔr aipo*
talvez INT 3 bicho-DIM INF
‘talvez seja animal’

1907. *nariʔim ete apíterer aipo*
talvez INT3 visagem INF
‘talvez seja visagem’

Guajajara

A partícula *ranĩ?ĩm* ‘talvez’

Exemplos:

1908. *ranĩ?ĩm ukĩr*
talvez chover
‘talvez chova’
1909. *ranĩ?ĩm a-zən*
talvez 1-correr
‘talvez eu corra’
1910. *ranĩ?ĩm aipo əmən ukĩr putar*
talvez INF chover PROJ2
‘talvez chova’
1911. *ranĩ?ĩm u-hem putar*
talvez 3-sair PROJ2
‘talvez ele/esse vá sair’

As partículas *aipo*, *heruwə*, *ru?u*, *ni?ĩm*, *nari?ĩm* etc e *ranĩ?ĩm* contribuem para a expressão do baixo grau de certeza do falante a respeito da informação proferida na sentença. O uso atual dessas partículas exprimindo tais noções mostra como as duas línguas Tenetehára conservam importantes características das línguas da família Tupí-Guaraní não obstante o extremo contato com a língua portuguesa e a situação de bilingüismo em que vivem.

4.3.7.1.3 Alto grau de certeza

Os mais ele/essevados graus de certeza em Tenetehára são expressos: a) por meio de partícula; e b) pela ausência de marca, como é o caso das sentenças declarativas.

4.3.7.1.3.1 A partícula *azeha ramo* ~ *adeha ramo* ‘é certo que’, ‘é verdade que’

A partícula *azeha ramo* ~ *adeha ramo* ~ *zeha romo* ~ *deha romo* encontradas nas duas línguas Tenetehára marca esse elevado grau de certeza acerca da informação expressa na sentença.

Tembé

Exemplos:

1912. *adeha ramo* *ete-har* *o-ho* *ram* *Paragomin-pe*
é certo que INT3- NOM6 3-ir PROJ1 Paragominas-LOC
‘eu tenho certeza de que ele/esse vai jogar em Paragominas’

1913. *deha ramo* *ete* *ahĩ* *dawar* *u-ata* *Ø-iko*
é certo que INT3 INT2 onça 3-andar 3-estar.em.mov.

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia-LOC

‘realmente tem uma onça rondando a aldeia’

1914. *h-eta* *tue* *ahĩ* *deha ramo* *u-ata* *aiko*
R²-ter HAB1 INT2 é certo que 3-andar 3-estar.em.mov.

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia- LOC

‘tem mesmo uma onça rondando a aldeia’

1915. *deha ramo ete-har dawar u-ata aiko*
é certo que INT3- NOM4 onça 3-andar 3-estar.em.mov.

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia- LOC

‘é verdade que tem uma onça rondando a aldeia’

Guajajara

Azaha romo ‘é certo que’, ‘é verdade que’

Exemplos:

1916. *azaha romo a-ha ta Arame-pe p̃həwe*
é certo que 3-ir PROJ 2 Arame-LOC amanhã
‘eu tenho certeza de que ele/esse vai jogar amanhã no Arame’

1917. *azaha romo awa u-mano kwej karu mehe*
é certo que homem 3-morrer RLZ no final da tarde
‘eu tenho certeza de que o homem morreu ontem’

1918. *azaha romo h-eta awa Ø-mano ɲwer -pe r-upi*
é certo que R²-ter homem 3-morrer RETR R¹-caminho R¹- PER
‘é verdade mesmo que tem um homem morto no caminho’

1919. *azeha romo* *u-apí* *Ø-ko* *i-wə*
 é certo que 3-queimar R²-roça R²-PL
 ‘é certo mesmo que queimaram as roças’

Adeha ramo em sentenças interrogativas

Tembé

Em Tembé a expressão *azeha ramo (adeha ramo ~deha romo)* também pode ocorrer nas sentenças interrogativas quando o falante questiona o teor da certeza da informação de uma outra sentença que veicula uma informação dada como verdadeira.

Exemplos:

1920. *deha ramo* *o-ho* *ram* *wə*
 é certo que 1-ir PROJ1 PL
 ‘será que ele/esses vão?’ ‘é certo/é verdade que ele/esses vão?’

1921. *deha ramo* *re-ho* *ram* *i*
 é certo que 2-ir PROJ1 INDII
 ‘será que você vai?’ ‘é certo/é verdade que você vai?’

1922. *deha ramo* *ro-ho* *ram* *i*
 é certo que 13-ir PROJ1 INDII
 ‘será que nós vamos?’ ‘é certo/é verdade que nós vamos?’

1923. *deha ramo* *ete* *a-há* *ram* *i*
 é certo que INT³ 1-ir PROJ1 INDII
 ‘será que eu vou mesmo?’

1924. *deha ramo aʔe o-ho ram i*
 é certo que ele/esse 1-ir PROJ1 INDII
 ‘é certo que ele/esse vai mesmo?’ ‘é verdade que ele/esse vai mesmo?’

A partícula *deha ramo* pode vir acompanhada da partícula *aipo* e essa combinação pode ser traduzida como ‘pode ser que seja verdade que ...?’; ‘será que é certo que’...?, ‘será que é verdade que...?’.

Tembé

Exemplos:

1925. *o-momor ram aipo o-ho deha ramo Paragomin-pe nehe*
 3-jogar PROJ1 INF 1-ir é certo que Paragominas-LOC INTEN
 ‘pode ser que ele/esse vá jogar em Paragominas’

1926. *o-momor ram aipo deha ramo Paragomin-pe nehe*
 3-jogar PROJ1 INF é certo que Paragominas-LOC INTEN
 ‘será que ele/esse vai jogar em Paragominas?’

1927. *heruwə o-ho ram aipo deha ramo*
 pode.ser 1-ir PROJ1 INF é certo que

o-momor Paragomin-pe
 3-jogar Paragominas-LOC

‘pode ser que ele/esse vá jogar em Paragominas’

1928. *h-eta aipo deha ramo dawar u-ata aipo*

R²-ter INF é certo que onça 3-andar INF

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia- LOC

‘pode ser que tenha uma onça rondando a aldeia mesmo’

A partícula *azeha ramo* nos dados de Ciryaco Baptista e Boudin

Cyriaco Baptista

Em Cyriaco Baptista encontramos a expressão ***azéhárumu*** traduzida pelo autor como ‘é certo’ conforme mostram os exemplos:

Exemplos:

1929. *ihi muaú zêkuêhê tamánúá. ukeri zêkuêhê Zauaruhú*

Disse mentindo em certo tempo o tamanduá dormiu em certo tempo a onça
(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 378)

1930. ***Azehárumu*** *ahêa rahé. Támánuá zêkuêhê*

(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 377)

Boudin

Em Boudin a mesma forma é encontrada: ***azéha-ramo*** com o significado de ‘é verdade’, ‘de fato’, ‘está certo’, ‘certamente’, ‘ter certeza’, ‘estar seguro’.

Exemplos:

1931. ***azéha-ramo*** *a-há*

‘de fato eu vou’ (BOUDIN, 1967, p. 46)

1932. *ihê-wê azéha-ramo o-ho*
'tenho certeza de que êle foi' (BOUDIN,1 967, p. 46)

1933. *azéha-ramo?*
'será possível? (será verdade?)' (BOUDIN,1 967, p. 46)

4.3.7. 2. Modalidade inferencial

Esta modalidade é marcada por meio da partícula *aipo*, que tem alta freqüência em orações que expressam falta de certeza quer a menos explícita como as orações interrogativas quer as mais explícitas como aquelas que expressam 'não sei', 'eu acho', 'talvez' e em orações que transitam entre incerteza e possibilidade.

4.7.2.1 A partícula *aipo*

Em orações interrogativas

Tembé

Exemplos:

1934. *ma?e r-enata ramo wíra-?íw-əj aipo*
que R¹-em.frente.de árvore-pau- ARG INF
'na frente de que fica a árvore?'

1935. *amo r-enata ramo ere-am aipo*
quem R¹-em.frente.de 2-estar.em.pé INF
'ao lado de que você esta?'

1936. *amo r-enata ramo pe-am aipo*
 quem R¹-em.frente.de 2-estar.em.pé INF
 ‘ao lado de quem vocês estão?’
1937. *amo r-eke pe-apĩk aipo*
 quem R¹-perto.de 23-sentar INF
 ‘perto de quem vocês sentaram?’
1938. *amo i-mujte e-reko aipo*
 quem R¹-longe 2-estar INF
 ‘longe de quem você está agora?’
1939. *ma?e r-eke dapepo u-in aipo*
 que R¹-perto.de panela 3-estar.sentado INF
 ‘junto de que está a panela?’
1940. *amo r-eke pe-ko aipo*
 quem R¹-perto.de 23-estar.em.movimento INF
 ‘junto de quem vocês estão?’
1941. *amo r-upi i-ho-n aipo*
 quem R¹-com R²-ir- INDII INF
 ‘na companhia de quem ela foi?’
1942. *amo te u-hem Ø-ur aipo pe- pe*
 quem M.DISC. 3-chegar 3-uir INF lá-LOC
 ‘aí chegou quem?’

1943. *ma?e zewe te aipo?*
o que? M.DISC. INF
‘aconteceu o quê?’
1944. *ma?a pe bol h-eko-n aipo*
onde bola R²-estar.em.mov. INDII INF
‘a bola está onde?’
1945. *ma?a pe pe-ho ram aipo*
onde 23-ir PROJ1 INF
‘vocês vão aonde?’
1946. *mara dewe pe-momor-haw aipo*
como 23-jogar- NOM6 INF
‘vocês jogaram como?’
1947. *ma?a mehe pe-momor-haw aipo*
quando 23-jogar-NOM6 INF
‘vocês jogaram quando?’
1948. *amo namipor aipo*
quem brinco INF
‘este brinco é de quem?’

Convém referir que, embora haja alta frequência do uso de *aipo* em orações interrogativas, esta não se comporta como marca de interrogação como se pode supor a

princípio, haja vista que há grande ocorrência de sentenças interrogativas sem o uso dessa partícula como pode ser confirmado nos exemplos a seguir apresentados.

1949. *maʔe r-eke Ø-pʔa ne r-ɨpʔj*
 que R¹-perto.de 3-ficar 2 R¹-casa
 ‘perto de que fica a sua casa?’

1950. *amo iru ramo ere-ho ram mi*
 quem companheiro-TRANS 2-ir PROJ1 INDII
 ‘você vai com quem?’

1951. *amo-pe pe-mono ram puʔr-ə*
 quem-para 2-dar PROJ1 colar- ARG
 ‘vocês vão dar o colar para quem?’

1952. *maʔe r-emujte ne r-ɨpʔj u-pʔa*
 que R¹-longe 2 R¹-casa 3-ficar
 ‘longe de que fica sua casa?’

1953. *amo iru ramo pe-momor ram mi*
 quem companheiro- TRANS 23-jogar PROJ 1 INDII
 ‘vocês vão jogar com quem?’

1954. *amo r-enata ramo ere-am-i*
 quem R¹-em.frente.de 2-estar.em.pé- INDII
 ‘na frente de quem você está?’

Guajajara

A partícula *aipo* em sentenças interrogativas

Exemplos:

1955. *ne* \emptyset -*memir* *ne* *r-a?ir* *h-aku* ***aipo***
2 R¹-filho.de.mulher 2 R¹-filho.de.homem R²-quente INF
'seu filho tem febre?'

1956. *ne* *re-haraz* *iapo-haw* *wi* ***aipo***
2 2-esquecer fazer- NOM de INF
'você esqueceu como fazer?'

1957. \emptyset -*ur* ***aipo***
3-*vir* INF
'ele/esse veio?'

1958. *u-kir* ***aipo***
3-*chover* INF
'vai chover?'

1959. *u-mano* *awa* ***aipo***
3-*morrer* homem INF
'o homem morreu?'

A partícula *aipo* em sentenças interrogativas que expressam dúvida

Guajajara

Exemplos:

1960. *aipo ure-pup#iwə putar pe kutəri-pe*
INF 13-ajudar PROJ2 23 hoje -LOC
'será que vocês vão nos ajudar hoje?'

1961. *aipo re-esak pe taw-pe ne*
INF 2-ver lá cidade- LOC 2
'será que você me viu na cidade?'

1962. *aipo he r-eraha pe taw-pe*
INF 1 R¹-levar 23 cidade-LOC
'será que vocês me levam para a cidade?'

1963. *aipo ure r-enu pe ure zeʔeŋ mehe NE*
INF 13 R¹-ouvir lá 13 falar SUB 2
'será que você nos ouviu quando falamos?'

A partícula *aipo* em sentenças não interrogativas que transitam entre incerteza e possibilidade

Tembé

Exemplos:

1964. *pe pe h-ur#iw ete a-iko*
23 23 R²-estar.alegre INT 3 1-estar.em.mov.

aipo wə

INF PL

‘acho que lá está muito animado’

1965. *h-eta tete teko aipo aʔe-pe*

R²-ter INT1 gente INF lá-LOC

‘deve ter muita gente’

1966. *t-ekohaw-pe karai r-ekoha Ø-pe h-eta tete*

R⁴-aldeia-LOC não.índio R¹-aldeia R¹-LOC R²-ter INT1

aʔu amo ɨwer tenetehara aipo aʔe-pe

INT2 outro RETR Tenetehára INF lá-LOC

‘acho que a cidade está cheia de índios de todo o Brasil’

1967. *u-de-musarau Ø-katu Ø-iko aipo aʔe*

3-brincar R¹-bom 3-estar.em.mov. INF ele/esse

we no

cont REP

‘eu penso que ele/esses estão se divertindo muito’

1968. *Tenetehara upaw r-upi aʔu o-ho ram aipo*

Tenetehára todos R¹-por INT4 3-ir PROJ1 INF

Paragomin-pe bol-momor-haw u-r-esak pə

Paragominas-LOC bola-jogar- NOM6 13-CCOM-ver GER

‘quase todos os Tembê vão para Paragominas ver os jogos’

1969. *mərən aŋ u-pʰta ram teko aipo se*
 quanto ATN 3-ficar PROJ1 pessoa INF aqui

t-ekohaw-pe

R⁴-aldeia-LOC

‘vai ficar pouquinho gente aqui na aldeia’

1970. *aʔe ʔar mehe Ø-puraŋ ete ram*
 esse dia quando R¹-bonito INT3 PROJ1

aipo dane-we nehe

INF 12-DAT INTEN

‘vai ser um momento muito importante para nós’

Co-ocorrência de *aipo* com a expressão *heruwa* ‘pode ser’, ‘talvez’, ‘sei lá!’, não sei’

Boudin registra a partícula *heruwa* com o significado de ‘pode ser’, ‘talvez’, ‘sei lá!’, não sei’ (1966, p. 60). Essa partícula ainda é usual em Tembé com o mesmo significado verificado por Boudin. A coocorrência desta expressão claramente dubitativa com a partícula *aipo* constitui argumento em favor do caráter inferencial desta última.

Tembé

Exemplos:

1971. *he ruwə teko aipo*
 pode ser pessoa INF
 ‘não sei, parece que é gente’

1972. *he ruwə* *Ø-maʔe* *aʔir* *aipo*
pode ser R¹-bicho ATN INF
‘pode ser um animalzinho’

1973. *he ruwə* *ap̄terer* *aipo*
pode ser visagem INF
‘não sei, parece que é visagem’

1974. *he ruwə* *teko* *we* *aipo*
pode ser gente CONT INF
‘quem sabe é gente’

Os exemplos a seguir mostram o uso de *aipo* sem a partícula *he ruwə*:

1975. *teko* *we* *aipo*
gente CONT INF
‘deve ser gente’

1976. *maʔe* *aʔir* *aipo*
bicho ATN4 INF
‘deve ser animalzinho’

1977. *ap̄terer* *aʔu* *aipo*
visagem INT4 INF
‘deve ser visagem’

A partícula *heruwə* nos dados de Cyriaco Baptista (1932) e Boudin (1966):

Cyriaco Baptista

Exemplos:

- 1978 *hêruâ*
 ‘não sei’ (1932: 360)

Boudin

Exemplos:

- 1979 *héruwü*
 sei lá! não sei! pode ser! talvez! (1966, p. 60)

A partícula *aipo* nos registros de Cyriaco e de Boudin

A presença da partícula *aipo* é encontrada nos registros de Cyriaco Baptista como pode ser visto nos exemplos que seguem

Exemplos:

1980. *nêrêháité aipo*
 ‘estás com pressa’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 361)
1981. *izêkuêhé uariuyâuâ Aipózané kuêhé népaiuér uazéngârâ Ihi*
 ‘disse em certo tempo disse (ram) (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 361)
1982. *zêkuêhéuâ ijupé. tipipiuhu ihiruku iupaiuér uazéngara.*
 ‘Em certo tempo para elle. dizia

Nahany pá

Não, senhor!’

(CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 389)

Boudin define a partícula *aypo* com o significado de ‘será que...’ e oferece os exemplos a seguir em que a partícula *aypo* é usada em contextos que expressam dúvida.

Exemplos:

1983. *o-ho aipo?*

‘será que ele/esse foi?’ (BOUDIN, 1967, p. 18)

1984. *érê’u pitôm aipo?*

‘será que você come pitomba?’ (BOUDIN, 1967, p. 1)

4.3.7.1.3.2 Sentenças declarativas sem marcas de modalidade

Sentenças declarativas podem expressar certeza mesmo sem marcas modalizadoras, tanto em Tembé quanto em Guajajára. As sentenças a seguir consistem em respostas dadas por falantes quando estes tinham um conjunto de evidências para afirmar qual era a entidade a respeito das quais estavam sendo interrogados, indicando um grau máximo de certeza.

Tembé

Exemplos:

1985. *teko-ə*

gente-ARG

‘é gente’

1986. *Ø-maʔe aʔir-ə*
 R¹-bicho DIM – ARG
 ‘é animal’
1987. *ap#erer*
 visagem
 ‘é visagem’
1988. *h-eta dawar u-ata t-ekohaw-pe*
 R²-ter onça 3-andar R⁴-aldeia-LOC
 ‘tem uma onça rondando a aldeia’

Guajajara

Exemplos:

1989. *t-#p#z*
 R⁴-casa
 ‘é casa’
1990. *kuzə*
 mulher
 ‘é mulher’
1991. *awa*
 homem
 ‘é homem’

1992. *bol-momor-haw*
bola-jogar-haw
'é campo'

1993. *zahak-aw*
tomar.banho-NOM9
'é banheiro'

1994. *maŋ-ʔiŋ*
manga-árvore
'é mangueira'

1995. *Ø-uʔiŋ*
R-flecha
'é flecha'

1996. *zapew*
lenha
'é chapéu'

Negativas

Tembé

Exemplos:

1997. *nəni teko-ə nəni R¹- maʔe aʔiŋ-ə, nən apɬerer*
NEG gente- ARG NEG R¹-bicho-DIM- ARG NEG visagem

‘não é gente, não é animal, nem é visagem’

Guajajara

Exemplos:

- | | | | |
|-------|-----------------|--------------|----------------------|
| 1998. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>t-ɪpʲi</i> |
| | NEG | NEG | R ⁴ -casa |
| | ‘não é casa’ | | |
| 1999. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>kuzə təʔi</i> |
| | NEG | NEG | menina |
| | ‘não é menina’ | | |
| 2000. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>kuzə</i> |
| | NEG | NEG | mulher |
| | ‘não é mulher’ | | |
| 2001. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>Ø-muhaŋ</i> |
| | | | R̄remédio |
| | ‘não é remédio’ | | |
| 2002. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>wɪrapar</i> |
| | NEG | NEG | arco |
| | ‘não é arco’ | | |
| 2003. | <i>nan</i> | <i>ukwaw</i> | <i>Ø-uʔiʋ</i> |

NEG NEG R-flecha
'não é flecha'

2004. *nan* *ukwaw* *pako*
NEG NEG banana
'não é banana'

4.4 Comparando o Tenetehára com línguas de outros sub-ramos

Nesta seção procedemos a comparações entre o Tenetehára e as línguas dos sub-ramos III, IV, V e VII da família Tupí-Guaraní com o propósito de identificarmos possíveis semelhanças e diferenças que possam trazer mais evidências para explicar a origem do Tenetehára. Compararemos a expressão de aspecto, modo de ação e modalidade nessas línguas.

4.4.1 O Tenetehára em comparação com línguas do sub-ramo III

4.4.1.1 O Tupinambá

Conforme Rodrigues (1953, p. 138), o Tupinambá distinguia os seguintes aspectos: verbo plural, frequentativo, intensivo, perfectivo, frustrativo, lusivo, exclusivo, fictivo, desiderativo, iterativo, continuativo, instativo, frequentativo habitual, consuetivo e volitivo. A seguir apresentamos em que consistiam cada uma dessas noções aspectuais, como eram expressas, bem como apresentamos exemplos que as ilustram.

Verbo plural: realizava-se por meio de reduplicação monossilábica, indicando a realização múltipla do processo, sucessiva ou simultânea (RODRIGUES, 1953, p. 138).

mokón 'engolir'

2005. *mokó-kón*
‘engolir muitas coisas sucessivamente’ (RODRIGUES, 1953, p. 138)

sok ‘quebrar-se’

2006. *só-sók*
‘quebrar-se por muitas partes (simultaneamente ou sucessivamente)
(RODRIGUES, 1953, p. 138)

Freqüentativo : expresso por meio de reduplicação dissilábica do tema e indicava que o processo era repetido diversas vezes. (RODRIGUES, 1953, p. 138)

mokón ‘engolir’

2007. *mokó-mokón*
‘engolir muitas vezes’ (RODRIGUES, 1953, p. 138)

tykyr ‘pingar’

2008. *tyky-tykyr*
‘gotejar’ (RODRIGUES, 1953, p. 138)

Intensivo: denotava que o processo era desenvolvido com intensidade e era expresso por incorporação do tema *katu* ‘bem’ ao tema verbal, pelo acréscimo do sufixo *eté* e pela estratégia da reduplicação:

pûeráb ‘sara’

2009. *pûerá-katú*
‘sara bem’ (RODRIGUES, 1953, p. 138)

kuáb ‘saber’

2010. *kuáb-eté*
‘saber muito’ (RODRIGUES, 1953, p. 139)

mo-îegûák ‘enfeitar’

2011. *mo-îegûá-îegûák*
‘enfeitar muito’, ‘enfeitar bem’ (RODRIGUES, 1953, p. 139)

4.4.1.2 Língua Geral Amazônica

A respeito do aspecto intensivo na Língua Geral Amazônica, embora Magalhães não trate de aspecto propriamente dito, faz as seguintes observações e dá os seguintes exemplos que contribuem para esta análise:

“Muito ceíia, só empregam para expressar numeros, ou cousas que se possam contar. Quando porém, o muito indica apenas superioridade na acção, como: andei muito, falei muito, dorme muito, muito bom, muito bonito, então segue-se o verbo ou adjetivo do signal de superlativo que é reté, ou eté segundo o nome termine em vogal breve ou vogal longa (...) (p.96-97)

2012. ‘eu tenho muita gente’ *Xa rekó míra ceíia.*
‘eu tenho muito’ *Xa rekó rete*

O exemplo mostra o intensivo sendo expresso por meio da partícula *reté ~ eté*.

Perfectivo: em Tupinambá era expresso pela afixação do sufixo *-umûán* ou *-umán*, significando que o processo era realizado completamente.

2013. *a-s-epiák-umûán*
‘eu já o vi’ (RODRIGUES, 1953, p. 139)

Frustrativo : realizado pelo acréscimo do sufixo *bia*, significando que não se conseguia o fim para o qual o processo era realizado.

2014. *a-ra-so-biã*
‘levei-o de balde’ (RODRIGUES, 1953, p. 139)

Lusivo: expresso pela afixação do sufixo *-î* aos temas terminados em consoantes e *-né ~ -tené* aos temas terminados em vogal, denotando que o processo era realizado sem nenhum propósito especial, mas por pura recreação.

2015. *a-s-epiák-î*
‘vejo-o só por ver’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

2016. *a-só-né*
‘fui sem necessidade’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

Exclusivo: expressava-se pela estratégia de afixação dos sufixos *-i ~ -iôte ~ nõte*. Significava que o processo era realizado com exclusividade.

2017. *o-ám-î*
‘ele/esse esteve em pé sem sair do lugar’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

Fictivo: indicava que o sujeito simulava a realização do processo. Podia realizar-se por reduplicação dissilábica do tema e afixação do sufixo *-aúb* ou pela incorporação do tema ou da forma.

-rasó ‘levar’

2018. *a-ra-só-ra-só-aúb*
‘finjo que o levo’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

kutú ‘ferir’

2019. *xe-kutú-moáng*
‘fingiu ferir-me’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

Desiderativo: indicava o desejo do sujeito de realizar o processo, sendo expresso de duas maneiras:

a) pela sufixação de **-aúb** reduplicado dissilabicamente.

2020. *a-só-aú-aúb*
‘desejo ir’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

b) pela incorporação do tema **potar**

2021. *a-só-potar*
‘quero ir’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

A Língua Geral Amazônica

A respeito do verbo **putári** na Língua Geral Amazônica, Magalhães (1876) faz o seguinte esclarecimento:

“24. Idiotismos. O verbo putári, querer tem um mui singular modo de figurar na oração; sempre que elle vem junto de outro verbo, é esse outro verbo que recebe o prefixo pronominal, ao passo que elle fica invariável,

assim: eu quero ir para o Amazonas. Xa so putári Suriman ketê, litteral: eu vou quer Amazonas para. (MAGALHÃES, 56-57)'

'Putári, querer, vai sempre depois do verbo que em portuguez se lhe segue, e fica invariável, recebendo o outro verbo o prefixo pronominal, ou o sufixo de tempo. (MAGALHÃES, 1876 p. 101)'

2022. xa *putári*

'eu quero' (MAGALHÃES, 1876, p. 57)

2023. *inti mahã xa putári*

'eu não quero' (MAGALHÃES, 1876, p. 57)

2024. xa *puraúké putári.*

'eu quero trabalhar' (MAGALHÃES, 1876, p. 101)

2025. *renhehẽ putári será nhehengatú?*

'tu queres falar tupi?' (MAGALHÃES, 101)

2026. xa *nhehẽ putári; intí xa kuáu.*

'eu quero fallar, mas não sei' (MAGALHÃES, 101)

Iterativo: realizava-se em Tupinambá por meio do sufixo *beñé ~ beñenó*, significando que o processo era repetido uma vez.

2027. *a-só-beñé*

'torno a dizer' (RODRIGUES, 1953, p. 140)

Continuativo: expresso por meio do sufixo *bé*, indicando que o processo continuava a ser realizado.

2028. *o-karú-bé*
‘ainda está comendo’ (RODRIGUES, 1953, p. 140)

Instativo : expresso por meio do sufixo *-sûér* *~sûér-ĩ* e indicava que o processo estivera a ponto de ser realizado, embora não o tivesse sido.

2029. *a-manó-sûér*
‘estive a ponto de matá-lo, quase o matei’ (RODRIGUES, 1953, p. 141)

Freqüentativo habitual : por meio do sufixo *-îa* ou *îaby*. Indicava o hábito de praticar freqüentemente o processo.

2030. *xe-poró-anupã-îaby*
‘costumo açoitá-lo muito ou muitas vezes’ (RODRIGUES, 1953, p. 141)

Consuetivo: pela sufixação de *-ame* (às vezes com o acréscimo de *îepí*), significando que havia costume em realizar o processo.

2031. *a-só-ame-îepí*
‘eu costumava ir, eu ia sempre’ (RODRIGUES, 1953, p. 141)

Volitivo: por meio dos sufixos *-ká* (linguagem dos homens) e *-ky* (linguagem das mulheres) acrescentados à 1ª s. e p.

2032. *a-só-ká*
‘quero ir’ (homem) (RODRIGUES, 1953, p. 140)

2033. *a-só-ky*

‘quero ir’ (mulher) (RODRIGUES, 1953, p. 140)

É consenso entre vários linguistas que o Tupinambá é uma língua conservadora, e, sendo assim, muitas de suas expressões gramaticais não de ser encontradas em outras línguas da família que também preservaram um ou outro aspecto, ou vários aspectos da língua original.

Várias das modalidades de aspecto encontradas no Tupinambá possuem expressões correspondentes em Tenetehára e com morfemas cognatos como o são os casos do interativo, Tupinambá *beñé ~ beñenó*, Tenetehára *we* ou *we....no*; o intensivo por meio de *katú* ou *eté*, mas também pela reduplicação do tema ou de parte deste. A maioria das subcategorias de aspecto encontradas em Tupinambá são encontradas em Tenetehára, como o lusivo, o desiderativo, o frustativo e outras.

4.4.2 O Tenetehára em comparação com línguas do sub-ramo V

4.4.2.1 Asuriní do Xingú

4.4.2.1.1 Aspecto

No que diz respeito à expressão de aspecto, Monserrat identifica no Asuriní do Xingú os aspectos volitivo, completo, mandativo, desiderativo especializado, além de outras partículas com valor aspecto-temporal (MONSERRAT, 1988, p. 24-30).

4.4.2.1.1.1 Aspecto Volitivo

De acordo com Monserrat (1988, p. 24), o aspecto volitivo é expresso em Asuriní do Xingú por meio da raiz verbal *putat* (*putat ~ mutat*) em combinação com outros verbos. Essa raiz quando usada como verbo independente significa ‘querer’.

2034. *Myra amu'e putat*
'quero ensinar a Myra' (MONSERRAT, 1988, p. 24)

2035. *erekaru putat pe*
'você quer comer' (MONSERRAT, 1988, p. 24)

2036. *atym putat*
'quero plantar' (MONSERRAT, 1988, p. 24)

4.4.2.1.1 2 Aspecto completivo

Segundo a autora, o aspecto completivo é expresso pela raiz *pap* ao formar um tema composto com outros verbos. A raiz *pap* ao ser usada como verbo independente significa 'acabar', 'terminar'.

Exemplos:

2037. *Tyru samumyk pap*
'costuramos tudo' (MONSERRAT, 1988, p. 24)

2038. *ere'ypeit pap pe'ẽ*
'você já remou' (MONSERRAT, 1988, p. 24)

4.4.2.1.1.3 Aspecto mandativo

Realiza-se pelo uso da raiz *ukat* 'mandar', 'ordenar' em composição com outro tema verbal.

2039. *Tyru amumyk ukat Myra Upe*
'mandei a Myra costurar a roupa' (MONSERRAT, 1988, p. 25)

4.4.2.1.1.4 Aspecto desiderativo especializado

Faz-se por meio da composição da raiz *wei* 'querer', 'ter desejo de' com os verbos 'u 'comer', y'u 'beber'. Segundo Monserrat, há, em Asuriní do Xingu, a ocorrência da forma 'ei, com o sentido de querer, em narrativa mitológica.

2040. *kawi a'uwei*
'quero comer cauim' (Monserrat, 1988, p. 25)

2041. *aka, je ne'ei*
'fico, não quero ir' (MONSERRAT, 1988, p. 25)

Há em Asuriní do Xingu as partícula *nũ/anũ* e *jane nũ* que, embora a autora não identifique com clareza o significado dessas partículas (Monserrat, 1988, p. 28), assemelham-se à partícula *nô ~nõ* que marca o aspecto repetitivo do Tenetehára.

2042. *jê py ay Juapyt nũ*
'meu pé está doendo de novo' (MONSERRAT, 1988, p. 28)

2043. *erejat ive pe nũ*
'você vem de novo?' (MONSERRAT, 1988, p. 28)

2044. *arupavi ja ne nũ*
'posso trazer tudo' (MONSERRAT, 1988, p. 28)

Há ainda, nessa língua, as partículas *(i)ve e juapyt* ‘de novo’, ‘outra vez’, assinalando noção semelhante àquela expressa pelas partículas *nũ/anũ* e *jane nũ*.

2045. *jê mu'e ve ape*
‘você me ensinou novamente’ (MONSERRAT, 1988, p. 27)

2046. *érea outat juapyt pe'ẽ*
‘você quer vir novamente?’ (MONSERRAT, 1988, p. 27)

4.4.2.1.1.5 Frustrativo

É expresso por meio da partícula *panemi*.

2047. *Maria rerakwara ikatuyp panemi*
‘o marido de Maria foi bonito à toa (morreu)’ (MONSERRAT, 1988, p. 28)

2048. *umu'e panemi*
‘ensinou em vão (sem resultado)’ (MONSERRAT, 1988, p. 28)

4.4.2.1 1.6 Enfático

A autora identifica, ainda, o aspecto enfático expresso por meio da partícula *jepé*, com significado semelhante à partícula *zapé ~ dapé ~ zepé ~ depé* (Tembé) e *zepé* (Guajajára):

2049. *ene jepe erejememũin anenũ*
‘(então) tu é que vais cozinhar’ (MONSERRAT, 1988, p. 30)

2050. *aite jepe ã tyru putuka 'yve*
'é sempre que ela lava roupa no rio' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

4.4.2.1.2 Modo de ação

Monserrat identifica alguns elementos intensificadores em Asuriní do Xingu: *katute, katutei, katukatu*.

Exemplos:

2051. *aenup katute*
'ouvi muito bem' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

2052. *nerekuap katutei*
'você não sabe muito bem' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

2053. *nerekuavi katukatu*
'você nem sabe'' (MONSERRAT, 1988, p. 30)

Note-se que o Asuriní do Xingu também mantém expressões de aspecto correspondentes em forma e significado às encontradas em Tenetehára, de forma que, até aqui não há evidências de que suas expressões de aspecto tenham sido emprestadas de outras línguas, nem que haja mais semelhança do Tenetehára com uma e outra língua.

4.4.2.2 Araweté

4.4.2.2.1 Aspecto

Segundo Solano (2009, p. 343), em Araweté há, pelo menos, três noções aspectuais as quais são expressas por meio de reduplicação: verbo plural, frequentativo e intensivo.

4.4.2.2.2 Verbo plural: por meio da reduplicação monossilábica (cf. RODRIGUES, 1953)

Exemplos:

2054. *a-he te-ata-ata*
1-ir 1CORR-andar-andar
'eu vou andando ininterruptamente'(SOLANO, 2009, p. 345)

4.4.2.2.3 Frequentativo: realiza-se por meio da reduplicação dissilábica.

2055. *a-nupî-nupî ku he Iwi*
1-bater FOC 1 chão
'eu bati no chão várias vezes'(SOLANO, 2009, p. 345)

4.4.2.2.4 Intensivo: também é expresso por meio da reduplicação dissilábica.

2056. *ne r-uri-ruri*
2 R¹-alegre-alegre
'estou muito alegre' (SOLANO, 2009, p. 345)

2057. *pe-je?e-je?e a-mara*
23-falar-falar 1-mandar
'eu mando vocês falarem muito' (SOLANO, 2009, p. 345)

A noção do modo de ação atenuativo é expressa por meio do sufixo *ʔi* como se pode confirmar no exemplo a seguir.

2058. *uru-ʔuʔu ku ure meju-ʔi*
13-morder/mastigar FOC 13 bolacha- ATEN
'nós mastigamos bolachinhas' (SOLANO, 2009, p. 145)

4.4.2.2.5 Modalidade

4.4.2.2.5.1 Modalidade desiderativa

Em Araweté a manifestação do desejo relativo à realização do conteúdo da proposição dá-se por meio da partícula *puta*, cuja origem está no verbo *-puta* querer/poder:

2059. *a-jarũ puta he te-ka*
1-brigar DES 1 1CORR-estar.em.mov
'eu estou querendo brigar' ('eu estou nervoso') (SOLANO, 2009, p. 392)

2060. *ure r-upehi puta ure*
13 R¹-sono DES 13
'nós queremos dormir' (SOLANO, 2009, p. 392)

Solano descreve outras expressões de modo de ação que corresponde ao que em outras línguas são descritas como aspecto.

4.4.3 O Tenetehára em comparação com as línguas do sub-ramo VIII

Consideraremos agora línguas do ramo XVIII faladas na mesma macro-região em que o Tenetehára é falado.

4.4.3.1 Ka'apór

4.4.3.1.1 Aspecto

Caldas (2001, p. 24) identifica diferentes noções aspectuais na língua Ka'apór: perfectivo, imperfectivo, iminente, progressivo, frustrativo e lusivo.

4.4.3.1.1.1 Perfectivo 1

Realizado por meio da partícula **ʔí** 'perfectivo 1 (ou perfectivo de não-exclusividade)' especifica que a ação, processo, evento ou estado atingiu o seu fim.

2061. *awa* *Ø-kaiŋwer* *ke* *ihẽ* *a-sak* **ʔi**
homem R³-osso AFT 1 1-ver PERF.1
'eu vi um esquele' (CALDAS, 2001:24)

4.4.3.1.1.2 Perfectivo 2

Expresso por meio da partícula **í** '*perfectivo 2 (ou perfectivo de exclusividade)*' especifica que a ação, processo, evento ou estado atingiu o seu fim mais a informação de que o que é expresso pelo processo verbal é da experiência ou do conhecimento exclusivo do falante.

2062. *ihẽ* *ʔ-ók* *ké* *a-peír* **í**
1sg R³-casa AFT 1-varrer PERF.2
'eu varri a casa' (CALDAS, 2001, p. 24)

4.4.3.1.1.3 Imperfectivo

Dá-se pelo uso da partícula **ri** '*imperfectivo*', indicando que o que é expresso pelo predicado ainda não foi concluído.

2063. *arapuhá ké Ø-mano ʔim we rĩ*
 veado AFT 3-morrer NEG ainda IMP
 ‘o veado ainda não morreu’ (CALDAS, 2001, p. 30)

4.4.3.1.1.4 Iminente

Dá-se pelo uso da partícula **tá** ‘*iminente*’, indicando que o processo verbal está na iminência de acontecer.

2064. *ihe ne ke a-pĩhĩk ta*
 1 2 AFT 1-pegar IMIN
 ‘eu estou para pegar você’ (CALDAS, 2001, p. 33)

4.4.3.1.1.5 Progressivo

Expresso por meio dos verbos posicionais: **-xó**, **-ixó** ‘estar em movimento’, **-ín** ‘estar sentado’, **-ú**, **-jú** ~ **-júp** ‘estar deitado’ e **-ʔam** ‘estar em pé’.

2065. *aʔé Ø-puká té Ø-ixó*
 3 3-sorrir VER 3-estar.em.mov.
 ‘ela está sorrindo’ (CALDAS, 2001, p. 48)

2066. *ihē a-pĩĩĩú a-ín*
 1sg 1sg-parar 1sg-estar.sentado
 ‘eu estou descansando’ (CALDAS, 2001, p. 48)

2067. *taʔĩn tá ké Ø-karúk hũ o-ʔú*
 criança ASS AFT 3-urinar Ints 3-estar.deitado

‘as crianças já estão urinando muito’ (CALDAS, 2001, p. 49)

2068. *taʔín h-okwén ké Ø-nupã u-ʔám*
criança NCNT-porta AFT 3-bater 3-estar.em.pé
‘a criança está batendo à porta’ (CALDAS, 2001, p. 51)

4.4.3.1.1.6 Frustrativo

É expresso por meio da partícula **tipé**.

2069. *Ø-kekár o-hó tipé Ø-mahém ʔím ɲã*
3-caçar 3-ir FRUST 3-encontrar NEG 3pl
‘ele/esses foram caçar em vão, não encontraram caça)’ (CALDAS,
2001, p. 72)

4.4.3.1.1.7 Lusivo

Expresso pelo uso da partícula **teʔe:teʔe**

2070. *né teʔe:teʔe Ø-maʔé re-meʔi*
2sg à-toa G-coisa 2sg-contar
‘você contou coisa(s) à-toa’ ou ‘você negou o que você contou ontem’
(CALDAS 2009, p. 74)

2071. *jané ja-hík teʔe:teʔe ja-hík*
1pl 1pl-chegar à-toa 1pl-chegar
‘nós chegamos à-toa’ (CALDAS, 2009, p. 74)

4.4.3.1.2 Modo de ação

Caldas identifica os seguintes modos de ação em Ka'apór: freqüentativo, o intensivo, o habitual, desejo e lamento.

4.4.3.1.2.1 Frequentativo: expresso por meio de reduplicação.

2072. *pehẽ pehẽ Ø-pó pe-nupã:nupã ñã Ø-pé*
2pl 2pl CNT-mão 2pl-bater:bater 3pl CNT-para
'você**s** bateram suas mãos para ele' (CALDAS, 2001, p. 54)

2073. *luz ké Ø-uʔé:uʔé teʔé*
luz AFT 3-apagar:apagar mesmo
'a luz está piscando' (CALDAS, 2001, p. 54)

4.4.3.1.2.2 **Intensivo:** por meio de reduplicação de um tema verbal, por meio de composição verbal, em que o segundo elemento é o descritivo **-katú** 'ter bondade, beleza' e, ainda, por meio da partícula **hũ**:

2074. *jawára ké Ø-jamũ:jamũ o-ʔú*
cachorro AFT 3-gemer:gemer 3-estar.deitado
'a cachorra gemia muito' (CALDAS, 2001, p. 56)

2075. *ihẽ a-p#hú-katú né r-ehé*
1sg 1sg-ter.respeito- INT 2sg CNT-em.relação.a
'você nos respeita muito' (CALDAS, 2001, p. 57)

2076. *ihẽ r-eʔõ té hũ ihẽ ké*

1sg CNT -ter.cansaço VER Ints 1sg AFT
 ‘eu estou muito cansada’ (CALDAS, 2001, p. 58)

4.4.3.1.2.3 Habitual: por meio da partícula *tĩ*

2077. *ihẽ né ké a-juma tĩ*
 1sg 2sg AFT 1sg-abraçar REP
 ‘eu costume abraçar você’ (CALDAS, 2001, p. 44)

2078. *ihẽ a-pĩrũ Ø-ehé tĩ*
 1sg 1sg-pensar NCNT--em.relação.a REP
 ‘eu penso nela habitualmente’ (CALDAS, 2001, p. 44)

4.4.3.1.2.4 Desejo e lamento: por meio da partícula *mã*.

Os exemplos a seguir expressam as noções de desejo e lamento respectivamente.

2079. *ihẽ Ø-katú té tá ihẽ a-kwá-há-wám*
 1sg CNT-ter.bondade VER E.D 1sg 1sg-saber-NOM-PROJ
 ‘ah, se eu fosse bom (forte, sadio)’ (CALDAS, 2001, p. 63)

2080. *mã ařé ké Ø-manõ tá Ø-miãhĩhá kĩ*
 DES 3 AFT 3-morrer IMIN G -ter.fome- NOm INT
 ‘ela vai morrer de fome’ (CALDAS, 2001, p. 64)

4.4.3.2 Guajá

4.4.3.2.1 Aspecto

Magalhães (2007, p. 98) descreve as seguintes noções aspectuais ocorrentes em Guajá:

4.4.3.2.1.1 Completivo : por meio da partícula *má*.

2081. *karai-a pyhy má*
não-índio 3-pegar COMPL
'o não-índio pegou tudo' (MAGALHÃES, 2007, p. 98)

4.4.3.2.1.2 Imperfectivo: por meio da partícula *xi*.

2082. *majhu-a Ø-xa xi awa wỹ*
Jibóia-N 3-ver IMPERF Guajá PLU
'os Guajá estavam vendo a jibóia'(MAGALHÃES, 2007, p. 99)

4.4.3.2.1.3 Perfectivo: assinalado pela partícula *xĩ*.

2083. *areá iramirí ari-ká xĩ*
nós passarinho 13-matar PERF
'nós matamos passarinho'(MAGALHÃES, 2007, p. 99)

4.4.3.2.1.4 Perfeito: marcado pela partícula *rapé ... jehe'*.

2084. *Xiparẽxa'á-Ø Ø-kwá mixik-a'ĩ rapé jehe'é*
Xiparẽxa'á-N 3-saber pouco- ATEN PERFT PERFT
'Xiparẽxa'á já aprendeu um pouquinho'(MAGALHÃES, 2007, p. 100)

4.4.3.2.1.5 Projetivo: expresso pela partícula *ta*.

2085. *i-kirá ta*
 R²-gordo PROJ
 ‘vai ficar gordo’ (MAGALHÃES, 2007, p. 111)

2086. *kawá-xĩ-∅ a-r-ukú tú*
 vasilha-branca-N 1- CAUS.COM-ficar PROJ
 ‘eu quero ter uma vasilha branca’ (MAGALHÃES, 2007, p. 111)

Magalhães (2007, p. 119) identifica a partícula *neme’ẽ*– significando ‘quase’, noção aspectual a que Rodrigues denomina de aspecto frustrativo.

2087. *∅-wa’á neme’ẽ*
 3-cair quase
 ‘(ele/esse) quase caiu’ (MAGALHÃES, 2007, p. 119)

4.4.3.2.1.6 Imediativo:

Assinalado pela partícula *ramõ ~ -aramõ* que indica a realização próxima de um evento ou estado, (MAGALHÃES, 2007, p. 111) podendo ser combinada à partícula *ta* para indicar que o processo ainda vai se realizar pouco tempo depois.

2088. *ari-’ú ramo te*
 1-comer IMED REAL
 ‘comemos agora mesmo’ (MAGALHÃES, 2007, p. 111)

2089. *ari-jahó tà ramõ é ikwamehẽ are=r-ipá-pe ariá*
 13-ir PROJ IMED LUSIV dia.seguinte 123=R¹-casa-LOC nós
 ‘nós iremos daqui a pouco, à toa, amanhã, para a nossa casa’ (MAGALHÃES, 2007, p. 111)

4.4.3.2.1.7 Durativo: por meio da partícula *wé*.

2090. *∅-imahy wé ré*
3-estar.zangado DUR LUS
'ela permanece zangada gratuitamente' (MAGALHÃES, 2007, p. 113)

4.4.3.2.1.8 Replicativo:

Indica a repetição do fato expresso pelo núcleo do predicado. É expresso por meio da partícula *japỹ~ japỹn*.

2091. *amo mehẽ xi-xá japỹ tá*
outro quando 12-EXO -ver de.novo PROJ
'outro dia vamos ver (o filme) de novo' (MAGALHÃES, 2007, p. 114)

4.4.3.2.1.9 Lusivo: expresso por meio da partícula *é ~ ré ~ ké ~ wé*.

2092. *∅-i-mĩn é*
3- REF -esconder LUS
'escondeu-se gratuitamente' (MAGALHÃES, 2007, p. 114)

2093. *jahá pirá a-jká ré*
eu peixe 1-pescar LUSIV
'eu estava só pescando' (MAGALHÃES, 2007, p. 115)

Podemos observar que o Guajá, excluídas as marcas de aspecto mais comuns na família Tupí-Guaraní se comporta-se diferente do Tenetehára nas demais expressões de aspecto.

4.4.4 O Tenetehára em comparação com as línguas do sub-ramo IV

4.4.4.1 Parakanã

4.4.4.1.1 Aspecto

Conforme Silva (1999, p. 58) o Parakanã distingue os seguintes aspectos: continuativo (por meio da partícula *we*), instativo (por meio de *werehe*), lusivo (por meio da partícula *te*), contrafactual (partícula *pane*), desiderativo (por meio de *aów ~ ow*), iterativo (com a partícula *no*), freqüentativo (por reduplicação), intensivo (com o sufixo *-oho*), atenuativo (com o sufixo *-ŕ*), intensificador (sufixo *ete*) e repetitivo com a partícula *tfokwén*). Embora não exemplifique todos os aspectos mencionados, Silva ilustra alguns dos quais apresentamos a seguir.

4.4.4.1.1.1 Lusivo: expresso por meio da partícula *te*.

2094. *a-maŕé té h-etáŕ-íŕim-a íŕár-a*
1-olhar CFCT NCNT ver-NEG-MS canoa-ARG
'eu olhei à toa e não vi a canoa' (SILVA, 1999, p. 100)

4.4.4.1.1.2 Contrafactual: *pane*

2095. *tfé Ø-mo-kató pane rakoŕwehé tori-a*
1 CNT-CAUS-BOM CFCT evid branco-ARG
'o branco tentou me curar em vão' (SILVA, 1999, p. 52)

4.4.4.1.1.3 Freqüentativo: tanto com a noção de várias vezes quanto com a noção de sucessividade é expresso por meio de reduplicação.

Várias vezes

2096. *o-mokó-mokón* *moʔáŋ-a*
3-engolir-engolir remédio- ARG
'ele/esse tomou o remédio muitas vezes' (SILVA, 1999, p. 64)

2097. *a-nopó-nopó*
1-bater-bater
'eu bati repetidamente' (SILVA, 1999, p. 64)

Sucessividade

2098. *o-ké-ké*
3-entrar-entrar
'esses entraram um após o outro' (SILVA, 1999, p. 64)

4.4.4.1.1.4 Intensivo: forma-se pelo acréscimo do sufixo *-ohó*

2099. *h-awéŋ-ohó*
NCNT-barriga-INT
'ele/esse tem barrigão' (SILVA, 1999, p. 45)

2100. *i-kaw-ohó-a*
NCNT-gordura-INT-ARG
'ele/esse tem barrigão' (SILVA, 1999, p. 45)

4.4.4.1.1.5 Atenuativo: pela afixação do sufixo *-ŋ*

2101. *awatŋi-ŋ-a*
milho- ATEN-ARG

‘arroz’ (SILVA, 1999, p. 45)

2102. *kwanó-ʔ-a*

gavião-ATEN-ARG

‘gaviãozinho’ (SILVA, 1999, p. 45)

4.4.4.1.1.6 Intensificador: é expresso pelo sufixo *eté* (SILVA, 1999, p. 45)

2103. *a-potar-eté áwa-∅*

1-gostar- INTR gente- ARG

‘eu gosto muito de vocês’ (SILVA, 1999, p. 45)

4.4.4.1.1.7 Repetitivo: marcado pelo uso da partícula *ʔfokwén*.

2104. *ʔé r-eraha= ʔfokwén ta tori-a*

1 cnt-levar=de.novo IMIN não.índio-ARG

‘o não-índio vai me levar de novo’ (SILVA, 1999, p. 117)

Há outras expressões de aspecto em Parakanã, não mencionados por Silva e que são também expressos em Asuriní como o aspecto completivo *-pam ~ -pap ~ -paw*, o aspecto *-ramé* ‘realizado há pouco tempo atrás’, aspecto continuativo *we, -w* (CABRAL, comunicação pessoal).

4.4.4.2 Avá-Canoeiro

4.4.4.2.1 Aspecto

Conforme Borges (2006, p. 162) o aspecto é marcado em Avá-Canoeiro de duas maneiras: por reduplicação e por sufixo.

4.4.4.2.1.1 Aspecto intensivo e iterativo– por meio de reduplicação monossilábica e dissilábica

2105. *a-ja-jaŋ*
1sg-reduplic.-correr
‘Eu corri muito’ (BORGES, 2006, p. 163)

2106. *e-k^wa-k^wawa* *jawaka-∅*
2sg-redupl.-bater cachorro-CN
‘você bateu muito no cachorro’ (BORGES, 2006, p. 163)

2107. *a-ka-kawaj* *tʃi=∅-po-∅*
1sg-redupl.-arranhar, coçar 1poss=rel-mão-CN
‘Eu cocei muito, seguidamente minha mão’ (BORGES, 2006, p. 163)

4.4.4.2.1.2 Aspecto completivo:

Por meio do sufixo **-pam** que se agrega ao verbo principal da oração. Segundo a autora, este tanto ocorre como sufixo de aspecto completivo como verbo independente.

2108. *tʃi=to* *a-u-pam*
pron.pess.=part. 1sg-comer-asp.compl
‘eu comi tudo’ (Borges, 2006, p. 166)

2109. *n=ere-kir-i-pam*
neg=2sg-dormir-neg-asp.compl.
‘você não dormiu nada’ (Borges, 2006, p. 166)

4.4.4.2.2 Modo de ação

4.4.4.2.2.1 O modo desiderativo:

Por meio de dois verbos independentes *-ej* e *-putat* que expressam as noções de ‘querer’, ‘desejar’, ‘gostar de’, ‘ter vontade’. Enquanto o verbo *putat* ocorre como verbo independente, o verbo *-ej* só ocorre como verbo dependente e posposto ao verbo *-u* ‘ingerir’, ‘comer’ (BORGES, 2006, p. 168)

2110. *a-mae-u-ej*

1sg-coisa,caça, comida-comer-des

‘quero comer; estou com fome’ (BORGES, 2006, p. 166)

2111. *a-a-putat*

1sg-ir-des

‘eu quero ir’ (BORGES, 2006, p. 166)

Ete - ‘realmente, mesmo, de verdade’

2112. *a-ja-jaj=ete*

1sg-reduplic.-correr=part.

‘corri de verdade’ (BORGES, 2006, p. 206)

4.4.4.2.2.2 O modo intensivo:

Expresso por meio da partícula *katu* ‘muito’, ‘bem’. Restringe-se aos verbos descritivos nos dados de Borges..

2113 *jawaɓa*

i-atí=katu

cachorro-CN

3-ser baixo,pequeno=PART

‘o cachorro é muito, bem pequeno’ (BORGES, 2006, p. 206)

4.5 Modalidade

Comparamos nesta seção a expressão de noções de modalidade do Tenetehára com a de outras línguas setentrionais.

4.5.1 O Tenetehára e línguas do sub-ramo III

4.5.1.1 O Tupinambá

São três os modos (ou expressões de modalidade) identificados por Rodrigues para o Tupinambá: o intencional, o condicional e o optativo. Na realidade, Rodrigues usou a palavra ‘modo’ correspondente ao que aqui chamamos de ‘modalidade’.

4.5.1.1.1 Intencional:

Faz-se por meio da partícula *ne* sufixada ao último elemento da sentença. Indica que o processo é apresentado com uma intenção, tendo, por essa razão, valor de futuro.

2114. *a-só paraná-me-ne*

‘tenciono ir ao mar’ (Rodrigues, 1953, p. 140)

4.5.1.1.2 Condicional:

Faz-se com o sufixo *-mo* acrescentado ao verbo da oração principal e ao da oração condicional. Indica que o processo depende de uma condição para realizar-se.

2115. *xe-mo-ndó-r-eme a-só-mo*

‘se me mandassem, eu iria’ (RODRIGUES, 1953, p. 142)

4.5.1.1.3 Optativo:

Faz-se por meio da partícula *temó*. É apresentado como um desejo de quem fala. Pode formar-se, ainda, com a partícula *meímó* ou *beímó*, acrescentando-lhe um valor perfectivo.

2116. *aé temó o-só mã!*
'oxalá aquê fosse!' (RODRIGUES, 1953, p. 142)

2117. *a-só meímó mã!*
'oxalá eu tivesse ido!' (RODRIGUES, 1953, p. 142)

Das expressões descritas por Rodrigues, apenas o intencional *te* encontra correspondente em Tenetehára.

4.5.2 O Tenetehára e as línguas do sub-ramo V

4.5.2.1 Araweté

4.5.2.1.1 Modalidade Intencional

Por meio da combinação da partícula *ta* e da partícula *ne ~ nehe* seguindo o predicado.

2118. *ere-me?ẽ ja ne tacunere t- amupurĩrĩ nehe*
2-dar NEG 2 tucunaré PROJ 1-fritar INT
'você não deu tucunaré para eu fritar' (SOLANO, 2009, p. 389)

2119. *ne he nupĩ t- aje?a nehe*

2 1 R¹-bater PROJ 1-chorar INT
 ‘você me bate para eu chorar’ (SOLANO, 2009, p. 388)

2120. *aʔu ku he tuha jará-meʔe r-ahi nehe*
 1- comer FOC 1 remédio dono-NP R¹-doença INT
 ‘eu tomei o remédio com a intenção de curar a doença’ (SOLANO, 2009, p. 383)

4.5.2.1.2 Modalidade Intencional Real

Por meio da partícula *nete* quando o falante objetiva que seu comando corresponda a uma intenção real da pessoa a quem o comando é endereçado.

2121. *e-ja nete e-puranĩ r-ehe*
 2-ir IR 2-perguntar R¹-CR
 ‘vem para conversar!’ (SOLANO, 2009, p. 389)

4.5.2.1.3 Modalidade de propósito

Por meio da partícula *t ~ t (a)* precedendo o predicado.

2122. *pẽ ku pída te peʔu reʔe*
 23 FOC peixe PROJ 23-comer AT
 ‘vocês assaram peixe para comerem’ (SOLANO, 2009, p. 387)

2123. *a-meʔe já he madiʔa t- ere-pida*
 1-dar NEG 1 mandioca PROJ 2-descascar
 ‘eu não dei mandioca para você descascar’ (SOLANO, 2009, p. 388)

4.5.2.1.4 Modalidade restritiva

Expressa pela partícula *ajete* no início da oração e indica restrição em relação ao que é negado.

2124. *ajete ne Ø-purahe imi*
RESTR ir R¹-dançar PROIB
'você não pode dançar!' (SOLANO, 2009, p. 390)

4.5.2.1.5 Modalidade alética

O desconhecimento do falante quanto ao conteúdo da proposição ou em parte desta dá-se por meio da partícula *pa ~pu* que é uma partícula usada nas sentenças interrogativas, tanto nas perguntas polares quanto nas perguntas de caráter informacional (SOLANO, 2009).

2125. *ne r-upehi pa ne*
2 R¹-sono P 2
'você está com sono?' (SOLANO, 2009, p. 289)

2126. *awa pa tata u-menie*
o que P fogo 3-acender
'quem acendeu o fogo?' (SOLANO, 2009, p. 291)

4.5.2.1.6 Dúvida e Probabilidade

Em Araweté as noções de dúvida e probabilidade são expressas simultaneamente por meio das partículas *herĩ* 'será?' (Infinitivo) e *nupa ~ rupa*.

2127. *pɨdanaʔĩ herĩ pe Øhá*
 pescar INF 23 R¹-ir
 ‘será que vocês vão pegar peixe?’ (SOLANO, 2009, p. 394)

2128. *pɨdanaʔĩ herĩ ne Øhá rupa*
 pescar INF 2 R¹-ir PROB
 ‘talvez você vai mariscar’ (SOLANO, 2009, p. 394)

Para marcar, ao mesmo tempo, a expectativa do falante em relação à certeza ou falsidade do conteúdo informacional usa-se a partícula *nahu* seguindo a palavra *awa* mais a palavra *rupa* ~ *nupa* no final da sentença.

2129. *awa nahu meʔeraʔa u-mupipu rupa*
 quem SUP comida 3-cozinhar PROB
 ‘quem será que vai cozinhar comida?’ (eu sei provavelmente quem cozinhará)
 (SOLANO, 2009, p. 395)

2130. *awa nahu tuha Ø-ʔu rupa*
 quem SUP remédio R¹-tomar PROB
 ‘quem será que vai tomar remédio?’ (SOLANO, 2009, p. 396)

Em Araweté quando se quer indicar que o conteúdo da proposição pode ser inferido do contexto pragmático usa-se a partícula *rutʃe* ‘inferencial’.

2131. *maj ku he Ø-uʔu huwiha ku rutʃe*
 cobra FOC 1 3-morder grande FOC INF
 ‘a cobra que me mordeu parecia grande?’ (SOLANO, 2009, p. 396)

4.5.2.1.7 Modalidade epistêmica

Solano identifica três expressões de modalidade epistêmica em Araweté: ‘reiterativa’ *aʔi*, ‘disque’ *teje* e ‘atestado por outro’ *reʔe*.

4.5.2.1.7.1 Modalidade epistêmica reiterativa

Pelo uso da partícula *aʔi* que indica no discurso que o falante reitera seu conhecimento sobre a verdade da proposição.

2132. *pawẽ aʔi ipiʔĩ ne Ø-aʔwe*
muito REIT piũ 2 R¹-casa-LP
‘tem muito piũ na tua casa’ (SOLANO, 2009, p. 398)

4.5.2.1.7.2 A partícula *teje*

Para indicar que a fonte de informação é a coletividade, e que não há exatidão quanto à fonte da informação, usa-se a partícula *teje* (correspondente à expressão ‘dizem que’, ‘disque’ do português e às expressões *hearsay* do Inglês e do *oïi dire* do Francês.

2133. *atʃe pitui he teje ku he kaʔarume aʔi*
1-dormir pouco 1 disque FOC 1 ontem REIT
‘ontem eu dormi só um pouquinho, disque’ (SOLANO, 2009, p. 399)

4.5.2.1.7.3 A partícula *reʔe*

Indica que o conteúdo informacional foi atestado por outro:

2134. *e te ku uʔe reʔe*

esse VDR FOC 3-apagar ART.OUTRO
 ‘ele/esse mesmo (o fogo) apagou’ (SOLANO, 2009, p. 399)

As correspondências encontradas entre Tenetehára e Araweté são aquelas mais gerais da família Tupí-Guaraní. Há, entretanto, uma similaridade em forma significativa da partícula restritiva *ajete* do Araweté com a partícula *aze* que exprime condição no Tenetehára.

4.5.3 O Tenetehára e as línguas do sub-ramo VIII

4.5.3.1 Ka’apor

Em Ka’apor, Caldas (2001) identifica as seguintes manifestações de modalidade.

4.5.3.1.1 Ausência de certeza quanto ao valor de verdade da informação expresso pela partícula *mí*.

2135. *ihẽ ké aʔé tá Ø-harõ tá mí*
 1sg AFT 3 ASS 3-esperar IMIN PROB
 ‘será que ele/esses vão me esperar (é provável que sim, mas pode ser que não?’ (CALDAS, 2001, p. 65)

4.5.3.1.2 Grau relativo de probabilidade fundamentado em evidência por meio da partícula *mí*.

2136. *né re-piá wé Ø-ehé mí*
 2sg 2sg-pensar ainda CNT-em.relação.a PROB
 ‘você ainda pensa nele? (é provável, embora não seja certo, pois você costumava pensar nele’ (CALDAS, 2001, p. 65)

4.5.3.2.3 Forte dúvida em relação ao conteúdo da informação assinalado por meio da partícula *nahã*.

2137. *sawaʔã nahã ajá r-ekó-há*
sabão INF assim CNT-CC-estar.em.mov-NOM
‘pode ser o sabão (a causa da coceira dele/esse) (mas eu não tenho evidência concreta disso) (CALDAS, 2001, p. 67)

4.5.3.2.4 Probabilidade relativa marcada pela combinação das partículas *nahã* e *mĩ*.

2138. *jarusú Ø-pé té tá nahã a-jíwîr a-hó mi tĩ*
barco CNT-em VER IMIN INF 1sg-voltar 1sg-ir PROB REP
‘será que eu vou de barco?’ (CALDAS, 2009, p. 67)

4.5.3.2.5 A noção de atestado por um terceiro é expressa por meio da partícula *naĩ*.

2139. *aʔé u-ʔú hũ té Ø-maʔé ké*
3 3-comer Ints VER G -coisa AFT

i-ká tá ju-pé naĩ
CNT-ter.gordura IMIN REF -para POSS
‘ele/esse tinha comido muito para ficar forte (foi o que ele/esse me disse)
(CALDAS, 2009, p. 68)

4.5.3.2.6 As partícula *naĩ* e *jé*: são usadas quando a informação é do conhecimento coletivo, mas testemunhado por alguém.

2140. *o-hó ta jé ju-pé naĩ*
 3-ir IMIN disque REF -para POSS
 ‘disque ela vai ao Gurupí’ (CALDAS, 2009, p. 68)

4.5.3.2.7 A partícula *jé*: assinala que a informação é do conhecimento coletivo e sem fonte definida.

2141. *o-hó ta jé Ø-wĩr Ø-pé naĩ*
 3-ir IMIN Disque 3-vir CNT -de POSS
 ‘disque ela vem do Gurupi’ (CALDAS, 2009, p. 70)

Caldas descreve também as partículas *mã*, *ta* e *ne* respectivamente como expressões de modalidade.

4.5.3.2 Guajá

Magalhães (2007) descreve as seguintes expressões de modalidade para o Guajá:

4.5.3.2.1 Intencionalidade: por meio da partícula *nĩ~ ni'ĩ.*

2142. *a-tyry' kapó t-a-tipí nĩ*
 2/IMP-chegar ELAT EXO-1-varrer INTEN
 ‘chega pra lá que eu quero varrer’ (MAGALHÃES, 2007, p. 86)

4.5.3.2.2 desejo - por meio da partícula *xapé ~ apé* ‘tomara!’

2143. *xapé pĩ=Øtamataré xĩ pijã*
 tomara 23=R¹-dinheiro PERF vocês

‘tomara que vocês tenham dinheiro’ (MAGALHÃES, 2007, p. 81)

Magalhães (2007) também identifica no Guajá estratégias de expressão das modalidades deôntica e epistêmica. A seguir reproduzimos alguns dos exemplos apresentados pela autora:

4.5.3.2.3 Modalidade Deôntica

Por meio da partícula *mẽ* ‘seria bom se’ – partícula de modalidade deôntica

2144. *Ø-ur-yhý* *mẽ* *polícia* *ka'á* *r-ehé* *anỹ*
3-vir-INTS COND polícia mata R¹-sobre CONJ
‘e seria bom se a polícia viesse mesmo para a mata’ (MAGALHÃES, 2007, p. 119)

4.5.3.2.4 Evidenciais

4.5.3.2.4.1 Atestado pelo locutor/passado recente - por meio da partícula *araká* –

2145. *kahu* *tTi* *'a-p* *araká*
carro EXAT lá-LOC AT 1
‘tinha um carro bem ali’ (MAGALHÃES, 2007, p. 82)

4.5.3.2.4.2 Atestado pelo locutor/passado longínquo – por meio da partícula *araka'í* –

2146. *a-xá* *raka'í*
1-ver AT2
‘eu vi’ (e estava lá há muito tempo) (MAGALHÃES, 2007, p. 83)

4.5.3.2.4.3 Atestado por um terceiro por meio da partícula *jé* –

2147. *ari-keré py ahá ikwamehẽ ha-xák-a jé*
13-dormir primeiro CTF dia.seguinte R²-ver- GER MED
‘disseram que primeiro nós vamos dormir para amanhã vê-la’ (MAGALHÃES, 2007, p. 84)

4.5.3.2.5 Modalidade epistêmica

São duas as partículas epistêmicas de posição final do Guajá: *ra’á*, dubitativa, e *ajpó*, de possibilidade.

4.5.3.2.5.1 Partícula epistêmica dubitativa - *ra’á* ~ *na’á*.

2148. *mõ xahú mõ ra’á*
INT porcão INT DUB
‘onde será que está o porcão?’ (MAGALHÃES, 2007, p. 85)

4.5.3.2.5.2 Partícula epistêmica de possibilidade - *ajpó* ~ *apo*.

2149. *h-ápinũ Ø-jár-a ajpó anyĩ*
3-ter.pena R²-dono-N POSS CONJ
‘e o dono dele possivelmente teve pena dele?’ (MAGALHÃES, 2007, p. 86)

2150. *amỹn-a Ø-ky tá ajpó*
chuva-N 3-cair PROJ POSS
‘talvez chova’ (MAGALHÃES, 2007, p. 86)

Em Guajá é comum que mais de uma partícula epistêmica seja usada no mesmo enunciado.

2151. *ma'awá* \emptyset -*maká*- \emptyset *a-rahó* *ta* ***ajpó*** ***ra'á***
quem R²-arma-N 1-levar PROJ POSS DUB
'a arma de quem será que eu devo levar?' (MAGALHÃES, 2007, p. 86)

4.5.3.2.5.3 Partícula epistêmica similitiva - *rawỹ* ~ *nawỹ* ~ *nawýn* 'aparentemente' -

2152. *pĩ*= \emptyset -*tamyĩ* *pãj* *tá* ***nawỹ***
23= R¹-chefe TOT PROJ SIMIL
'aparentemente vocês todos serão chefes'' (MAGALHÃES, 2007, p. 116)

4.5.3.2.5.4 Partícula epistêmica de pressuposição *té* ~ *até* ~ *eté* 'realmente/mesmo/de verdade' –

2153. *nijã* *ara-kwá* ***té*** *awá* \emptyset -*ĩ-há*
2 2-saber REAL Guajá R¹-dizer-NZR
'você realmente sabe a língua dos Guajá?' (MAGALHÃES, 2007, p. 118)

2154. *japa'á* ***té***
curto REAL
'é realmente curto' (MAGALHÃES, 2007, p. 118)

4.5.4 O Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV

4.5.4.1 Parakanã

Silva (1999) descreve para o Parakanã as seguintes expressões de modalidade:

4.5.4.1.1 Intencional: por meio da partícula *ne*

2155. *t a-tfán ne né Ø-awîr-ipe*
 PROP 1-vir INTC 2 CNT -aldeia- LP
 ‘eu vim (com intenção) a tua casa’ (SILVA, 1999, p. 58)

4.5.4.1.2 Propósito: expresso por meio da partícula *t ~ ta ~ te*

2156. *itjé a-maná awá te pe-há*
 1 1-mandar gente- ARG PROP 23-ir
 ‘eu mandei vocês irem embora’ (SILVA, 1999, p. 58)

4.5.4.1.3 Partículas Evidenciais

De acordo com Silva (1999, p. 59), que se baseia em Cabral (1999, 2007), em Parakanã há ocorrência das seguintes partículas consideradas por ela como ‘evidenciais’, as quais conjugam noções temporais e de modalidade.

Quadro 60 – Partículas evidenciais do Parakanã

<i>tfekwehé</i>	‘mítico’
<i>rakokwehé</i>	‘atestado pelo locutor passado remoto’
<i>raká</i>	‘atestado pelo locutor passado recente’
<i>ražé</i>	‘não atestado pelo locutor passado recente’
<i>ripo</i>	‘inferencial’
<i>rimo</i>	‘inferencial’
<i>riké</i>	‘especulativo’
<i>tfawá</i>	‘dubitativo’

Alguns dos exemplos disponíveis em Silva (1997) são os que seguem:

2157. *aɾé-ramo* *ʔfékwehé* *herahá-i* *iɾár-a*
então-SD MIT NCNT -levar- INDII canoa- ARG
‘então no passado ele/esse levou a canoa, no passado’ (SILVA, 1999, p. 77)

2158. *rakokwehé* *ʔfɛ* *r-erahá* *Belém* *∅-pár-i*
EVID 1 CNT -levar Belém CNT -região- LS
‘ele me levou para Belém’ (SILVA, 1999, p. 117)

2159. *ipón-imo* *i-há-i* *o-atá-o* *i-momíró-∅*
noite-LD NCNT -ir- INDII 3 COR -andar- MS NCNT -procurar- MS

potá *karowár-a* *ʔfáwa*
IMIN paca- ARG INF

‘de noite ele sai, caçando; ele vai procurar paca, talvez’ (SILVA, 1999, p. 91)

4.5.4.2 Asuriní do Tocantins

Cabral, Kamaiurá, Neves e Solano (2009) mostram que os reflexos do intencional e do permissivo do PTG em Asuriní do Tocantins são *ne* ‘intencional’ e *t(a)* ‘propósito’ (cf. NICHOLSON 1978; VIEIRA 1993; RODRIGUES e CABRAL e 2002). Os dados do Asuriní disponíveis até o presente mostram que o morfema que expressa propósito é bastante produtivo, mas tem uma particularidade, que é a de ocorrer exclusivamente com o morfema intencional *ne* na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa exclusiva. Como ocorre em Kamaiurá, não se combina com o morfema intencional na primeira inclusiva:

4.5.4.2.1 Propósito

2160. *ipirá-∅ w-er-ón ta pe-’ó*
 peixe-ARG 3-CC-VIR PRO 23-comer
 ‘ele trouxeram peixes para vocês comerem’(CABRAL e RODRIGUES,
 2003, p. 273)

2161. *a-maná t o-kén*
 1-mandar INT 3-dormir
 ‘eu o mandei dormir’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 107)

2162. *a-maná t o-karó*
 1-mandar INT 3-comer
 ‘eu o mandei comer’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 242)

4.5.4.2.2 Intencional

2163. *kowej pe-mo-apýng t a-’ú ne*
 depressa 23-CAUS-SENTAR PROP 1-comer INT
 ‘cozinhem logo para eu comer!’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 111)

2164. *o-món t oro-’ó ne*
 3-caus-vir PRO 1.excl-comer INT
 ‘ele deu para nós comermos’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 111)

2165. *kowej pe-mo-apýng t a-’ú ne*
 depressa 23-CAUS-SENTAR PROP 1-comer INT
 ‘cozinhem logo para eu comer!’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 111)

Por outro lado, o intencional *ne* ocorre independentemente de *t(a)*, em construções que expressam uma intenção frustrada, como no seguinte exemplo:

2166. *ma'e* \emptyset -*a'a*- \emptyset *sa-so'oŋ* *ta* *sere-ha*
 bicho R¹-carne-ARF 12(3)-arrancar.pedaco proj 12(3)CORR-ir

sere-men-a \emptyset -*pe* *sere-sa* *ne* *pane*
 12(3)CORR-marido-ARG R¹-para 12(3)CORR-dizer.GER INT FRUSTR

sa-ha *nu* *na* *sa-rur-ih* *i-sope*
 12(3)-IR REP NEG 12(3)-trazer-NEG R²-para

‘nós dissemos em vão que tínhamos a intenção de arrancar pedaço de caça para nossos maridos, mas nós não trouxemos (carne de caça) para ele’ (CABRAL, notas de campo, 2000)

Em Asuriní, a modalidade de propósito pode servir em determinadas situações de exortativo e, em outras, de permissivo. Finalmente, observamos que, quando duas orações estão em relação uma com a outra, de forma que o que é expresso no predicado de uma delas corresponde ao propósito ou finalidade do predicado de outra oração, esta última vem marcada pela partícula de propósito se os sujeitos das duas orações são distintos. Essas são contrapartes de construções no gerúndio, em que duas orações têm o mesmo sujeito:

2167. *a-san* *oro-esak-a*
 1-vir 2-ver-GER
 ‘eu vim para ver você’ (CABRAL, notas de campo, 2000)

2168. *a-maná* *t* *o-karó*
 1-mandar INT 3-comer
 ‘eu o mandei comer’ (CABRAL, notas de campo, 2000)

Em síntese, em Asuriní do Tocantins o uso da partícula intencional encontra-se reduzido às seguintes situações: a) coocorre com o proclítico *t(a)* na primeira pessoa do singular e na primeira pessoa exclusiva, b) segue um predicado quando o seu sujeito é uma primeira pessoa inclusiva ou quando se trata de uma oração que corresponde a uma intenção frustrada. Já a partícula de propósito, excluída a primeira pessoa inclusiva, ocorre nas demais pessoas no modo indicativo, mas na primeira exclusiva e na primeira do singular vem sempre acompanhada da partícula *ne*.

4.5.4.2.3 Modalidade epistêmica

Cabral (1999, 2000, 2007, 2010) mostra que em Asuriní do Tocantins há o seguinte sistema de marcas epistêmicas (fonte de informação):

	Atestado	Não-atestado
recentemente	<i>rako</i>	<i>ra'é</i>
remotamente	<i>rakokwehé</i>	<i>rakwé</i>
passado mítico		<i>sekwehé</i>

Há, ainda, uma série de partículas em Asuriní que exprimem modalidade alética como *apó* ‘inferência auditiva’, *rimo* e *ripo* ‘possibilidade sem inferência’, *sawá* ‘dubitativo’ (CABRAL, comunicação pessoal).

Cabral (2007) mostra que o sistema de expressões epistêmicas do Tembê não teria se gramaticalizado tão fortemente quanto o do Asuriní do Tocantins, do Parakanã e do Tapirapé, uma vez que a palavra *zekwehé* continua ocorrendo com o significado de ‘ontem’ ou ‘alguns dias atrás’ sem ser necessariamente associada a valor epistêmico, enquanto que nas línguas em que cognatos de *zekwehé* se tornaram parte do sistema de modalidade epistêmica. Essa partícula não mais significa exprime noção de simples passado.

4.6.5 Considerações sobre modalidade

Os dados de outras línguas Tupí-Guaraní considerados até o presente mostram que, além das expressões de modalidade de intenção, compartilhada por todas as línguas, são as expressões de partículas epistêmicas que mais aproximam o Tembé das línguas do sub-ramo IV. O Tembé, como o Assuriní do Tocantins tem as expressões apresentadas no quadro da página seguinte:

Quadro 61 – Expressões de modalidade em Asuriní do Tocantins

	ATESTADO PELO FALANTE	ATESTADO POR OUTRO
recentemente	<i>rakwej</i>	<i>ra'é</i>
remotamente	<i>kakwej</i>	<i>ze kwehé</i>
		<i>zé</i>

A partícula *ze ~ de* do Tenetehára corresponde ao reportivo encontrado na maioria das línguas da família, mas a partícula *ru'u* tem forma muito similar à do Tapirapé *ro'o* e que, como nessa língua, exprime dúvida. As evidências mostradas sobre modalidade epistêmica e alética faz o Tembé mais próximo das línguas do sub-ramo IV.

4.7 Expressão de tempo: O Tenetehára em comparação com outras línguas da família Tupí Guaraní

Embora nossa interpretação acerca de tempo nas línguas Tupi-Guaraní não coincida com a visão de todos os pesquisadores aqui citados, manteremos na utilização dos exemplos desses autores a mesma terminologia adotada por ele/esses

4.7.1 O Tenetehara e as línguas do sub-ramo III

4.7.1.1 A Língua Geral Amazônica

Magalhães (1876) identifica na LGA os tempos presente definido, presente indefinido, passado, futuro, pretérito imperfeito, futuro perfeito, futuro imperfeito e futuro mais que perfeito.

4.7.1.1.1 O passado:

Formava-se pelo acréscimo da partícula *ãn* ou *ãna* ao presente indefinido.

2169. *xa mehén ãna*
‘eu dei’ (MAGALHÃES, 1876, p. 54)

4.7.1.1.2 O futuro:

Formado pela adição da partícula *kuri* ao presente indefinido.

2170. *xa mehén kuri*
‘eu darei’ (MAGALHÃES, p.55)

4.7.1.1.3 O preterito imperfeito:

Formado a partir do presente definido, intercalando entre o verbo e o auxiliar, a partícula *ramé*, que significava quando:

2171. *xa mehén ramé xa ikó*
‘eu dava’ ou ‘quando eu dava’ (MAGALHÃES, p.55)

4.7.1.1.4 O futuro imperfeito:

Formava-se do futuro, acrescentando-lhe a partícula *ramé*:

2172. *xa munhan kuri ramé*
'quando eu fizer' (MAGALHÃES, p.55)

4.7.1.1.5 O futuro perfeito: formado do perfeito:

2173. *xa munhãn ãna kuri ramé*
'quando eu tiver feito' (MAGALHÃES, p.55)

4.7.1.1.6 O mais que perfeito: formava-se do presente indefinido com o acréscimo de *ramé*.

2174. *xa munhãn ramé*
'quando eu fizer, e também se eu fizer'(MAGALHÃES, p.55)

Segundo Magalhães (1876), na LGA de sua época era possível expressar os nomes no presente e no passado, assemelhando-se, com isso, às línguas indígenas americanas e diferindo das européias.

2175. *akánga*
cabeça

2176. *akánguêra*
cabeça que foi mas d'qual resta alguma coisa que já não é cabeça, caveira, akanguêra. (p.57)

2177. *pi*
'a pelle do animal em quanto está no corpo d'elle e tem vida'(p.57)

2178. *pirêra*
‘depois de tirada do corpo’ (p.57)

2179. *sôo*
‘a carne do animal enquanto está no corpo com vida’ (p.57)

2180. *soó quêra*
‘fôra do corpo’ (p.57)

4.7.2 O Tenetehára e as línguas do ramo V

4.7.2.1 Asurini do Xingu

Monserrat (1988, p. 26) identifica em Asuriní do Xingu as seguintes partículas de valor aspecto-temporal, as quais expressam as seguintes noções:

4.7.2.1.1 Futuro não imediato e especulativo:

Expresso pelas partículas *ne/ane* (futuro não imediato) e *ra* (especulativo) as quais podem ocorrer na mesma sentença.

2181. *ajat pene rupi tekita ne*
‘vim para dormir com vocês’ (MONSERRAT, 1988, p. 26)

2182. *ava pe ujemũin karee ne ra*
‘quem será que vai cozinhar hoje?’ (MONSERRAT, 1988, p. 26)

4.7.2.1.2 Passado não imediato

Pelo uso da partícula *raka* após verbo ou expressão de tempo.

2183. *kawi ujyp raka*
‘o cauim cozinhou’ (MONSERRAT, 1988, p. 26)

2184. *'yepuku uapa raka Kwati*
‘Kwati fez armadilha de pesca’ (MONSERRAT, 1988, p. 26)

4.7.2.1.3 Passado enfático

Por meio da partícula *reme* usada após expressão locativa.

2185. *ki reme Apevu n u-kir-i je*
‘foi aqui que Apevu não dormiu’ (MONSERRAT, 1988, p. 27)

2186. *motew-ipe reme ga a*
‘foi no motel que ele/esse foi’ (MONSERRAT, 1988, p. 27)

O sufixo *-rire/-ire* ‘depois’. Após pronome ou demonstrativo forma um adjunto adverbial de tempo, podendo também ocorrer na construção *karire* ‘então’, ‘daí,então’.

2187. *tyru putuka rire ĩ aa ne*
‘depois de lavar roupa, ela irá’ (MONSERRAT, 1988, p. 27)

2188. *murygyta rire raka ure urupuraai*
'depois da reunião dançamos' (MONSERRAT, 1988, p. 27)

2189. *karire ajat penerupi tekita ne*
'daí então voltarei para dormir com vocês' (MONSERRAT, 1988, p. 27)

4.7.2.1.4 Passado imediato – por meio do sufixo *-rame/-ame*

2190. *aesakame*
'acabo de ver' MONSERRAT, 1988, p. 27)

2191. *uru-myj-ame*
13-acordar-pass.im
'acordamos agora, acabamos de acordar' MONSERRAT, 1988, p. 27)

Note-se que o que Monserrat chamou de imediato e especulativo corresponde ao que estamos tratando como modalidade intencional, e o que ela chamou de passado imediato corresponde à nossa partícula epistêmica *rako* do Asuriní do Tocantins e *rakwej* do Tembé.

4.7.3 O Tenetehára e as línguas do sub-ramo VIII

4.7.3.1 Ka'apor

4.7.3.1.1 Expressões temporais

Em Ka'apor as expressões que localizam a realização de um processo verbal no tempo com relação ao momento da fala são, segundo Caldas (2001, p. 17):

Quadro 62 – Expressões temporais do Ka'apór

	<i>apo</i>	‘agora, hoje’
	<i>taramõ</i>	‘hoje’
	<i>kwehé</i>	‘ontem’
	<i>koĩ</i>	‘amanhã’
	<i>imán</i>	‘há muito tempo atrás’

4.7.3.2 Guajá

Magalhães descreve as seguintes palavras temporais em Guajá:

4.7.3.2.1 Palavras temporais

kyry'y ‘agora’

2192. *∅-parahỹ kyry'y*

R²-bonito MUD

‘agora está bonito!’ (MAGALHÃES, 2007, p. 93)

2193. *a'é aré=∅-rú ikwamehẽ kyry'y*

DEM 123= R¹-trazer dia.seguinte MUD

‘nós passamos a serrar de verdade os trilhos’ (MAGALHÃES, 2007, p. 92)

Tewé ‘há bastante tempo’

2194.. *h-awý tewé!*

R²-mestruada bastante.tempo

‘ela menstruou há tempos!’ (MAGALHÃES, 2007, p. 111)

4.7.4 O Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV

4.7.4.1 Parakanã

Silva (1999) usa a palavra tempo para cobrir os sufixos que marcam o passado e o futuro dos nomes em Parakanã.

4.7.4.1.1 Passado: *kwér*

2195. *h-emi-moʔé-kwér-a*

NCNT-N.OBJ-ensinar--PAS-ARG

‘ o que foi aluno ’ (SILVA, 1999, p. 46)

2196. *h-atí-kwér-a*

NCNT-esposa-PAS-ARG

‘ a que foi esposa ’ (SILVA, 1999, p. 46)

4.7.4.1.2 Futuro: *róm ~ -óm*

2197. *tʃé r-atí-róm-a*

1 NCNT-esposa- FUT-ARG

‘ a que será minha esposa ’ (Silva, 1999, p. 47)

2198. *né Ø-mén-óm-a*

1 CNT -esposa-FUT-ARG

‘ a que será minha esposa ’ (SILVA, 1999, p. 47)

4.8 Considerações gerais

Os dados apresentados até o presente mostram que, com respeito às expressões de tempo, aspecto, modo de ação e modalidade do Tenetehára podemos chegar às seguintes conclusões:

Tempo em Tenetehára é expresso por meio de nomes de partes do dia e da noite e também por meio de partículas que exprimem noções de passado recente, passado distante e passado imediato, mas estas últimas se associam também a noções modalizadoras.

Quanto às marcas ou expressões de aspecto, o Tenetehára é bastante conservador em termos das subcategorias que expressa e, formalmente, compartilha semelhanças com a maioria das línguas comparadas, embora pareça correlacionar-se em alguns aspectos com o Tupínambá mais do que com outras línguas.

Quanto às expressões de modalidade epistêmica e alética, estas são, sem dúvida, mais semelhantes às línguas do sub-ramo IV.

CAPÍTULO 5 - A EXPRESSÃO DA VOZ EM TENETEHÁRA

5. Introdução

Neste capítulo abordamos a expressão da voz em Tenetehára. Primeiramente verificamos o tema em suas duas línguas, o Tembé e o Guajajára, inclusive nos dados e descrições mais antigos dessas línguas. Após uma equação das similaridades e diferenças encontradas entre elas, comparamos os seus principais traços aos de outras línguas da família Tupí-Guaraní. Com esta comparação pretendemos identificar as mudanças ocorridas no Tenetehára e reunir indicações que permitam identificar sua origem, quando se separou de sua metade durante o desmembramento dos ramos Tupí-Guaraní localizados entre o Xingú e o Mearim.

5.1 Parâmetro para a abordagem da voz em Tenetehára: a língua Tupinambá

Iniciamos este capítulo retomando o que diz Rodrigues (1953) sobre voz em Tupinambá. Rodrigues (*Op. Cit.*), baseado nos antigos gramáticos e nos dados seiscentistas e setecentistas do Tupinambá, descreve quatro vozes para essa língua: as vozes causativa, causativo-prepositiva, reflexiva e recíproca. Tomando essa descrição como parâmetro, apresentaremos em seguida como se dá a expressão da voz em Tenetehára e o quanto esta, em suas duas línguas, se aproxima ou se distancia do padrão mais antigo das línguas da família Tupí-Guaraní. Deste estudo reuniremos evidências adicionais para contribuir com o diagnóstico da origem do Tenetehára, que é um dos objetivos centrais da presente tese de doutorado.

5.1.1 A voz causativa

5.1.1.1 A voz causativa em Tupinambá

Segundo Rodrigues (1953, p. 135-137), em Tupinambá, a voz causativa indicava que o sujeito fazia uma outra pessoa praticar a ação. Assim a construção causativa apresentava dois agentes: um imediato – o objeto direto- e um mediato – o sujeito. Essa voz era expressa por meio do prefixo *-mbo* ou *-mo* que se agregava aos temas intransitivos, incluindo nestes os nominais conforme ilustram os exemplos a seguir:

Exemplos:

-úr ‘vir’

2199. *mbo-úr*
‘fazer vir’ (RODRIGUES, 1953, p. 135)

-páb ‘acabar’

2200. *mo-mbab*
‘fazer acabar-se, acabar’ (RODRIGUES, 1953, p. 135)

aób ‘roupa’, ‘ter roupa’

2201. *mo-aób*
‘fazer ter roupa’ (RODRIGUES, 1953, p. 136)

oryb ‘alegre’

2202. *mo-oryb ~ mbo-oryb*
‘alegrar-se’ (RODRIGUES, 1953, p. 136)

5.1.1.1.1 A voz causativo-comitativa em Tupinambá

A voz causativo-comitativa formava-se a partir de temas intransitivos, incluindo-se os nominais, com o prefixo *ero-*.

Exemplos:

-ñán ‘correr’

2203. *ero-ñán*

‘fazer correr consigo’ (RODRIGUES, 1953, p.136)

aób ‘roupa’, ‘ter roupa’

2204. *ero-aób*

‘fazer com que tenha roupas e tê-las também’ (RODRIGUES, 1953, p.136)

Havia temas que formavam de modo irregular a voz causativo-comitativa:

-só	‘ir’	=	<i>era-só</i>	‘fazer ir consigo, levar’
-ekó	‘estar’	=	<i>er-ekó</i>	‘fazer estar consigo’
-úr	‘vir’	=	<i>er-úr</i>	‘fazer vir consigo, trazer’
-úb	‘estar deitado’	=	<i>er-úb</i>	‘deitar consigo’

5.1.1.1.2 A voz causativo-prepositiva em Tupinambá

Em Tupinambá a voz causativo-prepositiva era formada por meio do sufixo -*ukár* que se agregava aos temas transitivos. Nesta havia três elementos participantes do processo verbal: um agente mediato (o sujeito), um imediato (um objeto indireto regido pela preposição *supé*) e um paciente (o objeto direto) (cf. RODRIGUES, 1953, p. 137).

Exemplos:

-îuká ‘matar’

2205. *a-îuká-ukár Îaguar-eté xe-r-ybyr-a supé*
‘fiz com que meu irmão mais moço matasse uma onça’ (RODRIGUES, 1953, p. 137)

-mo-ndó ‘fazer ir’, ‘enviar’

2206. *a-î-mo-ndó-ukár kó abá xe-r-úb-a supé*
‘fiz com que meu pai enviasse este homem’ (RODRIGUES, 1953, p. 137)

5.1.1.2 A voz causativa em Tenetehára

Tratamos, no momento, de descrever as vozes causativas nas duas línguas Tenetehára. Primeiramente descrevemos essas vozes em Tembé e, mais adiante, tratamos das demais expressões de voz nessa língua. Os exemplos que seguem ilustram a expressão das vozes causativas em fontes representativas de diferentes momentos da história recente do Tenetehára.

Tembé

Nos dados mais recentes do Tembé que serviram de base para esta tese (SILVA, 2006-2009), encontramos os seguintes morfemas causativos:

5.1.1.2.1 O prefixo *mu-*

Este prefixo pode agregar-se a nomes (substantivos, adjetivos e nominalizações), advérbios e verbos intransitivos. Ao afixar-se a verbos intransitivos, muda-lhes a valência, tornando-os transitivos.

5.1.1.2.2 Agregado a nomes substantivos

Exemplos:

-uasaĩ ‘açai’

2207. *a-ʔu mu-asai karu kutĩr mehe*
1-comer CAUS-açai tarde quando
‘tomara que eu tome açai hoje à tarde’

-kwarahi ‘sol’

2208. *h-aku mu-kwarahi-ə rihi*
R²-quente CAUS-sol-ARG IMPF
‘tomara que faça sol!’

5.1.1.2.3 Agregado a nomes adjetivos

Exemplos:

-tʃiŋ ‘branco’, ‘alvo’, ‘claro’, ‘fumaça’

2209. *t-ĩpĩj a-mu-tʃiŋ ram i*
R⁴-casa 1- CAUS –branco PROJ1 ASSERT
‘vou dar uma pintada (caiada) na casa’

-urĩw ~ orĩw ‘alegre’

2210. *na he Ø mo-orĩw kwaw*
NEG 1 R¹-CAUS-alegre NEG

‘nada me alegre’

2211. *ne-a ne Ø-mo-ərɨw kwaw*
2-ARG NEG R¹- CAUS-alegre NEG
‘nada alegre você’

2212. *nu Ø-mo-ərɨw kwaw i dane-ə*
NEG R¹- CAUS-alegre NEG NEG 12- ARG
‘nada nos alegre’

2213. *paw r-upi Ø mo-ərɨw aɽe-ə*
tudo R¹-PER R¹- CAUS-alegre ele-ARG
‘tudo alegre ele’

2214. *paw r-upi ure Ø mo-ərɨw*
tudo R¹- PER 13 R¹- CAUS-.alegre
‘tudo nos alegre’

2215. *paw r-upi Ø mo-ərɨw pe-ə*
tudo R¹-PER R¹- CAUS-.alegre 23-ARG
‘tudo alegre vocês’

-demomik ~ -zemomik ‘triste’

2216. *nan ihe Ø mu-demomik kwaw*
NEG 1 R¹- CAUS-triste NEG
‘nada me entristece’

2217. *nan* \emptyset -**mu**-*demomik* *kwaw* *ne-ə*
 NEG R¹- CAUS-triste NEG 2- ARG
 ‘nada entristece você’

2218. *nan* \emptyset **mu**-*demomik* *kwaw* *aʔe-ə*
 NEG R¹- CAUS-triste NEG ele-ARG
 ‘nada entristece ele’

2219. *paw* *r-upi* *he* \emptyset **mu**-*demumik*
 tudo R¹- PER 1 R¹- CAUS- triste
 ‘tudo me entristece’

2220. *paw* *r-upi* \emptyset -**mu**-*demumik* *aʔe-ə*
 tudo R¹- PER R¹- CAUS-triste ele-ARG
 ‘tudo entristece ele’

***katu* ‘bom’**

2221. *a-mu-katu* *ram* *he* *r-ɨpid*
 1- R¹-bom PROJ1 1 R¹-casa
 ‘vou dar uma espanada (limpá-la, fazê-la boa) na casa’

***-rɨɨj* ‘tremor’**

2222. *i-mu-rɨɨ-haw*
 R²-CAUS -tremor- NOM6
 ‘a tremedeira dela’

-ipʰai ‘amarrotado’

2223. *kamitfaw i-pʰai:təi*
camisa R²-amarrotado
‘a camisa está amarrotada’

2224. *kamitfaw a-mu-pʰai:təi*
camisa 1- CAUS-amarrotado:amarrotado
‘eu amarrotei a camisa’

-pinim ‘pintado’

2225. *tɪʰɪk ahi ru-mu-pinim ram pe nehe*
daqui a.pouco INT2 13-CAUS-pintar NOM4 23 INTEN
‘daqui a pouco nós vamos pintar vocês’

-tʃakwai ‘apontado’

2226. *maper mu-pinim-haw mu-tʃakwai*
papel R¹- CAUS-pintado- NOM6 CAUS-apontado
‘apontar o lápis’

hajme ‘amolar’

2227. *∅-hajme*
amolado
‘amolado’

2228 *mu-hajme*
CAUS-amolar
'fazer amolar'

2229. *takihe a-mu-hajme*
faca 1- CAUS-amolar
'eu amolei a faca'

naʔarew ~ narew 'depressa', 'ligeiro'

2230. *ʔ-zapo ʔ-mu-narew ujemuʔe- ha wə*
3-fazer ʔ CAUS-depressa aprender- NOM4 PL

he ʔ-katu ʔ-mu-narew rihi
1 R¹-bem ʔ CAUS-depressa IMPF
'tomara que construam logo (rápido) uma nova escola!'

2231. *aʔe o-ho ram ʔ-mu-narew rihi*
1 R¹-bem PROJ1 ʔ CAUS-depressa IMPF
'tomara que ele vá depressa'

2232. *he ʔ-katu mu-narew mu-rihi*
1 R¹-bom CAUS-depressa CAUS- IMPF
'tomara que eu fique logo bom!'

5.1.1.2.2 Agregado a temas verbais intransitivos

Exemplos:

-zepeŋatu ‘enfileirar’

2233. *zepeŋ-atu*

enfileirar-bem

‘enfileirar’

2234. *kwaharer u-zepeŋ-atu wə*

menino 3-enfileirar-bem PL

‘os meninos se enfileiraram’

2235. *Ø-purumue:mae mu-zepeŋ-atu kwaharer wə*

R¹-o que ensina CAUS-enfileirar-bem menino PL

‘a professora colocou os meninos em fila’

-zerew ‘revirar’

2236. *h-eha mu-zerew*

R²-olho CAUS-revirar

‘revirar os olhos’

-awak ‘girar’

2237. *mu-awak ukəŋ*

CAUS-girar cabeça

‘fazer a cabeça girar’

-zeŋar ~ -deŋar ‘cantar’

2238. *∅-wɨra:miri a-mu-deŋar*
 R⁴-pássaro CAUS-cantar
 ‘cantiga dos pássaros’

-tɨɨk ‘afastar’

2239. *∅-mu-tɨɨk*
 3- CAUS-afastar
 ‘fazer afastar’

-ur ‘vir’

2240. *∅-puhaŋ-mono-har u-mur puhaŋ he-we ihe ∅katu*
 R¹-remédio-dar- NOM5 3- CAUS-vir remédio 1-DAT 1 R¹-bom
 ‘quando o médico me dá remédio, eu fico bom’

2241. *ihe a-hem he aɽe pe ∅-pɨɨk t-enaw i*
 1 1-chegar 1 ele lá 3-pegar R⁴-sentar INDII

awa mu-mur he-we wə a-pɨk ram iar ramo
 homem CAUS-vir 1- DAT PL 1-sentar PROJ1 em cima
 ‘quando eu cheguei lá, eles pegaram um banquinho pra eu sentar’

-ahaw ‘atravessar’

2242. *e-pitɨwə kwej ∅-hɨɨi aɽu e-raha i-ahaw pə*
 2IMP-ajudar RLZ R¹-velha R4 2IMP-levar R²-atravessar GER
 ‘ajude aquela velhinha a atravessar o campinho’/ ‘na travessia do campinho’

2243. *e-pitíwə* *kwej* *∅-hiəi* *aʔu* *e-raha*
 2IMP-ajudar RLZ R¹-velha INT4 2IMP -levar

e-mu-jahaw *pə*
 2 CAUS-atravesar GER

‘ajude aquela velhinha a atravessar o campinho/ ‘a fazer a travessia do campinho’

-tik ‘puxar’

-mutik ‘fazer puxar’, ‘arrastar

2244. *a-ta* *kwej* *∅-pe* *r-upi* *a-mu-tik* *pino*
 1-andar RLZ R¹-caminho R¹- PER 1- CAUS-puxar palha

ihe *a-raha* *kwej*
 1 1-levar RLZ

‘eu andei pelo caminho arrastando umas palhas’

Guajajára

5.1.1.3 A voz causativa em Guajajára

5.1.1.3.1 O prefixo *mu-*

Estudos anteriores sobre o Guajajára identificam o prefixo *mo-* ~ *mu-*, ainda que não associado à expressão da voz. Segundo Bendor-Samuel (1972, p. 98), este prefixo é um verbalizador que se apresenta sob duas formas, *mo-* (antes de bases que têm somente a vogal o) e *mu-* (nos demais ambientes), e se combina com verbos transitivos, intransitivos e estativos e ‘verbal pieces’, com nomes e com pré-nominais, resultando em verbos transitivos. Alguns exemplos apresentados por Bendor-Samuel são os seguintes:

Exemplos:

2245. *u-mu-zurupeka*

he make yawn

‘he opened it ‘ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 98)

2246. *ere-mo-pok*

you make burst

‘you burst it’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 98)

2247. *u-mu-tyk*

he make dump

‘He dumped it’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 98)

Segundo Castro (2007, p.15) esse prefixo tem a propriedade de aumentar a valência de verbos e, em princípio, verbos e nomes podem receber o prefixo causativo {*mu-*}.

2248. *u-pirik*

3-gotejar

‘(algo) goteja’ (HARRISON, 2007 apud CASTRO 2007, p. 15)

2249. *u-mu-piri-pirik* *aʔe* *maʔe* *∅-zuka-haw*

3-CAUS-gotejar-RED ele coisa ABS-matar-NOM6

‘(Ele) faz o veneno gotejar no chão’ (HARRISON, 2007 apud CASTRO, 2007, p. 15)

Em nossos dados mais recentes do Guajajára (SILVA, 2006-2009) identificamos o prefixo *mu-* usado para a expressão da voz causativa nos seguintes contextos:

5.1.1.3.1.1 Agregado ao morfema –*hu* ‘intensivo’

Exemplos:

2250. *a-mu-hu* *t-ɨpɨj* *kwej*
1- CAUS-grande R4-casa RLZ
‘eu aumentei a casa’

2251. *a-mu-hu* *kar* *∅-pe* *kwej*
1- CAUS-grande C.PREP R¹-caminho RLZ
‘eu aumentei o caminho’

5.1.1.3.1.2 Agregado a nomes adjetivos

Exemplos:

-*piraj* ‘vermelho’

2252. *u-mu-piraj* *kar* *∅-maɽe* *i-munehew* *pɨr* *kwej*
3- CAUS-vermelho C.PREP R¹- coisa R¹-vestido NOM3 RLZ
‘ele fez a roupa ficar vermelha’

-*tɨiŋ* ‘branco’

2253. *u-mu-tɨiŋ* *kar* *kuzə* *∅-maɽe* *i-munehew* *pɨr* *kwej*
3-CAUS-branco C.PREP mulher R¹-coisa R¹-vestido NOM3 RLZ
‘ele fez a roupa ficar branca’

-*pinim* ‘pintado’

2254. *a-mu-pinim kar kwaharer kwej*
 1- CAUS-pintado C.PREP menino RLZ
 ‘eu fiz o menino se pintar’

-urɨw ‘alegre’

2255. *a-mu-rɨw ete he Ø-memɨr*
 1- CAUS- alegre INT3 1 R¹-filho.de.mulher
 ‘eu fiz o meu filho ficar alegre’

2256. *a-mu-rɨw ete kar he Ø-memɨr*
 1- CAUS-alegre INT3 C.PREP 1 R¹-filho.de.mulher
 ‘eu fiz o meu filho ficar alegre’

-aku ‘quente’

2257. *a-mu-aku t-emiɲu kwej*
 1- CAUS-quente R4-comida RLZ
 ‘eu esquentei a comida’

2258. *a-mu-aku kar t-emiɲu kwej ihe*
 1-CAUS-quente C.PREP R4-comida RLZ 1
 ‘eu fiz a comida ficar quente’

-kɨm ‘molhado’

2259. *aɲe u-mu-akɨm Ø-maɲe i-munehew pɨr Ø-maɲe*

ele 3- CAUS-molhado R¹-coisa R²-vestido NOM3 R¹-coisa
 ‘ele fez a roupa molhar’

-*ipiw* ~ -*zipiw* ~ -*dipiw* ‘sujo’

2260. *u-mu-ipiw kar kwarer t-ípîj Ø-ma?e*
 3- CAUS-sujo C.PREP menino R4-casa R¹-coisa
 ‘o menino fez a casa ficar suja’

- *zemumik* ‘triste’

2261. *he Ø-mu?e-har he Ø-mu-zemumik ahî kar*
 1 R¹-ensinar- NOM4 1 3- CAUS-triste INT2 C.PREP
 ‘meu professor me fez ficar triste’

5.1.1.3.1.3 Agregado a temas intransitivos

Exemplos:

- *pu?am* ‘levantar’

2262. *a-mu-pu?am kar kwarer kwej*
 1- CAUS-levantar C.PREP menino RLZ
 ‘eu fiz o menino levantar’

- *za?o* ‘chorar’

2263. *a?e he Ø-mu-za?o kar kwej a?e*
 ele 1 3- CAUS-chorar C.PREP RLZ ele

‘eu fiz o menino chorar’

-zahak ‘tomar banho’, ‘banhar’

2264. *a-mu-zahak kar kuzə waza ?i-pe*
1- CAUS-banhar C.PREP moça água- LOC
‘eu fiz a moça tomar banho no rio’

-zən ‘correr’

2265. *zane ti-mu-zən kar kwej*
12 12- CAUS -correr C.PREP RLZ
‘nós fizemos eles correrem’

Não foram encontradas ocorrências do prefixo causativo *mu-* com verbos transitivos em Guajajara. Os verbos que Bendor Samuel analisou como transitivos combinados com *mu-*, são, na realidade, verbos intransitivos combinados com esse prefixo e, na seqüência da derivação, combinados com o causativo prepositivo *kar*. O exemplo dado por Bendor Samuel é o seguinte:

2266. *a-mu-maju kar he Ø-memir kwej*
1- CAUS-comer C.PREP 1 R¹-filho.de.mulher RLZ
‘eu mandei o meu filho comer’

Note-se que o verbo *maju* é um verbo intransitivo derivado da combinação de um verbo transitivo *ju* e do seu objeto *maj* ‘animal genérico’, razão pela qual pode ser combinado com o morfema *kar*.

5. 1.1.3 A voz causativo-comitativa

5.1.1.3.1 Por meio do morfema *eru-* ~ *ru* ~ *er-*

Tembé

Em nossos dados não foram encontradas ocorrências da voz causativo-comitativa em Tembé.

Guajajára

Os dados recentes do Guajajára mostram que a voz causativo-comitativa ainda é ativa em Guajajára e se faz por meio do morfema *eru-* ~ *ru-* ~ *er-*.

Exemplos:

2267. *ere-ru-ʔar* *kwaharer* *kwej*
2-C.COM-cair menino RLZ
‘você caiu com o menino’

2268. *aʔe u-eru-ʔar* *takihe* *kwej*
ele C.COM faca RLZ
‘ela caiu com a faca’

2269. *a-nu-hem* *i-riru* *er-aha* *kwej*
1- C.COM-sair R²-pote C.COM –ir RLZ
‘eu saí com o pote’

2270. *a-ru-itʃe* *zapepo* *ere-ha* *kwej*
1- C.COM-entrar panela C.COM-ir RLZ

‘eu entrei com a panela’

5.1.1.3.2 Por meio das partículas *inuromo*, *pĩr*, *pume*

Nota-se em Guajajara a co-ocorrência do prefixo causativo-comitativo com as partículas *pume*, *inuromo* e *pĩr*, que indicam ‘em companhia de’.

Exemplos:

2271. \emptyset *uru-hem* *o-ho* *kwej* *zawar* *pume*
3- C.COM- sair 3-ir RLZ cachorro ASS
‘eu fiz o cachorro sair (saindo junto)’

2272. *u-ru-hem* *o-ho* *kwej* *zawar* *inuromo*
3- C.COM-sair 3-ir RLZ cachorro ASS
‘eu fiz o cachorro sair (saindo junto)’

2273. *u-ru-hem* *o-ho* *kwej* *zawar* *pĩr*
3- C.COM-sair 3-ir RLZ cachorro ASS
‘eu fiz o cachorro sair (saindo junto)’

Em outros casos, a noção da voz causativo-comitativa é expressa da seguinte maneira: com a utilização de alguma partícula que indique companhia como *inuromo*, *pĩr* ou *pume* ou ainda a presença da partícula *no* ‘também’.

Exemplos:

2274. *a-mu-zaʔo* *kar* *kwaharer* *kwej* *a-zaʔo* *kwej*
1- CAUS-chorar C.PREP menino RLZ 1-chorar RLZ

i-pír *he* *no*
 R²-ASS 1 também
 ‘eu fiz a criança chorar (chorando junto)’

2275. *a-mono* *kar* *kwaharer* *u-majɔu*
 1-mandar C.PREP menino 3-comer
 ‘eu mandei o menino comer’

2276. *a-ɔaw* *uru-ɔaw* *kwej* *kwarer* *aʔi* *pume*
 1-deitar C.COM-deitar RLZ menino ATN ASS
 ‘eu fiz o bebê deitar (deitando junto)’

2277. *u-ru-hem* *o-ho* *kwej* *he* *r-emiriko* *pume*
 3- C.COM-sair 3-ir RLZ 1 R¹-esposa ASS
 ‘eu saí com a minha esposa’

5.1.1.4 A voz causativo-prepositiva

5.1.1.4.1 A voz causativo-prepositiva em Tembé

Em Tembé ainda está em plena atividade a partícula *kar*, reflexo do antigo sufixo causativo prepositivo *kar-* ~ *ka-* conforme registrado por Anchieta. As ocorrências dessa partícula são a seguir apresentadas:

5.1.1.4.1.1 Por meio da partícula *kar* ~ *ka*

A partícula *kar* ~ *ka* ocorre com o verbo *mono* ‘mandar’ em orações independentes, com verbos intransitivos e com verbos transitivos.

5.1.1.4.1.1 Com o verbo -mono ‘mandar’ em orações dependentes.

Exemplos:

2278. *a-mono kar kwaharer maʔe roʔok wer Ø-piripan pə*
 1-mandar C.PREP menino carne RETR 3-comprar GER
 ‘eu mandei o menino comprar carne pra mim’

2279. *a-mono kar kwej pupən Ø-duhej pə*
 1-mandar C.PREP RLZ pano 3-lavar GER
 ‘eu fiz ela lavar roupa’

2280. *a-mono kar kwej awatfiapo Ø-dapo pə*
 1-mandar C.PREP RLZ arroz 3-fazer GER
 ‘eu fiz ela cozinhar o arroz’

2281. *a-mono kar minau Ø-iapo pə*
 1-mandar C.PREP mingau 3-fazer GER
 ‘eu fiz ela fazer o mingau’

2282. *a-mono kar kwaharer u-maju*
 1-mandar C.PREP menino 3-comer
 ‘eu mandei o menino comer’

2283. *a-mono kar ihe Ø-memɨr mumuj*
 1-mandar C.PREP 1 R¹- filho.de.mulher pentear

ram u-aw-ə

PROJ1 R²- cabelo-ARG

‘eu mandei a minha filha pentear o cabelo’

2284. *a-mono kar h-opoj Ø-hej zupə*
1-mandar C.PREP R²-roupa 3-lavar GER
‘eu mando você lavar roupa’

2285. *he Ø-mono kar a-jupir uasai?iw r-upi*
1 3-mandar C.PREP 1-subir açai árvore R¹-PER
‘eles me mandaram subir no açazeiro’

2286. *he Ø-mono kari kwej r-upi*
1 3-mandar C.PREP RLZ R¹-PER
‘ele me manda sair’

2287. *ne he Ø-mono kar Belem-pe*
2 1 2-mandar C.PREP Belém-LOC
‘você me manda ir a Belém’

2288. *ure r-umono kar Ø-zahak pə*
13 13-mandar C.PREP 12-tomar.banho GER
‘você manda nós tomarmos banho’

2289. *a-mono kar kwaharer Ø-pinatik ram wə*
1-mandar C.PREP menino 3-pescar PROJ1 PL
‘eu fiz os meninos pescarem’

Nota-se, pelo exemplo a seguir, que é possível a ocorrência do verbo **-mono** sem a partícula **kar ~ ka**.

2290. *ihe a-mono uasai i-jupe*
 1 1-mandar açai R¹-DAT
 ‘eu dei açai para ele’

A partícula **kar ~ ka** também ocorre com outros verbos. Apresentaremos, exemplos da ocorrência dessa partícula com verbos transitivos plenos, isto é, aqueles que têm base originalmente transitiva e não sofreram processos de aumento de valência para se tornarem transitivos.

5.1.1.4.1.2 Com verbos transitivos plenos

Exemplos:

-apiʔir ‘varrer’

2291. *a-piʔir kar t-ɨpɨj kwej i-zupe*
 1-varrer C.PREP R⁴-casa RLZ R²-DAT
 ‘eu fiz ela varrer a casa’

2292. *u-piʔir kar t-ɨpɨj kwej ha-we*
 3-varrer C.PREP R⁴-casa RLZ 1-DAT
 ‘ele me fez varrer a casa’

2293. *u-piʔir kar t-ɨpɨj pərij Ø pupe*
 3-varrer C.PREP R⁴-casa quintal R¹-dentro.de
 ‘eu mando ela varrer o quintal’

2294. *ti-piʔr kar pari-ə*
 12-varrer C.PREP quintal- ARG
 ‘você nos manda varrer o quintal’

-zuhaw ‘quebrar’

2295. *ihe wɪrə Ø əkəŋ a-zuhaw kar*
 1 árvore R¹-galho 1-quebrar C.PREP
 ‘eu fiz o galho quebrar’

-zapo ~ -dapo ‘fazer’

2296. *a-zapo kar miŋaʔu i-jupe*
 1-fazer C.PREP mingau R²- DAT
 ‘eu mando ela fazer mingau’

2297. *u-zapo kar miŋaʔu he-we*
 3-fazer C.PREP mingau 1- DAT
 ‘ele me manda fazer mingau’

2298. *ne re-zapo kar miŋaʔu wə*
 2 2-fazer C.PREP mingau PL
 ‘você nos manda fazer mingau’

-zəpin ~ zupin ‘descascar’

2299. *a-zəpɪn kar maniok*

1-descascar C.PREP mandioca
'eu mando ela descascar a mandioca'

2300. *u-zəpɪn kar maniʔok he-we*
3-descascar C.PREP mandioca 1-DAT
'ele me manda descascar a mandioca'

-tɪm 'plantar'

2301. *a-zutɪm kar maniʔw*
1-plantar C.PREP maniva
'eu mando ela plantar maniva'

2302. *u-tɪm kar maniʔw he-we*
3-plantar C.PREP maniva 1-DAT
'ele me manda plantar maniva'

2303. *a-zutɪm kar maniʔw*
1-plantar C.PREP maniva
'eu mando você plantar maniva'

-zajkaw 'cortar'

2304. *a-zajkaw kar i-aw i-jupe*
1-cortar C.PREP R²-cabelo R²-DAT
'eu mando ela cortar o cabelo'

2305. *u-zajkaw kar he Ø-aw he-we*
 3-cortar C.PREP 1 R¹-cabelo 1- DAT
 ‘ele me manda cortar o cabelo’

-puej ~ poej ‘lavar’

2306. *u-puej kar Ø-opoj he-we*
 3-lavar C.PREP R¹-roupa 1- DAT
 ‘ele me manda lavar roupa’

2307. *ne ru-me?e Ø-puej kari*
 2 13-mandar 2-lavar C.PREP
 ‘você nos manda lavar roupa’

5.1.1.4.1.1.3 Com verbo de base intransitiva com valência aumentada

Os exemplos a seguir mostram a coocorrência do prefixo causativo *mu-* com a partícula *kar ~ ka*. Essa coocorrência mostra que a partícula *kar ~ ka* ocorre, primordialmente, com os verbos transitivos, de modo que uma base intransitiva recebe o prefixo causativo *mu-* para ter sua valência alterada a fim de receber a partícula *kar ~ ka*, típica, em sua origem, de verbos transitivos.

-hem ‘sair’

2308. *ru-mu-hem kar i-mono*
 13- CAUS-sair C.PREP 3-mandar
 ‘eu mando você sair’

2309. *re-mu-hem kar Ø mono*
 2- CAUS-sair C.PREP 3-mandar
 ‘você manda eles saírem’

O verbo intransitivo ‘sair’ só é acompanhado da partícula *kar* porque sofreu aumento de valência pelo acréscimo do prefixo causativo *mu-*, tornando-se, portanto, transitivo, similar ao que ocorre com os verbos a seguir:

-ur ‘vir’

2310. *amo ne re-m-ur ukar aipo se t-ekohaw-pe*
 quem 2 2- CAUS-vir C.PREP INF aqui R⁴-aldeia- LOC
 ‘quem mandou você entrar na aldeia?’

-ker ‘dormir’

2311. *a?e he Ø mu-?er ka*
 ele 1 3- CAUS-dormir C.PREP
 ‘ele me manda dormir’

2312. *ne re-mu-?er ker i-mono*
 2 2- CAUS-dormir C.PREP 2-mandar
 ‘você manda nós dormirmos’

2313. *ru-mu-?er kar*
 1- CAUS-dormir C.PREP
 ‘eu mando você dormir’

2314. *a-mu-ŋer* *kar*
1- CAUS-dormir C.PREP
‘eu mando ele dormir’

2315. *ru-mu-ŋer* *kar*
13- CAUS-dormir C.PREP
‘nós mandamos você dormir’

-purakɨ ‘trabalhar’

2316. *aŋe he Ø-mu-purakɨ* *kari*
ele 1 3- CAUS-trabalhar C.PREP
‘ele me manda trabalhar’

-tɕie ~ tɕiew ‘entrar’

2317. *aŋe he Ø-mu-tɕiew* *kar-i*
ele 1 3- CAUS-entrar C.PREP
‘ele me manda entrar’

2318. *a-mu-tɕiw* *kari* *Ø-mor*
1- CAUS-entrar C.PREP 3-mandar
‘eu mando ele entrar’

-hem ‘sair’

2319. *a-ma-hem* *kar* *i-mono*

1- CAUS-sair C.PREP 3-mandar
'eu mando ele sair'

-p^hinik 'dançar'

2320. *a-mu-p^hinik kar*
1- CAUS-dançar C.PREP
'eu mando ele dançar'

2321. *ru-mu-p^hinik kar*
1- CAUS-dançar C.PREP
'eu mando você dançar'

É possível também que o prefixo *mu* e a partícula *kar* ~ *ka* coocorram em verbos transitivos como os exemplos a seguir permitem verificar.

-puej ~ -poej 'lavar'

2322. *a-mopoj Ø puej kar*
1-CAUS-lavar 3-lavar C.PREP
'eu mando ela lavar roupa'

-peir ~ piir 'varrer'

2323. *u-mu-peir kar pari*
3- CAUS-varrer C.PREP quintal
'ele me manda varrer o quintal'

Há casos em que, nas orações dependentes, há a ocorrência da partícula *kar* nos dois verbos.

2324. *ihe a-mono kar Belém-pe Ø purakí*
 1 1-mandar C.PREP Belém- LOC 3corr-trabalhar

kar pə
 C.PREP GER

‘eu mando ele ir a Belém trabalhar’

Em casos de orações dependentes, em Tembé há a ocorrência do prefixo causativo *mu-* nos dois verbos, mais a partícula *kar*.

Tembé

2325. *pe-mu-tfiw kar i-m-ur*
 23- CAUS-entrar C.PREP 3- CAUS-uir
 ‘você manda eles entrarem’

Foram observados casos em que o verbo dizer ‘*e*’ é utilizado em lugar das marcas de causativização.

2326. *maʔe-haw Ø-e a-zapo i-puʔr i-ziupe*
 coisa- NOM6 3-dizer 1-fazer R²-colar para ele
 ‘ele me mandou fazer um colar’ (‘ele me disse pra fazer colar pra ele’)

Nos dois exemplos a seguir nota-se que o falante usa a partícula comitativa *iru ramo* em vez de usar as estratégias de causativização disponíveis, de modo que a

construção se assemelha a qualquer outra em que a voz causativa não ocorre, como no segundo exemplo.

2327. *a-dapo kwej u-hj ram ihe iru-ramo*
 1-fazer RLZ 3-correr PROJ1 1 TRANS
 ‘eu fiz ele correr comigo’

2328. *a?e u-hj kwej ihe iru-ramo*
 ele 3-correr RLZ 1 companheiro-TRANS
 ‘ele correu comigo’

5.1.1.4.2 A voz causativo-prepositiva em Guajajára

A voz causativo-prepositiva em Guajajára é expressa por meio da partícula *kar* ~ *ka*. Bendor-Samuel (1972: 92) identifica o elemento ‘cause’ *kar* para o Guajajára como ilustram os exemplos a seguir:

2329. *a-zuka kar*
 I kill cause
 ‘I cause to kill’ (BENDOR-SAMUEL, 1972, p. 92)

2330. *a-zuka kar kure awa pe*
 I kill cause pig man to
 VPh obj Adj
 NPh RPh
 ‘I cause the man to kill the pig’ (BENDOR-SAMUEL, 1972,
 p. 92)

Os dados recentes do Guajajara mostram que o reflexo do PTG **-ukar* continua ativo, porém teve sua forma reduzida para *kar* e, embora ocorra contíguo ao tema que modifica, aparenta fonologicamente uma partícula e não mais um sufixo:

5.1.1.4.2.1 Ocorrências da partícula *kar* ~ *ka*

5.1.1.4.2.1.1 Com sufixo

Exemplo:

2331. *a-mu-hu* *kar* \emptyset -*pe* *kwej*
 1- CAUS-grande C.PREP R⁴-caminho RLZ
 ‘eu aumentei o caminho’

5.1.1.4.2.1.2 Com adjetivos

Exemplo:

2332. *u-mu-piraŋ* *kar* \emptyset -*ma?e* *i-munehew-pi?* *kwej*
 3- CAUS-vermelho C.PREP R¹-coisa R²-vestido- NOM3 RLZ
 ‘ele fez a roupa ficar vermelha’

Exemplo:

2334. *a-?u* *kar* *temi?u* *he* \emptyset -*memi? pe*
 1-comer C.PREP comida 1 R¹-filho.de.mulher -DAT
 ‘eu mandei o meu filho comer’

5.1.1.3 A voz causativa ilustrada em Cyriaco Baptista (1932) e em Boudin (1966)

Apresentaremos, no que segue, exemplos recolhidos de Cyriaco Baptista (1932) e de Boudin (1966) que ilustram a expressão da voz causativa na língua Tembé.

5.1.1.3.1 A voz causativa nos textos de Cyriaco Baptista

Na coletânea de textos de Cyriaco Baptista (1932) encontramos as seguintes ocorrências da voz causativa:

5.1.1.3.1.1 Por meio do prefixo causativo *-mu*

Exemplos:

2335. *Túkúmâiu pôhôrupi zêkuêhê Uty hêrêkan imúnéhénéhépâ. Apuii*
Tucumanzeiro entre em certo tempo elle estava . Dizendo

A expressão no exemplo acima destacado pode ser assim analisada:

2336. *i-mu-neʔeneʔe pə*
R²-CAUS-falar-falar GER
'fazendo-o falar'

5.1.1.3.1.2 Por meio do sufixo causativo-prepositivo *-kar*

2337. *uânêrâhâu Yuaté Upucapucamahékuér cútúâ huri upau zêkuêhê*
'Levando elles para cima. Rindo-se estavam que aquellas agora acabou disque'
(CYRIACO, 1932: 380)

2338. *Uámonokar zuirumu móitatanárumú*
'De mandar elles sapo como cobra de cipó como, etc.' (CYRIACO, 1932:

381)

2339. *Umâê gatú zêkuêhê cuzanguér-uâ hêráhámêhê yúaté Uhúkar*
‘Olhavam Bem disque as mulheres as quando elle levou para cima dar-se de
comer’ (CYRIACO, 1932: 382)

2340. *Zepem Zêkuêhê uêkýhÿr hêráhá uatÿupe.*
‘P’ra foi Elle o irmão Levar ao sogro.’ (CYRIACO, 1932: 377)

Não identificamos, por outro lado, o morfema causativo-comitativo nos dados de Cyriaco Baptista.

5.1.1.3.2 Exemplos de construções na voz causativa extraídos de Boudin (1966):

5.1.1.3.2.1 O causativo *mu-* combinado com nomes substantivos e adjetivos

Exemplos:

-êr ‘nome’

2341. *mu-êr*
‘denominar, apelidar, dar nome (pessoas, fauna, flora) (BOUDIN, 1966, p. 154)

2342. *mu-êrakwên*
‘tornar famoso, célebre, criar nome, afamar’ (BOUDIN, 1966, p. 154)

-pérêw ‘ferida’

2343. *mu-pérêw*

‘ferir’, ‘deixar cicatriz, produzir chaga’ (BOUDIN, 1966, p. 162)

2344. *têko -mu-pérêw*

‘eu feri alguém’

-anam ‘parente’

2345. *mu-anam*

‘aparentar, aliar, engrossar, torna espêso (BOUDIN, 1966, p. 151)

-ähu ‘grosso’

2346. *inimô a-mu-ähu*

‘fiz o fio mais grosso (enrolando-o)’ (BOUDIN, 1966, p. 151)

-katú ‘bom’, ‘bem’, ‘certo’, ‘são’, ‘limpo’, ‘bonito’, ‘claro’

2347. *mu-katu*

‘limpar, endireitar, melhorar, beneficiar’ (BOUDIN, 1966, p. 156)

2348. *u-mu-katu u-apê*

‘êle limpou o caminho (da casa dele)’ (BOUDIN, 1966, p. 156)

pirãng ‘vermelho, corado’

2349. *mu-pirãng*
‘ruborescer, ‘tornar vermelho’ (BOUDIN, 1966, p. 163)

-apin ‘ter os cabelos cortados, careca’

2350. *mu-äpin*
‘tornar-se careca, tosqueado’ (BOUDIN, 1966, p. 30)

5.1.1.3.2.2 Por meio do prefixo *mu-* combinado com verbos

käräy ‘riscar com a unha, ‘arranhar’, ‘dar uma unhada’, ‘coçar’, ‘bater o isqueiro’,
‘catar’

2351. *mu-käräy*
‘raspar,escamar’ (BOUDIN, 1966, p. 156)

weráw ‘brilhar, refletar, resplandecer, relampaguear’

2352. *mu-weráw*
‘fazer luzir, brunhir, lustrar, acender, fazer brilhar’ (BOUDIN, 1966, p. 165)

-ám ‘estar em pé’

2353. *mu’am*
‘arrumar, aprontar, pôr em pé, aprumar, pôr erguido’ (BOUDIN, 1966, p. 151)

-pu’am ‘erguido, vertical (estar), levantar-se, erguer-se, pôr-se em pé, endireitar, pôr em pé’

2354. *mo-pu'am*
'levantar, erguer, pôr em pé, endireitar, construir, edificar(BOUDIN, 1966, p. 147)

2355. *hê-réha a-mo-pu'am*
'ergo os olhos' (BOUDIN, 1966, p. 147)

2356. *hê-rapřy a-mo-pu'am*
'eu levanto (edifico) a minha casa' (BOUDIN, 1966, p. 147)

Quanto à voz causativo-comitativa, verificamos que já não era produtiva desde à época de Boudin, sendo encontrada em verbos como 'levar' e 'trazer' e em nominalizações, mas não mais usada como recurso morfossintático para alterar a valência verbal, contribuindo com o significado de comitativo.

5.1.1.2 A voz causativa nas línguas do sub-ramo IV

A expressão das três vozes causativas Tupí-Guaraní pode ser observada nas demais línguas Tupí-Guaraní do sub-ramo IV para as quais há dados disponíveis. Todas elas preservam reflexos conservadores dos morfemas causativos reconstruídos para o PTG.

5.1.1.2.1 Asuriní do Tocantins

Em Asuriní do Tocantins há o prefixo causativo *mo-* na expressão da voz causativa.

Exemplos:

2357. *moaró*

‘fazer bonito’, ‘embeleazar’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 138)

2358. *amoatá*

‘eu o faço andar’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 139)

2359. *tynehém*

‘está cheio’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 246)

2360. *amotynehém ta*

‘eu vou enchê-lo’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 157)

Há também o prefixo causativo-comitativo *ero-* ~ *ro-* ~ *ra-* ~ *er-* ~ *r-*

2361. *aroké herotá*

‘eu o trouxe e o fiz entrar comigo’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 75)

2362. *oero’ám*

‘ele o fez deitar-se consigo’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 75)

Em Asuriní do Tocantins há, ainda, o sufixo causativo prepositivo *-okát*

2363. *amaná ikotóngokáta*

‘eu a mandei costurar’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 168)

2364. *aapitipáwokán*

‘eu o fiz matar todos’ (CABRAL e RODRIGUES, 2003, p. 168)

5.1.1.2.2 Parakanã

Conforme Silva (1999, p. 43; 46) há três marcas morfológicas para o causativo em Parakanã: o prefixo causativo simples *mo-* ~ *ma-* ~ *w-*, o sufixo causativo-comitativo *ero-* ~ *wero-* ~ *-era* e o sufixo causativo prepositivo simples *-okár* ~ *-okán* ilustrado nos exemplos a seguir:

Exemplos:

2365. *mo-pinin*

CAUS-pintado

‘escrever’ (SILVA, 1999, p. 44)

2366. *h-ero-řán*

NCNT-CSCM-cair

‘eles se derrubaram’ (SILVA, 1999, p. 44)

2367. *oro-tfo-wero-apín*

13-REC-CSCM-sentar

‘nós nos sentamos’ (SILVA, 1999, p. 44)

2368. *ené tǰé Ø-apo-okár ipé t a-moapíŋ né Ø-karowár-a*
2 1 CNT-fazer-CSPR ERG PROP 1-cozinhar 2 CNT-paca-ARG

‘você me fez cozinhar a sua paca’ (SILVA, 1999, p. 46)

2369. *paranó-a a-itfág-okén né Ø-opé*

rio-ARG 1-ver-CSPR 2 CNT-para
'eu mostrei o rio para você' (SILVA, 1999, p. 46)

5.1.1.2.4 Tapirapé

Almeida (1983, p. 39-40) registra a ocorrência do prefixo **-ma** que marca a voz factiva e a voz causativa em Tapirapé quando agregado a raízes de substantivos, adjetivos e verbos intransitivos.

petywam 'cachimbo'

2370. *ãmapetywam*
'faço cachimbo' (ALMEIDA, 1983, p. 39)

kanehõ 'cansado'

2371. *xemakanehõ* *pexe*
'você me cansa' (ALMEIDA, 1983, p. 40)

2372. *ãmatehomat*
'faço ele(s) trabalhar' (ALMEIDA, 1983, p. 39)

O prefixo **-ra** marca a voz concomitante (quando o sujeito desempenha a ação em companhia de pessoa ou de coisa) em Tapirapé:

2373. *Xãrio* *Ãrake*
'entro em companhia de Xãrio' (ALMEIDA, 1983, p. 40)

2374. *xe r-era-xyp*

‘eles me fizeram descer com eles’ (ALMEIDA, 1983, p. 40)

Há, ainda, em Tapirapé, o sufixo **-akan** que exprime o aspecto mandativo (indica que um agente dá uma ordem a outrem para este praticar determinada ação, que pode recair ou não sobre um terceiro) (ALMEIDA, 1983, p. 41).

Exemplos:

2375. *Awãxihi ãxaakan*

‘mando ele pilar arroz’ (ALMEIDA, 1983, p. 41)

2376. *ãpykakan Xãriohiwe*

‘mando Xãrio cobrir ele(s) (ALMEIDA, 1983, p. 41)

Em Tapirapé é possível a co-ocorrência do prefixo causativo **ma-** e o sufixo – **akan**:

2377. *Yana ãmaxerewakan*

‘mando ele(s) virar a canoa’ (ALMEIDA, 1983, p. 41)

Há casos de ambigüidade em que o aspecto mandativo e a voz factiva ambos expressam a idéia de “mandar alguém fazer alguma coisa”.

2378. *ãmayhoakan*

‘mando ou faço ele beber’ (ALMEIDA, 1983, p. 41)

5.1.1.2.4 Avá-Canoeiro

Borges registra para o Avá Canoeiro a ocorrência do prefixo causativo *mo-* (antes de raízes iniciadas por consoantes) ~ *m-* (antes de raízes verbais iniciadas por vogal). Borges (2006, p. 170) observa não haver encontrado em Avá-Canoeiro, nos dados com os quais trabalhou em sua pesquisa, o sufixo formador de verbos transitivos (*-okat*) como a maioria das línguas do sub-ramo IV.

-akup ‘quente’

2379. *a-m-akup* *í-∅*
1sg-caus-ser.quente água-CN
‘eu esquentei a água’ (Borges, 2006, p. 171)

-wew ‘apagar’

2380. *matfo-∅* *tata-∅* *o-mo-wew*
nome próprio-CN fogo-CN 3sg-caus-apagar
‘Sebastião apagou o fogo’ (E) (Borges, 2006, p. 170)

5.1.1.3 A voz causativa nas línguas do sub-ramo III

5.1.1.3.1 A Língua Geral Amazônica

No início deste capítulo, apresentamos dados que mostram a ocorrência das vozes causativas em Tupinambá. Aqui nos restringiremos a apresentar dados da Língua Geral Amazônica que contêm reflexos dos morfemas causativos Tupí-Guaraní.

Na Língua Geral Amazônica, Magalhães (1876) registra a ocorrência do prefixo causativo *mu-* em exemplos como:

2381. *musu*

fazer-ir
'fazer-ir'

2382. *mururú*
fazer-úmido
'molhar'

2383. *remuaku ãna será temiú*
'você aqueceu a comida?'

De acordo com Magalhães (1876, p. 56), na LGA, “quando querem dizer que vão mandar ou ordenar qualquer coisa, ajuntam *kári* ao verbo, o qual é por sua vez verbo que significa mandar.”

2384. *Xaso xa senóin kári sé miraitá*
'eu vou mandar chamar o meu povo' (p. 56)

Quanto ao causativo comitativo, já no século XX ele não era mais ativo, apenas encontrado em formas de alguns verbos, mas não mais analisável.

5.1.1.4 Línguas do sub-ramo V

5.1.1.4.1 Asuriní do Xingu

A voz causativa é realizada em Asuriní do Xingú por meio do prefixo *mu-* (prefixo causativo) que deriva verbos transitivos a partir de qualquer tipo de raiz (MONSERRAT, 1988, p. 13).

Exemplos:

-kit ‘dormir’

2385. *a-mu-git*
‘fiz dormir’ (MONSERRAT, 1988, p. 13)

-kyyje ‘ter medo’, ‘ter medo’

2386. *a-mu-gyyje Myra*
‘amedrontei Myra’ (MONSERRAT, 1988, p. 13)

Em Asuriní do Xingú a voz causativo-comitativa é expressa pelo prefixo *eru-* que deriva verbos transitivos, assim como ocorre como o prefixo causativo *mu-* (MONSERRAT, 1988, p. 14)

Exemplos:

2387. *ere-eru-jeki*
‘fizeste entrar entrando junto’ (MONSERRAT, 1988, p. 14)

2388. *sa-ru-jeki*
‘fizemos entrar entrando junto’ (MONSERRAT, 1988, p. 14)

Em Asuriní do Xingú (MONSERRAT, 1988: 25) o aspecto mandativo realiza-se por meio da raiz *ukat* ‘mandar’, ‘ordenar’ que, junto com outra raiz verbal, forma um tema composto cujo referente, sujeito do verbo, ordena a outrem que execute a ação, ficando o ser mandado na função de objeto indireto exigindo a partícula *upe*.

Exemplos:

2389. *Ture'i erepetyvü ukat ga Upe*
'mandaste ele ajudar Ture'i (MONSERRAT, 1988:25)

2390. *ajat te je mu'e ukata Eneve*
'vim para mandar a você me ensinar' (MONSERRAT, 1988:25)

5.1.1.4.2 Araweté

Em Araweté há dois tipos de voz causativa: a causativa simples, expressa por meio do prefixo *mu-* ~ *m-* e a causativa comitativa, por meio do prefixo *eru-*, *ru-*, *ere-*, *r-*. O prefixo causativo simples agrega-se a temas intransitivos, inclusive aos temas nominais. O prefixo causativo-comitativo agrega-se exclusivamente a verbos intransitivos, constituindo-se, assim, em critério para distinção de subclasses de verbos transitivos e intransitivos (SOLANO, 2009, p. 196-197).

Causativo simples:

Exemplos:

-kamu 'mamar'

2391. *a-mu-kamu ku he*
'eu faço (meu filho) mamar' (SOLANO, 2009, p. 195)

-pariri 'assustar'

2392. *ure ku uru-mu-pariri tairuhu*
13 FOC 13-CAUS-assustar criança
'nós fizemos assustar a criança' (SOLANO, 2009, p. 196)

Causativo comitativo

Exemplos oferecidos por Solano do causativo comitativo são muitos. Alguns deles são:

Exemplos:

2393. *kuni ku h-ere-há*
mulher FOC R² -CC-levar
'a mulher o levou' (SOLANO, 2009, p. 197)

2394. *e-ru-je ku Ø-ʔa Ø-iwe*
2-CC-entrar FOC R⁴ -casa R¹-CI
'faça-o entrar dentro da casa' (SOLANO, 2009, p. 198)

5.1.1.5 A voz causativa em línguas do sub-ramo VIII

5.1.1.5.1 Ka'apór

Em Ka'apór ainda são produtivas as construções causativas simples por meio do prefixo *mo-* ~ *m-* ~ *ma-* ~ *mo-* ~ *mu-* conforme mostram os exemplos a seguir (Correa da SILVA, 67):

<i>-aku</i>	'quente'	=	<i>m-akú</i>	'esquentar'
<i>-hém</i>	'parecer'	=	<i>m-a-hém</i>	'achar', 'buscar'
<i>-katú</i>	'bom'	=	<i>mu-katú</i>	'limpar', 'arrumar'
<i>-ĩ</i>	'estar sentado'	=	<i>mo-ĩ</i>	'colocar'

Caldas (2009, p. 69) também apresenta os seguintes exemplos do Ka'apór:

puʔam ‘levantar’ -

2395. *a-mu-puʔam* *h-ukwen* *ke*
1SG-CAUS-levantar-se R²-porta AFT
‘eu levanto a porta’ (CALDAS, 2009, p. 69)

-parahi ‘enraivecer’

2396. *jane* *ne* *ke* *ja-mu-parahi* *ta*
1PL 2SG AFT 1PL-CAUS-enraivecer IMIN
‘nós aborreceremos vocês’ (CALDAS, 2009, p. 71)

2397. *ihẽ* *a-ju-mu-katu* *mi*
1SG 1SG-REF-CAUS-bonito PROB
‘eu me fiz ficar bonito’ (CALDAS, 2009, p. 62)

De acordo com Correa da Silva (1997, p. 68), o uso do causativo comitativo já não era mais produtivo na língua Ka’apór á época de sua pesquisa, restando apenas formas fixas na língua indicadoras da existência do antigo morfema descrito para o Tupinambá.

<i>-hó</i>	‘ir’	=	<i>ra-hó</i>	‘fazer ir consigo’
<i>-úr</i>	‘vir’	=	<i>r-úr</i>	‘fazer vir consigo’
<i>-ekó</i>	‘estar em movimento’	=	<i>r-ekó</i>	‘fazer estar em movimento consigo’
<i>-wák</i>	‘virar’	=	<i>ru-wák</i>	‘fazer virar consigo’

Não há registros da presença de construções com o morfema causativo prepositivo TG no Ka’apór.

5.1.1.5.2 Guajá

A expressão da causativização em Guajá dá-se por meio de prefixos. O prefixo *mi-* ~ *ma-* marca a voz causativa simples. Esse morfema deriva verbos transitivos a partir de bases intransitivas verbais e adjetivais. O prefixo *r-* marca as construções causativas comitativas e é exclusivo de temas verbais. (MAGALHÃES, 2007, p. 204-205).

Causativo simples: *ma-* (antes do pronome dependente de 1ª pessoa há ou seguido por sílaba cuja vogal *a*) ~ *mi* (nos demais ambientes).

Exemplos:

2398. *i-mymýr-a* *∅-ma-kamõ* *Araká*
R²-filho-N 3-CAUS-mamar AT1
'ela amamentou o filho dela' (MAGALHÃES, 2007, p. 204)

2399. *a-mi-me'ẽ* *kamẽ*
2/IMP-CAUS-olhar PROIB
'não o acorde!' (MAGALHÃES, 2007, p. 204)

Causativo comitativo

Exemplos:

2400. *até* *kanĩ-a* *xi-r-yhý* *ri*
nós canoa-N 12/EXO-CAUS.COM-correr logo
'vamos fazer a canoa correr conosco logo' (MAGALHÃES, 2007, p. 206)

2401. *kawá* *∅-xĩ-a* *a-r-ukú* *ta*
vasilha R¹-branco-N 1-CAUS.COM-ficar PROJ

‘eu quero ter uma vasilha esmaltada’ (MAGALHÃES, 2007, p. 206)

Em Guajá os verbos transitivos podem ser causativizados por meio do sufixo **-ká** (após temas terminados em vogal) ~ **aká** (após temas terminados em consoantes). O sufixo **-ká** pode ocorrer numa base já causativizada pelo prefixo **ma-** ~ **m-** conforme ilustra o exemplo 2543.

Exemplos:

2402. *karai i-wé-ma'á-ker-a 'y- u-ú*
não-índio R¹-sedento-NZR-RETR-N água-N 3-ingerir
‘o não-índio que estava com sede bebeu água’ (MAGALHÃES, 2007, p. 207)

2403. *jahá 'y-a a-'u-ká karai i-we-ma'á-ké Ø-pé*
eu água 1-ingerir-CAUS não-índio R¹-sedento-NZR-RETR R¹-para
‘eu fiz beber água ao não-índio que estava com sede’ (MAGALHÃES, 2007, p. 207)

2404. *Tapara'ĩ-a jawár-a Ø-mi-juhúk-aká 'y-pe*
Tapara'ĩ-N cachorro-N 3-CAUS-banhar.se rio-LOC

Ajwyxa'á-Ø Ø-pé

Ajwyxa'á-N R¹-para

‘Tapara'ĩa fez Ajwyxa'á banhar o cachorro no rio’ (Magalhães, p. 207)

Magalhães (2007) observa o uso do verbo **-manã** ‘fazendo ir / botar para’ com uma função causativa:

manã ‘fazendo ir / botar para’ - partícula direcional centrífuga causativa simples

2405. *Maír-a kamixá-∅ ∅-japia'ó ∅-mapý manã*
 Maíra-N jabuti-N 3-tripa.arrancar 3-colocar CTF2

kwarahý ∅-pá-pe
 sol R¹-brilho-LOC

‘Maíra arrancava as tripas do jabuti e colocava-as (fazendo ir) no sol’

No que diz respeito às línguas do sub-ramo VIII localizadas no nordeste do Pará e noroeste do Maranhão, verifica-se no Ka’apor a redução das vozes causativas à causativa simples, a que cria um novo argumento para o elemento com o qual se combina para formar um novo tema. O Guajá revela uma tendência à simplificação da forma fonológica dos morfemas causativos, embora mantenha reflexos de todos os morfemas reconstruídos para o PTG.

Nota-se, dessa forma, que das três línguas que têm convivido através de séculos entre o Gurupí e o Mearim, o Tembé parece estar em um estágio intermediário de mudanças do sistema de voz causativa original, por não apresentar produtividade no uso do causativo-comitativo, aproximando-se do Ka’apór, em que essa voz não mais é produtiva, e por ter reduzido a forma fonológica do causativo prepositivo, como ocorreu em Guajá.

5.1.2 As vozes reflexiva e recíproca em Tenetehára

Veremos agora qual a situação da expressão das vozes reflexivas e recíprocas no Tenetehára, quando comparadas a outras línguas Tupí-Guaraní da macro-região.

No Tupinambá que, como já foi dito, foi uma das línguas com a qual os Tenetehára conviveram durante o século XVII, a voz reflexiva indicava que o sujeito praticava a ação sobre ele mesmo, sendo, assim, sujeito e paciente ao mesmo tempo. Era formada com o prefixo *îe-* ou *nẽ-* aos verbos transitivos.

<i>-kutuk</i>	‘ferir’	<i>îe-kutuk</i>	‘ferir-se’
<i>-nupã</i>	‘açoitar’	<i>îe-nupã</i>	‘açoitar-se’
<i>-tym</i>	‘enterrar’	<i>ñe-tym</i>	‘enterrar-se’

5.1.2.1 A voz reflexiva em Tenetehára

Em Tenetehára a voz reflexiva é feita por meio do sufixo *ze-* ~ *de-* que se agrega a temas transitivos. Os verbos reflexivizados sofrem alteração de valência, intransitivizando-se.

5.1.2.1.1 A voz reflexiva em Tembê

5.1.2.1.1.1 Com verbos transitivos

Exemplos:

2406. *aw* *awa* *u-ze-ajimik*
 este.deit.empé homem 3-REF-enforçar
 ‘o homem se enforcou’

2407. *kwaharer* *u-ze-uka* *u-ze-amíaw* *pə*
 menino 3-REF-matar 3- REF-afogar GER
 ‘o menino morreu afogado’ (se matou)

2408. *awa* *Ø-ze-rukwa* *o-ho* *pari* *r-ehe*
 homem 3- REF-bater 3-ir parede R¹-em.relação.a
 ‘o homem se bateu na parede’

2409. *ihe* *a-ze-muŋaj*

1 1- REF-cortar

‘eu me cortei’

2410. *pe-ze-kutuk*

23- REF –furar

‘vocês se furaram’

2411. *a-zi-ti-ŕu*

1-REF-morder

‘eu me mordi’

2412. *aŕe Ø-zi-ti-ŕu*

ele 3-REF-morder

‘eles se morderam’

5.1.2.1.1.2 Com verbos causativizados

Exemplos:

2413. *ne re-ze-muruj*

2 2- REF-pentear

‘você se penteou’

5.1.2.1.1.3 Com nomes causativizados

Exemplos:

2414. *u-ze-mu-apu*

3-REF- CAUS-barulho

‘barulho da cobra’ (com os maracás/ guizos)

2415. *moj u-ze-mu-apu*
cobra 3-REF- CAUS-barulho
‘a cobra se faz barulhar’

5.1.2.1.1.4 Com adjetivos causativizados

Exemplos:

2416. *ae wə u-ze-mu-katu Ø iko wə*
ele PL 3- REF-CAUS -bom 3-estar.em.mov. PL
‘eles se enfeitaram’ (um enfeitando o outro)

2417. *a-ze-mu-əkɪm*
1- REF-CAUS-molhado
‘eu me molhei’

2418. *ihe a-ze-mu-pinim*
1 1-REF-CAUS-pintado
‘eu me pinteí’

2419. *za-ze-mu-pinim*
12- REF-CAUS-pintado
‘nós nos pintamos’

2420. *zane ti-ze-mu-nehew zane saj*

12 12- REF-CAUS-vestir 12 saia
'nós nos vestimos'

2421. *zane za-ze-mu-akim*
12 12- REF-CAUS -molhado
'nós nos molhamos'

2422. *a-ze-mu-kia kwej*
1- REF- CAUS-sujo RLZ
'eu me sujei'

2423. *dane de-mu-kia kwej*
12 REF-CAUS –sujo RLZ
'nós nos sujamos'

2424. *kwaharer u-ze-mu-peŋ Ø-atu wə*
menino 3-REF-CAUS-fila R¹- bem PL
'os meninos se colocaram na fila'

5.1.2.1.2 A voz reflexiva em Guajajára

A voz reflexiva em Guajajára é formada, assim como em Tembé, por meio do prefixo *ze-* ~ *de-* agregado a temas transitivos, a temas causativizados e a temas verbais no modo imperativo,

5.1.2.1.2.1 Com verbos transitivos

Exemplos:

2425. *ne ere-ze-?ej ne*
2 2-REF-lavar 2
'você se lava'

2426. *a?e u-ze-kəmu?uj a?e*
ele 3-REF-pentear ele
'ele se penteou'

2427. *a?e u-ze-kiti*
ele 3-REF-cortar
'ele se cortou'

2428. *kuzə tə?i u-ze-nupə*
menina 3-REF-bater
'a menina se bateu'

2429. *awa u-ze-pin kwej*
homem 3-REF-raspar RLZ
'o homem se raspou'

5.1.2.1.2.2 Com temas causativizados

Exemplos:

2430. *ihe a-ze-mu-pinin ihe*
1 1-REF-CAUS-pintado 1

‘eu me pintei’

2431. *kuzə təi u-ze-mu-katu*
menina 3-REF-CAUS-bom
‘a menina se enfeitou’

2432. *a-ze-mu-əkɪm*
1-REF-CAUS-molhado
‘eu me molhei’

5.1.2.1.2.3 Com verbos no imperativo

Exemplos:

2433. *e-ze-mu-katu*
2 IMP-REF-CAUS-bom
‘limpe-se!’

2434. *pe-ze-mu-katu* *nehe*
23IMP-REF-CAUS-bom INTEN
‘limpem-se!’

2435. *e-ze-mu-pinim*
2IMP-REF-CAUS-pintado
‘pinte-se!’

2436. *pe-ze-mu-pinim* *nehe*

23IMP- REF-CAUS-pintado INTEN
 ‘pintem-se!’

2437. *pe-ze-mu-pikəŋ* *nehe*
 23IMP-REF-CAUS-enxugar INTEN
 ‘enxuguem-se!’

2438. *ere-ze-kutuk zo nehe*
 2- REF-furar PROIB INTEN
 ‘não vai se furar’

2439. *pe-ze-rekwar ahĩ zo nehe*
 23 IMP-REF-bater INT2 PROIB INTEN
 ‘não vão se bater’

5.1.2.2 A voz recíproca

Em Tupinambá a voz recíproca era formada dos verbos transitivos com o prefixo **îo-** ou **ñõ-** indicando que os sujeitos praticavam mutuamente a ação uns sobre os outros.

2332. *u-mu-piraŋ kar Ø-ma?e i-munehew-pĩr kwej*
 3- CAUS-vermelho C.PREP R¹-coisa R²-vestido- NOM3 RLZ
 ‘ele fez a roupa ficar vermelha’

.1.1.4.2.1.3 Com verbo de base intransitiva com valência aumentada

Exemplo:

2333.	<i>ihe</i>	<i>a-mu-zahak</i>	<i>kar</i>	<i>he</i>	<i>Ø-mem̃r</i>	<i>kwez</i>
	1	1- CAUS-banhar	C.PREP	1	R ¹ -filho.de.mulher	RLZ
	‘eu fiz a minha filha tomar banho’					

5.1.1.4.2.1.4 Com verbo transitivo

2440.	<i>-kutuk</i>	‘ferir’	<i>ĩo-kutúk</i>	‘ferirem-se uns aos outros’
2441.	<i>-ĩuká</i>	‘matar’	<i>ĩo-ĩuká</i>	‘matarem-se uns aos outros’
2442.	<i>-eñoi</i>	‘chamar’	<i>ño-enõi</i>	‘chamarem-se uns aos outros’

Havia, nessa língua, a combinação de diferentes vozes por meio de prefixos diferentes:

2443.	<i>aíb</i>	‘estragado’	<i>mo-aíb</i>	‘estragar’	<i>ñe-mo-áib</i>	‘fazer estragar’
2444.	<i>ún</i>	‘preto’	<i>mo-ún</i>	‘tingir de preto’	<i>ño-mo-ún</i>	‘tingirem-se de preto mutuamente’
2445.	<i>byk</i>	‘chegar-se’	<i>ero-byk</i>	‘fazer chegar-se com’	<i>mo-ĩ-ero-byk</i>	‘fazer com que se cheguem’

5.1.2.2.1 A voz recíproca em Tenetehára

Em Tenetehára a voz recíproca dá-se por meio da mesma estratégia utilizada tanto em Tembé quanto em Guajajára como a seguir será mostrado.

5.1.2.2.1.1 A voz recíproca em Tembé

As sentenças a seguir tanto podem indicar a voz reflexiva quanto a voz recíproca em Tembé.

Exemplos:

2446. *zane za-ze-mu-akim*

12 12-REF-CAUS-molhado

‘nós nos molhamos’ (cada um molhou a si próprio)

2447. *zane za-ze-mu-akim*

12 12-REC-CAUS-molhado

‘nós nos molhamos’ (molhando-se uns aos outros mutuamente)

2448. *dane ze-mu-kia kwej*

12 REF-CAUS-sujo RLZ

‘nós nos sujamos’ (cada um sujou a si próprio)

2449. *dane ze-mu-kia kwej*

12 REC-CAUS-sujo RLZ

‘nós nos sujamos’ (sujando-se uns aos outros mutuamente)

5.1.2.2.1.2 A voz recíproca em Guajajára

Os exemplos do Guajajára a seguir tanto expressam a voz reflexiva quanto a recíproca.

Exemplos:

2450. *pe-ze-mu-p#kəŋ* *nehe*
23IMP-REC-CAUS-enxugar INTEN
‘enxuguem-se!’ (uns aos outros)

2451. *kuzə təi wə u-ze-mu-katu*
menina PL 3 REC-CAUS-bom
‘as meninas se enfeitaram’ (umas as outras)

Como vimos acima, o Tenetehára possui apenas um morfema reflexivo que serve para marcar tanto um processo simples em que agente e paciente são a mesma pessoa, quanto para marcar uma sucessão de processos ao mesmo tempo simultâneos em que um age sobre o outro e vice-versa.

5.1.3 As vozes reflexiva e recíproca em línguas do sub-ramo IV

5.1.3.1 Asuriní do Tocantins, Parakanã e Tapirapé

Em Asuriní do Tocantins e em Parakanã é mantida a distinção entre as duas vozes, a reflexiva e a recíproca, A seguir, alguns exemplos do Parakanã.

Voz reflexiva

Exemplos:

2452. *e-roʔ-ramo* *ere-tʃe-kotóŋ*

2COR-frio-MS 2-REF-furar

‘quando você teve frio, você se furou’ (SILVA, 1999, p. 85)

2453. *o-tʃe-et-fáŋ mor-et-fák-áw-a Ø-pó*
3-REF-ver H.gente-ver-NOM-ARG CNT-com
‘ele se viu com o espelho’ (SILVA, 1999, p. 85)

Voz recíproca

Exemplos:

2454. *tʃa-tʃo-nopó*
123-REC-bater
‘nó nos batemos (uns nos outros)’ (SILVA, 1999, p. 86)
2455. *itʃé a-maná té pe-tʃo-tʃoká*
1 1-mandar PROP 23- REC-matar
‘eu mandei vocês se matarem uns aos outros’ (SILVA, 1999, p. 86)

O Tapirapé é tão conservador quando o Asuriní e o Parakanã conforme mostram os exemplos seguintes, o primeiro ilustrando a voz reflexiva e o segundo, a voz recíproca.

2456. *ãwae we-xe-xokãwo*
‘chego e me machuco’ (ALMEIDA, 1983, p. 41)

2457. *xi-xa-xokã*
‘nós batemos uns aos outros’ (ALMEIDA, 1983, p.41)

5.1.3.2 Avá-Canoeiro

Veloso (2006, p. 172) descreve apenas o morfema reflexivo para o Avá-Canoeiro ilustrado em exemplos como os que seguem:

Exemplos:

2458. *ere-je-ka-karaj*
2sg-reflex-redupl-arranhar, coçar
'você se coçou' (BORGES, 2006, p. 172)

2459. *o-je-kok*
3sg-reflex-apoiar
'ele se apoiou' (BORGES, 2006, p. 173)

5.1.4 As vozes reflexiva e recíproca em línguas do sub-ramo V

5.1.4.1 Asuriní do Xingu

Em Asuriní do Xingú a voz reflexiva é marcada pelo morfema *je-* e a recíproca pelo morfema *ju-* como atestam os exemplos:

5.1.4.1.1 Voz reflexiva

Exemplos:

2460. *ajegat*
'assustei-me'

2461. *ere jeagat*
‘te assustaste’
2462. *’y pyvu urujumuuk*
‘nós nos molhamos com água’
2463. *jawara ujuu’ú*
‘os cachorros se morderam um ao outro’

5.1.4.1.1.2 Voz recíproca

2464. *sajumuuk*
‘ nós nos molhamos’ (um ao outro)
2465. *ujuesak*
‘eles se viram’ (mutuamente)
2466. *ujuavyky*
‘estão brigando’ (um com o outro)

5.1.4.2 Araweté

Em Araweté não há distinção morfológica entre a voz reflexiva e a recíproca. Estas realizam-se por meio do morfema *ji* afixado a verbos transitivos.

Exemplos:

2467. *pẽ ku pe-jĩ-pĩĩ*
 23 FOC 23-REFL-beliscar
 ‘você se beliscaram’ (SOLANO, 2009, p. 193)

2468. *a-jĩ-etfa ku he puretfaha-iwe*
 1-REFL-ver FOC 1 espelho-LP
 ‘eu me vi no espelho’ (SOLANO, 2009, p. 192)

5.1.4 As vozes reflexiva e recíproca em línguas do sub-ramo VIII

5.1.4.1 Ka’apór

Em Ka’apór as vozes reflexiva e recíproca são expressas pelo acréscimo do prefixo *ju-* aos verbos transitivos (SILVA, 2001).

Exemplos:

2469. *kó me?ẽ Ø-sawa?é Ø-ju-jukwá ?ĩ*
 aqui REL CNT-marido 3-REF-matar PERF.1
 ‘esse homem se matou’ (SILVA, 2001, p. 29)

2470. *ihẽ a-ju-karãj pe?ẽ mirá r-ehé*
 1sg 1SG-REF-coçar aquela árvore NCNT- em.relação.a
 ‘esse homem se matou’ (SILVA, 2001, p. 30)

2471. *a?é tá Ø-ju-pĩrũ ju-ehé*
 3 ASS 3-REF-chutar REF-em.relação.a
 ‘eles se chutaram’ (SILVA, 2001, p. 30)

5.1.4.2 Guajá

Em Guajá um único morfema *i- ~ j- ~ ij- ~ jê-* indica tanto a voz reflexiva quanto a recíproca.

Exemplos:

2472. *jahá a-j-xá* *∅já'ỹ* *∅xak-ahá-pe*
eu 1-REFL/REC-ver R¹-imagem R¹-ver-NZR-LOC
'eu me vi no espelho (instrumento de ver imagem) (MAGALHÃES, 2007, p. 183)

2473. *a'é* *∅i-xu'ú*
DEM 3-REFL/REC-morder
'ele se mordeu' (MAGALHÃES, 2007, p. 183)

2474. *jawár-a* *∅i-xu'ú* *wỹ*
cachorro-N 3-REFL/REC-morder PLU
'os cachorros se morderam' (MAGALHÃES, 2007, p. 183)

2475. *a'é* *∅i-xá* *wỹ*
DEM 3-REFL/REC-ver PLU
'eles se viram um (ns) aos outro(s)' (MAGALHÃES, 2007, p. 183)

5.1.1.5.3 Considerações sobre a expressão da voz reflexiva e recíproca em Tenetehára

Como podemos observar, o Tenetehára é menos conservador com respeito à expressão das vozes causativa e recíproca do que as demais línguas do sub-ramo IV, e

do que o Asuriní do Xingú. A fusão das duas vozes, a causativa e a recíproca em Tenetehára aproxima-o das duas outras línguas Tupí-Guaraní da região, o Guajá e o Ka'apór.

5.2 Considerações gerais

O estudo aqui desenvolvido mostrou que, com respeito à expressão de voz as duas línguas Tenetehára comportam-se da mesma forma na atualidade. Perda da funcionalidade do morfema *ero-* causativo comitativo e redução fonológica do antigo sufixo **-okar* do PTG. Verifica-se, também, que as duas línguas fundiram os morfemas que distinguíam as vozes reflexiva e recíproca, em benefício da primeira.

O estudo mostrou também que esses fatos já haviam se consumado no início do século passado, o que sugere que o Tenetehára tenha mudado paulatinamente ao longo dos últimos séculos.

Finalmente, o estudo mostra que as demais línguas aqui contempladas, com exceção do Araweté, todas se mantêm conservadoras e nenhuma outra seguiu o mesmo caminho histórico do Tenetehára. Por outro lado, as reduções aqui focalizadas podem ter sido motivadas pelo contato de falantes Tenetehára com falantes da Língua Geral Amazônica, o que consideraremos mais adiante.

CAPÍTULO 6 - DERIVAÇÃO DE NOMES EM TENETEHÁRA

6. Introdução

Neste capítulo tratamos de morfemas derivacionais de nomes nas duas línguas Tenetehára. Primeiramente apresentamos uma descrição desses morfemas em uma e outra língua, mostrando, em seguida, a aproximação e o distanciamento entre as duas. Na seqüência, comparamos as formas e as respectivas funções dos morfemas derivadores de nomes do Tenetehára com as demais línguas do sub-ramo IV e com línguas dos sub-ramos III, V e VIII da família Tupí-Guaraní. Por fim, postulamos as mudanças ocorridas nas estratégias de derivação nominal por meio de morfemas derivacionais herdados do Proto-Tupí-Guaraní nas línguas Tenetehára, tendo como referência o que se conhece até o presente sobre nominalizações na família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1953, 1981; JENSEN 1986; Rodrigues e Dietrich 1997; Rodrigues e Cabral 2005).

De acordo com os estudos já desenvolvidos sobre a família Tupí-Guaraní e as propostas de reconstrução do sistema original de nominalizadores (Jensen 1986, Rodrigues e Dietrich 1997, Rodrigues e Cabral 2005), haveria no Proto-Tupí, quatro morfemas nominalizadores: **(ts)ar*, **-emi-*, **-pýt* e **-(ts)aβ*. Os três primeiros agregavam-se a temas verbais, derivando, respectivamente, ‘nomes de agente’, ‘nomes de objeto’ e ‘nomes de paciente’. Desses morfemas, um deles, o morfema **ts(áβ)*, se combinaria também com nomes descritivos para formar nomes circunstanciais. Além desses morfemas, o Proto-Tupí-Guaraní teria tido outros morfemas derivadores, o nominalizador **-βařé* ‘nominalizador de predicados’, **tsuar* ‘nominalizador de expressões adverbiais’ e **tswer* ‘nominalizador de agente habitual’. O *PTG também teria tido morfemas derivadores de novos nomes como **-kwer*, **-wer*, **-er* ‘retrospectivo’, **-ram ~ *-am* ‘prospectivo’ e **-ran* ‘similitivo’, entre outros.

Chamaremos os morfemas do Tenetehára aqui tratados de derivadores de nomes, pois, como mostraremos no que segue, uma das mudanças atestadas na história do Tenetehára foi a extensão da combinação de morfemas nominalizadores para sua combinação também com nomes, contrariando a noção de nominalizadores que alguns dos morfemas aqui discutidos teriam exprimido originalmente.

6.1 Derivação de nomes em Tenetehára

Os morfemas derivacionais formadores de nomes em Tenetehára ainda não foram tratados com profundidade até o presente. Bendor-Samuel (1972, p. 116-122) ao tratar do assunto, embora não tenha apresentado uma análise ampla dos mesmos, identificou os seguintes morfemas derivadores de nomes nessa língua: *-mi-*, *-hár*, *-arer*, *ma'é*, *-háw*, *-awer*, *wəm*, *pyr* ~ *pyrer* e *-kwér*.

Carvalho (2001) não focaliza nominalizações em Tembé em seu estudo, mas considera o sufixo *-haw* como um nominalizador de circunstância que funciona como um critério adicional para a distinção de nomes e verbos descritivos, mostrando que estes últimos só podem funcionar como argumento quando nominalizados pelo sufixo *-haw* como ilustrado no exemplo seguinte:

Exemplos:

2476. *e-ho* *he-wi* *he* *Ø-zemomik-haw-*
2IMP-ir 1-afastando-se.de 1 CNT-ter.tristeza-NOM-ARG
'afaste-se de mim, tristeza!'

Castro (2007, p. 56-61; 62-76), por sua vez, faz um estudo sobre o morfema nominalizador *-har* do Tenetehára. Como o foco do estudo de Castro também não é o tema nominalização, trata do escopo morfo-semântico e das propriedades morfosintáticas do sufixo *-har*. O autor mostra que este sufixo possui propriedades morfo-semânticas muito similares às do sufixo derivacional {-dor} do Português e que pode criar nomes agentivos a partir de verbos (transitivos e inergativos) de ação. A seguir alguns dos exemplos utilizados por Castro para ilustrar a situação tanto no Tembé quanto no Guajajára:

Guajajára

Exemplos:

2477. *i-zuka-har*
ABS -matar-NOML
'(ele) o assassino' (HARRISON: 2007)

2478. *i-purakɨ-har*
ABS -trabalhar-NOML
'(ele) o trabalhador' (HARRISON: 2007)

Tembé

2479. *i-ʔɨaw-har*
ABS -nadar- NOML
'(ele) o nadador' (BOUDIN, 1966, p.132)

Castro (2007) assume a hipótese de que um determinado verbo mono-argumental será inergativo se puder coocorrer com o sufixo {-har} e inacusativo se não puder coocorrer com esse sufixo. Ainda sobre o sufixo *-har*, o autor descreve (2007, p. 62 -75) outros contextos em que este pode ocorrer em Tenetehára: mostra que as nominalizações em Tenetehára por meio do sufixo *-har* podem ocorrer a partir de adjetivos, nomes, verbos e advérbios, sintagmas posposicionais e até por meio de uma oração inteira. Castro, no entanto, não apresenta outras estratégias de nominalização na língua Tenetehára além do sufixo *-har*. A seguir, alguns dos exemplos de outros contextos de ocorrência do sufixo *-har* apresentados pelo autor, extraídos de Boudin (1966) (exemplos do Tembé) e de Harrison (2007) (exemplos do Guajajára):

Exemplos:

2480. *i-api-har*
ABS-atirar-NOML

‘o atirador de algo, aquele que tem boa pontaria’ (HARRISON, 2007)

2481. *iwate-har*

alto- NOML

‘celeste, aquele (aquilo) que é do céu’ (HARRISON, 2007)

2482. *se-har*

aqui- NOML

‘morador daqui, indígena’ (HARRISON, 2007)

2483. *pí r-ehe-har*

pé OBLIQ-PSP-NOML

‘calçado, sapato, tamanco’ [Lit: “relativo aos pés”] (HARRISON, 2007)

2484. *zane ø-kutîr-?îm-har*

nós exclusivo ABS-na.direção.de-NEG-NOML

‘inimigo’ [lit:”aquele contra nós”] (HARRISON, 2007)

6.1.1 Os nominalizadores em Tenetehára

Adotaremos, aqui, a análise proposta por Rodrigues (1953; 1981) para os morfemas derivadores de nome em Tupinambá e na família Tupí-Guaraní em geral. Os derivadores de nome em Tenetehára são os seguintes:

6.1.1.1 *emi* ‘nominalizador de nome de objeto’

Este sufixo é muito produtivo nas duas línguas Tenetehára e mantém sua distribuição original, combinando-se exclusivamente com verbos transitivos para formar um nome que corresponde ao objeto do verbo base da derivação.

Tembé

Exemplos:

2485. *he r-emi-riko upaw Ø-ma?e u-puej aipo*
 1 R¹-NOM1-esposa CES R¹-coisa 3-lavar INF
 ‘a minha mulher já lavou todas as roupas’

2486. *zawar Ø-warew t-emi-?u*
 cachorro 3-amber R- NOM1-comer
 ‘o cachorro lambeu a comida’

2487. *a-mukon t-emi-?u kwej*
 1-engolir R⁴- NOM1 -comer RLZ
 ‘eu já engoli a comida’

Guajajára

Exemplos:

2488. *h-emi-reko*
 R²-NOM1-esposa
 ‘minha esposa’

2489. *t-emi?u h-aku ahí*

R²-NOM1 –comer R²- quente INT2

‘a comida está quente’

Nos dados de Cyriaco Baptista o prefixo *-emi* é encontrado na palavra *rêmi hú* ‘comida’ (atualmente *remi ãu*) agregado ao verbo *hu* ‘comer’ (atualmente *-ãu*) como ainda hoje é encontrado nas duas línguas.

Exemplos:

2490. *ce auizé cupihy zutitik hêrêmi húrúmú*

‘Boa pensando em que estava comendo aqui agora cupim somente como a minha’

2491. *kuri... hum... a tiabo zakateheté*

ihéanó coaity! atué Hereputy

‘Comida como o diabo. Você está vendo eu cunhado! Como esta a minha...’

Em Boudin o prefixo *emi* é encontrado nas palavras *têmi ’ú* ‘comida’ e *têmi-rêko* ‘esposa’.

Exemplos:

2492. *t-êmi ’u*

R²-NOM1-comida

‘comida’, ‘farinha’, ‘alimentação’, ‘sustento’, ‘alimento’, ‘nutrição’

(BOUDIN, 1966, p. 257)

2493. *t-émi-réko*
 R²- NOM1-esposa
 ‘esposa’, ‘mulher’ (BOUDIN, 1966, p. 256)

6.1.1.2. *maʔe* ‘nominalizador de predicados’

Por meio do morfema *maʔe* o Tembé e o Guajajára formam nomes a partir de predicados que têm como sujeito agentes, experienciadores ou possuidores de uma propriedade. Os predicados com os quais o morfema *maʔe* se combina têm como núcleos verbos, nomes substantivos, nomes adjetivos e dêiticos.

6.1.1.2.1 Combinação de *maʔe* com verbos intransitivos

Tembé

Exemplos:

2494. *∅-kaʔamono-maʔe mukaw u-mu-katu ∅-iko*
 R¹-caçar-NOM2 espingarda 3-CAUS-bom 3-estar.em.mov.
 ‘o caçador está limpando a espingarda’

2495. *∅-zeʔeŋar tete-maʔe*
 3-cantar INT1-NOM2
 ‘o cantador’

2496. *∅-zeʔeŋ tete-maʔe*
 3-falar INT1-NOM2
 ‘o falador’

2497. *Ø-munar-maʔe*
3-roubar- NOM2
'ladrão'

Guajajara

Exemplos.:

2498. *u-zemiʔkar-maʔe*
3-caçar-NOM2
'o caçador'

2499. *u-pinik-maʔe*
3-dançar-NOM2
'o dançador'

2500. *u-itaw-maʔe*
3-nadar- NOM2
'o nadador'

2501. *u-zan-maʔe*
3-correr-NOM2
'o corredor'

2502. *pirapoj-maʔe*
pescar- NOM2

‘o pescador’

2503. *u-zeŋar-maʔe*

3-cantar- NOM2

‘o que é cantador’

Nos exemplos anteriores do Tembé, o resultado da nominalização com *maʔe* forma construções agentivas, diferente do exemplo a seguir que deriva nome de paciente.

Exemplos:

2504. *awa* *∅-mano-maʔe*

homem 3-morrer- NOM2

‘o que é homem morto’

2505. *∅-menar-maʔe*

3-casar- NOM2

‘aquele que é casado’

Não há qualquer alteração quanto ao uso de *maʔe* quando as orações são interrogativas ou negativas conforme mostram os exemplos seguintes.

Tembé

Exemplos:

2506. *ihe* *a-pikuj-maʔe*

1 1-remar- NOM2

‘eu sou o remador de canoa’

2507. *amo* *∅-pɪnɪk-maʔe*
quem 3-dançar- NOM2
‘quem é o dançador da festa?’
2508. *ihe* *a-pɪnɪk-maʔe*
1 1-dançar- NOM2
‘eu sou o dançador da festa’
2509. *amo* *∅-deŋar-maʔe*
quem 3-cantar- NOM2
‘quem é o cantador de cantoria?’
2510. *aʔe* *∅-pɪnɪk-maʔe*
ele 3-dançar- NOM2
‘ele é o dançador da festa’
2511. *aʔe* *∅-deŋar-maʔe*
ele 3-cantar- NOM2
‘ele é o cantador de cantoria’
2512. *aʔe* *a-ujtaŋ-maʔe*
ele 1-nadar- NOM2
‘ele é o nadador’
2513. *aʔe* *u-dən-maʔe*

ele 3-correr- NOM2

‘ele é o corredor’

2514. *nan ihe a-pikuj-ma?e*

NEG 1 1-remar-NOM2

‘eu não sou remador de canoa’

2515. *nan ihe a-dejar-ma?e*

NEG 1 1-cantar- NOM2

‘eu não sou cantador de cantoria’

2516. *nan ihe a-pinik-ma?e*

NEG 1 1-dançar- NOM2

‘eu não sou dançador de festa’

2517. *nan ihe Ø-3-purukutuko-ma?e*

NEG 1 gente-furar- NOM2

‘eu não sou dador de injeção (o enfermeiro)’

2518. *a?e nan Ø-purukutuko-ma?e*

ele NEG 3-gente-furar- NOM2

‘ele não é dador de injeção (o enfermeiro)’

2519. *a?e nan Ø-apikuj-ma?e*

ele NEG 3-remar- NOM2

‘ele não é remador de canoa’

2520. *aʔe nan Ø-auitaw-maʔe*
ele NEG 3-nadar- NOM2
‘ele não é nadador’

Guajajára

Exemplos:

2521. *aʔe u-zən-maʔe*
ele 3-correr- NOM2
‘ele é o corredor’

2522. *aʔe u-ʔaw-maʔe*
ele 3-nadar- NOM2
‘ele é o nadador’

2523. *ihe Ø-pinʔk-maʔe* *ihe*
1 1-dançar- NOM2 1
‘eu sou um dançador’

2524. *ihe Ø-pirapoj-maʔe* *ihe*
1 1-pescar- NOM2 1
‘eu sou um pescador’

6.1.1.2.2 Combinação de *maʔe* com predicados que têm por núcleo verbos transitivos:

Tembé

Exemplos:

2525. *ihe-a a-tíram-píkuj-ma?e-a*

1- ARG 1-farinha-torrar- NOM2-Arg

‘eu sou um torrador de farinha’

2526. *puru-mu?e-ma?e u-it?e uram o-ho t-ekohaw Ø-pe*

gente-ensinar- NOM2 3-entrar PROJ1 3-ir R⁴-adeia R¹-LOC

‘a professora vai entrar no Tekoháw amanhã’

2527. *Ø-zemu?e-ma?e u-ze?eŋ Ø-máa*

3-aprender- NOM2 3-falar R¹-gago

‘aquele meu aluno é gago’

2528. *Ø-aesak-atu-ma?e*

3-ver-bem- NOM2

‘ele tem um boa visão’

Guajajara

Exemplos:

2529. *Ø-puru-mu?e-ma?e*

R⁴-gente-ensinar- NOM2

‘o professor’

2530. *puru-muhar?-ma?e*

gente-remédio- NOM2

‘médico’

2531. *puru-muhar-maʔe*

gente-remédio- NOM2

‘enfermeiro’

2532. *puru-kutuko-maʔe*

gente-furar- NOM2

‘enfermeiro’

2533. *e-pihik kwej i-pepo Ø-pen-maʔe*

2-pegar RLZ R¹-asa 3-quebrar- NOM2

‘pegue aquela galinha que está de asa quebrada’

6.1.1.2.3 Combinação de *-maʔe* com predicados que têm por núcleo nomes adjetivos:

Tembé

Exemplos.:

2534. *ko əmən ɪr uriapua jiaiko Ø-iko*

este pau-de-chuva pendurado 3-estar.em.mov.

i-piʔahu-maʔe

R²-novo- NOM2

‘este pau de chuva está novinho’ ‘este pau de chuva é o novo’ (pendurado na parede, reto, visível)

2535. *e-pihik pe t-apukaj-a i-pepo u-pen-ma?e-a*
2IMP-pegar aquele galinha-Arg R²- asa 3-quebrado-NOM2-ARG
‘pegue aquela galinha que está de asa quebrada’

2536. *i-pihun-ma?e*
preto-NOM2
‘o que é preto’

2537. *i-ma?e ahí-ma?e*
R²- doente- NOM2
‘o doente’

2538. *takihe uhu-ma?e*
faca grande- NOM2
‘a (faca) que é grande’

2539. *puhaj Ø-mono-har Ø um-pihuhem kar i-ma?eahí-ma?e*
remédio R¹-dar- NOMR 3- CAUS-respirar C.PREP R²- doente- NOM2

kwej

RLZ

‘o médico mandou o doente inspirar’

Nos dados de Cyriaco Baptista e Boudin encontramos ocorrências desse nominalizador de predicado conforme mostram os exemplos subseqüentes:

Cyriaco Baptista

Nos dados de Cyriaco Baptista o nominalizador *-maʔe* ocorre com verbos transitivos sem objeto expresso como *munar* ‘roubar’ e *kahamono* ‘caçar’.

Exemplos:

2540. *munar maué*

‘ladrão’/ ‘gatuno’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 353)

2541. *uzehengaraiua zekuehe uhãma. Uenu zépe zêkuêhê ukahamonomaëûã*

‘Cantando cantigas de pennar elle estava. Ouviu disque certos caçadores’

Boudin (1966)

Nos exemplos a seguir, Boudin traduz *maʔê* com o significado de ‘aquêlê que..?’.

Exemplos:

2542. *pazê maʔê réréko-har*

‘enfeitado’ (BOUDIN, 1966, p. 269)

2543. *hapukay-maʔê*

‘aquêlê que levanta a voz, que fala gritando’ (BOUDIN, 1966, p. 55)

2544. *ihê maʔê-apihar-katu*

‘eu sou um bom atirador’ (BOUDIN, 1966, p. 118)

2545. *ma'ê apo-katu-har*
'mestre, aquele que acerta, que tem sorte' (BOUDIN, 1966, p. 269)

2546. *ma'ê apo-katu'ĩm-har*
'aquele que é lerdo para fazer determinado trabalho, azarento' (BOUDIN, 1966, p. 269)

6.1.1.3 *-pĩ* 'nominalizador de paciente'

6.1.1.3.1 Combinação do morfema *-pĩ* com verbos transitivos

O morfema *-pĩ* combina-se com verbos transitivos para formar nomes de paciente.

Tembé

Exemplos.:

2547. *ko kwære-har tukumə wi apo-pĩ-er*
este-próx. dedo-NOM4 tucumã de fazer – NOM3- RETR
'este anel é feito de tucumã'

2548. *kwəd kwære-har tukumə wi i-apo-pĩ-er-a*
aquele dedo- NOM4 tucumã de R²- fazer-NOM2 RETR -ARG
'é de tucumã que aquele anel é feito'

2549. *∅-mano-pĩ-er*
R²- morrer- NOM3- RETR

‘ele já está morto’

2550. *awiw-kutuk-pir-er*

agulha-furar- - NOM3-RETR

‘agulhada’

2551. *mukaw-ə i-muɽaj-pir-er ne r-u Ø-maʔe-a*

espingarda- ARG R²- roubar-NOM3- RETR 2 R²- pai R²- coisa-ARG

‘as espingardas que foram roubadas eram do teu pai’

2552. *uasaʔi Ø-kamɨk-ir-er zani wi*

açaí 3-amassar-NOM3 –RETR 12 por

‘o açaí foi amassado por nós’

2553. *ihe a-pirupən maʔe i-apo-pir-er-a*

1 1-comprar coisa R²- fazer- NOM3 –ARG

‘eu sou um comprador de artesanato’

2554. *t-emi-ʔu ne r-emi-apo-pir-er i-katu*

R⁴-NOM1 -comer 2 R¹-NOM1 -fazer- NOM3 – RETR R²- bem

‘a comida que você fez é boa’/ ‘a comida feita por você é boa’

Guajajara

Exemplos.:

2555. *Ø-petek-pir-er*

3-bater-NOM³- RETR
'alguém que foi batido'

2556. *at/ʃapo tɨm- pɨr*
arroz plantar-NOM³
'arroz que é para ser plantado'

2557. *he r-eha i-kwar-pɨr-er*
1 R¹- olho R²- buraco- NOM³- RETR
'o meu olho está furado'

2558. *kawaw uzeka- pɨr-er*
prato 3-quebrar- NOM³- RETR
'o prato está quebrado'

2559. *h-əkə ŋwer i-pen- er*
R²- galho RETR R²- quebrado- NOM³
'o galho está quebrado'

2560. *Ø-maʔe i-puej- pɨr*
R²- coisa R²- lavar- NOM³
'a roupa está lavada'

2561. *Ø-maʔe i-pue-pɨr-er*
R²- coisa R²- lavar- NOM³- RETR
'a roupa estava lavada'

2562. *∅-maʔe i-pue- pír-am*
 R²- coisa R²- lavar- NOM3- PROSP
 ‘a roupa vai ficar lavada’

6.1.1.3.2 Combinação do morfema *-pír* com verbos flexionados por prefixos pessoais

Embora as duas línguas Tenetehára mantenham reflexos do nominalizador de paciente, alguns falantes Tembé estão usando o morfema em combinação com verbos flexionados por prefixos pessoais, o que atesta uma mudança em processo com respeito à reanálise desse sufixo que passa a ter um significado muito mais de algo realizado do que propriamente de um significado pacientivo. Os exemplos são os seguintes:

Exemplos:

2563. *íwí a-ruak- pír-er i-katu kwej*
 terra 1-virar- NOM3- RETR R¹- bom RLZ
 ‘a revirada que eu dei foi boa’ (revirada na terra)

2564. *zawar t-emi-ʔu a-mono-pír-er u-mano kwej*
 cachorro R⁴- NOM2 -comer 1-dar- NOM3- RETR 3-morrer RLZ
 ‘o cachorro para quem eu dei comida morreu’ / ‘o cachorro para quem a comida foi dada morreu’

Não encontramos ocorrências do nominalizador de paciente nos dados de Cyriaco Baptista. Em Boudin, o uso de *pír* pode ser confirmado nos exemplos seguintes:

2565. *ti’u-pír*

‘ser mordido’ (BOUDIN, 1966, p. 269)

2566. *ihê i-ti’u-pĩrêr*

‘eu fui mordido’ (BOUDIN, 1966, p. 269)

6.1.1.4 *har* ‘nominalizador de circunstância’

Este nominalizador forma nomes a partir de expressões adverbiais como mostram os exemplos a seguir.

Tembé

Exemplos:

2567. *maran h-ekuzar ko kwə r-e-har*
quanto R²- custar este-próx. dedo R¹-rel- NOM4
‘quanto custa este anel?’

2568. *i-əkəŋ r-e-har(a)*
R²- cabeça R¹-rel- NOM4
‘enfeite de cabelo’

2569. *ne pĩ-r-e-har(a)*
2 pé-R¹-rel- NOM4
‘sandália tua’

2570. *pitfna u-iko i-tĩmə r-aikwe r-upi-har*
gato 3-estar.em.mov. R²-perna R¹-trás R¹- per-NOM4

u-pen-haw

quebrado- NOM⁵

‘o gatinho está com as patas de trás quebradas’ (patas traseiras)

2571. *ru-dapo paw t-əpɨ̃ r-enata-r amo-har*
13-fazer COMP R⁴- casa R¹- frente NOM4
‘nós construímos as casas da frente’
2572. *apirupan ram kamiãw Ø-pɨ̃ Ø-apua r-enatar rumo- har*
1-comprar PROJ1 carro R¹- pé R¹- redondo R¹- frente- NOM4
‘vou comprar as rodas da frente do carro’ (rodas dianteiras)
2573. *a-meɽeŋ ram kamiãw Ø-pɨ̃ Ø-apua t-aikwe r-upi-har*
1-veender PROJ1 carro R¹- pé R¹- redondo R⁴-trás R¹- de- NOM4
‘eu vou vender as rodas de trás deste caminhão’ (rodas traseiras)
2574. *dawar Ø-po h-enata ramo-har*
cachorro R¹- mão R²- frente- NOM4
‘patas da frente do cachorro’ (patas dianteiras)
2575. *dawar Ø-pɨ̃ h-aikwe r-upi-har*
cachorro R¹- pé R²- trás R¹- NOM4
‘as patas de trás do cachorro’ (patas traseiras)
2576. *kwaharer u-mupə kweɨ̃ dawar Ø-pɨ̃ r-aikwe r-upi-har*
menino 3-bater RLZ cachorro R¹- pé R¹- trás R¹- de-NOM4
‘o menino bateu as patas de trás do cachorro’ (patas traseiras)

2577. *tenetehara t-eko-haw pe-har wə u-kwaw ?i Gurupi wə*
 tenetehára R⁴- aldeia LOC- NOM4 pl 3-saber água Gurupi pl
 ‘todos os índios Tembé da aldeia Tekoháw conhecem o rio Gurupi’

5278. *zane t-ekohaw pe-har ti-kwaw tiram Ø-pikuj-haw*
 12 R⁴- aldeia LOC- NOM4 12-saber farinha R¹- torrar- NOM5
 ‘nós todos aqui do Tekoháw sabemos torrar farinha’

2579. *t-enaw he a-pik-hú pe-har u-pen kwej*
 R⁴- assento 1 1-sentar- NOM5 LOC- NOM4 3-quebrado RLZ
 ‘o banco onde eu me sentei quebrou’ / ‘o banco da minha sentada quebrou’

2580. *pe apíaw nupe u-?aw pə no*
 aquele-deit/em.pé homem aquele-deit/em.pé 3-deitar GER também

pe taw Ø-dar kwehe-har
 aquele-deit/em.pé aldeia R²- dono PASS.REM-NOM4
 ‘o homem que está deitado é o mais velho da aldeia’

No exemplo a seguir o nominalizador agrega-se a um adjetivo.

2581. *dane ti-de?eŋ tetê haj-har r-upi a?u*
 12 12-falar INT1 alto- NOM4 R¹-PER INT4

amo-ŋwer u-de-mu-kuhem wə
 outro- RETR 3-REF-CAUS-assustar PL
 ‘nós falamos tão alto que todos se assustaram’

Guajajára

Situação similar à descrita anteriormente para o Tembé ocorre em Guajajára quanto ao uso do nominalizador *-har*.

Exemplos:

2582. *poapɨw-har*
pulseira- NOM4
‘pulseira’
2583. *kwə ʔ-kuʔa-w-har*
dedo R¹-cintura-loc- NOM4
‘anel’
2584. *kəŋ r-e-har*
cabeça R¹-rel- NOM4
‘cocar’
2585. *ywate-har*
céu- NOM4
‘o que vive no céu’ (HARRISON 2007)
2586. *pneu h-akikwer pe-har*
pneu R²- trás LOC- NOM4
‘rodas de trás do carro’
2587. *pneu h-enata ramo-har*

pneu R²- R²- frente- NOM4
'rodas da frente do carro'

2588. *aɽe Belem pe-har*
ele Belém LOC- NOM4
'ela é de Belém'

6.1.1.4.1 Combinação do sufixo *-har* com os dêitico *se* 'aqui' e *pe* 'lá':

Tembé

Exemplos:

2589. *se-har upaw tenetehar u-kwaw ʔi Gurupi*
aqui- NOM4 todos tenetehára 3-saber água Gurupí
'todos os índios Tembé da aldeia tekoháw conhecem o rio Gurupí' /
'todos os Tenetehára daqui conhecem o rio Gurupí'

Guajajára

Exemplos:

2590. *n a-kwaw Ø-katukwaw ʔaw se-har*
NEG 1-saber R¹- ser.bom-NEG este.deit/em.pé aqui- NOM4
'eu não sei essa daqui' (essa canção)

2591. *n a-kwaw Ø-katu-kwaw pe-har*
NEG 1-saber R¹-bom-NEG lá- NOM4
'eu não sei bem aquela de lá' (aquela canção)

Ocorrências em Boudin do nominalizador de circunstância são a seguir exemplificadas:

Exemplos:

2592. *ka'a-pe-har*

‘silvícola’, ‘silvestre’ (BOUDIN, 1966, p. 92)

2593. *ka'a-rupi-har*

‘silvícola (com idéia de movimento)’ (BOUDIN, 1966, p. 93)

2594. *têmi'u karu-méhé-har*

‘ceia’ (BOUDIN, 1966, p. 257)

2595. *hê-pĩ-rehé-har hãwê*

‘os meus sapatos estão mofados’ (BOUDIN, 1966, p. 200)

6.1.1.5 *-har* ‘nominalizador de agente’

Este sufixo é homônimo do sufixo ‘nominalizador de circunstância’ e combina-se com verbos ativos para formar nomes de agente.

Tembé

Exemplos:

2596.	<i>puharj-mono-har</i>	<i>Ø-mu-pĩtuhem</i>	<i>kari</i>	<i>i-maʔe.ahĩ</i>
	remédio dar- NOM5	3- CAUS-respirar	C.PREP	R ² - doente

∅-maɽe kwej

R¹-coisa RLZ

‘o médico (o dador de remédio) mandou o doente inspirar’

2597. *ihe iwɨ-kwar i-kəj-har*

1 terra-buraco R²-cavar- NOM5

‘eu sou o cavador de poço’

2598. *ihe t-emiɽu ∅-apo-har*

1 R⁴-NOM1-comer R¹- fazer- - NOM4

‘eu sou o fazedor de comida’

2599. *aɽe arapuha ∅-duka-har*

ele veado R¹- matar- NOM5

‘ele é o matador de veado’

2600. *aɽe maniɽok ∅-dutim-har*

ele mandioca R¹- plantar- NOM5

‘ele é o plantador de mandioca’

2601. *aɽe pə:pən ∅-duhej-har*

ele roupa: RED R¹- lavar-NOM5

‘ele é o lavador de roupa’

2602. *aɽe pira i-pihik-har*

ele peixe R²- pegar- NOM5

‘ele é o pescador de piranha’

2603. *ihe nan maniʔok Ø-dutɨm-har*
1 NEG mandioca R¹- plantar- NOM5
‘eu não sou plantador de mandioca’

2604. *nan ihe pu:pən Ø-duhej-har*
NEG 1 roupa: NEG R1-lavar- NOM5
‘eu não sou lavador de roupa’

2605. *aʔe nan maniʔok Ø-dutɨm-har*
ele NEG mandioca R¹- plantar- NOM5
‘ele não é plantador de mandioca’

2606. *ihe nan arapuha duka- Har*
1 NEG veado R¹- matar- NOM5
‘ele não é o matador de veado’

2607. *aʔe nan pupən Ø-duhej-har*
ele NEG roupa R¹- lavar- NOM5
‘ele não é lavador de roupa’

Guajajara

Exemplos.:

2608. *karaiw-a Ø-mumeʔu-har*
não.índio-arg R²- conversar- NOM5
‘o que conversou com o homem branco’

2609. *ihe zawaruhu i-zuka-har repe ihe*
 1 onça R²- matar- NOM5 por.profissão 1
 ‘eu sou um matador de onça’ (matador profissional)
2610. *ihe tîram i-apo-har repe ihe*
 1 farinha R²- fazer- NOM5 por.profissão 1
 ‘eu sou um torrador de farinha’ (um profissional)

Exemplos do nominalizador de agente em Cyriaco Baptista e em Boudin serão apresentados a seguir:

Cyriaco Baptista

Exemplos:

2611. *ménárhár*
 ‘aquele que é casado (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)
2612. *itázÿtúkáhár*
 ‘ferreiro’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)
2613. *zapattúápóhár*
 ‘sapateiro’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)
2614. *têmiúápókár*
 ‘cozinheiro’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)

2615. *tátápópókápókár*
‘fogueteiro’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)

Boudin

Exemplos:

2616. *têmi’u- apo-har*
‘cozinheiro’, ‘rancheiro’ (BOUDIN, 1966, p. 257)
2617. *zuka-har*
‘aquêlê que matou, o assassino’ (BOUDIN, 1966, p. 55)
2618. *i- apo-har*
‘aquêlê que fez’, ‘o artesão’ (Boudin, 1966, p. 55)

6.1.1.6 -haw ~ -aw ‘nominalizador de circunstância’

O nominalizador *-haw ~ -aw* combina-se com verbos, adjetivos e nomes para formar nomes de circunstâncias – instrumento, local, modo, finalidade, resultado de um processo, entre outros.

6.1.1.6.1 Combinação de -haw ~ -aw com nomes

Tembé

Exemplos:

2619. *maʔe-haw tue u-dutim ko-haw-ə təri*
 coisa- NOM6 hab 3-plantar roça- NOM6-Arg hoje
 ‘por que eles plantaram roça hoje?’

2620. *u-dutim ko-haw-ə u-putar u-ereko ram tɨram wə*
 3-plantar roça- NOM6-Arg 3-querer 3-ter PROJ¹ farinha pl
 ‘eles plantaram roça, porque precisam fazer farinha’

2621. *maʔe-mu-pu-haw*
 coisa-CAUS-barulho- NOM6
 ‘pau de chuva’

6.1.1.6.2 Combinação de *-haw* ~ *-aw* com verbos intransitivos:

Tembé

Exemplos:

2622. *h-ajme-haw*
 R²- amolar- NOM6
 ‘gume’ (da faca, da enxada)

2623. *t-ɨpɨ-haw*
 R-varrer- NOM6
 ‘vassoura’

2624. *tata r-up-aw*
 fogo R¹-estar.deitado- NOM6

‘lugar do fogo’

2625. *maniʔok* *Ø-zami-haw*

mandioca R¹- espremer- NOM6

‘prensa’

2626. *Ø-kaʔap-aw*

R⁴-defecar- NOM6

‘lugar de fazer cocô’

2627. *t-eko-haw*

R⁴-estar.em.mov- NOM6

‘lugar onde mora’ ‘lugar de gente’

2628. *maʔe- tɨm-haw*

coisa-plantar- NOM6

‘lugar onde se planta’

2629. *kidɨm* *maʔe- tɨm-haw*

morto coisa-enterrar- NOM6

‘lugar onde se enterram os mortos’, ‘cemitério’

2630. *mano-wer* *tɨm-haw*

morrer- RETR enterrar- NOM6

‘lugar onde se enterram os mortos’, ‘cemitério’

2631. *bol momor-haw r-ena Ø-pe*
 bola jogar- NOM6 R¹- lugar R¹- LOC
 ‘lugar onde se joga bola’ (campo de futebol)
2632. *majɽu-haw*
 comer-NOM6
 ‘lugar de comer’, ‘mesa’
2633. *zemuɽe- haw*
 ensinar- NOM6
 ‘lugar de aprender’(escola)
2634. *ker-ahaw*
 dormir- NOM6
 ‘lugar onde se dorme’ (quarto)
2635. *Ø-apui i-jiemusaraj-haw zekwehe i-puraj ete*
 3-dizer R¹- brincar- NOM6 PASS.MIT R²- bonito INT³
 ‘ela disse que a festa (a brincadeira) dela foi muito linda’
2636. *a-kwaw ne Ø-ho-haw i*
 1-saber 2 R¹- ir- NOM6 Asse
 ‘eu sei que você vai embora’ / ‘eu sei da sua ida’
2637. *aɽe wə u-kwaw-a ihe Ø-ho-haw-a*
 ele pl 3-saber-Arg 1 R¹-ir-NOM6–Arg
 ‘eles sabem que eu vou embora’ / ‘eles sabem da minha ida’

2638. *a-kwaw kwej əmən ukɨr-haw-a*
 1-saber RLZ chover- NOM⁶ –Arg
 ‘eu sabia que ia chover’/ ‘eu sabia da chuva’

2639. *pe-kwaw i əmən ukɨr-haw*
 23-saber Asse chover- NOM⁶
 ‘vocês sabiam que ia chover’/ ‘vocês sabiam da chuva’

Guajajara

Exemplos:

2640. *tata r-up-aw*
 fogo R¹-estar.deitado- NOM⁶
 ‘lugar do fogo’

2641. *tata r-en-aw*
 fogo R¹-estar.deitado- NOM⁶
 ‘lugar do fogo’

2642. *∅-katu he pɨta-haw aʔe pe*
 R¹- bom 1 ficar- NOM⁶ aquele lugar em
 ‘minha estada foi boa naquele lugar’

2643. *kutəɾi he ker-ahaw i-katu kwej*
 hoje 1 dormir- NOM⁶ R²- bom RLZ
 ‘hoje a minha dormida foi boa’

2644. *he kaʔa piʔiʔ-haw Ø-katu kwej*
 1 capinar- NOM6 R¹- ser.bom RLZ
 ‘minha capinada foi boa’
2645. *he ʔar-haw na i-katu pitfik kwaw kwej*
 1 cair- NOM6 NEG R¹- bom INT⁶ NEG RLZ
 ‘a queda foi muito feia’
2646. *i-p#kuj-haw*
 R²-remar-NOM6
 ‘remo’
2647. *i-hej-haw*
 R²-lavar-NOM6
 ‘esponja de lavar louça’
2648. *zeʔeŋ-haw*
 falar-NOM6
 ‘celular’, ‘microfone’
2649. *azahak-aw*
 tomar.banho- NOM6
 ‘lugar de tomar banho’
2650. *kakaruk-aw*
 defecar-NOM6
 ‘lugar de defecar’

2651. *pɨ́nik-aw*
dançar- NOM6
‘lugar de dançar’ ‘festa’

2652. *apɨ́k-aw*
sentar- NOM6
‘banco (de sentar)’

2653. *maʔa-meʔeŋ-aw*
coisa-vender- NOM6
‘casa comercial’

2654. *t-ɨwɨ́-paw*
R⁴- terra- NOM6
‘cemitério’

2655. *i-pɨ́kuj-haw*
R²- remar- NOM6
‘remo’

2656. *i-hej-haw*
R²- lavar- NOM6
‘esponja de lavar louça’

2657. *zeʔeŋ-haw*
falar- NOM⁶

‘celular’, ‘microfone’

- 2658 *h-erezepin-aw*
1-cortar- NOM6
‘minha tesoura’

6.1.1.5.3 Combinação de *-haw* ~ *-aw* com verbos transitivos

Tembé

Exemplos:

2659. *kaʔir-haw*
arranhar- NOM6
‘caneta’

2660. *∅-ʔaw mumik-aw*
R⁴- cabelo-apertar- NOM6
‘preendedor de cabelo’

2661. *petek-haw*
bater- NOM6
‘batedor’ (instrumento) ‘qualquer instrumento para surrar (cipó, cinto...)’

Guajajára

Exemplos:

2662. *i-zuka-haw*
 R²- matar- NOM6
 ‘o fato de ele ser morto ou da morte dele’
2663. *he a-ho-haw uhu aʔu kwej*
 1 1-ir- NOM6 longo INT⁴ RLZ
 ‘minha ida foi demais demorada, longa’
2664. *əməŋ ukʔi-haw*
 chover- NOM6
 ‘chuvarada’
2665. *Ø-puʔiʔ i-apo-haw Ø-maʔe iwa wi*
 R¹-colar R²-fazer- NOM6 R¹-coisa semente de
 ‘o colar é feito de semente’
2666. *tatapekaw i-apo-haw pino arer*
 abano R²-fazer- NOM6 palha RETR
 ‘o abano é feito de palha’
2667. *kəŋ etar i-apo-haw Ø-maʔe r-awer wi*
 cabeça-enfeite R²-fazer- NOM6 R¹-coisa R¹-pena de
 ‘o cocar é feito de pena’
2668. *Ø-maniku i-apo-haw iwipo wi*
 R¹-paneiro R²- fazer- NOM6 cipó de
 ‘o paneiro é feito de cipó’

2669. *kiti-haw*
cortar- NOM6
'o golpe'
2670. *nupə-haw*
bater- NOM6
'paulada'
2671. *u-pʰam-haw* *ha-wi*
3-beliscar- NOM6 1-dat
'o beliscão de mim'
2672. *Ø-katu* *ahi* *pira* *mihir* *u-ʔu-haw* *ʔi* *wir*
R¹-bom INT² peixe assar 3-comer- NOM6 água margem
'é bom comer peixe assado na beira do rio'
2673. *zeʔeŋ-apo-haw*
falar-fazer- NOM6
'a voz'

Em Guajajára a expressão *imeʔe-haw* tanto significa 'o olhar dele' quanto significa 'a babá' (pessoa que cuida de crianças) como mostra o exemplo abaixo:

2674. *i-meʔe-haw*
R²- olhar- NOM6
'o olhar dele'

2675. *i-meʔe-haw*
R²- olhar- NOM6
'a babá'

6.1.1.6.4 Combinação de *-haw* ~ *-aw* com adjetivos

Tembé

Exemplos:

2676. *ihe r-uráw-haw u-paw kuri*
1 R¹- alegre-NOM6 3-acabar agora
'minha alegria acabou'

2677. *ne re-reko u-kaniʔu-haw-ə*
2 2-ter R²- cansado- NOM6-Arg
'você tem cansaço'

2678. *ihe a-reko ihe maʔe nukwaw-haw-ə*
1 1-ter 1 saudade- NOM6-Arg
'eu tenho saudade'

2679. *ihe Ø-maʔe ihe maʔu hej-haw u-paw kuri*
1 R¹-coisa 1 fome- NOM6 3-acabar agora
'a 'minha fome acabou'

2680. *h-ahi-haw u-paw kuri*

R²- dor- NOM6 3-acabar agora
' a dor dele passou'

2681. *ne* *∅pirakori-haw* *u-paw*
2 R¹-calor- NOM6 3-acabar
'o teu calor passou'

2682. *aʔe u-ereko h-itfaŋ-aw wə*
ele 3-ter R²- frio- NOM6 pl
'eles têm frio'

2683. *ne r-upihj-haw u-paw kuri*
2 R¹-sono- NOM6 3-acabar agora
'o teu sono acabou'

Guajajara

Exemplos:

2684. *ne* *∅pirakori-haw* *u-paw kuri*
2 R¹-calor- NOM6 3-acabar agora
'o teu calor passou agora'

2685. *aʔe wə h-itfaŋ-ahaw u-paw aʔe wi*
ele pl R²- frio- NOM6 3-acabar ele de
'o frio deles acabou (passou deles)'

Alguns exemplos do nominalizador *haw* nos dados de Cyriaco Baptista e Boudin são apresentados na seqüência:

Cyriaco Baptista

Exemplos:

2686. *tápiháú*
‘vassoura’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 352)

2687. *kárúkáu*
‘mijador’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 353)

2688. *káhápáu*
‘cagador’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 353)

2689. *tátápáu*
‘lugar do fogo’ (CYRIACO BATISTA, 1932, p. 353)

O registro de Boudin

Nos dados de Boudin encontramos derivações por meio do sufixo *haw* agregado a substantivos, a adjetivos, a verbos intransitivos e transitivos. A seguir exemplos ilustrativos do emprego desse sufixo no registro desse autor:

O sufixo *haw* em bases substantivas

Exemplos:

2690. *muripar-haw*

‘ amizade’ (BOUDIN, 1966:)

O sufixo *haw* em bases adjetivas

Exemplos:

2691. *ma'ê pirãng-haw*

‘ qual é a cor?’ (BOUDIN, 1966:200)

2692. *u-paw hê-kanê'o-haw*

‘ passou o cansaço (não estou mais cansado)’ (BOUDIN, 1966:95)

2693. *zé-murřw-haw*

‘ agrado’, ‘bajulação’, ‘contentamento’ (BOUDIN, 1966, p. 200)

O sufixo *haw* em bases verbais intransitivas

Exemplos:

2694. *ka'a tê-itzê-haw*

‘ entrada da mata’ (BOUDIN, 1966, p. 93)

2695. *mukwi'ar ho-haw*

‘ uma viagem de dois dias’ (BOUDIN, 1966, p. 200)

O sufixo *haw* em bases verbais transitivas

Exemplos:

2696. *ti'u-haw*
'dentada', 'mordida' (BOUDIN, 1966, p. 269)

2697. *têmi'u-apo-haw*
'cozinha' (lugar) (BOUDIN, 1966, p. 257)

6.1.2 Algumas inovações na distribuição de nominalizadores em Tenetehára

O Tembé apresenta inovações com respeito à distribuição dos sufixos *-haw* ~ *-aw* e *-har* ~ *-ar*, como mostram os exemplos seguintes:

Exemplos:

2698. *maʔe-haw* *tue* *u-dutim* *ko-haw-ə* *təri*
coisa- NOM6 HAB¹ 3-plantar roça- NOM6-Arg hoje
'por que eles plantaram roça hoje?'

2699. *u-dutim* *ko-haw-ə* *u-putar* *u-ereko* *ram* *tiram* *wə*
3-plantar roça- NOM6-Arg 3-querer 3-ter PROJ¹ farinha pl
'eles plantaram roça, porque precisam fazer farinha'

2700. *maʔe-mu-pu-haw*
coisa-CAUS-barulho- NOM6
'pau de chuva'

Esses exemplos ilustram a combinação do sufixo *-haw* com nomes de referentes de propriedades físicas, uma combinação não reportada até o presente para a família Tupí-Guaraní. Outra inovação atestada no Tembé é a combinação do sufixo *-har* ‘nominalizador de agente’ com predicados nominalizados por *maʔe*, como mostram os exemplos seguintes:

Exemplos:

2701. *ihe* *Ø-ujtaw* *maʔe* *-har* *ihe*
 1 R¹-nadar NOM2 -NOM5 1
 ‘eu sou um nadador’

2702. *ihe* *Ø-pʔikuj* *maʔe-har-a*
 1 R¹-remar NOM2- NOM5-Arg
 ‘eu sou um remador’

2703. *ihe* *Ø-udəŋ* *maʔe- har-a*
 2 R¹-correr NOM2-NOM5-ARG
 ‘eu sou um corredor’

2704. *ihe* *Ø-majʔu* *maʔe- har-a*
 1 R¹-comer NOM2-NOM5-ARG
 ‘eu sou um comedor’

2705. *ihe* *Ø-pʔinik* *maʔe- har-a*
 1 R¹-dançar NOM2-NOM5-ARG
 ‘eu sou um dançador’

2706. *ihe maʔe Ø-mimuj -har-a*
1 NOM2- R¹-cozinhar NOM5-ARG
‘eu sou um cozinheiro’

2707. *ihe Ø-puraki maʔe-har-a*
1 R¹-trabalhar NOM2-NOM5-ARG
‘eu sou um trabalhador’

2708. *kwaharer u-kamu maʔe-har-a*
menino 3-mamar NOM2-NOM5-ARG
‘esse menino é um mamar’

2709. *aʔe Ø-p#ũum maʔe-har-a*
ele R¹-fumar NOM2-NOM5-ARG
‘ele é um fumador’

2710. *aʔe Ø-mu-katu maʔe-har-a*
ele R¹-CAUS-bom NOM2-NOM5-ARG
‘ele é um curador’

2711. *dawar u-hiahem maʔe-har-a*
cachorro 3-gritar NOM2-NOM5-ARG
‘ele é um latidor’

2712. *aʔe Ø-duru-p#er maʔe-har-a*
ele 3-boca-beijar NOM2-NOM5-ARG
‘ele é um beijador’

2713. *Ø-deʔeŋ maʔe-har-a*
 3-falar NOM2-NOM5-ARG
 ‘ele é um falador’
2714. *u-tʃiʔu:tʃiʔu maʔe-har-a*
 3-roer:roer NOM2-NOM5-ARG
 ‘ele (o rato) é um roedor’
2715. *aʔe u-puajhu maʔe-har-a*
 ele 3-sonhar NOM2-NOM5-ARG
 ‘ele é um sonhador’

Observamos no registro de Boudin bases verbais intransitivas recebendo tanto o sufixo *haw* quanto o nominalizador de predicados *ma'ê* conforme se verifica nos exemplos a seguir:

Exemplos:

2716. *hapukay-har*
 ‘aquêle que levanta a voz, que fala gritando’ (BOUDIN, 1966, p. 55)
2717. *hapukay-ma'ê*
 ‘aquêle que levanta a voz, que fala gritando’ (BOUDIN, 1966, p. 55)
2718. *ma'ê apo-katu-har*
 ‘mestre, aquêle que acerta, que tem sorte’ (BOUDIN, 1966, p. 118)

2719. *ma'ê apo-katu-in-har*
'aquê que é lerdo para fazer determinados trabalhos, azarento' (BOUDIN, 1966, p. 118)

2720. *ihê ma'ê apihar-har-katu*
'eu sou bom atirador' (BOUDIN, 1966, p. 118)

6.2 Comparação do Tenetehára com línguas da família Tupí-Guaraní

6.2.1 Comparação do Tenetehara com línguas do sub-ramo IV

6.2.1.1 Tapirapé

Almeida (1983, p. 29) descreve para o Tapirapé o sufixo '*-ãw-(a)*' e adota a análise de Rodrigues (1953, p. 123s; 1953, p. 145) do morfema cognato de outras línguas da família, chamando os resultados das nominalizações com o sufixo *-ãw-(a)* de 'nomes de circunstância'. Este sufixo também é usado na nominalização de raízes verbais.

-ãw

2721. *ne xekyj-ãw-a ã-qaam*
'sei que você está gripado' ('sei da circunstância da sua gripe')

Almeida (1983, p. 32) apresenta um quadro contendo os morfemas derivadores de nomes em Tapirapé, o qual reproduzimos aqui na íntegra:

Quadro 63 – Morfemas derivadores de nomes do Tapirapé conforme Almeida

Forma	Prf	Suf	Significado	Tr	Int	Marca de	
						Suj	Obj
<i>-a</i>		X	ação		x	x	
<i>-ana</i>		X	agente absoluto	x			x
<i>-mahe</i>		X	agente relativo		x	3 ^a . a-	
<i>-pyra</i>		X	paciente	x			3 ^a .
<i>emi-</i>	X	X	objeto	x		x	
<i>-ãwa</i>		X	circunstância	x	x	int	tr
<i>-mahe</i>		X	agente habitual		x	3 ^a . i-	

Os exemplos a seguir seguem a mesma ordem em que aparecem na tabela acima:

Exemplos:

2722. *nexehega ãinop*

‘ouço você falar’ (você falando eu ouço)

2723. *xemaheana*

‘o meu professor’

2724. *aãtamahe*

‘o que caminha’

2725. *ixokãpyra*

‘o que é morto’

2726. *xeremiho hēhē*
 ‘minha comida está gostosa’
2727. *ãixāk nenopyãwa*
 ‘vi a circunstância de bater em você’
2728. *amapen nekãwipywãwa*
 ‘quebrou a tua colher de mexer cauim’
2729. *koxỹ ixehagamahe*
 ‘mulher que fala sempre’

O Tapirapé possui também um sufixo nominalizador *-wãr* que nominaliza complementos circunstanciais e que é reflexo do PTG *-βɔr* ‘nominalizador de complementos circunstanciais’, ilustrados aqui pelos exemplos seguintes:

Exemplos:

2730. *pari-∅ r-e-wãr-a*
 cercado-arg R¹- em.rel.a-CLZ-ARG
 ‘o que está relativo ao cercado’ (Cabral e Rodrigues, notas de campo (2004))
2731. *tjé ∅-pa-ypy-pe-wãr-a*
 1 R¹- mão-início- NLZ-ARG
 ‘o que está relativo à mão’ (Cabral e Rodrigues, notas de campo (2004))

Os dados do Tapirapé mostram que ele é conservador com respeito aos principais morfemas derivacionais herdados do Proto-Tupí, sem nenhum uso que se distancie dos usos tradicionais desses morfemas em línguas conservadoras da família.

6.2.1.2 Asuriní do Tocantins

Segundo Cabral & Rodrigues (2003), no Asuriní do Tocantins nomes podem ser criados a partir de verbos por meio dos afixos, dos quais os mais comuns são os sufixos: a) **-ap** (após consoante), **-háp** (após vogal) e **-tap** (depois de -j); b) **-át** (após consoante) ~ **-hát** ~ **-tát** (após vogal), **-tát** ou **-nát** (depois de -j). A seguir apresentamos alguns exemplos dados pelos autores:

-áp ~ **-háp** ~ **-táp**: formam os nomes de circunstância (nomeiam o instrumento, o lugar, o tempo ou ocasião e o modo).

Exemplos:

2732. **-apykáp**
‘banco’

2733. **-opáp**
‘rede’

-át ~ **-hát/-háp** ~ **-tát/-nát** : forma os nomes de agente (nomeiam a pessoa, o animal ou coisa que faz aquilo que o verbo significa).

Exemplos:

2734. **-mopénát**
‘quebrador’, ‘o que quebra’

2735. *konomía sé myrapára mopénára*

‘o menino que quebrou o meu arco’

2736. *pyhát*

‘tocador’, ‘o que toca’

2737. *henonewára ipyhára*

‘Henonewára é o tocador’

2738. *okwahám isokátára*

‘eu conheço o matador dele’

2739. *porahájtát*

‘dançador’, o ‘que dança’

2740. *iporahájtára isé*

‘o dançador sou eu’

2741. *karyjnt*

‘arranhador’, ‘o que arranha’

2742. *eomí ikaryjnára*

‘eis o arranhador dele’

Outros nominalizadores do Asuriní do Tocantins apresentados em Cabral e Rodrigues (2003) são:

emi- ‘nominalizador de ‘nome de objeto’

Exemplos:

2743. *anohí t-emi-’óa*
‘não tem comida’

2744. *hemiriká amoté*
‘a outra companheira dele’

2745. *Araohóa saotía remi’óa*
‘araohóa é comida de jaboti’

-wa’é ‘nominalizador de predicados’

Exemplos:

2746. *hahémwa’é*
‘o que geme’

2747. *iko’émwa’é háj*
‘o que amanheceu azedo’

-pyt ‘nominalizador de paciente’

Exemplos:

2748. *erepyhýng sé remiára heypýra*
‘você pegou minha comida assada’

2749. *inopómýra ewokwé ón*
‘o batido é o que vem aí’

2750. *orotým isokapýra*
‘nós enterramos o morto’

-war/n ‘nominalizador de complementos de circunstância’

Este nominalizador combina-se com expressões adverbiais nominalizando-as.

Exemplos:

2751. *-enonewát*
‘o dianteiro’, ‘o que vai na frente’

2752. *ýwaré-wára*
‘o que é do pau’

6.2.1.3 Parakanã

De acordo com Silva (1999, p. 43), entre os prefixos derivacionais do Parakanã encontra-se o prefixo *emi-* “nominalizador de objeto” que deriva temas nominais de verbos transitivos e faz referência ao objeto.

2753. *t-emi-ʔó-a*

H-NOBJ-comer- ARG

‘comida’

2754. *konomi-a né r-emi-et fáŋ tʃé Ø-mem ír-a*

criança-ARG 2 CNT-NOBJ -ver 1 CNT-filho- ARG

‘o menino que você viu é meu filho’

Silva (1999, p. 44) descreve, ainda, quatro sufixos derivacionais exocêntricos os quais produzem palavras de classe diferente do tema original: um nominalizador de paciente **-pír**, um nominalizador de predicado **-waʔé**, um nominalizador de circunstância **-táw ~ -háw ~ -áw** e um nominalizador de agente **-ár ~ -tár ~ -nár**. A seguir, exemplos da autora:

Exemplos:

2755. *i-moʔe-pír-er-a*

NCNT-ensinar-PAC-PAS-ARG

‘o que foi ensinado’

2756. *i-tʃoká-pír-om-a*

NCNT -matar--PAC-PAS-ARG

‘o que vai ser morto’

2757. *a-há-waʔé*

3-ir- NPRED

‘o que vai’

2758. *o-poró-tfoká-waʔé*
 3-gente-matar-NPRED
 ‘o que mata gente’
2759. *Ø-karó-táw-a*
 NCNT -comer- NCIR
 ‘mesa’
2760. *t-óp-áw-a*
 H-estar.deitado-NCIR-ARG
 ‘rede de dormir’
2761. *aʔé mitfár-a Ø-tfoká-tár-eté*
 DT veado- ARG CNT-matar-AG-INT
 ‘ele é um matador de veado’
2762. *tfeʔéŋ-ár-a*
 cantar-AG-ARG
 ‘cantor’

Além desses prefixos, o Parakanã também possui o sufixo *-war/n* que nominaliza complementos circunstanciais.

Exemplos:

2763. *ywate-war-a*
 alto- NLZ-ARG
 ‘avião’

2764. *íwí-o-war-a*
terra-LD-NLZ-ARG
'carro'

Os dados das três línguas do sub-ramo IV da família Tupí-Guaraní mostram que os seus respectivos morfemas derivacionais correspondem entre si, sendo derivados historicamente do PTG **tswar*. Uma comparação dos morfemas derivacionais de nomes do Tenetehára com os morfemas dessas três línguas mostra que, além do Tenetehára apresentar inovações na função de alguns morfemas, difere também quanto à forma do nominalizador de complementos circunstanciais: o Tenetehára tem o sufixo *-har* e não *-war*, como nas demais línguas do sub-ramo IV.

6.2.2 Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo V

6.2.2.1 Asuriní do Xingu

De acordo com Nicholson (1982, p. 17) a nominalização dos verbos em Asuriní do Xingu é feita por meio do sufixo *-aw* conforme atestam os exemplos a seguir:

Exemplos:

2765. *mo.r.es^hak.awa*.

'máquina fotográfica'

2766. *papel.mopinimawa*
'lápiz', 'caneta'

2767. *itymihawa*
‘objeto para espremer’

2768. *y.manak.awa*
‘barragem’

Montserrat (1988, p. 35) em sua descrição do Asuriní do Xingu, embora não explore com profundidade o tema nominalização, descreve três sufixos derivadores de nome, os sufixos *-war* /- *var*/ *-ar* significando ‘aquele ou aquilo que’, mas *-war*, segundo Monserrat, ocorre com expressões locativas, *-var* com adjetivos e *-ar* com verbos. O segundo sufixo *-av* e *-awer* indica ‘nome de lugar ou instrumento’, podendo, ambas as formas, serem seguidas por outro sufixo nominal como (*-av* + *-a~* = *-ava*). A forma *-awer*, segundo a autora, é resultado da composição de *-aw* com o sufixo *-er* (passado nominal). Os exemplos oferecidos são os seguintes:

-war

Exemplos:

2769. *emunep yvyuwara*
‘guarda o que está no chão’

2770. *Altamiripewara*
‘(o) que está em Altamira’

-var

2771. *munavara*

‘(o) que rouba (ladrão)’

2772. *ene kujy maratyvava*

‘você é mulher que trabalha’ (trabalhadeira)

-ar

Exemplos:

2773. *ava pe uvaemara*

‘quem (o que) chegou?’

2774. *ure mu’eara*

‘nossa professora (que nos ensina)’

2775. *maja je mamakara Tuvamü*

‘ a cobra que me mordeu era grande

Cabral e Solano (2006) fornecem a forma –*emiriká* do Asuriní do Xingú em que figura o prefixo *emi-* ‘nominalizador de nome de objeto.

Note-se que também o Asuriní do Xingu tem para o sufixo que nominaliza complementos circunstanciais a forma *-war*, que é cognata das formas encontradas no Asuriní do Tocantins, no Asuriní do Xingú e no Parakanã.

6.2.2.2 Araweté

De acordo com Solano (2009, p. 310), na língua Araweté existem três morfemas que funcionam como nominalizadores propriamente ditos: o “nominalizador de

predicados”, que é o morfema *-meʔe/-imeʔe*, “o nominalizador de “nome de paciente” – *mire* e o nominalizador de “nome de objeto” *emi-*. A seguir, os exemplos extraídos de Solano.

-mire: deriva nomes pacientes de verbos transitivos e de verbos intransitivos.

Exemplos:

2776. *u-mara ja Maria i-kutʃa-ha-mire*
 3-mandar NEG Maria R²- escrever- DNAC-NPAC
 ‘a Maria não mandou carta (o escrito/a missiva)’

-emi-: a partir de um verbo transitivo forma um nome que corresponde ao objeto deste.

Exemplos:

2777. *he r-emi-upuihi ja he*
 1 R¹- NO-vomitar NEG 1
 ‘eu não tive vômito’

2778. *u-mujĩ ku pida h-emi-ʔu-um*
 3-fazer FOC peixe R²- NO-ingerir-TRANS
 ‘ele pegou peixe para sua comida’

-meʔe/-imeʔe: qualquer predicado pode ser nominalizado por meio deste morfema em Araweté.

Exemplos:

2779. *t-u-meʔe ne*

R²- pai- NP 2

‘você tem pai’

2780. *he u-ata-meʔe*

1 3-andar- NP

‘eu sou caçador’ ou ‘eu sou o que caça’

2781. *awa pa jati Ø-ʔu-imeʔe*

quem P jabuti R¹- ngerir- NP

‘quem é que não come jabuti?’

Segundo Solano (2009), é possível encontrar em Araweté nomes derivados por meio do derivador de nomes de agente e de circunstância que têm por base predicados nominalizados por *-meʔe/-imeʔe*.

Exemplos:

2782. *ĩ-kutʃa-ha-meʔe-ha pa he*

R²- escrever- DNAC-NP- DNAC P 1

‘eu sou professora?’

A nominalização de nomes por meio de *-meʔe* (afirmativo) ou *-imeʔe* (negativo) pode funcionar como argumento ou como predicado nominal.

Exemplos:

2783. *te ne Ø-ha u-jija-meʔe r-enu*

VDR 2 R¹-ir 3-cantar- NP R¹- -ouvir

‘você vai para ouvir o que canta’

2784. *he* *∅-ʔu-imeʔe* *he*
 1 R¹- carne-NP 1
 ‘eu não tenho carne’/‘eu sou o que não tem carne (sou magro)’

Há, em Araweté, um outro morfema, o sufixo **-ha** que forma nomes de agente e nomes de circunstância a partir de verbos e forma, também, nomes de circunstância a partir de nomes de sensações ou de qualidades. Como também forma nomes a partir de nomes a autora não o considera um nominalizador e sim um derivador de nomes de agente, quando aplicado a verbos, e de circunstância, quando aplicado a verbos e também a nomes que referem entidades correspondentes a sensações e qualidades.

Exemplos:

2785. *∅-uʔi* *∅-muʃi-ha*
 R⁴-flecha R¹- fazer-DNAC
 ‘fazedor de flecha’, ‘instrumento de fazer flecha’

2786. *a-etʃa* *he* *ne* *r-upehi-há*
 1-ver 1 2 R¹- sono-DNAC
 ‘eu vi o teu sonhar’

2787. *h-uwiha-uhu* *ina*
 R²- grande-DNAC NEG
 ‘não fique grande’

É interessante notar que o Araweté historicamente fundiu dois morfemas em um só, os reflexos dos sufixos *-tsaw nominalizador de circunstância e *tsar, nominalizador de agente. Desenvolvimento análogo foi o que ocorreu em Tenetehára, mas com os reflexos do PTG *tsar com os reflexos do PTG *tswar embora, sincronicamente, ainda

seja possível descrever dois morfemas homônimos. Já que a distribuição desse sufixos é particular, torna-se difícil de associar uma a outra.

6.2.3 Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo VIII

6.2.3.1 Ka'apór

Segundo Kakumasu (1986, p. 376), há, em Ka'apór, dois morfemas que derivam nomes de temas verbais: *-a/-iha* e *-me'ẽ* e o sufixo *-har* que deriva nomes de advérbios e posposições. Para o autor, o sufixo *-a /-iha* pode assumir três significados: o de instrumento, de ação ou processo e o de agente. Outros estudos sobre o Ka'apór trazem informações adicionais às apresentadas por aquele autor. Jensen (1989) mostra que as formas *-hap* e *-hat* são reflexos dos nominalizadores de circunstância do PTG **-tsaβ* e **-tsar* respectivamente. Corrêa da Silva (2002, p. 349) defende que as formas *-há* e *-iha* são formas variantes do sufixo nominalizador de circunstância e de agente e Rodrigues et al (2006) identifica as formas *-ahá*, *-ihá* (seguindo consoante) e *-há* (seguindo vogal). Caldas e Cabral (2006, p. 91-97) apresentam uma descrição sobre os nominalizadores do Ka'apór, mostrando que, na atualidade, o Ka'apór mantém apenas um nominalizador *-há* (*-há* ~ *-iha* ~ *-aha*), derivador de nome de circunstância e de nome de agente.

Exemplos:

2788. *pe jane r-eko-há*
 lá 1PL R¹- estar.em.mov.- NOM
 'lá é nossa aldeia'

2789. *aʔé ta ø-maʔé ø-jukwa-há ihẽ ke ø-pé ø-meʔé*
 3 ASS R¹-coisa R¹-matar- NOM 1SG AFT R1-para 3-dar
 'eles deram coisa de matar (veneno) para mim'

2790. *ihẽ a-maʔẽ-mu-pupur-ahá te hũ ke*
 1SG 1SG -caça-CAUS-ferver-NOM de verdade muito AFT
 ‘eu sou um grande cozinheiro (de verdade)’

2791. *pirá ja-híkĩ-há ja-kwá katú*
 peixe 1 SG-puxar- NOM
 ‘nós sabemos bem ser pescadores’

O sufixo *-ha*, além de derivar nomes de agente e de circunstância com bases verbais, também deriva nomes de circunstâncias a partir de temas que se referem a entidades abstratas, conforme bem ilustra o exemplo seguinte:

2792. *a-putár ʔm ne ø-piʔai-há*
 1SG-querer NEG 2SG R¹- tristeza-NOM
 ‘eu não quero tua tristeza’

Segundo as autoras, num estágio anterior dessa língua, teria havido dois morfemas nominalizadores *-haw* e *-hár* como reflexos dos morfemas dos ‘nominalizadores de circunstância’ e de ‘agente’ do PTG **-tsaβ* e **-tsar* respectivamente. Como o Ka’apór perdeu as consoantes labiais orais de final de tema, provavelmente houve a fusão dos dois nominalizadores. Havia, ainda, no Ka’pór, um outro sufixo nominalizador de sintagmas preposicionais *-hár*, ilustrado no exemplo abaixo, o que motivou mais ainda a fusão daqueles dois sufixos.

Exemplos:

2793. *kó meʔẽ i-poapĩ r-upi-hár Tembé -ma'é*
 aqui REL R²- pulso R¹- por-NOM Tembé R¹- coisa

‘essa pulseira é (coisa) dos Tembé’

Com a fusão dos nominalizadores de agente e de circunstância, a estratégia criada pela língua para distinguir os nomes de agente dos nomes de circunstâncias foi a de flexionar por meio de prefixos marcadores de sujeito os nomes de agente e flexionar os nomes de circunstância por meio dos prefixos relacionais, o que restituiu o antigo contraste entre os nomes de agente e de circunstância e entre aqueles e os nomes derivados por meio do sufixo **-har** (cf. CALDAS & CABRAL, 2006).

Exemplos:

2794. *pirá ja-háki-há ja-kwá katú*
peixe 1SG-puxar-NOM
‘nós sabemos bem ser pescadores’

2795. *pe jane r-eko-há*
LOC 1PL R¹- estar.em.mov.- NOM
‘lá é nossa aldeia’

2796. *kó me?ẽ i-poapí r-upi-hár Tembê Ø-ma'é*
aqui REL R²- pulso R¹- por-NOM Tembê R¹-coisa
‘essa pulseira é (coisa) dos Tembé’

6.2.3.2 Guajá

Em Guajá, segundo Magalhães (2007), a nominalização se dá por meio de quatro sufixos e de um prefixo, os quais derivam nomes a partir de verbos, adjetivos, posições, advérbios e nomes no caso locativo e núcleos de predicado (Magalhães, 2007, p. 208- 221): **-(a)há-** ~ **-á-**, **-(a)há(r)**, **- imi-**, **-(i)pýr** ~ **-per**, **-ma'á**. Seguem os exemplos:

-(a)há- ~ -á-

Segundo a autora, este sufixo se liga a radicais verbais (transitivos e intransitivos) e adjetivais, derivando (nos verbos) nomes que exprimem a atividade designada pelo tema, o lugar ou o instrumento e (nos adjetivos) nomes que exprimem o estado designado pelo tema.

Exemplos:

2797. *a-nũ wari ø-ijan-ahá*
1-ouvir guariba R¹- cantar-NRZ
‘eu ouvi o canto da guariba’

2798. *Xahú ø-ik-á-e ø-mumu'ũ-á-em-a*
Porção R¹- matar- NRZ – RETR R¹- narrar- NRZ – RETR-N
‘a narração da caçada do porcão’

2799. *y ø-tipir-ahá-ø a-pyhý-apáj*
chão R¹- varrer- NRZ-N 2/IMP-pegar-depressa
‘pegue a vassoura (instrumento de varrer o chão) rapidamente’

-(a)há (r)

Segundo a autora, este sufixo se combina com temas verbais transitivos e com complementos locativos formados por posposições, advérbios locativos ou nomes flexionados pelo caso locativo. É formador de nomes com papel semântico de agente e de nomes que se caracterizam por indicar a pertinência ao lugar indicado pelo adjunto locativo.

Exemplos:

2800. *papé* \emptyset -*japó-hár-a* *Jahá*
 papel R¹- fazer- NRZ –N Eu
 ‘eu sou professora (li. ‘eu sou fazedora de papel’)

2801. *há= r-ipa* *r-aké-hár-a*
 l=R¹- casa R¹- perto- NRZ – N
 ‘meu vizinho’ (lit. ‘aquele que mora perto da minha casa’)

-imi-

Este prefixo que se acrescenta unicamente a radicais verbais transitivos forma nomes com papel semântico de paciente. Ocorre sempre precedido pelo nome ou pronome com função de agente, numa relação de determinação.

2802. *há=n-imi-’ú-a*
 l = R¹- NZR-comer-N
 ‘minha comida’ (lit. ‘objeto do meu comer’)

-(i)pýr ~ -per

Este sufixo liga-se somente a radicais transitivos para a formação de nomes com papel semântico de paciente sem referência ao agente.

Exemplo:

2803. \emptyset -*jũ-pýr-a* *tapi’ír-a-* \emptyset -*manũ* *ahá*
 R²- flechar- RETR-N anta-N 3-morrer CTF
 ‘a que foi flechada, anta, morreu indo’

2804. *papé* \emptyset -*japó-per-ér-a* *a-manõ* *Jakuxá'á* \emptyset -*pé*
 papel R²- fazer-NZR-RETR-N 1-enviar Mércio R¹- para
 ‘eu enviei o papel que foi escrito para o Mércio’

-ma'á

Sufixo que deriva nomes que indicam ‘o que faz X’, ‘o que é’ e ‘o que tem’.
 Agrega-se a predicados intransitivos, tanto os que têm verbos intransitivos ou adjetivos
 como núcleos, quanto predicados existenciais, que têm nomes como núcleos.

Exemplo:

2805. \emptyset -*jã-ma'á*
 R¹-R²-cantar- ZR
 ‘o que canta/cantor’

2806. *h-awahy-ma'á*
 R²- azul- NZR
 ‘o que é azul’

Uma comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo VIII, o Ka'apór e o
 Guajá, mostra que o Tenetehára e o Guajá compartilham o fato de terem dois sufixos
 com formas homônimas, o sufixo **-har** ‘nominalizador de agente’ e o sufixo **har**
 ‘nominalizador de complementos circunstanciais.

6.2.4 Comparação do Tenetehára com línguas do sub-ramo III

6.2.4.1 O Tupinambá

Rodrigues (1953, p. 142-149) tomando como base, principalmente, os dados de Anchieta (1946; 1953) e Figueira (1880), ao tratar de nomes deverbativos em Tupinambá, mostra como se dá nessa língua a formação de sete grupos de nomes: nome de ação, nome de circunstância, nome de objeto, nome de paciente, nome de agente habitual, nome relativo e nome de propensão. As estratégias usadas na língua são o uso de afixos: um prefixo (*emi-*) e sete sufixos (*-a*, *-ár*, *-áb*, *-pyr*, *-bór*, *-baé* e *-sûér*). O autor apresenta detalhes da formação dos tempos nesses nomes, bem como os vários processos fonológicos que ocorrem na combinação entre os sufixos e os temas aos quais se agregam. A seguir apresentamos de forma resumida as estratégias de formação dos nomes deverbativos em Tupinambá e os exemplos que ilustram a formação desses nomes.

6.2.4.1.1 Nome de ação

Formado pelo acréscimo do sufixo *-a* ao tema verbal consonântico no aspecto nominal e indistinto nos temas vocálicos. Nos verbos transitivos os temas trazem o objeto expresso.

2807. *kañém*
‘fugir’

2808. *kañém-a*
‘a fuga’

2809. *ekár*
‘procurar’

2810. *xe-r-úb-a r-ekár-a*
‘a ação de procurar meu pai’

6.2.4.1.2 Nome de agente

Formado pelo acréscimo do sufixo *-ár* a temas intransitivos e transitivos.

2811. *só*
'ir'

2812. *só-ár-a*
'o que vai'

2813. *moñáng*
'fazer'

2814. *moñáng-ár-a*
'autor'

6.2.4.1.3 Nome de circunstância

Formado pelo sufixo *-ab* acrescido a temas verbais transitivos e intransitivos. As circunstâncias expressas pelos nomes resultantes são as de lugar, tempo, modo, causa, instrumento e fim.

2815. *moñáng*
'fazer'

2816. *moñáng-úb-a*

‘o lugar em que se faz’, ‘o tempo em que se faz’, ‘o modo por que se faz’,
‘o instrumento com que se faz’, ‘o fim para que se faz’

6.2.4.1.4 Nome de objeto

Forma-se com o prefixo *-emi ~ embi* nos verbos transitivos e o nome formado expressa o objeto da ação em relação ao agente.

2817. *ú*

‘comer’

2818. *xe-r-**embi**-ú*

‘o que eu como’

2819. *moñáng*

‘fazer’

2820. *s-**emi**-moñang-a*

‘o que ele faz’, ‘a obra dele’

6.2.4.1.5 Nome de paciente

Formado pelo acréscimo do sufixo *-pyr* a temas transitivos. Esse nome expressa o paciente sem a necessidade de indicação do agente.

Exemplos:

2821. *îuká*
‘matar’

2822. *i-îuká-pyr-a*
‘o que é morto’

2823. *eé*
‘ralar’

2824. *s-eé-pyr-a*
‘o que é ralado’

6.2.4.1.6 Nome de agente habitual

Formado com o sufixo *-bór* acrescentado a temas intransitivos.

2825. *kañém*
‘fugir’

2826. *kañé-mbór-a*
‘fujão’, ‘o que costuma fugir’

2827. *maraár*
‘doente’, ‘estar doente’

2828. *maraá-bór*
‘o doente’, ‘o que anda doente’

6.2.4.1.7 Nome relativo

Forma-se acrescentando o sufixo *-baé* às formas verbais da terceira conjugação do modo indicativo I a tema intransitivo e transitivo (neste último com objeto da terceira conjugação). O nome relativo formado corresponde a uma oração relativa.

Exemplos:

2829. *o-só*
‘vai’
2830. *o-só-baé*
‘que vai’, ‘o que vai’
2831. *o-í-xuí*
‘morde’
2832. *o-í-xuí-baé*
‘o que o morde’

6.2.4.1.8. Nome de propensão

É formado por meio do sufixo *-sûér* acrescentado a temas intransitivos. O nome de propensão indica “quem tem gosto ou inclinação em realizar o processo” ou “quem é dado a realizá-lo”.

Exemplos:

2833. *atá*
‘andar’

2834. *atá-sûér-a*
‘indivíduo dado a andar’, ‘andejo’

2835. *ñéng*
‘falar’

2836. *ñéng-i-xûér-a*
‘falador’, ‘palrador’

Os dados do Tupinambá põem em relevo o fato de que o sufixo *-wer ~-er* encontrado em Tembé, e que pode ser analisado como formador de nome de ‘agente propensivo’, é uma retenção importante. Até o presente, reflexos desse morfema não foram descritos para as demais línguas Tupí-Guaraní setentrionais localizadas entre o Xingu e o Pindaré.

6.3 Considerações gerais

O estudo desenvolvido neste capítulo trouxe vários elementos importantes para o conhecimento da história do Tenetehára. Assim, a coocorrência em Tembé de

nominalizadores e prefixos pessoais sujeitos, fato observado apenas no Ka'apór, dentre as línguas Tupí-Guaraní setentrionais (cf. CALDAS & CABRAL, 2006), é um dado importante que pode sugerir interferência de uma língua sobre a outra. Outra mudança observada foi a coocorrência de nominalizações com *-maʔe* e o sufixo *-har* 'nominalizador de agente'. Esta é uma combinação suigênera, ainda não reportada para outras línguas da família. O estudo mostrou que as línguas Tenetehára retêm reflexos do sufixo **-tswer* 'propensão', o que as distingue das demais línguas setentrionais localizadas entre o Xingu e o Pindaré.

Outro elemento importante que o estudo focalizou foi o desenvolvimento de dois sufixos homônimos *-har* 'nominalizador de agente' e *-har* 'nominalizador de complementos circunstanciais', um desenvolvimento também observado no Guajá e paralelo ao que ocorreu em Ka'apór com os reflexos do nominalizador de circunstância do PTG **-tsaβ*, os reflexos do nominalizador de complementos circunstanciais **-tswar* e os reflexos do nominalizador de agente **-tsar* (> *-ha*).

Essas mudanças sugerem que o estreito contato dos Guajajára com os Guajá, por um lado, e dos Tembé com os Ka'apór, por outro lado, e, ainda, o contato dos Ka'apor com os Guajá, tenham favorecido desenvolvimentos lingüísticos paralelos através da área em que essas línguas são faladas (cf. CABRAL, SILVA, MAGALHÃES e JULIÃO, 2007).

Finalmente, o presente estudo traz indicações de que as mudanças ocorridas nas duas línguas Tenetehára, com respeito à forma e função dos morfemas derivadores de nomes, têm sido principalmente motivadas pelo contato com falantes de outras línguas desde a colonização da área em que se encontravam os Tenetehára. Muitas dessas mudanças são recentes e têm o português como principal modelo.

CAPÍTULO 7 - O SISTEMA DA NEGAÇÃO EM TENETEHÁRA

7. Introdução

Neste capítulo analisamos as estratégias de negação utilizadas nas duas línguas Tenetehára, tendo em vista a identificação da origem de seus traços inovadores. Consideramos como referência as demais línguas Tupí-Guaraní, especialmente aquelas com as quais o Tenetehára teria tido contato depois de se desenvolver independentemente. É também o nosso propósito reunir indicações de proximidade genética do Tenetehára com as demais línguas TG e identificar quais os elementos que resultaram de empréstimos dos falantes das línguas Tenetehára com outros povos.

7.1 A negação em Tenetehára segundo registros e análises do Tembé e do Guajajára

7.1.1 A negação em Tenetehára conforme as análises de Bendor-Samuel, Harrison, Duarte e Castro

Bendor-Samuel (1972, p. 85) descreve, para a língua Guajajára, as seguintes estratégias de negação: o morfema *na-* que se apresenta sob três formas alternativas nos contextos abaixo indicados e exemplificados:

Exemplos:

-naʔ: ocorre precedendo o prefixo pronominal de terceira i-;

2837. *naʔ-i-kaŋ*

not-he-strong

‘he is not strong’

n- : ocorre diante de vogal em outras formas;

2838. *n-u-ker*
not-he-sleep
'he is not sleeping'

na-: ocorre antes de consoante.

2839. *na-pekér*
not-you- sleep
'you are not sleeping'

Segundo o autor, o elemento pré-verbal é acompanhado, freqüentemente, por dois elementos pós-verbais **-z** e **kwaw**, o primeiro ocorrendo somente após vogal e o segundo tanto depois de vogal quanto de consoante.

2840. *n-a-enu* *katu-z*
not-I-hear well-not
'I did'nt hear well'

2841. *n-u-puner* *ař* *kwaw*
not-he-able Little Not
'he was not able to'

Exemplos desses morfemas de negação em Guajajára coletados por Harrison são apresentados em Castro (2007):

Exemplos:

2842. *na-h-e-kwaw*
 NEG-ABS -gostoso-NEG2
 ‘sem gosto, sem sabor, sem sal’ (nunca vai ter)
2843. *na-h-e-j*
 NEG1-ABS-coisa- NEG2
 ‘sem gosto, sem sabor, sem sal’ (pode ser que um dia venha a ter)
2844. *naʔ-i-maʔe-kwaw*
 NEG1-ABS-coisa-NEG2
 ‘nu, sem nada’ [Ele não tem nada’ (nunca vai ter)
2845. *naʔ-i-maʔe-j*
 NEG1- ABS-coisa- NEG2
 ‘nu, sem nada’ [Ele não tem nada’ (pode ser que um dia venha a ter)

De acordo com Duarte (2002, p. 374-384), a negação em Tembé e Guajajára é feita por meio de um morfema descontínuo *{na-.....-j}*. Dependendo do ambiente fonético, o prefixo *na-* apresenta-se sob as seguintes formas: */n-/* (antes de vogais) e */na-/* (antes de consoante). Quanto ao sufixo *-j*, este apresenta as formas: *-j* (seguindo vogal) e *-∅* (seguindo consoante). Além desse sufixo, há o sufixo de negação *...-kwaw* que apresenta a seguinte alomorfia: *-kwaw* (após vogal) e *-waw* (após consoante). Segundo Harrison (CASTRO 2007 apud CASTRO 207, p. 20) e também segundo Duarte (DUARTE, 2002, p. 377; 2003, p. 47), há um diferente escopo semântico entre o sufixos *{-j ~ ∅}* e *{-kwaw ~ waw}*: aquele indica que o evento não aconteceu, havendo, no entanto, possibilidade de se realizar em outra ocasião, enquanto que este indica que a ação jamais se realizará em razão da incapacidade física do causador da ação ou por

razões circunstanciais diversas. Exemplos do Temb e são dados por Duarte (2002, p. 375-377) a seguir:

Exemplos:

2846. *ure n-uru-zuka-j*

12 NEG-12-matar-NEG

‘nós não matamos’

2847. *na-pe-sak-∅*

NEG-2PL-ver-NEG

‘(voc es) não viram’

2848. *n-u-zuka-kwaw Pedro kury*

NEG-3-matar-NEG Pedro DISC

‘Pedro não mata mais (algo)’ [Está incapacitado]

2849. *n-w-esak-waw Pedro kury*

NEG-3-ver-NEG Pedro DISC

‘Pedro não enxerga mais’ [Está incapacitado]

7.1.2 A nega o em Temb e no registro de Cyriaco Baptista

Os dados disponíveis do Temb e em Cyriaco Baptista mostram que as estratégias de nega o do Temb e consistiam no uso do clítico *n(a)*... precedendo o predicado e do sufixo *-j* ~ prefixado ao núcleo do predicado.

Exemplos:

2850. **n** *a-rekó-i*
 NEG 1-ter-NEG
 ‘não tenho’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
2851. **n** *u-záuy-i* *rúcu*
 NEG 3-errar-NEG
 ‘ele não errou’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)
2852. **n** *a- putár-i*
 NEG 1-querer-NEG
 ‘eu não quero’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)
2853. **na** *r-uzár-i*
 NEG R¹-acreditar-NEG
 ‘eu não acredito’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 358)
2854. **n-a-éçak**
 NEG-1-ver
 ‘não vejo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 360)
2855. **na** *hé* *Ø-pyâiu* *né* *r-éhé*
 NEG 1 R¹-estar.zangado 2 R¹-em.relação.a
 ‘não estou zangado consigo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 361)

A partícula de negação correspondente ao ‘não ‘ do português nos registros de Cyriaco Baptista é *nahani* ~ *nahane* como mostra o exemplo a seguir:

Exemplos:

2856. *Nahani? Herazir cútú? ihi zêkuêhê uÿrahú ijupé. Nahari?*

‘Não! Filha sim? Disse elle o gavião para elle. Esperai?’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 365)

2857. *Nahane, coaity. Azetanonghê itécócó iheano,*

‘Não cunhado. Estou fazendo encanto eu mesmo’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 386)

A negação do modo imperativo registrado por Cyriaco Baptista consiste no uso da partícula *zu* ~ *zô* posposta ao verbo, registrada por ele como sufixo, conforme mostram os exemplos seguintes:

Exemplos:

2858. *êmâêzu*

‘não meche’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

2859. *tirôtirôzu ijupé*

‘não briga com elle’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 358)

2860. *zâhózô*

‘não chora’ (CYRIACO BAPTISTA, 1932, p. 359)

7.1.3 A negação em Tembé no registro de Boudin

Em Boudin são identificadas as mesmas estratégias de negação presentes no registro de Cyriaco Batista:

**A negação por meio da coocorrência de *n(a-)* com o sufixo no mesmo predicado *-j*
~ -∅ ~ *-kwaw***

Exemplos:

2861. *na-i-katu-i*

‘não presta, não convém’ (p.172)

2862. *na-hê-ta-i miar kó-ka'a-pĩp(é)*

‘não tem caça nesta mata’ (p.172)

2863. *na-kwaw*

‘não sei’ (p.172)

2864. *na-hê-anam*

‘não tenho família’ (p. 173)

2865. *na turřw*

‘estou desanimado’ (p.174)

2866. *na-ruzar(i)*

‘não me importa, não dou importância’ (p.174)

Sobre o sufixo *kwaw*, Boudin (1967, p. 113), define-o como: “sufixo com o verbo para formar negativa”.

Exemplos:

2867 *na-étzak kwaw a'ê kuri*
'nunca mais o vi' (BOUDIN, 1966, p. 113)

2868. *ko'ir(i)-zo na-há-kwaw*
'desta vez não vou mais' (BOUDIN, 1966, p. 113)

2869. *na-zapó-kwaw*
'não faço mais' (BOUDIN, 1966, p. 113)

Os dados de Boudin também mostram a negação do modo imperativo por meio do sufixo *-zõ* :

Exemplos:

2870. *é-ma'ê-zo!*
'não olhe, não mexe!' (BOUDIN, 1966, p. 331)

2871. *pê-ma'ê-zo!*
'não mexeis!' (BOUDIN, 1966, p. 331)

Finalmente, Boudin (1966, p. 72) refere-se ao sufixo *'im* do Tembé como um sufixo de negação do adj. verbal, e observa que o mais usado era o sufixo *-i'*. Alguns dos exemplos dados por Boudin são:

Exemplos:

2872. *i-katu'ĩm*

R¹-ser.bom-NEG

‘ele é ruim’(não é bom) (BOUDIN, 1966, p. 72)

2873. *na i-katu-i*

NEG R¹-ser.bom-NEG

‘ele é ruim’(não é bom) (BOUDIN, 1966, p. 72)

2874. *é-ho takĩhé(i)'ĩm*

‘vai sem facão’ (BOUDIN, 1966, p. 72)

2875. *taw-a'i-pé a-há-ram ne(i)'ĩm*

‘eu irei à aldeia sem você’ (BOUDIN, 1966, p. 72)

2876. *i'ĩm*

‘sem ele’ (BOUDIN, 1966, p. 72)

2877. *a'u zwã'ĩm*

‘como sem o João’ (BOUDIN, 1966, p. 72)

2878. *o-ho ka'a-rupi mukaw(i)'ĩm*

‘foi ao mato sem espingarda’ (BOUDIN, 1966, p. 73)

Boudin também registra a forma *na-ani* (171) que corresponde à negativa *não* do português.

Exemplos:

2879. *na-ani kwaw*
'não!' (enfático) (BOUDIN, 1966, p. 171)

2880. *na-ani ma'ê!*
'nada!' (BOUDIN, 1966, p. 172)

2881. *na-ani nazäwê!*
'não é assim!' (BOUDIN, 1966, p. 172)

2882. *ko na-ani zêpêy nazäwê-har*
'isto não é possível' (BOUDIN, 1966, p. 172)

7.2 Inovações na negação em Tenetehára

Um fato interessante já observado por Boudin (1966) e por Bendor-Samuel (1972) é a coocorrência do sufixo *-i* com o sufixo *-kwaw*, o que mostra não serem eles mutuamente excludentes:

Exemplos:

2883. *na i-katu-i kwaw pirá tyram-?im*
'é ruim peixe assado sem farinha' (Boudin 1966, p. 113)

2884. *na-hêta-i kwaw*
'não tem mais nada' (Boudin 1967, p. 113)

A seguir apresentamos novos dados de nosso corpus os quais, por um lado, reforçam os resultados dos estudos precedentes sobre negação em Tembé e em Guajajára e, por outro, trazem novas luzes para a compreensão dos processos históricos que tornaram essas línguas diferentes das demais línguas com respeito às estratégias de negar diferentes tipos de constituintes.

7.3 A distribuição das estratégias de negação em Tenetehára

Nesta seção apresentamos os resultados de nossa pesquisa sobre negação em Tenetehára. Todas as estratégias encontradas nas duas línguas são amplamente exemplificadas e mostram que, embora as mesmas estratégias ocorram nas duas línguas, a distribuição em cada uma distingue-se em diferentes graus. Apresentamos, em seguida, um quadro explicativo da distribuição das estratégias de negação nas duas línguas.

No Tembé e no Guajajára falados atualmente foram observadas as seguintes estratégias de negação: o uso de partículas e de afixos. Essas partículas e afixos entram em combinação para realizar a negação.

- por meio da partícula *nan*
- por meio da partícula *kwaw*
- por meio da partícula *nane*
- por meio do clítico *n(a)*
- por meio do sufixo *...-j ~ -∅*
- por meio do sufixo *ʔim*

A partir de então apresentaremos os contextos em que cada estratégia de negação ocorre e as possibilidades de combinação desses elementos entre si.

7.3.1 A negação de nomes

A negação dos nomes, quer substantivos, adjetivos ou nomes resultantes de nominalizações, é feita por meio dos seguintes afixos e partículas e da combinação destes entre si: No quadro a seguir apresnetamos as estratégias de negação que ainda são produtivas em Tembé e em Guajajára.

Quadro 64 – morfemas de negação do Tembé e do Guajajára

TEMBÉ			GUAJAJÁRA				
<i>nan</i>							
<i>nan</i>	+	<i>kwaw</i>	<i>nan</i>	+	<i>kwaw</i>		
<i>nane</i>			<i>nan</i>	+	<i>kwaw</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>
<i>nane</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>					
<i>na-</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>	<i>na-</i>	+	<i>kwaw</i>		
<i>na-(n)</i>	+	<i>kwaw</i>	<i>na-</i>	+	<i>kwaw</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>
<i>?im</i>			<i>?im</i>				

7.3.1.1 A partícula *nan* em combinação com outros morfemas de negação

Tembé

A partícula *nán* é usada em situações de topicalização de nominais, como em:

Exemplos:

2885. *nan teko-ə*
 NEG gente-ARG
 ‘não é gente’

2886. *nan kwaharer-ə*
 NEG menino-ARG
 ‘não é menino’

2887. **nan** *h-uikwer*
NEG R²-sangue
'não é sangue'

2888. **nan** *t-emetarer*
NEG R⁴-dinheiro
'não é dinheiro'

2889. **nan** *awa-ə*
NEG homem-ARG
'não é homem'

É possível a combinação da partícula **nan** com a partícula **kwaw** - **nan kwaw** - para negar predicados nominais.

Exemplos:

2890. **nan** **kwaw** *ihi* *∅ kɪhaw-ə*
NEG NEG 1 R¹-rede- ARG
'não é minha rede'

2891. **nan** **kwaw** *teko-ə*
NEG NEG gente- ARG
'não é gente'

2892. **nan** *∅-kaneʔo-haw*

NEG R¹-estar.cansado- NOM6
'não é cansaço'

2893. *nan* \emptyset -*demumik-haw-ə*
NEG R¹-estar.triste-ARG
'não é tristeza'

Exemplos do Guajajára com a combinação de *nan* e *kwaw* são dados a seguir:

Guajajára

Exemplos:

2894. *nan* *kwaw* *t-awer*
NEG NEG R⁴-visagem
'não é visagem'

2895. *nan* *kwaw* *t-eko-ə*
NEG NEG R⁴-gente-ARG
'não é gente'

2896. *nan* *ukwaw* *kuzə*
NEG NEG mulher
'não é mulher'

2897. *nan* *kwaw* *zawar*
NEG NEG cachorro
'não é cachorro'

2898. *nan kwaw zawaruhu*
NEG NEG onça
'não é onça'

2899. *nan kwaw t-ípé*
NEG NEG R⁴-casa
'não é casa'

2900. *nan ukwaw wírapar*
NEG NEG arco
'não é arco'

2901. *nan kwaw t-emi-ŋi*
NEG NEG R⁴- NOM1-comer
'não é comida'

2902. *nan kwaw pako-ə*
NEG NEG banana-ARG
'não é banana'

2903. *nan ukwaw muhaŋ*
NEG NEG remédio
'não é remédio'

2904. *nan kwaw křhaw*
NEG NEG rede

‘não é rede’

Em Guajajara há também ocorrência da combinação *nan* e *kwaw* concomitante com o sufixo *-j ~ -i* afixado ao núcleo do predicado nominal:

Exemplos:

2905. *nan ukwaw Ø-kʰhaw-i*
NEG NEG R¹-rede-NEG
‘não é rede’

2906. *nan ukwaw maŋ-ʔáw-i*
NEG NEG manga-árvore-NEG
‘não é mangueira’

2907. *nan ukwaw íwíra-j*
NEG NEG árvore-NEG
‘não é árvore’

2908. *nan ukwaw bol-momor-haw-i*
NEG NEG bola-jogar- NOM6-NEG
‘não é campo’

Note-se que nesses exemplos o sufixo *-i* ocorre tanto com temas terminados por *w* quanto com os terminados por vogal. Observamos que todas as sentenças acima também podem ser realizadas sem o sufixo *-i* final.

7.3.1.2 A partícula *nane* em combinação com outros morfemas

A partícula *nane* é outra estratégia para negar predicados nominais em Tenetehára.

Tembé

Exemplos:

2909. *ne nane Ø-kaniɽu*
2 NEG R¹-cansado
'tu não estás cansado'

2910. *ne nane Ø-maɽu hej*
2 NEG R¹-fome
'você não está com fome'

Verifica-se, também, a coocorrência de *nane* com o sufixo *-i ~ -j* flexionando o núcleo do predicado nominal.

2911. *ihe nane r-urɽw ete-j*
1 NEG R¹-alegre INT3-NEG
'eu não estou alegre'

2912. *ne nane r-urɽw ete-j*
2 NEG R¹-alegre INT3-NEG
'tu não estás alegre'

7.3.1.3 O clítico *na* em combinação com outros morfemas

Um fato interessante é a ocorrência do clítico *na* negando predicados nominais terminados em vogal, mas sem o sufixo de negação *-j*.

Exemplos:

2913. *aʔe na- i- kaniʔu*
ele NEG- R²-cansado
‘ele não está cansado’

2914. *pe na pe Ø-maʔe ahi*
23 NEG 23 R¹-doente
‘vocês não estão doentes’

2915. *aʔe na i-kiʔa*
ele NEG R²-sujo
‘ele não está sujo’

2916. *ne na ne Ø-toʔom*
2 NEG 2 R²-pegajoso
‘tu não estás melado’

2917. *aʔe na i-maʔu hej-Ø*
ele NEG R²-fome-NEG
‘ele não está com fome’

2918. *ihe na he r-itfaŋ-Ø*

1 NEG 1 R¹-frio-NEG
'eu não estou com frio'

2919. *ne* ***na*** *ne* *r-itfaŋ-Ø*
2 NEG 2 R¹-frio-NEG
'tu não estás com frio'

Mas esse tipo de construção alterna com exemplos em que figura o sufixo *-i* de negação.

2920. *aŋe* ***na*** *h-urîw* *ete-j*
ele NEG R²-alegre INT3-NEG
'ele não está alegre'

Finalmente verifica-se também a coocorrência de ***na*** com a partícula de negação ***kwaw***:

2921. *ne* ***ne*** *re-demomik* ***kwaw***
2 NEG 2-triste NEG
'tu não estás triste'

2922. *zane* ***na*** *ti-demomik* ***kwaw***
12 NEG 12-triste NEG
'nós não estamos tristes'

2923. *ihe* ***na*** *demomik* ***kwaw***

1 NEG triste NEG
 ‘eu não estou triste’

2924. *aʔe na i-maʔe nukwaw kwaw ihe r-ehe*
 ele NEG R²-lembrar NEG 1 R¹-em.relação.a
 ‘ele não se lembra mais de mim’

Guajajára

Exemplos:

2925. *na he r-uríw ete kwaw Ø-iko ihe-j*
 NEG 1 R¹-alegre INT3 NEG 3-estar.em.mov. 1-INDII
 ‘eu não estou alegre’

2926. *na he r-uríw ahí kwaw te-ko ihe*
 NEG 1 R¹-alegre INT 3 NEG 3-estar.em.mov. 1
 ‘eu estou sem alegria’

2927. *na Ø-uríw kwaw kwej te-ko Ø-iko i-əj*
 NEG R¹-alegre NEG RLZ 1-estar.em.mov. 3-estar.em.mov. R²-ele
 ‘ele não tem alegria’

2928. *pe na pe Ø-zuhar kwaw no*
 23 NEG 23 R¹-coceira NEG também
 ‘vocês também não têm coceira’

2929. *ne re-zemumik kwaw Ø-iko ni-əj*
 2 2-triste NEG 3-estar.em.mov. 2-ARG
 ‘você não está triste’
2930. *aʔe na i-zipiw kwaw Ø-iko i-əj*
 ele NEG R²-sujo NEG 3-estar.em.mov. R²-ARG
 ‘ele não está sujo’
2931. *pe na pe Ø-katu kwaw pe-ko kwej*
 23 NEG 23 R¹-bom NEG 23-estar.em.mov. RLZ
 ‘vocês não estão limpas’
2932. *pe na pe Ø-katu kwaw pe-ko kwej*
 23 NEG 23 R¹-bom NEG 23-estar.em.mov. RLZ
 ‘vocês não estão limpas’
2933. *kuzə təʔi na na h-eikwen ikwaw Ø-iko*
 menina NEG NEG -R²-cheiroso NEG 3-estar.em.mov.
 ‘a menina não está cheirosa’

Em Guajajara, como em Temb , há a coocorrência de *na* com a partícula – *kwaw* mais o sufixo *i*:

2934. *na he Ø-pirakori kwaw i*
 NEG 1 R¹-calor NEG NEG
 ‘eu não estou suado’

7.3.2 A negação dos predicados que têm como núcleos verbos nominalizados

7.3.2.1 A partícula *nan* em combinação com os morfemas *?im* e *kwaw*

Tembé

A negação dos predicados que têm como núcleo verbos nominalizados em Tembé dá-se por meio da partícula *nan*.

A partícula *nan*

Exemplos:

2935. *nan* *ihe* *t-emi?u-⁴apo-har*
NEG 1 R⁴-comida-fazer- NOM5
'eu não sou fazedor de comida'

2936. *nan* *ihe* *∅-u?iw-⁴apo-har*
NEG 1 R⁴-flecha-fazer- NOM5
'eu não sou fazedor de flecha'

2937. *a?e* *nan* *u-³itaw-²ma?e*
ele NEG 3-nadar -NOM2
'ele não é nadador'

2938. *a?e* *nan* *u-h?j-³ma?e*
ele NEG 3-correr -NOM2
'ele não é corredor'

2939. *aʔe nan monohok i-wʔra*
 ele NEG cortar R²-árvore
 ‘ele não é cortador de madeira’

Guajajára

Em Guajajára a negação dos predicados que têm por núcleo nominalizações dá-se por meio do sufixo *-ʔim* e por meio da combinação das partículas *nan* e *kwaw*.

Exemplos:

2940. *maʔe kwaw-har-ʔim*
 coisa saber- NOM-NEG
 ‘Ignorante’ [Li: ‘algo ou alguém que não sabe; pessoa ou animal sem juízo’]
 (HARRISON, 2007)

2941. *h-esak-ʔim -ar*
 R²-ver-NEG-NOM
 ‘pessoa que não viu aquilo’ (HARRISON, 2007)

2942. *h-esak- pyr-ʔim*
 R²-ver- NOM-NEG
 ‘aquilo que não é visto, o invisível’ (HARRISON, 2007)

2943. *i-katu-ʔim -maʔe*
 R²-bom- NEG -NOM
 ‘aquilo que não é bom’

2944. *i-katu-ʔim-aw*
 R²-bom-NEG-NOM6
 ‘aquilo que não é bom, maldade, lugar ruim’
2945. *t-u-ʔim -maʔe*
 R⁴ -pai-NEG -NOM2
 ‘aquele que não tem pai’
2946. *nan kwaw ihe uʔw i-apo-har*
 NEG NEG 1 flecha R²-fazer- NOM5
 ‘eu não sou fazedor de flecha’
2947. *nan kwaw u-zan -maʔe ihe*
 NEG NEG 3-correr -NOM2 1
 ‘eu não sou corredor’
2948. *nan kwaw u-witaw -maʔe ihe*
 NEG NEG 3-nadar -NOM2 1
 ‘eu não sou nadador’

7.3.3 A negação dos predicados que têm como núcleo o adjetivo *-eta* ‘ter’

7.3.3.1 O clítico *na* em combinação com outros morfemas

As duas línguas Tenetehára diferem quanto às estratégias de negação de predicados que têm por núcleo o adjetivo *-eta*. Em Tembé, a negação desses predicados é feita pela combinação do morfema *na-* com o sufixo *-j:*

Tembé

Exemplos:

2949. *na h-eta-j he Ø-ɽaw Ø-tfiŋ*
NEG R²-ter-NEG 1 R¹-cabelo R¹-branco
'não tem cabelo branco na minha cabeça'

2950. *na h-eta-j h-upiɽa h-aɽi Ø-pupe*
NEG R²-ter-NEG R²-ovo R²-ninho R¹-dentro.de
'não tem ovo no ninho'

2951. *na h-eta-j t-eko t-ipɽ- me*
NEG R²-ter-NEG R⁴-gente R⁴-casa-LOC
'não tem gente na casa'

Já em Guajajára, a negação do verbo *-eta* se dá pela combinação de *na-* e *kwaw* :

2952. *na h-eta kwaw zawar pari Ø-pupe*
NEG R²-ter NEG cachorro quintal R¹-dentro
'não tem cachorro no quintal'

2953. *na h-eta kwaw zawaruhu kaɽa-pe*
NEG R²-ter NEG onça mato-LOC
'não tem onça neste mato'

2954. *na h-eta kwaw i-pira irikaw r-upi*

NEG R²-ter NEG R²-peixe rio R¹-PER
 ‘não tem peixe no rio’

2955. *na h-eta kwaw ?i kutøri*
 NEG R²-ter NEG água hoje
 ‘não tem água hoje’

O exemplo a seguir, do Guajajára, mostra que é possível também que a negação nesse tipo de predicado prescindia da presença da partícula *kwaw*.

2956. *na h-eta h-upi?a a?i Ø-a?i Ø-pupe*
 NEG R²-ter R²-ninho ATN R¹-ninho R¹-dentro
 ‘não tem ovo no ninho’

7.3.4 A negação de predicados das orações independentes que têm como núcleos verbos intransitivos e transitivos

A negação desses predicados faz-se por meio das estratégias subsumidas no quadro abaixo e em seguida exemplificadas.

Quadro 65 – Estratégias de negação em orações independentes do Tembê e do Guajajára

TEMBÉ			GUAJAJÁRA				
<i>na-</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>	<i>na-</i>				
<i>n-</i>	+	<i>-j ~ Ø</i>					
<i>na- (n-)</i>	+	<i>kwaw</i>	<i>na-</i>	+	<i>kwaw</i>		
<i>?im</i>			<i>nan</i>	+	<i>na- (n)</i>	+	<i>kwaw</i>

7.3.4.1 O clítico *na* em combinação com outros morfemas

Orações independentes com predicados verbais fazem a negação pela combinação de *na* com o sufixo *j* ~ - \emptyset flexionando o seu núcleo.

Tembé

Esta é uma estratégia muito produtiva em Tembé.

Exemplos:

2957. *n* *a-puʔam- \emptyset* *ihe- \emptyset* *rihi*
NEG 1-levantar- NEG 1-ARG IMPF
‘eu ainda não me levantei’

2958. *akwej* *ihiʔau- \emptyset* *n* *u-enu-j* *\emptyset -katu-j*
aquele.vis velha NEG 3-ouvir-NEG R¹-bom-NEG
‘aquela senhora (que estava aqui na janela) não ouviu bem’

2959. *\emptyset -demuʔe-haw* *n* *u-ereko-j* *t-emiʔu*
R¹-ensinar- NOM9 NEG 3-ter-NEG R⁴-comida
‘a escola está sem merenda’

2960. *aʔe* *n* *u-ereko-j* *\emptyset -emiriko*
ele NEG 3-estar- NEG R¹-esposa
‘agora ele está sem mulher’

2961. *n a-zajɔ-j rihi*
 NEG 1-chorar- NEG IMPF
 ‘eu ainda não chorei’

2962. *ure n uru-putuka-j Ø-maʔe irihi*
 13 NEG 13-lavar-NEG R¹-coisa IMPF
 ‘nós ainda não lavamos roupa’

Guajajára

Em Guajajára ocorrências do morfema *na-* sem a presença da partícula *kwaw*, como ocorre no exemplo a seguir, são muito raras:

2963. *na pe-n-esak-Ø ko- pe kwej*
 NEG 23- R¹-ver-NEG roça- LOC RLZ
 ‘nós não vimos vocês na roça’

Tanto em Tembé quanto em Guajajára há ocorrências da combinação do clítico *na- ~n* com a partícula *kwaw*.

Tembé

Exemplos:

2964. *na ti-aro kwaw ko h-aku-haw i-mono*
 NEG 12-esperar NEG este.próx. R²quente- NOM6 R²-mandar
 ‘nós não vamos esperar esse calor passar’

2965. *n oro-ho kwaw rihi*
 NEG 13-ir NEG IMPF
 ‘nós ainda não saímos’

2966. *n a-dutim kwaw maniřw-ə awatfi no*
 NEG 1-plantar NEG maniva-ARG milho também
 ‘eu não planto maniva nem milho’

2967. *zane n uru-řu kwaw uasař pinuřa no*
 12 NEG 13-comer NEG açai bacaba REP
 ‘nós não bebemos açai nem bacaba’

Guajajára

Os dados mostram que esta parece ser a estratégia mais utilizada para fazer a negação em Guajajára:

Exemplos:

2968. *n a-hem kwaw*
 NEG 1-sair NEG
 ‘eu não saí’

2969. *n a-ker kwaw ziř tue ihe-ə*
 NEG 1-dormir NEG cedo HAB1 1-ARG
 ‘eu não durmo cedo’

2970. *n a-ker kwaw kwej ziř tue karuk mehe a-ker*

NEG 1-dormir NEG RLZ cedo HAB1 ontem 1-dormir
 ‘ontem eu não dormi cedo’

2971. *n a-zutim kwaw maniʔok kwej*
 NEG 1-plantar NEG mandioca RLZ
 ‘eu não plantei mandioca’

7.3.4.2 A partícula *nan* e combinações

Em nossos dados do Guajajára, há ocorrências, embora raras, da combinação do morfema *nan* com o clítico *n(a)-* e com o sufixo *-kwaw*:

2972 *nan na r-eharaj kwaw zane majʔu-haw- wi*
 NEG NEG R¹-esquecer NEG 12 comer- NOM6- DAT
 nós não vamos esquecer de comer’

7.3.5 A negação por meio do sufixo *-ʔim*

Este sufixo agrega-se a nomes e a verbos em Tembé. Não se trata propriamente de uma negação, mas a indicação de ‘ausência de...’ e abriga o sentido da preposição ‘sem’ do português.

Tembé

Exemplos:

2973. *aʔe wə o-ho kaʔa r-upi wə Ø-wʔrapar-ʔim*
 ele PL 3-ir mato R¹-PER PL R¹-arco-NEG
 ‘eles foram para o mato sem o arco deles’

2974. *a-iko* *he* *∅-muripar-ʔim*
 1-estar.em.mov. 1 R¹-amigos- NEG
 ‘eu estou sem amigos’

2974. *aʔe* *u-mumuranu-j-ʔim* *mehe* *pe-dur* *se*
 ele 3-convidar-INDII-NEG SUB 23-vir aqui
 ‘mesmo que ele não convida, vocês vêm aqui’

2975. *aʔe* *u-hem-ʔim* *mehe* *amo* *u-hem* *u-r-i*
 ele 3-sair-NEG SUB outro 3-chegar 3-vir-INDII
 ‘antes de ele sair, o outro chegou’

Em Tembé o sufixo de negação *-ʔim* também pode agregar-se a partículas como nos exemplos a seguir:

2976. *aʔe* *u-iko* *∅-uríw* *ete-ʔim*
 ele 3-estar.em.mov. R¹-alegre INT3⁺ NEG
 ‘ela está sem alegria’

Guajajára

O sufixo de negação *-ʔim* do Guajajára, tal como em Tembé, agrega-se a nomes e a verbos.

Exemplos:

2977. *a-ʔu* *∅-pira* *i-mu-saj-ʔim*

1-comer R¹-peixe R²-CAUS-sal-NEG
'eu como peixe sem sal'

2978. *a-ʔu Ø-pira taj-ʔim*
1-comer R¹-peixe pimenta-NEG
'eu como peixe sem pimenta'

2979. *tatanɨ ʔim*
energia.elétrica-NEG
'nós estamos sem energia'

2980. *a-ʔu i-pɨhun i-mu-hej-ʔim*
1-comer R²-café R²-CAUS-doce-NEG
'eu bebo café sem açúcar'

2981. *Ø-maʔa kawer-ʔim t-emi ʔu a-zapo*
R¹-gordura-NEG R⁴-comida 1-fazer
'eu faço comida sem óleo'

2982. *he r-emiriko u-zapo t-emi ʔu urukuj-ʔim*
1 R¹-esposa 3-fazer R²-comida urucum-NEG
'minha mulher faz comida sem urucu'

2983. *t-emetarer -ʔim*
R⁴-dinheiro-NEG
'eu estou sem dinheiro'

2984. *na t-emetarer kwaw*
 NEG R⁴-dinheiro NEG
 ‘eu estou sem dinheiro’

2985. *a-iko he r-emetarer-ʔim romo*
 1-estar.em.mov. 1 R¹-dinheiro-NEG ASS
 ‘eu estou sem dinheiro’

Coocorrência do clítico *n-* com os sufixos. *-j* e *-ʔim*

Tembé

Em Tembé ocorrem na mesma sentença o clítico *n-* e os sufixos *-j* e *-ʔim* negando constituintes diferentes.

2986. *na i-katu-j Ø-pira rimaw-ʔim*
 NEG R²-bom-NEG R¹-peixe limão-NEG
 ‘não é bom peixe sem limão’

Em outros casos, verifica-se a coocorrência do clítico *n-* com o sufixo *-j* e a partícula *kwaw*.

Exemplos:

2987. *n u-enu kwaw i na h-əpʰə-j kwaw*
 NEG 3-ouvir NEG NEG NEG R²-ter.visão-NEG NEG

i no
 NEG também

‘não ouve nem enxerga’

2988. *na i-katu-j kwaw Ø-pira Ø-mihîr tîram-ʔîm*
NEG R²-bom-NEG NEG R²-peixe R¹-assar farinha-NEG
‘é ruim peixe assado sem farinha’ (não é bom peixe assado sem farinha)

O morfema *n(a)* em combinação com o sufixo *-ʔîm* e a partícula *kwaw*

Em Tembé e em Guajajára é possível a combinação do morfema *n(a)-..* com o sufixos *-ʔîm* e a partícula *kwaw*.

Tembé

Exemplos:

2989. *na he Ø-pihaj-ʔîm wer kwaw he tuaʔu ete mehe*
NEG 1 R¹-surdo-NEG HAB4 NEG 1 velho INT3 SUB
‘eu não quero ficar surdo quando eu ficar velho’

Guajajára

Exemplos:

2990. *kwej kuzə na h-eta kwaw*
aquela-vis mulher NEG R²-ter NEG

2991. *i-memîr-ʔîm -maʔe*
R²-filho.de.mulher -NOM2
‘aquela mulher é sem filhos’

2992. *zapukaj-ʔim na h-eta kwaw zapukaj he*
 galinha-NEG NEG R²-ter NEG galinha 1
2993. *pari Ø-pupe-i*
 quintal R¹-dentro-NEG
 ‘eu estou sem galinha no quintal’
2994. *pako-ʔiw i-ʔa-ʔim Ø-maʔe na h-eta kwaw i-ʔa*
 banana-árvore R²-fruta-NEG R¹-coisa NEG R²-ter NEG R²-fruta
2995. *kwer r-ehe*
 RETR R¹-em.relação.a
 ‘aquela bananeira está sem banana’

A seguir um interessante exemplo do Tembé que reúne em uma única sentença todas as estratégias de negação.

2996. *na i-katu-j kwaw Ø-pira Ø-mihir tɨram-ʔim*
 NEG R²-bom-NEG NEG R¹-peixe R¹-assar farinha-NEG
 ‘é ruim peixe assado sem farinha’ (não é bom peixe assado sem farinha)

7.3.6 A negação do modo imperativo *zo ~ do*

Tanto em Tembé quanto em Guajajára a negação do modo imperativo faz-se por meio da partícula *zo ~ do*.

Tembé

Exemplos:

2997. *e-jupir zo uasaĩ-ĩw r-upi*
 2IMP-subir PROIB açai- árvore R¹-LOC
 ‘não vá subir nesse açazeiro’
2998. *e-zumun do Ø-puhaĩ*
 2 IMP-cuspir PROIB R¹-remédio-ARG
 ‘não cuspa o remédio’
2999. *pe-momor zo ita wĩra:miri r-ehe*
 23 IMP-atirar PROIB pedra passarinho R¹-em.relação.a
 ‘não vão jogar pedra no passarinho’
3000. *pe-muzear zo uasaĩ akazu iru ramo nehe*
 23 IMP-misturar PROIB açai caju ASS INTEN
 ‘não vão misturar açai com caju’

Guajajara

Exemplos:

3001. *e-hem zo e-ho nehe*
 2 IMP-sair PROIB IMP-ir INTEN
 ‘não saia!’
3002. *pe-hem zo pe-ho nehe*
 23 IMP-sair PROIB IMP-ir INTEN
 ‘não saiam!’

3003. *e-ʔu zo muhaŋ nehe*
 2 IMP-comer PROIB remédio INTEN
 ‘não beba o remédio!’

3004. *pe-ʔu zo muhaŋ nehe*
 23IMPcomer PROIB remédio INTEN
 ‘não bebam o remédio!’

3005. *pe-zemumik ahɨ zo pe-n-uriw ete pe-ə no*
 23IMP-triste INT2 PROIB 23-alegre INT3 23- ARG também
 ‘não fiquem tristes!’ ‘Alegrem-se!’

7.3.7 As estratégias de negação em orações coordenadas

Tanto em Tembé quanto em Guajajára a negação nas orações coordenadas faz-se por meio do morfema *n-* ~ *na-* mais a partícula *kwaw*, acompanhados ou não do sufixo *-i*, agregados a cada um dos verbos de cada uma das duas orações ou apenas ao verbo da oração negada.

Tembé

Exemplos:

3006. *n u-itʃe kwaw-i n u-ihem kwaw-i*
 NEG 3-entrar NEG-NEG NEG 3-sair NEG -NEG
 ‘ele não sai nem entra!’

3007. *aʔe n u-ata kwaw n u-esak kwaw kuri*
 ele NEG 3-andar NEG NEG 3-ver NEG agora
 ‘ela não anda nem vê mais’
3008. *kwaharer n u-hiahem kwaw n udajʔo kwaw no*
 menino NEG 3-gritar NEG NEG chorar NEG também
 ‘o menino não gritou nem chorou’
3009. *aʔe n u-enu kwaw i n u-deʔeŋ kwaw no*
 ele NEG 3-ouvir NEG NEG NEG 3-falar NEG também
 ‘ela não ouve nem fala’
3010. *n u-ata kwaw i na h-əpʰə-j*
 NEG 3-andar NEG NEG NEG R²-ter.visão-
 ‘não anda nem enxerga’
3011. *a-esak kwej na h-eta teko-ə*
 1-olhar RLZ NEG R²-ter gente-ARG
 ‘eu já olhei e não tem ninguém’
3012. *aʔe n u-enu kwaw-i n u-deʔeŋ kwaw no*
 ele NEG 3-ouvir NEG-NEG NEG 3-falar NEG também
 ‘ela não ouve nem fala’
3013. *aʔe n u-ʔu Ø-ʔaw-i n u-ker kwaw no*
 ele NEG 3-comer 3-deitar- NEG NEG 3-dormir NEG também
 ‘ele não deita nem dorme’

Ou, no caso das adversativas, apenas no verbo da oração que encerra a idéia de negação:

Exemplos:

3014. *a-ha kwej Ø-demujta-haw-pe na heta-j kwaw teko-ə*
 1-ir RLZ R¹-conversar-NOM6-LOC NEG ter-NEG NEG gente-ARG

‘eu fui para a reunião, mas não havia ninguém na ramada’

3015. *a-hapuka pitik kwaharer n u-enu kwaw- i*
 1-chamar INT8 menino NEG 3-ouvir NEG-NEG

‘chamei, chamei, chamei, mas o menino não ouviu

3016. *a-ha kwej kaʔa r-upi n a-zukaj ete ahɨ maʔe-ə*
 1-ir RLZ mato R¹-por NEG 1-matar INT3 INT2 bicho-ARG

‘fui caçar , mas não matei nada’

3017. *aʔe n a-dutim kwaw ko aʔe*
 ele NEG 1-plantar NEG este-próx. ele

r-upi aʔe-ə n u-dapo kwaw tɨram-ə
 R¹-em ele-ARG NEG 3-fazer NEG farinha-ARG

‘ele não planta roça, por isso ele não faz farinha’

3018. *a-ha kwej kaʔa r-upi n a-esak kwaw maʔe-ə*
 1-ir RLZ mato R¹-por NEG 1-matar NEG bicho-ARG

‘fui caçar , mas não vi bicho’

3019. *aʔe-ə n u-ʔu kwaw puhaŋ aʔe r-upi*
 ele-ARG NEG 3-comer NEG remédio ele R¹-por

nu i-katu-j kwaw-i
 NEG R²-ser.bom-NEG NEG-INDII

‘ele não tomou remédio, por isso não ficou bom’

3020. *ne re-dur kwaw i na re-punera-i*
 2 2-vir NEG NEG NEG 2-poder-NEG

‘você não veio, porque não pôde’

3021. *ne re-dur kwaw i na h-eta-j kəmiəw na-we*
 2 2-vir NEG NEG NEG R²-ter-NEG carro 2-DAT

‘você não veio, porque não tinha carro’

Guajajára

Exemplos.:

3022. *n a-pĩnik kwaw n a-zeŋar kwaw no*
 NEG 1-dançar NEG NEG 1-cantar NEG também

‘eu não canto nem danço’

3023. *he r-azĩr n u-majʔu kwaw n u-ker*
 1 R¹-filha.de.homem NEG 3-comer NEG NEG 3-dormir

kwaw no
 NEG também

‘a minha filha não come nem dorme’

3024. *he r-íwír n u-murjeta kwaw pape n u-kəɾəj*
1 R¹-irmão NEG 3-ler NEG papel NEG 3-escrever

kwaw no

NEG também

‘o meu irmão não lê nem escreve’

3025. *n a-pítemu kwaw ihe n a-kaɽu kwaw no*
NEG 1-fumar NEG 1 NEG 1-bêbado NEG também
‘eu não fumo nem bebo’

3026. *a-majɽu kwej na he riɽi kwej tí kwaw*
1-comer RLZ NEG 1 AFIRM RLZ cheio NEG
‘eu comi, mas não fiquei cheia’

3027. *a-píník kwej na he kaneɽo kwaw*
1-comer RLZ NEG 1 AFIRM NEG
‘eu dancei, mas não fiquei cansado’

3028. *aɽe u-zeɽeɽi na a-enu kwaw*
ele 3-falar NEG 1 escutar NEG
‘ela fala, mas eu não escuto’

3029. *aɽe u-zahak kwej na i-pirakor-wi kwaw kuri*

ele 3-tomar.banho RLZ NEG R²-calor-DAT NEG agora
 ‘ela tomou banho, mas não passou o calor’

3030. *a-ta ma zaʔu zepe na he Ø-kaneʔo kwaw*
 1-andar muito INT4 mesmo NEG 1 R¹-cansado NEG
 ‘eu andei muito, mas não fiquei cansado’

3031. *ne he re-noz pe kwej n a-enu kwaw*
 2 1 2-chamar lá RLZ NEG 1-escutar NEG
 ‘você me chamou, mas eu não escutei’

3032. *a-zeɲar kakwez n a-zeɲar-i kwaw kuri*
 1-cantar AT.REM NEG 1-cantar-NEG NEG agora
 ‘eu cantava, agora eu não canto mais’

3033. *he r-u kakwez u-pʰiɲmu:u-pʰiɲmu-i kwaw kuri*
 1 R¹-pai AT.REM 3-fumar:fumar- NEG NEG agora
 ‘meu pai fumava, agora ele não fuma mais’

3034. *he Ø-puruzukaʔiʷ kakwez ne puruzukaʔiʷ kwaw kuri*
 1 R¹-brigar AT.REM NEG brigar NEG agora
 ‘eu brigava, agora eu não brigo mais’

3035. *he kʷiʷr kakwez u-kaʔu n u-kaʔu-i kwaw kuri*
 1 irmão AT.REM 3-beber NEG 3-beber- NEG NEG agora
 ‘meu irmão bebia, agora ele não bebe mais’

3036. *Darlene kwej n o-ho kwaw karu mehe-i*
 Darlene RLZ NEG 3-ir NEG ontem-NEG

i-kaneʔo Ø-iko

R²-cansado 3-estar.em.mov.

‘a Darlene não foi, porque ela estava cansada’

3037. *n a-majʔu kara kwej riʔ n a-majʔu hej*
 NEG 1-comer cará RLZ AFIRM NEG 1-comer

kwaw ihe

NEG 1

‘eu não comi cará porque eu não estava com fome’

3038. *zane na ti-zahak kwaw zane Ø-pirakor kwaw*
 12 NEG 12-tomar.banho NEG 12 R¹-calor NEG

‘nós não tomamos banho, porque nós não estávamos com calor’

7.3.8 A negação em orações dependentes

Orações de gerúndio

Tembé

As orações de gerúndio fazem a negação por meio do prefixo *n-* ~ *na-*

Exemplos:

3039. *aʔe aipo u-pihik wira:miri na ram u-zawa o-ho*
 ele INF 3-pegar passarinho NEG PROJ1 3-fugir 3-ir

‘eles prenderam o passarinho para o passarinho não fugir’

3040. *a-zuka* *moj* *kwej* ***na*** *ram* *moj* ***ni*** *Ø-tfiʒu*
1-matar cobra RLZ NEG PROJ1 cobra NEG 3-morder
‘eu matei a cobra pra cobra não te morder’

3041. *a-wiziw* *kwej* *kawaruʒi* ***na*** *ram* *kawaru* *ihe* *Ø-ritik*
1-descer RLZ cavalo NEG PROJ1 cavalo 1 3-derrubar
‘eu descii do cavalo pra o cavalo não me derrubar’

3042. *a-zuka* *moj* *kwej* ***na*** *ram* *u-tfiʒu* *aʒe* *wə*
1-matar cobra RLZ NEG PROJ1 3-morder ele PL
‘eu matei a cobra pra ela não morder eles’

3043. *aʒe* *u-pihik* *wira:miri* *aipo* ***na*** *ram* *u-zawa* *o-ho*
ele 3-pegar passarinho INF NEG PROJ1 3-fugir 3-ir
‘ele prendeu o passarinho para o passarinho não fugir’

Orações condicionais

Exemplos:

3044. *ihe* ***n*** *a-pita* *ade* *aʒe* ***n*** *u-pita*
1 NEG 1-ficar COND ele NEG 3-ficar
‘eu não vou ficar se ela não ficar’

3045. ***n*** *a-pita* *wer* *ade* *re-na-pita*

NEG 1-ficar HAB4 COND 2- NEG -ficar

‘eu não ficaria se você não ficasse’

3046. *de n a-ha kwaw-i pe-ə n o-ho kwaw*
COND NEG 1-ir NEG- NEG 23- ARG NEG 3-ir NEG

‘se eu não for, vocês não vão’

3047. *ure n u-pña wer ade a?e wə n u-pña*
13 NEG 3-ficar HAB4 COND ele PL NEG 3-ficar

‘nós não ficaríamos se ele não ficasse’

3048. *ade n ukír kwaw n a-dutim kwaw mani?w-ə*
COND NEG chover NEG NEG 1-plantar NEG maniva-ARG

‘se não chover, eu não vou plantar maniva’

Orações temporais

Nas orações que encerram idéia de tempo a negação pode ser feita por meio do sufixo *-?im*.

Exemplos:

3049. *a?e u-hem-?im mehe pe pe-hem pe-dur-i*
ele 3-sair-NEG SUB 23 23-chegar 23-vir-INDII

‘antes de ele sair, vocês chegaram’

3050. *a?e u-hem ?im mehe amo u-hem u-r-i*
ele 3-sair-NEG SUB outro 3-chegar 3-vir- INDII

‘antes de ele sair, o outro chegou’

Em outros tipos de orações dependentes a negação se dá por meio do prefixo *na-* ~ *n-* combinado ou não com a partícula *kwaw*.

Exemplos:

3051. *n* *a-zamutar* \emptyset -*pira* *a-mihir*
NEG 1-gostar de R¹-peixe 1-assar
‘eu não gosto de assar peixe’

3052. *e-mimiʔu* \emptyset -*katu* *ure* *nu* *punera* *ro-ho* *kwaw-i*
2IMP-explicar R¹- ser.bom 13 NEG poder 13-ir NEG-NEG
‘explique que nós não podemos ir’

Guajajára

A negação em orações dependentes

Orações de gerúndio

A negação nesse tipo de oração dá-se por meio do prefixo *na-* ~ *n-* combinado à partícula *kwaw*.

Exemplos:

3053. *aʔe* *u-zuka* *moj* *aʔe* *mehe* *zo* *n* *u-tfiʔu*
ele 3-matar cobra ele SUB PROIB NEG 3-morder

kwaw se
 NEG fala.masc
 ‘ela matou a cobra pra cobra não lhe morder’

3054. *aʔe u-tʃie kwej amo mehe zo n u-hem kwaw*
 ele 3-entrar RLZ outro SUB PROIB NEG 3-sair NEG
 ‘ele entrou para o outro não sair’

Orações condicionais

As orações condicionais e temporais do Guajajára fazem a negação por meio do prefixo *n- ~ na-* e da partícula *kwaw*.

Exemplos:

3055. *aze ne re-majʔu kwaw nehe ne*
 COND NEG 2-comer NEG INTEN 2

i-aʔaʔw nehe ta riʔi
 R²-magro INTEN PROJ2 AFIRM
 ‘se você não comer, vai ficar magro’

3056. *aze zawar n u-zewiʔ kwaw nehe Ø-kɛʔim*
 COND cachorro NEG 3-voltar NEG INTEN 3-perder-se

ta o-ho-i
 PROJ2 3-ir-INDII
 ‘se o cachorro não voltar, vai se perder’

3057. *aze na maʔa reko kwaw nehe n a-majʔu*
 COND NEG trabalhar NEG INTEN NEG 1-comer

kwaw nehe

NEG INTEN

‘se ele não trabalhar, ele não vai comer’

3058. *aze n a-zemuʔe kwaw nehe n a-kwaw*
 COND NEG 1-ensinar NEG INTEN NEG 1-saber

kwaw a-muʔe nehe

NEG 1-ensinar INTEN

‘se eu não estudar, eu não vou aprender’

3059. *aze ne ere-putar kwaw nehe n a-há*
 COND NEG 2-querer NEG INTEN NEG 1-ir

kwaw nehe

NEG INTEN

‘se você não quiser, eu não vou’

Orações temporais

Exemplos:

3060. *na he re-nu kwaw pe he zeʔeŋ*
 NEG 1 2-ouvir NEG 23 1 falar

mehe ne

SUB 2

‘você não me ouviu quando eu falei’

3061. *n uzewãr kwaw kuzə təʔi u-enoj mehe kwej*
NEG 3-voltar NEG menina 3-chamar SUB RLZ
‘a menina não voltou quando o pai a chamou’

Em outros tipos de orações dependentes do Guajajára nota-se o mesmo padrão de negação.

Exemplos:

3062. *na pe-ker wer kwaw pe*
NEG 23-dormir HAB4 NEG 23
‘vocês não querem dormir?’

na he puruzuka wer kwaw arapuha r- ehe
NEG 1 gente-matar HAB4 NEG veado R¹-em.relação.a
‘eu não quero matar veado’

7.4 Considerações sobre a negação em Tenetehára

Vimos até agora que as línguas Tembé e Guajajára desenvolveram estratégias comuns para negar constituintes a partir de possibilidades existentes na família Tupí-Guaraní, mas que as tornam inovadoras também com respeito à negação. Há, no entanto, evidências de que as duas línguas se diferenciaram mesmo assim, desde que se separaram e constituíram grupos politicamente independentes. Esta separação já dá sinais de mudanças independentes em uma e outra língua e se para o linguista tais mudanças pareçam insignificantes, elas não o são para os falantes de uma e de outra língua, pois para estes essas diferenças fazem grande impacto na comunicação. E quem pode ir contra intuições nativas?

Passamos, nesta seção, a precisar o que tem sido descrito como negação em línguas Tupí-Guaraní setentrionais, principalmente aquelas localizadas entre o médio e o baixo Xingú e o Mearim, de forma a podermos verificar com quais línguas o Tenetehára mais se aproxima quanto à negação.

7.5 Expressões de negação em outras línguas do sub-ramo IV

Figueiredo (2004, p. 89-94) desenvolve um estudo de natureza comparativa com as línguas do sub-ramo IV e analisa a negação de predicados e a negação de nomes nessas línguas. Nestas, segundo a autora, obtém-se a negação de predicados no modo indicativo I por meio da combinação de dois morfemas: um clítico que antecede o predicado *n(a)* e um sufixo que flexiona o núcleo desse predicado *-i ~-j*. Conforme a autora, a negação dos nomes, é feita por meio de partículas, em algumas línguas (Tembé, Suruí), e por meio do morfema *-eym* em outras (Tapirapé, Asuriní do Tocantins, Parakanã Oriental e Parakanã Ocidental). Quanto à estratégia de negação no modo imperativo, seria feita, predominantemente, por meio de partículas nas línguas em que a negação no modo imperativo é produtiva (Suruí, Tembé, Tapirapé). Línguas como o Asuriní do Tocantins, o Parakanã Oriental e o Ocidental em que a negação no imperativo restringe-se a alguns verbos, como forma alternativa, haveria comandos no modo indicativo I que seriam negados também por meio de partícula.

Na tabela a seguir subsumimos as estratégias de negação nas línguas do sub-ramo IV apresentadas pela autora:

Quadro 66 – estratégias de negação das línguas do sub-ramo IV conforme Figueiredo

Línguas do ramo IV	Estratégias de negação				
	negação do predicado		negação dos nomes		Negação do modo imperativo/comandos
	morfema descontínuo		partícula	morfema descontínuo	partículas
	clítico	sufixo			
Asuriní do Trocará	<i>n(a)</i>	<i>-ihi</i>		<i>eʔim</i>	<i>eme</i>
Parakanã Ocidental	<i>n(a)</i>	<i>-ihi</i>		<i>eʔim</i>	<i>eme</i>
Parakanã Oriental	<i>n(a)</i>	<i>-ihi</i>		<i>eʔim</i>	<i>eme</i>
Suruí	<i>n(a)</i>	<i>-uwi</i> (C-) ~ <i>-wi</i> (V-)) ~ <i>-w</i> (j-)	<i>puhí</i>		<i>puhí</i>
Tembé	<i>n(a)</i>	<i>-i~ -j</i>	<i>nəné</i>		<i>zó~ dó</i>
Tapirapé	<i>n(ã)</i>	<i>-i~ -j</i>		<i>-eʔim</i>	<i>ewi</i>
Avá-Canoeiro		<i>-i~ -j</i>			
Turiwára		<i>-i~ -j</i>			

Nesta seção apresentamos informações adicionais àquelas apresentadas pela autora a respeito da negação nas línguas do sub-ramo IV.

7.5.1 Tapirapé

Segundo Almeida (1938, p. 28;43-44), em Tapirapé a negação verbal é feita por meio do clítico *nã* e do sufixo *-i*. A negação nominal, por sua vez, realiza-se através do

sufixo *-eɣyɲma*, cujo sentido pode ser traduzido por ‘não é’. A tabela a seguir, fornecida pelo autor, resume as estratégias da negação em Tapirapé.

Quadro 67 - Estratégias de negação do Tapirapé

<i>n(ã)...i</i>	<i>-eɣyɲma</i>
Verbalização de substantivo	Identificação
<i>Nãxeywyrãpani</i>	<i>ywyrãpan-eɣyɲma</i>
‘não tenho arco’	‘não é arco’
<i>Niywyrãpani</i>	
‘não tem arco’	
Verbalização de adjetivo	Gerúndio de adjetivo verbalizado: <i>ehymamõ</i>
<i>nãxekỹweri</i>	<i>ãxa wetyhãn-eɣyɲma amõ</i>
‘não estou magro’	‘chego e não tenho fome’
<i>Nikỹweri</i>	
‘não está(-ão) magros’	
Indicativo I	Gerúndio de verbo
Transitivo	
<i>Nerepyyki</i>	<i>erexa iexãk-eɣyɲma</i>
‘você não me pega’	‘você vem e não vê
<i>Nãpepyyki</i>	

‘vocês não pegam’	
Indicativo I	Nominalizador – <i>ãwa</i>
Intransitivo	
<i>Nerekeri</i>	<i>Ãqaã nemaheãw eʔyima</i>
‘você não dorme’	‘sei que não te ensina(m)’
<i>Nãpekeri</i>	
‘vocês não dormem’	
	Nominalizador emi-
	<i>neremihoehyima</i>
	‘não é tua comida’

7.5.2 Parakanã

Conforme Silva (1999, p. 47-48) em Parakanã a negação de sintagmas nominais e dos predicados nos modos indicativo II, gerúndio e subjuntivo é feita por meio do sufixo *-eʔim* (nos temas terminados em /r/) ~ *-iʔim* (nos demais temas).

Exemplos:

3063. *t-eme-kwár-eʔim-a*

H-lábio-furo- NEG-ARG

‘o que não tem furo no lábio’

3064. *né Ø-mén-iʔim-a*

2 CNT-marido-NEG-ARG

‘não é seu marido’

3065. *a-há i-tfoká-iʔim-a tapiʔr-a*
 1-olhar NCNT-matar- anta- ARG
 ‘ele foi e não matou anta’

3066. *we-nopó-iʔim-amo n a-tfaʔá-ih*
 1COR-bater- NEG-SD NEG 1-chorar-NEG
 ‘se ele não me bater, eu não choro’

Além da estratégia morfológica de negação, o Parakanã também faz uso de duas partículas de negação: uma partícula que nega predicados no modo indicativo I: *n* ~ (antecedendo vogais) *ne* (antecedendo a segunda pessoa do plural *pe-*) ~ *na* (antes de palavras começadas por consoante e pela vogal *i*) e a partícula *eme* que nega predicados nos modos imperativo e indicativo I.

Exemplos:

3067. *na i-kató-i tfé r-ewéŋ-a*
 NEG NCNT-bom-NEG 1 CNT-barriga-ARG
 ‘minha barriga não estava boa’

3068. *n o-ʔo-i oʔa*
 NEG 3-comer- NEG farinha-ARG
 ‘ele não come farinha’

3069. *e-apó eme*
 2-IMP-fazer NEG

‘não faça!’

7.5.3 Avá – Canoeiro

As estratégias de negação em Avá-Canoeiro segundo Borges (2006, p.168) consistem das seguintes:

1. nas orações independentes: por meio do morfema descontínuo, constituído pelo proclítico *n(a)* e pelo sufixo *-i* (te) que aparecem, respectivamente, no início da forma verbal antes das marcas de pessoa e, no final, após a raiz do verbo. Os exemplos a seguir correspondem à negação de predicados com verbos transitivos, intransitivos ativos, intransitivos descritivos respectivamente:

Exemplos:

3070. *ne =∅-jawaB-un-∅* *r-aíka* *i-kaŋ-a* *n=o-mokon-i*
2poss=rel-gato-preto-CN Rel-filhote 3-osso-CN neg=3sg-engolir-neg
‘o teu gatinho não engoliu o osso’

3071. *tfi=to* *n=a-jemim-i*
pron. pess. =part. neg=1sg-esconder-se-neg
‘eu não me escondi’ (E)

3072. *na =tfi =koí-i*
neg =1sg =estar frio-neg
‘eu não estou com frio’

Os alomorfes do morfema de negação e seus ambientes são os seguintes: *na...-i* que ocorre antes de verbos iniciados por consoante (/na=C...-i/); *n ...-i* (n =V...i) e *n...-ité* (*n = ...-ité*) que ocorrem antes de vogal.

7.5.4 Suruí (Cabral 2003 apud Figueiredo (2004, p. 89-94))

O Suruí faz a negação de predicados: por meio da combinação do clítico n(a) com o sufixo *-uwi* (C-) *~wi* (V-) - *~w* (j-) como mostram os exemplos a seguir.

Exemplos:

3073. *n a-eesáγ-uwi*
Neg 1-ver-Neg
'eu não vi'

3074. *n a-kwahá-wi*
Neg 1-saber-Neg
'eu não sei'

A negação de nomes é feita por meio da partícula *puhí*.

Exemplos:

3075. *ti r-óγ-a puhí*
1 R¹-casa-Arg Neg
'não é minha casa'

3076. *ti Ø-memâ-r-a puhí*
1 R¹-filho(a) de M.-Arg. Neg
'não é minha filha'

A negação de construções no modo imperativo faz-se por meio da partícula *puhí*, seguindo o sintagma verbal.

Exemplos:

3077. *e-hó puhí*
2-ir não
'não vá!'

3078. *e-say puhí*
2-ver não
'não veja'

7.6 Expressões de negação em línguas do sub-ramo III

7.6.1 O Tupinambá

Segundo Rodrigues (1953, p. 151-152), a negação em Tupinambá era feita por meio das seguintes estratégias:

7.6.1.1 Nos verbos

7.6.1.1.1 No modo indicativo a negação era feita pela combinação do prefixo *nd-* (diante de vogal) ou *nda-* (diante de consoante) ao sujeito e do sufixo *-i* ao tema simultaneamente;

Exemplos:

3079. *nda-a-só-i*
'não fui'

3080. *nda-xe-r-osáng-i*

‘não sou paciente’

7.6.1.1.2 Quando as formas do indicativo estavam nos modos intencional, condicional ou optativo havia o acréscimo do sufixo *-xoé* aos sufixo *-i*;

3081. *nd-o-só-î-xoé temó mã*
‘oxalá não vá ele!’

7.6.1.1.3 No imperativo e no permissivo: por meio do sufixo *-ume*;

3082. *e-ra-só-umé*
‘leva-o!’

3083. *ta-s-oryb-umé*
‘não alegre-se ele’

7.6.1.1.4 No gerúndio e no modo indicativo II, no subjuntivo, bem como nos nomes de ação, de objeto e relativo, a negação é feita com o sufixo *-eym* situado entre o tema e o sufixo modal ou nominal.

3084. *moñáng-eym-a*
‘(não) fazer’ (no gerúndio)

3085. *moñáng-ey-me*

‘não fazer’ (no subjuntivo)

3086. *o-î-moñáng-ey-baé*
‘o que não é feito’ (nome relativo)

7.6.1.2. Nos nomes

7.6.1.2.1 A negação dos nomes de agente, de circunstância e de paciente faz-se com o sufixo *-eym* situado, quase sempre, entre os sufixos próprios desses nomes.

3087. *moñáng-ár-eym-a*
‘o não fazedor’, ‘o não autor’

3088. *i-moñángy-mbyr-eym-a*
‘o não feito’

7.6.1.2.2 A negação do pretérito e do futuro dos nomes de ação, de agente, de circunstância, de paciente e de objeto; feita por meio do sufixo *-eym* que podia ficar antes ou depois do sufixo temporal.

3089. *îuká-agûér-eym-a*
‘o ex- não matador’

3090. *îuká-aúám-eym-a*
‘o futuro não matador’

7.6.1.2.3 A negação dupla que gerava uma forma afirmativa enfática, ocorria de forma distinta nos diferentes modos.

No modo indicativo I: intercalando-se o sufixo *-eym* e o sufixo comum de negação *-i*

Exemplos:

3091. *nd-a-î-potár-eym-i*

‘não deixei de querê-lo’

No imperativo e no permissivo: intercalando-se o sufixo *-eym* entre o tema e *-ume*;

3092. *e-s-ekár-eym-umé*

‘não deixes de procurá-lo’

Nas formas normalmente negadas com *-eym*, conservando este sufixo, eram encapsuladas por *nd(a)...-ruã*.

Exemplos:

3093. *nd-i-potár-ey-me-ruã*

‘se não deixarem de querê-lo’

7.6.2 Língua Geral Amazônica

Segundo Magalhães (1876, p. 55), na Língua geral Amazônica, a negação nos verbos obtinha-se pela anteposição da partícula *intí* ou *intí mahã* conforme exemplificado a seguir:

3094. *intí xa putári*
'eu não quero'

3095. *intí mahã xa putári*
'eu não quero'

Nos adjetivos e nos substantivos o efeito de negação era conseguido por meio do sufixo *-yma*:

3096. *katuyma*
'sem bondade'

3097. *akãgayma*
'sem cabeça ou louco'

3098. *aquayma*
'idiota'

3099. *esayma*
'olho cego'

3100. *intimahã xá rekó pyrepãnasára myrá sanga*

iúyre intimahã xa rekó se mahã

‘não tenho nem o cacete do comprador nem o meu’

7.7 A negação em línguas do sub-ramo V

7.7.1 Araweté

Segundo Solano (2009, p. 267-288), em Araweté há três estratégias de negação que estão distribuídas de acordo com os seguintes requisitos: a) com o tipo de constituinte negado; b) com o fato de um constituinte ser topicalizado ou não; c) com o modo em que os predicados ocorrem.

7.7.1.1 A partícula *já*:

Segue o predicado das orações (no modo indicativo I) que têm por núcleo um verbo flexionado por prefixos pessoais, ou das que têm por núcleo uma expressão nominal, um nome inerente ou um verbo nominalizado.

Exemplos:

3101. *pe-tfe ja pẽ*
23-dormir NEG 23
‘vocês não dormiram’

3102. *i-duhĩ ja mĩde r-e*
R²-frio NEG 123 R1-para
‘não tem frio para nós’

3103. *a-ha ja he tapi?i r-aru*
1-ir NEG 1 anta R¹-esperar
'eu não vou esperar anta'

3104. *nanĩ ja*
abacaxi NEG
'não é abacaxi'

A partícula *já* acompanhada da partícula *we* na negação de constituintes topicalizados:

Exemplos:

3105. *ne Ø-puti?a ja we*
2 R¹-estômago NEG TOP
'não é meu estômago'

7.7.1.2 A partícula *imi*

Partícula proibitiva usada em comandos negativos, mas não exclusiva do modo imperativo. Expressa, também um significado privativo. As sentenças negadas pela partícula *imi* ocorrem com frequência com a partícula de modalidade *ajeté* (Solano e Cabral, 2007).

Exemplos:

3106. *e-tfe imi*
2-dormir PROIB
'não durma!'

3107. *ajete e-ha imi*
 RESTR 2-ir PROIB
 ‘não vá!’
3108. *ajete j#i e-hi imi*
 RESTR batata.doce 2-assar PROIB
 ‘não pode assar batata-doce’
3109. *ajete hadje?ẽ a-enu imi ha?iwe*
 RESTR rádio 1-escutar PROIB amanhã
 ‘não poderei ouvir rádio amanhã’

7.7.1.3 A partícula *hana*

Partícula coibitiva usada em comandos para se obter a cessação de um processo.

Exemplos:

3110. *e-je?a hana*
 2-chorar COIB
 ‘pare de chorar’
3111. *pe-jija hana*
 23-cantar COIB
 ‘parem de cantar’

7.7.1.4 A partícula *ina*

Alterna-se com a partícula *imi* no modo imperativo:

Exemplos:

3112. *pe-karu ina*
23-comer NEG
'não comam!'

3113. *u-jĩ imi*
3-correr PROIB
'não corra!'

3114. *u-jĩ ina*
3-correr NEG
'não corra!'

Esta partícula combinada com a palavra *ʈʂipẽ*, corresponde ao significado de 'nenhum' do português conforme ilustram os exemplos abaixo:

3115. *ina i-mupẽ-mire ʈʂipẽ*
NEG R²-quebrar-PAC um
'e não tem nenhum (pau) quebrado'

7.7.1.5 A partícula *ina*

Esta partícula nega predicados existenciais.

Exemplos:

3116. **ina** *marakaja*
NEG cachorro
'não tem cachorro'

3117. **ina** *t-u*
NEG R4-pau
'não tem pai desse'

7.7.2 Asuriní do Xingu

Conforme Monserrat (1998, p. 19-21) a negação em Asuriní é feita por meio de afixos: o prefixo **n-na/ne** combinado ao sufixo **-i**, o sufixo **-e'ym** e o sufixo **-jũ/-ũ**. Os tipos de constituintes que esses morfemas negam são os predicados verbal e adjetivo, o predicado nominal e o modo imperativo. A seguir apresentamos os contextos em que esses morfemas ocorrem seguidos dos exemplos dados pela autora:

7.7.2.1 O prefixo **n-na/ne...-i** : usado na negação de verbos, adjetivos e participios e suas variantes ocorrem nos seguintes contextos: **n-** (antes de vogal), **ne-** (antes de consoante seguida por **e** e **na-** nos demais casos.

Exemplos:

3118. **n-akit-i**
'não dormi'

3119. **namu'e putari Myrci n-amu'e-putat-i**
'não quero ensinar Myra'

3120. *ne je pukui*
'eu não sou grande'

3121. *na jane mupyì*
'não nos bateram' (não fomos batidos)

A autora observa que, no gerúndio, o sufixo *-i* fica no verbo principal, não no auxiliar, como mostra o exemplo a seguir:

3122. *javara nukarui akau*
'o cachorro não está comendo'

7.7.2.2 O sufixo *-e'ym* :é usado na negação dos predicados nominais seguido do sufixo nominal *-a*. Quando se usa a palavra *ma'é* no final, o sufixo fica reduzido a *-ym*. A negação com esse sufixo é melhor traduzida pela palavra 'sem' em vez de 'não'e , em outros casos, por 'não é' antes do nome negado.

Exemplos:

3123. *Apevu ene ruve'yma*
'Apevu não é teu pai'

3124. *je erakwaraym ma'é*
'sou solteira, sem marido'

3125. *kunumie'yma je*

‘não sou criança’

7.7.2.3 O sufixo *-jũ/ũ* : usa-se tanto na negação do imperativo quanto do incitativo e do possível. A forma *-jũ/ũ* após a forma afirmativa, com *-jũ* após vogal e *-ũ* após consoante; no possível *-jũ* vai antes de *ke*.

Exemplos:

3126. *ekajũ*

‘não fique! ‘não pode ficar’

3127. *ekwavũ*

‘não podes passar!’

3128. *jê mu'ejũ ke pejepe*

‘não podeis me ensinar’

7.8 A negação em línguas do sub-ramo VIII

7.8.1 Ka'apór

Estudos anteriores sobre o Ka'apór (KAKUMASU, 1983; CORREA DA SILVA, Silva 1997) mostram que a negação nessa língua é feita pospondo-se a partícula *im* ao verbo ou ao nome. Segundo Correa da Silva (1997, p. 37) o sistema de negação em Ka'apór sofreu grande alteração, vindo a reduzir-se a uma única estratégia. Seguem os exemplos extraídos de Caldas (2001):

Exemplos:

3129. *h-etá awá ʔím karáí tĩ*
 NCNT-ter.muitos gente NEG não-índios REP
 ‘têm muitos não-índios’/ ‘há muitos não-índios mesmo’/
 ‘há muitos não-índios também’
3130. *ihẽ a-r-ekó ʔim ø-ahĩhá*
 1sg 1sg-CC-estar.em.mov. NEG R³-dor- D.NOM
 ‘eu não tenho dor’
3131. *a ʔe h-ĩáj-há ké ø-upá ʔím ø-pé tĩ*
 3 NCNT -ter.suor-NOM AFT CNT -ter.fim NEG NCNT-em REP
 ‘o calor dele não acaba nele’
3132. *ihẽ ø-katú:atú ʔím ihẽ ké ʔĩ*
 1sg CNT -ter.bondade-INTEN NEG 1sg AFT PERF.1
 ‘eu não tenho muita saúde’
3133. *a-hó ʔím apó rĩ*
 1sg-ir NEG agora IMPF
 ‘eu não vou agora’
3134. *maʔe ihẽ a-kekár ʔim tĩ*
 bicho 1sg 1sg-caçar NEG REP
 ‘eu não caço mais’

3135. *∅-kekár o-hó tîpé ∅-mahém Ĩm ñã*
 3-caçar 3-ir FRUST 3-encontrar NEG 3pl
 ‘eles foram caçar em vão, não encontraram (caça)’

3136. *maʔé wîrá:wîrá-ra Ĩr a-japí Ĩm Ĩ*
 pássaro-ATEN 1sg-baleiar NEG PERF.1
 ‘eu não baleio mais os pássaros’

Há em Ka’apór, também, a palavra *nixój* cujo significado pode ser traduzido por “não ter”.

3137. *ihē ∅-aná m tá ké nixój ∅-katú fĩ*
 1sg CNT -parente ASS AFT não-ter NCNT-ter.bondade REP
 ‘eu não tenho parentes’

7.8.2 Guajá

Segundo Magalhães (2007, p. 280) há, em Guajá, quatro morfemas negativos distribuídos conforme os seguintes critérios: o tipo de oração, se independente ou dependente; natureza das orações independentes, se manipulativas ou não, e o escopo da negação, se constituinte ou predicado. Além dos morfemas há uma palavra independente que significa ‘não’. O quadro a seguir, apresentado pela autora, reúne todos esses elementos:

Quadro 68 - Estratégias de negação do Guajá

<i>(n =)... -í</i>	Predicados independentes e orações principais
<i>'ỹ</i>	Nominalizações e orações subordinadas
<i>mē</i>	Orações manipulativas
<i>rawỹ + ipê</i>	Constituintes
<i>nawanĩ</i>	Resposta livre

(n =)... -í ~ -j

O proclítico *n-* associa-se ao sufixo *-í ~ -j* para fazer a negação de qualquer predicado independente. Embora ocorram combinados, é possível encontrar predicados negados somente pelo sufixo. O proclítico assume as seguintes formas: *~ n-* (diante de vogais) *~ ni* (diante de consoante) *~ nV* diante de consoante glotal. O sufixo apresenta-se sob as formas: *-í* (após temas terminados em vogal) *-j* (após temas terminados em consoante) *-ki -rí* (com frequência em temas não terminados em consoante, mas não é exclusivo desse contexto).

Exemplos:

3138. *n = ani-xák-i*
 NEG =2-ver-NEG
 ‘você não (o) viu’

3139. *ne = h-é-j*
 NEG= R2-gostoso-NEG
 ‘não é gostoso’

3140. *ni = Ø-pa-kí*
 NEG = 3-acabar-NEG
 ‘não acabou’

3141. *pijã pi-kere-t pyhá*
 vocês 23-dormir-NEG de.noite
 ‘vocês não dormiram de noite’

3142. *ni = Ø-pa-kí*
 NEG = 3-acabar-NEG
 ‘não acabou’

3143. *ni = Ø-pa-rí*
 NEG = 3-acabar- NEG
 ‘não acabou’

-’ỹ

Este sufixo nega temas nominalizados e orações subordinadas, tanto as nominalizadas quanto as que estão num dos modos dependentes. Segundo a autora, esse sufixo nega quase que exclusivamente nomes resultantes de nominalização, não havendo registros que mostrem o contrário. Apresenta-se sob as seguintes formas: -*y’ỹm* e -*y’ỹ* (após temas terminados em consoante), -*’ỹm* e -*’ỹ* (após temas terminados em vogal).

Exemplos:

3144. *awá-Ø kapijawá Ø ‘ú-har-y’ỹm-a*
 Guajá-N capivara R¹-comer-NZR-NEG-N
 ‘os Guajá são não-comedores de capivara’

3145. *a-jú xía mukurí Ø ‘u-’ỹ =ma*
 1-vir aqui bacuri R¹-comer- NEG =GER

‘eu vim aqui sem comer bacuri’

3146. *karai* \emptyset -*iwyr-aha-‘ým-a* *ari-xá* *ta* *are =-ka’a* *r-ehé*
não.índio R¹-voltar- NZR-NEG-N 123-ver PROJ 123 = R¹-mata R¹-sobre
‘eu quero ver a não volta dos não-índios na nossa mata’

mẽ* ~ *amẽ* ~ *kamẽ

Essa partícula nega orações manipulativas nos modos imperativo e exortativo. Os alomorfes têm a seguinte distribuição: ***mẽ*** (após raízes terminadas em vogal) ~ ***amẽ*** (após raízes terminadas por consoante) ~ ***kamẽ*** (em variação livre com a forma ***mẽ***).

Exemplos:

3147. ***amẽ*** *kamará* *ti = \emptyset -jo’ók* ***amẽ***
PERM não.índio EXO-3-chorar PROIB
‘não permita que ele chore!’ ou ‘ele não pode chorar!’

3148. *a’ú* ***mẽ***
2/IMP-comer PROIB
‘não coma!’ ou ‘você não pode comê-lo!’

3149. *a-’ú* ***kamẽ***
2/IMP-comer PROIB
‘não coma!’ ou ‘você não pode comê-lo!’

A negação de construções permissivas resultantes da associação da partícula permissiva ***amẽ***, de posição inicial, com predicados no modo exortativo, só é possível quando o sujeito é de terceira pessoa.

3150. *amē Makaritỹ-a warí r-apek-aha ti =∅-tũ kamē*
 PERM Makaritỹ-N guariba R¹-sapecar-NZR EXO-3-cheirar PROIB
 ‘Makarity não pode cheirar guariba sapecado’

rawỹ + ipê

A partícula de modalidade epistêmica similitiva *rawỹ*, associada à palavra *ipê* faz a negação em constituintes específicos dentro da oração. Os constituintes podem ser de natureza verbal, adjetival ou nominal como mostram os exemplos a seguir:

Exemplos:

3151. *a-keré rawy té i-pé xĩ*
 1-dormir SIMIL REAL R2-para PERF

papé a-japó tapo kó há =r-ipa-pe
 papel 1-fazer POS4 aqui 1 = R¹-casa-LOC

‘não era dormindo mesmo que eu estava. Eu estava estudando deitada aqui na minha casa’ (lit. ‘apesar de parecer que eu estava realmente dormindo, eu estava estudando deitada aqui na minha casa’)

3152. *ha =∅-kara’ahỹ rawỹ i-pé xĩ. ha = r-atỹ nuhu’ũ*
 1 = R¹-cansado SIMIL R¹-para PERF 1 = R¹-forte CON.EXP

‘não é cansada que eu estou! E não é que eu sou forte?!’

(lit. ‘apesar de parecer cansada, e não é que eu sou forte?!’)

3153. *kamará rawỹ i-pé xĩ jahá xipé kwý jahá*

não.índio SIMIL R² -para PERF eu FOC aí eu
 ‘não é não-índio, sou eu aí (na foto)’ (lit. ‘apesar de parecer não-índio, sou eu
 aí (na foto)’)

nawanĩ

A partícula *nawanĩ* ‘não’, de natureza interjectiva, ocorre como resposta negativa livre para uma pergunta ou como réplica a uma afirmação incorreta.

3154. *nawanĩ* *n* = *a-jahó-tár-í* *jahá*
 não NEG = 1-ir- PROJ-NEG eu
 ‘não, eu não vou!’

7.9. Considerações gerais

Os dados apresentados no presente estudo mostram, por um lado, que as variedades Tenetehára mudaram em direções diferentes das outras línguas Tupi-Guaraní, mas mostram também que por mais que as línguas tenham inovado independentemente, com raras exceções, mantiveram importantes características das antigas expressões de negação.

Uma das inovações encontradas no Tembé e no Guajajára é o uso da partícula *nan* na negação de nomes topicalizados, o que pode ter-se desenvolvido sob influência do Português.

3155. *nan* *teka-ə*
 NEG gente- ARG
 ‘não é gente’

O desenvolvimento do verbo *-kwaw* em uma partícula que denota impossibilidade é um exemplo de mudança bastante interessante no contexto das línguas Tupí-Guaraní. Trata-se do desenvolvimento de uma composição, bastante produtiva em línguas dessa família, mas que nas línguas Tenetehára deu origem a uma partícula que denota impossibilidade e que é usada em uma gama significativa de contextos em que se negam predicados e outros constituintes. Os dados mostraram que em Guajajára há uma forte tendência de negações com *kwaw* serem usadas em contextos menos marcados competindo fortemente com o sufixo *-i*, este já fonologicamente enfraquecido provavelmente com a perda de outros sufixos átonos da língua.

Veja que no exemplo seguinte a combinação de *nan* e *kwaw* permite que seja acentuada a impossibilidade de existência de algo, o que combina com o significado original de potencialidade de *kwaw* negado por *nan* e significando ‘**não possível ou impossível**’:

3156. *nan kwaw ihi Ø-kihaw-a*
 NEG NEG 1 R¹-rede-ARG
 ‘não é minha rede’

3157. *nan ukwaw maŋ-?iw-i*
 NEG NEG manga-árvore-NEG
 ‘não é mangueira’

A combinação de *nane* com temas flexionados por *i-* ‘negação’ em Tembé, é outra inovação paralela ao desenvolvimento da combinação *nan* e *kwaw*:

3158. *ihe nane r-uríw ete-j*
 1 NEG R¹-alegre INT3-NEG
 ‘eu não estou alegre’

Notamos, também, a ocorrência do clítico *na* negando predicados nominais terminados em vogal, mas sem o sufixo de negação *-j*; e vimos que a negação de predicados que têm como núcleo verbos nominalizados, em Tembé, dá-se por meio da partícula *nan*, diferentemente do que ocorre em Guajajára, pois nesta as nominalizações são negadas pelo sufixo *-ɲm*.

As duas línguas Tenetehára diferem quanto às estratégias de negação de predicados que têm por núcleo o adjetivo *-etá*. Em Tembé, a negação desses predicados é feita pela combinação do morfema *na-* com o sufixo *-j*, já em Guajajára, a negação de *-eta* se dá pela combinação de *na-* e *kwaw*:

As orações de gerúndio em Tembé fazem a negação por meio do prefixo *n-* ~ *na-*, o que é uma grande inovação. Em Guajajára, a negação nesse tipo de oração se dá por meio do prefixo *na-* ~ *n-* combinado à partícula *kwaw*.

O estudo permitiu que concluíssemos que o Tenetehára desenvolveu estratégias de negação independentemente de outras línguas, genética ou geograficamente mais próximas, embora tenha também permitido a identificação de cognatos de um morfema de negação Tenetehára em línguas do sub-ramo V, o Araweté e o Asuriní do Xingu. Trata-se dos morfemas *-zo/do* e *zo* respectivamente do Tembé e do Guajajára, *na* do Araweté e *nũ* do Asuriní do Xingu.

Enfim, o estudo mostrou que, em termos de negação, as duas línguas compartilham várias mudanças, mas, ao mesmo tempo, guardam diferenças significativas que devem ser consideradas na análise delas como línguas independentes.

CAPÍTULO 9 – O LÉXICO TENETEHÁRA

9. Introdução

Neste capítulo procedemos a comparações lexicais em busca de respostas para as seguintes questões: 1) Quais as principais mudanças ocorridas nos últimos cento e quinze anos de separação das línguas Tenetehára? 2) Há mudanças lexicais significativas entre Tembé e Guajajára? 3) Com quais línguas o léxico das duas línguas Tenetehára como um todo combina mais? 4) Há evidências ou indicações de empréstimo de outras línguas no Tenetehára?

Comparamos dados do Tembé coletados em três períodos distintos: Cyriaco Baptista (1932), Boudin (1966) e Silva (2009) com dados do Guajajára coletados por Silva (2009). Procedemos, também, a uma comparação de itens lexicais da língua Guajajára que datam de 1895 de Paul Ehrenreich com os dados de Cyriaco Baptista, Boudin e Silva com vistas a mostrar que mudanças significativas ocorreram nesse vocabulário em três séculos distintos. Os resultados dessa comparação permitiram identificar elementos que respondem à pergunta 1. Em seguida, comparamos as línguas Tenetehára com as línguas do sub-ramo IV e depois com línguas presentes na grande área geográfica onde os Guajajára foram localizados no final do século XVII. Essas duas comparações nos permitiram identificar elementos que contribuíram para responder às perguntas de 2-4.

9.1 O léxico Tenetehára em quatro momentos distintos

Nesta seção apresentamos 45 itens lexicais do Tenetehára correspondendo a quatro períodos distintos: a) dados da língua Guajajára registrados por Paul Ehrenreich que datam de 1895; b) dados da língua Tembé coletados por Cyriaco Baptista publicados em 1932; c) dados de M. Boudin da língua Tembé publicados em 1966; d) dados da língua Guajajára e da língua Tembé coletados por Silva em 2009.

**Léxico Tenetehára registrado por Ehrenreich (1895), Cyriaco Baptista (1932),
Boudin (1966) e Silva (2009-2010)**

Quadro 92 – Quadro lexical comparativo 1

Nº	PORTUGUÊS	EHRENREICH 1895 (Guajajára)	CYRIACO BAPTISTA 1932 (Tembé)	BOUDIN 1966 Tembé	SILVA 2009 Tembé	SILVA 2009 Guajajára
01	braço	<i>iua</i>	<i>ziuá</i> (N.: <i>hejywá</i>)	<i>zīwa</i> (p. 329)	<i>-ziwa</i>	<i>-ziwa</i>
02	canela	<i>kāngire</i>	<i>heretymá</i>	<i>rétīmā</i> ~ <i>tétīmā</i> (p. 228)	<i>-etīmə</i> <i>kəŋ</i>	<i>tīməkəŋ</i>
03	cabeça	<i>akā</i>	<i>akāng</i>	<i>akāng</i> (p. 19)	<i>-əkəŋ</i>	<i>-əkəŋ</i>
04	nariz	<i>wasī</i>	<i>ti</i> (N.: <i>heapŷ'</i>)	<i>tī</i> (p. 263)	<i>-ti</i>	<i>-ti</i>
05	orelha	<i>īnamī</i>	<i>nami</i> (N.: <i>henami</i>)	<i>namī</i> (p.173)	<i>-nami</i>	<i>-nami</i>
06	água	<i>māni</i>	<i>'y</i>	<i>i</i> (p. 67)	<i>ʔi</i>	<i>ʔi</i>
07	sol	<i>kurahē</i>	<i>kuaráhŷ</i>	<i>kwarahī</i> (p. 112) <i>korahī</i> (p. 104)	<i>kwarahī</i> ~ <i>korahī</i>	<i>kwarahī</i>
08	lua	<i>yahē</i>	<i>zahŷ</i> (N.: <i>zahý</i>)	<i>zahī</i> (p. 296)	<i>zahī</i>	<i>zahī</i>
09	fogo	<i>tatá</i>	<i>tatá</i> (N.: <i>tatá</i>)	<i>tata</i> (p. 243)	<i>tatá</i>	<i>tata</i>
10	pedra	<i>ita</i>	<i>ita</i> (N.: <i>itá</i>)	<i>ita</i> (p. 79)	<i>ita</i>	<i>ita</i>
11	terra	<i>iwi</i>	<i>ywy'</i>	<i>iwī</i> (p.840) 'terra, solo, <i>chão</i> '	<i>īwī</i>	<i>íwī</i>
12	estrelas	<i>yahetata</i>	<i>zahýtátá</i>	<i>zahī-tata</i>	<i>zahī tata</i>	<i>zahī tata</i>

				(p. 296) 'estrela, astro'		
13	noite	<i>pīterahē</i>	<i>pitun</i>	<i>pītun</i> (p. 298)	<i>pītun</i>	<i>pītun</i>
14	arco	<i>irapa</i>	<i>mýrapár</i> (<i>yrapára</i>)	<i>wīrapar</i> (p. 291)	<i>wīrapar</i>	<i>wīrapar</i>
15	anzol	<i>pinã</i>	<i>pina</i>	<i>pina</i> (p. 196)	<i>pina</i>	<i>pina</i>
16	homem	<i>aniha</i>	<i>aura</i>	<i>awa</i> (p. 40)	<i>awa</i>	<i>awa</i>
17	crianças	<i>kurumi miri</i>	<i>kuaharér</i> (N.: <i>kwaharega</i>)	<i>kwaharér</i> (p. 110)	<i>kwaharer</i>	<i>kwaharer</i> ~ <i>kwarer</i>
18	flor	<i>petíra</i>	<i>putýr</i>	<i>putír</i> (p. 219)	<i>putíra</i>	<i>maʔe putí r</i>
19	milho	<i>osi</i>	<i>auâi</i>	<i>awati</i> (p. 41)	<i>awatí</i>	<i>awati</i>
20	mandioca	<i>manióka</i>	<i>maniok</i>	<i>mani'ók</i> (p. 126)	<i>maniʔok</i> <i>manioka</i>	<i>maneʔok</i>
21	banana	<i>pakova</i>	<i>pacó</i> (N.: <i>pakó</i>)	<i>pako</i> (p. 181)	<i>pako</i>	<i>pako</i>
22	tabaco	<i>pitamiára</i>	<i>pýtým-piár</i>	<i>pétým-piar</i> (p. 189)	<i>pítí piár</i>	<i>petí m piár</i>
23	caju	<i>akayú</i>	<i>akazú</i>	<i>akazu</i> (p. 21)	<i>akazu</i>	<i>akazu</i>
24	bacaba	<i>pinaua</i>	<i>pinuá</i>	<i>pinoa</i> 'bacaba' (p. 197)	<i>pinua</i> (<i>bacaba</i>) <i>ajʔu aran</i> (<i>abacate</i>)	<i>pinuʔa'</i>
25	grama	<i>kapi</i>	<i>káhapihi</i>	<i>ka'a-pĩ</i> (p. 96)	<i>kaʔapiʔi</i>	<i>kaʔa piʔi</i>
26	peixe	<i>pira</i>	<i>ipirá</i>	<i>pira</i> (p. 199)	<i>pira</i>	<i>pira</i>
27	macaco	<i>kahi</i>	<i>cahy</i> (N.: <i>kai</i>)	<i>ka'i</i> (p. 93)	<i>kaʔi</i>	<i>kaʔi</i>
28	morcego	<i>inirã</i>	<i>amýrá</i>	<i>anira</i> (p. 27)	<i>anira</i>	<i>anira</i>
29	jaguar	<i>yauarihū</i>	<i>zauáruhú</i>	<i>zawar-uhu</i> (p. 303)	<i>zawar</i>	<i>zawaruhu</i>
30	caietu	<i>matã</i>	<i>imâtã</i>	<i>imatã</i> (p. 73)	<i>imətə</i>	<i>imətə</i>

31	anta	<i>tapiira</i>	<i>tapihÿr</i> <i>káhápór</i>	<i>tapi'ir</i> (p. 40)	<i>tapiřr</i>	<i>tapiřr</i>
32	pássaro	<i>mora miri</i>	<i>uÿsa-miri</i>	<i>wĩra-miri</i> (p. 292)	<i>wira miri</i>	<i>wira miri</i>
33	papagaio	<i>arirú</i>	<i>azurú</i>	<i>azuru</i> (p. 47)	<i>azuru</i>	<i>azuru</i>
34	papagaio pequeno periquito	<i>peripiř</i>	<i>túhi</i>	<i>tu'í</i> (p. 271)	<i>tuř</i>	<i>tuř</i>
35	pato	<i>ipēk</i>	<i>urumá</i>	<i>urumä</i> (p. 281)	<i>urumə</i>	<i>urumə</i>
36	frango	<i>sapukaya</i>	<i>zápúcái</i>	<i>zapukay</i> (p.301)	<i>zapukaj</i>	<i>zapukaj</i>
37	sabiá	<i>iaria</i>	<i>auizá</i>	<i>awiza</i> (p.42)	<i>awiza ~</i> <i>awidza</i>	<i>hawiza ~</i> <i>hawidza</i>
38	(formiga: ameise)	<i>taóka</i>	<i>táhÿu</i>	<i>tahĩw</i> (p.235)	<i>tahĩw</i>	<i>tahĩ w</i>
39	cupim	<i>takurū</i>	<i>cupihi</i>	<i>kupi'i</i> (p.107)	<i>kupiř</i>	<i>kupiř</i>
40	mosca	<i>meru</i>	<i>máru</i>	<i>méru</i> (p. 132)	<i>meru</i>	<i>meru</i>
41	borboleta	<i>banōn</i>	<i>pânām</i>	<i>panam</i> (p.182)	<i>pənəm</i>	<i>pənəm</i>
42	sono	<i>karami</i>	<i>pēhÿ</i>	<i>rupéhĩ</i> (p.232) <i>tupéhÿy</i> 'estar com sono'	<i>přhÿj</i>	<i>tupehĩj</i>

Dos 42 itens lexicais comparados as diferenças significativas dizem respeito às palavras correspondentes a 'crianças', 'homem', 'água', 'pato', 'cupim' e 'sono'. Nota-se que à época da pesquisa de Ehrenreich, no século XIX, a palavra para designar 'pato' era *ipēk*, bastante comum a outras línguas da família Tupí-Guaraní, e a forma reconstruída para o *TG e para o **PT (cf. RODRIGUES, 2001). Este vocábulo é desconhecido dos atuais falantes do Tembé e do Guajajára e, desde a época dos

registros de Cyriaco Baptista e de Boudin este termo já estava ausente. O vocábulo *karami* para designar ‘sono’ apresentava semelhança com o verbo *-ker* ‘dormir’ ainda hoje presente nas duas línguas Tenetehára e com significativa diferença dos termos *pēhy*, *rupéhĩ*, *p#hij* e *tupehij* registrados desde o registro de Cyriaco Baptista e até hoje empregados pelos Tembé e Guajajára.

Salvo algumas mudanças de natureza fonológica, a comparação revela que, a despeito da forte situação de contato, houve manutenção da maioria dos itens lexicais comparados.

9.2 O léxico Tenetehára em três momentos distintos

Nesta seção apresentamos uma tabela contendo itens lexicais da variedade Tembé registrados no início do século XX por Cyriaco Baptista - um índio Tembé - e publicado por Emil Heinrich Snethlage em 1932. O registro de Cyriaco revela parte do léxico utilizado pelos Tembé da região do Gurupi. Da lista de palavras registradas por Cyriaco Baptista, constituída de 776 itens, selecionamos apenas os itens lexicais, deixando de lado os itens de natureza gramatical. Dessa seleção foram extraídos 528 itens, os quais figuram na tabela a seguir. Para a seleção desses itens lexicais nas variantes Tembé atuais foram ouvidos falantes homens e mulheres de diferentes faixas etárias divididos em 03 grupos: indivíduos entre 70 e 55 anos, 35 a 45 anos e 19 a 25 anos. O questionário lexical também foi aplicado a crianças entre 08 e 10 anos. Limitações de ordens diversas nos impediram de apresentar aqui um estudo mais detalhado da variedade Tembé falada pelas crianças.

A tabela está organizada em quatro colunas: na primeira constam os itens do Tembé do Gurupi registrados por Cyriaco Baptista (1932), na segunda coluna estão os itens registrados por Boudin (1966), na terceira e na quarta colunas estão os itens registrados por Silva (2006-2009) sobre o Tembé e sobre o Guajajára respectivamente. Os dados do Tembé em suas três fases foram colhidos na mesma área, a saber, na região do Gurupi. Os dados do Guajajára foram colhidos junto a falantes de duas aldeias na região do Arame no estado do Maranhão, as aldeias Angico Torto e Barreirinha. A comparação a seguir revela o quanto desse léxico ficou ou não preservado até os dias atuais, haja vista a situação de forte contato vivenciado pelos índios Tenetehára com a sociedade envolvente.

Comparação entre o léxico do Tembê do Gurupi registrado por Cyriaco Baptista (1932), Boudin (1966) e Silva (2009-2010) e o léxico do Guajajára registrado por Silva (2009 -2010)

Quadro 94 – Quadro lexical comparativo 3

N°	PORTUGUÊS	TEMBÊ			GUAJAJÁRA
		CIRYACO BAPTISTA (1932)	M. BOUDIN (1966)	SILVA (2009)	SILVA (2009)
01	um só	<i>pêtei</i>	<i>pité'i</i> (p. 203)	<i>pitei</i>	<i>pitəã</i>
02	dois	<i>mokuj</i>	<i>mukuy</i> (p.157)	<i>mukuj ~ mokoj</i>	<i>mokoj</i>
03	muito	<i>hetá</i>	<i>hêta</i> (p.60)	<i>heta pitfik</i>	<i>heta tete aʔu</i> <i>heta maraʔu</i> <i>marasʔu</i> (tem muito)
04	porção	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i> (p. 247) 'queixada'	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>
05	pedaço	<i>péhenguér</i>	<i>péhēngwêr</i> (p.186)	<i>-peɲwer</i>	<i>-peɲwer</i>
06	pedacinho	<i>izáikuérái</i>	<i>kurêr-ahĩ</i> <i>kurêr-a'i</i> 'restinho' (p. 108)	<i>-kurer</i> (farelo, restinho) <i>-peɲwer</i> <i>aʔ</i> (pedacinho)	<i>ikure: kurera-peɲwer pitfik</i> <i>aʔ-peɲwer</i> <i>pitfik aʔ maʔe</i> <i>-peɲweraʔ</i>
07	cabeça	<i>akāng</i>	<i>akāng</i> (p. 19)	<i>-əkəŋ</i>	<i>-əkəŋ</i>
08	cara (ou cara de alguma pessoa)	<i>tauá</i>	<i>-tuwá</i> (p. 273)	<i>tuwa ~ huwa ~ ruwa</i>	<i>huwa ~ tuwa ~ ruwa ~ uwa</i>
09	cabelo	<i>au</i>	<i>'aw</i> (p. 39)	<i>-ʔaw</i>	<i>-ʔaw</i>
10	cabelo ou penagem	<i>ráu</i>	<i>aw</i> (p. 39)	<i>haweraʔ</i>	<i>he piʔ hawer</i> <i>haweraʔ</i>
11	cabelo branco	<i>aúting</i>	<i>'aw- ting</i> (p. 43)	<i>-ʔawtiŋ</i>	<i>-ʔawtiŋ</i>
12	orelha	<i>nami</i> (N.:	<i>namĩ</i> (p.173)	<i>-nami</i>	<i>-nami</i>

		<i>henami</i>)			
13	olho de alguém p.	<i>há</i> (N.: <i>herehá</i>)	<i>-ehá ~ réhá ~ héhá</i> (p. 225)	<i>-eha ~ teha ~ reha ~ heha</i>	<i>teha ~ heha ~reha</i>
14	olho de alguém	<i>tehá</i>	<i>tehá</i> (p. 225)	<i>teha</i>	<i>teha ~ heha</i>
15	olho furado	<i>téhá kuarér</i>	<i>téhá-kwarér</i> (p. 248)	<i>teha-kwarer</i>	<i>teha kwarer</i>
16	nariz	<i>ti</i> (N.: <i>heapy'</i>)	<i>tĩ</i> (p. 263)	<i>-ti</i>	<i>-ti</i>
17	nariz grande	<i>tyhu</i>	<i>tĩ-uhu</i> (p. 269) 'ser narigudo'	<i>-tihu</i>	<i>-tihu</i>
18	venta	<i>pýnguar</i>	<i>pĩngwar</i> (p. 196)	<i>-apijwar</i>	<i>-apijwar</i>
19	boca	<i>zurú</i> (N.: <i>hezurú</i>)	<i>zuru</i> (p. 336)	<i>-juru ~- zuru</i>	<i>-zuru</i>
20	meu beicho	<i>hérémé</i> (N.: <i>heremé</i>)	<i>hê-rémé</i> (p. 253)	<i>he reme</i>	<i>he reme</i>
21	língua	<i>pêcú</i> (N.: <i>heapekú</i>)	<i>pêku</i> (p. 186)	<i>-peku ~ -piku</i>	<i>-apeku</i>
22	dente	<i>ái</i> (N.: <i>herái</i>)	<i>räy</i> (p. 225)	<i>-əj ~ -rəj</i>	<i>-əj ~ rəj ~ təj</i>
23	dente	<i>ây</i>	<i>hây</i> (p. 57)	<i>həj</i>	<i>həj</i>
24	peito	<i>pýá</i> (N.: <i>hepučjá</i>)	<i>puti'á</i> (p. 219)	<i>-pitiʔa</i>	<i>-pʔiʔa</i>
25	seio	<i>kám</i> (N.: <i>ikáma</i>)	<i>kam</i> (p. 94)	<i>-kam</i>	<i>-kam</i>
26	costas	<i>cupê</i>	<i>kupê</i> (p. 107)	<i>-kupe</i>	<i>-kupe</i>
27	braços	<i>ziuíá</i> (N.: <i>hejywá</i>)	<i>zĩwa</i> (p. 329)	<i>-ziwa</i>	<i>-ziwa</i>
28	mão	<i>pô</i> (N.: <i>hepó</i>)	<i>po</i> (p. 206)	<i>-po</i>	<i>-po</i>
29	dedos	<i>kúá</i> (N.: <i>hekwâ</i>)	<i>kwá</i> (p. 110)	<i>-kwə</i>	<i>-kwə</i>
30	unha	<i>puapê</i> (N.: <i>hepoepó</i>)	<i>pé</i> (p. 185) 'unhas, casca'	<i>-poəpen -poape ~ -pe ~ -pen~ -puípe</i>	<i>-poəpe</i>
31	perna torta	<i>pýmā pāri</i>	<i>awa-timā pāri</i> (p. 262) 'aleijado da perna'	<i>-pĩ apara 'pé torto'</i>	<i>-tĩmə apar(a) 'perna torta'</i>
32	perna	<i>pýrmā</i>	<i>rétĩmā ~ tétĩmā</i> (p. 228)	<i>-etĩmən</i>	<i>-tĩmə</i>
33	joelho	<i>pêránāng</i>	<i>-pénārāng</i> (p. 187)	<i>-pinəə ~ -penəəŋ</i>	<i>-penəəŋ</i>
34	pé	<i>pý</i>	<i>pĩ</i> (p. 190)	<i>-pĩ</i>	<i>-pĩ</i>
35	dedos do pé	<i>pýhá</i> (N.: <i>hepykupé</i>)	<i>pĩhá</i> (p. 194)	<i>-pihə</i>	<i>-pĩhə</i>

36	unha dos pés	<i>pyápé</i>	<i>pī-hä-pē</i> (p. 194)	<i>-piəpen ~ -piūpen</i> <i>~ piūpe -pijpe</i>	<i>-piəpe</i>
37	calcanhar	<i>pytá</i>	<i>pīta</i> (p. 202)	<i>-pi ta</i>	<i>-piā</i>
38	ânus de alguém	<i>tēikuár</i>	<i>hé-i-kwar</i> (p. 58)	<i>hekwar</i>	<i>-tekwar</i>
39	tripas de alguém	<i>tyēkuér</i>	<i>tīyē kwer</i> (p. 270)	<i>tīkwer</i>	<i>-tīkwer</i> <i>-hīkīkwer</i>
40	barriga	<i>tyēhú</i>	<i>tīyē</i> (p. 230) ~ <i>rīyē</i> ‘barriga’	<i>tīe</i>	<i>tīje ~ hije ~ rīj</i>
41	barriga grande	<i>tyēhú</i>	<i>tīyē kātā-hu</i> (p. 270) ‘barrigudo’	<i>tīe hua ŷu</i>	<i>-tije hu- ~ hije</i> <i>hua ŷu</i> <i>-iakaza hu</i>
42	gravidez ou prenhes	<i>puruá</i>	<i>puru’a</i> (p. 215)	<i>-puru ŷa</i>	<i>-puru ŷa</i>
43	os sexos	<i>nerémó</i>	<i>rémó</i> (p. 228) ‘pênis’ <i>hēmo</i> (p. 59) ‘pênis’	<i>remo ~ ‘pênis’</i> <i>hemo ‘pênis’</i>	<i>temo ~ remo ~</i> <i>hemo</i>
44	os sexos	<i>nērapíá</i> (N.: <i>membrum mul.</i> <i>temo</i> : sexo de alg.)	<i>rā’ī</i> (y) (p. 221) ‘órgãos genitais da mulher’ <i>kuzā-rēhi’i</i> (p. 110) ‘vagina’ <i>temo</i> (p. 257) ‘pênis’	<i>-rəʔəj</i> ‘vagina’ <i>temo</i> : ‘pênis’	<i>tīʔj ~ rīʔj ~</i> <i>hīʔj</i>
45	ombro	<i>heáčy</i>	<i>atī’w</i> (p. 38)	<i>-ati ŷi</i>	<i>-ati ŷi</i>
46	coxa	<i>heú</i>	<i>’u</i> (p. 278) <i>hē’u</i> (p. 278) ‘minha coxa’	<i>-ŷuj pi</i> <i>he -ŷuj pi</i> ‘minha coxa’	<i>he renenupi</i> ‘minha coxa’ <i>henenupi</i> ‘coxa dele’ <i>-enenupi</i> ‘coxa’
47	canela	<i>heretymá</i>	<i>rētīmā ~ tētīmā</i> (p. 228)	<i>-etīmə kəŋ</i>	<i>tīməkəŋ</i>
48	pescoço	<i>herupykã</i>	<i>ayrupī</i> (p. 45) ‘cangote, nuca’ <i>ayrupikāng</i> (45) ‘vertebras do pescoço’	<i>-ajrupi ~ arupi</i>	<i>-azuʔw ~</i> <i>-aruʔw</i> <i>-arupi</i> (só os mais velhos)
49	carne	<i>ó</i>	<i>’ó</i> (p. 180)	<i>ro ŷo kwer</i>	<i>-ma ŷe rukwer</i>

				-ro kwer	maʔe rokwer
50	carnudo	tohó, tio	oo ~ tóo (p. 180)	-oʔo kwer katu - toʔo kwer katu	hoʔo katu ~ roʔo katu
51	couro	piréran(N.: hepiré: pelle)	pirêr (p. 201)	-pirer	-pirer
52	peido	pŷnú	tépño (p. 260)	tepño ~ pño	tepño -pño
53	bosta ou excremento de alguém	téputŷ	téputi (p. 260)	teputi	tepuʃi
54	mijo	tŷ	tŷ (p. 263) 'urina, líquidos em geral)	-tŷ	-tŷ
55	parente/	nám	nám (p. 172)	-nam	-nam
56	meu parente	hêânâm	ihê ne anâm (p. 172)'eu sou teu parente'	he anam	he anam
57	homem	aura	awa (p. 40)	awa	awa
58	senhor	y	tu-a'u (p. 270) 'velho, idoso'	tuaʔu	tuaʔu
59	moço	cúrúmi-assú	kunumi watzu-mehé (p. 107)'quando novo'	kwəkuəmo kakwa 'crescido'+ translativo'	kwəkuəmo kwareruhu katu
60	criança ou menino/criança pequena	kuaharér (N.: kwaharega)	kwaharêr (p. 110)	kwaharer	kwaharer ~ kwarer
61	mulher	cuzá (N.: kuzé)	kuzá (p. 109)	kuzə	kuzə
62	dona	kŷn	(a)-kin (p. 101)	maʔe kuzə	
63	moça	cuzã muçu	kuzã-waza (p. 110) 'menina depois de ser menstruada'	kuzə waza	kuzə waza
64	menina	cuzã- tai	kuzã-tã'i (p. 110)'menina antes de ser menstruada'	kuzə taʔi	kuzə təʔi
65	avô	támúí	tamuy (p. 239)	təmuj	təmuj
66	minha avó	záryi	zarŷ (p. 302)	-darŷ ~ - zarŷ[dzarŷ]	-zarŷ
67	velho	hyaú (N.:	hiy-a'u (p. 63) 'que	tuaʔu ate	tuaʔu ete

		<i>kuzateĩ</i>)	passou da idade de ser mãe'		
68	velha	<i>túaú</i>	<i>tu-a'u</i> (p. 270) 'ser velho (só masculino), que passou da idade de ser pai'	<i>ihiaŋu ate</i>	<i>-hiaŋu ete</i>
69	filho	<i>ahȳr (heraȳ, hememȳ)</i>	<i>a' ĩ-a' ĩr</i> (p. 17) 'filhote de' <i>mēmĭr</i> (p. 131)	<i>-a?ĭr</i> <i>-memĭr</i>	<i>r-a?ĭr</i> <i>-memĭr</i>
70	filho dele	<i>tahȳr</i>	<i>ta' ĩr</i> (p. 236)	<i>ta?ĭr</i>	<i>ta?ĭr</i>
71	filha	<i>azȳr</i>	<i>razĭr ~taziř</i> (p. 225)	<i>-azĭra ~ r-azĭra</i> <i>~ tazĭra</i> <i>-azĭra kuzà</i>	<i>r-azĭr</i>
72	irmão mais velho	<i>tȳkyhȳr (N.: herykey)</i>	<i>tikê' ĩr</i> (p. 265) 'irmão mais velho do homem'	<i>tĭki?i r ~ rĭki?ĭr</i> <i>hĭki?i r ~</i> <i>nĭki?i r</i>	<i>tĭki?ĭr ~ rĭki?ĭr ~</i> <i>hĭki?ĭr ~ nĭki?ĭr</i>
73	irmão mais novo	<i>tȳhuhȳr (N.: herywȳ)</i>	<i>tĭwĭr</i> (p. 269)	<i>tĭwĭr</i>	<i>tĭwĭr</i>
74	mãe	<i>yuehȳ</i>	<i>hĭ</i> (p. 62)	<i>-hĭ</i>	<i>-hĭ</i>
75	tio materno	<i>heȳ</i>	<i>tutĭr</i> (p. 273)	<i>tutĭr</i>	<i>-tutĭr</i>
76	sogro	<i>heratyú</i>	<i>ratĭ'u</i> (p. 224)	<i>r-atĭ?ú ~ h-atĭ?ĭ ~</i> <i>n-atĭ?ĭ</i>	<i>t-atĭw ~ r-atĭw ~</i> <i>h-atĭw ~ n-atĭw</i>
77	sogra	<i>heraihó</i>	<i>rayhó</i> (p. 225)	<i>raiho</i>	<i>raiho</i>
78	genro	<i>âziué</i>	<i>pe'om</i> (p. 187)	<i>-wen ~ -peŋum</i>	<i>tĭziwén</i> (homem falando) <i>riziwen peŋum</i> (mulher falando)
79	cunhado	<i>coaityř (N.: kwaitȳ)</i>	<i>kwayti</i> (p. 113)	<i>-kwajti ~ -kəř</i>	<i>kwaitĭ</i> (homem falando para homem)
80	padrinho	<i>pázágáu</i>	<i>tu(w)-āngaw</i> (p. 271) 'padrasto, padrinho'	<i>tuaŋaw</i>	<i>tuaŋaw ~</i> <i>ruaŋaw</i>
81	madrinha	<i>hȳágáu</i>	<i>hĭ-angaw</i> 'madrasta,	<i>hĭaŋaw</i>	<i>hĭaŋaw</i>

			madrinha' (p. 62)		
82	gente	(N.: <i>teý</i>)	<i>têko</i> (p. 251)	<i>teko</i>	<i>teko</i>
83	namorada	<i>áváčá</i>	<i>awatza</i> (p. 42) 'amante' <i>hé'êtékwar</i> (p. 57) 'namorado'	<i>hetekwar</i>	<i>-zemetehaw</i> <i>-hetekwar</i> (amante)
84	minha namorada	<i>héávaçá</i>	<i>awatza</i> 'amante' (p. 42) <i>têkwar</i> 'amante' (p. 252) <i>hétékwar!</i> 'meu bem!' (p. 252)	<i>hetekwar</i>	<i>he zemetehaw</i>
85	aquele que é casado	<i>ménárhár</i>	<i>mêna-har</i> (p. 132) homem casado <i>rêko-é</i> (p. 227) 'solteiro' <i>awa rêko-é</i> (p. 227) <i>idem</i> <i>kuzä rêko-é</i> (p. 227)	<i>-menar ~</i> <i>-menahar ~</i> <i>-uereko</i>	<i>he remiriko</i> <i>maže</i>
86	nome	<i>ter</i>	<i>ter</i> (p. 260), <i>hêr</i> (p. 61), <i>rêr</i> (p. 228)	<i>ter, her, rer, ner</i>	<i>rer ~ her ~ ner</i> <i>~ ter</i>
87	estrangeiro	<i>cârâirám</i> (<i>moítehá,</i> <i>karaiwá</i>)	<i>karaiw-ran</i> (p. 96)	<i>karaíw</i> <i>nan tenetehára</i>	<i>karaíw</i>
88	morto/finado	<i>manunguér</i>	<i>manöngwêr</i> (p. 126)	<i>manoŋwer</i>	<i>manoŋwer</i>
89	governador	<i>túiháu</i>	<i>tuwihaw</i> (p. 275)	<i>tušhaw</i> (<i>cacique</i>)	<i>tušhaw</i>
90	chefe	(N.: <i>tuičá</i>)	<i>kapitāng</i> (p. 96)	<i>kəpitə</i>	<i>kəpitəw</i>
91	foguetes	<i>tátápópók</i>	<i>tatá popôk</i> (p. 243)	<i>tata ruaj</i> (foginete) <i>~ tatapopok</i> (carvão)	<i>tatapopok</i> (explosão)
92	ferreiro	<i>itázytúkáhár</i>	<i>ita-zĩ</i> (p. 81) 'machado, aço, ferro'	<i>itapoapohár ~</i> <i>itapohar</i>	
93	cozinheiro	<i>têmiúápohár</i>	<i>têmi'ú-apo-har</i> (p. 257) 'cozinheiro, rancheiro'	<i>temižapohar</i>	<i>temižapohar</i>
94	sapateiro	<i>zapatíúápohár</i>	<i>zapatu</i> (p. 299) 'sapato, calçado'	<i>p#harpoapohar</i> <i>sapatiaohar ~</i>	<i>-pí</i> <i>rehehariapohar</i>

				<i>zamatoapohar</i> (fazedor de tamanco) <i>zamato</i> ‘tamanco’	<i>-pĩ</i> <i>pehariapohar</i>
95	dono de taberna	<i>mahémaézar</i>	<i>ma’êzar</i> (p. 124) ‘dono de bens materiais’	<i>maʔe:maʔezar</i> (dono de taberna)	<i>-maʔe:maʔezar</i> (dono de coisas) <i>-maʔe meʔeʔar</i>
96	dono de casa	<i>tapuʔzar</i>	<i>tapĩj-zár</i> (p. 241)	<i>təpuj jar ~</i>	<i>tĩ pi jzar</i>
97	cavador	<i>zʔhʔr</i>	<i>zihĩr</i> (p. 328)	<i>ĩwĩkəjtar,</i> <i>ĩwĩkəjhar</i>	<i>ĩwi hĩwkəjhar</i> <i>ĩwi kəjtar</i> (pouco usado)
98	enterrador	<i>tʔmar</i>	<i>tĩmar</i> (p. 266) ‘cultivador, plantador, coveiro’	<i>-tĩmar</i>	<i>iti mar</i>
99	caçador	<i>káhámouhár</i>	<i>ka’a mono-háw</i> (p. 92) ‘caça, caçada’	<i>kaʔa mono maʔe</i> <i>kaʔa mono oho</i> <i>kaʔa monohok</i> <i>kaʔa monohar</i>	<i>-zemiʔt kar</i> <i>maʔe</i>
100	atirador	<i>zápihár</i>	<i>zapi</i> (p. 300) ‘atirar pedras com bodoque’	<i>maʔe apihar</i>	<i>-maʔe</i> <i>iapihar(a)</i>
101	quebrador ou atirador	<i>mópókar</i>	<i>mo-pôk</i> (p. 146) ‘fazer espocar, rebentar, estalar, disparar’	<i>itakahar</i> (quebrador de pedra)	<i>maʔe ikahar (a)</i> <i>itaizukahar(a)</i> <i>itakahar</i>
102	pegador	<i>pʔhʔkar</i>	<i>pĩhĩk</i> (p. 194) ‘agarrar, segurar, pegar, tomar, apanhar, receber’	<i>pĩhĩkar</i>	<i>pi hi kar</i>
103	falador/ cantador	<i>zéhéngar</i>	<i>zé’enga(r)-ma’ê</i> (p. 309) ‘cantor’ <i>(u)-zé’eng-ma’ê</i> (p. 310) ‘orador, palrador’	<i>zeʔeŋ tete maʔe</i> (falador) ~ <i>zeʔeŋar tete maʔe</i>	<i>zeʔeŋar maʔe</i> <i>uzeʔeŋar tete</i> <i>aʔu maʔe</i> (o que canta muito) <i>uzeʔeŋ</i> <i>gatu maʔe</i> <i>uzeʔeŋ tete maʔe</i> <i>uzeʔeŋ maʔe</i>
104	o que avisa,	<i>maranúhár</i>	<i>mo-mu-ranu</i>	<i>omomuranu</i>	<i>-maʔe meʔuhar</i>

	avisador		(p. 143) ‘avisar’		<i>omomuranuhar</i>
105	besta ou tolo	<i>anót</i>	<i>iranôt-ma’ê</i> (p. 77) ‘tímido, bestificado’	<i>iraner</i> <i>iran maʔe</i>	<i>-maʔe</i> <i>kwaparʔin ~</i> <i>iranaʔiw maʔe</i>
106	ladrão ou gatuno	<i>munar mau</i>	(i)- <i>munar-ma’ê</i> (p. 160)	<i>monawar ~ munar</i> <i>maʔe</i>	<i>-munar</i> <i>imunar maʔa</i>
107	cagador	<i>káhápáu</i>	<i>ka’a-paw</i> (p. 93) ‘latrina’	<i>kaʔapaw</i>	<i>kaʔa paw</i>
108	mijador	<i>kárúkáu</i>	<i>karukaw</i> (p. 98) ‘urinol’	<i>karukahaw</i>	<i>kaʔakarukaw</i> <i>kaʔ akarukahaw</i>
109	cabeça chata	<i>akángápéu</i>	<i>akāng-apé</i> (p. 19) ‘crâneo’ <i>akāng</i> (p. 19) ‘cabeça, crâneo’ <i>péw</i> (p. 189) ‘chato’	<i>-əkəŋ apew</i>	<i>iəkəŋ apew</i>
110	chorão	<i>ákȳráhȳ</i>	<i>akĩr-ahĩ</i> (p. 21) ‘chorão, manhoso’ <i>zay’ô</i> (p. 305) ‘chorar, prantear’	<i>zajʔo er</i>	<i>-zajʔo e katu</i> <i>maʔe</i> <i>-zajʔo e maʔe</i>
111	algodão	<i>amanijú</i> (N.: <i>manyjú</i>)	<i>amanizu</i> (p. 23)	<i>amaniju</i>	<i>-manezu</i>
112	fio de algodão	<i>inimó</i>	<i>inimô</i> (fio) <i>inêmo</i> (p. 74) ‘fio de algodão’	<i>nemo ~ inimo</i>	<i>inemo</i>
113	balaio	<i>marái</i>	<i>maray</i> (p. 129)	<i>maraj</i>	<i>maraj</i>
114	paneiro/paneiro grande	<i>mānāku</i>	<i>manaku</i> (p. 125)	<i>mənəku</i>	<i>maneku</i> <i>marajhu</i>
115	peneira	<i>ȳrupém</i>	<i>irupém</i> (p. 78)	<i>irupem</i>	<i>ĩ rʔpem</i>
116	panela	<i>zapepó</i>	<i>zapépo</i> (p. 300)	<i>zapepo</i>	<i>zapepo</i>
117	arco	<i>mȳrapár</i> (<i>yrapára</i>)	<i>wĩrapar</i> (p. 291)	<i>wĩrapar</i>	<i>wĩ rapar</i>
118	flecha	<i>uý</i>	<i>u’řw</i> (p. 279)	<i>uʔřw</i>	<i>-uʔřw</i>
119	ponta apontada	<i>hákuá</i>	<i>hakwa</i> (p. 53)	<i>akwařĩ katu</i>	<i>hakwařĩ</i> <i>akwařĩ katu</i>
120	cana braba/frecheira	<i>iuyúá</i>	<i>kan</i> (p. 96) ‘cana de açúcar’	<i>kanĩran</i>	<i>uĩwa ~</i> <i>kanĩ ran</i>

121	faca	<i>takyhé</i>	<i>takĩhé</i> (p. 237) 'facão, terçado, faca'	<i>takihe ~ takihe ʔ</i>	<i>takihe</i>
122	terçado ou faca grande	<i>takyhéhú</i>	<i>takihê-uhu</i> (p. 237) 'facão' <i>takihê-puku</i> (p. 237) 'facão'	<i>takihehu</i>	<i>takihe puku</i> <i>takihehu</i>
123	machado	<i>itazy</i>	<i>tazĩ</i> (p. 247)	<i>itazi</i>	<i>itazĩ</i>
124	espingarda	<i>mukáu</i>	<i>mukaw</i> (p. 156)	<i>mukaw</i>	<i>-mukaw</i>
125	pólvora	<i>mucáuâyĩ ~ mucákui</i>	<i>muka-ku'i</i> (p. 156)	<i>muka ku ʔ</i>	<i>-mukaw ku ʔ</i>
126	ouvido de espingarda	<i>mukârâkuai</i>	<i>muka-rakway</i> (p. 156)	<i>muka rekwej</i>	<i>-mukaw</i> <i>apekwer</i> <i>-mukaw hekwej</i> <i>~rekwej</i>
127	espera de veado	<i>mýtá</i>	<i>mĩta-haw</i> (p. 136) 'lugar onde se fica, pára: pouso'	<i>mĩta</i> (jirauzinho para esperar o veado)	<i>muta</i> (jirauzinho para esperar o veado) <i>-ma ʔe</i> <i>remi ʔuhaw</i>
128	canoa	<i>íar (N.: yá)</i>	<i>iar</i> (p. 68) 'cascom, canoa'	<i>iar</i>	<i>kanu</i> (canoa) <i>uapohu</i> (barco)
129	remo	<i>kuipytáu</i>	<i>pikwi-taw</i> (p. 196)	<i>kupĩtaw pʔkujtaw</i>	<i>-hem</i>
130	cercar com cacuri	<i>mámán</i>	<i>maman</i> (p. 125)	<i>pəri iruramo</i>	<i>-məmən</i> (cercar qualquer coisa)
131	anzol	<i>pina</i>	<i>pina</i> (p. 196)	<i>pina</i>	<i>pina</i>
132	linha	<i>inimíu</i>	<i>inêmu'i</i> (p. 74) 'linha de costurar'	<i>inemo</i> (fio de algodão) <i>pinəhəm</i> (linha)	<i>inemo ʔ</i> (fio de algodão) <i>pinəhəm</i> (linha de pesca)
133	agulha	<i>aúiu</i>	<i>awiw</i> (p. 42)	<i>awíw</i>	<i>aɲuj</i>
134	rede de lançar, tarrafa	<i>kýhápari</i>	<i>kĩha-pari</i> (p. 101) 'tarrafa'	<i>kĩha pari</i> (malhadeira) ~ <i>pĩsa</i> (tarrafa)	<i>-kĩhaw pari</i>
135	carne de peixe	<i>pirárohókuér</i>	<i>ma'ê-rookwêr</i> (p. 180) 'carne em geral'	<i>pira rokwer</i>	<i>-pira roʔokwer</i>

			<i>pira</i> (p. 199) ‘peixe’		
136	peixe salgado	<i>ipirázukỹr</i>	<i>pira-zukĩr</i> (p. 200)	<i>pira zukĩr</i>	- <i>pira sa</i> - <i>zukĩr</i> (usado em outras regiões, mas não no Arame)
137	casa	<i>tápũyĩ</i>	<i>tapĩy</i> (p. 241)	<i>tĩpĩj</i>	<i>tĩ pĩj</i>
138	tolda	<i>zápá</i>	<i>zapaw</i> (p. 299) ‘toldo’	<i>iarĩ pĩj</i>	<i>kanu rĩpĩj</i>
139	casa de forno	<i>zapêhêpỹĩ</i>	<i>zapêhê</i> (p. 299) ‘forno parra torrar a farinha de mandioca’ <i>tapĩy</i> (p. 241) ‘casa’	<i>zepehe rĩpĩj</i>	<i>zepehe rĩpĩj</i>
140	aldeia velha	<i>táuer</i>	<i>tawêr</i> (p. 244-245) ‘tapera, aldeia abandonada’	<i>teko awera</i>	<i>tawera</i>
141	cidade	<i>mairỹ</i>	<i>mairĩ</i> (p. 124) ‘Pará, estado’	<i>karaiw rekohaw</i>	<i>tawhu ~ karaiw rekohaw</i>
142	porto	<i>iarúpáu</i>	<i>ia-rupaw</i> (p. 69) ‘porto, ancoradouro’	<i>iar rupaw</i>	<i>kanu pĩahaw</i>
143	porta	<i>ukên</i>	<i>ukên</i> (p. 280)	<i>uken ~ ruken</i> ~ <i>huken</i>	- <i>uken ~ ruken</i> ~ <i>huken</i>
144	palha	<i>pino</i>	<i>pino</i> (p. 197)	<i>pino</i>	- <i>pino</i>
145	rede	<i>kỹháu</i> (<i>kỹháva</i>)	<i>kĩhaw</i> (p. 101)	<i>kĩha ~ kĩaaw</i>	- <i>kĩaaw</i>
146	corda de rede	<i>kỹhãhãm</i>	<i>kĩhaw-ham</i> (p. 101)	<i>kĩhãhãm</i>	- <i>kĩhãhãm</i>
147	assento	<i>tenáu</i>	<i>ténaw</i> (p. 258)	<i>tenaw</i> <i>iapĩkaw ~ pĩkaw</i>	<i>tenaw ~ renaw</i> ~ <i>henaw iapĩkaw ~ pĩkaw</i>
148	tocar fogo	<i>apỹ</i>	<i>apĩ</i> (p. 29) ~ <i>hapĩ</i> ~ <i>rapi ~ tapi</i>	<i>hapĩ ~ -apĩ</i>	<i>rapi ~ hapĩ ~ apĩ</i>
149	em cima do fogo	<i>tatá árĩmu</i>	‘ <i>a-ramo</i> (p. 34) acima de, por cima de... <i>tatá</i> (p. 243) ‘fogo’	<i>tata ãaramo</i>	<i>tata ãaramo</i>
150	forno	<i>zapêhê</i>	<i>zapêhê</i> (p. 299)	<i>zapehĩ</i>	<i>zepehe</i>

151	lugar do fogo	<i>tátápáu</i>	<i>tatá-upaw</i> (p. 244) 'fogão'	<i>tata upaw</i>	<i>tata paw</i>
152	fósforo	<i>tátáyū</i>	<i>wira-rata' ŭw</i> (p. 243)	<i>tata ŭw</i>	<i>tata ŭw</i> (raríssimo uso, só os mais velhos) (fósforo, isqueiro)
153	querosene	<i>tátáyñŷ</i>	<i>tata-nĩ</i> (p. 243)	<i>tata ini</i>	<i>tata inĩ</i> (lâmparina, lâmpada)
154	vassoura	<i>tápiháú</i>	<i>tĩpéir</i> (p. 267)	<i>tĩpĩhaw</i>	<i>tepeĩhaw</i>
155	lenha	<i>zépéáu</i>	<i>zépé'aw</i> (p. 325)	<i>zepeaw</i>	<i>zapeaw</i>
156	cinza	<i>tanimuk</i>	<i>tanimuk</i> (p. 239)	<i>tanimuk</i>	<i>tanimuk</i>
157	cabaça	<i>yá</i>	<i>i'a</i> (p. 67)	<i>ĩŷa</i>	<i>ĩŷa</i>
158	cuia	<i>cáuáu</i> (N.: <i>kawáwa</i>)	<i>kawaw</i> (p. 100)	<i>kawaw</i>	<i>kuj ~ kawaw</i> (prato, vasilha para colocar comida)
159	instrumento	<i>tihám, tiám</i>	<i>ti'am</i> (p. 264) 'flauta'	<i>kĩŷam</i> (flauta) ~ <i>tiŷam</i> (flauta)	<i>-tĩŷam</i> (flauta)
160	pilão	<i>imúá</i>	<i>ingu'a</i> (p. 74)	<i>-muŷa ~ inuŷa</i>	<i>ĩŷuŷa</i>
161	mão de pilão	<i>imúáázár</i>	<i>ingu'a-wazar</i> (p. 74)	<i>-muŷa wazar</i>	<i>ĩŷuŷa wazar</i>
162	relógio	<i>kuárahỹrahaga</i> <i>páu</i>	<i>kwarahĩ mu'ãnga-</i> <i>paw</i> (p. 112)	<i>kwarahĩráŷapáw</i>	<i>kwarahĩ</i> <i>raŷapaw</i> (só alguns mais velhos)- <i>poapĩ</i> <i>whara ~</i>
163	retrato	<i>angapáu</i>	<i>ãnga-paw</i> (p. 26)	<i>aŷapaw</i>	<i>haŷapaw</i>
164	pente	<i>kỹnáú</i>	<i>kĩwaw</i> (p. 103)	<i>kãwaw</i>	<i>kãwaw</i>
165	caldo	<i>tỹkuér</i>	<i>tĩ-kwér</i> (p. 265)	<i>maŷe ĩkwér</i>	<i>tĩkwér ~ maŷe</i> <i>tĩkwér</i>
166	mingau	<i>mỹgaú</i>	<i>mĩnga'u</i> (p. 135)	<i>miŷaŷu</i>	<i>miŷaw</i>
167	farinha	<i>tỹram</i>	<i>tĩram</i> (p. 268)	<i>tĩram</i>	<i>tĩram</i>
168	come com farinha	<i>étyrámó</i>	<i>aŷu tĩram iru ramo</i>	<i>aŷe eŷu tĩram</i> <i>inuromo</i>

169	tapioca	<i>tỹpyák</i>	<i>tĩpi'ak</i> (p. 267)	<i>tĩpiʔa</i>	<i>tĩpiʔak</i>
170	moquiado	<i>kêhê</i>	<i>kã'ê</i> (p. 93)	<i>keʔe</i>	<i>-maʔe keʔe</i>
171	moquia	<i>émukêê</i>	<i>mukã'ê</i> (p. 156)	<i>əmukəʔe</i>	<i>emukeʔe nehe</i>
172	carne de boi	<i>tapihiróhókuer</i>	<i>tapi'ir-uhu</i> (p. 240) <i>ma'ê-roókwêr</i> (p. 180) 'carne em geral'	<i>tapiʔ rokwer ~</i> <i>tapiʔ roʔokwer</i>	<i>tapiʔak</i> <i>roʔokwer</i>
173	cru	<i>zỹuỹr</i>	<i>ziwĩr</i> (p. 330)	<i>ziwĩr</i>	<i>-zĩ wĩr ~ -dʒwĩr</i>
174	assado ou cozido	<i>zỹu</i>	<i>zĩwêr</i> (p. 330) <i>mihĩr</i> (p. 133)	<i>mihir (assado)~</i> <i>muin, mimoj</i> (cozido)	<i>-mihir (assado)~</i> <i>-muin, -imimoj</i> (cozido)
175	gostoso	<i>hété</i>	<i>hé-té katu</i> (p. 61)	<i>hete katu</i>	<i>he katu ~ hete katu</i>
176	fava	<i>cumáná</i>	<i>kumana</i> (p. 106)	<i>kumana</i>	<i>kumana ~ kumanahu</i>
177	feijão	<i>cumánahi</i>	<i>kuman-a'i</i> (p. 106)	<i>kumanaʔi</i>	<i>kumanaʔi</i>
178	fome	<i>máúhéi</i>	<i>mau'-héy</i> (p. 129)	<i>majʔuhej</i>	<i>maʔuhej</i>
179	cachaça	<i>cauí</i>	<i>kãwĩ</i> (p. 100)	<i>kəwi</i>	<i>kəwi ahi ~</i> (cachaça) <i>kəwi</i> (líquido extraído de um tipo de raiz)
180	bêbado/estar porre	<i>cahú</i>	<i>ka'u</i> (p. 99)	<i>kaʔu</i>	<i>kaʔu</i> <i>kaʔu maʔe</i> (aquele que está bêbado)
181	garapa	<i>kãnnikuér</i>	<i>kanĩ-kwêr</i> (p. 95)	<i>kanikwer</i>	<i>kani tĩkwer</i>
182	vinho	<i>cauíỹru</i>	<i>kãwĩ</i> (p. 100) 'cachaça, cauim, vinho' <i>kãwĩ-pirãng</i> (p. 100) 'vinho' <i>kãwĩ-ran</i> (p. 100) 'cachaça'	<i>kəwirən</i>	<i>maʔi wə tĩkwer</i>
183	sal	<i>zukỹr</i>	<i>zukĩr</i> (p. 334)	<i>zukĩr</i>	<i>sa</i>
184	tabaco	<i>pỹtỹm-piár</i>	<i>pétĩm-piar</i> (p. 189)	<i>pĩĩ piár</i>	<i>petĩ m piár</i>
185	pimenta	<i>tai</i>	<i>tay</i> (p. 246)	<i>taj</i>	<i>taj</i>
186	cigarro	<i>pỹtỹm</i>	<i>pétĩm</i> (p. 189)	<i>pĩĩm</i>	<i>petĩm</i>

187	fumar	<i>pýtér</i>	<i>pétĩm-pitêr</i> (p. 203)	<i>pĩĩmu ~ pĩĩ</i>	<i>pĩĩmu</i>
188	alma	<i>ang</i>	<i>ãng</i> (p. 26)	<i>aŋ ~ aŋwer</i> (o espírito da pessoa)	<i>aŋ</i>
189	fantasma	<i>azánga</i>	<i>azãng</i> (p. 45) <i>apítêrêr</i> (p. 32)	<i>apĩterer</i>	<i>ææŋ ~ apĩterer</i> <i>tekue ~ pikokok</i>
190	demônio	<i>zúrupari</i>	<i>zurupari</i> (p. 336)	<i>zurupari</i> (demônio, diabo)
191	pajé	<i>pazé</i>	<i>pazé</i> (p. 184)	<i>paze</i>	<i>paze maʔe</i>
192	sono	<i>pêhỹ</i>	<i>rupéhĩ</i> (p. 232) <i>tupêhỹ</i> 'estar com sono'	<i>pĩhĩj</i>	<i>tupehĩj</i>
193	cantar	<i>zéngar,</i> <i>zehéngar</i>	<i>ze'êngar</i> (p. 309)	<i>zeŋar</i>	<i>-zeŋar</i>
194	dançar	<i>páráčêi</i>	<i>paratzêy</i> (p. 183)	<i>pĩĩk ~</i> <i>parasej ~ parahej</i>	<i>-pĩĩk</i>
195	encanto	<i>tanong</i>	<i>tanõng</i> (p. 240) 'estréia, inauguração'	<i>purumuiʔu maʔe</i> (encantado) <i>mukuhem</i>	<i>-purumuiʔ ʔo</i> <i>maʔe</i>
196	gritaria	<i>tâhêtâhêm</i>	<i>tahé-tahêm</i> (p. 235)	<i>heʔi ahem</i>	<i>tehetehem</i> <i>həjhajhem</i>
197	doença	<i>maéahỹ</i>	<i>ma'ê ahĩ</i> (p. 117) 'doente'	<i>maʔe ahĩ</i>	<i>-maʔe ahĩ</i>
198	doer	<i>hahỹ</i>	<i>hahĩ</i> (p. 53) 'dor, pena, padecimento'	<i>hahĩ</i>	<i>hahĩ</i>
199	ferida	<i>pérêu</i>	<i>pérêw</i> (p. 189)	<i>perew</i>	<i>perew</i>
200	chapéu	<i>çapéo</i>	<i>zapêw</i> (p. 300) 'chapéu de palha'	<i>kaŋ rehaw</i>	<i>zapew</i>
201	papel	<i>mapér</i>	<i>mapêr</i> (p. 127)	<i>maper</i>	<i>pape</i>
202	camisa	<i>kamixáu</i>	<i>kamitzaw</i> (p. 94)	<i>kamitʔaw</i>	<i>kamir</i>
203	calça (ceroula?)	<i>tirur</i>	<i>tirur</i> (p. 269)	<i>tirur</i>	<i>temihar</i> <i>puku:puku</i> <i>tirur</i> (antigamente alguns mais velhos usavam)
204	sapato	<i>zapatu</i>	<i>zapatu</i> (p. 299)	<i>pĩĩriu (sapato)~</i> <i>pĩĩpehar (sandália)</i>	<i>-pĩĩrehehar</i> <i>-pĩĩpehar(a)</i>

				<i>zamato</i> (tamanco)	
205	compadre	<i>cupár</i>	<i>kupar</i> (p. 107)	<i>kupar</i>	<i>kupar(i)</i>
206	comadre	<i>cumár</i>	<i>kumar</i> (p. 106)	<i>kumar</i>	<i>kumar(i)</i>
207	cruz	<i>curuça</i>	<i>wĩra i-mu-akamĩk-pĩrêr</i> (p. 290) ‘cruz’ <i>wĩra-kamĩ</i> (p. 290) ‘forquilha de pau’	<i>wĩra kamĩ</i>	<i>iwĩra karjetar</i> <i>wĩra kamĩ</i> (forquilha)
208	sol	<i>kuáráhȳ</i>	<i>kwarahĩ</i> (p. 112) <i>korahĩ</i> (p. 104)	<i>kwarahĩ ~ korahĩ</i>	<i>kwarahĩ</i>
209	sol quente	<i>kúaráhȳ hákú</i>	<i>kwarahĩ haku-étété</i> (p. 112) ‘o sol arde muito’	<i>kwarahĩ haku</i>	<i>kwarahĩ haku ahĩ</i>
210	quente	<i>kú, hákú</i>	<i>haku</i> (p. 53) ‘estar quente’	<i>-aku ~ haku</i>	<i>haku</i>
211	dia ou tempo	<i>ar</i>	<i>’ar</i> (p. 33) ‘dia, tempo, vida’	<i>ʔar</i>	<i>ʔar</i>
212	lua	<i>zahȳ</i> (N.: <i>zahȳ</i>)	<i>zahĩ</i> (p. 296)	<i>zahĩ</i>	<i>zahĩ</i>
213	de noite	<i>pỹháu</i>	<i>pĩhaw</i> (p. 194) ‘de noite, à noite’	<i>pĩhaw</i>	<i>-pĩ tun ~ -pĩhaw</i>
214	tarde	<i>karúk</i>	<i>karuk</i> (p. 97) ‘à tarde’	<i>karuk</i>	<i>karuk</i>
215	bom dia	<i>zânêkuém</i>	<i>zanê-ku’ém</i> (p. 298)	<i>zane kuʔem</i>	<i>zane kuʔem</i>
216	boa tarde	<i>zânêkaruk</i>	<i>zanê karu</i> (p. 298)	<i>zane karuk</i>	<i>zane karuk</i>
217	boa noite	<i>zânêpitun</i>	<i>zanê pĩtun</i> (p. 298)	<i>zane pĩtun</i>	<i>zane karuk</i> (na chegada) <i>zaʔaw rihi</i> (na saída)
218	hoje	<i>kuétêri</i>	<i>kwétêri</i> (p. 115)	<i>kuitêri ~ kutêri ~ têrij</i>	<i>kutêri</i>
219	hoje em dia	<i>kuétêri-ár</i>	<i>kwétêri’ar</i> (p. 115)	<i>kuitêri ʔar</i>	<i>kutêri iʔwep</i> <i>kuʔar rehe</i>
220	amanhã	<i>pỹhânê</i>	<i>pĩhawê</i> (p. 194)	<i>pĩhawe</i>	<i>pĩhawe</i>
221	chuva	<i>aman</i> (N.: <i>amaná</i>)	<i>aman</i> (p. 22)	<i>əmən</i>	<i>əmən</i>
222	chover	<i>kỹr</i>	<i>kĩr</i> (p. 102) ‘chover’ <i>aman u-kĩr</i> (p. 102) ‘está chovendo’	<i>əmən ukĩr</i>	<i>əmən ukĩr</i>
223	verão	<i>kuáráhȳété</i>	<i>kwarahĩ’ar</i> (p. 112)	<i>kwarahĩ</i>	<i>kwarahĩ</i>

			‘verão, ano, idade’		
224	céu	<i>yúák</i>	<i>iwak</i> (p. 83)	<i>íwak</i>	<i>íwak</i>
225	estrela	<i>zahýtátá</i>	<i>zahĩ-tata</i> (p. 296) ‘estrela, astro’	<i>zahĩ tata</i>	<i>zahĩ tata</i>
226	vento	<i>yúyú</i>	<i>iwítu</i> (p. 88)	<i>íwítu</i>	<i>íwítu</i>
227	relâmpago	<i>tupan-néráuá</i>	<i>wéra-wéraw</i> (p. 288) ‘refletir, brilhar’ <i>wéraw</i> (p. 288) relampaguear <i>wéraw-haw</i> (p. 288) ‘relâmpago’	<i>weraw:weraw</i>	<i>weraw:weraw</i> <i>weraw:weraw</i> <i>ahĩ</i>
228	fogo	<i>tatá</i> (N.: <i>tatá</i>)	<i>tata</i> (p. 243)	<i>tata</i>	<i>tata</i>
229	água	<i>y</i>	<i>i</i> (p. 67)	<i>ĩ</i>	<i>ĩ</i>
230	oceano	<i>yryhú</i>	<i>i-rĩ-whu</i> (p. 78) ‘mar, enchente, rio grande’	<i>ĩrĩhu</i>	<i>ĩ rĩhu</i>
231	no meio do rio	<i>yypýtépé</i>	<i>i-pítér</i> (p. 76) ‘no meio do rio, parte navegável do rio’	<i>ĩ pítepe</i>	<i>ĩrikaw mítep</i>
232	igapó	<i>yrupi</i>	<i>iapo</i> (p. 68) ‘pântano, igapó’	<i>iapo</i>
233	estar cheio (o rio)	<i>tĩhu</i>	<i>tĩ-uhu</i> (p. 269) <i>ĩ tĩ- uhu</i> ‘o rio está cheio’	<i>ĩ tĩhu</i> <i>ĩ pĩhu</i>	<i>ĩ rikaw tĩhu a lu</i>
234	encher	<i>pámi</i>	<i>tĩnehém</i> (p. 266) ‘cheio, estar cheio, derramar-se’	<i>tenehem</i>	<i>tĩ nehem</i>
235	buraco	<i>kuár</i>	<i>kwár</i> (p. 112)	<i>kwar</i>	<i>ĩ wĩ kwar(a)</i>
236	terra	<i>ywy’</i>	<i>iwĩ</i> (p. 840) ‘terra, solo, chão’	<i>íwĩ</i>	<i>íwĩ</i>
237	no chão	<i>ywyypé</i>	<i>iwĩpé</i> (p. 86)	<i>íwĩpe</i>	<i>íwĩpe</i>
238	areia	<i>iuytĩn</i> (<i>ywčý</i>)	<i>iwĩ-tĩng</i> (p. 88) ‘areia, praia’	<i>íwĩtiŋ</i>	<i>íwĩ tĩŋ</i>
239	barro	<i>iuy</i>	<i>iwĩ-zwa</i> (p. 89)	<i>íwĩzua</i>	<i>íwĩzua</i>
240	pedra	<i>ita</i> (N.: <i>itá</i>)	<i>ita</i> (p. 79)	<i>ita</i>	<i>ita</i>
241	pau	<i>iuyrá</i> (N.: <i>ywyrá</i>)	<i>wĩra</i> (p. 290)	<i>wĩra</i>	<i>íwĩra</i>

242	pau torto	<i>iuyrâpâri</i>	<i>wîra-pâri</i>	<i>wîra par</i>	<i>îwîra par</i>
243	galho de pau	<i>uyrâkâ</i>	<i>wîra-kwa ~wîra-rakwa</i> (p. 291) <i>~ wîra kâ</i> (96)	<i>wîra kəŋ</i>	<i>îwîra kəm</i>
244	mato	<i>kahá (N.: kaá)</i>	<i>káá</i> (p. 92)	<i>kaʔa</i>	<i>kaʔa</i>
245	lote ou roça	<i>kó</i>	<i>kó</i> (p. 103)	<i>ko</i>	<i>ko</i>
246	roçar	<i>káhápétik</i>	<i>ka'a péték</i> (p. 92)	<i>kaʔa petek</i>	<i>kaʔa petek</i>
247	roçar	<i>cupir</i>	<i>kupir</i> (p. 107)
248	espinho	<i>zú</i>	<i>tzu</i> (p. 277)	<i>su ~ zu</i>	<i>su</i>
249	folha	<i>káháruér</i>	<i>ka'a-ro-wér</i> (p. 93) 'folha caída' <i>ka'a -ro(w)</i> (p. 93) 'folha'	<i>kaʔa ruer</i>	<i>kaʔa</i> <i>kaʔa ruer</i>
250	caminho	<i>pé</i>	<i>pê</i> (caminho) (p. 185)	<i>pe</i>	<i>pe</i>
251	pelo caminho	<i>pérupí</i>	<i>pe rupi</i> (p. 185)	<i>pe rupi</i>	<i>pe rupi</i>
252	morro	<i>ywyty'</i>	<i>iwitir</i> (p. 88)	<i>îwîr</i>	<i>îwîr</i>
253	capim	<i>káhâpihi</i>	<i>ka'a-pî</i> (p. 96)	<i>kaʔapiʔi</i>	<i>kaʔa piʔi</i>
254	flor	<i>putyr</i>	<i>putir</i> (p. 219)	<i>putira</i>	<i>maʔe putir</i>
255	que flor	<i>máe putyrâ</i>	<i>ma'é-putir</i> (p. 219) 'flor'	<i>maʔe putira</i>	<i>maʔe putir</i> <i>purəŋ ete ahî</i>
256	banana	<i>pacó (N.: pakó)</i>	<i>pako</i> (p. 181)	<i>pako</i>	<i>pako</i>
257	bananal	<i>pákótÿu</i>	<i>pakotiw</i> (p. 181)	<i>pakotiw</i>	<i>pakotiw ~</i> <i>pakorupaw</i>
258	laranja	<i>nárâi</i>	<i>narâi</i> (p. 174)	<i>naraj</i>	<i>nəʔəj</i>
259	limão	<i>rimáu</i>	<i>rimaw</i> (p. 229)	<i>rimaw</i>	<i>rimaw</i>
260	manga	<i>mam</i>	<i>māng</i> (p. 125)	<i>maŋ</i>	<i>maŋ</i>
261	abacata/abacateiro	<i>pinuá</i>	<i>pinoa</i> 'bacaba' (p. 197)	<i>pinua</i> (bacaba) <i>ajʔu aran</i> (abacate)	<i>pinuʔa ʔw</i> 'abacate'
262	mamão	<i>zârâkatiâhú</i>	<i>zarakati'á-whu</i> (p. 301) 'mamão comum'	<i>zarakatia</i>	<i>kəʔəkatihu</i>
263	mamão do mato	<i>zârâkatiá</i>	<i>zarakati'á</i> (p. 301)	<i>zarakatia kaʔa pia</i> 'mamão selvagem'	<i>zarakatiʔa</i> (mamão do mato)
264	caju	<i>akazú</i>	<i>akazu</i> (p. 21)	<i>akazu</i>	<i>akazu</i>
265	tucumazeiro	<i>túcúmâiu</i>	<i>tukumä' iw</i> (p. 271)	<i>tukumə ʔw</i>	<i>tukuməʔ iw</i>

266	açaí	<i>uassahi</i>	<i>watza</i> 'i (p. 286)	<i>uasai ~ uasař</i>	<i>zř har(i)</i>
267	urucum	<i>guaruma</i>	<i>uruku</i> (p. 281)	<i>uruku</i>	<i>uruku</i>
269	mandioca	<i>maniok</i>	<i>mani</i> 'ok (p. 126)	<i>mani</i> řok ~ <i>manioka</i>	<i>mane</i> řok
270	maniva	<i>monihÿu</i>	<i>mani</i> 'řw (p. 126)	<i>mani</i> ř	<i>mane</i> řřwer ~ <i>mane</i> řřw
271	milho	<i>auai</i>	<i>awati</i> (p. 41)	<i>awatři</i>	<i>awati</i>
272	arroz	<i>auatih</i>	<i>awati</i> 'i (p. 41) <i>awati</i> -apo (p. 41)	<i>awatři apo</i>	<i>awati apo</i> (quase não é utilizado; muitos, inclusive, desconhecem a palavra) <i>arój</i> (é largamente empregado)
274	batata	<i>třřřkai</i> (N.: <i>jetřga</i>)	<i>zėřk</i> (p. 340) 'batata doce'	<i>zřřk</i>	<i>zřřk</i>
275	jerimun	<i>zórómó</i>	<i>zoromo</i> (p. 331)	<i>zoromo</i>	<i>zoromo</i> ~ [<i>zoromo</i>]
276	melancia	<i>zórómóápÿu</i>	<i>zoromo</i> -přw (p. 331)	<i>zoromo apřw</i> 'jerimum macio'	<i>zoromo apřw</i>
277	mosca	<i>māru</i>	<i>mėru</i> (p. 132)	<i>meru</i>	<i>meru</i>
278	mosquito	<i>mėrui</i>	<i>maruwi</i> (p. 129)	<i>meruř</i>	<i>meruř</i>
279	borboleta	<i>pānām</i>	<i>panam</i> (p. 182)	<i>pənəm</i>	<i>pənəm</i>
280	formiga	<i>táhÿu</i>	<i>tahřw</i> (p. 235)	<i>tahřw</i>	<i>tahřw</i>
281	saúba ou formiga da roça	<i>řáu</i>	<i>i</i> 'aw (p. 69) 'mãe de saúva'	<i>iau</i>	<i>iao</i>
282	cigarra	<i>zākřrān</i>	<i>zākřran</i> (p. 297)	<i>zəkřrən</i>	<i>zəkřrən</i>
283	cupim	<i>cupih</i>	<i>kupi</i> 'i (p. 107)	<i>kupiř</i>	<i>kupiř</i>
284	aranha	<i>zanú</i>	<i>zanu</i> (p. 298)	<i>zanu</i>	<i>zanu</i>
285	camarão	<i>mutř</i>	<i>muti</i> (p. 165)	<i>muti</i>	<i>muti</i>
286	caranguejo	<i>uhá</i>	<i>uhá</i> (p. 279)	<i>uha</i>	<i>uha</i> (mangue)
287	caranguejo da água doce	<i>uáráruhá</i>	<i>warar uhā</i> -whu (p. 279) siri	<i>uha</i>	<i>uararuha</i> (do rio)
288	peixe	<i>ipirá</i>	<i>pira</i> (p. 199)	<i>pira</i>	<i>pira</i>
289	arraia	<i>zauėřr</i>	<i>zawira</i> (p. 304)	<i>zaiwřr</i>	<i>zawewřr</i>

290	sapo	<i>cururu</i>	<i>kururu</i> (p. 108)	<i>kururu</i>	<i>kururu</i>
291	jacaré	<i>zakare</i>	<i>zakarê</i> (p. 296)	<i>zakare</i>	<i>zakare</i>
292	lagarta	<i>ihók</i>	<i>ihók</i> (p. 70)	<i>ihok</i>	<i>ihok</i>
293	lagarta venenosa	<i>mira</i>	<i>mir</i> (p. 135)	<i>mir</i>	<i>mir</i>
294	jabuti	<i>záuti</i>	<i>zawti</i> (p. 304)	<i>zauti</i>	<i>zauti ~ zauti</i>
295	jibóia	<i>múzuhú</i>	<i>arapuha-môy</i> (p. 34)	<i>arapuha moj</i>	<i>arapuha moj muzuhu</i> (sucuriju, anaconda)
296	cobra de cipó	<i>moitatáná</i>	<i>môy tata-na</i> (p. 150)	<i>moj tʃakwaʃ</i> ~ <i>maha moj</i> <i>moj tatana</i>	<i>moj hím ~ moj tʃakwaʃ</i>
297	cobra	<i>moi</i> (N.: <i>mói</i>)	<i>môy</i> (p. 149)	<i>moj</i>	<i>moj</i>
298	galinha	<i>zápúcaí</i>	<i>zapukay</i> (p. 301)	<i>zapukaj</i>	<i>zapukaj</i>
299	ovo de galinha	<i>zapucáirupιά</i>	<i>zapukay</i> (p. 301) ‘galinha’ <i>rupi’á</i> (p. 232) ‘ovo’	<i>zapukai rupiʔa</i>	<i>zapukaj rupiʃ</i>
300	cigana	<i>máturiá</i>	<i>maturya</i> (p. 129)	<i>maturia</i>	-----
301	pato	<i>urumá</i>	<i>urumã</i> (p. 281)	<i>urumə</i>	<i>urumə</i>
302	jacamin	<i>zākāmi</i>	<i>zākami</i> (p. 296)	<i>zəkəmi</i>	<i>zəkəmi ~ zəkəmi</i>
303	gavião	<i>uýrâhú</i>	<i>wîra-hu</i> (p. 292)	<i>wîrahu</i>	<i>wîrahu</i>
304	tesoura	<i>zapúkani</i>	<i>zapukani</i> (p. 301) ‘espécie de gavião pequeno, <i>japacanim</i> ’ <i>tapê-tapên</i> (p. 240) ‘gavião tesoura’	<i>tepi-tepen</i> <i>təpi-təpen</i> <i>təpe-təpen</i> ‘gavião tesoura’	<i>zapukani</i> (tipo de gavião bastante conhecido) <i>təpe-təpen</i> ‘gavião tesoura’
305	coruja	<i>pýpý</i>	<i>pipi</i> (p. 198)	<i>pípi</i>	<i>pípi</i> (um tipo de coruja)
306	arara	<i>arar</i>	<i>arar</i> (p. 34)	<i>arar</i>	<i>arara</i>
307	periquito	<i>túhi</i>	<i>tu’i</i> (p. 271)	<i>tuʃ</i>	<i>tuʃ</i>
308	papagaio	<i>azurú</i>	<i>azuru</i> (p. 47)	<i>azuru</i>	<i>azuru</i>
309	ariramba	<i>záuáti</i>	<i>zawati</i> (p. 303) ‘espécie de martim-pescador’	<i>zauati</i>	<i>zauati</i>
310	beija-flor	<i>máinumỹ</i>	<i>maynumi</i> (p. 130)	<i>majnumi</i>	<i>majnumí</i>

311	chicoan/alma de gato	<i>atingahú</i>	<i>atĩnga-hu</i> (p. 38)	<i>atiŋahu</i>	<i>atiŋahu</i>
312	tucano	<i>tukán</i>	<i>tukan</i> (p. 271)	<i>tukan ~ tukajma</i>	<i>tukan</i>
313	tanguru Pará	<i>zãuni</i>	<i>zawni</i> (p. 304) ‘bico de brasa’	<i>zawəni</i> (bico-de-brasa)
314	japu	<i>zapú</i>	<i>zapu</i> (p. 301)	<i>zapu</i>	<i>zapu</i>
315	japim	<i>zapihi</i>	<i>zapi’i</i> (p. 300)	<i>zapiř</i>	<i>zapiř</i>
316	tem-tem	<i>mýrataiurỹ</i>	<i>wĩra-tay-mir</i> (p. 292) ‘espécie de passarinho que imita os outros’	<i>wira tajnira</i>	<i>wĩratajmĩ r(i)</i>
317	passarinho	<i>uỹsa-miri</i>	<i>wĩra-miri</i> (p. 292)	<i>wira miri</i>	<i>wira miri</i>
318	pipira	<i>akāpin</i>	<i>akapin</i> (p. 20)	<i>əkəpin</i>	<i>əkəpin</i>
319	sabiá	<i>auizá</i>	<i>awiza</i> (p. 42)	<i>awiza ~ awidza</i>	<i>hawiza ~ hawidza</i>
320	mutum	<i>mýtú</i>	<i>mĩtu</i> (p. 136)	<i>mĩtun ~ mĩtu</i>	<i>mĩ tu</i>
321	pinicapau	<i>ipéku</i>	<i>ipéku</i> (p. 75)	<i>ipeku</i>	<i>ipeku</i>
322	cavalo	<i>cáuarú</i>	<i>kawaru</i> (p. 99)	<i>kawaru</i>	<i>kawaru</i>
323	boi	<i>tapyhir</i>	<i>tapi’ir</i> (p. 240)	<i>tapiřu</i>	<i>tapiřak</i>
	vaca	<i>tapyhir-cuzá</i>	<i>tapi’ir-kuzá</i> (p. 240)	<i>tapiřr kuzə</i>	<i>tapiřak kuzə</i>
324	chifre-de-boi	<i>tapihir-ák</i>	<i>tapi’ak</i> (p. 240) ‘a anta de chifre, gado bovino em geral’ ‘ak ‘chifre de boi’	<i>tapiř iak</i> (chifre de boi) <i>řak</i> (chifre)	<i>tapiřak iřak</i> (chifre de boi) <i>řak</i> (chifre)
325	porco	<i>core</i>	<i>kurê</i> (p. 108)	<i>kure</i> (porco doméstico)	<i>kure</i> (porco doméstico) <i>tazahúrán</i>
326	carneiro	<i>arāpuhāram</i>	<i>arapuha-ran</i> ‘cabra’ <i>arapuha-ra’aw-ätä</i> (p. 34) ‘carneiro’	<i>arapuha ran</i>	<i>irapuharan ~ arapuharan</i>
327	cachorro	<i>záuár</i>	<i>zawar</i> (p. 303)	<i>zawar</i>	<i>zawar</i>
328	filho de cachorro	<i>zauarahýr</i>	<i>zawar-a’i</i> (p. 303)	<i>zawar rařr</i>	<i>zawar rařr</i>
329	macaco	<i>cahy</i> (N.: <i>kai</i>)	<i>ka’i</i> (p. 93)	<i>kař</i>	<i>kaři</i>
330	guariba	<i>máriu</i>	<i>wariw</i> (p. 285)	<i>wariw</i>	<i>wariw</i>
331	macaco cuxiú	<i>cáhyhú</i>	<i>ka’i-uhu</i> (94)	<i>kutihu</i>	<i>kutřihu</i>

			‘macaco grande’, ‘macaco caiçara’		
332	macaco sauí	<i>atámári</i>	<i>tamari</i> (p. 239)	<i>tamari</i>	<i>tamari</i>
333	macaco de cheiro	<i>cái-púzú</i>	<i>ka’i puzu</i> (p. 93)	<i>kař puzu</i>	<i>kař puzu</i>
334	quandu	<i>kuanú</i>	<i>kwanu</i> (p. 111) ‘porco espinho’	<i>kwanu</i>	<i>kwanu</i>
335	onça	<i>zauâruhú</i>	<i>zawar-uhu</i> (p. 303)	<i>zawar</i>	<i>zawaruhu</i>
336	gato	<i>pixán</i>	<i>pitzan</i> (p. 205)	<i>pixan</i>	<i>pixan</i>
337	raposa	<i>auárá</i>	<i>awara</i> (p. 41) ‘cachorro do mato, espécie de raposa’	<i>awara</i>	<i>awara</i>
338	anta	<i>tapihÿr káhápór</i>	<i>tapi’ir</i> (p. 240)	<i>tapiřr</i>	<i>tapiřr</i>
339	veado	<i>arapuhá</i> (N.: <i>arapuhá</i>)	<i>arapuha</i> (p. 34)	<i>arapuha</i>	<i>arapuha</i>
340	caitetu	<i>imâtá</i>	<i>imatä</i> (p. 73)	<i>imətə</i>	<i>imətə</i>
341	queixada	<i>tazáhu</i>	<i>tazahu</i> (p. 247)	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>
342	lontra	<i>záuákák</i>	<i>zawakák</i> (p. 303)	<i>zawakak</i>	-----
343	boto	<i>pirázauár</i>	<i>pira-zawar</i> (p. 200)	<i>pira zawar</i>	<i>pira zawar</i> (um bicho grande que ficava dentro d’água, embora não o tenham visto)
344	morcego	<i>amÿrá</i>	<i>anira</i> (p. 27)	<i>anÿra</i>	<i>ani ra</i>
345	rato	<i>amuzá</i>	<i>anguza</i> (p. 27)	<i>aŕuza ~ hamÿza ~ anuzá</i>	<i>aŕuza ~ hamÿza ~ anuzá</i>
346	coelho	<i>tapity</i>	<i>tapiti</i> (p. 241)	<i>tapiti</i>	<i>tapiti fi</i>
347	paca	<i>pak</i>	<i>pak</i> (p. 181)	<i>pak</i>	<i>pak</i>
348	tamanduá	<i>támánuá</i>	<i>tamanwa</i> (p. 238)	<i>tamanua</i>	<i>tamanua</i>
349	preguiça	<i>ahÿ</i>	<i>a’i</i> (p. 17) ‘preguiça’ <i>ran-ahÿ</i> ‘ser preguiçoso’	<i>ařÿ</i>	<i>ařÿ</i>
350	tatu	<i>tatu</i>	<i>tatu</i> (p. 244)	<i>tatu</i>	<i>tatu</i>
351	mucura	<i>micur</i>	<i>mÿkur</i> (p. 136)	<i>mÿkur</i>	<i>mÿkur</i>
352	amarelo	<i>táuá</i>	<i>tawa</i> (p. 245)	<i>tawa</i>	<i>tawa ~ izu</i>
353	azedo	<i>azáhÿ</i>	<i>azahÿ</i> (p. 45)	<i>azahÿ</i>	<i>hazahÿ ~ azahÿ</i>

354	bom	<i>catú</i>	<i>katu</i> (p. 98)	<i>katu</i>	<i>katu</i>
355	bonito	<i>katéhété</i>	<i>kateté ~ kate-eté</i> (p. 98)	<i>poraŋ ~ puraŋ</i>	<i>poraŋ ete ~ puraŋ ete</i>
356	beleza	<i>pórâng</i>	<i>purãng</i> (p. 214)	<i>katu ~ puraŋ</i>	<i>-puraŋaw</i>
357	brabo	<i>zârô</i>	<i>zâro...héhé</i> (p. 302) 'estar zangado, irritado' <i>pĩ'äiyu-wéé</i> (p. 191) 'zangado, nervoso, agitado'	<i>pãiw</i>	<i>hajte katu maže</i>
358	branco	<i>tín</i>	<i>tĩng</i> (p. 266)	<i>tiŋ</i>	<i>tiŋ</i>
359	comprido	<i>pucú</i>	<i>puku</i> (p. 212)	<i>puku</i>	<i>puku</i>
360	depressa	<i>náháréu</i>	<i>na'arêw</i> (p. 171)	<i>narew ažu</i>	<i>nažarew ahĩ ~ hajte ahĩ</i>
361	devagar	<i>méué</i>	<i>mêwê</i> (p.132)	<i>mewe katu ~ merej katu i</i>	<i>mewe katu</i>
362	encarnado ou maduro	<i>pýrãng</i>	<i>pirãng</i> (p. 200) 'estar vermelho, corado' <i>azu</i> (p. 47) 'bem madura, amarela, boa para comer'	<i>piraŋ</i> 'vermelho' <i>iazu</i> 'maduro'	<i>piraŋ</i> (vermelho) <i>iazu</i> (maduro)
363	inchado	<i>zékúrupé</i>	<i>hézun</i> (p. 62)	<i>hezun vizun</i>	<i>hezun</i>
364	preto	<i>pihun</i>	<i>pihun</i> (p. 195)	<i>pihun</i>	<i>pihun</i>
365	sujo ou baldeado	<i>týpyting</i>	<i>tĩpiťing</i> (p. 267) 'ser barrento, turvo' <i>ki'a</i> (p. 101)	<i>tepij ijiti kiža</i> 'baldeado', 'toldado'	<i>tepejtiŋ ~</i> (baldeado, toldado)
366	triste	<i>mumik</i>	<i>mu-mĩk</i> (p. 159) 'apertar, atar...' <i>zé-mu-mĩk</i> (p. 320) 'apertar-se, abotoar-se, fechar-se, estar triste, ter saudades, estar desanimado, estar estreito'	<i>azemomĩk</i> <i>uzemomĩk</i>	<i>azemomĩk</i> <i>uzemomĩk</i>
367	magro	<i>agáiu</i>	<i>angaíw</i> (26) 'magro, fraco'	<i>aŋaiw ~ aŋaiw</i>	<i>aŋaiw ~ aŋaiw</i>

368	muito bonito	<i>ikatéhété</i>	<i>kateté</i> ‘absolutamente’ (98)	<i>iporaŋ ete</i>	<i>iporaŋ ete ahi</i>
369	aqui	<i>ce</i>	<i>tzê</i> (276) ‘aqui, cá’	<i>se</i>	<i>se</i>
370	ali	<i>pepe</i>	<i>pê-p(é)</i> (184) ‘acolá’	<i>βépe ~ pepe</i>	<i>pepe</i>
371	longe	<i>muiti (N.: moitié): longe</i>	<i>muyté</i> (166)	<i>muíte</i>	<i>muíte</i>
372	por ahi	<i>kuérupi</i>	<i>kwé(y)-rupi</i> (103) ‘por aí’	<i>kwe rupi</i> <i>ŋwe rupi</i>	<i>kwe rupi</i>
373	pra cá	<i>pé</i>	<i>korupi</i> (p. 103) ‘por aqui’	<i>ko rupi</i> <i>sé mutír</i>	<i>ko rupi</i>
374	no meio	<i>mýtépé</i>	<i>mítêr</i> (p. p. 136)	<i>mítepe</i>	<i>mítepe</i>
375	fora	<i>cátúp</i>	<i>katupê</i> (p. 99) ‘fora de’	<i>katu pe</i>	<i>katup</i>
376	em certo tempo	<i>zêkuêhé</i>	<i>zêkwêhé</i> (p. 314) ‘houve uma vez, com o verbo à forma negativa’ <i>kuhê-mehé</i> (p. 106) ‘faz muito tempo’	<i>zekwehe</i> <i>kuhe mehē</i>	<i>zekwehe</i> <i>kuhe mehe</i> <i>zekaipo</i> <i>amo ar mehe</i> <i>zekaipo</i>
377	muito tempo	<i>imân</i>	<i>iman</i> (p. 73) ‘usado, velho, gasto, há tempo, faz tempo’	<i>kuhe aŋu mehē</i>	<i>kwehe</i>
378	para baixo ou salgado	<i>tumácáp</i>	<i>tuma-tza-pé</i> (p. 271) ‘rio abaixo’ (foz do rio)	<i>íwípe</i> (para baixo) <i>himĩk ahi</i> (salgado)	<i>íwípe</i> <i>ípípe</i>
379	instante ou momento	<i>ukuéi</i>	<i>kwéy</i> (p. 115) ‘em breve’	<i>naritĩk aramō</i>	<i>naritĩk ahi</i>
380	logo ou sempre	<i>tué</i>	<i>twé</i> (p. 27) ‘sempre, amiúde frequentemente...’	<i>tue</i>	<i>tueha rupí</i> (eternamente) <i>aŋi</i> (frequentemente)
381	talvez	<i>áruányhým</i>		<i>ereaŋu mehē</i>	<i>ruŋu</i>
382	alguma vez	<i>amo méhé</i>	<i>amo-méhé</i> (p. 25) ‘de quando em vez, às vezes, algumas	<i>amo mehē</i>	<i>amo ŋar mehe</i>

			vezes'		
383	então	<i>tamó</i>	<i>tamo</i> (p. 239) 'oxalá que, quem dera que'	<i>aʔe ru ʔu</i>
384	sim	<i>éré</i> (N.: <i>ajehá ramo</i>)	<i>êré</i> (p. 50) 'afirmação ou confirmação enfática' <i>azéha-ramo</i> (p. 46) 'sim, é certo, assim é'	<i>azeha ramo</i>	<i>heʔen</i> <i>azeha ramo</i> (<i>verdade</i>)
385	não	(N.: <i>naháne</i>)	<i>na-ani</i> (p. 171) não	<i>naní</i>	<i>nan</i>
386	eu	<i>ihêa</i>	<i>ihê</i> (p. 70)	<i>ihe</i>	<i>ihe</i>
387	tu ou você	<i>nêá, nêa</i>	<i>nê</i> (p. 175)	<i>ne ~ ene</i>	<i>ne</i>
388	este	<i>kóuá</i> (N.: <i>aejó</i>)	<i>ko</i> (p. 103) 'este, esta(s) isto isso – com movimento visível'	<i>ko</i> 'este, esta(s) isto isso – próximo, em movimento, visível'	<i>kó</i> 'este, esta(s) isto isso' – próximo, em movimento, visível'
389	nós	<i>zané</i>	<i>zanê</i> (p. 298) 'nós'	<i>zane</i>	<i>zane</i>
390	vocês	<i>pê</i>	<i>pê</i> (p. 184) 'vós, vocês'	<i>pehe</i>	<i>pe</i>
391	para mim	<i>ihéu</i> (N.: <i>ihéwe</i>)	<i>ihê-wê</i> (p. 70)	<i>ihe we</i>	<i>ihe we</i>
392	para ele	<i>ijupé</i> (N.: <i>ijupé</i>)	<i>i-zupê</i> (p. 90)	<i>izupe</i>	<i>izupe</i>
393	para eles	<i>uanupé</i>	<i>i-zupê</i> (p. 90)	<i>wən upe</i>	<i>wən upe</i>
394	comigo	<i>hêirurumu</i>	<i>iru-ramo</i> (p. 78)	<i>ihe iruramō</i>	<i>he inuromo</i> <i>he rupi</i>
395	quem?	<i>móuá</i>	<i>amo</i> (p. 24)	<i>amo</i>	<i>mo wə</i>
396	quanto	<i>márány</i> (N.: <i>mará'e</i>)	<i>maran</i> (p. 128)	<i>mərəni</i>	<i>mərəni</i>
397	abandar ou soprar	<i>pézú</i>	<i>pézu</i> (p. 190) 'soprar com a boca...abandar o fogo'	<i>pezu</i>	<i>pezu</i>
398	abrir	<i>pirar-pirár</i>	<i>pirar</i> (p. 200)	<i>pirar</i>	<i>pirar</i> <i>pí tǐ mǎʔok</i>
399	acabar	<i>mumáu</i>	<i>mu-maw</i> (p. 158) 'terminar, acabar,	<i>upaw ~ mumaw</i>	<i>upaw ~ mumaw</i>

			aprontar'		
400	acabou-se	<i>páú</i>	<i>paw</i> (p. 184) 'acabar, terminar de...'	<i>upaw</i>	<i>upaw kwej</i>
401	eu acredito	<i>aruzari</i>	<i>ruzar</i> (p. 234)	<i>aruzari</i>	<i>aruzari</i>
402	afogar	<i>amỹau</i>	<i>amĩ-amĩ'aw</i> (p. 23)	<i>-amiaw:miaw ~</i> <i>-zeamiaw:miaw</i>	<i>-amía:miaw ~</i>
403	ajuntar	<i>mõnõhõng</i>	<i>mono'ong</i> (p. 145)	<i>-monoʔoŋ</i>	<i>-monoʔoŋ</i>
404	amargar	<i>ak</i>	' <i>ak</i> (p. 18) 'amargo, amargoso' <i>iro(w)-ahĩ</i> (p. 78) 'muito amargo, amargoso'	<i>ʔak</i> 'cheiro ruim' <i>iroahĩ</i> (amargo)	<i>apereʔa</i> <i>iroahĩ</i> <i>iʔak</i> (cheiro de urina)
405	assentar	<i>pỹk</i>	<i>pĩk</i> (p. 195)	<i>-apĩk</i>	<i>-pĩk ~ -apik</i>
406	assenta	<i>apỹkỹ</i>	<i>a-pĩk</i> (p. 195)	<i>apĩk</i>	<i>apĩk</i>
407	atravessar	<i>úaháu</i>	<i>haw</i> (p. 55)	<i>-aháw ~ -asáw</i>	<i>-aháw</i> <i>-asáw (furar)</i>
408	banhar	<i>záhak</i>	<i>zahak</i> (p. 296)	<i>-zahak</i>	<i>-zahak</i>
409	bater com a mão	<i>kuár</i>	<i>kwar</i> (p. 112) ... 'bater com a mão'	<i>kwar</i> 'bater socando com a mão'	<i>-kwar</i> (bater com a mão socando)
410	beliscar	<i>pihanu</i>	<i>piham</i> (p. 194)	<i>piham</i>	<i>-pihám</i>
411	brigar	<i>tirõtiró</i>	<i>tiro-tiro-haw</i> (p. 268) 'guerra, briga'	<i>tereke hahĩ</i>	<i>-tiro:tiro</i> (caçar conversa, zoar, provocar)- <i>purukaíw</i> <i>-zerekwahĩ ahĩ</i>
412	brincar	<i>muçárái</i>	<i>zé-mu-tzaray</i> (p. 323)	<i>zemusaraj</i>	<i>-zemaraj</i> (para seres humanos) <i>-zemusaraj</i> (para animais)
413	cair	<i>ar</i>	' <i>ar</i> (p. 33)	<i>-ʔar</i>	<i>-ʔar</i>
414	eu caí	<i>ahár</i>	<i>a'ar</i> (p. 33)	<i>a-ʔar</i>	<i>-ʔar</i>
415	cantar	<i>zéngar</i>	<i>zé'ēngar</i> (p. 309)	<i>zeŋar</i>	<i>-zeŋar</i>
416	eu quero cantar	<i>azéhéngar</i> <i>putari</i>	<i>zé'ēngar</i> (p. 309) 'cantar' <i>putar</i> (p. 218)	<i>azeŋar putar</i> <i>azeŋar wer hia no</i>	<i>azeŋar wer</i> (eu quero cantar) <i>azeŋar putar</i> (eu

			‘querer’		vou cantar)
417	cheirar	<i>pỹ-tun</i>	<i>étun</i> (p. 51)	<i>-etun</i>	<i>etún</i>
418	chorar	<i>zâhôzô</i>	<i>zay’ô</i> (p. 305) ‘chorar’	<i>-zaj’ô zo</i>	<i>eza’ô zo</i>
419	comer	<i>mayú</i>	<i>may’u</i> (p. 130)	<i>-maj’u</i>	<i>-maj’u</i>
420	contar	<i>papár</i>	<i>papar</i> (p. 182)	<i>-papar</i> ‘contar número’ ~ <i>amunita</i> ‘contar’	<i>-papar</i>
421	correr	<i>zán</i>	<i>zan</i> (p. 298)	<i>-zan</i> ~ <i>-hĵ</i>	<i>-zan</i> ~ (o verbo <i>-hĵ</i> não é usado na região do Arame, somente em Barra do Corda)
422	eu corro	<i>azán</i>	<i>a-zan</i> (p. 298)	<i>azan</i> ~ <i>ahĵ</i>	<i>azan</i>
423	cortar	<i>kÿti</i>	<i>kĩti</i> (p. 102)	<i>-kiti</i>	<i>-kiti</i>
424	cortar ou corta	<i>mugái (N.ekĕci)</i>	<i>mungay</i> (p. 161)	<i>muŋaj</i>	<i>-muŋaj</i>
425	criar	<i>mugákuáu</i>	<i>mu-zé-hu</i> (p. 167) ‘criar’	<i>muŋakwaw</i>	<i>-muŋakwaw</i> <i>-muzehukara</i>
426	criar muito	<i>múzêhú</i>	<i>mu-zé-hu</i> (p. 167) ‘criar’	<i>makwaw pitik</i>	<i>-muzehu kara</i> <i>tete</i> <i>a’u</i>
427	dançar	<i>páráçêi</i>	<i>paratzêy</i> (p. 183)	<i>p#nik</i> ~ <i>parasej</i> (palavra antiga)	<i>-p#nik</i>
428	eu dou-te	<i>amónó néu (N.: emêe=de)</i>	<i>a-mono nê-wê</i> (p. 144)	<i>amono</i>	<i>amono ne we</i>
429	deitar	<i>au</i>	<i>’aw</i> (p. 39) ‘deitar- se’	<i>’aw</i>	<i>-’aw</i> ~ <i>-zerew</i>
430	derramar	<i>uhók, kuók</i>	<i>zuhên</i> (p. 333)	<i>kuok</i> (derramar acidentalmente) <i>zuhem</i> (derramar voluntariamente)	<i>-zakohok</i> <i>-kuok</i> <i>-zuhem</i>
431	eu derramo	<i>akóki</i>	<i>a-zuhên</i> (p. 333)	<i>akuok</i> <i>azuhem</i>	<i>ihe azakohok</i> <i>akuok</i>

432	descascar	<i>pirók</i>	<i>pirók</i> (p. 201)	<i>-pirok</i>	<i>-pirok</i> (tirar a pele de alguma coisa)- <i>peʔok</i> (descascar)
433	descer	<i>výzýu</i>	<i>wizíw</i> (p. 293)	<i>-wízáw</i>	<i>wezíw ~ wízáw</i>
434	dormir	<i>ker</i> (N. <i>zakéra</i> = <i>vamos d.</i>)	<i>kér</i> (p. 100)	<i>-ker</i>	<i>-ker</i>
435	empurrar	<i>muázam</i>	<i>mu-zan</i> (p. 166) 'fazer correr, deslizar, empurrar'	<i>-muəzan ~</i> <i>-muzan</i>	<i>məzan</i>
436	enterrar	<i>tým</i>	<i>tím</i> (p. 266)	<i>-tím ~</i> <i>zatiu</i>	<i>-tím</i> <i>-zatáw</i>
437	errar	<i>zauȳ</i>	<i>zawĩ</i> (p. 304)	<i>-zawi</i>	<i>zawí</i>
438	eu erro	<i>azauȳ</i>	<i>a-zawĩ</i> (p. 304)	<i>azawi</i>	<i>azawí</i>
439	escuta	<i>no?</i>	<i>énu</i> (p. 49)	<i>enu</i>	<i>enu</i>
440	experimentar	<i>Ang</i>	<i>a'āngaw</i> (p. 15)	<i>-aŋaw</i>	<i>-aŋaw</i>
441	fala	<i>zehéng</i>	<i>ze'ēng</i> (p. 309)	<i>-zeʔeŋ</i>	<i>-zeʔéŋ</i>
442	fazer	<i>zapó</i> (N.: <i>ezapó=faça</i>)	<i>zapo</i> (p. 300)	<i>-zapo</i>	<i>-iapo ~ zapo</i>
443	ficar	<i>pýtá</i>	<i>píta</i> (p. 202)	<i>-píta</i>	<i>-píta</i>
444	ficar sério ou zangar	<i>kuáhỹ</i>	<i>ahĩ-ahĩ</i> (p. 17)	<i>kuahi</i>	<i>-kwahi katu</i>
445	eu fumo	<i>pýtér</i>	<i>pitêr</i> (p. 203)	<i>-pítĩmu</i>	<i>-pítĩmu</i>
446	furar	<i>cutuc</i>	<i>kutuk</i> (p. 109)	<i>-kutuk ~</i> <i>-uasaw</i>	<i>-kutuk</i> <i>-asaw</i>
447	gracejar	<i>túrýu</i>	<i>turíw</i> (p. 273)	<i>turíw</i> (alegria, ser alegre, estar alegre)	<i>turíw etehaw</i>
448	guarda bem	<i>émónó catú</i>	<i>mono-katu</i> (p. 145) 'guardar, conservar'	<i>emono katu</i>	<i>emono katu</i>
449	vai	<i>ehó</i> (N. <i>zahá</i>): <i>vamos</i>	<i>ehó</i> (p. 63)	<i>eho</i>	<i>eho</i>
450	largar ou soltar	<i>puir</i>	<i>pu'ír</i> (p. 212)	<i>-pu'ír</i>	<i>-pu'ír</i>
451	levantar ou estar em pé	<i>tuám</i>	<i>pu'am</i> (p. 211)	<i>-puʔəm</i>	<i>-puʔəm</i>
452	ligar ~ grudar	<i>mông</i>	<i>mông</i> (p. 143) 'grudado, pregado,	<i>-zomoŋ</i>	<i>-zomoŋ</i>

			pegajoso, que gruda, que cola'		
453	ligamento ou ligar	<i>pomopómong</i>	<i>po-mōng</i> (p. 208) 'grudar, ser pegajoso, visgo, grude, cola'	<i>-pomo:pomoŋ</i>	<i>-zomo:zomoŋ</i>
454	limar, ralar, esfregar	<i>kýtŷk</i>	<i>kítŷk</i> (p. 102)	<i>-kítŷk</i>	<i>-kítŷk</i>
455	mandar	<i>mono</i>	<i>mono</i> (p. 144)	<i>-mono ~ -mono kar</i>	<i>-mono (kar)</i>
456	meter ou vestir	<i>muníhéu</i>	<i>mu-néhêw</i> (p. 160)	<i>-muneheu</i>	<i>-mínehew ~ -munehew</i>
457	morder	<i>tiú</i>	<i>ti'ú</i> (p. 269)	<i>-tŷiú</i>	<i>-tŷiu</i>
458	morrer	<i>manú</i>	<i>mano</i> (p. 126)	<i>-mano</i>	<i>-mano ~ mano</i>
459	mudar ou transportar	<i>munýrŷk</i>	<i>mu-nirŷk</i> (p. 161)	<i>-munírŷk</i>	<i>-munírŷk</i>
460	eu mudo	<i>amunýrŷk</i>	<i>a-munirŷk</i> (p. 161)	<i>amunírŷk</i>	<i>amunírŷk</i>
461	olhar ou acordar	<i>máhê</i>	<i>ma'ê</i> (p. 117)	<i>-meŷe</i>	<i>-meŷe</i>
462	passar	<i>cutŷar</i>	<i>zé-kutŷar</i> (p. 313)	<i>-zekutŷar</i>	<i>-zekutŷar</i>
463	pesar	<i>puhŷi</i>	<i>puhŷy</i> (p. 211)	<i>-puhŷj</i>	<i>-puhŷj</i>
464	pilar ou socar	<i>çok</i>	<i>tzo-tzôk</i> (p. 277)	<i>-zosok</i>	<i>-sok ~ -zosok ~ -dosok</i>
465	pintado ou escrever	<i>pinim</i>	<i>pinim</i> (p. 197)	<i>pinim</i>	<i>-pinim</i>
466	pisar muitas vezes	<i>pyróapirōng</i>	<i>pŷro-pŷrōng</i> (p. 201)	<i>piro:piroŋ</i> <i>piroŋ tete</i>	<i>-piro:piroŋ</i>
467	puxar	<i>mutŷk</i>	<i>mu-tŷk</i> (p. 165)	<i>-mutŷk</i>	<i>-mutŷk</i>
468	quebrar	<i>péu</i>	<i>pên</i> (p. 187)	<i>-mupen</i>	<i>-pen ~ -mupen</i>
469	querer	<i>putár</i>	<i>putar</i> (p. 218)	<i>-putar</i>	<i>-putar</i>
470	eu quero	<i>aputá</i>	<i>a-putar</i> (p. 218)	<i>-putár</i>	<i>aputar</i>
471	queimar	<i>kai</i>	<i>kay</i> (p. 100) <i>api</i> (p. 29)	<i>-api</i> 'queimar transitivo'	<i>-kaj ~ -api</i>
472	rasgar	<i>múia</i>	<i>mu'i</i> (p. 155)	<i>-muř</i>	<i>-muř</i>
473	roçar	<i>káhápetík</i>	<i>ka'a péték</i> (p. 92)	<i>-kařa petek</i>	<i>-kařa petek ~ -petek</i>
474	roçar	<i>cupir</i>	<i>kupir</i> (p. 107)	
475	roncar ou respirar	<i>kéramú</i>	<i>kêr-amu</i> (p. 100)	<i>-keramu</i> <i>-pituhe</i>	<i>-keramu</i> 'roncar'

					<i>-pituhem</i> 'respirar'
476	roubar	<i>munár</i>	<i>munar...rehé</i> (p. 160)	<i>-munar</i>	<i>-munar</i>
477	sacudir	<i>momór</i>	<i>mo-môr</i> – 'jogar com força, lançar, arremessar...' (p. 142) <i>mo-tohõng</i> (p. 149) 'sacudir, agitar'	<i>momor</i> 'arremessar' <i>-motohoŋ</i> 'sacudir'	<i>momor</i> 'jogar arremessando' <i>-mutuhuŋ</i> 'sacudir'
478	sacudir muitas vezes	<i>motôhôtôhory</i>	<i>mo-toho-tohõng</i> (p. 149) 'sacudir violentamente'	<i>-motoho:tohoŋ</i> ~ <i>-motohoŋ</i>	<i>-mutuhu:tuhuŋ</i>
479	sair	<i>hem</i>	<i>hêm</i> (p. 58)	<i>-hem</i>	<i>-hem</i>
480	saltar	<i>pór</i>	<i>pôr</i> (p. 209)	<i>-por</i>	<i>-por</i>
481	saltar muitas vezes	<i>pópór</i>	<i>popor</i> (p. 209) 'dar pulos'	<i>-popor</i>	<i>-popor</i>
482	eu salto	<i>apor</i>	<i>a-pôr</i> (p. 209)	<i>apor</i>	<i>apor</i>
483	secar	<i>tinin</i>	<i>tinŋ</i> (p. 266)	<i>-tiniŋ</i>	<i>-tiniŋ</i> <i>-tápaw</i> 'secar o rio'
484	sonhar	<i>púahȳ</i>	<i>puayhu</i> (p. 211)	<i>-puaíhu</i>	<i>-kerpuahu</i> ~ <i>-kepuahu</i>
485	soprar ou buzinar	<i>pȳ</i>	<i>pĩ</i> (p. 190)	<i>-zupí</i>	<i>-pĩ</i> ~ <i>zupí</i>
486	surrar	<i>péték</i>	<i>péték</i> (p. 189)	<i>-petek</i>	<i>-petek</i>
487	suspender	<i>piri</i>	<i>pir</i> (p. 199)	<i>-pir</i>	<i>-pir</i>
488	suvino	<i>katȳhým</i>	<i>kāti 't-ma'ê</i> (p. 98) 'avarento, egoísta'	<i>kāti?im</i>	<i>hekāti?im aze ma?e</i>
489	eu tenho	<i>arekó</i> (n.: <i>arekó</i>)	<i>a-rêko</i> (p. 226)	<i>areko</i>	<i>areko</i>
490	tocar	<i>mupú</i>	<i>mo-pu</i> (p. 147)	<i>zema?e mupu</i>	<i>-mupu</i> ~ <i>zema?e -mupu</i>
491	varrer	<i>pêir</i>	<i>pêir</i> (p. 186)	<i>peir</i> ~ <i>piir</i>	<i>-peir</i>
492	venha	<i>ézuri</i>	<i>é-zur(i)</i> (p. 335)	<i>ezur</i>	<i>ezúr</i>
493	ver	<i>çak</i>	<i>étzak</i> (p. 51)	<i>esak</i>	<i>-esák</i>
494	voltar	<i>zỹuȳr</i>	<i>ziwĩr</i> (p. 330)	<i>-ziwĩr</i> ~	<i>zewĩr</i>

495	zangar	<i>pȳáiu</i>	<i>pī'áiyu</i> (p. 191) 'estar zangado com...'	<i>-piəʔw</i>	<i>-piəʔw</i> 'desconfiar'
496	de manhã cedo	<i>pȳháuété</i>	<i>pī-haw-été</i> (p. 194)	<i>pihawate ahi</i>	<i>-pīhawete ahi</i>
497	em certo tempo, disque	<i>zēkuéhé</i>	<i>zēkwéhé</i> (p. 314) 'houve uma vez', com o verbo à forma negativa'	<i>zekwehe</i> <i>kuhe mehē</i> (em certo tempo) <i>ze ~ aze</i> 'disque'	<i>zekwehe ~</i> <i>kuhe mehe</i> (em certo tempo)
498	é certo	<i>azehárumu</i>	<i>azéha-ramo</i> (p. 46) 'sim, é certo, assim (é), é verdade'	<i>azeha ramo</i>	<i>azeharomo</i> <i>hamete</i>
499	estou triste	<i>azémumik</i>	<i>zé-mu-mīk-ahī</i> (p. 320) 'estar triste, pensando, imaginando, quieto.. '	<i>zelumik ahi</i>	<i>azelumik ahi</i>
500	por onde	<i>mórupi</i>	<i>ma'é-rupi</i> (p. 123)	<i>maʔe rupi</i>	<i>-maʔe rupi</i>
501	peido	<i>pȳuú</i>	<i>tépiño</i> (p. 260)	<i>pīno ~ pīnu</i>	<i>-pīno</i>
502	mentira	<i>muém</i>	<i>mu-ém</i> (p. 153) 'mentir...' <i>mu'émax</i> (p. 153) 'mexericos, mentiras...'	<i>muʔem</i>	<i>-muʔem</i>
503	trabalho	<i>muráukȳ</i>	<i>purawkī</i> (p. 214)	<i>-purakī</i>	<i>-maʔereko</i> <i>-murakī</i> (uso raríssimo, mesmo entre os mais velhos)
504	penna ou podridão	<i>nem</i>	<i>ném</i> (p. 176)	<i>-nem</i>	<i>-nem</i> 'cheiro ruim da coisa fétida'
505	tesoura	<i>zēápináu</i>	<i>zé-pinaw</i> (p. 307)	<i>zupinaw</i>	<i>-zepinaw</i>
506	ciúme	<i>teuȳró</i>	<i>téwīro</i> (p. 262)	<i>tiwīro</i>	<i>tewīro ~ hewīro</i> <i>~ rewīro</i>
507	preguiça	<i>nahȳ</i>	<i>a'i ~ ran-a'i</i> (p. 17)	<i>-ranahī</i>	<i>-ranahī</i>
508	vergonha	<i>ti</i>	<i>ti</i> (p. 263) 'pudor, vergonha...'	<i>anuti ~</i> <i>-maranuʔara wéra</i>	<i>-maranuʔara</i> <i>wér (a)</i> <i>-anuti</i>

					‘vergonha de mostrar algo’
509	cangote	<i>tua</i>	<i>atua</i> (p. 38)	<i>atua</i>	<i>-atua</i>
510	cangote de algum	<i>atuá</i>	<i>atua</i> (p. 38) ‘occipício, cogote, parte posterior do crâneo’	<i>iatua</i>	<i>iatua</i>
511	muito barulho	<i>puahỹ</i>	<i>puzérãng</i> (p. 226) ‘fazer barulho’	<i>puderan</i> <i>p̣ɛ̀ərən</i>	<i>pureran</i> <i>ipu</i> ‘barulho emitido pelas folhas secas no mato’
512	arupema	<i>irupém</i>	<i>irupém</i> (p. 78) ‘peneira’	<i>irupem</i> ‘peneira’	<i>ir̥ipem</i> ‘peneira’
513	extrato ou cheiro	<i>maéogahuén</i>	<i>ma’ê-riäkwên-ahĩ</i> (p. 123) ‘coisa heirosa, perfume’	<i>-rikwen</i>	<i>eakwén</i> ~ <i>heakwén</i> ~ <i>reakwén</i>
514	escada	<i>mỹtá-mỹtá</i>	<i>mĩta-mĩta</i> (p. 136)	<i>m̥ta:m̥ta</i>	<i>m̥ta:m̥ta</i>
515	assobio de algum	<i>tymuzéhén</i>	<i>timĩ-zé’ēng</i> (p. 266)	<i>t̥muzeʔen</i>	<i>tumuzeʔen</i> ~ <i>tumuzeʔeŋ</i>
516	forçudo	<i>kỹrymáu mahé</i>	<i>kĩrĩmaw-ma’ê</i> (p. 102)	<i>k̥r̥ĩmaw maʔe</i> (homem fazedor de força) <i>awa kəŋikəŋ</i>	<i>-kaŋ maʔe</i>
517	lugar de prender, cadeia	<i>zêpỹhỹkáu</i>	<i>zé-pĩhĩk-haw</i> (p. 327)	<i>p̥h̥ĩkahaw</i>	<i>-zemunehepaw</i>
518	coceira	<i>zuhár</i>	<i>zuhar</i> (p. 333)	<i>juhar</i> ~ <i>zuhar</i>	<i>-zuhar</i>
519	chave	<i>patuápirár-háu</i>	<i>ukên-pira-haw</i> (p. 280) ‘a chave, o fecho da porta’	<i>ukenpirarahaw</i>	<i>-uken</i> <i>heəp̥h̥ĩmaw</i>
520	chifre	<i>ák</i>	‘ák (p. 18) chifre de boi	<i>ʔak</i>	<i>ʔak</i>
521	vela	<i>tupã ratá</i>	<i>tupã-rata</i> (p. 272) ‘vela, círio (fogo de Deus)’	<i>tupan rata</i>	<i>tatainĩ</i>
522	água cheirosa	<i>maérykuén</i>	<i>ma’ê-riäkwên-ahĩ</i> (p. 123) ‘coisa heirosa,	<i>ʔĩ rikwen ahĩ</i>	<i>ʔĩriakwen</i>

			perfume'		
523	galinheiro	<i>zapúkáiipari</i>	<i>zapukáy</i> (p. 301) 'galinha' <i>pari</i> (p. 183) 'cacuri, curral para prender o peixe, cerca, parede'	<i>zapuka j pari</i>	<i>zapukaj pari ~ zapukaj kerahaw</i>
524	alegria	<i>túryu</i>	<i>turíw</i> (p. 273) 'estar alegre, alegrar-se, divertir-se, regozijar-se, alegria, gozo, felicidade'	<i>uríw ~ ruríw ~ huríw ~ turíw</i>	<i>uríw ~ ruríw ~ huríw ~ nuríw ~ turíw</i>
525	lembrança	<i>mârâinguer</i>	<i>pí'a...hehé</i> (p. 190-191) 'pensar em, estar sentido, ter pena de, lembrar-se de ...'	<i>ipířa hehe</i>	<i>-ma ře nukwaw</i>
526	resto	<i>kurér</i>	<i>kurêr</i> (p. 108) 'resto, o que sobra'	<i>kurer</i>	<i>-kurer</i>
527	lombriga	<i>amirikúr</i>	<i>amirikur</i> (p. 23)	<i>mirikur</i>	<i>mirikur</i>
528	fim	<i>izapyr</i>	<i>upaw</i> (p. 280) 'acabou-se, terminou, pronto'	<i>iapír 'ponta'</i> <i>upaw</i>	<i>heře</i>

9.1.2 Algumas observações sobre o léxico comparado

As listas de palavras contrastadas acima permitem a observação de que nos últimos cem anos, as variedades Tenetehára mudaram muito pouco em termos lexicais, seja na forma fonológica das palavras seja na semântica destas. Em suma, as principais mudanças diferenciadoras do Tembé e do Guajajára são apresentadas a seguir.

9.1.2.1 Reduções fonológicas

As palavras seguintes sofreram reduções fonológicas que implicaram redução do número de sílabas das palavras originais.

Tembé e Guajajára

N°	PORTUGUÊS	TEMBÉ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
05	pedaço	<i>péhénguér</i>	<i>péhéngwêr</i> (186)	<i>-peɽwɛr</i>	<i>-peɽwɛr</i>
39	tripas de alguém	<i>týekuér</i>	<i>týê kwɛr</i> (270)	<i>tíkwer</i>	<i>-tíkwer</i> <i>-híkíkwer</i>
40	barriga	<i>týêhú</i>	<i>týê</i> (230) ~ <i>rýê</i> 'barriga'	<i>tíe</i> ~ <i>tíje</i>	<i>tíje</i> ~ <i>híje</i> ~ <i>ríje</i>
48	pescoço	<i>herupykã</i>	<i>ayrupĩ</i> (45) 'cangote, nuca' <i>ayrupikãng</i> (45) 'vertebras do pescoço'	<i>-ajrupĩ</i> ~ <i>arupĩ</i>	<i>-azuʔw̃</i> ~ <i>-aruʔw̃</i> <i>-arupĩ</i> (só os mais velhos)
49	carne	<i>ó</i>	<i>'ó</i> (180)	<i>roʔo kwɛr</i> <i>-ro kwɛr</i>	<i>-maʔe rukwɛr</i> <i>maʔe rokwer</i>
135	carne de peixe	<i>pirárohókuér</i>	<i>ma'ê-</i> <i>rookwêr</i> (180) 'carne em geral' <i>pira</i> (199) 'peixe'	<i>pira rokwer</i>	<i>-pira roʔokwer</i>

Note-se que reduções como as relativas à palavra carne PT *-oʔo > o são comuns na família Tupí-Guaraní (Rodrigues e Cabral, comunicação pessoal), sobretudo quando parte de compostos ou quando recebem sufixos. Mas observamos que nem todas as mudanças foram totais, como por exemplo, a palavra para 'tripas' ainda se mantém em Tembé, isoladamente, assim como a forma *-oʔo* também se mantém nesta língua.

O Guajajára parece ter sofrido mais reduções do que o Tembê, mas é ainda cedo para uma afirmação nesse sentido. Alguns exemplos em que só o Guajajára mostra formas reduzidas são:

N°	PORTUGUÊS	TEMBÊ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
111	algodão	<i>amanijú (N.: manyjú)</i>	<i>amanizu (23)</i>	<i>amaniju</i>	<i>manezu</i>
151	lugar do fogo	<i>tátápáú</i>	<i>tatá-upaw (244) 'fogão'</i>	<i>tata upaw</i>	<i>tata paw</i>
412	brincar	<i>muçarái</i>	<i>zé-mu-tzaray (323)</i>	<i>zemusaraj</i>	<i>-zemaraj (para seres humanos)</i> <i>-zemusaraj (para animais)</i>
166	mingau	<i>mýgauí</i>	<i>mĩnga'u (135)</i>	<i>miɲaɽu</i>	<i>miɲaw</i>

Notamos que a palavra para ‘brincar’ apresenta variação, de forma que aqui a forma reduzida é apenas um das possibilidades de pronunciar essa palavra.

9.1.2.2 Mudança por aumento da forma fonológica da palavra

No exemplo seguinte, o nominalizador *-haw* foi reinterpretado como *-ahaw*, de forma que o esperado *karukaw* ‘lugar de mijar’ agora tem uma sílaba a mais na variedade do Guajajára contemplada.

N°	PORTUGUÊS	TEMBÊ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
108	mijador	<i>kárúkáu</i>	<i>karukaw (98) 'urinol'</i>	<i>karukahaw</i>	<i>kaɽa karukaw</i> <i>kaɽa karukahaw</i>

9.1.2.3 Mudança vocálica sem redução do número de sílabas

Os exemplos seguintes mostram mudanças vocálicas que não implicaram reduções silábicas:

Nº	PORTUGUÊS	TEMBÉ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
24	peito	<i>pŷá</i> (N.: <i>hepučjá</i>)	<i>puti'á</i> (219)	<i>-pitiʔa</i>	<i>-pʔiʔa</i>
44	os sexos	<i>nêrapiá</i> (N.: <i>membrum mul. temo: sexo de alg.</i>)	<i>rä'ĩ</i> (y) (221) 'órgãos genitais da mulher' <i>kuza-réhi'i</i> (110) 'vagina' <i>temo</i> (257) 'pênis'	<i>-rəʔəj</i> (vagina) <i>temo: 'pênis'</i>	<i>tʔiʔj ~ riʔj ~ hiʔj</i>
154	vassoura	<i>tâpíháú</i>	<i>tĩpéir</i> (267)	<i>tĩpʔhaw</i>	<i>tepeir haw</i>
112	fio de algodão	<i>inimó</i>	<i>inimó</i> (fio) <i>inêmo</i> (74) 'fio de algodão'	<i>nemo ~ inimo</i>	<i>inemo</i>
115	peneira	<i>yrupẽm</i>	<i>irupẽm</i> (78)	<i>irupem</i>	<i>i rípem</i>
137	casa	<i>tâpũyi</i>	<i>tapĩy</i> (241)	<i>tĩpʔj</i>	<i>tĩ pʔj</i>
184	tabaco	<i>pŷtĩm-piár</i>	<i>pétĩm-piar</i> (189)	<i>pʔĩ piár</i>	<i>petĩm piár</i>
186	cigarro	<i>pŷtĩm</i>	<i>pétĩm</i> (189)	<i>pʔĩm</i>	<i>-petĩm</i>
187	fumar	<i>pŷtér</i>	<i>pétĩm-pitér</i> (203)	<i>pʔĩmu</i>	<i>-pĩ tĩmu</i>
170	moquiado	<i>kêhé</i>	<i>kä'ê</i> (93)	<i>keʔe</i>	<i>-maʔe keʔe</i>
171	moquia	<i>êmukêê</i>	<i>mukä'ê</i> (156)	<i>ərukəʔe</i>	<i>emukeʔe nehe</i>
461	olhar ou acordar	<i>mâhê</i>	<i>ma'ê</i> (117)	<i>-meʔe</i>	<i>-meʔe</i>
512	arupema	<i>irupẽm</i>	<i>irupẽm</i> (78) 'peneira'	<i>irupem</i> 'peneira'	<i>irípem</i> 'peneira'

9.1.2.4 Conservadorismos

Alguns dados apresentam elementos conservadores como os seguintes:

N°	PORTUGUÊS	TEMBÉ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
30	unha	<i>puapê</i> (N.: <i>hepoepó</i>)	<i>pé</i> (185) ‘ <i>unhas, casca</i> ’	<i>-poəpen -poape ~ -pe ~ -pen ~ -piŋpe</i>	<i>-poəpe</i>
36	unha dos pés	<i>pyápé</i>	<i>pĩ-hã-pê</i> (194)	<i>-piəpen ~ -piŋpen ~ piŋpe -piŋpe</i>	<i>-piəpe</i>
46	coxa	<i>heú</i>	<i>’u</i> (278) <i>hê’u</i> (278) ‘ <i>minha coxa</i> ’	<i>-ŋij pi</i> <i>he -ŋij pi</i> (minha coxa)	<i>he renenupi</i> (minha coxa) <i>henenupi</i> (coxa dele) <i>-enenupi</i> (coxa)
412	brincar	<i>muçarái</i>	<i>zé-mu-tzaray</i> (323)	<i>zemusaraj</i>	<i>-zemaraj</i> (para seres humanos) <i>-zemusaraj</i> (para animais)
111	algodão	<i>amanijú</i> (N.: <i>manyjú</i>)	<i>amanizu</i> (23)	<i>amaniju</i>	<i>manezu</i>

A presença de um *n* final na palavra para ‘unha’ parece ser um resquício da fase do Tenetehára em que essa palavra era nasal. A palavra para coxa do Tembê é a palavra original do PTG, mas não a do Guajajára. A presença de um *s* na palavra para brincar, tanto a coletada por Boudin quanto a coletada por Silva corresponde a um traço que poderia ser interpretado como conservador das duas variedades, mas que deve ser reminescente do contato de Teneteháras com o Tupinambá ou com a Língua Geral Amazônica. Finalmente, a presença de um *j* na palavra para algodão no Tembê é muito provavelmente o som [dʒ] que ainda persiste na fala de alguns quando a vogal seguinte é uma vogal alta.

9.1.2.5 Variações de forma

É de se esperar que em línguas que sofrem processo de enfraquecimento de uso as variações sejam muitas. Essas variações podem ser de natureza redutora, mas não

necessariamente. As variações ilustradas abaixo são principalmente decorrentes de mudanças de forma que resultaram em reduções, assimilações e simplificações de várias naturezas.

Exemplo de simplificação pode ser visto através da variação na pronúncia da palavra para pilão (160), em que o som mais marcado η é substituído por sons menos marcados, m e n .

N°	PORTUGUÊS	TEMBÉ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
33	joelho	<i>pêránāng</i>	<i>-pénārāng (187)</i>	<i>-pinərə ~ -penərəŋ</i>	<i>-penərəŋ</i>
66	minha avó	<i>záryi</i>	<i>zarĩ (302)</i>	<i>-darĩj ~ - zarĩj[dzarĩj]</i>	<i>-zarĩj</i>
94	sapateiro	<i>zapatúápóhár</i>	<i>zapatu (299) 'sapato, calçado'</i>	<i>pĩrĩharpoapoha r sapatiapohar ~ zamatoapohar (fazedor de tamanco) zamato 'tamanco'</i>	<i>-pĩ rehehariapohar -pĩ pehariapohar</i>
112	fio de algodão	<i>inimó</i>	<i>inimó (fio) inêmo (74) 'fio de algodão'</i>	<i>nemo ~ inimo</i>	<i>inemo</i>
160	pilão	<i>imúá</i>	<i>ingu'a (74)</i>	<i>-muŋa ~ inuŋa</i>	<i>iŋuŋa</i>
161	mão de pilão	<i>imúáázár</i>	<i>ingu'a-wazar (74)</i>	<i>-muŋa wazar</i>	<i>iŋuŋa wazar</i>
248	espinho	<i>zú</i>	<i>tzu (277)</i>	<i>su ~ zu</i>	<i>su</i>
319	sabiá	<i>auizá</i>	<i>awiza (42)</i>	<i>awiza ~ awidza</i>	<i>hawiza ~ hawidza</i>
345	rato	<i>amuzá</i>	<i>anguza (27)</i>	<i>aŋuza ~ hamũza ~ anuza</i>	<i>aŋuza ~ hamũza ~ anuza</i>

9.1.2.6 Empréstimos

Nota-se que alguns empréstimos do português podem ser encontrados como os a seguir apresentados:

N°	PORTUGUÊS	TEMBÉ			GUAJAJÁRA
		CYRIACO BAPTISTA (1932)	BOUDIN (1966)	SILVA (2009-2010)	SILVA (2009-2010)
120	cana braba/frecheira	<i>iuyúá</i>	<i>kan</i> (96) 'cana de açúcar'	<i>kaníran</i>	<i>uíwa ~ kaníran</i>
128	canoa	<i>iár</i> (N.: <i>yá</i>)	<i>iar</i> (68) 'cascom, canoa'	<i>iar</i>	<i>kanu</i> (canoa) <i>uapohu</i> (barco)
129	remo	<i>kuipytáu</i>	<i>pikwi-taw</i> (196)	<i>kupítaw</i> <i>píkujtaw</i>	<i>-hem</i>
133	agulha	<i>aúiu</i>	<i>awiw</i> (42)	<i>awiw</i>	<i>aɲuj</i>
136	peixe salgado	<i>ipirázukȳr</i>	<i>pira-zukĩr</i> (200)	<i>pira zukĩr</i>	<i>-pira as -zukĩr</i> (usado em outras regiões, mas não no Arame)
138	tolda	<i>zápá</i>	<i>zapaw</i> (299) 'toldo'	<i>iarí pĵj</i>	<i>kanu rĵpĵj</i>
142	porto	<i>iarúpáu</i>	<i>ia-rupaw</i> (69) 'porto, ancoradouro'	<i>iar rupaw</i>	<i>kanu pĵahaw</i>
183	sal	<i>zukȳr</i>	<i>zukĩr</i> (334)	<i>zukĩr</i>	<i>sa</i>
331	macaco cuxiú	<i>cáhyhú</i>	<i>ka'i-uhu</i> (94) 'macaco grande', 'macaco caiçara'	<i>kutihu</i>	<i>kut fihu</i>

9.2. O léxico Tenetehára em comparação com outras línguas da família Tupí-Guaraní

9.2.1. O léxico Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV

Nesta seção comparamos palavras das duas línguas Tenetehára com palavras correspondentes nas demais línguas que compõem o sub-ramo IV. A idéia é verificar em que o Tenetehára difere das demais línguas e em que extensão seu léxico é próximo do das línguas do sub-ramo IV.

O quadro da página seguinte a comparação entre 200 itens lexicais de línguas do sub-ramo IV.

Comparação entre o léxico Tenetehára e o das demais línguas do sub-ramo IV

Quadro 95 – Quadro lexical comparativo 4

	GLOSSA	TURI	TEMBÉ	GUAJAJ	ASURIN. DO TOC.	PARAK	SURUÍ	AVÁ-C	TAPIRAPÉ
01	<i>eu</i>	<i>ihé</i>	<i>ihé ~ i3e</i>	<i>ihé ~ i3é</i>	<i>sé ~ tsé tʃé ~ ʃe</i>	<i>itʃé ~ʃe</i>	<i>iʃé</i>	<i>tʃi (T) sé ~ ʃé ~ tʃé (A)</i>	<i>ié</i>
02	<i>nós (incl.)</i>	<i>ñandé</i>	<i>zané dané dzané</i>	<i>zané dane d3ané</i>	<i>sene</i>	<i>tʃené ~ʃené</i>	<i>sene</i>	<i>jane</i>	<i>tʃané</i>
03	<i>nós (excl.)</i>	<i>uré</i>	<i>uré</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>ore</i>	<i>até</i>
04	<i>você</i>	<i>ené</i>	<i>né ené</i>	<i>né ené</i>	<i>né</i>	<i>ené</i>	<i>ené</i>	<i>ene, ne nitō</i>	<i>ané</i>
05	<i>vocês</i>	<i>pe</i>	<i>pe</i>	<i>pé ~ pén</i>	<i>pé ~ pén</i>	<i>pé ~ pén</i>	<i>pé ~ pén</i>	<i>pé ~ pén</i>
06	<i>um</i>	<i>peteĩ</i>	<i>pità'y</i>	<i>pite'y</i>	<i>osepé</i>	<i>otʃepet fowe</i>		<i>enepenō ɽ'j</i>	<i>ãtʃepé</i>
07	<i>dois</i>	<i>mokōj</i>	<i>mokōj ~ mukúj</i>	<i>mokój mukúj</i>	<i>mokój</i>	<i>mokój</i>		<i>mokōj</i>	<i>mokōj</i>
08	<i>três</i>	<i>moapír</i>			<i>n-∅-iró-j</i>	<i>n-∅- iró-j</i>		<i>mlpíg</i>	<i>maãpyt ~ maãpyr</i>
09	<i>quatro</i>								<i>xairō</i>

10	cinco								íṅānirōj
11	peito	potfiʔá	-pʔfiá	-pʔfiá	-poti'á	- potfiʔá	-putfiá	-potia (N)	-pātfiā
12	olho	-ehá	-ehá	-ehá	-ehá	-eʔá	-ehá	-éa	-eā
13	mulher	kuñā	kuzà	kuzà	-kosó, kojó, kotsó, kotjó	kotjó~ kojó	kosó	kujā	kotjí
14	filho (de mulher)	-memír	memýr	memyr	-memýt	-memír	-memír	maepag	-memít
15	veado	arapuh á	arapuhá	arapuhá	misár ~ mitfár~ mi fár	mitfár	misára	miār	miar
16	peixe	pirá	-pirá	pirá	ipirá	pirá	Ipirá	piʔa	ipirā
17	banana	paków a	Pakó	pakó	paako'á/sat a ~fatá	tfatá	pahakur óna~ pakó	maepag	tatá
18	rede	-kʔháv	kyháv ~ kyhá	kyhaw	tupaw-a	opáv	t-upáv- a	kíaw	ekwār/ ini
19	dormir	kér	-kér	-ker	-kér	-ker	-kér	-kír ~ kig	-két
20	fogo	t-atá	tatá	tatá	-atá	tatá	tatá	tátʔ	t-ātā
21	chuva	amàn	àmàn	àmàn	amín	amín	amón	amana	āmín
22	mandioca	mani'ok k	mani'ok	mani'ok	-mani'áng	manía ŋ		maniook	mani'ak
23	cabeça	àkàŋ	àkàŋ	àkàŋ	-akýng	-akíŋ	-apín	akaŋ	āpin
24	cabelo		-ʔáv	-ʔáv	-'áv	-ʔáv	-áv-a	-ap	-āv
25	olhar		-meʔē	-meʔē	-ma'é	-maé	maé	mae	-maē
26	temer		-kízé	-kízé	-kyysé	-kysé		kíje	kyyxé
27	nariz	tʔí	-tí	-tí	-apyj	-tʔi	-tʔi	tí	
28	barriga, tripa, bucho		yé	yjé	-emeypý -ewéŋ	ewéŋ		-pía	ewe
29	filho (de homem)		a'yr	a'yr	-a'ýt	aʔr		aíva	ā'yr
30	filho (de mulher)		memyr	memyr	-memýn	-memír		memiʔ	memít
31	canoa		jár	kanu	-yhát	íʔár		íava	-iār-ā
32	casa		típʔj tàpʔj	típʔj tàpʔj	-áng	-aŋ, táv,		-oka	-etým

						-awír			
33	<i>céu</i>		íwak	íwak	íwáj	íwáj		íwak	íβák ~ ywāk
34	<i>cobra</i>		moj	moj	-máj	mátf		moj	máj
35	<i>esposa</i>		emirikó	emirikó	-atí	-atí	emirikó	emireko	āty
36	<i>flecha</i>		uíw	uíw	-'o'yóp	-o'íw	-o'íw	-iap	o'yw
37	<i>lua</i>		zahy	zahy	sahý	tʃahi ~ sahí	sahí	jai	xāj
38	<i>macaco</i>		ka'í	ka'í	ka'í	-kař	-kař	kai	ka'í
39	<i>marido</i>		-mén	-mén	-mén	-mén	- erekatár	men	mén
40	<i>mato</i>		ka'á	ka'á	ka'á	kaʔá	kaʔá	ka	kā'ā
41	<i>menino</i>		kwahare r	kwahare r	Konomí	konom i	konomi	kurĩ	konomĩ
42	<i>milho</i>		awatfi	awatfi	awatí	awatfi	awatfi	awati	'awātfi
43	<i>noite</i>		pytun	pytun	-yypytón	ípřón	ípřón	přtun	ypyton
44	<i>onça</i>		zawar	zawar	tʃawar ~ fawár tsawár	tʃawar	savár-a	jawara	xāwār
45	<i>orelha</i>		-nami	nami	-nami	nami	-nami	nami	nami
45	<i>pai</i>		-u	-u	ów	-ow		uw	-opý
46	<i>panela</i>		zapepó	zapepó	-sa'é ~ - tʃařě	tʃařě	sařě	jaē-pepo	xā'ē
47	<i>pé</i>		-py	-py	-pý	-pí		pí	py
48	<i>sol</i>		kwarahy	kwarahy	kwarahý kwát	kwara hi		k ^w ar	kwār
49	<i>tatu</i>		tatu	tatu	tato	tato		tatu	tato
50	<i>arroz</i>		awatfi apo	arój	komaná'i	awatfi ř		uj	awatfi'i
51	<i>andar</i>		-atá	-atá	-atá	-atá		ata	ata
52	<i>agarrar, pegar</i>		-přhřk	-přhřk	-pyhýk	přhř		-přk	pyyk
53	<i>bater</i>		-nupà	-nupà	-nopó	-nopó	-nupó	nupã	-nopí
54	<i>cair, nascer</i>		-řar	-řar	-řán	-řán		íř	'ar koj
55	<i>chamar</i>		-hapukaj	-hapukaj	-enój-enój	-tenótʃ		enōj	xé'eg
56	<i>comer</i>		-řu	-řu	-řo	-řo	-	u	'o

							ʔo		
57	<i>estar em movimento/ viver</i>		-ekó	-ekó	-aká -eká	-eka		eko	ka
58	<i>falar</i>		-zeʔeŋ	-zeʔeŋ	-tʃeʔeŋ ~ - feʔeŋ ~s eʔeŋ	-tʃeʔeŋ ~ - feʔeŋ		jeŋ	-xe'eg
59	<i>ir</i>		-hó	-hó	-há	-há	-hó	o	-só
60	<i>jogar, lançar</i>		-momor	-momor	-mamán	- mama nn		momor	mamar
61	<i>lavar</i>		-puej	-puej	he'é	- pohetf		joj	paej
62	<i>levantar-se</i>		-puʔam	-puʔam	-mopo'óm	- poʔom	-poʔóm	puam	
63	<i>matar</i>		-zuká	-zuká	tʃoka ~soka~ foka	tʃoka	-suká	juka	-xokā
64	<i>morder</i>		-tʃiú	-tʃiú	-oʔó	-oʔó	-oʔó	tʃu	o'o
65	<i>morrer</i>		-mano	-manô	-manó	-manó		mano	mano
66	<i>estar sentado</i>		-ín	-ín	-ín	-ín		in	'yn
67	<i>sentar-se</i>		-apʃk	-apʃk	-apíyk	-apíŋ		apʃk	ãpyk
68	<i>vir</i>		-zúr	-zúr	-esán	-tʃán	-úr	juʃ	-xar
69	<i>cortar</i>		monoho k kiti	monoho k kiti	-manaháŋ	- manah áŋ		kíti	kysi
70	<i>ensinar</i>		muʔé	muʔé	-mo'é	-moʔé		moe	ma'e
71	<i>entrar</i>		-atʃé	-tʃiê	-ké	-ké		ike	ke
72	<i>dormir</i>		ker	ker	-ken	-ken		ker	ger
73	<i>sair</i>		-hém	-hém	-hém	-hém		em	-par
74	<i>gente</i>		tekó	tekó	awá	awá		awa	awā
75	<i>puxar</i>		-mutʃk	-mutʃk	-ekýj	-ekýj		ekj	wāty
76	<i>quebrar</i>		-pén	-pén	-mopén	-pén	-pén	ka	-pen
77	<i>queimar</i>		-apí	-apí	-apý	-apí	-apí	api	ãpy
78	<i>furar</i>		-kutuk	-kutuk	-momóŋ~ -kotóŋ	- momóŋ	-kutú y	kutuk	

79	<i>bolsa, mochila</i>		<i>iru</i>	<i>iru</i>	<i>íro</i>	<i>íro</i>		<i>ipívu</i>	<i>-yro</i>
80	<i>costas</i>		<i>kupé</i>	<i>kupé</i>	<i>-apé</i>	<i>-apé</i>		<i>kupe</i>	
81	<i>buraco</i>		<i>kwar</i>	<i>ywykwar</i>	<i>-kwán</i>	<i>-kwán</i>	<i>kwar</i>	<i>k^vava</i>	
82	<i>asa</i>		<i>pepó</i>	<i>pepó</i>	<i>-pepá</i>			<i>pepo</i>	<i>pepa</i>
83	<i>caminho</i>		<i>-pé</i>	<i>-pé</i>	<i>-apé</i>			<i>-ape</i>	<i>ãpe</i>
84	<i>ver</i>		<i>-esak</i>	<i>-esak</i>	<i>-esá, ~ - esáŋ ~ - etfáŋ</i>	<i>etfáŋ</i>	<i>-esáy</i>		<i>-etsak</i>
85	<i>dente</i>	<i>-áj</i>	<i>-áj</i>		<i>-ój</i>	<i>-ój</i>	<i>-ój</i>	<i>rāj</i>	<i>yj</i>
86	<i>anta</i>		<i>tapiir</i>	<i>tapiir</i>	<i>tapi'in</i>	<i>tapi'in</i>	<i>tapi'ir</i>	<i>tapira</i>	
87	<i>arara</i>		<i>arar</i>	<i>arar</i>		<i>arar</i>		<i>arara</i>	<i>ãrãr</i>
88	<i>arco</i>		<i>wirapár</i>	<i>wirapár</i>	<i>-wyrapár-</i>	<i>- wyrap ár-</i>	<i>- wyrapár -</i>	<i>ivapaв</i>	<i>'ywyrapâr</i>
89	<i>árvore</i>		<i>wirá</i>	<i>wirá</i>	<i>-'ýp</i>	<i>ivira</i>	<i>ivira</i>	<i>ivira</i>	<i>'ywyyrã</i>
90	<i>capim</i>		<i>kaapii</i>	<i>kaapii</i>	<i>-soowý ~ kapiř</i>	<i>- tfoowý ,</i>		<i>kapi</i>	<i>xó</i>
91	<i>carne</i>		<i>roo</i>	<i>roo</i>		<i>rařá</i>	<i>rařá</i>	<i>-o</i>	<i>a'a</i>
92	<i>estrela</i>		<i>zahi tatá</i>	<i>zahi tatá</i>	<i>sahytatá</i>	<i>t/fahyta tá ~ fahytat á</i>		<i>jařata</i>	<i>xaytãta</i>
93	<i>faca</i>		<i>takihé</i>	<i>takihé</i>	<i>-kihé</i>	<i>-kihé</i>		<i>kie</i>	<i>kyxe</i>
94	<i>jabuti</i>		<i>zauti</i>	<i>zauti</i>	<i>saotí</i>	<i>t/faotí</i>		<i>jaoti</i>	<i>xawaxi</i>
95	<i>jacaré</i>		<i>zakaré</i>	<i>zakaré</i>	<i>sakaré</i>	<i>t/fakar éi</i>		<i>jakare</i>	<i>xãkãré</i>
96	<i>joelho</i>		<i>penârãŋ</i>	<i>penârãŋ</i>	<i>kanawá</i>	<i>kanaw á</i>		<i>ipia</i>	<i>kopit</i>
97	<i>machado</i>		<i>itazi</i>	<i>itazi</i>	<i>-si</i>	<i>-t/ři</i>		<i>jkiwar</i>	<i>-t/ři</i>
98	<i>mãe</i>		<i>-hy</i>	<i>-hy</i>	<i>-hi</i>	<i>-hi</i>	<i>-hi</i>	<i>-i</i>	<i>-i</i>
99	<i>fruta</i>		<i>'a</i>	<i>'a</i>	<i>ywa</i>	<i>ywa</i>	<i>ywa</i>	<i>a</i>	<i>ywa</i>
100	<i>mão</i>		<i>-pó</i>	<i>-pó</i>	<i>-pá ~ má</i>	<i>-pá</i>	<i>-po</i>	<i>pó</i>	<i>-pã</i>
101	<i>pele</i>		<i>pirer</i>	<i>pirer</i>	<i>pir</i>	<i>pir</i>	<i>pir</i>	<i>pirik</i>	<i>pir pirer</i>
102	<i>perna</i>		<i>etymã</i>	<i>etymã</i>	<i>-etymó</i>	<i>-etymó</i>	<i>-etymó</i>	<i>-etimã</i>	<i>kopy</i>

103	<i>pescoço</i>		<i>ajrupí</i>	<i>azuíw arupí</i>	<i>-asór</i>	<i>-asor</i>	<i>-asor</i>	<i>ajuk</i>	<i>xor</i>
104	<i>pedra</i>		<i>itá</i>	<i>ita</i>	<i>ita</i>	<i>ita</i>	<i>itá</i>	<i>ita</i>	
105	<i>ovo</i>		<i>upi'á</i>	<i>upi'á</i>	<i>-opi'á</i>	<i>-opi'á</i>		<i>upia</i>	<i>opi'a</i>
106	<i>nome</i>		<i>-er</i>	<i>-er</i>	<i>-ét</i>	<i>-ér</i>	<i>-ér</i>	<i>era</i>	
106	<i>sangue</i>		<i>-uwí</i>	<i>-uwí</i>	<i>-owí</i>	<i>-owí</i>	<i>uwí</i>	<i>uwí</i>	
107	<i>roça</i>		<i>kó</i>	<i>kó</i>	<i>-ka kopisá</i>	<i>-ka</i>	<i>ko</i>	<i>ko</i>	<i>ka</i>
108	<i>porco do mato</i>		<i>tazahú</i>	<i>tazahú</i>	<i>-tasahó</i>			<i>tajau</i>	<i>tãxãwãj</i>
109	<i>urina</i>		<i>tí</i>	<i>tí</i>	<i>-ty</i>	<i>tí</i>	<i>tí</i>	<i>tí</i>	<i>- tí</i>
110	<i>terra</i>		<i>íwí</i>	<i>íwí</i>	<i>íwí</i>	<i>íwí</i>	<i>íwí</i>	<i>íwí</i>	<i>ywy</i>
111	<i>anzol</i>		<i>piná</i>	<i>pina</i>	<i>-piná</i>	<i>-piná</i>	<i>-piná</i>	<i>ita-pina, pina</i>	<i>pina</i>
112	<i>aranha</i>		<i>zanu</i>	<i>zanu</i>	<i>sano</i>	<i>tʃanó</i>	<i>-anó</i>	<i>janu</i>	<i>xano</i>
113	<i>água</i>		<i>ʔí</i>	<i>ʔí</i>	<i>ʔí</i>	<i>ʔí</i>	<i>ʔí</i>	<i>í</i>	<i>'y</i>
114	<i>banhar</i>		<i>zahak</i>	<i>zahak</i>	<i>-sahóŋ</i>	<i>- tʃahóŋ</i>		<i>jauk</i>	<i>xãok</i>
142	<i>correr</i>		<i>-zán -hyj</i>	<i>-zán</i>	<i>-sán ~ -tʃán</i>	<i>-tʃán</i>		<i>jaŋ</i>	<i>-tʃón</i>
115	<i>dar</i>		<i>monó</i>	<i>mono</i>	<i>-maná</i>	<i>-maná</i>	<i>-mano</i>	<i>meŋ</i>	<i>mor maná</i>
116	<i>deitar</i>		<i>-aw</i>	<i>-aw</i>	<i>-ʔAM</i>	<i>-ʔám</i>	<i>-ʔám</i>	<i>am</i>	<i>-ʔám</i>
117	<i>ouvir</i>		<i>-enú</i>	<i>-enú</i>	<i>-enóm</i>	<i>-enóm</i>	<i>enów</i>	<i>anup</i>	<i>-inóp ~ - enów</i>
118	<i>queimar-se</i>		<i>-kaj</i>	<i>-kaj</i>	<i>-ka'é</i>	<i>-ka'é</i>	<i>-ka'é</i>	<i>kai</i>	<i>kãj</i>
119	<i>querer</i>		<i>-putar</i>	<i>-putar</i>	<i>-potán</i>	<i>-potán</i>	<i>-potán</i>	<i>ej</i>	<i>patâr</i>
120	<i>remédio</i>		<i>puhaŋ</i>	<i>puhaŋ</i>	<i>moháng</i>	<i>moáŋ</i>	<i>moáŋ</i>		<i>-pãíŋ</i>
122	<i>rir</i>		<i>-puká</i>	<i>- puraŋeté</i>	<i>-poká</i>	<i>-poká</i>		<i>puka</i>	<i>pokã</i>
122	<i>trazer</i>		<i>-rur</i>	<i>-rur</i>	<i>-erót, -rót</i>	<i>-erót</i>		<i>eʋur</i>	
123	<i>cansado</i>		<i>-kanéô</i>	<i>-kanéô</i>	<i>-kaneʔó</i>	<i>- kaneʔó</i>		<i>kaneu</i>	<i>kane'ô</i>
124	<i>comprido</i>		<i>-puku</i>	<i>-puku</i>	<i>pokó</i>	<i>pokó</i>	<i>puku</i>	<i>puku</i>	<i>poko</i>
125	<i>voar</i>		<i>-wewe</i>	<i>-wewe</i>	<i>wewe</i>	<i>wewe</i>	<i>wewe</i>	<i>wewe</i>	<i>wewe</i>
126	<i>gordura, óleo</i>		<i>ky'á</i>	<i>ky'á</i>	<i>-kaw</i>	<i>-káv</i>	<i>-kaw</i>	<i>-kaw</i>	<i>-kaw</i>

127	<i>boca</i>		<i>zuru</i>	<i>zuru</i>	<i>zuru</i>	<i>zuru</i>	<i>zuru</i>	<i>joɤ</i>	<i>xoro</i>
128	<i>braço</i>		<i>ziwá</i>	<i>ziwá</i>	<i>-sywá</i>			<i>jíwa</i>	
129	<i>branco</i>		<i>tʃiŋ</i>	<i>tʃiŋ</i>		<i>tóri</i>		<i>tiŋ</i>	
130	<i>calcanhar</i>		<i>pytá</i>	<i>pytá</i>	<i>-pʃa</i>	<i>pʃa</i>	<i>-pʃa</i>	<i>-pʃa</i>	
131	<i>chato,</i> <i>plano</i>		<i>pew</i>	<i>pew</i>	<i>pem</i>	<i>pem</i>		<i>pep</i>	<i>pew</i>
132	<i>chifre</i>		<i>ʼak</i>	<i>ʼak</i>	<i>atí</i>	<i>atí</i>	<i>atí</i>	<i>atĩ</i>	
133	<i>casca</i>		<i>pir</i>	<i>pir</i>	<i>-owapé</i>	<i>-apé</i>		<i>pe</i>	
134	<i>corda</i>		<i>kʰhàhàm</i>	<i>kʰhàhàm</i>	<i>-hóm</i> <i>-topahóm</i>	<i>-hóm</i>		<i>tam</i>	
135	<i>cotia</i>		<i>akutʃi</i>	<i>akutʃi</i>	<i>akotí</i>	<i>akotí</i>		<i>akuti</i>	
136	<i>dedo</i>		<i>kwà</i>	<i>kwà</i>	<i>-pywakýng</i>	<i>koa</i>	<i>koa</i>	<i>kʷã</i>	
137	<i>dia</i>		<i>ʼar</i>	<i>ʼar</i>	<i>-ʼát</i>	<i>ʒar</i>	<i>ʒar</i>	<i>aɤ</i>	
138	<i>farinha pó</i>		<i>tyrám</i>	<i>tyrám</i>	<i>-oʼi</i>	<i>oʃ</i>	<i>uʃ</i>	<i>kui</i>	
139	<i>flor</i>		<i>putyr</i>	<i>putyr</i>	<i>potyr</i>	<i>potyr</i>		<i>potiɤa</i>	<i>pãtyr</i>
140	<i>folha</i>		<i>kaá ruér</i>	<i>kaá ruér</i>	<i>-áw</i>	<i>-áw</i>	<i>-áw</i>	<i>ow</i>	
141	<i>lábio</i>		<i>emé</i>	<i>emé</i>	<i>-emé</i>	<i>-emé</i>		<i>eme</i>	
142	<i>língua</i>		<i>peku</i>	<i>apeku</i>	<i>-kó</i>	<i>-kó</i>		<i>apekũ</i>	
143	<i>mutum</i>		<i>mytu</i>	<i>mytu</i>	<i>mító</i>	<i>mító</i>		<i>mítũ</i>	
144	<i>galho</i>		<i>àkàŋ</i>	<i>àkàŋ</i>	<i>-akó</i>	<i>-akó</i>		<i>akã</i>	
145	<i>fumaça</i>		<i>tatatʃin</i>	<i>tatá</i> <i>timorér</i>	<i>-atating</i>	<i>-</i> <i>atating</i>	<i>namukúj</i>	<i>tatatiŋ</i>	
146	<i>papagaio</i>		<i>azurú</i>	<i>azarú</i>				<i>ajuɤu</i>	<i>ãxoro</i>
147	<i>pato</i>		<i>urumà</i>	<i>urumà</i>	<i>wyrápopép</i>			<i>ípek</i>	
150	<i>nuvem</i>		<i>íwá tiŋ</i>	<i>íwíkún</i>	<i>íwatiŋ</i>	<i>íwatiŋ</i>		<i>íwatiŋ</i>	
151	<i>osso</i>		<i>-kàŋ</i>	<i>-kàŋ</i>	<i>-kýng</i>	<i>-kýng</i>	<i>kýng</i>	<i>kaŋ</i>	
152	<i>seio</i>		<i>kám</i>	<i>kám</i>	<i>-kóm</i>	<i>-kóm</i>	<i>-kóm-a</i>	<i>kam</i>	<i>kín</i>
153	<i>pilão</i>		<i>iŋuʒá ~</i> <i>imuá</i>	<i>-muá</i> <i>~inuá</i>	<i>ingoʼá</i>	<i>ingoʼá</i>		<i>uŋua</i>	
154	<i>piolho</i>		<i>-kíw</i>	<i>-kíw</i>	<i>-kýw</i>	<i>-kýw</i>		<i>kíw</i>	
155	<i>pulga</i>		<i>tuŋaʼi</i>	<i>tuŋaʼi</i>	<i>tóŋ</i>	<i>tóŋ</i>		<i>tuŋ</i>	
156	<i>coati</i>		<i>kwatʃi</i>	<i>kwatʃi</i>				<i>kʷati</i>	<i>kwãxi</i>
157	<i>saliva</i>		<i>-nýkwer</i>	<i>-nýkwer</i>	<i>-ený</i>	<i>-ený</i>		<i>eni</i>	
158	<i>tucano</i>		<i>tukan</i>	<i>tukan</i>	<i>tokón</i>	<i>tokón</i>		<i>tukan</i>	
159	<i>unha do pé</i>		<i>-pãpé</i>	<i>-pãpé</i>	<i>-pywapé</i>	<i>-</i> <i>pywap</i>		<i>pĩapi</i>	

						é			
160	urubu		uruhú	ap̃taw	orowó	orowó		uɓuɓu	
161	vento		iwitu	íw̃tu	iwitó	iwitó		̃tu	
162	vespa		kaw	kaw	káw	káw		kaw	
163	alma		áŋ	aŋ	-'óŋ	-'óŋ		aŋ	
164	chegar		-hem	-hem	-hem	-hem	-sóri	ík	waem
165	cheirar		-etún	-etún	-etón	-etón		etun	
166	arranhar		-kàràj	-kàràj	-kasým	-kasým		karãj	
167	passar/ atravessar		ahaw asaw	ahaw asaw	-aháw	-aháw		awa	
168	pilar, socar		-sók -zosók -dosók	-sók -zosók -dosók	kam̃k			ok	
169	nadar		uitaw	ita				̃taw	'yytã
170	engolir		-mukón	-mokón		- mokón		mokon	
171	esfregar		-k̃k̃	-k̃k̃	-kytýk	-kytýk		k̃k̃	
172	secar		tiniŋ	tiniŋ	-ka'í	-ka'í		tiniŋ	
173	soprar		-zupí	-zupí ~ -pí	-pý	-pý		peju	
174	tirar		-ook ~ - zook	-ook	ʔok	ʔok		ʔok	
175	urinar		-karuk	-karuk	-karók	-karók		kaɓuk	
176	bom		katu	katu	Kato	kato		katu	
178	preto		-p̃hun	-p̃hun	-hón	-hón		pitun	
179	quente		-aku	-aku	-akow	-akow		akup	ãkow
180	pium		pi'ú	pi'ú				piũ	
181	amarelo		tawá	tawá				juwaj	
182	cabaça		y'á	i'á	i'á	i'á		ía	
183	face		uwa	uwa	-owá	-owá		owa	
184	fino		pu'í	pu'í	po'í	po'í		poi	
185	fumo		pytym	pytym	petym	petym		petim	
186	mosquito		meruí zit̃fiú	meruʒ̃ zat̃fiú				tiú	
187	novo		píahu	píahu	píaho	píaho		píaw	
188	pesado		puh̃j	puh̃j	poh̃j	poh̃j		poj	
189	fétido		-ném	-ném	-nem	-nem	-nem	nem	

190	<i>pombo</i>		<i>pɨkahú</i>	<i>pɨkúí</i>				<i>pɨkaw</i>	
191	<i>unha da mão</i>		<i>-poàpê</i>	<i>-poàpê</i>	<i>-koape</i>	<i>-koape</i>		<i>kʷã-api</i>	
192	<i>urucum</i>		<i>urukú</i>	<i>urukú</i>				<i>uruku</i>	
193	<i>verde</i>		<i>-uwi</i>	<i>-uwi</i>	<i>isɨkɨrɨ</i>	<i>isɨkɨrɨ</i>		<i>owi</i>	
194	<i>beber</i>		<i>-ɨu</i>	<i>-ɨu</i>	<i>-ɨo</i>	<i>-ɨo</i>		<i>ɨu</i>	
195	<i>erguer</i>		<i>-pír</i>	<i>-pír</i>	<i>-opír</i>	<i>-opír</i>		<i>upír</i>	
197	<i>tocar</i>		<i>-mupu ~ -zemaé mupú</i>	<i>-mupu ~ -zemaé mupú</i>	<i>pí</i>	<i>pí</i>		<i>pí</i>	
198	<i>saltar</i>		<i>-pór</i>	<i>-pór</i>	<i>-pór</i>	<i>pór</i>		<i>por</i>	
198	<i>voltar</i>		<i>-zɨwír</i>	<i>-zewír</i>	<i>sewír</i>	<i>tʃewír</i>	<i>sewír</i>	<i>jiwa</i>	
199	<i>vomitare</i>		<i>-uhúk</i>	<i>-uhuhúk</i>				<i>wen</i>	
200	<i>afiado</i>		<i>-hajmé</i>	<i>-ajmeé</i>	<i>-ajmeé</i>	<i>-ajmeé</i>		<i>ajme</i>	

As palavras comparadas acima mostram que o Tembê e o Guajajára apresentam poucas diferenças lexicais quando comparados às demais línguas do sub-ramo a que pertencem. As discrepâncias observadas são:

- A palavra para ‘veado’, em Tembê e Guajajára é *arapuha*, enquanto que as outras línguas ou possuem formas cognatas do Asuriní *mitfára* ou possuem reflexos do PTG **watfũ*.
- A palavra para ‘joelho’ em Guajajára e em Tembê é *penəɾə*, mas nas outras línguas é *kanawá* (Asuriní e Parakanã) e *ipía* em Tapirapé.
- A palavra para ‘urubu’ em Guajajára é *apɨtaw* e em Tembê *uruhu*, enquanto que nas demais línguas é *orowó*.
- A palavra para ‘farinha’ que é *tɨram* em Guajajára e em Tembê, mas é também cognata do Tapirapé *-tyrymyĩ*.
- A palavra para ‘entrar’ é *itʃe* em Tembê e Guajajára, enquanto que nas demais línguas é *iké ke*, sem palatização. Nesse único aspecto Tembê e Guajajára diferem das demais línguas do sub-ramo IV.

Quanto às palavras para ‘urubu’ e para ‘entrar’, há a possibilidade de que sejam empréstimos de outras línguas como o Ka’apór, em que ‘urubu’ é *apitaw* e ‘entrar’ é *fé*; aliás, a palatalização de /k/ precedido de *i* ocorreu também em outras línguas do sub-ramo VIII e em línguas do sub-ramo V, com as quais o Tenetehára tem tido contato.

Observamos que essas diferenças fazem o Tembê e o Guajajara diferentes das línguas do sub-ramo IV. Contrariamente, apesar das diferenças observadas, a comparação põe em evidência a proximidade lexical do Tembê e do Guajajara com as demais línguas deste sub-ramo.

9.2.2. O léxico Tenetehára e línguas dos sub-ramos III, V e VIII

A tabela seguinte apresenta dados do Tenetehára contrastados com dados de línguas dos sub-ramos III (Tupinambá e Língua Geral Amazônica), V (Asuriní do Xingu e Araweté) e VIII (Ka’apór e Guajá).

Comparação entre o léxico Tenetehára e línguas dos sub-ramos III, V e VIII

Quadro 96 – Quadro lexical comparativo 5

Nº	GLOSSA	SUB-RAMO IV		SUB-RAMO III		SUB-RAMO V		SUB-RAMO VIII	
		TEMBÉ	GUAJAJ	TUPIN	LGA	AS. XIN	ARAWE	KA’AP	GUAJÁ
01	cabeça	-akáŋ	əkəŋ		-akānga	-akyga	-atfĩ	akáŋ	-jaky
02	olho	-ehá	-ehá	-esá	-esá	-ea	-ehã	-ehá	-ihá
03	mão	-pó	-po	-pó	-pó	-pa	-pa	-pó	-pó
04	pele	-pir - pirér	pirér		-piréra	-piréra	-píde	-pirér	-pí - perér
05	pai	-úw	-uw	-ub	-úba	-up	-u	paj	-u-a
06	mãe	-hý	-hý	-sy	-	-y	∅-hi	-māj	-hi
07	marido	-mén	-mén	-ména	-ména	-rerakwat	-erekū	-sawa’é	-mē -

									<i>mén-a</i>
08	mulher	-kuzà	kuzə	kuñã	-kunhán	-kujỹ	kunĩ	-kujã	-wahy-a
09	esposa	-emirikó	emirikó		-emirekó	-mirika	-emij̃ka	-rakehár	-imirikó
10	eu	ihé	he	xe ~ ixé	xe ~ ixé	jê	he	ihẽ	jahá
11	você	ne ~ nde	ne	nde ende	ne ~ iné	ene	ne	né	nijã
12	ele	a'é	aʔe	ore	ahé	ga (ele) ẽ (ela)	eʔe	a'é	a'é
13	nós	zané uré	zané uré	ĩandé	jané	jane uré	m̃ide ure	jane	areá
14	vocês	pe	pe	pe, peẽ	penhẽ	pene	pẽ	pehẽ	pijã
15	eles	a'é wà	a'é wà		aitá aetá	gy	éee	a'é ta	a'ía
16	vermelho	piráŋ	piráŋ		piranga	piruŋ	-pirã	piráŋ	-pirỹ
17	casa	-typyj	t̃ip̃z̃ ~ əpuj	ok	-sóka	-ga	∅-a-	-'ók	-ipá
18	flecha	-u'yw	-u'yw	uúba	-uxua	-u'yva	uʔi	-u'y	-wy'y
19	facã	-kihé	takyhé		-kisé	-ky'e		-kisé	-taký
20	canoa	-jár	kamú		igara	-y'aripe	-jarut fu	Jarusú	-kamũ
21	roça	-kó	-kó	kó	kupixáua	ka	-kapite	-kupixá	-ko
22	mato	ka'á	ka'á	kaʔá	kaa	ka	kaʔã	ka'a	ka'a
23	água	- 'y	ʔi	y	-i	- 'yve	i	y	- 'y
24	sol	kwarahý	kwarahý	kuára	k̃warasí warasí	kwarayve	karahí	warahý	kwarahý
25	lua	zahý	zahý	jatjý	iacy	dzahy	jahitatã	jahý	jahý
26	pedra	ita	ita	ita	itá	Ita	itã '	Itá	Ita
27	chão	iwy	iwí		iwí	Yza	iwí	ywy	Wý
28	árvore pau	-wyrá	iwyrá	ĩβira	ĩm̃ira	-yvyrá	iwirã	wyrá	Írá
29	folha	ka'á	ka'á		-kahá	ka'a		-hó	-ó
30	milho	awatfí	awatfí	abati	-auatí	avati		-awaxí	-waxí
31	fogo	tatá	tatá	tatá	tatá	tatá	-atã	tatá	-atá
32	farinha	-tyrám	-tyrám		-uhí	-u'í		-u'í	-tyrymý
33	macaco	ka'í	ka'í		makaka	kotsi'o		maká	ka'í
34	peixe	-pirá	pirá	pirá	pirá	-ipirá	-pidã	-pirá	-pirá
35	anta	tapi 'ir	tapi 'ir	tapiira	tapi 'ira	tapi 'ira	-tapiʔi	tapy'ỹr	tapi 'ira
36	onça	zawár	zawar	ĩaguar	iauaeté jauareté	dzwara- pinim	ɲã	jaɲwaté	jawár
37	veado	arapuhá	arapuhá		ipéka	arapua	arapuhã	arapuhá	arapahá
38	jabuti	zautí	zauti		iautí	jautí		zawtí	kamixá

					<i>jautí</i>				
39	galinha	<i>zapukaj</i>	<i>zapukaj</i>		<i>sapukáia</i>	<i>arakurí</i>	<i>arakurĩ</i>	<i>sapukáj</i>	<i>Xamakáj</i>
40	comer	- 'ú	- ʔu	ú	-ú	- 'ú	-karu	- 'ú	- 'ú
41	furar	- <i>kutúk</i>	- <i>kutuk</i>	<i>kutuk</i>	- <i>kutúk</i>	- <i>kutúk</i>	<i>iwũ</i>	- <i>kutúk</i>	- <i>kytý</i>
42	quebrar	- <i>pén</i>	- <i>pen</i>		- <i>mupéna</i>	- <i>pen</i>	- <i>pē</i>	- <i>pén</i>	- <i>jaká</i>
43	cortar	- <i>monohok</i>	- <i>monohok</i>	<i>kyti</i>	- <i>munúka</i>	- <i>manák</i>	- <i>ikã</i>	- <i>mowók</i> - <i>mukurér</i>	- <i>marõ</i>
44	ir	- <i>ho</i>	- <i>ho</i>	- <i>só</i>	- <i>só</i>	- <i>a</i>	- <i>hã</i>	- <i>hó</i>	- <i>ahó</i>
45	levar	- <i>rahó</i>	<i>herahá</i>	<i>raso</i>	- <i>rasó</i>	- <i>eraa</i>	- <i>rahá</i>	- <i>rahó</i>	- <i>rahó</i>
46	acabar	- <i>upáw</i>	- <i>upaw</i>	- <i>pab</i>	- <i>páu</i> - <i>ũbáu</i>	- <i>pap</i>	<i>opã</i>	- <i>pá</i>	- <i>pá</i>
47	dormir	- <i>kér</i>	- <i>ker</i>		- <i>kéri</i>	- <i>kit</i>	- <i>tje</i>	- <i>kér</i>	- <i>keré</i>
48	cair	- <i>ár</i>	- <i>ʔar</i>		- <i>ári</i>	- 'at	- <i>ʔã</i>	- <i>ár</i>	- <i>wa'á</i>
49	matar	- <i>zuká</i>	- <i>zuka</i>	<i>ĩuká</i>	- <i>juká</i>	- <i>juká</i>	- <i>jukã</i>	- <i>jukwá</i>	- <i>iká</i>
50	falar	- <i>ze'ej</i>	<i>zeʔej</i>	<i>ñéeng</i>	- <i>nhehẽ</i>	- <i>je'ẽ</i>	- <i>puranũ</i>	- <i>je'ej</i>	- <i>ma'i</i>
51	querer	- <i>putár</i>	- <i>putar</i>	<i>potar</i>	- <i>putári</i>	- <i>putár</i>	<i>putã</i>	- <i>putar</i>	- <i>u'u-hý</i>
52	pegar	- <i>pyhýk</i>	- <i>pyhyk</i>		- <i>písika</i>	- <i>pyyk</i>		- <i>pyhýk</i>	- <i>pyhý</i>
53	soprar	- <i>pezú</i>	- <i>pezu</i>	<i>peĩũ</i>	- <i>pejú</i>	- <i>peték</i>		-	- <i>mytúk</i>
54	trazer	- <i>rur</i>	- <i>rur</i>	- <i>rur</i>	- <i>rúr</i>	- <i>ruri</i>		- <i>rur</i>	- <i>ru</i>
55	morrer	- <i>manó</i>	- <i>mano</i>	- <i>manó</i>	- <i>manũ</i>	- <i>omanó</i> - <i>ozekyi</i>	-<i>manũ</i>	- <i>manõ</i>	- <i>manũ</i>
56	jogar	- <i>mór</i>	- <i>mor</i>		- <i>amburí</i>	- <i>mamat</i>	- <i>eti</i>	- <i>mór</i>	- <i>mamõ</i>
57	ensinar	- <i>mué</i>	- <i>mu'é</i>		- <i>muhé</i>	- <i>mu'é</i>	-<i>muʔẽ</i>	- <i>mu'é</i>	- <i>mumu'ũ</i>
58	ouvir/ escutar	-	- <i>enu</i>	- <i>endub</i>	- <i>senõ</i>	- <i>enup</i>	- <i>ʔenu</i>	- <i>henú</i>	- <i>nũ</i>
59	ver	- <i>esák</i>	- <i>etsak</i>	<i>epiak</i>	- <i>xipiá</i>	- <i>esák</i>	- <i>etjã</i>	- <i>sák</i>	- <i>xá</i>

9.3. Comparação entre o atual léxico Tembé e o atual léxico Guajajara

Na comparação que segue estamos considerando como léxico atual do Tembé e do Guajajara o léxico dessas duas línguas coletado no anos de 2006 a 2009. As tabelas a seguir apresentam itens lexicais que retomam os mesmos itens registrados por Cyriaco Baptista, os quais aplicamos a falantes de duas aldeias Guajajara da região do Arame (aldeias Barreirinha e Angico Torto), junto a pessoas da faixa etária entre 60 a

24 anos. Da lista de palavras de Cyriaco Baptista constituída de 776 itens, selecionamos apenas os itens lexicais, os quais aqui dispusemos numa ordem diferente da do autor. Aqui buscamos agrupá-los de acordo com o campo semântico a que pertencem. Distribuímos os itens lexicais em 16 campos semânticos. Acrescentamos aos itens lexicais de Cyriaco Baptista outros que julgamos relevantes para esta comparação, de modo que, ao todo, comparamos 1030 itens lexicais.

9.3.1 Comparação entre o atual léxico Tembé e o atual léxico Guajajára (dados coletados em 2006/2010)

Quadro 97 – Quadro comparativo lexical 6.1

I.	CAMPO SEMÂNTICO: PARTES DO CORPO E AFINS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
01	carne	<i>-maʔe roʔokwer</i> <i>-maʔe rokwer</i>	<i>-maʔe rukwer</i>
02	cabeça	<i>-əkəŋ</i>	<i>-əkəŋ-</i>
03	casco da cabeça	<i>-ʔaw kiʔa kwer</i>	<i>-əkəŋ pekwer</i>
04	miolo ~ cérebro	<i>kəpʔitoʔom</i>	<i>-əkəŋ rupiʔa pʔer</i>
05	crânio	<i>-kəŋ apekwer</i>	<i>-pʔuʔum ŋwer</i>
06	rosto, face	<i>tuwa ~ huwa ~ ruwa ~ -uwa</i>	<i>tuwa ~ huwa ~ ruwa ~ -uwa</i>
07	cabelo	<i>-ʔaw</i>	<i>-ʔaw</i>
08	cabelo ou penagem	<i>-ʔaweraʔ</i>	<i>-ʔaweraʔ</i> <i>-pʔ hawer</i>
09	fio de cabelo	<i>pʔeʔ aʔ awer</i>	<i>-ʔaw</i>
10	cabelo branco	<i>-ʔawtiŋ</i>	<i>-ʔawtiŋ</i>
11	testa	<i>-eha pikəŋ</i>	<i>-eha pʔkəŋ</i>
12	fronte	<i>-etuap te</i>	<i>-eha itiker</i>
13	bochecha	<i>-ua</i>	<i>-etuape</i>
14	queixo	<i>-azʔw</i>	<i>-azʔw</i>

15	nuca	-atua	-atua
16	gogó	-ajkítə	íəjzəti
17	bigode	-amutaw-a	-amutaw
18	barba	-amutaw-a	-amutaw
19	orelha	-nami	-nami
20	buraco do ouvido	-apíakwara	-apíakwara
21	ponta da orelha	-nami apír	-nami apír
22	cartilagem da orelha	-nami kirera	-nami kirera
23	nariz	-ti	-ti
24	nariz grande	-tihu	-tihu
25	ponta do nariz	-ti apír	-ti apíta
26	venta	-apíŋwar	-apíŋwar
27	pêlo do nariz	-apíŋwar awer	-apíŋwar awer
28	cartilagem do nariz	-ti kəŋwer ~ -ti kirer	-ti iətəŋwer ~ -ti kirer
29	olho	-eha	-eha
30	olho furado	-eha kwarer	-eha kwarer
31	cílios	-upeaw	-upeaw
32	pupila	-eha tɪrun	-ehaɛ ~ ehaŋ
33	esclerótica	-eha ʔəj tʃiŋ	-eha tʃiŋaw
34	íris	-eha pihun	-eha piraŋaw
35	pálpebras	-upeaw	-eha pírer
36	sobrancelha	-eha pikəŋ rawer	-eha píkə raw
37	boca	-zuru ~ -jiuru ~ -duru	-zuru
38	lábio	-eme	-eme
39	lábio inferior	iwi kutír-ahara heme-a	heme íwípehar
40	lábio superior	iwate kutír-ahara heme	heme iʔaramo
41	língua	-peku ~ -piku	-apeku
42	ponta da língua	-apíku apír	-apeku apír
43	meio da língua	-apíku kuap	-apeku kuwap
44	tronco (pé) da língua	-apíku ipí	-apeku wip
45	dente	-əj ~ rəj ~ həj ~ təj	-əj ~ rəj ~ həj ~ təj
46	dentes superiores	həj iwati kutírahar	həj iʔər ramo
47	dentes inferiores	həj iwi kutírahar	həj íwí kutírehar
48	dente (siso)	aweʔa	-awea
49	dentes caninos	kə irəj	kə irəj
50	dente cariado	həj ikwar-a	həj ikwar-a

51	pescoço	-ajrupí ~ arupí	azuʔíw ~ aruʔíw arupí (só os mais velhos)
52	ombro	-atfiʔ	-atfiʔ
53	cangote	-atua	-atua
54	cangote de algum	-atua	-atua
55	peito	-pʔfiʔa	-pʔfiʔa
56	seio	-kam	-kam
57	bico do seio	-kam akwə	-kam akwə
58	costas	-kupe	-kupe
59	braços	-ziwa	-ziwa
60	músculo do braço	-ziwə iaʔo	-oʔo kwer piʔwer
61	axilas	-ziwəw ir	-ziwa íwi pe zua
62	cotovelo	-ziwə minəʔə	-ziwə mənəʔə
63	mão	-po	-po
64	dedos	-kwə	-kwə
65	unha	-poəpen ~ poape pe ~ -pen -puʔpe	-poəpen ~ poape
66	dedo polegar	-kwə hu	-kwə hu
67	dedo indicador	-kwə hu rakehar	-kwə pitikaʔ
68	dedo médio	-kwə hu rakehar-a	-kwə mʔer
69	dedo anelar	-kwə miri rakehar	-kwə mʔer wakehar(a)
70	dedo mínimo	-kwə miri	-kwə miri
71	falanges	-kwə ze piter ohap	-kwə ziaparhaw
72	nós dos dedos da mão	-po akəʔ	-kwə izipʔuruhaw
73	palma da mão	-po apʔer	-po pupe
74	costas da mão	-po kupe	-po kupe
75	cutícula da unha	-poəpe ipí	-poəpe ipí
76	linhas da mão	-po apʔer kisaw	-po ikísapaw
78	céu da boca	-kumí	-kumí
79	campainha	-kumí əti	-azəti
80	amígdalas	-apʔhaʔəʔ	-apʔhaʔj ~ -apʔhaʔz
81	garganta	-ajkír	-ʔaj
82	esôfago	-ajkír	-íʔaj həm
83	traquéia	-aʔwar	-uajpitim
84	pulmão	-zeʔe miruer	-piruer

85	coração	<i>híməj wera</i>	<i>aɪwera ~ -píʔa</i>
86	estômago	<i>-píʔa</i>	<i>-ije hukwer</i>
87	vesícula	<i>-riw aʔa</i>	<i>-ije ipor maw</i>
88	rim	<i>-kuʔa zarer</i>	<i>-íwí zape</i>
89	figado	<i>-ipíʔa kwer</i>	<i>-ipyʔa kwer</i>
90	barriga	<i>-ie</i>	<i>-íje</i>
91	barriga grande	<i>-hie hua ʔu</i>	<i>-hije hu- ~ hije hua ʔu iakaza hu</i>
92	tripas	<i>-ikwer</i>	<i>-ikwer -íkikwer</i>
93	tripas grossas (intestino grosso)	<i>hie kwir hu kwer</i>	<i>hije kwer uhu</i>
94	tripas finas (intestino fino)	<i>hie puʔ ker</i>	<i>hije puʔ ker</i>
95	ânus	<i>-ekwar</i>	<i>-ekwa rupi ~ -putʃi ihemhaw</i>
96	ânus de alguém	<i>hekwar</i>	<i>tekwar</i>
97	útero	<i>-memír ziapohaw</i>	<i>kawarer idziapohaw</i>
98	uretra	<i>-tírape</i>	<i>-ti ihemaw</i>
99	pêlos pubianos da mulher	<i>-ekomutaw</i>	<i>həʔəj rawer</i>
100	pêlos pubianos do homem	<i>-ekomutaw</i>	<i>awa ipurua hawer</i>
101	clitóris	<i>-piriti</i>	<i>həʔəj piriti</i>
102	pênis	<i>remo ~ hemo ~ temo</i>	<i>remo ~ hemo ~ temo 'pênis' hemo hawer hapi ʔa</i>
103	vagina	<i>təʔəj ~ -həʔəj ~ -rəʔəj ~</i>	<i>- tíʔij ~ híʔij ~ ríʔij 'vagina' kuzə ima ʔe ikwara həʔəj ikwar hemo tíʔə kwar</i>
104	costelas	<i>-arukəŋ</i>	<i>-ərukəŋ wer</i>
105	coluna		<i>-kupe kaɪwəw</i>
106	cintura	<i>-kuʔa</i>	<i>-kuʔa</i>
107	quadril	<i>riiwʔa te</i>	<i>-wír ita kəŋ</i>
108	osso da bacia	<i>-əkuj rətə kəŋ</i>	<i>hame itəkəŋ</i>
109	nádegas	<i>-ziwiraʔo</i>	<i>-ewi zape</i>

110	músculo das nádegas	-iwi ipí raʔo ~ -iwi raʔo	-hewíra roʔokwer
111	coxa	-ʔuj pí	-enenupí (coxa)
112	osso da coxa	-ʔuj ipí	-ʔuj ipí kaitwer
113	joelho	-pinəɾə ~ penəɾəŋ	-penəɾəŋ
114	perna	-etíməŋ	-etímə
115	perna torta	-piapara	etímə apar(a)
116	canela	-etímə kəŋ	-etíməkəŋ ~ -etíməkaitwera
117	batata da perna	-etímə iaʔo	-etímə raʔo kwer
118	tornozelo	-piakaza rakehar	-piakaza
119	calcanhar	-píta	-píta
120	pé	-pí	-pí
121	dorso do pé	-pí kupe	-pí kupe
122	planta do pé	-pí píter	-pí íwi βe
123	dedos do pé	-píhə	-píhə
124	dedão	-píhə hu	-píhə hu
125	dedo contíguo ao dedão	-píhə hu rakehar	-píhə hu rakehar
126	dedo do meio	-píhə hu rakehar	-píhə míter
127	dedo mínimo	-píhə miri	-píhə miri
128	dedo contíguo ao mínimo	-píhə miri rakehar	-píhə ipapaw
129	nós dos dedos do pé	-píhə zeapíirohaw	-píhə zeapíirohaw
130	unha dos pés	-piəpen ~ -piupen ~ piupe - pijpe	-piəpe
131	calo do pé	-pí roʔa	-píhə míter
132	joanete	-píhə hu zeapíirohap	-píhə kaitwer
133	veia	-azuk	-azuk
134	sangue	-uj ker	-uwi kwer
135	catarro	-iuʔu pewer	-idziuʔu pewer
136	gordura	-kawer	-kawer
137	pus	-pewer	-pewer
138	suor	-pirakorer	-pirakor(i) -zuə
139	odor das axilas	-kəʔfiŋ wer	-ziwa íwi kəʔfiŋ wer
140	mau hálito	-zuru niŋwir-a	-zuru nem(a)
141	secreção do ouvido	-pí kwar kia kwer	-apiakar hawakwer(a)

142	secreção dos olhos	<i>-eha pewer</i>	<i>-eha pewer ~ -eha pepew</i>
143	secreção do nariz	<i>-iupiɣwar apekwer</i>	<i>-apiɣwarhaw akwer ~ -amíwer(a)</i>
144	saliva	<i>nɰkwer-a</i>	<i>nɰkwer-a</i>
145	ruga	<i>-uwa ziɳ̃ ɛiɳ̃</i>	<i>-uwa ziɳ̃ haw (ruga da face) -eha ziaɳ̃ haw (ruga dos olhos)</i>
146	menstruação	<i>huhí</i>	<i>-uripaw ~ maʔe ahɰhaw ~ -uwihaw</i>
147	primeira menstruação	<i>-zemuniɳ̃ar-a</i>	<i>-zemíniɳ̃ar-a</i>
148	leite do peito	<i>-kamí</i>	<i>-kamíkwer</i>
149	placenta	<i>-memír rukwer</i>	<i>-kíhawer ~ -rukwer</i>
150	líquido amniótico	<i>-memír ʔí rupok</i>	<i>ʔí dʒiɳ̃ kwer</i>
151	peido	<i>tepíno ~ píno pínó</i>	<i>pino</i>
152	bosta ou excremento de alguém	<i>teputí</i>	<i>típutí ~ heputí</i>
153	mijo	<i>-tí</i>	<i>-tí</i>
154	coceira	<i>-zuhar</i>	<i>juhar ~ zuhar</i>
155	couro, pele	<i>-pírer</i>	<i>-pírer</i>
156	ferida	<i>-perew</i>	<i>-perew</i>

Quadro 98 – Quadro comparativo lexical 6.2

II.			
CAMPO SEMÂNTICO: FAUNA E AFINS			
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
159	porcão	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>
160	mosca	<i>meru</i>	<i>meru</i>
161	mosquito	<i>meruɳ̃</i>	<i>meruɳ̃</i>
162	borboleta	<i>pənəm</i>	<i>pənəm</i>

163	formiga	<i>tahiw</i>	<i>tahíw</i>
164	saúba ou formiga da roça	<i>iau</i>	<i>íao</i>
165	tucandeira	<i>tukaŋira</i>	<i>tukaŋír</i>
166	toru		
167	cigarra	<i>zəkírən</i>	<i>zəkírən</i>
168	cupim	<i>kupíř</i>	<i>kupíř</i>
169	aranha	<i>zanu</i>	<i>zanu</i>
170	caranguejeira	<i>zanu kař</i>	<i>zanu rawer</i>
171	escorpião	<i>zawazir</i>	<i>zawazír</i>
172	carapanã	<i>zitfiřu</i>	<i>zatfiřu</i>
173	barata	<i>tíríwe</i>	<i>tíríwe</i>
174	mucuim	<i>mikuř</i>	<i>míkuř</i>
175	carrapato	<i>zapřhuk</i>	<i>zatíhuk</i>
176	cabeça-de-prego	<i>ira hok</i>	<i>-pətətřina</i>
177	girino	<i>zuř ařr</i>	<i>zuř ařír</i>
178	sanguessuga	<i>kaníru</i>	<i>ira hok</i>
179	lesma	<i>maře amíwer</i>	<i>azaŋamí</i>
180	pium	<i>piřu</i>	<i>piřu</i>
181	piolho	<i>-kíw</i>	<i>-kíw</i>
182	lêndea	<i>nikíw rupiřa kwer</i>	<i>hupiřa</i>
183	bicho-de-pé	<i>tuŋař</i>	<i>tuŋař</i>
184	centopéia	<i>zapewha</i>	<i>zapeahok</i>
185	jacu	<i>zaku</i>	<i>zaku</i>
186	vaga-lume	<i>uaŋ</i>	<i>uaŋař</i>
187	grilo	<i>ikizu</i>	<i>əkəzu</i>
188	gafanhoto	<i>tukur</i>	<i>tukur</i>
189	mariposa	<i>pənəř nař</i>	<i>zuř hemiřu</i>
190	libélula	-----	<i>miniko</i>
191	minhoca, lombriga	<i>mířkur kurí</i>	<i>mířkur</i>
192	coruja rasga-mortalha	<i>krəw</i>	<i>kəřəw</i>
193	uirapuru	<i>wirapuru</i>	-
194	graúna chico preto	<i>zəpuřuma</i>	<i>-zəpuřuna</i>
195	camarão	<i>mutfi</i>	<i>mutfi</i>
196	caranguejo	<i>uha</i>	<i>uararuha (do rio)</i>
197	caranguejo da água	<i>uha</i>	<i>uha (do mangue)</i>

	doce		
198	peixe	<i>-pira</i>	<i>-pira</i>
199	surubim	<i>uruʔi</i>	<i>uruʔi</i>
200	tamuatá	<i>tamuatá</i>	<i>-tamata</i>
201	cará	<i>kara</i>	<i>-akara</i>
202	mexilhão	-	<i>əu əɾəitə</i>
203	piaba	<i>mamiri</i>	<i>mamiri</i>
204	piranha	<i>-pirəj</i>	<i>-pirəj</i>
205	arraia	<i>zaiwɨr</i>	<i>zawewɨr</i>
206	sapo	<i>kururu</i>	<i>kururu</i>
207	rã	<i>kururu</i>	<i>-zuʔi</i>
208	gia	<i>zuʔi ~ kwara zuʔi</i>	<i>uara zuʔi ~ araruʔi</i>
209	jacaré	<i>zakare</i>	<i>zakare</i>
210	lagarta	<i>-hok</i>	<i>-hok</i>
211	lagarta venenosa	<i>-mir</i>	<i>-mir ~ ihok purutiʔu</i>
212	jabuti	<i>zauti</i>	<i>zauti ~ ʒauti</i>
213	jibóia	<i>arapuha moj</i>	<i>arapuha moj</i> <i>muzuhu (sucuriju, anaconda)</i>
214	cobra de cipó	<i>moj tfakwaʔi</i> <i>maha moj</i> <i>mojtatana</i>	<i>moj tfakwaʔi</i> <i>moj hɨm</i>
215	cobra	<i>moj</i>	<i>moj</i>
216	caninana	<i>moj piru:piru</i>	<i>moj piru:piru</i>
217	cobra-coral	<i>arawoj</i>	-
218	embuá	<i>amuʔa</i>	<i>amuʔa</i>
219	caracol	<i>minuʔa</i>	<i>minuʔa</i>
220	bicho-de-coco de tucumã	<i>tukumə rahok</i>	<i>tukumə hok</i>
221	pulga	<i>tuɾaʔi</i>	<i>tuɾaʔi</i>
222	galinha	<i>zapukaj</i>	<i>zapukáj ~ sapukaj</i>
223	galo	<i>zapukaj awa</i>	<i>zapukaj awa</i>
224	ovo de galinha	<i>zapukai rupiʔa</i>	<i>zapukai rupiʔa</i>
225	pinto	<i>zapukaj raʔɨr</i>	<i>zapukaj raʔɨr</i> <i>sapukaj raʔɨr</i>
226	galinha d'angola	<i>inamu ran</i>	<i>aɾuri</i>
227	nambu	<i>inamu</i>	<i>tururɨ</i>

228	pavão	<i>zəkəre</i>	<i>mítu</i>
229	cigana	<i>maturia</i>	-
230	pato	<i>urumə</i>	<i>urumə</i>
231	jacamin	<i>zəkəimi</i>	<i>zəkəmi ~ zəkəmi</i>
232	gavião	<i>wírahu</i>	<i>wírahu ~ waruhu</i>
233	tesoura	<i>tepí-tepen</i> <i>təpí-təpen</i> <i>təpe-təpen</i>	<i>tépé-tepén</i>
234	urubu	<i>uruhu</i>	<i>apítaw</i>
235	urubu-rei	<i>uruhu tʃiŋ</i>	<i>uruhu</i>
236	coruja	<i>pípí</i>	<i>pípí</i> (um tipo de coruja)
237	arara	<i>arara</i>	<i>arar</i>
238	periquito	<i>tuʔ</i>	<i>tuʔ</i>
239	papagaio	<i>azuru</i>	<i>azuru</i>
240	ariramba	<i>zauati</i>	<i>zauati</i>
241	jaçanã	<i>zapukaj ran</i>	<i>warapehok</i>
242	beija-flor	<i>majtumi</i>	<i>majnumí</i>
243	andorinha	<i>wíriri</i>	<i>wíriri</i>
244	chicoan/alma de gato	<i>atʃiŋahu</i>	<i>atʃiŋahu</i>
245	pombo	<i>píkahu</i>	<i>píkuʔ</i>
246	rolinha	<i>píkuʔ</i>	<i>píkuʔ</i>
247	tucano	<i>tukan ~ tukəjma</i>	<i>tukan</i>
248	tanguru Pará	<i>zawəni (bico-de-brasa)</i>
249	japu	<i>zapu</i>	<i>zapu</i>
250	japim	<i>zapiʔ</i>	<i>zapiʔ</i>
251	tem-tem	<i>wira tajnira</i>	<i>wíra tajmír(i)</i>
252	passarinho	<i>wira miri</i>	<i>wira miri</i>
253	pipira	<i>əkəpin</i>	<i>əkəpin</i>
254	sabiá	<i>awiza</i>	<i>hawiza ~hawidza</i>
255	curió	<i>tʃiʔ</i>	<i>wíra:miri uzeʔeŋar maʔe</i>
256	anu	<i>anu</i>	<i>anu</i>
257	mutum	<i>mítun ~ mítu</i>	<i>mítu</i>
258	pinicapau/ picapau	<i>ipeku</i>	<i>ipékú</i>
259	cavalo	<i>kawaru</i>	<i>kawaru</i>
260	garça	<i>wira tʃiŋ</i>	<i>marazahok</i>

261	guará	<i>wira tʃiŋ piraŋ</i>	-
262	maçarico	<i>matuituj</i>	-
263	socó	<i>soko</i>	<i>hoko</i>
264	bacurau	<i>wizaʔu</i>	<i>wizaʔu</i>
265	boi	<i>tapiʔir</i>	<i>tapiʔak</i>
266	vaca	<i>tapiʔir kuzə</i>	<i>tapiʔak kuzə</i>
267	chifre-de-boi	<i>tapiʔi iʔak (chifre de boi)</i>	<i>tapiʔak iʔak (chifre de boi)</i>
268	porco	<i>kure (porco doméstico)</i>	<i>kure (porco doméstico)</i> <i>tazahuran</i>
269	carneiro	<i>arapuha ran</i>	<i>irapuharan ~arapuharan</i>
270	cachorro	<i>zawar</i>	<i>zawar</i>
271	filho de cachorro	<i>zawar raʔir</i>	<i>zawar raʔir</i>
272	cadela	<i>zawar kuzə</i>	<i>zawar kuzə</i>
273	macaco	<i>kaʔi</i>	<i>kaʔi</i>
274	guariba	<i>wariw</i>	<i>wariw</i>
275	macaco cuxiú	<i>kut fihu</i>	<i>kut fihu</i>
276	macaco sauí	<i>tamari</i>	<i>tamari</i>
277	macaco de cheiro	<i>kaʔi puzu</i>	<i>kaʔi puzu</i>
278	quandu	<i>kwanu</i>	<i>kwanu</i>
279	onça	<i>zawar</i>	<i>zawaruhu</i>
280	gato	<i>pixan</i>	<i>pixan</i>
281	gata	<i>pixan kuzə</i>	<i>pixan kuzə</i>
282	raposa	<i>awara</i>	<i>awara</i>
283	anta	<i>tapiʔir</i>	<i>tapiʔir</i>
284	veado	<i>arapuha</i>	<i>arapuha</i>
285	caitetu	<i>imətə</i>	<i>imətə</i>
286	queixada	<i>tazahu</i>	<i>tazahu</i>
287	lontra	<i>zawakak</i>	-
288	boto	<i>pira zawar</i>	<i>pira zawar (sabem que é um bicho grande que ficava dentro d'água, embora não o tenham visto)</i>
289	morcego	<i>an'ra</i>	<i>an'ra</i>
290	rato	<i>aŋuza ~ hamūza ~ anuza</i>	<i>aŋuza ~ hamūza ~ anuza</i>
291	coelho	<i>tapitʃi</i>	<i>tapitʃi</i>
292	paca	<i>pak</i>	<i>pak</i>
293	tamanduá	<i>tamanua</i>	<i>tamanua</i>

294	preguiça	<i>aʔi</i>	<i>aʔi</i>
295	preguiça rel	<i>aʔi hu</i>	<i>aʔi hu</i>
296	tatu	<i>tatu</i>	<i>tatu</i>
297	mucura	<i>mʔkur</i>	<i>mʔkur</i>
298	égua	<i>kawaru kuzə</i>	<i>kawaru kuzə</i>
299	capivara	<i>kupáwar</i>	<i>kapiwar</i>
300	burro	<i>kawaru</i>	<i>kawarurən</i>
301	novilho	<i>tapiʔi raʔir</i>	<i>tapiʔak raʔir</i>
302	garrote	<i>tapiʔir piáhu</i>	<i>tapiʔak kupe wawa</i>
303	preá	<i>zawar aʔi</i>	<i>perear</i>
304	potro	<i>kawaru aʔi</i>	<i>kawaru raʔir</i>
305	bode	<i>kawaru ran aʔi</i>	<i>arapuharan</i>
306	cabra	<i>kawaru ran</i>	<i>arapuharən kuzə</i>
307	cotia	<i>akutʔi</i>	<i>akuti</i>
308	veado branco	<i>mahaw aʔi</i>	<i>arapuha tʔij</i>
309	quatipuru	<i>uawerew aʔi</i>	<i>kwatʔi purutiʔu</i>
310	coati	<i>kwatʔi</i>	<i>kwatʔi</i>
311	tartaruga	<i>zawatʔi hu</i>	<i>zauti perem</i>
312	gato maracajá	<i>marakaza aʔi</i>	<i>marakada</i>
313	camaleão	<i>kamazio</i>	<i>tezuhu</i>
314	jacuraru /teju	<i>tʔuhu</i>	-
315	lagarto	<i>tʔu</i>	<i>tezu</i>
316	cobra de duas cabeças	<i>amirikur uhu</i>	<i>moj iəkəŋ dziame</i>
317	surucucu	<i>urukuku</i>	<i>moj kaʔapor</i>
318	jararaca	<i>mozeiw</i>	<i>moj zaiw</i>
319	cobra-papagaio	<i>azuru moj</i>	- <i>azuru moj</i>
320	chifre	<i>-ʔak</i>	<i>-ʔak</i>

Quadro 99 – Quadro comparativo lexical 6.3

III.	CAMPO SEMÂNTICO: NOMES DE PARENTESCO E AFINS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJARÁ ATUAL SILVA (2009)
321	parente/	<i>-nam</i>	<i>-nam</i>

322	esposo	-men	-men
323	esposa	-emiriko	-emiriko
324	avô materno	təmuj	ramuj ~ tamuj ~ hamuj
325	avô paterno	təmuj	ramuj ~ tamuj ~ hamuj
326	avó materna	hai	zarĵ
327	avó paterna	hai	zarĵ
328	minha avó	zarĵ ~ dzarĵ	zarĵ
329	bisavô	təmuj	ramuj hamuj
330	bisavó	hai	zarĵ ihĭ ~ zarĵ izarĵ
331	trisavô	təmuj	ramuj hamuj
332	trisavó	hai hai	zarĵ:zarĵ
333	filho de homem	ra?ĭr ~ ha?ĭr ~ ta?ĭr	ra?ĭr ~ ha?ĭr ~ ta?ĭr
334	filho de mulher	-memĭr	-memĭr
335	filha de homem	-azĭra ~ razĭra ~ tazĭra -azĭra kuzà	razĭra ~ hazĭra ~ tazĭra
336	irmão mais velho da mulher	-ĭki?ĭr ~ hĭki?ĭr ~ rĭki?ĭr ~ nĭki?ĭr ~ tĭki?ĭr	-ĭki?ĭr ~ hĭki?ĭr ~ rĭki?ĭr ~ nĭki?ĭr ~ tĭki?ĭr -kĭw?ĭr hia ĭu héj
337	irmão mais novo da mulher	kĭwĭr	kĭwĭr ~ kĭwĭr piahu
338	irmão mais velho do homem		rĭki?ĭr
339	irmão mais novo do homem		rĭwĭr
340	pai	-u ~ ru ~ tu	-u ~ ru ~ tu
341	mãe	-hĭ	-hĭ
342	irmã mais velha da mulher	-rikĕra	-riker hia ĭu hej
343	irmã mais nova da mulher	-kĭpi?ĭra	-kĭpi?ĭr piahu
344	irmã mais velha do homem	renĭra	renĭr ipĭ
345	irmão mais nova do homem	renĭra	renĭr piahu
346	primo do homem		he raihe memĭr
347	prima do homem	-ratiper	-ratiper(a) – he tutĭr tazĭr (filha do tio)

			<i>he raihe mem̃r (filha da tia)</i>
348	primo da mulher	-	<i>he raihe mem̃r</i>
349	prima da mulher	-	<i>he tut̃r taz̃r (filha do tio)</i> <i>he raihe mem̃r (filha da tia)</i>
350	sobrinho (filho do irmão) (homem falando)	-	<i>ri?r̃</i>
351	sobrinho (filho da irmã) (homem falando)	-	<i>ri?r̃</i>
352	sobrinha (filha do irmão) (homem falando)	-	<i>he raz̃r</i>
353	sobrinha (filha da irmã) (homem falando)	-	<i>-ratiper</i>
354	sobrinho (filho do irmão) (mulher falando)	-	<i>-peŋ</i>
355	sobrinho (filho da irmã) (mulher falando)	-	<i>-peŋ</i>
356	sobrinha (filha do irmão) (mulher falando)	-	<i>-peŋ</i>
357	sobrinha (filha da irmã) (mulher falando)	-	<i>-peŋ</i>
358	neto do homem	<i>-imimino</i>	<i>-emumino</i> <i>emumino ip̃i (primeiro neto)</i> <i>emumino k̃rer (neto caçula)</i>
359	neta do homem	<i>-imimino</i>	<i>-emimino</i>
360	neto da mulher	<i>-emiro</i>	<i>-emiaro</i> <i>-emiaro ip̃i (primeiro neto)</i> <i>-emiaro tuhej (neto mais velho)</i> <i>he mem̃r k̃rer (neto caçula)</i>
361	neta da mulher	<i>-emiro</i>	<i>-emiaro</i> <i>-emiaro ip̃i (primeira neta)</i> <i>-emiaro tuhej (neta mais velha)</i> <i>neta caçula:he mem̃r k̃rer</i>

362	bisneto do homem	-imimino	-emumino
363	bisneta do homem	-imimino	-emimino
364	bisneto da mulher	-emiriro	-emiariro
365	bisneta da mulher	-emiriro	-emiariro
366	tio materno	-tutír	-tutír
367	tio paterno	-ruʔír	-ruʔír ~ tutír
368	tia materna	zajhe	he iʔír ~ məməj zaʔi
369	tia paterna	zajhe	zaihe
370	sogro do homem	tatíw ~ ratíʔu ~ hatíʔu ~ natíʔu	tatíw ~ ratíw ~ hatíw ~ natíʔu
371	sogra do homem	rajho	raiho
372	sogra da mulher	raiho	hemehi ~ he men hi
373	sogro da mulher	hemenu ~ he men u	hemenu ~ he men u ~ he men tu
374	genro do homem	wen	tíʔíwen (homem falando), təʔíwen, eríʔíwen, rizíʔíwen ~ rəʔíwen
375	genro da mulher	peʔum ~ peʔom	peum (mulher falando)
376	nora da mulher	memi tati	memi tati ~
377	nora do homem	raʔír tati	raʔír tati
378	cunhado do homem	ihe kəʔí raj ruʔír	raʔí ruʔír kwajti (homem falando para o irmão da própria esposa e para o esposo da própria irmã)
379	cunhada do homem	raj ruʔír	he raʔí ruʔír ~ remiriko kipíʔír he remiriko iker (homem falando para a irmã da esposa e para a esposa do próprio irmão))
380	cunhado da mulher	rikiwʔín	he men kíʔír (mulher falando para o irmão mais velho do esposo e para o esposo da própria irmã) tíkíʔír he men íwír ~ he riker imen (mulher falando para o irmão mais novo do esposo e para o esposo da própria irmã) he kipíʔír imen (mulher falando para homem)

381	cunhada da mulher	<i>rikiwʔin</i>	<i>taʔruʔʔr ~ ihe kəʔ (mulher falando para a irmã do esposo e para o esposo da própria irmã)</i>
382	padrinho	<i>tuaŋaw ~ huaŋaw ~ ruaŋaw</i>	<i>tuaŋaw ~ huaŋaw ~ ruaŋaw</i>
383	madrinha	<i>hiaŋaw</i>	<i>hiaŋaw</i>
384	gente	<i>teko</i>	<i>teko</i>
385	namorada	<i>hetekwar</i>	<i>zemetehaw ~ zemueteahaw</i> <i>'namorada'</i>
386	amante	-	<i>hetekwar</i> <i>-men aŋaw 'amante da mulher'</i> <i>-emiriko aŋaw 'amante do homem'</i>
387	casado	<i>menar ~ menahar ~ uereko</i>	<i>he remiriko maʔe</i>
388	pai adotivo	<i>tuaŋaw</i>	<i>tuaŋaw</i>
389	mãe adotiva	<i>hiaŋaw</i>	<i>hiaŋaw</i>
390	filho adotivo	<i>memʔr aŋaw</i>	<i>kuzə təʔi emimuakwaw</i>
391	filha adotiva	<i>memʔr aŋaw</i>	<i>kaharer awa emimuakwaw</i>
392	padrasto	<i>tuaŋaw</i>	<i>tuaŋaw</i>
393	madrasta	<i>ihiaŋaw</i>	<i>ihiaŋaw</i>
394	enteado	<i>taʔʔr aŋaw</i>	<i>tazʔr aŋaw</i>
395	amigo	<i>muripar</i>	<i>-emʔripar</i>
396	companheiro	<i>pʔʔw har</i>	<i>-upihar</i>
397	compadre	<i>kupar</i>	<i>kupar(i)</i>
398	comadre	<i>kumar</i>	<i>kumar(i)</i>
399	vizinho	<i>hakehar</i>	<i>riʔʔj huakehar</i>
400	família	<i>anam</i>	<i>anam</i>
401	rapaz solteiro	<i>nan hemirikoj</i>	<i>awa hemirikoʔʔm maʔe</i>
402	moça solteira	<i>kuzə təʔi napiahu</i>	<i>kuzə imenʔʔm maʔe</i>
403	viúvo	<i>na hemirikoj</i>	<i>awa hemiriko mano maʔe kwer</i>
404	viúva	<i>na imen</i>	<i>kuzə imen mano maʔe kwer</i>
405	separado	<i>uezár</i>	<i>awa ipuʔʔr maʔe kwer</i>
406	separada	<i>uezár</i>	<i>kuzə ipuʔʔr maʔe kwer</i>
407	mulher virgem	<i>zepuhé</i>	<i>kuzə ipiahu katu maʔe</i>
408	homem virgem	<i>zepuhé</i>	<i>awa ipiahu katu maʔe</i>
409	homem estéril	<i>na imemʔr kwaw-à</i>	<i>awa taʔʔr ʔʔm maʔe</i>

410	mulher estéril	<i>na taʔir kwaw-à</i>	<i>kuzə memɨr ʔim maʔe</i>
-----	----------------	------------------------	----------------------------

Quadro 100 – Quadro comparativo lexical 6.4

IV.	CAMPO SEMÂNTICO: FASES DA VIDA		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
411	homem	<i>awa</i>	<i>awa</i>
413	homem novo	<i>apɨaw</i>	<i>apɨaw</i>
414	senhor	<i>tuaʔu</i>	<i>tuaʔu</i>
415	moço, rapaz	<i>kwəkuəmo ~ kəkuəmo</i>	<i>kwəkuəmo</i> <i>kwareruhu katu</i>
416	criança ou menino/criança pequena	<i>kwaharer</i>	<i>kwarer ~ kwaharer</i>
417	mulher	<i>kuzə</i>	<i>kuzə</i>
418	dona	<i>maʔe kuzə</i>	
419	moça	<i>kuzə wazə</i>	<i>kuzə waza</i>
420	menina	<i>kuzə taʔi</i>	<i>kuzə təʔi</i>
421	velho	<i>tuaʔu ate</i>	<i>tuaʔu ete</i>
422	velha	<i>ihiaʔu ate</i>	<i>hiaʔu ete</i>
423	feto	<i>imemɨr hem</i>	<i>kwaharer uhi hiepe</i>
424	recém-nascido	<i>kwaharer aʔi</i> <i>kuzə təʔi aʔi</i>	<i>kwaharer uzesarumo maʔe kwer</i>

Quadro 101 – Quadro comparativo lexical 6.5

V.	CAMPO SEMÂNTICO: ARTEFATOS CULTURAIS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)

425	fio de algodão	<i>inemo</i>	<i>nemo ~ inimó</i>
426	balaio	<i>maraj</i>	<i>maraj</i>
427	paneiro/paneiro grande	<i>mənəku</i>	<i>maneku</i> <i>marajhu</i>
428	peneira	<i>irupem</i>	<i>iripem</i>
429	panela	<i>zapepo</i>	<i>zapepo</i>
430	arco	<i>wirapar</i>	<i>wirapar</i>
431	flecha	<i>uʔw</i>	<i>uʔw</i>
432	ponta apontada	<i>akwaʔi katu</i>	<i>akwaʔi katu</i> <i>hakwaʔi</i>
433	tabaco	<i>pʔi piar</i>	<i>petim piar</i>
434	cigarro	<i>pʔim</i>	<i>petim</i>
435	cagador	<i>kaʔapaw</i>	<i>kaʔapaw</i>
436	mijador	<i>karukahaw</i>	<i>kaʔakarukaw</i> <i>kaʔakarukahaw</i>
437	faca	<i>takihe ~ takiheʔi</i>	<i>takihe</i>
438	terçado ou faca grande	<i>takihehu</i>	<i>takihe puku</i> <i>takihehu</i>
439	machado	<i>itazi</i>	<i>itazi</i>
440	espingarda	<i>mukaw</i>	<i>mukaw</i>
441	pólvora	<i>muka kuʔi</i>	<i>mukaw kuʔi</i>
442	ouvido de espingarda	<i>muka rekwej</i>	<i>mukaw apekwer</i> <i>mukaw hekwej ~ rekwej</i>
443	espera de veado	<i>mijta (jirauzinho para esperar o veado)</i>	<i>muta (jirauzinho para esperar o veado)</i> <i>maʔe remiʔu haw</i>
444	canoa	<i>iar</i>	<i>kanu (canoa)</i>
445	barco		<i>uapohu (barco)</i>
446	remo	<i>kupʔaw~ pʔujtaw</i>	<i>hem</i>
447	cercar com cacuri	<i>pəri iru ramo</i>	<i>məmən (cercar qualquer coisa)</i>
448	anzol	<i>pina</i>	<i>pina</i>
449	linha	<i>inemo (fio de algodão)</i> <i>pinəhəm (linha)</i>	<i>inemoʔi (fio de algodão)</i> <i>pinəhəm (linha de pesca)</i>
450	agulha	<i>awiw</i>	<i>aɲuj</i>
451	rede de lançar, tarrafa	<i>kʔha pari (malhadeira) ~ pʔsa (tarrafa)</i>	<i>kʔhaw pari</i>

452	casa	<i>típĭj</i>	<i>típĭj</i>
453	tolda da embarcação)	<i>iar pĭj</i>	<i>kanu rĭpĭj</i>
454	casa de forno	<i>zepehe rĭpĭj</i>	<i>zepehe rĭpĭj</i>
455	aldeia velha	<i>teko awera</i>	<i>tawera</i>
456	cidade	<i>karaiw rekoĥaw</i>	<i>tawhu ~ karaiw rekoĥaw</i>
457	porto	<i>iar rupaw</i>	<i>kanu pĭtahaw</i>
458	porta	<i>uken ~ ruken ~ huken</i>	<i>uken ~ ruken ~ huken</i>
459	palha	<i>pino</i>	<i>pino</i>
460	rede	<i>kĭha</i>	<i>kĭhaw</i>
461	corda de rede	<i>kĭhĕhĕm</i>	<i>kĭhĕhĕm</i>
462	assento	<i>tenaw ~ renaw ~ henaw</i> <i>iapĭkaw ~ pĭkaw</i>	<i>tenaw ~ renaw ~ henaw</i> <i>iapĭkaw ~ pĭkaw</i>
463	forno	<i>zepehe</i>	<i>zapehĭ</i>
464	lugar do fogo	<i>tata paw</i>	<i>tata upaw</i>
465	fósforo	<i>tata ĩw</i> (raríssimo uso, só os mais velhos) (fósforo, isqueiro)	<i>tata ĩw</i>
466	querosene	<i>tata inĭ</i> (lâmparina, lâmpada)	<i>tata inĭ</i>
467	vassoura	<i>tepeĭhaw</i>	<i>tĭpĭhaw</i>
468	lenha	<i>zapeaw</i>	<i>zepeaw</i>
469	cinza	<i>tanimuk</i>	<i>tanimuk</i>
470	cabaça	<i>ĭĭa</i>	<i>ĭĭa</i>
471	cuia	<i>kawaw</i> (prato, vasilha para colocar comida) <i>kuj</i>	<i>kawaw</i>
472	instrumento	<i>tĭĭam</i> (flauta)	<i>kĭĭam</i> (flauta) ~ <i>tĭĭam</i> (flauta)
473	pilão	<i>ĭĭuĭa ~ imuĭa</i>	<i>muĭa ~ inuĭa</i>
474	mão de pilão	<i>ĭĭuĭa wazar ~ imuĭa waza</i>	<i>muĭa wazar</i>
475	relógio	<i>poapĭwhara ~</i> <i>kwarahĭ raĭapaw</i> (só alguns mais velhos)	<i>kwarahĭ raĭapaw</i>
476	retrato	<i>haĭapaw</i>	<i>aĭapaw</i>
477	pente	<i>kĭwaw</i>	<i>kĭwaw</i>
478	chapéu	<i>zapew</i>	<i>kĕĭ rehaw</i>
479	papel	<i>pape</i>	<i>maper</i>
480	camisa	<i>kamir</i>	<i>kamitĭaw</i>

481	calça (ceroula?)	<i>temihar puku:puku</i> <i>tʃirur</i> (antigamente alguns mais velhos usavam essa palavra)	<i>tʃirur</i>
482	sapato	<i>p̄rehehar</i> <i>p̄pehar(a)</i>	<i>p̄riru</i> (sapato)~ <i>p̄pehar</i> (sandália) <i>zamato</i> (tamanco)
483	cruz	<i>iw̄ra kaʃetar</i> 'cruz' <i>w̄ra kami</i> (forquilha)	<i>w̄ra kami</i>
484	tesoura	<i>zepinaw</i>	<i>zupinaw</i>
485	arupema	<i>ir̄ipem</i> 'peneira'	<i>irupem</i> peneira'
486	extrato ou cheiro	<i>eakwen</i> ~ <i>heakwen</i> ~ <i>reakwen</i>	<i>irikwen</i>
487	escada	<i>m̄ta:m̄ta</i>	<i>m̄ta:m̄ta</i>
488	lugar de prender, cadeia	<i>zemunehepaw</i>	<i>p̄h̄ikahaw</i>
489	chave	<i>uken heʔp̄imaw</i>	<i>ukenpirarahaw</i>
490	vela		<i>tupan rata</i>
491	galinheiro	<i>zapukaj pari</i> ~ <i>zapukaj kerahaw</i>	<i>zapukaj pari</i>
492	foguetes	ausência de termo na língua <i>tatapopok</i> (explosão)	<i>tata ruaj</i> (foginete) ~ <i>tatapopok</i> (carvão)

Quadro 102 – Quadro comparativo lexical 6.6

VI	CAMPO SEMÂNTICO: FLORA E AFINS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJARÁ ATUAL SILVA (2009)
493	algodão	<i>amaniju</i>	<i>manezu</i>
494	cana braba/frecheira	<i>kan̄r̄ən</i>	<i>ūw̄a</i> <i>kan̄r̄ən</i>
495	fava	<i>kumana</i>	<i>kumana</i> ~ <i>kumanahu</i>
496	feijão	<i>kumana ɾ̄</i>	<i>kumana ɾ̄</i>
497	pimenta	<i>taj</i>	<i>taj</i>
498	pau	<i>w̄ra</i>	<i>w̄ra</i>

499	pau torto	<i>wíra par</i>	<i>iwíra par</i>
500	galho de pau	<i>wíra kəmi</i>	<i>wíra kəm</i>
501	mato	<i>kaʔa</i>	<i>kaʔa</i>
502	lote ou roça	<i>ko</i>	<i>ko</i>
503	roçar	<i>kaʔa petek</i>	<i>kaʔa petek</i>
504	roçar
505	espinho	<i>su ~ zu</i>	<i>su</i>
506	folha	<i>kaʔa ruer</i>	<i>kaʔa</i> <i>kaʔa ruer</i>
507	caminho	<i>pe</i>	<i>pe</i>
508	capim	<i>kaʔapiʔ</i>	<i>kaʔa piʔ</i>
509	flor	<i>putíra</i>	<i>maʔe putír</i>
510	que flor	<i>maʔe putíra</i>	<i>maʔe putír puraŋete ahí</i>
511	banana	<i>pako</i>	<i>pako</i>
512	bananal	<i>pakotíw</i>	<i>pakorupaw ~ pakotíw</i>
513	laranja	<i>naraj</i>	<i>naraj</i>
514	limão	<i>rimaw</i>	<i>rimaw</i>
515	manga	<i>maŋ</i>	<i>maŋ</i>
516	abacata/abacateiro	<i>majʔu aran(abacate)</i> <i>pinua(bacaba)</i>	<i>abakate</i> <i>pinuʔaʔw</i>
517	mamão	<i>zarakatia</i>	<i>kəʔəkatihu</i>
518	mamão do mato	<i>zarakatia kaʔa pía</i>	<i>zarakatiʔa (mamão do mato)</i>
519	caju	<i>akazu</i>	<i>akazu</i>
520	tucumanzeiro	<i>tukuməiw</i>	<i>tukuməʔw</i>
521	açaí	<i>uasai ~ uasaʔ</i>	<i>zʔhar(i)</i>
522	urucum	<i>uruku</i>	<i>uruku</i>
524	mandioca	<i>maniʔok ~ manioka</i>	<i>maneʔok</i>
525	maniva	<i>maniʔ</i>	<i>maneʔwer ~ maneʔw</i>
525	milho	<i>awatfi</i>	<i>awatfi</i>
526	arroz	<i>awatfi apo</i>	<i>aroj</i> <i>awatfi apo</i> (palavra quase não utilizada; a maioria, inclusive, desconhece a palavra)
527	batata	<i>zítik</i>	<i>zítik</i>
528	jerimun	<i>zoromo</i>	<i>zoromo ~ zoromo</i>
529	melancia	<i>zoromo apíw</i>	<i>zoromo apíw</i>
530	cacho	<i>raríw</i>	<i>raríw</i>

Quadro 103 – Quadro comparativo lexical 6.7

VII.	CAMPO SEMÂNTICO: FENÔMENOS E ELEMENTOS DA NATUREZA		
N°	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
531	sol	<i>kwarahĩ ~ korahĩ</i>	<i>kwarahĩ</i>
532	dia ou tempo	<i>ʔar</i>	<i>ʔar</i>
533	noite	<i>pʔun</i>	<i>pʔhaw</i>
534	lua	<i>zahĩ</i>	<i>zahĩ</i>
535	estrela cadente	<i>zahĩ tata wata ho</i>	<i>zahĩ tata uzən maʔe</i>
536	arco-íris	<i>zanu rape</i>	<i>zanu rape</i>
537	tarde	<i>karuk</i>	<i>karuk</i>
538	chuva	<i>əmən</i>	<i>əmən</i>
539	chuveisco	<i>əmən eha riwʔĩr</i>	<i>zuirĩ ~ heha uʔĩr</i>
540	verão	<i>kwarahĩ</i>	<i>kwarahĩ</i>
541	inverno	<i>əmən ukĩr</i>	<i>əmən ukĩr mehe</i>
542	tempestade	<i>iwitu</i>	<i>ĩwʔtu aiw</i>
543	céu	<i>ĩwak</i>	<i>ĩwák</i>
544	estrela	<i>zahĩ tata</i>	<i>zahĩ tata</i>
545	constelação	<i>zahĩ tata piʔĩ: piʔĩ</i>	<i>zahĩ tata wə</i>
546	vento	<i>iwitu</i>	<i>ĩwʔtu</i>
547	brisa	<i>ziwitu aʔĩ</i>	<i>ĩwʔtu mewe katu</i>
548	trovão	<i>əmən wanoŋ</i>	<i>uar ahĩ</i>
549	vapor	<i>tʔuj</i>	<i>timorer</i>
550	neblina	<i>zəmupʔun hu</i>	<i>ujhape katu</i>
551	relâmpago	<i>weraw:weraw</i>	<i>weraw:weraw</i> <i>weraw:weraw ahĩ</i>
552	claridade	<i>zekwa katu</i>	<i>uzepiro katu</i> <i>uzepiroŋ katu</i>
553	escuridão	<i>pʔun</i>	<i>pʔun ahĩ</i>
554	fogo	<i>tata</i>	<i>tata</i>
555	faisca	<i>tata ruer</i>	<i>tata upiririk maʔe</i>

556	cinza	<i>tanimuk</i>	<i>tata huer</i>
557	fumaça	<i>tatatʃiŋ</i>	<i>tata timorer</i>
558	nuvem	<i>íwa tiŋ</i>	<i>íwákuŋ</i>
559	céu	<i>íwak</i>	<i>íwak</i>
560	água	<i>ʔi</i>	<i>ʔi</i>
561	gelo	<i>íuitʃaŋ ahí</i>	<i>ʔi tətə</i>
562	pingo d'água	<i>utíkír</i>	<i>tíkírhaw</i>
563	fuligem	<i>heputʃikwer</i>	<i>imukatuhaw</i>
564	oceano	<i>ʔíríhu</i>	<i>ʔíríhu</i>
565	rio	<i>ʔi</i>	<i>íríkaw</i>
566	igapó	<i>iapo</i>
567	buraco	<i>kwar</i>	<i>íwákwar(a)</i>
568	terra	<i>íwí</i>	<i>íwí</i>
569	areia	<i>íwáʃiŋ</i>	<i>íwáʃiŋ</i>
570	barro	<i>íwí zuə</i>	<i>íwí zua</i>
571	tabatinga	<i>tuzuk</i>	<i>tuʔum zeíʔam</i>
572	pedra	<i>ita</i>	<i>ita</i>
573	morro	<i>íwí tír</i>	<i>íwí tír</i>
574	água cheirosa	<i>ʔírarikwen ahí</i>	<i>ʔíríakwen</i>

Quadro 104 – Quadro comparativo lexical 6.8

Nº	CAMPO SEMÂNTICO: AÇÕES E PROCESSOS		
	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
575	cantar	<i>-zeŋar</i>	<i>-zeŋar</i>
576	dançar	<i>-píník ~ -parasej ~- parahej</i>	<i>-píník</i>
577	chover	<i>-aman ukír</i>	<i>-əmən ukír</i>
578	encher	<i>-tenehem</i>	<i>-tínehem</i>
579	abanar ou soprar	<i>-pezu</i>	<i>-pezu</i>
580	abrir	<i>-pirar</i>	<i>-pirar</i>

581	abrir	<i>-pĩĩmaʔok</i>	<i>-pĩĩməʔwok</i>
582	acabar	<i>-upaw ~ mumaw ~</i>	<i>-upaw ~ mumaw</i>
583	afogar	<i>-amĩa:mĩaw</i> <i>-zeamĩaw:mĩaw</i>	<i>-amĩa:mĩaw ~</i>
584	juntar	<i>-monoʔoŋ</i>	<i>-monoʔoŋ</i>
586	assentar	<i>-apĩk</i>	<i>-apĩk</i>
587	atravessar	<i>-ahaw ~ -asaw</i>	<i>-ahaw ~ -asaw</i>
588	banhar	<i>-zahak</i>	<i>-zahak</i>
589	bater	<i>-nupə ~ mupə</i>	<i>-nupə</i>
590	bater com a mão	<i>-zepopetek</i>	<i>-zepopetek</i>
591	beliscar	<i>-piham</i>	<i>-piham</i>
592	brigar	<i>-terekohahi</i>	<i>-purukaĩw</i> <i>-zerekwahiahĩ</i> <i>-tiro:tiro (caçando conversa,</i> <i>zoar, provocar)</i>
593	brincar	<i>-zemusaraj</i>	<i>-zemaraj (para seres humanos)</i> <i>-zemusaraj (para animais)</i>
594	cair	<i>- ʔar</i>	<i>-ʔar</i>
595	cheirar	<i>-etun ~ -itun</i>	<i>-etun</i>
596	chorar	<i>-zajʔo</i>	<i>-zaʔo</i>
597	comer	<i>-majʔu</i>	<i>-majʔu</i>
598	contar	<i>-papar ~ -amunita</i>	<i>-papar</i>
599	correr	<i>-zan ~ -hĩj</i>	<i>-zan ~</i> <i>-hĩj (não usado na região do</i> <i>Arame, somente em Barra do</i> <i>Corda)</i>
600	cortar	<i>-kiti</i>	<i>-kiti</i>
601	cortar ou corta	<i>-muŋaj</i>	<i>-muŋaj</i>
602	criar	<i>-muŋakwaw ~ -makwaw</i>	<i>-muŋakwaw</i> <i>-muzehukara</i>
603	dar	<i>-mono</i>	<i>-mono</i>
604	deitar	<i>-ʔaw ~ -zerew</i>	<i>-ʔaw ~ -zerew</i>
605	derramar	<i>-kuok (derramar</i> <i>acidentalmente)</i> <i>-zuhem (derramar</i> <i>voluntariamente)</i>	<i>-zakohok</i> <i>-kuok</i> <i>-zuhen</i>
606	descascar	<i>-pirok</i>	<i>-peʔok (descascar)</i> <i>-pirok (tirar a pele de alguma</i>

			<i>coisa)</i>
607	descer	<i>-iwzãw</i>	<i>-wezãw</i>
608	dormir	<i>-ker</i>	<i>-ker</i>
609	empurrar	<i>-muɛzən ~ muzən</i>	<i>-mɛzən</i>
610	enterrar	<i>-tãm ~ -zatiu</i>	<i>-tãm</i> <i>-zatiãw</i>
608	errar	<i>-zawi</i>	<i>-zawi</i>
609	escutar	<i>-enu</i>	<i>-enu</i>
610	experimentar	<i>-aŋʔaw</i>	<i>-aŋʔaw</i>
611	falar	<i>-zeʔeŋ</i>	<i>-zeʔeŋ</i>
612	fazer	<i>-zapo</i>	<i>-iapo</i>
613	ficar	<i>-pãa</i>	<i>pãa</i>
614	ficar sério ou zangar	<i>-kuahi</i>	<i>-kwahi katu</i>
615	fumar	<i>-pãĩmu ~ -pãter</i>	<i>-pãĩmu</i>
616	gracejar	<i>-turãw (alegria, ser alegre, estar alegre)</i>	<i>-turãw etehaw</i>
617	guardar	<i>-mono</i>	<i>-mono</i>
618	ir	<i>-ho</i>	<i>-ho</i>
619	largar ou soltar	<i>-puʔr</i>	<i>-puʔr</i>
620	levantar	<i>-puʔam</i>	<i>-puʔam</i>
621	ligar ~ grudar	<i>-zomoŋ</i>	<i>-zomoŋ</i>
622	limar, ralar, esfregar	<i>-kũĩk</i>	<i>-kũĩk</i>
623	mandar	<i>-mono ~ mono kar</i>	<i>-mono kar</i>
624	meter ou vestir	<i>-muneheu</i>	<i>-mĩnehew ~ munehew</i>
625	morder	<i>-tʃiʔu</i>	<i>-tʃiʔu</i>
626	morrer	<i>-mano</i>	<i>-mano ~ -mano</i>
627	mudar ou transportar	<i>-munĩrĩk</i>	<i>-munĩrĩk</i>
628	olhar ou acordar	<i>-meʔe</i>	<i>-meʔe</i>
629	passar	<i>-zekutĩar</i>	<i>-zekutĩar</i>
630	pegar	<i>-pĩhĩk 'pegar'</i>	<i>-pĩhĩk 'pegar'</i>
631	pilar ou socar	<i>-sok ~ -zosok ~ -dosok</i>	<i>-sok ~ -zosok ~ -dosok</i>
632	pintar, escrever	<i>-pinim</i>	<i>-pinim</i>
633	pisar muitas vezes	<i>-piro:piroŋ</i>	<i>-piro:piroŋ</i>
634	puxar	<i>-mutĩk</i>	<i>-mutĩk</i>
635	quebrar	<i>-pen ~ -mupen</i>	<i>-pen ~ -mupen</i>
636	querer	<i>-putar</i>	<i>-putar</i>
637	queimar	<i>-api</i>	<i>-kaj ~ -api</i>

638	rasgar	-muř	-muř
639	roçar	-kařa petek	-kařa petek ~ -petek
640	roçar	-kařa piřr	
641	capinar	-kařa piřr	-kařapir
642	roncar	-keramu	-keramu
643	respirar	-pituhem	-pituhem
644	roubar	-munar	-munar
645	sacudir	-motohoŋ	-mutuhuj
646	sair	-hem ho	-hem ho
647	saltar	-por	-por
648	saltar muitas vezes	-popor	-popor
649	secar	-tfiniŋ -třpaw secar o rio)	-tfiniŋ -třpaw secar o rio)
650	sonhar	-puařhu	-kerpuahu ~ kepuahu
651	soprar ou buzinar	-zupi	-pi ~ -zupi
652	surrar	-petek	-petek
653	suspender	-pir	-pir
654	tocar	-mupu ~ -zemaře mupu	-mupu ~ -zemaře mupu
655	varrer	-peir ~ -piir	-peir
656	vir	-zur	-zur
657	ver	-esak	-esak
658	voltar	-zřwřr ~	-zewřr
659	zangar	-přřiw 'zangar'	-přřiw 'desconfiar'
660	fritar	-mupitaŋ ~ -mutfini:tfiniŋ	-mupřřřik
661	chamar:	-hapukaj	-hapukaj
662	visitar:	-zekutřar	-zekřřar
663	sorrir:	-puka	-purařete
664	gargalhar:	-puka:puka	-puka:puka
665	ciscar:	-třpiřřr	-křřř-křřř
666	esperar	-aro ~ -řro	-řro
667	latir	-uhaihem	-ehem
668	pentear o cabelo	-muřuj	-muřuj
669	bater socando	-kwar	-kwar
670	socar:	-sok ~ -zosok ~ -osok	-sok
671	peneirar:		-umuewe
672	balançar:	-mukřřoŋ	-mukřřoŋ

673	suspender:	<i>-pír</i>	<i>-upír</i>
674	cortar:	<i>-zajkaw</i>	<i>-zaikaw</i>
675	cortar:	<i>-peʔaŋ</i>	<i>-peʔejaŋ</i>
676	cortar:	<i>-monohok</i>	<i>-monohok</i>
677	cortar:	<i>-kiti</i>	<i>-kiti</i>
678	matar:	<i>-zuka</i>	<i>-zuka</i>
679	furar (traspassando)	<i>-asaw</i>	<i>-asaw</i>
680	furar	<i>-kutuk</i>	<i>-kutuk</i>
681	mamar:	<i>-kamu</i>	<i>-kamu</i>
682	lamber:	<i>-warew</i>	<i>-werew</i>
683	acreditar	<i>-ruzari</i>	<i>-ruzari</i>
684	moquear	<i>-mukeʔe</i>	<i>emukeʔe nehe</i>
685	saber	<i>-kwaw</i>	<i>-kwaw</i>
686	amar	<i>-azamutar katu</i>	<i>-azamutar katu</i>
687	subir	<i>-jupir</i>	<i>-dziupír</i>
688	descer (o rio)	<i>-uírík</i>	<i>-uírík – usado para o descer da água</i> <i>uezáw ‘descer’</i>
689	olhar fixamente, mirar	<i>-mueha</i>	<i>meʔeng atu</i>
690	amassar	<i>-kamík</i>	<i>-kamík</i>
691	apalpar	<i>-upíhí:píhík</i>	<i>-upíhí:píhík</i>
692	alisar	<i>-muhí:muhím</i>	<i>-muhí:muhím</i>
693	acariciar	<i>-mumuraŋ</i>	<i>-apihiw</i>
694	apertar	<i>– ajmík</i>	<i>-amumík</i>
695	enrolar	<i>-muzar ~ -zuman</i>	<i>– zuan</i>
696	amarrar	<i>-zəpiti</i>	<i>– azepiti</i>
697	amarrar	<i>-uzukwa</i>	<i>zukwar</i>
698	embrulhar, cobrir	<i>-zewan ~ -zuan</i>	<i>-zewawən</i>
699	prender	<i>-mupítím</i>	<i>-zemunehe paw</i>
700	caçar	<i>-kaʔa mono</i>	<i>-zemiʔkar</i>
701	afogar	<i>-amíaw</i>	<i>-dziapupík</i>
702	avisar	<i>-muranu</i>	<i>mumuranu</i>
703	chegar	<i>-hem</i>	<i>-hem</i>
704	piscar	<i>-zəpumí</i>	<i>-dziapumí ~ -zapumi</i>
705	pescar	<i>-pinaítík</i>	<i>-pirapoj</i>
706	assar	<i>-mihir</i>	<i>-míhír</i>
707	fritar	<i>-piririk</i>	<i>-mupítaŋ</i>

708	cozinhar	- <i>m̃muj</i>	<i>zemiŋu apo</i>
709	tecer	- <i>upe</i>	<i>p̃áhaw</i>
710	desmaiar	- <i>nahuhəŋ ah̃i</i>	- <i>əkəz̃im</i>
711	desaparecer	- <i>əkəz̃im</i>	- <i>k̃z̃im oho</i>
712	fugir	- <i>zawaw</i>	- <i>zawaw</i>
713	esconder	- <i>zumim</i>	- <i>umim</i>
714	arrotar	- <i>uzozok</i>	- <i>ĩŋew</i>
715	peidar	- <i>p̃inu ~ p̃ino</i>	- <i>p̃inu ~ p̃ino</i>
716	defecar	- <i>kaŋaw</i>	- <i>kaŋaw</i>
717	urinar	- <i>karuk</i>	- <i>karuk</i>
718	vomitar	- <i>uhuk</i>	- <i>uhuhuk</i>
719	trabalhar	- <i>purak̃i</i>	- <i>maŋereko</i>
720	ferver	- <i>pupur</i>	- <i>pupur</i>
721	parar	- <i>p̃iuŋu</i>	- <i>p̃iuŋu</i>
722	coçar	- <i>kəŋəj</i>	- <i>kəŋə:kəŋəj</i>
723	espremer	- <i>uzami</i>	- <i>mujŋe</i>
724	pendurar	- <i>pir</i>	- <i>mudziak̃ioŋ</i>
725	espocar	- <i>opok</i>	- <i>mopok</i>
726	rodar	- <i>awak</i>	- <i>wawak</i>
727	carregar	- <i>pir</i>	- <i>monoŋong</i>
728	levar	- <i>raho</i>	- <i>raho</i>
729	curar	- <i>puanoŋ</i>	<i>mukatu</i>
730	picar	- <i>upi</i>	- <i>up̃i</i>
731	cercar	- <i>naneŋo</i>	- <i>up̃eriroŋ</i>
732	rodear	- <i>zətimən</i>	<i>zətimən</i>
733	pular	- <i>por</i>	- <i>por</i>
734	remar	- <i>p̃ikuj</i>	- <i>p̃ikuj</i>
735	ensinar	- <i>muŋe</i>	- <i>muŋe</i>
736	mexer o corpo	- <i>um̃m̃j</i>	- <i>ap̃iŋur</i>
737	mexer	- <i>zak̃i</i>	<i>p̃iur</i> <i>zak</i> ‘mexer sem a autorização de quem de direito’
738	raspar	- <i>pin</i>	- <i>upin</i>
739	raspar	- <i>həwin</i>	- <i>upin</i>
740	arrancar, tirar	- <i>oŋok ~ -zoŋok</i>	- <i>ŋok</i>
741	cobrir, tampar	- <i>zupik</i>	- <i>up̃k</i>

742	pregar com prego	<i>-iziwən ~ -idziwən</i>	<i>iziwən</i>
742	encostar	<i>-muzar</i>	<i>muzar</i> 'com força'
743	encostar	<i>-uzekok</i>	<i>-muzekok</i>
744	ajudar	<i>-p#iwə</i>	<i>-p#iwə</i>
745	juntar	<i>-monoʔoŋ</i>	<i>-monoʔoŋ</i>
746	amontoar	<i>-muzeʔar</i>	<i>-monoʔoŋ</i>
747	descobrir	<i>-muzekwa</i>	<i>-ukwaw</i>
749	descobrir, destampar	<i>-p#imawok</i>	<i>-up#iməʔwok</i> 'abrir'
749	engasgar	<i>-zu#k ~- ajzu#k</i>	<i>-uazuʔk</i>
750	escovar os dentes	<i>-katʃiŋʔok</i>	<i>-katʃiŋʔok</i>
751	gargarejar, bochechar	<i>-mokotok</i>	<i>-mokotok</i>
752	voar	<i>-wawew</i>	<i>-wewe</i>
753	nadar	<i>-uitaw</i>	<i>-itaw</i>
754	assobiar	<i>-timuzeʔeŋ</i>	<i>-t#imuzeʔeŋ</i>
755	afastar	<i>-t#r#k</i>	<i>-t#r#k</i>
756	roer	<i>-huin</i>	<i>-uzakəkəj</i>
757	derrubar	<i>-ait#k</i>	<i>-əjt#k</i>
758	procurar	<i>-ekar</i>	<i>-ekar</i>
759	conversar	<i>-zemuŋita</i>	<i>zemuŋita</i>
760	explicar	<i>-mumeʔu</i>	<i>mumiʔu</i>
761	comprar	<i>-piripan</i>	<i>ameʔe kar</i>
762	pedir	<i>-enuj</i>	<i>-enoj</i>
763	medir	<i>-emuəŋaw</i>	<i>-muəŋaw</i>
764	perguntar	<i>-puranu</i>	<i>-puranu</i>
765	repetir	<i>-muziw#r</i>	<i>muzew#r w#i</i>
766	afundar	<i>-ua#k</i>	<i>-dziapup#k</i>
767	dividir	<i>-muzaʔak</i>	<i>-amuzaʔak</i>
768	apontar (com o dedo)	<i>-upuʔeŋ</i>	<i>-pueʔeŋ</i>
769	apontar (fazer a ponta)	<i>-mutʃakwaʔi</i>	<i>-makwaʔi</i>
770	amolar	<i>-hajme</i>	<i>-ajmeʔe</i>
771	assoar (o nariz)	<i>-m#h#w</i>	<i>-azuh#w</i>
772	tossir	<i>-dziuʔu</i>	<i>-dziuʔu:dziuʔu</i>
773	insistir	<i>-temar</i>	<i>-uza:uzara h#i</i>
774	gaguejar	<i>-uzeʔeŋ m#ta:m#ta</i>	<i>-udzeʔeŋ m#ta:m#aw</i>
775	trazer	<i>-rur</i>	<i>-rur</i>

776	entrar	-atʃe	-tʃie
777	vender	-meʒeŋ	-meʒe
778	engolir	-mukon	-mokon
779	babar	-henɨk	-henɨhu
780	pensar	-piʒa	-azepiaka
781	esquecer	-eharaj	-eharaj
782	boiar, flutuar	-uiar	-ujar
783	escorregar	-ipɨɨɨk	-ihɨm ahɨ -ipɨɨɨk 'afastar o pé de algum lugar'
784	tremer	rɨɨi	-rɨɨj
785	poder	-punera	-punera
786	encolher	-zapakwar	-ezapakwar
787	esticar	-mɨɨəkwen ~ ipiho ~ -uperaperaw	-uzura-zuraw
788	andar	-ata	-ata
789	lavar	-puej	-puej
790	jogar	-momor	-momor
791	gemer	-kuhem	-kuhem

Quadro 105 – Quadro comparativo lexical 6.9

IX.	CAMPO SEMÂNTICO: ESTADOS E QUALIDADES		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
792	gravidez ou prenhes	-puruʒa	-puruʒa
793	carnudo	-oʒo kwɨr katu	hoʒo katu ~ roʒo katu
794	estrangeiro	karaɨw nan tenetehara	karaɨw
795	morto/finado	-mano ɨwɨr ~	-mano ɨwɨr ~
796	besta ou tolo	iraner ~ -iran maʒe	-maʒe kwaparʒɨm ~ iranaʒɨw maʒe

797	ladrão ou gatuno	<i>-monawar ~ -munar maʔe</i>	<i>munar</i> <i>imunar maʔe</i>
798	cabeça chata	<i>-iakəŋ apew</i>	<i>-iakəŋ apew</i>
799	chorão	<i>-zajʔo er</i>	<i>-zajʔo e katu maʔe</i> <i>-zajʔo e maʔe</i>
800	cru	<i>-ziwír</i>	<i>-zɨwír ~ -dʒɨwír</i>
801	assado ou cozido	<i>-mihir (assado)~</i> <i>-muin, mimosj (cozido)</i>	<i>-mihir (assado)~</i> <i>-muin, imimosj (cozido)</i>
802	gostoso	<i>-hete katu</i>	<i>-hete katu - he katu</i>
803	bêbado/estar porre	<i>-kaʔu</i>	<i>-kaʔu</i> <i>-kaʔu maʔe (aquele que está bêbado)</i>
804	estar cheio (o rio)	<i>-tɨhu</i> <i>-ʔi tɨhu</i> <i>ʔi pɨhu</i>	<i>-tɨhu</i> <i>ʔiɨkaw tɨhu aʔu</i>
806	azedo	<i>azahi</i>	<i>hazahi ~ azahi</i>
807	amargo	<i>iroahi</i>	<i>iroahi</i>
808	bom	<i>-katu</i>	<i>-katu</i>
809	bonito	<i>-poraŋ ~ -puraŋ</i>	<i>-poraŋ ete ~ -puraŋ ete</i>
810	beleza	<i>-katu</i>	<i>-puraŋaw</i>
811	brabo	<i>-ipiaiw</i>	<i>-hajte katu maʔe</i>
812	branco	<i>-tʃiŋ</i>	<i>-tʃiŋ</i>
813	comprido	<i>-puku</i>	<i>-puku</i>
814	depressa	<i>-narew aʔu</i>	<i>-naʔarew ahi</i> <i>hajte ahi</i>
815	devagar	<i>-mewe katu ~ -merej katu i</i>	<i>-mewe katu</i>
816	encarnado ou maduro	<i>-piraŋ (vermelho)</i> <i>-iazu (maduro)</i>	<i>-piraŋ (vermelho)</i> <i>-iazu (maduro)</i>
817	inchado	<i>-hezun</i> <i>-vizun</i>	<i>-hezun</i>
818	preto	<i>-pɨhun</i>	<i>-pɨhun</i>
819	frio	<i>-uitfaŋ ahi</i>	<i>-uitfaŋ ahi</i>
820	sujo ou baldeado	<i>-tepij ijiti</i>	<i>-tepejtʃiŋ ~ (baldeado, toldado)</i>
821	triste	<i>-zemomik ~ uzemomik</i>	<i>-zemomik ~ uzemomik</i>
822	magro	<i>-aŋaiw ~ -aŋaiw</i>	<i>-aŋaiw ~ -aŋaiw</i>
823	muito bonito	<i>-poraŋ ete</i>	<i>-poraŋ ete ahi</i>
824	suvino	<i>-kɨiʔim</i>	<i>-ekɨiʔim aze maʔe</i>

825	penna ou podridão	<i>-nem (podridão)</i>	<i>-nem (cheiro ruim da coisa fétida)</i>
826	ciúme	<i>tiwiro ~ hiwiro ~ riwiro</i>	<i>tewiro ~ hewiro ~ rewiro</i>
827	molhado	<i>-əkim</i>	<i>-əkim</i>
828	sono	<i>-pɨhij</i>	<i>tupehij</i>
829	quente	<i>-aku</i>	<i>-aku</i>
830	preguiça	<i>-ranahi</i>	<i>-ranahi</i>
831	fome	<i>-majɽuhej</i>	<i>-maɽuhej</i>
832	doer	<i>-ahi</i>	<i>-ahi</i>
833	vergonha	<i>-maranuɽara wera</i> <i>-anuti</i>	<i>maranuɽara wer(a)</i> <i>anuti (vergonha de mostrar algo)</i>
834	forçado	<i>-kɨimaw maɽe (homem fazedor de força)</i> <i>-awa kaɽ</i> <i>-ikəɽ</i>	<i>-kaɽ maɽe</i>
835	alegria	<i>-urɨw ~ rurɨw ~ hurɨw ~ nurɨw ~ turɨw</i>	<i>-urɨw ~ rurɨw ~ hurɨw ~ nurɨw ~ turɨw</i>
836	lembrança	<i>-pɨɽa hehe</i>	<i>-maɽe nukwaw</i>
837	ter cansaço	<i>-kaneɽo</i>	<i>-kaneɽo</i>
838	pesado	<i>-puhij</i>	<i>-puhuj</i>
839	ter calor	<i>-pirakori</i>	<i>-pirakori</i>
840	ter sede	<i>-ɽɨwej</i>	<i>-ɽɨwej</i>
841	ter raiva	<i>-piəiw</i>	<i>purukaiw ‘estar zangado’</i> <i>purukaiw ‘estar brigando’</i>
842	ter medo	<i>-kɨe</i>	<i>-kɨe</i>
843	ter coragem	<i>-kaɽaw</i>	<i>-kɨeɽim maɽe</i>
844	ter pressa	<i>-aite</i>	<i>raite ahɨ</i>
845	ter nojo	<i>-zewaru</i>	<i>-zewaru</i>
846	ter pena	<i>-purajhu</i>	<i>-puhareko</i>
847	branco	<i>-tɨiɽ</i>	<i>-tɨiɽ</i>
848	preto	<i>-pɨhun</i>	<i>-pɨhun</i>
849	vermelho	<i>-pɨraɽ</i>	<i>-pɨraɽ</i>
850	amarelo	<i>-tawa</i>	<i>itawa ~ izu</i>
851	azul	<i>-huwɽɨ</i>	<i>ɽɨzewenuɽar ‘similar à cor da água’</i> <i>huwɽɨ ‘azul’</i>

852	verde	<i>-huwʔi</i>	<i>kaʔa zewenuʔar</i> ‘similar à cor das folhas’
853	velho	<i>-dʒajjwer ~ kwehehara</i>	<i>kwehe arer jwer</i>
854	novo	<i>-pʔahu-a</i>	<i>-pʔahu-a</i>
855	doce	<i>-heʔe ahi</i>	<i>heahi hete katu</i>
856	fino	<i>-puʔi</i>	<i>puʔi</i>
857	grosso	<i>-huaʔu</i>	<i>puhu</i>
858	redondo	<i>-apuʔa</i>	<i>iapuʔa</i>
859	mole	<i>-ipi katu</i>	<i>iapiw maʔe</i>
860	duro	<i>-tətə</i>	<i>tata maʔe</i>
861	raso	<i>-tʔpaw ahi</i>	<i>tʔpaw ahi maʔe</i>
862	fundo	<i>-tʔpʔj</i>	<i>tʔpi maʔe</i>
863	curto	<i>-ajkwer</i>	<i>ajkwer ahi maʔe</i>
864	pequeno	<i>-pitʔikaʔi</i>	<i>-pitʔikaʔi</i>
865	grande	<i>-uhuaʔu</i>	<i>-uhuaʔu</i>
866	alto	<i>-iaiha</i>	<i>-iaiha</i>
867	baixo	<i>-apew</i>	<i>-apew</i>
868	gordo	<i>-ikʔra -ikʔra katu</i> ‘muito gordo’	<i>-ikʔra -ikʔra katu maʔe</i> ‘muito gordo’
869	folgado	<i>-nəʔəŋ</i>	<i>-inəʔəŋ maʔe</i>
870	reto	<i>-hiʔiŋ atu</i>	<i>-hiʔiŋ atu</i>
871	torto	<i>-pəri</i>	<i>-pəri</i>
872	brilhoso	<i>-henʔpu katu</i>	<i>-heni maʔe</i>
873	leve	<i>-piru ahi</i>	<i>-piru maʔe</i>
874	salgado	<i>-hemʔk ahi</i>	<i>sa imaʔe sa hi maʔe</i>
875	azedo	<i>-hazahi</i>	<i>-hazahi</i>
876	cheio	<i>-tʔnehém</i>	<i>-tʔnehem</i>
877	seco (vazio, ressecado)	<i>-tʔfiniŋ</i>	<i>-tʔfiniŋ -tʔpaw</i>
878	largo	<i>-pupiruhu</i>	<i>-pupiruhu</i>
879	estreito	<i>-pitʔikaʔi</i>	<i>-pitʔikaʔi</i>
880	canhoto	<i>-ahur</i>	<i>iahur maʔe</i>
881	destro	<i>-dʒiwa puraŋete</i>	<i>iauw zehar maʔe</i>
882	sujo	<i>-dʒipe</i>	<i>dipiw ~ zipiw</i>

883	grudento, viscoso	<i>-iahɨk</i>	<i>poromorong ahɨ maʔe</i>
884	áspero	<i>-koroj ahɨ</i>	<i>koroj ahɨ</i> <i>tecido purupi:rupi ahɨ</i>
885	macio	<i>-hiŋ ~ uʔəj</i>	<i>pɨkату</i> <i>hiŋату</i>

Quadro 106 – Quadro comparativo lexical 6.10

Nº	CAMPO SEMÂNTICO: NOMES ABSTRATOS		
	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
X.			
886	fim	<i>-iapɨr</i> <i>-upaw</i>	<i>-heʔe</i>
887	resto	<i>-kurer</i>	<i>-kurer</i>
888	assobio de algum	<i>-tɨmuzeʔen ~ -tɨmuzeʔeŋ</i>	<i>-tumuzeʔen ~ -tumuzeʔeŋ</i>
889	muito barulho	<i>-puderan</i> <i>-pɨɛərən</i>	<i>-pureran</i> <i>-ipu</i> ‘barulho emitido pelas folhas secas no mato’
890	barulho		<i>-uzemureran</i>
891	mentira	<i>-muʔem</i>	<i>-muʔem</i>
892	trabalho	<i>-purakɨ</i>	<i>-maʔe rekohaw</i> <i>-murakɨ</i> (uso raríssimo mesmo entre os mais velhos)
893	instante ou momento	<i>-naritɨk aramo</i>	<i>-naritɨk ahɨ</i>
894	alma	<i>-aŋ ~ -aŋwer</i> (o espírito da pessoa)	
895	fantasma	<i>-apɨterer</i>	<i>-tekue ~ -ɛzəŋ ~ -apɨterer ~ - pikokok</i>
896	demônio	<i>zurupari</i> (demônio, visagem)	<i>zurupari</i> (demônio, diabo)
897	pajé	<i>-paze</i>	<i>-paze maʔe</i>
898	nome	<i>rer ~ her ~ ner ~ ter</i>	<i>rer ~ her ~ ner ~ ter</i>
899	pedaço	<i>-peŋwer</i>	<i>-peŋwer</i>

900	pedacinho	-peŋweraʔi (pedaço) -kurer (farelo, resto)	-peŋweraʔi -peŋwer pitfik aʔi ipeŋwer pitfik aʔi maʔe -kure ~ -kurer (resto, farelo)
901	encanto	-purumujʔu maʔe (encantado)~ -mukuhem	-purumujʔu maʔe
902	gritaria	-həiəhem	-tehetehem -həjhəjhem
903	doença	-maʔe ahí	-maʔe ahí
904	ferida	-perew	-perew
905	explosão	-opok	-opok
906	careta	-kwahí	kwahí

Quadro 107 – Quadro comparativo lexical 6.11

XI.	CAMPO SEMÂNTICO: ALIMENTAÇÃO		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJARÁ ATUAL SILVA (2009)
906	carne de peixe	-pira rokwer	-pira roʔokwer
907	peixe salgado	-pira zukír	-pira sa -zukír (usado em outras regiões, mas não no Arame)
908	caldo	-maʔe ikwer	-tíkwer ~ maʔe tíkwer
909	mingau	miŋau	miŋaw
910	farinha	tíram	tíram
911	tapioca	típiʔa	típiʔak
912	moquiado	keʔe	maʔe keʔe
913	carne de boi	tapiʔi rokwer ~ tapiʔi roʔokwer	tapiʔak roʔokwer
914	cachaça	kəwi	kəwi ahí ~ (cachaça) kəwi (líquido extraído de um tipo de raiz)
915	garapa	kan ikwer	kan itíkwer

916	vinho	<i>kəwirən</i>	<i>maʔəwa təkwer</i>
917	sal	<i>zəkə</i>	<i>sa</i>
918	beiju	<i>medu ~ mezu</i>	<i>təpək</i>

Quadro 108 – Quadro comparativo lexical 6.12

XII.			
CAMPO SEMÂNTICO: INDICADORES DE TEMPO			
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJARÁ ATUAL SILVA (2009)
919	dia ou tempo	<i>ʔar</i>	<i>ʔar</i>
920	lua	<i>zahi</i>	<i>zahi</i>
921	de noite	<i>-pəhaw</i>	<i>-pəhun ~ -pəhaw</i>
922	meia-noite	<i>-ipəʔa ze putar</i>	<i>karuk ipi mehe</i>
923	meio-dia		<i>kwarahi uapətepe</i>
924	madrugada	<i>ipəʔaze (ipəhaze)</i>	<i>pəze mehe</i>
925	terremoto	<i>əwi rəʔj</i>	<i>urəi:ri:z</i>
926	eclipse	<i>-pəhun ʔar</i>	<i>zahi uapəhun</i>
927	manhã	<i>-kuʔem</i>	<i>-kuʔem</i>
928	tarde	<i>karuk</i>	<i>karuk</i>
929	noite	<i>-pəhun</i>	<i>-pəhun</i>
930	bom dia	<i>zane kuʔem</i>	<i>zane kuʔem</i>
931	boa tarde	<i>zane karuk</i>	<i>zane karuk</i>
932	boa noite	<i>zane pəhun</i>	<i>zane karuk (na chegada) zaʔaw rihi (na saída)</i>
933	hoje	<i>kuitər ~ kutəri ~ təʔj</i>	<i>kutəri</i>
934	hoje em dia	<i>kuitəri ʔar</i>	<i>kutəri ɣwep kuʔar rehe</i>
935	amanhã	<i>-pəhəwe</i>	<i>-pəhəwe</i>
936	de manhã cedo	<i>-pəhəwate ahi</i>	<i>-pəhawete ahi</i>
937	de noite	<i>-pəhaw</i>	<i>-pəhun ~ pəhaw</i>
938	em certo tempo,	<i>kuhe mehe (em certo tempo)</i>	<i>zekwehe ~ kuhe mehe (em certo</i>

	disque		<i>tempo</i>)
--	--------	--	----------------

Quadro 109 – Quadro comparativo lexical 6.13

XIII.	CAMPO SEMÂNTICO: INDICADORES DE QUANTIDADE E MEDIDAS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRA ATUAL SILVA (2009)
939	um	<i>pitəʔĩ</i>	<i>pitei</i>
940	dois	<i>mokoj</i>	<i>mukuj</i>
941	três	-	<i>nairuj</i>
942	dezena	<i>paw ne po-ə</i>	<i>duj ne po</i> <i>mokoj ne po</i>

Quadro 110 – Quadro comparativo lexical 6.14

XIV.	CAMPO SEMÂNTICO: INDICADORES ESPACIAIS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRA ATUAL SILVA (2009)
943	aqui	<i>se</i>	<i>se</i>
944	ali	<i>iβepe</i>	<i>pepe</i>
945	longe	<i>muite</i>	<i>muite</i>
946	perto	<i>reke</i>	<i>reke</i>
947	por ahi	<i>kue rupi ~ ɪwe rupi</i>	<i>kwe rupi</i>
948	pra cá	<i>ko rupi</i>	<i>ko rupi</i>
949	no meio	<i>mítepe</i>	<i>mítepe</i>
950	na metade	<i>kuap</i>	<i>kuap</i> <i>mítep</i>
951	fora	<i>katup</i>	<i>katup</i>

952	dentro	<i>pupe</i>	<i>pupe</i>
953	do lado direito	<i>huazar</i>	<i>huazar</i> 'na frente' do lado direito: <i>hake</i>
954	do lado esquerdo	<i>iawidehar</i>	<i>iawidehar</i>
955	atrás	<i>kutîr</i>	<i>kutîr</i>
956	na frente	<i>-enata ramo</i>	<i>-enata ramo</i>
957	em cima	<i>?ar ramo</i>	<i>?ar ramo</i>
958	embaixo	<i>îwîpe</i>	<i>îwîpe</i>

Quadro 111 – Quadro comparativo lexical 6.15

XV.	CAMPO SEMÂNTICO: OFÍCIOS/TÍTULOS		
Nº	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJARÁ ATUAL SILVA (2009)
959	governador, liderança	<i>tuîhaw</i>	<i>tuîhaw ~ tuîfaw</i>
960	chefe, cacique	<i>kəpitəw (chefe)</i> <i>tuîhəw (cacique)</i>	<i>kəpitəw</i>
961	ferreiro	<i>itapoapohar ~</i> <i>itapohar</i>	-
962	cozinheiro	<i>temiîuapohar</i>	<i>temiîuapohar</i> <i>zemiîu apohar</i>
963	sapateiro	<i>pîrîharpoapohar ~</i> <i>sapatiaohar ~ zamatoapohar</i> <i>(fazedor de tamanco)</i>	<i>pîrehehariapohar</i> <i>pîpehariapohar</i>
964	dono de taberna	<i>-ma?e:ma?ezar (dono de</i> <i>taberna)</i>	<i>-ma?e:ma?ezar (dono de</i> <i>coisas)</i> <i>ma?e me?e?ar</i>
965	dono de casa	<i>təpuj jar ~</i>	<i>tîpîj zar</i>
966	cavador	<i>-îwîkəjtər ~ îwîkəjhar</i>	<i>-îwîhîwkəjhar</i> <i>-îwîkəjtar (pouco usado)</i>
967	enterrador	<i>-tîmar</i>	<i>-tîmar</i>

968	caçador	<i>-kaʔa mono maʔe ~</i>	<i>-zemiʔi kar maʔe</i>
969	atirador	<i>-maʔe apihar</i>	<i>-maʔe iapihar(a)</i>
970	quebrador	<i>itakahar (quebrador de pedra)</i>	<i>itakahar maʔe ikahar (a) itaizukahar(a)</i>
971	pegador	<i>pʰiʰkar</i>	<i>pʰiʰkar</i>
972	falador/ cantador	<i>zeʔeŋ tete maʔe (falador) ~ zeʔeŋar tete maʔe</i>	<i>uzeʔeŋ tete maʔe uzeʔeŋ gatu maʔe uzeʔeŋ maʔe zeʔeŋar maʔe uzeʔeŋar tete aʔu maʔe (o que canta muito)</i>
973	o que avisa, avisador	<i>omomuranu</i>	<i>-maʔe meʔuʰar omomuranuhar</i>
974	professor	<i>purumuʔe maʔe</i>	<i>purumuʔe maʔe</i>
975	pescador	<i>zepinaĩtʰk maʔe</i>	<i>pirapoj maʔe</i>
976	dentista	<i>təj oʔokar</i>	<i>təj oʔokar</i>
977	médico	<i>pohaŋmonohar</i>	<i>purumuhaŋ maʔe</i>
978	enfermeiro-	<i>purukutuko maʔe</i>	<i>purukutuko maʔe ~ purumuhaŋ maʔe</i>
979	construtor de casa – (fazedor de casa) –	<i>tʰiʰj iapohar</i>	<i>tʰiʰuz iapohar(a)</i>
980	motorista de carro-	<i>moto reruaka-har</i>	<i>kamiaw eruzanar(a)</i>
981	motorista de barco	<i>moto rikwakok-ahar</i>	<i>kanu heruatahar(a) ~ kanu heruzanar(a)</i>
982	torrador de farinha	<i>tʰram pukuj tar(a)</i>	<i>tʰram pukuj tar(a) tʰram apohar</i>
983	parteira	<i>memʰ pʰiʰk har</i>	<i>kuzə kwarer pʰiʰkar</i>
984	pajé	<i>paze</i>	<i>ipaze maʔe</i>
985	vendedor	<i>maʔe meʔeŋ-har</i>	<i>maʔe meʔeŋar</i>
986	carvoeiro	<i>tətəpʰj zapo</i>	<i>tətəpʰjapo: apohar</i>
987	plantador	<i>-maʔe tʰmar</i>	<i>-maʔe tʰmar</i>
988	marceneiro	<i>tenaw apo: apohar</i>	<i>awa maʔe apo: apohar</i>

989	tecelão	<i>maʔe rawer pitihar</i>	
990	fazendeiro	<i>tapiʔir muzihuhaw-ə</i>	<i>awa hena tapiʔak maʔe</i>
991	madeireiro	<i>iwira okar</i>	<i>iwira heruatahar</i>
992	benzedor	<i>zemuʔe maʔe</i>	<i>awa purumukatu maʔe</i>
993	lavadeira	<i>maʔe puejhar(a)</i>	<i>maʔe puejhar(a)</i>
994	agricultor	<i>kohar(a)</i>	<i>maʔe reko maʔe</i>

Quadro 112 – Quadro comparativo lexical 6.16

Nº	CAMPO SEMÂNTICO: NECESSIDADES ESPECIAIS		
	PORTUGUÊS (GLOSSA)	TEMBÉ ATUAL SILVA (2009)	GUAJAJÁRÁ ATUAL SILVA (2009)
XVI.			
995	cego	<i>ne eha pihəj</i>	<i>hehe pihəjʔim</i>
996	de olho furado	<i>ne eha pihəj</i>	<i>heha kwarer</i>
997	caolho	<i>pitei heha</i>	<i>heha pihəʔi</i>
998	vesgo, estrábico	<i>heha wəŋ</i>	<i>heha wawak maʔe</i>
999	surdo	<i>apihaj ʔim</i>	<i>iapiha ʔim</i>
1000	mudo	<i>maku</i>	<i>uzeʔeŋ ʔim maʔe</i>
1001	aleijado de uma perna	<i>ipəri</i>	<i>hetimə itiro maʔe</i>
1002	manco	<i>hetimə zekwen</i>	<i>hetimə wezəw maʔe</i>
1003	pé torto	<i>ipihə pəri</i>	<i>hetimə iapara</i>
1004	pé virado	<i>ipihəpar</i>	<i>ipihə iapara maʔe</i>
1005	braço torto	<i>iziwə pəri</i>	<i>idziwa ikwer</i>
1006	careca	<i>kaŋ apin</i>	<i>iəpin iapiterew</i>
1007	faltando dedo	<i>ikwə ikwer</i>	<i>ikwə ikwer</i>
1008	sem pé	<i>ipihə ikwer</i>	<i>ipihəj kwer</i>
1009	sem perna	<i>hitimə nikwer</i>	<i>hetimə pihəʔi maʔe</i>
1010	corcunda	<i>ikupe apar</i>	<i>idziwa iparij maʔe</i>
1011	língua pregada	<i>iapiku zara</i>	<i>iapeku zemoŋ maʔe</i>
1012	lábio leporino	<i>ijuru hok</i>	<i>heme hok</i>
1013	gêmeos	<i>mukuj kwaharer aʔi uhem</i>	<i>iemir itiro maʔe</i>

9.3.1 Observações sobre o atual léxico Tembé e o atual léxico Guajajára comparados

O léxico apresentado nas tabelas acima põe em evidência alguns pontos muito importantes que marcam a diferença lexical entre Tembé e Guajajára. Primeiramente, fica evidente que há divergências entre as duas línguas, como, por exemplo, com respeito a termos que referem partes do corpo. Tomemos por exemplo a palavra para ‘casco da cabeça’ (3.), que em Guajajára é *-akáŋ pekwer*, literalmente ‘o que foi casca da cabeça, enquanto que em Tembéé *-ŋaw kíŋa kwer*, em que se depreende a palavra *ŋaw* para ‘pêlos’ e o morfema *kwer* ‘retrospectivo’, mas separados pelo tema *kíŋa*.

A palavra para cérebro, ‘miolo’ (4), é *kəpŋo ŋom* em Tembé, ‘lit. miolo da cabeça’, enquanto que em Guajajára é ‘pele do ovo da cabeça’. Por outro lado, a antiga palavra para ‘miolo’ *pŋo ŋom* significa agora ‘crânio’ (5) em Guajajára.

Guajajára tem a expressão *-po pupe* para ‘palma da mão’, que é lit. ‘dentro da mão’, enquanto Tembé tem *-po apŋer* ‘meio da mão’.

Tembé tem *-píŋa* (86) ‘estômago’, mas *-ipíŋa kwer* para ‘fígado’ (89), enquanto que Guajajára tem a expressão *-ije hukwer* ‘o que foi carne da barriga’ para ‘estômago’ e *-ipíŋa kwer* para ‘fígado’.

No campo semântico de fenômenos e elementos da natureza destaca-se a palavra para ‘constelação’ (545) em Tembé, *zahi tata piŋ:piŋ*, sendo que em Guajajára a palavra para constelação é simplesmente ‘estrelas’ *zahi tata wə*. A palavra para ‘brisa’ (547) em Tembé é *iwitu aŋ* ou ‘ventinho’, enquanto que em Guajajára é *iwŋtu mewe katu*, lit. ‘vento bem devagar’.

Quanto às palavras que designam processos, verificamos, entre outras, diferenças entre Tembé *-mupŋim* ‘prender (699) e Guajajára *-zemunehé paw* ‘prender’, entre ‘caçar’ do Tembé (700) *-kaŋa* mono e ‘caçar’ do Guajajára *-zemiŋkar*, assim como ‘afogar’ do Tembé (701) *-amiaw* e ‘afogar’ do Guajajára *-dziapupik*.

9. 4 Considerações gerais

Neste capítulo reunimos dados lexicais do Temb e e do Guajaj ara, assim como dados de outras línguas, tanto as do sub-ramo IV como tamb em as línguas localizadas na região em que os Teneteh ara t m vivido desde o século XVII. Como explicitamos no início do capítulo, a inten o foi a de reunir elementos lexicais que mostrassem que o Teneteh ara diversificou-se em duas línguas, fato que foi corroborado pelos dados aqui apresentados. A compara o tamb em visava identificar elementos que mostrassem que as duas línguas Teneteh ara são próximas das variantes das línguas do sub-ramo IV, o que ficou igualmente claro. Era outro objetivo o de esclarecer se as variantes atuais são diferentes das variedades registradas h  cinquenta e há 100 anos atrás, para o que a resposta foi negativa, embora algumas formas mostrem elementos conservadores que desapareceram em uma ou outra variedade moderna.

  importante salientar aqui que as línguas Tup -Guaraní são muito conservadoras com respeito ao seu léxico, de forma que mesmo línguas que mudaram significativamente em níveis fonológicos e morfossintáticos continuam a guardar muitas semelhanças lexicais umas com as outras. Esta   uma característica da família Tup -Guaraní que, por um lado corresponde a sua idade, mas por outro, corresponde   indole resistente do povo Tup -Guaraní,   sua força que não lhes deixou serem vencidos facilmente nas batalhas que travaram ao longo de sua história, como tamb em   firmeza com que defendem as suas línguas e tradi es. Os Guajaj ara e os Temb e são exemplos dessa persistência linguística e cultural do povo Tup -Guaraní apesar de, aproximadamente, 400 anos de contato com não  ndios.

CAPÍTULO 10 – INTERFERÊNCIAS DO PORTUGUÊS NAS LÍNGUAS TENETEHÁRA

10. Introdução

Neste capítulo tratamos das interferências do Português no Tembé e no Guajajára. No Tembé, consideramos interferências desde a época de Cyriaco Baptista (1932), passando por Boudin (1966) e chegando aos dias atuais. Analisamos dados representativos das interferências do português nas duas línguas estudadas, o Tembé falado na aldeia Tekohaw, no estado do Pará e o Guajajára falado na aldeia Angico Torto e em Barreirinha, na região do Arame no estado do Maranhão. Antes, porém, apresentamos uma síntese de pontos relevantes do trabalho de Carvalho (2001) que, entre outros temas, trata das interferências do português detectadas no Tembé falado por índios da aldeia Tekohaw.

10.1 Interferências do português no Tenetehára: estudos anteriores

O único trabalho até então desenvolvido a respeito de interferência do português no Tenetehára é o de Carvalho (2001) que tratou, particularmente, das interferências do português no Tembé. A autora toma como objeto de análise uma conversa telefônica estabelecida entre o índio Porutu com outro índio Tembé e um relato de vida proferido pelo Sr. Elias Tembé, falantes de faixas etárias distintas e pertencentes a grupos de proficiência igualmente distintos. O trabalho de Carvalho trouxe contribuições sobre os mecanismos por meio dos quais a interferência do Português ocorre no Tembé, bem como sobre o que esta interferência representa em termos de ameaça para o desaparecimento da língua.

Carvalho mostra que a interferência da língua portuguesa na língua Tembé, à época de sua pesquisa, consistia na presença de nomes de objeto, dias da semana, numerais cardinais e ordinais, nomes próprios, pronome pessoal, advérbio de tempo, conjunções, expressões interrogativas, marcadores discursivos, expressão de surpresa, construção de aprovação e afirmação e alguns verbos. Carvalho notifica que alguns

desses elementos do português usados pelos falantes Tembê têm correspondentes na língua nativa deles. Alguns dos itens identificados pela autora são apresentados a seguir:

Quadro 114 – Elementos do português no Tenetehára segundo Carvalho

‘enfermeiro’, ‘doutor’, ‘passagem’, ‘chapa’	nomes de objeto
‘segunda-feira’, ‘sete horas’,	numerais
‘Joelma’, ‘Babá’, ‘Vilma’	nomes próprios
‘então’, ‘agora’, ‘depois’, ‘só’, ‘não’	advérbios
‘mas’, ‘ou’, quando	conjunções
‘pra quê?’	expressão interrogativa
‘não é?’	marcador discursivo
‘ah, é?’	expressão de surpresa
‘está bom?’	construção de aprovação ou afirmação
‘ligar’, ‘saber’, enganar’	‘verbos’

Os resultados da análise de Carvalho mostram que alguns elementos do português estavam caminhando para o status de empréstimos sedimentados, enquanto que outros já haviam se impregnado na língua a tal ponto que refletiam mudanças estruturais já consolidadas; outros, por sua vez, consistiam em empréstimos e ainda ocorriam juntamente com elementos correspondentes na língua nativa, alternando com estes, como expressões de *code-switching*, mas de natureza intra-sentencial, e de ocorrência esporádica. Para a autora, embora haja indícios de que algumas das mudanças ocorridas no Tembê podem ter sido por influência dos padrões funcionais e estruturais do Português, não se pode atribuir a esse fator a causa única para as mudanças.

10.2 Interferências do português no Tenetehára em três estágios distintos

10.2.1 O registro de Cyriaco Baptista (1932)

As interferências do português no Tenetehára podem ser notadas desde o registro do Tembê feito por Cyriaco Baptista. Neste encontramos ocorrências de empréstimos do português com ou sem adaptação fonológica os quais consistem em itens lexicais referentes à cultura religiosa do branco, nomes de elementos da indumentária não indígena, das relações pessoais e dos ofícios desenvolvidos à época, de objetos típicos da cultura não indígena e elementos da flora tais como nomes de frutos. Além destes, há um registro considerável de nomes próprios que Cyriaco Baptista lista na intenção de mostrar os seus correspondentes adaptados à língua Tembê. A seguir apresentamos esses itens lexicais presentes no registro de Cyriaco Baptista (1932).

10.2.1.1 Empréstimos do português

10.2.1.1.1 Itens lexicais referentes a elementos culturais diversos

Quadro 115 – Empréstimos do português no Tenetehára segundo Cyriaco Baptista

PAG.	TEMBÊ	PORTUGUÊS	CAMPO SEMÂNTICO-LEXICAL
(p.353)	<i>pai</i>	‘padre’	itens da cultura religiosa do branco
(p.353)	<i>pai-cuzâ</i>	‘freira’	
(p.354)	<i>curuça</i>	‘cruz’	
(p.354)	<i>çapeo</i>	‘chapeo’	elementos da indumentária não indígena
idem	<i>kamixáu</i>	‘camisa’	
idem	<i>tirur</i>	‘calça’ (ceroula?)	
idem	<i>zapatu</i>	‘sapato’	
idem	<i>cupár</i>	‘compadre’	relações pessoais e ofícios
idem	<i>cumár</i>	‘comadre’	
idem	<i>pâtúrún</i>	‘patrona’	
idem	<i>nôtôr</i>	‘doutor’	

idem	<i>çacu</i>	‘sacco’	objetos do cotidiano típicos da cultura não indígena
idem	<i>cuijér</i>	‘colher’	
idem	<i>maper</i>	‘papel’	
idem	<i>nárái</i>	‘laranja’	nomes de frutos
idem	<i>rimáw</i>	‘limão’	
idem	<i>mam</i>	‘manga’	
idem	<i>akazú</i>	‘caju’	

Os exemplos acima constituem nomes de elementos típicos e representativos da cultura não indígena, à exceção dos nomes de frutos. À época do registro de Cyriaco Baptista, os Tenetehára mais tarde conhecidos como Tembé, já haviam migrado do Maranhão para a região do Gurupi, no Pará, havia quase um século, portanto o contato desses índios com a sociedade envolvente enquanto grupo separado dos Guajajára não era situação recente. À exceção do nome *pai*, nota-se que a maioria dos nomes registrados por Cyriaco foram adaptados à fonologia da língua.

10.2.1.1.2 Nomes próprios

A adaptação dos nomes do português à fonologia da língua Tembé também pode ser confirmada por meio da lista de 67 nomes próprios registrados por Cyriaco Baptista (1932, p. 354-355) e a seguir reproduzida:

Quadro 116 – Nomes próprios do português adaptados à fonologia do Tembé conforme Cyriaco Baptista

01	<i>Zuó</i>	‘Jão’	35	<i>Amórói</i>	‘Ambrósio’
02	<i>Kêrêmên</i>	‘Clemente’	36	<i>Anéré</i>	‘André’
03	<i>Zuán</i>	‘Joanna’	37	<i>Zuáki</i>	‘Joaquim’
04	<i>Kari</i>	‘Calixto’	38	<i>Tiuirían</i>	‘Severino’

05	<i>Manué</i>	‘Manuel’	39	<i>Zupirián</i>	‘Cypriano’
06	<i>Zuzé</i>	‘José’	40	<i>Kárót</i>	Carlota’
07	<i>Mari</i>	‘Maria’	41	<i>Péturú</i>	‘Pedro’
08	<i>Vicén</i>	‘Vicente’	42	<i>Utavián</i>	‘Octaviano’
09	<i>Mérénar</i>	‘Bernardo’	43	<i>Ticú</i>	‘Francisco’
10	<i>Mâtrin</i>	‘Marcellina’	44	<i>Máruin</i>	’Balbino’
11	<i>Tiriák</i>	‘Cyriaco’	45	<i>Miguér</i>	‘Miguel’
12	<i>Atún</i>	‘Antonio’	46	<i>Tiriué</i>	‘Silvério’
13	<i>Atin</i>	‘Attino’	47	<i>Arêzo</i>	‘Aleixo’
14	<i>Maraki</i>	Malaquias	48	<i>Rêmun</i>	‘Raymundo’
15	<i>Cazimir</i>	‘Casemiro’	49	<i>Tianor</i>	‘Theodoro’
16	<i>Zúrútyu</i>	‘Dorothêo’	50	<i>Jutin</i>	‘Justino’
17	<i>Zueiâu</i>	Julião	51	<i>Zamé</i>	‘Izabel’
18	<i>Mârian</i>	Mariano	52	<i>Purunar</i>	‘Apollinario’
19	<i>Án</i>	‘Anna’	53	<i>Zuâkin</i>	‘Joaquina’
20	<i>Sántin</i>	‘Santina’	54	<i>Rentin</i>	‘Laurentina’
21	<i>Cirin</i>	‘Silvina’	55	<i>Kêrēmēntin</i>	‘Clementino’
22	<i>Mâtiniân</i>	‘Maximiano’	56	<i>Arixân</i>	‘Alexandre’
23	<i>Kintin</i>	‘Quintino’	57	<i>Têrei</i>	‘Thereza’
24	<i>Mânērēn</i>	‘Magdalena’	58	<i>Luriân</i>	‘Lauriano’
25	<i>Timiâu</i>	‘Simeão’	59	<i>Tiririn</i>	‘Severino’
26	<i>Rúit</i>	‘Luiz’	60	<i>Nerfîn</i>	‘Delfino’
27	<i>Tikin</i>	‘Francisca ou Chiq.’	61	<i>Marikin</i>	‘Mariquinha’
28	<i>Rutiân</i>	‘Luciano’	62	<i>Emir</i>	‘Emilia’
29	<i>Uiripi</i>	‘Philipe	63	<i>Grigór</i>	‘Grigorio’
30	<i>Numin</i>	‘Domingos’	64	<i>Râmir</i>	‘Ramiro’
31	<i>Tumé</i>	‘Thomé’	65	<i>Nãnié</i>	‘Daniel’
32	<i>Ruzi</i>	‘Luzia’	66	<i>Inêi</i>	‘Ignez’
33	<i>Rop</i>	‘Lopes’	67	<i>Karurin</i>	‘Carolina’
34	<i>Cirir</i>	‘Cyrino’			

A adaptação desses nomes à fonologia da língua ocorre por meio das seguintes estratégias:

- 1) Substituição do fonema /l/ por /r/ (conforme atestam os exemplos 14, 24, 28, 29, 32,33, 63,67) da tabela acima;
- 2) Apagamento de vogais átonas finais para adaptá-las ao padrão da língua, que permite os fonemas consonantais /r/ e /n/, em final de palavra, como se pode confirmar nos exemplos 19, 28, 34, 64 e 67 da tabela;
- 3) Substituição do fonema /d/ por /n/ como nos exemplos 30, 36 e 65;
- 4) Substituição do fonema /d/ por /z/ como no exemplo 16, o que significa que nessa variedade do Tembê existia [z] e não [d], como na maioria das variedades Tembê atuais.
- 5) Substituição de / b/ por /m/ conforme ilustra o exemplo 51;
- 6) Substituição de /ʒ/ por /z/ como comprovam os exemplos 01, 02, 06, 17 e 37.

10.2.2 O registro de Boudin (1966)

No dicionário de Boudin (1966) encontramos o registro das seguintes palavras, algumas das quais consideradas neologismos pelo autor:

‘mamãe’

3536. *ihê-a'ê* *a-há-néhé* *mamay* *nê-ra'ikwê-rupi!*
1-ARG-ENF 1-ir-INTEN mamãe 2-atrás-por
‘eu mesmo vou atrás de ti, mamãe!’ (BOUDIN, 1966, p. 15)

‘café’

3537. *kôni* *a-zĩwĩr(i)-nêhé* *a-rur(i)* *kafê* *nê-wê*

logo 1-voltar-INTEN 2-trazer café 2-DAT
 ‘logo que voltar, trago-te café’ (BOUDIN, 1966, p. 104)

Encontramos outros itens lexicais do português registrados por Boudin os quais expomos no quadro a seguir

Quadro 117 – Empréstimos do português no Tenetehára segundo Boudin

(p. 106)	<i>kumar</i>	‘comadre’
(p. 107)	<i>kupar</i>	‘compadre’
(p.127)	<i>mapêr</i>	‘papel’, ‘carta’, ‘livro’
(p. 110)	<i>kuzêr</i>	‘colher’
(p. 182)	<i>pan</i>	‘pano’,
(p. 182)	<i>papây</i>	‘papai’
(p.182)	<i>papa-z-a’i</i>	‘tio’, ‘irmão do pai’ (papaizinho)
(p. 124)	<i>mama-z-a’i</i>	‘tia’, ‘irmã da mãe’ (mamãezinha)
(p. 182)	<i>papa-z-a’i rémirêko</i>	‘tia, mulher do tio’
(p.182)	<i>mama-z-a’i men</i>	‘esposo da tia’
(p.181)	<i>pâ’i</i>	‘padre’
(p.276)	<i>tzarampo</i>	‘sarampo’
(p. 276)	<i>tzigan</i>	‘cigana’ (pássaro)
(p.276)	<i>tzinêr</i>	‘chinela’
(p. 276)	<i>wĩra-tzinêr</i>	‘tamanco’
(p. 276)	<i>tzay</i>	‘saia’
(p. 276)	<i>katimu</i>	‘cachimbo’
(p. 98)	<i>kassuar</i>	‘caçoar’

Mais uma vez nota-se a adaptação dos empréstimos do português à fonologia da língua Tembê. Por outro lado, verifica-se, também, a formação de novas palavras a partir da combinação de palavras do português com palavras Tenetehára como: a) *wĩra-*

tzinêr ‘tamanco’, significando literalmente ‘chinela de pau’ e formado por meio da justaposição da palavra do Tembê *wĩra* ‘árvore’, ‘pau’ com a palavra adaptada do português *tzinêr* ‘chinela’; b) *papa-z-a’i* ‘tio, irmão do pai’ e *mama-z-a’i* que foram derivadas por meio da junção de um sufixo do Tembê *z-a’i* a bases reduzidas do português ‘mama’ (mamay) e ‘papa’ (papay). Essas mesmas palavras derivadas combinam-se a novas bases para exprimir novos significados, tais como *papa-z-a’i rémirêko* ‘tia, mulher do tio’ de *rémirêko* ‘esposa’ e *mama-z-a’i men* combinada com *-men* ‘marido’ e *mama-z-a’i*, ‘mãezinha’ (minha tradução), para significar ‘esposo da tia’.

A maioria dos itens lexicais do português presentes no Tembê, registrados por Boudin, correspondem a itens representativos da cultura não indígena, portanto, sem correspondentes na língua nativa, exceto, como visto acima, termos de parentesco. A presença de termos de parentesco do Português substituindo termos originais como *-u* ‘pai’ e *-hi* ‘mãe’ é indicação de casamentos de Tenetehára com falantes do Português.

Comparando os itens registrados por Boudin, acima apresentados, com os de Cyriaco Baptista, nota-se que a maioria dos itens presentes em Boudin já ocorria nos dados daquele autor e se mantêm na língua até os dias atuais. Isso mostra que esses itens do português entraram na língua nativa há muito tempo.

10.2.3 Interferências do Português no Tenetahára atual

Os falantes da língua Tembê da região do Gurupi enfrentam uma situação de contato muito forte, agravada mais ainda após a abertura de uma estrada que dá acesso direto à aldeia Tekoháw, aldeia com maior número de habitantes, os quais ainda falam a língua no cotidiano. A situação dos Guajajára em termos de proximidade com a sociedade não indígena, ainda é mais extrema, uma vez que várias das aldeias ficam a poucos metros das estradas que dão acesso aos municípios vizinhos, o que é a situação da aldeia Angico Torto, nosso principal *locus* de pesquisa da língua Guajajára. Dessa forma, a pressão da língua portuguesa sobre a língua nativa é muito forte e a interferência do português se faz sentir.

Os dados de que dispomos para ilustrar a interferência do português no Tenetehára confirmam e reforçam o que já havia sido descrito por Carvalho (2001). Não pretendemos mostrar à exaustão a presença de todos os mecanismos e interferências do

português no Tenetehára, mas apenas apresentar alguns exemplos que possam ilustrar a atual situação em uma e outra língua. A seguir apresentamos alguns elementos de natureza gramatical e de natureza lexical do português encontrados no Tembé e no Guajajára.

10.2.3.1 Elementos de natureza gramatical

Os elementos de natureza gramatical podem ser encontrados tanto em relatos como em conversas espontâneas e em sentenças elicitadas.

Conjunção

‘e’

3538. *e professora he a-rur ukwej w-apík*
 e professora 1 1-vir RLZ 3-sentar

pə t-en-aw r-ehe
 GER R¹-sentar-NOM R¹-em.relação.a
 ‘eu vim ...e a professora (estava) sentada no banco’

3539. *ihe a-ha kwej e a-wapík pə t-en-aw r-ehe*
 1 1-ir RLZ e 1-sentar GER R¹-sentar-NOM R¹-em.relação.a
 ‘eu fui e sentei na cadeira’

3540. *e a-demunita te-nin maʔe professora iru ramo*
 e 1-conversar 1-estar.sentado coisa professora ASS
 ‘e agora eu estou conversando com a professora’

3541. *e h-eta pitik w̃ra:miri he kitaw Ø-pupe*
 e R²-ter INT6 passarinho 1 quintal R¹-dentro
 ‘e também tem muito passarinho no meu quintal’

‘mas’

3542. *a-ha kwej he dut̃k ařĩ řĩ-pe*
 1-ir RLZ 1 sozinho INT7 rio-LOC

mas nan a-kide řĩ Ø-řam kwej
 mas NEG 1-ter.medo rio 1-estar.em.pé RLZ
 ‘eu fui sozinha para o rio, mas eu não estava com medo’

3543. *he hĩ kakwez mas u-p̃ĩmu:u-i kwaw kuri*
 1 R¹-mãe AT.REM mas 3-fumar:fumar- NEG NEG agora
 ‘minha mãe fumava, agora ele não fuma mais’

‘porque’

3544. *a-ha kwej he dut̃k ařĩ porque*
 1-ir RLZ 1 sozinha INT6 porque

he Ø-hĩ n u-iko-j kwej t-ĩp̃j-me
 1 R¹-mãe NEG 3-estar.em.movimento-NEG RLZ R⁴-casa-LOC
 ‘eu fui sozinha, porque a minha mãe não estava em casa’

3545. *porque Ø-puru-mukun*
 porque 3-gente-engolir
 ‘porque ela engole gente’

3546. *n a-kide ikwej porque a-ha he dutik*
 NEG 1-ter.medo RLZ porque 1-ir 1 sozinho

aʔi ʔi-pe que tuehe aha
 INT6 rio-LOC que HAB1 1-ir

ʔi-pe he dutik aʔi
 rio-LOC 1 sozinho INT6

‘eu não estava com medo de ir sozinha, porque eu já estou acostumada a ir sozinha para o rio’

‘que’

3547. *a-putar que o-ho aʔe*
 1-querer que 1-ir ele
 ‘eu quero que ele vá’

3548. *a-enu kwej a-deapo Ø-maʔe ukwej*
 1-ouvir RLZ 1-fazer R¹-coisa RLZ

wə n-upe que n a-inu-j
 PL R¹-para que NEG 1-ouvir-NEG

‘eu fingi (para eles) que não ouvi’ / ‘eu fiz que não ouvi’

3549. *a-kwaw que Ø-momor ram o-ho Paragomin-pe*
 1-saber que 3-jogar PROJ1 1-ir Paragominas-LOC
 ‘eu sei que ele vai jogar em Paragominas’

3550. *deha-ramo-har* **que** *dawar u-ata t-eko-haw-pe*
 verdade-TRANS-NOM4 que onça 3-andar R⁴-estar.em.mov-NOM6-LOC
 ‘eu tenho certeza de que tem uma onça rondando a aldeia’

Advérbio

Os advérbios, preposições e marcadores discursivos a seguir apresentam correspondentes na língua Tembé, conforme será indicado entre parênteses:

‘depois’ (*ire, rire* ‘depois’, ‘após’)

3551. *depo* *a-puka* *kwej* *no* *a-puka* **que** *do*
 depois 1-enxaguar RLZ REP 1-enxaguar que ?

piteĩ:teĩ *aĩ* *no* *te* *maĩa a-puka*
 um a um DIM REP mesmo coisa 1-enxaguar
 ‘depois enxagüei uma por uma de novo... eu enxagüei’

‘agora’ (*kurĩ*)

3552. *e ago* *ihe* *aiko* *Ø-maĩe*
 e agora 1 1-estar.em.movimento R¹-coisa

a-putuka *he* *Ø-hĩ* *iruramo*
 1-lavar 1 R¹-mãe ASS
 ‘e agora eu estou lavando roupa com a minha mãe’

Preposição

‘na’ (em + a) *pe* entre outras preposições que podem exprimir noção semelhante.

3553. *upa a-mono pan a-ʔam na basie-pe*
CES 1-colocar pano 1-estar.em.em.pé na bacia-LOC
‘depois eu arrumei as roupas na bacia’

Marcador discursivo

‘só’ *zo ~ dʒo* ‘samente’, ‘apenas’ (entre outros significados)

3554. *só aduru Ø-pʔa he pɨr*
só papagaio 3-ficar 1 ASS
‘só o papagaio ficou comigo’

3555. *kwehe mehe aʔe mehe he zarɨj aʔe so*
há muito tempo aquele SUB 1 avó ela só

tata he zo uzemiʔu Ø-apo aʔa
fogo 1 somente comida 3-fazer ele
‘faz tempoa minha avó só cozinhava na lenha’.

Nota-se que a palavra ‘só’ do português apresenta estreita proximidade fonética com o seu equivalente em Tembé e em Guajajára *zo ~ dʒo* ‘só’, ‘apenas’, ‘samente’.

‘mesmo’ *zepe* ‘expressão enfática que pode equivaler a mesmo’

3556. *kwej kwaharer wə h-aku mem*
aquele.vis menino PL R²- quente mesmo
‘aqueles meninos também estavam com muita febre mesmo’
3557. *u-iko no wi kwaharer Ø-majʔu mem*
3-estar.em.mov. também aquele.sent. menino 3-comer mesmo
‘esse menino come, come, come, come...’
3558. *u-por mem*
3-pular mesmo
‘ele pula muito (durante muito tempo)’
- ‘**não**’ *nan*
‘**mas é**’ sem equivalente em Tembé
3559. *pako: puku não, mas é... pako kamik*
banana-comprida não mas é ... banana mingau
- upa ne...? só?*
todo né só?
‘banana comprida não, mas é banana para o mingau todo, né? Só?’

Observa-se que, para a maioria dos elementos de natureza gramatical do português usados nas sentenças acima, há correspondentes em Tembé.

10.2.3.2 Elementos de natureza lexical

Os itens lexicais usados nas sentenças a seguir representam elementos da cultura não indígena que já estão inseridos no cotidiano dos índios Tembé e que para alguns dos quais não foram criados termos na língua que os substituíssem, bem como nomes próprios e topônimos, os quais podem ou não sofrer adaptações fonológicas.

Nomes próprios

3560. *ihe* *a-mono* *kar* ***Belém-pe*** *∅-puraki*
 1 1-mandar CAUS.PREP Belém-LOC 3-trabalhar

kar *pə*
 CAUS.PREP GER

‘eu mando ele ir a Belém trabalhar’

3561. *u-momor* *ram* *o-ho* ***Paragomin-pe***
 3-jogar PROJ1 3-ir Paragominas-LOC

‘ele vai jogar em Paragominas’

3562. ***Gurupi*** *∅-puraŋ* *ete*
 Gurupi R¹-bonito INT3

‘o Gurupi é um rio muito bonito’

3563. *o* *professor* ***Antōj*** *e* *a* *enfermera* ***Valera***
 o professor Antônio e a enfermeira Valéria

bol *u-momor* ***ram*** *wə*
 bola 3-jogar PROJ1 PL

‘o professor Antônio e a professora Valéria vão jogar’

O exemplo anterior mostra a pronúncia dos nomes próprios ajustados ao padrão fonológico do Tembé.

Guajajara

3564. *a-ha* *putar* *pʰəwe* **Barra do Corda-pe**
1-ir PROJ2 amanhã Barra do Corda-LOC
'eu vou para Barra do Corda'

Substantivos e verbos

'papel' *paper*

Guajajara

3565. **Darly** *putar* **paper** *ipiahu* *Ø-maʔe* *aʔe*
nome próprio querer caderno novo R¹-coisa ele
'a Darly quer um caderno novo'

Tembé

3566. *maʔa te awa* **maper** *Ø-mupinim-aha* *tuj* *kurɨ*
onde papel R¹-pintar-NOM6 deitado.no chão agora
'onde está a caneta?'

'caminhão'

Guajajára

3567. *nakwej* *o-ho-ə* *kamiaw* *r-ape* *kutir*
aquele.vis 1-ir- carro R¹-caminho em.direção.a

he *anam*

1 parente

‘aquele em direção à estrada é meu parente’

3568. *kamiaw* *r-er-u-zan-ar(a)*
carro R¹-CCOM-3-correr- NOM5
‘motorista de carro’

Tembé

3569. *kəpitəw* *u-erur* *kəmiəw* *kwej*
cacique 3-trazer carro RLZ
o cacique trouxe o carro’

‘bicicleta’

Guajajára

3570. *bicicleta* *r-er-u-zan-ar-a*
bicicleta R¹-CCOM-3-correr- NOM5- ARG
‘motorista de barco’

3571. *na* *h-eta-j* *bisiclet...* *nanin!*

NEG R¹-ter- NEG bicicleta não
 ‘não tem bicicleta, não’

Guajajára

‘moto’

3572. *aze temetarer a-pihik nehe a-me?e kar*
 COND dinheiro 1-pegar INTEN 1-comprar C.PREP

putar moto ihe-ze-upe nehe
 PROJ2 moto 1-REF-para INTEN
 ‘se eu ganhar dinheiro, eu vou comprar uma moto’

Tembé

3573. *a-putar akwej moto ihe-ə no*
 1-querer aquele.inv moto 1-ARG REP
 ‘eu quero aquela moto de novo’

‘bola’

Tembé

3574. *kwej kwaharer bol Ø-momor kwej ihe r-emiriro-ə*
 aquele.vis menino bola 3-jogar aquele.vis 1 R¹-neto-ARG
 ‘o rapaz que está jogando bola é meu neto’

Guajajára

3575. *bol* *∅-momor* *paw* *ire*
 bola 3-jogar CES depois
 ‘depois do jogo’

3576. *bol-momor-haw*
 bola-jogar- NOM6
 ‘campo de futebol’

‘**pano**’ *pan*

‘**saia**’ *saj*

Tembé

3577. *ukwej* *pan* *kwarahi* *r-upi* *no* *pe* *he*
 aquele.inv. pano sol R¹-por REP lá 1

r-akehar *i-tfaj-∅*

R¹-vizinho R²-saia-ARG

‘aquelas roupas que estão no sol são da minha vizinha’

Guajajara

3578. *məɾən* *ne* *saj* *re-reko*
 quanto 2 roupa 2-ter
 ‘quantas camisas você tem?’

Os itens *pan* e *tfaj* ~ *saj* são empréstimos do português que já estavam presentes desde o registro de Boudin. Nota-se que, além de manter o sentido particular que possui

em português, o termo *tʃaj* ~ *saj* ‘saia’ tornou-se generalizante, abrigando o significado de ‘roupa’ em geral, ao contrário de *pan* que, além de manter o sentido mais geral ‘tecido’, particularizou-se, podendo também significar ‘roupa’, ou outra indumentária específica.

‘motor’

Tembé

3579. *moto* *Ø-itɪapu* *nã* *he* *Ø-kɪwɪr-a* *Ø-maʔe-a*
 motor R¹-barulho sentado 1 R¹-irmão R¹-coisa- ARG
 ‘o motor que está funcionando é de meu irmão’

‘camisa’

3578. *e-hapukaj* *kwej* *kwaharer* *kamitʃaw* *piraŋ* *pe*
 2IMP-chamar aquele.vis menino camisa vermelho lá
 ‘chame o menino (que está) de camisa vermelha’

Guajajára

3579. *e-pɪhɪk* *ʔaw* *kamɪr*
 2IMP-pegar este.deit. camisa
 ‘pegue essa camisa deitada’

‘bichano’

Tembé

3580. *pitfan* *u-aw* *upə*
gato 3-deitar GER
‘o gato está deitado’

Guajajára

3581. *a-ropoj* *ta* *he* *r-emaw* *pijan* *ta* *a-ha-j*
1-alimentar PROJ2 1 R¹-animal gato PROJ2 1-ir –INDII
‘alimentar o meu gato eu vou’

‘bacia’

Tembé

3582. *ihe* *amono* *kwej* *pupən* *bacij* *∅-pupe*
1 1-colocar RLZ pano bacia R¹-dentro de

e *a-dur* *kwej*
e 1-vir RLZ

‘eu coloquei as minhas roupas na bacia e vim caminhando’

‘segunda-feira’

3583. *apuí* *∅-ur* *ram* *ze* *segunda-feira* *mehe*
dizem 3-vir PROJ1 disque segunda-feira SUB

nuzekwaw *∅-ehe*

parece R¹-em.relação.a
 ‘parece que ele vem segunda-feira’

‘gostar’ *azamutar-katu* ‘gostar muito’

3584. *ihe-a* **gostar-katu** *Ø-maʔe* *ʔi* **Gurupi**
 1- ARG gostar-bem R¹-coisa rio Gurupi
 ‘eu gosto muito do Gurupí’

No caso do exemplo acima, o verbo gostar entrou em composição com o tema *katu*, bastante usado na língua para expressar o modo intensivo. Aqui nota-se o uso do verbo português adaptado ao padrão morfológico da língua.

‘chapéu’

Tembé

3585. *e-mu-tʃie* *kar* *kwej* **chapew** *Ø-er-eko*
 2 IMP-CAUS-entrar CAUS.PREP aquele.vis chapéu 3-CCOM-estar.em.mov

akəŋ *r-ehe*

cabeça R¹-em.relação.a

‘faça entrar aquele que está de chapéu na cabeça’

Boudin (1966, p. 19) registrou o termo *akāng-ao-haw* que indicava ‘chapéu’ ou qualquer outro ornato de cabeça’ ao mesmo tempo em que registrou *zapêw* (1966, p. 300), considerando-o neologismo; atualmente é muito comum entre os Tembé o uso de *akəŋ rehe* para referir-se a ornatos de cabeça em geral. Em Cyriaco não há registro do termo *akāng-ao-haw*, e sim o termo *çapeo* conforme já apresentado nesta seção.

Tembé

‘papai’ -u

3586. *papaj he Ø-mono kar Ø-apik ram a-ha*
papai 1 3-mandar CAUS.PREP 3-sentar PROJ1 1-ir
‘papai me mandou sentar’

3587. *papaj o-ho no*
papai 3-ir também
‘meu pai foi também’

3588. *apapaj Ø-maʔe:ahi... papaj Ø-mano...*
papai R¹-doente papai 3-morrer
‘papai ficou doente ... papai morreu...’

‘doutor’ *puhaŋmonohar*

3589. *doto u-zeʔeŋ-ha ihe Ø-mono kar aʔu*
doutor 3-falar- NOM6 1 3-mandar CAUS.PREP 1-beber

ram puhaŋ
PROJ1 remédio
‘o médico me mandou beber o remédio’

‘saco’ *riru* ‘saca, saco, vasilhame em geral’

3590. *e-pihik daku*
2IMP-pegar saco
'pegue o saco'

'colher'

3591. *kuder*
'colher'

'abacate'

3592. *bakati*
'abacate'

'poço' *iwikwar* 'buraco', poço'

3593. *e-me?e do poço-pe*
2IMP-olhar PROIB poço-LOC
'não olha pra dentro do poço!'

'professor' *purumu?e ma?e*

3594. *a-de?e? te-ko tenetehara Ø-de?e? r-upi*
1-falar 1-estar.em.mov. Tenetehára R¹-fala R¹-PER

pofessora-pe kurí
professora-DAT agora

'e agora eu estou ensinando a língua Tembé para a professora'

‘melancia’ *zoromo apiw*

3595. *merãsiə* *uhuaʔu* *maʔe*
melancia grande NOM2
‘melancia grande’

‘goiaba’ *waja*

3596. *gojabə* *uhuaʔu* *maʔe*
goiaba grande NOM2
‘goiaba pequena’

‘cercado’, ‘quintal’ *pəri ~ pari*

3597. *a-peʔr* *cercado ...* *kitaw*
1-varrer cercado quintal
‘eu varri o ... cercado ... o quintal’

‘escola’ *purumuʔehaw*

3598. *maʔe te* *iskola* *h-eta* *kurɨ*
onde escola R¹-ter então
‘onde fica a escola, então?’

3599. *iskoli-pe* *demuʔe:maʔe* *wə* *n-upe*
escola- LOC aluno PL R²-para
‘minha mãe estava fazendo comida na escola para os alunos’

‘pote’ *kamuti*

3600. *maʔa te pote Ø-aʔa ramo*
onde FOC pote R¹-em.cima.de
‘o pote fica em cima de que?’

3601. *pote r-ake*
pote R¹- perto.de
‘ao lado do pote’

‘café’

3602. *mo peteʔi kafe a-mono aipo kuri*
quem um café 1-dar INF agora
‘para quem eu vou dar um (pouco de) café agora?’

‘compadre’

3603. *he kupara*
1 compadre
‘compadre’

‘comadre’

3604. *he kumara*
1 comadre
‘minha comadre’

‘mãe’, ‘mamãe’ -*hi*

3605. *mamãe o-ho*
mamãe 3-ir
‘minha mãe foi’

3606. *mamãe ihe mono kar a-pĩk ram a-ha*
mamãe 1 mandar CAUS.PREP 1-dançar PROJ1 1-ir
‘minha mãe me mandou dançar’

3607. *he mãe t-emi?u Ø-dapo Ø-ho kwej*
1 mãe R⁴ –comida 3-fazer 3ir RLZ
minha mãe já fez a comida’

É bastante comum na fala de crianças e adolescentes Tembé as expressões *he paj* e *he məj* para se referirem a ‘meu pai’ e ‘minha mãe’. A forte situação de bilingüismo vivenciada por elas explica esse hibridismo de formas: o item lexical da língua portuguesa e o gramatical da língua materna. Ainda não foi feito um estudo específico de como tem-se dado a aprendizagem do Tembé por essas crianças no atual contexto.

Guajajára

‘canoa’

3608. *a-pirapoz a-pĩk tenə kanu Ø-pupe*
1-pescar 1-sentar sentado canoa R¹-dentro.de
‘eu estou pescando sentado na canoa’

3609. *kanu* *r-er-u-zan-ar(a)*
 canoa R¹-CCOM-3-correr-NOM5
 ‘motorista de barco’

A palavra *kanu*, provavelmente uma adaptação da palavra ‘canoa’ do português, substituiu completamente a palavra *jar*, que é a palavra ainda hoje usada no Tembé, com cognatos em outras línguas da família, inclusive no Guaraní registrado por Restivo (1893, p. 153 apud BOUDIN, 1966, p. 68) *óga.r* ‘canoa’. Quando interrogados se conhecem a palavra *jar* para referir-se à ‘canoa’, os Guajajára das aldeias investigadas dizem não a conhecerem, nem terem a memória de tê-la ouvido dos mais antigos. Por sua vez, os Tembé não utilizam o termo *kanu* para referir-se à ‘canoa’, nem há o registro dessa palavra em Cyriaco Baptista e em Boudin, os quais registram, respectivamente os termos *iár* (N.: *yá*) e *iar* para nomear o transporte. Isso pode ser uma indicação de que o termo *kanu* foi adquirido pelos Guajajára após a separação dos Tenetehára em dois grupos, ocorrida por volta de 1850.

Guajajára

‘sal’

3610. *na* *h-eta* *kwaw* *sa* *kurí*
 NEG R²-ser/ter.muitos NEG sal agora
 ‘não tem sal agora’

3611. *aʒu* *pira* *∅-mu-sa-ʔim*
 1-comer peixe R¹-CAUS-sal-NEG
 ‘eu como peixe sem ser salgado’

Enquanto os Guajajára usam a palavra ‘sal’, os Tembé usam a palavra *zukír* para denominar o equivalente em português ‘sal’. Os Guajajára conhecem a palavra *zukír*

‘sal’, mas não a empregam e dizem que ela é empregada nas aldeias da região de Barra do Corda, atitude que geralmente assumem sempre que são interrogados a respeito do uso de alguma palavra, demonstrando que reconhecem a situação de dialeção da língua Guajajára.

Verifica-se, ainda, em Tembé e em Guajajára a presença de elementos de maior extenso como os seguintes:

Tembé

3612. *eu sou ma?e maper Ø-mu-pinim-ha he a-iko*
 eu sou coisa escrita R¹-CAUS-pintar-NOM4 1 1-estar.em.mov
 ‘eu sou professor’

3613. *parece que dawar u-ata Ø-iko deha-ramo*
 parece que onça 3-andar 3-estar em mov. é verdade

t-ekohaw-pe

R¹-aldeia-LOC

‘parece que é verdade que tem uma onça rondando a aldeia’

Guajajára

3614. *ihe ihe ... aiko puru-mu?e ma?e*
 1 1 1-estar.em.movimento gen-ensinar-NOM2

pra ajuda wə no kuzə tə?in i?wer
 para ajudar PL também menina COL

3615. *kwej* *ihe* *muripar* *wə* *kurí*
aquele.vis 1 colegas PL agora
‘eu sou professora pra ajudar as meninas e meus colegas agora’

As palavras a seguir fazem parte do cotidiano dos Guajajára e ocorrem com bastante freqüência.

<i>aroj ~ aroz</i>	‘arroz’
<i>asuka ~ asuk</i>	‘açúcar’
<i>kafe</i>	‘café’
<i>pratu</i>	‘prato’
<i>kuze</i>	‘colher’
<i>fapew</i>	‘boné’
<i>kopo</i>	‘copo’
<i>kanek</i>	‘caneco’
<i>janela</i>	‘janela’
<i>fampu</i>	‘xampu’
<i>televisãw</i>	‘televisão’
<i>telefone</i>	‘telefone’
<i>tumat</i>	‘tomate’

10.2.4 A criação lexical

A seguir apresentamos alguns termos lexicais criados pelos Guajajára para nomear os elementos da cultura não indígena que passaram a fazer parte do cotidiano das aldeias, bem como alguns empréstimos do português adaptados ao Guajajára. Alguns termos são criações antigas e outras são recentes haja vista que artefatos culturais como celular, computador, entre outros, estão há pouco tempo disponíveis na sociedade.

Quadro 118 – A criação lexical em Guajajára

Nº	TERMOS ADAPTADOS	CRIAÇÃO LEXICAL EM GUAJAJÁRA	PORTUGUÊS
01		<i>maʔe</i>	‘roupa’
02	<i>tuaj</i>	<i>zezehipaw</i>	‘toalha’
03		<i>topoj zete</i>	‘saia’
04		<i>topoz</i>	‘vestido’
05	<i>kamír</i>		‘camisa’
06		<i>topozakawer</i>	‘blusa’
07		<i>temihar puku maʔe</i>	‘calça comprida’
08		<i>temihar aikwer maʔe</i>	‘calção’
09		<i>awa remihawira muhar</i>	‘cueca’
10		<i>kuzə remihar</i>	‘calcinha’
11		<i>kam riru</i>	‘sutiã’
12		<i>zewanaw</i>	‘lençol’
13		<i>kerahaw</i>	‘cama’
14	<i>kəmiəw</i>		‘carro’
15		<i>iwipoapara</i>	‘bicicleta’
16	<i>kəmiərana</i>		‘moto’
17		<i>tataini</i>	‘lâmpada’
18		<i>hape katuhaw</i>	‘luz’
19		<i>tajniʔiw</i>	‘poste’
20		<i>namikweruhu</i>	‘orelhão de telefone’
21		<i>purukutukaw</i>	‘injeção’
22		<i>ipihun</i>	‘café’
23		<i>hete katu maʔe</i>	‘açúcar’
24	<i>pəw</i>		‘pão’
25		<i>hete katu maʔe</i>	‘biscoito’
26	<i>paper</i>		‘caderno’
27		<i>kaʔir haw</i>	‘caneta’

28		<i>munəṇaw</i>	‘borracha’
29		<i>awmumikaw</i>	‘prendedor de cabelo’
30		<i>imuepaw</i>	‘interruptor’
31	<i>kanék</i>		‘caneco’
32	<i>prat</i>		‘prato’
33	<i>kuzé</i>		‘colher’
34		<i>təjkatiŋ ʔokaw</i>	‘escova de dente’
35		<i>təj rehe har</i>	‘creme dental’
36		<i>zeəŋhesakaw</i>	‘espelho’
37		<i>purutirahaw</i>	‘fotografia’
38		<i>purutirahaw</i>	‘máquina fotográfica’
39		<i>zeʔeŋpʰikaw</i>	‘gravador’
40		<i>zeʔeŋmonohaw</i>	‘cd’, ‘dvd’
41		<i>zeŋarhaw</i>	‘microfone’
42		<i>zamaw</i>	‘sabão’
43		<i>ze kʰikaw</i>	‘esponja de lavar louça’
44		<i>maʔe kʰikaw</i>	‘escova de lavar roupa’
45		<i>zahakaw ~ awihejhaw</i>	‘xampu’
46		<i>karaiw kaiŋwersakhaw</i>	‘televisão’
47		<i>karaiw hesakahaw</i>	‘antena parabólica’
48		<i>ihemhaw ~ ihemaw</i>	‘torneira’
49		<i>zemuʔehaw</i>	‘escola’
50		<i>purumumuhaŋhaw</i>	‘posto de saúde’
51		<i>purumumuhaŋ maʔe</i>	‘médico’, ‘enfermeiro’
52		<i>təj iʔokar</i>	‘dentista’
53		<i>zeŋarhaw</i>	‘rádio’
54		<i>temetarer</i>	‘dinheiro’
55		<i>kuze-riti:riti</i>	‘garfo’
56		<i>takihe</i>	‘faca’

57		<i>kəpuharɨ</i>	‘perfume’
58		<i>tuikwerpɨtahaw</i>	‘absorvente’
59		<i>tataini</i>	‘vela’
60		<i>zekwapinapaw</i> <i>zekwapɨhɨwaw</i>	‘papel higiênico’
61		<i>zeɨarhaw</i>	‘caixa de som’
61	<i>munek</i>		‘boneca’
63	<i>bor</i>	<i>momor pɨr</i>	‘bola’
64	<i>kəmiəw aɨu</i>		‘carrinho de brinquedo’
65		<i>ikaɨr pɨrer imonohaw</i>	‘computador’
66		<i>zemi ɨuapohaw</i>	‘fogão’
67		<i>ɨrusaɨ imonohaw</i>	‘geladeira’
67		<i>tatáimuzeputarahaw</i>	‘gás’
69		<i>ati ɨuaramuhara</i>	‘bolsa’
70	<i>paper</i>		‘livro’
71		<i>ɨɨiapehaw</i>	‘lanterna’
72		<i>iəkaɨrehehar</i>	‘capacete’
73		<i>kəmiəwipnew</i>	‘pneu’
74	<i>sapat</i>		‘sapato’
75		<i>pɨpehar ~ pɨnej</i>	‘sandália’
76		<i>ɨwɨkware ɨmutɨkaw</i>	‘poço artesiano’
77		<i>imutɨkaw</i>	‘bomba’
78		<i>tenaw</i> <i>apɨkaw</i>	‘sofá’
79		<i>tehaita</i>	‘óculos’
80		<i>pɨpehar</i> <i>bor momor haw</i>	‘chuteira’
81		<i>izan mehehar ~ pɨpehar</i>	‘tênis’
82	<i>kəmiəw ipopehar</i>		‘carro de mão’
83		<i>ipɨhunizuzarɨaw</i>	‘garrafa térmica’,

			‘garrafa’
84		<i>píahaw</i>	‘meia’

10.4 Considerações gerais

O presente estudo mostrou que, há cem anos, a língua Tenetehára já possuía um número significativo de empréstimos do Português, o que põe em relevo a intensa situação de contato já antiga desses índios com falantes do Português. O estudo mostrou nos registros mais antigos do Tembê que os empréstimos do Português eram adaptados à sua fonologia, diferentemente dos dias atuais em que todos os Tembê e Tenetehára falam algum grau de português. O estudo mostrou ainda que os termos criados pelos índios Guajajára para suprir a ausência de correspondentes destes na língua nativa mostram o esforço de comunicar novos conceitos na própria língua materna como forma de preservação da mesma. Não obstante o esforço, os elementos do português convivem lado a lado com estes e são empregados alternadamente no cotidiano. Finalmente, o estudo mostrou que os empréstimos do Português no Tenetehára são lexicais e também gramaticais, e que várias estruturas gramaticais mais complexas já se encontram bastante sedimentadas nas duas línguas. Por outro lado, o estudo mostrou que algumas palavras culturalmente importantes em línguas Tupí-Guaraní foram definitivamente substituídas por termos do Português no Guajajára, mas resistem na variedade Tembê.

O estudo mostra, ainda, que, embora os empréstimos do Português nas duas variedades do Tenetehára ocorram em grau bastante elevado, a incorporação desses empréstimos encontra-se tão sedimentada que não é mesmo percebida pelos falantes, como já havia sido referido por Carvalho (2000).

CAPÍTULO 11 - OS TENETEHÁRA NA HISTÓRIA

11. Introdução

Neste capítulo apresentamos alguns aspectos da história dos Tenetehára. Embora tenhamos tido acesso à parte importante da bibliografia relativa aos Teneteháras dos séculos XVII, XIX e XX, assim como dos Tenetehára da atualidade, privilegiamos as informações contidas na obra sobre os Tenetehára de autoria de Gomes (2002), que considera, de forma ampla, detalhes das obras relevantes que resgatam a história do povo Tenetehára desde a colonização Francesa do Maranhão à atualidade, lançando luzes sobre uma época em que os Tembé se desmembraram dos Guajajára. Assim, optamos por seguir um roteiro que corresponde, em certo sentido, à sequência temática adotada por Gomes em sua obra. O objetivo deste capítulo é pôr em evidência dados históricos sobre os Tenetehára que substanciem hipóteses sobre as mudanças lingüísticas que diferenciam as duas línguas Tenetehára das demais línguas Tupi-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985), considerando também a possibilidade de que as informações selecionadas poderão lançar luzes sobre a hipótese de um passado pré-histórico do desenvolvimento da língua Tenetehára original.

11.1 O povo Tenetehára

11.1.1 Etnografia

11.1.1.1 Localização geográfica

A primeira localização dos Tenetehára mencionada na literatura é o estado do Maranhão, precisamente a região do Pindaré (WAGLEY & GALVÃO, 1961, p. 23). Toda a história dos índios Tenetehára está estreitamente ligada à história do Maranhão, o que justifica a necessidade de conhecer aspectos históricos, geográficos, culturais, dentre outros, sobre esse estado para um melhor entendimento do percurso histórico vivido por esse povo.

O estado do Maranhão, juntamente com o Piauí, constitui o chamado Meio Norte, considerada uma área de transição entre a Amazônia, o Brasil Central e o Nordeste. O Maranhão limita-se ao norte com o Oceano Atlântico, a Leste e a Sudeste com o estado do Piauí, ao Sul e a Sudoeste com o estado de Goiás e a Oeste com o estado do Pará (DINIZ, 1994, p. 9).



MAPA 1 – Região do Pindaré –Maranhão

(Fonte: <http://www.technet1.org/networks-are.us/brasil/mapamaranhao.gif>)

O Maranhão é dividido em, pelo menos, sete regiões ecológicas: Litoral, Baixada, Cerrado, Cocais, Pré-Amazônia, Chapadas e Planalto. Na parte norte-ocidental do estado, localizadas na Pré-Amazônia maranhense estão as microrregiões do Gurupí, Pindaré, Imperatriz, Alto Mearim e Grajaú (DINIZ, 1994, p. 9)

No que diz respeito ao clima do Maranhão, este apresenta-se de três tipos: equatorial, tropical úmido e tropical. Na região coberta por floresta equatorial, predominante no nordeste do estado, na área conhecida como Hiléia Maranhense, o clima é equatorial com iguais características durante todo o ano e intensas chuvas. Na faixa litorânea, na região de baixada e na área coberta pelos cocais predomina o clima tropical úmido. Na região do centro-sul e sudoeste e nas regiões do médio e alto Parnaíba o clima é tropical (DINIZ, 1994, p. 9).

Os povos indígenas que habitavam o estado do Maranhão à época da colonização eram os Tupinambá, os Barbado, os Sakamekrã, os Amanajó, os Kriê, os Uruati, os Tremembé, os Krenkateiê, os Guanaué, os Araiöse, os Gamella, os Pobzé, os Kapiëkrã e outros já extintos (WAGLEY & GALVÃO, 1961, p. 23; ZANONI e MIRTES, 1988, p. 37; GOMES, 2002, p. 107). Dentre os sobreviventes estão os Tenetehára, os Canela, os Krikatí e os Gavião (ZANONI e MIRTES, 1988, p. 37). Os povos indígenas do Maranhão constituíam, à época da colonização, em todo o estado, uma população de, aproximadamente, 250.000 índios, o que indica uma drástica redução quando comparada com estatísticas mais recentes de menos de 12.000 indivíduos (ZANONI & MIRTES, 1988, p. 37) com um acréscimo para 14.996 indivíduos em 1997 segundo um relatório da Funai de 1997 (ZANONI, 1999, p. 19).

Por volta de 1997 havia oito povos indígenas habitando o Maranhão na Pré-Amazônia maranhense, distribuídos em dezesseis áreas indígenas: Guajajára, Tembê, Urubu-Ka'apór, Guajá (Tupi-Guaraní) e Canela, Krikatí e Gavião (Timbira), além de vinte índios Guarani e um grupo de índios Timbira não identificados que estavam habitando a área indígena Geralda-Toco-Preto (ZANONI, 1999, p. 19). Atualmente as áreas indígenas habitadas por esses índios são as apresentadas a seguir (ZANONI, 1999, p. 22):

	ÁREA INDÍGENA	MUNICÍPIO	POVO
1	A. I. Alto Turiaçu	Carutapera, Cândido Mendes, Monção, Turiaçu	Urubu-Ka'apór
2	A. I. Awá	Zé Doca, Bom Jardim, Carutapera	Guajá
3	A. I. Caru	Bom Jardim	Tenetehára
4	A. I. Pindaré	Bom Jardim	Tenetehára

5	A. I. Araribóia	Amarante	Tenetehára
6	A. I. Governador	Amarante	Pukobyê
7	A. I. Krikati	Montes Altos, Amarante, Sítio Novo	Krikati
8	A. I. Bacurizinho	Grajaú	Tenetehára
9	A. I. Morro Branco	Grajaú	Tenetehára
10	A. I. Barra do Corda, Grajaú Canabrava/Guajajára		Tenetehára
11	A. I. Lagoa Comprida	Grajaú	Tenetehára
12	A. I. Urucu/Juruá	Grajaú	Tenetehára
13	A. I. Geralda/Toco Preto	Grajaú	Krepu'um kateyê
14	A. I. Rodeador	Barra do Corda	Tenetehára
15	A. I. Kanela-Buriti Velho	Barra do Corda	Rankokamekrá
16	A. I. Porquinhos- Aldeia Chinela	Barra do Corda	Apanyekrá

Os Tenetehára estão, assim, distribuídos em nove áreas indígenas, as quais foram demarcadas aproximadamente por volta da metade da década de 1970 e da década de 1980, p. Pindaré e Caru, Canabrava/Guajajára e Araribóia (1977); Rodeador (1978); Bacurizinho e Morro Branco (1980); Lagoa Comprida (1983) e Urucu-Juruá (1984). Essas áreas, além de demarcadas, foram homologadas e possuem registro nos arquivos do DPU – Departamento de Patrimônio da União- e do CRI – Cartórios de Registros Imobiliários dos municípios de que fazem parte (ZANONI, 1999).

A respeito da demarcação das terras indígenas dos Tenetehára, Gomes (2002) dedica um capítulo de sua obra apresentando importantes detalhes desse processo ocorrido entre 1920 a 1980. A avaliação que faz desse intenso processo de demarcação está bem claramente expresso em:

No amplo processo de demarcação, que vai de 1920 a 1980, perderam-se boa parte das terras do médio e alto Pindaré, as do Baixo

Zutiua e as do Grajaú., áreas habitadas por Tenetehára nas primeiras décadas do século (...). É de lamentar que ao menos algumas dessas terras não tenham sido incorporadas ao patrimônio indígena pela falta de empenho do SPI/Funai nas décadas de 1960 e 1970. No entanto, reconhecendo a intensa e caótica movimentação de imigrantes a partir de meados da década de 1950 na região do Pindaré e da década de 1960 na região Barra do Corda-Grajaú, junto com a pouca disponibilidade de recursos e a mentalidade aculturativa do órgão indigenista, e adicionando-se a isso a incúria e o desleixo de tantos funcionários do órgão, é notável constatar que essas terras indígenas tenetehára foram afinal demarcadas, e que elas constituem um quinhão razoável da herança histórica desse povo indígena (Gomes, 2002, p. 421).

As Terras Indígenas dos Tenetehára no Maranhão, sua extensão e localização são apresentadas na obra de Gomes (2002, p. 385) e consistem das seguintes: 1) Guajajára-Canabrava (137.400 ha, Barra do Corda); 2) Lagoa Comprida (13.198 ha, Barra do Corda); 3) Urucu-Juruá (12.697 ha, Grajaú); 4) Bacurizinho (82.432 há, Grajaú); 5) Morro Branco (49 há, Grajaú); 6) Araribóia (413.288 há, Grajaú, Amarante); 7) Pindaré (15.002, Bom Jardim); 8) Caru (172.667, Bom Jardim).



MAPA 2 – Terras Indígenas do Maranhão

FONTE: asscarloubbiali.com.br/.

O povo Tenetehára compreende atualmente duas etnias do norte/nordeste do Brasil: os índios Tembé e Guajajára. A separação entre os Tembé e os Guajajára pode ter ocorrido há mais de 150 anos conforme Nimuendaju (1915):

Até a primeira metade do século XIX, os Tembé habitavam a região do alto Pindaré. A partir deste momento, começam a migrar para a região do Gurupi e, mais além, até a região dos rios Capim, Guamá e Acará Pequeno, a convite do sertanista Manoel Antônio. Um grupo destes atingiu até mesmo a ferrovia Belém-Bragança, sendo assentado na localidade do Prata por missionários capuchinhos (p.25).

A localização geográfica dos Tenetehára-Guajajára é a Pré-Amazônia maranhense, nas regiões que são cortadas pelos rios Mearim e seus afluentes Corda e Grajaú, Pindaré e seus afluentes Caru, Zutiwa e Buriticupu. A maior concentração demográfica está situada na região de Barra do Corda/Grajaú, (6.310 indivíduos), em seguida é a região entre os rios Zutiwa e Buriticupu que corresponde às Áreas Indígenas Araribóia e Governador (4.340 indivíduos) e, por fim, a região Pindaré/Caru (760 indivíduos) (ZANONI, 1999). Esses índios estão distribuídos em 11 aldeias, a saber: Araribóia, Bacurizinho, Cana-Brava, Caru, Governador, Krikatí, Lagoa Comprida, Morro Branco, Rio Pindaré, Rodeador, Urucu-Juruá, todas localizadas no Centro do Maranhão.

Atualmente os Tenetehára-Tembé estão divididos em dois grupos: o grupo que vive na região do Alto rio Guamá, a sudeste do Pará, e o que habita às margens do rio Gurupi, na divisa dos estados do Pará e do Maranhão. O primeiro grupo se distribui em 8 aldeias: a Sede com 97 indivíduos, Ituaçú onde vivem 40 índios, Pira com 20, Frasqueira com 18, São Pedro com 131, Tawari com 16, Itaputyre com 10 e Jacaré com 40 pessoas, totalizando 372 habitantes. Os Tembé do Gurupi totalizam, aproximadamente, 433 índios, assim distribuídos: na Sede ou Posto Indígena Canindé vivem 100 pessoas, em Pedra de Amolar 58, Rabo de Mucura 38, Cajueiro 45, Sapucaia com 4 indivíduos e Tekoháw ou Aldeia Nova com 188, sendo esta última, a aldeia que mais cresce. O limite comum entre os dois grupos é o Rio Gurupi e, embora as aldeias

sejam contíguas, pode-se dizer que o contato entre os dois grupos não é muito freqüente (CARVALHO, 2001).



MAPA 3 – Áreas habitadas por Tembé e Guajajara no Pará e Maranhão

(Fonte: <http://www.brasil-turismo.com/mapas/mapa/maranhao.jpg>)

11.1.1.2 Afiliação etno-lingüística

Os índios mais numerosos da região do Maranhão, assim como de toda a costa do Brasil eram os Tupinambá. Eles contribuíram significativamente para a formação do estado do Maranhão tanto em termos demográficos quanto em termos culturais, de sorte que é fundamental conhecê-los para que se conheçam outros grupos indígenas que habitavam o Maranhão na mesma época, como foi o caso dos índios Tenetehára.

Os Tupinambá e os Tenetehára falavam línguas da família Tupi-Guarani muito semelhantes entre si (RODRIGUES, 1984; 1985). Certa feita, o Padre Antônio Vieira comentou que a língua dos Tenetehára era mais parecida com a língua dos Carijó que a

de qualquer outro povo do Brasil (VIEIRA, 1925, p. 394-395 apud GOMES, 2002). Os índios Carijó eram Guarani, de cultura muito semelhante à dos Tupinambá, que viviam ao sul de Cananéia em São Paulo. Segundo Gomes (2002), essa afirmação de Vieira gera três hipóteses: a) a de que os Tenetehára podiam ser um subgrupo Tupinambá, igualmente recém-chegados ao Maranhão vindos do sul do Brasil; b) que teria havido um desenvolvimento paralelo de variação lingüística; c) que houve um equívoco de Vieira, querendo dizer que a língua Tenetehára, de fato, era diferente da falada pelos Tupinambá. O raciocínio mais comum que se faz é que a semelhança lingüística entre esses dois povos também levanta a questão das semelhanças culturais entre eles.

Certos traços culturais comuns entre os Tenetehára e os Tupinambá podem indicar que tenham tido uma mesma origem étnica. Há, no entanto, diferenças fundamentais que levam a crer que fossem povos distintos. Talvez, na época da colonização, as diferenças ainda fossem recentes e, por causa do crescimento demográfico dos Tupinambá, estes acabaram por se tornar mais poderosos. Uma das grandes diferenças entre esses dois povos está na prática do canibalismo. Os Tupinambá tinham o ritual do canibalismo que era motivado tanto por guerra quanto por manifestação religiosa (FERNANDES, 1963, 1970), ao passo que não se tem notícias desse tipo de manifestação cultural entre os Tenetehára.

Além da ausência dos rituais canibalistas, os Tenetehára também apresentavam menor densidade demográfica. Sua população era menos numerosa e em geral ficava restrita a uma região mais ou menos delimitada. Seu sistema de organização política caracterizava-se por aldeias autônomas, com liderança localizada, o que não lhes permitia grande coesão política, o oposto da organização dos Tupinambá. Conforme Gomes (2002), embora isso desse aos Tenetehára um poder de ação bastante limitado, permitia uma estrutura social mais flexível, dando-lhes maiores condições para a formação de novos agrupamentos, tendo, por isso, maiores chances de sobrevivência.

Quando à afiliação lingüística, a língua Tenetehára, conhecida por suas duas variedades, Tembé e Guajajára, foi classificada por Rodrigues (1985) como pertencente ao ramo IV da família lingüística Tupí-Guaraní, juntamente com o Tapirapé, o Avá-Canoeiro, o Asuriní do Tocantins, o Parakanã, o Suruí e o Turiwára, por compartilhar com estas características lexicais, fonológicas e morfossintáticas que as distinguem das demais línguas da família lingüística Tupí-Guaraní.

11.1.1.3 A autodenominação “Tenetehára”

Os índios Tenetehára foram mencionados pela primeira vez na historiografia, pelos franceses, no século XVII como ‘les Pinariens’, “os habitantes do Rio Pindaré”.(WAGLEWY & GALVÃO, 1861; GOMES, 2002). Em 1616, por ocasião da brutal perseguição praticada contra esses índios, comandada por Bento Maciel Parente, este os chamou “Guajajara” que é o termo mantido até hoje como denominação principal desses índios (GOMES, 2002).

Quando inquiridos acerca do significado do termo “Tenetehára”, os índios, que assim se autodenominam, consideram que “Tenetehára” é tão somente o indivíduo que faz parte do povo Tenetehára. Dentre os autores que se preocuparam em dar explicações para o surgimento da autodenominação “Tenetehára”, uma das mais completas parece-nos ser a de Gomes que, inclusive, chega a apresentar uma hipótese sobre a época em que o termo Tenetehára pode ter sido utilizado pela primeira vez por esses índios. Para ele, o termo deve ter aparecido num determinado momento histórico com a finalidade de marcar algum acontecimento especial, para trazer à luz algum significado.

Para o autor, a autodenominação dos Tenetehára comparada à autodenominação de outros povos indígenas do Brasil chama a atenção pela singularidade da escolha do termo que é formado por elementos que não encontram cognatos nas línguas de outros povos tão aproximados como os Guajá, os Ka’apór nem na de outros povos vizinhos como os Timbira. Para Gomes, nessa autodefinição estaria o princípio fundamental de autonomia e de liberdade dos índios Tenetehára.

Segundo Harrison, o vocabulário Tenetehára é composto pelo verbo “*ten*” (ser) mais o qualificativo “*ete*” (intenso, verdadeiro) e o substantivizador “*har(a)*” (aquele, o), que quer dizer “o ser íntegro, gente verdadeira” (HARRISON apud GOMES, 2002, p. 47). Já o etnônimo Guajajara, que significa ‘donos dos Guajá’, é interpretado pelos próprios Tenetehára com este significado. Este termo pode ter tido como fonte a língua Geral Amazônica dos século XVIII e, segundo Gomes (2002), foi atribuído a eles por índios Tupinambá da ilha de São Luís por ocasião de contato com os Tenetehára habitantes do Médio e Alto Pindaré. Os índios Tenetehára mostram preferência por serem chamados de “Tenetehára” e só se referem a si mesmos como “Guajajára” em conversa com brasileiros, usando esse último designativo para se referir aos índios Guajá, a quem consideram terem sido Tenetehára no passado ou que os Tenetehára primitivamente teriam sido como os Guajá (GOMES, 2002).

Por volta da terceira década do século XIX, quando da migração dos Tenetehára para o Rio Gurupí (fronteira do Pará com o Maranhão) e para os altos cursos dos Rios Capim e Guamá (estado do Pará), estes índios passaram a ser conhecidos pelo designativo “Tembé” que, em Tupinambá e na Língua geral Amazônica significa “lábio de gente”. Provavelmente, este termo pode ter sido usado por brasileiros da região para nomear os índios com quem comercializavam (DODT, 1983; NIMUENDAJU, 1914; HURLEY, 1928 apud GOMES, 2002). O termo pode ter sido atribuído a eles em razão do hábito de furar o lábio inferior para colocar um “tembetá”, adereço em forma de cilindro. Não obstante terem abandonado o hábito do enfeito labial, atualmente os Tenetehára que habitam na região mencionada ainda são conhecidos pelo designativo “Tembé”. Segundo Gomes (2002), o termo “Tenetehára” foi omitido na documentação histórica durante todo o período colonial e até o início do século presente. Os jesuítas que estabeleceram duas missões entre os Guajajára nunca lhes chamaram por outro nome que não “Guajajara”. A mesma omissão do termo é verificada durante a política indigenista do Império que, em aproximadamente quatro colônias indígenas e 18 diretorias parciais, conseguiu relacionar mais de 12 mil Tenetehára, mantendo contato com muitos deles, a ponto de favorecer um razoável índice de miscigenação nas áreas próximas a vilas e cidades. Nessa época outros povos indígenas ficaram sendo conhecidos por termos autodesignativos: Pykoby, Krikati, Tchakamekra e Kreyé que surgiram na historiografia, respectivamente, como Piacobgés, Sacamecran e Crenzés.

O termo Tenetehára só foi registrado como autodenominação por Kurt Nimuendaju, em 1914, quando de sua visita aos Tembés do rio Gurupí. A primeira hipótese que logo se impõe é a de que o termo teria surgido por esse tempo, mas esta não se sustenta diante da constatação de que já se completara quase um século da migração de índios Tenetehára para o Oeste (Tembé) e para Leste (Guajajára) do seu território original no médio e alto Rio Pindaré. Assim, como observa Gomes, se entre essas duas vertentes migratórias não surgiram quaisquer mudanças culturais importantes, muito menos surgiria uma tão fundamental que depois se difundisse tão rapidamente. Outra importante observação feita por esse mesmo autor é a de que os Tenetehára mais velhos não têm memória relativa à origem do nome “Tenetehára” e não conhecem, nem ouviram falar de outro termo autodesignativo além do termo “Tenetehára”. Para o autor, os Tenetehára assim se autodenominaram antes do início do século XIX. A razão pela qual os jesuítas não fazem menção ao termo Tenetehára pode ter-se dado pela inexistência do termo na época ou por puro descaso. Gomes defende a

segunda hipótese. Quanto ao uso do termo Tenetehára antes dos franceses e portugueses, não há bases científicas para tal, uma vez que não há descrições com o registro dos costumes e palavras tenetehára, bem como não existem estudos arqueológicos que permitam recriar um passado pré-cabralino ou que mostrem percursos de migrações anteriores.

Gomes defende a hipótese de que o termo Tenetehára teria surgido pela primeira vez em virtude de um momento histórico determinante para a integridade dos Tenetehára, caracterizado por intensidade interativa, política e cultural com outros povos etnicamente aproximados. Na análise do autor, o termo teria surgido num momento da história dos Tenetehára em que *“sem essa determinação, o seu destino estaria perigosamente entrelaçado a outros destinos e fugiria do seu controle”* (GOMES, 2002, p. 51).

Assim, para o autor, o momento histórico propício a condicionar uma modificação conceitual foi a época em que os Tenetehára foram induzidos a descer o Rio Pindaré para fazer parte da missão jesuítica instalada às margens do Lago Maracu, décadas após o massacre perpetrado por Bento Maciel Parente e outras entradas oficiais. A pressão exercida pela concepção jesuítica de transformar a cultura indígena numa cultura cristã, ou, no mínimo, cristianizada, levada a efeito pela estratégia de juntar povos indígenas diferentes com o fim de fragilizar-lhes a integridade étnica, teve como resultado a necessidade de alguma forma de autoafirmação por parte dos Tenetehára.

Para a missão jesuítica de Maracu, por exemplo, embora esta tenha sido criada com maioria de índios Tenetehára, foram levados para lá índios Tupinambá da Ilha de São Luís, de Pernambuco, da Serra da Ibiapaba. Os Tupinambá, já conhecedores dos modos jesuíticos e da prática dos portugueses, foram os que cristianizaram os Tenetehára, servindo de base experimental para as missões jesuíticas desde a segunda metade do século XVI, na Bahia e em São Paulo, onde floresceram as primeiras missões. Viver sob tais circunstâncias foi o grande desafio imposto aos Tenetehára. Uma importante circunstância que favoreceu os Tenetehára em sua luta pela sobrevivência foi o fato de a Missão de Maracu bem como as de São Francisco Xavier ou Carará, e ainda Acará, no período de 1653 e 1759 não terem conseguido controlar a totalidade de sua população. Isso permitiu que uma grande parte de índios Tenetehára – o segmento maior, segundo Gomes (2002, p. 52) - ficasse fora do controle dos jesuítas, habitando nas matas do Rio Pindaré. Esses índios mantinham contato com os demais índios aldeados e há fortes indícios de que foram esses índios que preservaram a

base populacional, étnica e cultural, gerando estímulo para que os índios missionados se mantivessem Tenetehára. Esta situação é o ponto central no qual se apóia a hipótese de Gomes: Segundo esse autor:

Nesse relacionamento, desse constante vai-e-vem cultural vivido por dois segmentos da mesma cultura, é que talvez tenha surgido o autodesignativo tenetehára. “Quem vem ali? Um awá?” (um homem índio como os demais?), “ou um Tenetehára” (um ser completo, um dos que são verdadeiros, enfim, um de nós?). Tornou-se, pois, conseqüente e necessário, para a cultura tenetehára, distinguir entre um índio missionado qualquer, um Tupinambá ou um Uruati, Cahycahy (ou Caicai) ou Guanaré envolvidos pelo sistema colonial, e um Tenetehára, que por desventura lá estava vivendo, mas que poderia voltar a qualquer momento a viver como dantes, a partilhar do sentimento e da prática do ser verdadeiro. Eis a minha hipótese sobre o surgimento do termo tenetehára. (GOMES, 2002, p. 52).

Convém notar que a hipótese de Gomes sobre o surgimento da autodesignação Tenetehára como forçada por um momento histórico especial, encontra apoio em outras situações referentes aos Tenetehára. Esses índios usam o termo *karaiw* (cognato de caraíba) para designar os brasileiros não indígenas. Antes disso, porém, segundo os Tenetehára mais antigos, esses índios usavam o termo *màzàn* para os luso-brasileiros, que corresponde em português a *marinheiro*. O termo *apy'aw* usado até a década de 1960, que tem uma conotação corriqueira de “indivíduo”, também já foi usado para designar os brasileiros. Esses exemplos mostram, segundo o autor, que “*assim como surgem também desaparecem palavras de grande importância antropológica em universos sociolingüísticos*” (GOMES, 2002, p. 53).

11.2 História do povo Tenetehára

11.2.1 Introdução

Em sua obra sobre o povo Tenetehára, Gomes (2002, p.107) mostra que a história dos Tenetehára consiste na própria história das transformações de sua sociedade e cultura quando do encontro com as forças de colonização que se estabeleceram no Maranhão. O autor, em sua reconstrução da história dos Tenetehára, para descrevê-la, lança mão de dois campos-analíticos-chave: a) de um lado, a sociedade Tenetehára sendo trazida para o sistema colonial; b) de outro lado, a sociedade Tenetehára resultante ao final de cada fase. O autor, de forma bastante explícita, mostra como procedeu para reconstruir a cultura e a sociedade tenetehára:

A reconstrução que aqui tento apresentar da cultura e sociedade tenetehára, especialmente dos primeiros três séculos, não deixa de ser calculadamente um exercício de especulação e comparação. Como viviam realmente, que rituais partilhavam, como guerreavam, ao menos quantas aldeias havia e como se relacionavam umas com as outras são assuntos que mal podemos discernir pelos dados que temos (Gomes, 2002, p. 109).

Gomes, considerando a história pela perspectiva da história Tenetehára, considera que os quatro séculos, compreendidos de 1613 a 2000 podem ser divididos em cinco períodos sucessivos que são caracterizados pela predominância de formas bem peculiares de relações interétnicas entre os Tenetehára e os brasileiros (ou portugueses). O autor (GOMES, 2002, p. 112) propõe os seguintes períodos:

- a) Formação das relações interétnicas (1613 – 1759), assim subdividida:
 - fase da escravidão: 1616 – 1652;
 - fase da servidão: 1653 -1759.
- b) Libertação e transição: 1760-1840.
- c) Clientelismo e política indigenista imperial: 1840 – 1889.
- d) Transição republicana e Rebelião do Alto Alegre – 1990 – 1910.
- e) Política Indigenista do século XX: SPI/ FUNAI: 1910-1985.

Conhecer a história dos índios Tenetehára implica conhecer a história do próprio estado do Maranhão e, por que não dizer, a própria história do Brasil uma vez que as primeiras notícias sobre os Tenetehára coincidem com as primeiras notícias sobre a

história da formação desse estado, conseqüentemente com a colonização do próprio Brasil. A história do Maranhão só começa por volta da segunda década do século XVII, aproximadamente cem anos após a presença de Cabral no Brasil.

As primeiras informações sobre o povo Tenetehára datam do século XVII, período anterior à colonização portuguesa na região que atualmente corresponde ao estado do Maranhão. Segundo Nimuendaju (1915, p. 25), Wagley & Galvão (1955, p. 23), Arnaud (1981/82), Sales (1990), baseados em informações de cronistas e exploradores, a localização mais antiga dos Tenetehára parece ter sido a região do Pindaré no estado do Maranhão. Na primeira metade do século XVI os Tenetehára foram localizados na região do Rio Pindaré, conforme Bettendorf :

Estando o padre João Maria Gorsony, Missionário dos Guajajara em Cayritiba, aldêa do rio Pindaré, como via que faltavam muitos índios já descidos pelo Padre Manuel Nunes, mandou praticá-los para se decerem... Partiu do Cayritiba pelo rio arriba sem dificuldades em os princípios, mas depois de dar em umas verduras de folhas largas, a modo de aguapés a que chamam muruzes, achou-se obrigado a abrir caminho à força de braços e machados, com trabalho imenso até o porto do sertão dos que ia buscar. Chegado que foi ao porto, deixando lá as canoas, e carregando os índios os mantimentos e mais cousas necessárias às costas, foram caminhando a pé, por terra, cinco dias de jornada, por chuvas e sóes, por espinhos e lagos, até chegarem finalmente à primeira aldeia de Capiytiba (1910, p. 269):

A Ilha do Maranhão, quando dos primeiros contatos com os europeus, era habitada por índios Tupinambá. Os primeiros estabelecimentos na época da colonização concentraram-se na faixa costeira e no vale do Itapecuru, navegável durante todo o ano até 800 km de sua foz (WAGLEY & GALVÃO, 1955) enquanto que as áreas dos rios Grajaú, Mearim e Pindaré não chegaram a atrair exploradores durante o primeiros séculos de colonização.

Segundo Wagley e Galvão (1955) as cabeceiras dos rios Grajaú, Mearim e Pindaré eram de terreno plano, baixo e facilmente inundável durante o inverno (dezembro a junho), ficando o transporte praticamente impossível nessa época do ano. No período do verão (julho a novembro) os rios baixavam de nível, igarapés e pequenos

tributários secavam completamente, dificultando a navegação comercial. Dessa forma, nem as vias terrestres nem as fluviais permitiam acesso contínuo durante todo o ano. Para os autores, essa dificuldade de acesso foi fator fundamental para não atrair os colonizadores para essas áreas, além da ausência de recursos naturais de fácil exploração e das dificuldades de agricultura numa área de floresta densa.

11.2.2 O Período Colonial

11.2.2.1 Os índios Tupinambá no Maranhão

Os estudos históricos mostram que a primeira tentativa de colonizar o Maranhão ocorreu em 1553, por uma expedição organizada por João de Barros, Ayres da Cunha e Álvares de Andrade (BUARQUE DE HOLANDA, 1989, v.I: 105-6). Esses homens receberam duas capitânicas hereditárias com grandes faixas de terra que iam desde o Cabo do Rio Branco – na costa nordestina – até a desembocadura do Rio Amazonas, incluindo a Ilha de São Luís e as áreas adjacentes. Há notícias (BUENO, 1998, apud GOMES, 2002) de que Vicente Pinzón já havia navegado por essa região antes mesmo que Cabral tivesse aparecido por lá, daí dizer-se que ele foi o primeiro europeu a conhecer, se não a descobrir o Brasil.

Essa primeira expedição teve a licença de erguer feitorias, distribuir as terras entre os colonos e de organizar as instituições típicas da administração portuguesa colonial. Essa expedição veio paramentada com 10 navios, 900 marinheiros e 120 cavalos. Teve o infortúnio de naufragar nas costas do Maranhão, mas alguns sobreviveram e voltaram a Portugal, enquanto outros ficaram na região e se adaptaram ao modo de vida indígena, incorporando-se em sua sociedade.

Anos mais tarde, aproximadamente 15 anos depois, dois filhos de João de Barros, um dos organizadores daquela primeira expedição, retornaram à Ilha de São Luís com o propósito de reaver os direitos de seu pai. Ficaram uns cinco anos na região, mas o projeto foi mal-sucedido de modo que não conseguiram estabelecer colônia na Ilha. Depois disso não se tem notícias de portugueses engajados na colonização do Maranhão até a segunda metade do século XVII, quando a região ficou ameaçada pela instalação de uma colônia francesa.

A partir de 1560, quando índios Tapuias que viviam na Ilha foram forçados a se retirar dela, por causa da chegada de um grande número de índios Tupinambá vindos da costa leste (METRAUX, 1927:6-10 apud GOMES, 2002:120-124), já havia franceses presentes na região (SOBRINHO, 1946). Esses tapuias subiram o Rio Itapecuru e se instalaram nas matas que circundavam o médio curso desse rio. Mais tarde esses índios ficaram conhecidos pelo nome de índios “Barbados”.

Apesar dessa presença francesa no Maranhão, somente em 1612, no entanto, é que foi fundada uma colônia francesa conhecida como “França Equinocial”. Esta foi fundada de modo a impressionar os nativos do lugar. Localizava-se num cabo a noroeste da Ilha, entre os Rios Bacanga e Anil.

A expedição era liderada pelo nobre senhor Daniel da La Touche, o Senhor de Ravardière, que havia recebido autorização de Henrique IV para colonizar a costa norte. Com a morte de Henrique IV, associou-se ao nobre bretão François de Razilly de quem recebeu, inclusive, apoio para convocar a ordem dos capuchinhos de Paris. Entre os missionários capuchinhos enviados estavam os padres Claude d’Abbéville e Yves d’Evrêux e mais 12 frades que mais tarde se juntaram a eles.

À essa época a Ilha já era densamente habitada por Tupinambás. Tinham vindo, da costa leste, principalmente, por causa da ameaçadora presença dos portugueses (ABBÉVILLE, 1945:65), mas também por causa de sua busca pela “Terra sem Mal” (METRAUX, 1979). A essa altura os franceses já mantinham um relacionamento de trocas comerciais havia mais de trinta anos com os Tupinambá, especialmente com os da Ilha e com os da Serra do Ibiapaba, no Ceará. Entre os produtos que comercializavam estava o pau-brasil, a tatajuba, o tabaco e outros produtos por facas, machados, enxadas, tesouras, espelhos, panos, chapéus, contas de vidro entre outros produtos baratos (ABBÉVILLE, 1945, p. 63).

Em 1612 a Ilha de São Luís, com sua área de 2.200 km,² tinha 27 aldeias de índios Tupinambá que se ligavam entre si por caminhos ou pelos cursos dos rios Bacanga e Anil. As aldeias maiores contavam com 500 a 600 índios enquanto que as pequenas podiam ter entre 200 a 300. O padre Abbéville calculou, para essa época, o número de 10 mil a 12 mil tupinambá, uma densidade demográfica de 5 indivíduos por quilômetro quadrado (GOMES, 2002, p.120-124).

Na Ilha havia muitos franceses, quase todos de origem bretã e normanda, que estavam vivendo junto aos Tupinambá, provavelmente ocupando posições privilegiadas. Estes conheciam bem a cultura e os costumes dos índios, partilhavam de suas guerras e

receios e, como sabiam se comunicar na língua tupi, eram conhecidos por “turgimons” ou “intérpretes” ou ainda “línguas”, servindo, dessa forma, como intermediários entre os Tupinambá e os chefes franceses.

Foram esses “línguas” que fizeram promessas aos Tupinambá da chegada de *Paí* – alguém muito poderoso – que viria para ensinar-lhes uma nova maneira de viver em paz. Os Tupinambá passaram a chamar os franceses de *Paí*, imaginando que eles seriam tão poderosos quanto seus grandes xamãs e pajé-guaçu. Essas entidades davam-lhes certo conforto espiritual e orientação político-espiritual, mas eles ainda aguardavam com ansiedade a vinda de *Paí*, que, para eles, seriam os franceses.

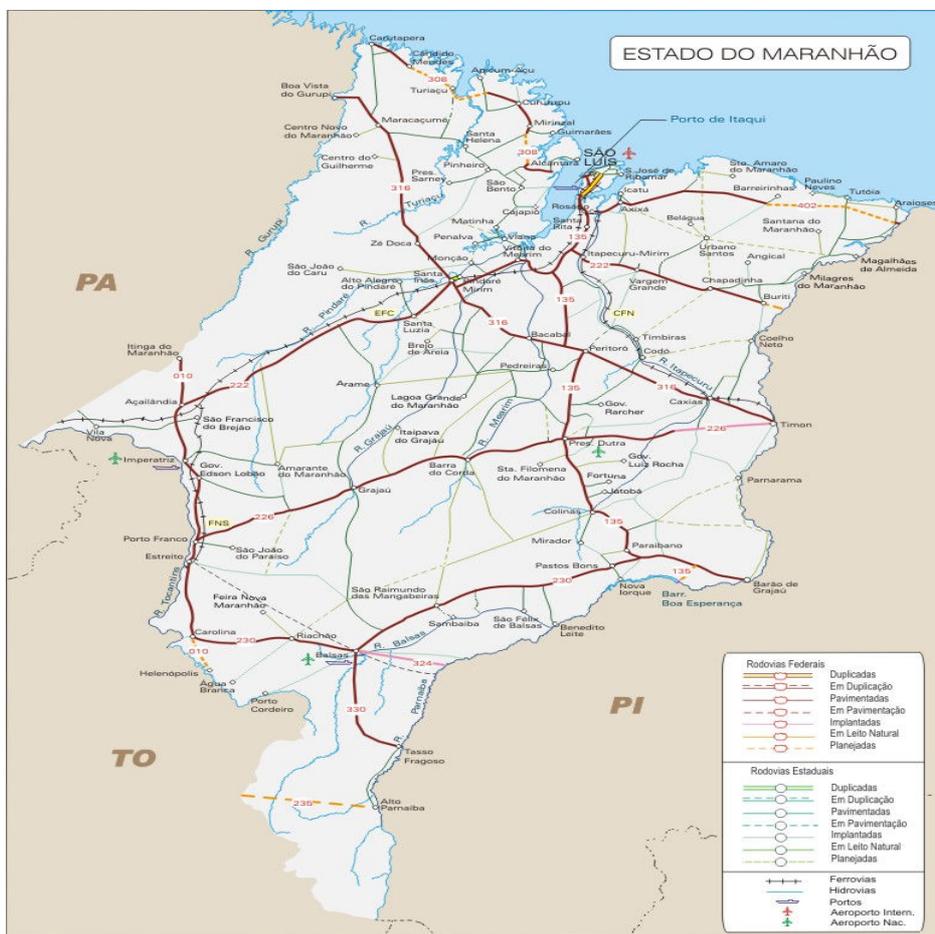
Segundo Abbéville e Evrêux, os franceses planejaram a instalação da Colônia de uma forma que impressionasse os Tupinambá uma vez que queriam ganhar-lhes a força de trabalho sem que fosse necessário o uso da violência. Assim conseguiram a mão-de-obra Tupinambá para prover-lhes as necessidades básicas, bem como para a extração do pau-brasil. (GOMES, 2002:120)

Os franceses tiveram que conhecer e se adaptar ao modo de organização política dos Tupinambá para terem sucesso em sua empreitada. O estilo de liderança Tupinambá previa para uma aldeia pequena entre um a dois líderes e para as aldeias grandes até quatro ou cinco. Esses líderes eram chamados de *tubixaba* – ou *tuxaua* - homens idosos conceituados que viviam cercados pelos familiares. Havia um líder maior, Japiaçu que, embora não se saiba ao certo qual era a abrangência de uma liderança como a dele, sabe-se que era reconhecido como chefe maior de toda a Ilha. Os franceses entenderam que tal liderança não tinha o poder de mandar nem política nem economicamente em todas as aldeias, por isso tratavam de seus negócios com os chefes de cada aldeia, o que terminava por ser uma árdua tarefa para estes. Esse tipo de liderança parecia ser adotada tanto no Recôndito Bahiano, quanto no Planalto de Piratiniga e no Maranhão (GOMES, 2002, p. 116)

Fora da Ilha de São Luís, a oeste, em Tapuitapera havia de 15 a 20 aldeias tupinambá com uma população dita superior à da Ilha (ABBÉVILLE, 1945, p.148). Mais a oeste, na Baía de Cumã, havia outro grupo de Tupinambá com um número equivalente de aldeias. Dessa área até o Caeté, na desembocadura do Rio Gurupi, havia mais de 20 a 24 aldeias tupinambá, fazendo um total de 40 a 50 mil índios Tupinambá vivendo ao longo da costa maranhense e paraense a partir da Ilha de São Luís. A sudeste, e para o interior, na altura dos cursos médios dos Rios Itapecuru e Mearim, havia outra concentração de aldeias tupinambá inimigas dos Tupinambá da Ilha. A leste,

ao longo da costa, viviam os Terembébés e mais uma 3 dezenas de povos específicos chamados de “tapuias” pelos Tupinambá. (GOMES, 2002:117)

Na Serra do Ibiapaba havia outra porção de aldeias tupinambá, assim como um grande número de aldeias de tapuias de várias etnias. É bem provável que tal concentração fosse recente na época, mas há possibilidade de que já houvesse Tupinambá no Pará, especialmente no delta amazônico e no baixo Rio Tocantins. Das visitas que fez à Ilha, a Tapuitapera e a Cumã, Abbéville (1945:149) pensou que esses três núcleos Tupinambá formavam um alianças entre si para defesa contra os Tupinambá do Pará e de Ibiapaba, que eram seus inimigos.



MAPA : Áreas habitadas por Tupinambá e Tenetehára no séc. XVII

(Fonte: <http://www.transportes.gov.br/bit/mapas/mapclick/ufs/ma.jpg>)

11.2.2.2 O domínio português no Maranhão

Gomes (2002, p. 105) observa que os registros de que se tem notícia mostram os Tenetehára no Maranhão surgindo no cenário histórico antes da presença portuguesa nesse estado. Sabe-se de sua existência na época em que os franceses iniciam a exploração do interior do Maranhão. Depois de instalados na Ilha de São Luís, em 1613, os franceses resolveram enviar expedições de reconhecimento pelos rios de toda a região do Maranhão. Por essa época, uma pequena tropa comandada pelo senhor Du Prat, subindo o rio Pindaré, encontrou um povo de fala tupi. Uma notícia semelhante é dada pelo Senhor de Pisieux ao padre Claude d'Abeville, então na França, de que havia uma grande nação moradora no Rio Pindaré que teria vontade de se tornar cristã. O senhor de la Ravardière repete essa informação aos portugueses ao passar o domínio da colônia a estes. Wagley e Galvão pensam que esta nação correspondia à dos índios Tenetehára (WAGLEY e GALVÃO, p. 1946, p. 6)

Em novembro de 1614, uma armada composta de 8 navios com 230 soldados, 60 marinheiros, cerca de 300 índios Tupinambá - de Pernambuco e da Serra do Ibiapaba com 300 mulheres e crianças, liderados por Jerônimo de Albuquerque chegou ao Maranhão com o objetivo de expulsar os franceses, embora fossem em número bastante inferior ao daqueles.

Ficaram alojados no continente, em frente à Baía de São José e construíram um forte onde ficaram se preparando e esperando reforço para atacar os franceses. Estes, por sua vez, alertados por índios Tupinambá, decidiram atacar de surpresa os portugueses, mas falharam nas estratégias e táticas de guerra. Foi na batalha conhecida como Batalha de Guaxenduba, com a duração de um único dia, que os franceses pediram trégua (MORENO, 1984 [1614, p. 42-52]; SILVEIRA, 1976 [1624]: apud GOMES, 2000, p. 121). Os dois exércitos acordaram que iriam entrar em contato com suas cortes para retornarem com uma decisão conjunta.

Antes do prazo estabelecido, no entanto, Alexandre de Moura, a mando do governo-geral do Brasil chegou ao acampamento português com patente de capitão-mor e com poderes de governador do Maranhão para expulsar os franceses. Sentindo-se injustiçado com a situação, Jerônimo de Albuquerque pressionou Moura que decidiu retornar à Bahia assim que os franceses fossem expulsos. Dessa forma, os dois grupos decidiram investir contra os franceses, quebrando o acordo feito com estes. O resultado foi que os franceses não suportaram e, formalmente, entregaram a colônia ao domínio português. Em janeiro de 1616 partiram em 2 naus, deixando aqueles que haviam decidido viver na Ilha.

Depois da expulsão dos franceses, os portugueses ainda enviaram um navio para a embocadura do Rio Amazonas para fazer frente e expulsar invasores daquela região. Em 1616 o capitão Francisco Castelo Branco fundou Belém na margem do Rio Guamá a alguns quilômetros de sua foz. A conquista do Maranhão foi planejada na Bahia, sob ordens da Coroa, utilizando homens e mantimentos de Pernambuco, mas em pouco tempo, a própria Coroa tomou a decisão de estabelecer uma administração própria para a nova terra conquistada, separando-a do governo-geral da Bahia.

Em 1616 as duas colônias de Belém e São Luís passaram a constituir o Estado do Maranhão e Grão-Pará. O território do novo Estado ia do Ceará até áreas ainda inexploradas da Amazônia. Esse estado passou a ter um governo-geral nomeado pela Coroa cuja sede ficava em São Luís e um capitão-mor, com sede em Belém. Em 1672 Belém passou a ser a sede da residência dos governadores e veio a ser a principal cidade daquele estado. Em 1751 Belém se tornou oficialmente a sede do governo-geral e em 1772, junto com a Capitania do Rio Negro, passou a ter governo independente do Maranhão, a que se agregou a Capitania do Piauí.

Enquanto durou o período colonial, as cidades de Belém e São Luís tinham suas câmaras próprias (MARQUES, 1970, p. 298 apud GOMES, 2002, p. 122) que, segundo um historiador do Maranhão do século XIX, João Lisboa, tinha as seguintes atribuições: a) a de fixar os preços dos trabalhos artesanais, da carne, sal, farinha de mandioca, garapa, tecidos e fios de algodão, medicamentos e produtos trazidos de Portugal; b) firmar salários para os índios e trabalhadores livres; c) receber taxas, organizar o recrutamento da mão-de-obra indígena, proceder à fiscalização das missões e declarar a guerra ou a paz a uma tribo indígena; d) fundar povoados e postos avançados para o controle de Portugal (MARQUES, 1970, p. 168). Essa forma de administração durou todo o período em que o Brasil foi controlado por Portugal, mesmo quando o estado foi dividido.

11.2.2.3 O período da escravidão indígena no Maranhão

Nos primeiros anos da chegada dos portugueses ao Maranhão, houve acentuado esforço para destruir e submeter ao domínio colonial os Tupinambá que viviam na Ilha de São Luís até a Baía do Guajará, bem como as diversas feitorias e colônias de

holandeses, ingleses e irlandeses que se haviam estabelecido no baixo Amazonas desde 1610. Este objetivo foi alcançado com muito sucesso pelos portugueses.

Os conquistadores que se fixaram no Maranhão concentraram esforços por manter um modo de vida em que se faziam considerar como autoridade inquestionável sobre os índios, que eram a sua grande fonte de riquezas. Os índios acabaram por se tornar o motivo da ferrenha disputa entre os colonizadores.

Apesar do isolamento em que se encontravam os Tenetehára e do desinteresse dos colonizadores por suas terras, estes não ficaram livres dos ataques escravagistas, tanto que, depois que os portugueses expulsaram os franceses e, praticamente, dizimaram os Tupinambá, há notícias de que duas expedições escravistas chegaram a atacar as aldeias Tenetehára e fazer com que um certo número deles fosse viver junto aos portugueses na condição de escravos.

A primeira expedição foi realizada por Bento Maciel Parente em 1616 que, motivado pela notícia de que haveria ouro no Alto Pindaré, organizou a tal expedição que resultou em sério conflito com os Tenetehára WAGLEY e GALVÃO, 1961, p. 24). Os resultados foram plenamente desvantajosos para os Tenetehára. Dessa expedição, certamente, foram trazidos índios Tenetehára para serem vendidos aos colonos que estavam implantando fazendas no Maranhão ou para serem incorporados às tropas indígenas de guerra.

A segunda expedição portuguesa foi realizada pelo capitão-mor do Pará, Lucena de Azevedo, em 1640. Essa expedição foi organizada como uma entrada oficial para prear índios. Os Tenetehára que chegaram a ser trazidos a Belém e São Luís para trabalhar nas fazendas do capitão-mor Lucena de Azevedo ou para serem vendidos, certamente foram para esses lugares na condição de escravos do eito (GOMES, 2002, p. 141).

Embora a notícia de que haveria pedras preciosas no alto Pindaré tenha motivado outras expedições, ainda que sem sucesso, por aproximadamente 300 anos, não há registros de outras expedições escravagistas ao povo Tenetehára.

Segundo Gomes, essas primeiras experiências com os não índios colonizadores foram marcadas por contato forçado, de natureza invasiva, feito de forma violenta e cruel que resultou na escravização de índios Tenetehára de modo a deixá-los marcados pelo medo e repúdio aos portugueses de São Luís e dos engenhos na baixada do Rio Monin com quem haviam entrado em contato. Expulsos os franceses, antes mesmo que o sistema de governo tivesse sido instaurado, os portugueses começaram a organizar a

economia da região. Procedeu-se à distribuição das terras e, isto feito, os novos donatários assumiram a tarefa de estabelecer fazendas de tabaco e cana-de-açúcar. Visaram, de imediato, a mão-de-obra dos Tupinambá ou a daqueles índios que haviam ficado na ilha e nos arredores, pois muitos haviam fugido com a saída dos franceses (GOMES, 2002, p. 126).

Pouco tempo depois da chegada dos portugueses, os Tupinambá passaram a trabalhar para estes sob o comando de capatazes, sob condições tais que fizeram com que surgisse o primeiro levante indígena contra os colonizadores. Em 1618, os Tupinambá de Tapuitapera e Cumã, na costa oeste maranhense, e as aldeias próximas de Belém, levantaram-se contra o domínio português. Em Belém os Tupinambá quase destruíram de vez os moradores e soldados portugueses. Se não fossem delatados, os Tupinambá de Tapuitapera teriam destruído todos os portugueses de uma só vez, mas foram detidos por meio do Capitão-mor Jerônimo de Albuquerque. Nesse levante, os portugueses aprisionaram os índios e os mataram na boca de canhões. Em seguida procederam a uma terrível destruição nas aldeias de Cumã até o Pará. O desejo português de dominação foi tamanho que, segundo Estácio de Sá, há uma estimativa de 500.000 pessoas mortas e cativas. Bernardo Pereira Berredo (1718-1722, apud GOMES, 2002, p. 123) dá um número de 30 mil Tupinambá mortos, afirmando que aquela repressão havia extinguido por aquela parte as últimas relíquias daqueles bárbaros.

Consta que os Tupinambá continuaram a existir em número menor e cada vez mais frágeis política e culturalmente. Em 1619 ainda havia 9 aldeias tupinambá na Ilha de São Luís, algumas com índios de Pernambuco. Esse número diminuiu mais ainda nos anos seguintes em virtude das epidemias e dos maus tratos dos colonizadores portugueses. Ainda houve mais destruição de povoados tupinambá no baixo Amazonas quando foram atacados por Manuel de Souza Dena.

Pouco mais de 30 anos depois, em 1654, havia sobrado apenas 5 dessas aldeias na Ilha de São Luís (VIEIRA, 1925 apud GOMES, 2002, p. 125); pelo fim do século, somente 2 ou 3 aldeias pequenas (BETTENDORF, 1910, p. 12). Em 1739 esse número teria crescido e se estabilizado em 3 missões jesuíticas da Ilha, que incluíam 7 ou 8 aldeias, dentre as quais a maior aldeia tinha uma população de 301 índios cristianizados, talvez descendentes dos Tupinambá, em sua maioria (LEITE, 1943, p. 104-106).

A estimativa do número de Tupinambá da costa do Maranhão, incluindo Tapuitapera, Cumã e Caeté em 50 mil e considerando que quase toda essa costa ficou deserta de índios, a baixa demográfica pode ser estimada em 95%. Se forem

consideradas as populações que foram destruídas no Baixo Amazonas e depois levadas às aldeias de administração e às missões, constata-se que a destruição foi gigantesca.

Nesse contexto é que veio a se formar a sociedade maranhense, a qual se estabeleceu, aproximadamente, entre 1614 e 1759, e teve como características marcantes a violência praticada contra índios e estrangeiros e uma forte competição interna pelo poder.

Para Gomes (2002, p. 127), o grande intento dos colonizadores era que a mão-de-obra indígena devia ser, preferencialmente, escrava, mas como nem sempre era possível, devido às objeções contidas nas leis portuguesas, o braço servil do índio aldeado perto da fazenda ou mesmo em missões religiosas podia ser requisitado a um custo muito baixo. Todos queriam ter escravos domésticos.

O número de portugueses estabelecidos no Maranhão era muito inferior ao dos índios. Em 1630 havia, aproximadamente, 1300 portugueses capazes de pegar em armas, além de novecentas mulheres, com uma média de dois filhos por família. A população total do estado chegava a quatro mil portugueses ou descendentes de portugueses, distribuídos entre São Luís e suas imediações (Ilha,, Alcântara e Itapecuru) com 500 a 600 casais, formando ao todo setecentos a oitocentos homens de armas; o Caeté com 15 portugueses; Belém e suas imediações com trezentos a quatrocentos casais, formando quinhentos portugueses de armas; Cameté com quinze a vinte portugueses; Gurupá com trinta soldados portugueses.

Conforme Gomes (2002, p. 127), a sociedade se erguia e se sustentava com a força do trabalho de cerca de sete mil índios escravos e quatorze mil índios livres que viviam em cerca de quarenta aldeias assujeitadas aos portugueses. Contava-se uma média de sete índios escravos para cada casal de portugueses, até quatorze aldeados sob o controle de capitães, fazendeiros e das Câmaras das cidades trabalhando um ano inteiro por um machado e um facão ou três varas de pano e um machado. Embora o pagamento fosse irrisório, havia casos em que nem isso era pago aos índios.

Esse período, que foi até a década de 1640 trouxe como resultado, não só o estabelecimento político do estado do Maranhão e Grão-Pará, mas também a configuração de sua sociedade e cultura, que iria se manter pelos 120 anos seguintes, até que se desenvolvesse uma nova economia a partir da entrada de novos produtos de exportação e, especialmente, do trabalho africano.

Os estamentos sociais do Maranhão estavam assim distribuídos: portugueses ou brancos e índios. Os portugueses ou brancos incluíam os cristãos-novos e os

estrangeiros integrados, os oficiais do Reino, além do clero religioso e secular. Os índios viviam tanto na condição de escravos quanto na de livres e selvagens. Entre esses dois estamentos foi-se constituindo um subestamento de mestiços ou mamelucos, que eram originalmente filhos de portugueses com índias e que não eram socialmente aceitos pelo lado paterno, mas que foram depois se reproduzindo de forma independente. Estes serviam de intermediários entre os brancos e os índios.

Na prática esses estamentos eram espécies de subclasses ou categorias sociais de acordo com suas posições no sistema econômico. Segundo Morris de Jonge (1637, p. 1643 apud Gomes, 2002, p. 129), os portugueses que constituíam a classe dos nobres, as famílias principais, o topo máximo da elite somavam um percentual de 16% da população; 14% eram donos de pequenos e médios canaviais e fumais, militares e preadores de índios a soldo ou por conta própria, artesãos qualificados, barqueiros, comerciantes menores etc. Era esse estamento que, durante o período colonial era chamado de povo, a quem eram reservados os direitos políticos.

Em 1630, os mamelucos, os rebentos mestiços, somavam um percentual de, aproximadamente, 8% e quase nunca eram aceitos para integrarem o estamento dos brancos. Os filhos mamelucos da elite eram aceitos pelo estamento indígena como superiores, tornando-se uma subclasse. Sua posição social advinha do trabalho que exerciam como cabos de guerra, soldados, marujos e feitores de índios nas fazendas ou nas aldeias de administração. Com o tempo, uma parte deles iria ser incluída no pequeno estamento superior como uma subclasse baixa do povo enquanto a outra parte, a maioria, passaria a integrar a classe de homens livres, sem terra própria, vaqueiros, agregados de fazendas, soldados ou trabalhadores urbanos de baixa qualificação, tida como inferior (GOMES, 2002, p. 130) .

Os índios aldeados ou índios servos representavam, segundo Gomes (2002, p. 130), 48% da população e trabalhavam por salários ínfimos nas fazendas e no serviço pesado de administração pública, na construção de estradas e edifícios e até servindo nas operações de guerra. Embora formalmente livres, esses índios eram, de fato, recrutados involuntariamente para esses serviços pesados, podendo até receber punições por desobediência aos ditames dos patrões. Constituíam a maior parte da mão-de-obra colonial e foram, talvez, o grande objeto de disputa do poder político colonial. Com o tempo, ao perderem sua autonomia cultural e o uso exclusivo das terras onde moravam, foram se misturando com os mamelucos pobres para integrar e formar a grande classe de pobres da sociedade maranhense.

Os 28% restantes da sociedade maranhense era formada pelos índios escravos ou escravos domésticos (Gomes, 2002). Estes cuidavam da casa e da alimentação dos senhores e ainda cuidavam permanentemente das fazendas. O fato de serem escravos dava aos senhores o direito de os subjugar, punir-nos, alugá-los e vendê-los.. Esses índios escravos faziam rivalidades com os índios livres, mas depois que foram libertos - por força das leis- seu contingente diminuiu ora por morte, ora porque foram se incorporando ao contingente maior de índios aldeados, caboclos sem terra garantida, agregados de fazendas, empregados domésticos, sendo tratados como servos.

Ao lado dos índios aldeados e dos índios escravos havia um grupo de índios que vivia à margem do sistema colonial: os índios selvagens, que desfrutavam de autonomia tribal. Estes serviram como reserva de mão-de-obra e de garantia de domínio das terras. Talvez chegassem a mais de 300 mil no que hoje é o estado do Maranhão e a um milhão no baixo Amazonas, onde hoje é o estado do Pará. Gomes (2002) observa que o relacionamento entre esses estamentos era, de um lado, marcado por uma cultura de dominação, de caráter totalitário, por parte dos colonizadores, que buscava preservar de todos os modos tal dominação que era dada como natural. De outro lado, havia o índio lutando para pôr em prática o sentimento de liberdade indígena, resultando num choque permanente que culminava em guerras. As guerras implementadas contra os índios eram sempre realizadas com marcante impiedade e o poder era exibido com armas, com punições, com rigor disciplinar, mas também com a impressão de uma autoridade quase divina dada pela religião.

O estamento indígena era formado por etnias diversas, mas nenhuma era hegemônica (GOMES, 2002, p. 131). Esses índios mantinham originalmente uma rivalidade própria, motivada pelo sentimento de identidade étnica. À medida que iam sendo incorporados ao domínio colonial como escravos, índios aldeados ou índios de missão iam perdendo suas características étnicas específicas e sua condição indígena ia se perdendo em sua condição de classe, como escravo de fazenda, escravo doméstico, servo e intermediário entre brancos e índios. Os portugueses se valiam dessa situação para instigar o conflito entre os índios: índios missionários contra índios de aldeias de administração, índios forros contra índios escravos, mamelucos contra todos os índios. Isso dificultava a solidariedade política entre eles.

Gomes chama a atenção para o fato de que a estrutura da sociedade colonial maranhense solidificou-se muito cedo, não só culturalmente, mas também demograficamente. Em termos demográficos, segundo Manuel Guedes Aranha (cf.

GOMES, 2002, p. 136) em 1679 havia 2 mil vizinhos (8 mil brancos) no Maranhão. Em 1693, de acordo com o Padre João de Souza Ferreira havia 700 vizinhos em São Luís, 300 em Alcântara (Tapuitapera), 600 em Icatu e 400 em Belém e imediações. Em 1720, contabilizando São Luís, Icatu, Alcântara e Belém, ao todo não havia mais que 2 mil famílias. Incluindo os filhos sobreviventes, havia um total de 8 mil portugueses.

No que diz respeito aos indígenas, um censo jesuítico de 1730 registra 21.300 índios aldeados em suas missões e, na década de 1750, o governador-geral Mendonça Furtado estipulou em 50 mil os índios aldeados em toda a Amazônia (GOMES, 2002, p. 145). No século XVII, os serviços de tropas de guerra e de resgate de índios ainda continuou. Supõe-se que, a partir da década de 1730, o número de índios aldeados em missões aumentou em relação aos índios escravos domésticos e de administração. Seria possível estimar a população sob jugo português do Estado do Maranhão e Grão-Pará em 80 mil pessoas por volta de 1759.

11.2.2.4 A Companhia de Jesus no Maranhão (1653 /1755)

As primeiras tentativas de evangelização no Maranhão foram realizadas pelos capuchinhos franceses Yves d'Évreux e Claude d'Abbeville, que chegaram ao Maranhão em 1612, sendo expulsos em 1615 com a derrota dos franceses. Em 1615 padres carmelitas que haviam acompanhado as tropas portuguesas que haviam expulsado os franceses do Maranhão acabaram por se estabelecer no Maranhão com intenções de evangelização. Também em 1618 em Belém havia um vigário e dois padres franciscanos que lá chegaram acompanhando uns bandeirantes. Em 1625 com a chegada de Padre Luís Figueira foi fundada a missão jesuítica no Maranhão (GOMES, 2002, p. 167).

A experiência de evangelização dos índios no Brasil já vinha acontecendo em outras regiões, especificamente na faixa litorânea. A complicada e mal sucedida experiência de catequese de índios no litoral do Brasil motivou os padres da Companhia de Jesus, em particular Figueira, a planejar novas linhas de ação para a evangelização dos índios no Maranhão (ZANONI & MIRTES, 1988, p. 24, apud GOMES 2002). Segundo esses autores, os princípios básicos que caracterizavam a nova experiência abrangiam: a) aprendizagem da língua e dos costumes indígenas; b) convivência direta

junto aos índios no profundo respeito de sua cultura; c) defesa da liberdade dos povos indígenas. Talvez o novo projeto fosse, de certa forma, uma tentativa de pôr em ação um novo modelo missionário autônomo e independente do projeto colonizador.

Com a morte de Figueira, em 1643, num naufrágio na Ilha do Marajó, o projeto foi levado adiante por padre Antônio Vieira que chegou ao Maranhão com mais 15 missionários em 1652. Vieira reforçou as linhas de ação traçadas por Figueira, enfatizou primeiramente a formação dos ministros da igreja a partir da prática missionária nos aldeamentos e acentuou a seriedade da sacramentalização com vistas a evitar que esta servisse de aval para a escravização dos índios (ZANONI e MIRTES, 1988, p. 25).

Para Wagley & Galvão (1961, p. 24) o trabalho de catequização dos jesuítas entre os Tenetehára/Guajajára teve início em 1653 com os padres Francisco Velloso e José Soares enviados por Vieira. Nesse mesmo ano, Padre Velloso viajou para o Alto Pindaré a fim de encontrar os Tenetehára que soubera estarem divididos em 6 aldeias todas de língua geral. Tentou encontrar os índios que haviam descido para um sítio chamado Itaqui, não os encontrando, porém. Esses índios haviam-se refugiado nas matas com medo dos portugueses que os caçavam para fazê-los escravos. Por intermédio dos índios que levava consigo, Velloso consegue reunir 70 índios que se haviam escondido por ocasião de sua chegada. Dificuldades de provisão obrigaram todo o grupo a descer. Assim formaram a 1ª “Aldeia dos Padres” do Maranhão, que recebeu diversos nomes: Aldeia de Itaqui, Aldeia de Cajupe, Aldeia de Capitiba ou Cajutiba. A missão, porém, fracassou e os índios, posteriormente, retornaram para as matas. Velloso abandonou o aldeamento, transferindo-se para a Ilha do Maranhão, acompanhado de uns poucos índios catequizados (BETTENDORF, 1910; WAGLEY e GALVÃO, 1961, p. 24; GOMES, 2002, p. 162).

Com a chegada dos jesuítas, iniciou-se, no Maranhão, uma nova fase envolvendo os Tenetehára, que continuaram a sofrer a política dos descimentos, mas que, ao mesmo tempo, através da catequese e do estabelecimento de aldeamentos, passaram, em certo sentido, a ser protegidos contra os portugueses que queriam aprisioná-los. Em 1654 o jesuíta Manuel Nunes fez uma viagem de 3 dias em canoa para alcançar a aldeia Tenetehára de Capiytiba. Conseguiu convencer alguns índios a acompanhá-los de volta, porém a maioria se recusou por temer os portugueses. Uma terceira expedição jesuíta liderada pelo padre João Maria Garçon teve mais sucesso, trazendo um grande número de índios para a Missão de Cajupé (WAGLEY e GALVÃO, 1961, p. 24).

Em 1683 o padre Pedro de Pedrosa fundou a aldeia dos Guajajára no Lago Maracu, com o nome de Aldeia de Nossa Senhora da Conceição e, em 1730, essa aldeia tinha 404 índios e lá se criava gado, tendo 6 currais e um total de 15.600 cabeças de gado vacum e 500 de gado cavalari (LEITE, 1943 apud GOMES, 2002, p. 163).

Os jesuítas fundaram em 1723 uma nova missão no rio Pindaré com os Tenetehára Guajajára descidos pelo Pe. Luiz de Oliveira: a aldeia S. Francisco Xavier que ficava a cinco dias acima do porto do Caru. Em 1730 essa aldeia tinha 779 índios. Três anos mais tarde o Pe. Annibale Mazzolani, da Missão do Pindaré escreve sobre as dificuldades enfrentadas pelos missionários na obra catequética. Estes empreendem seqüências de viagens para aldear os Tenetehára/Guajajára, o que, enfim, conseguiram (ZANONI, 1999, p. 43). Em abril de 1755 um alvará do rei permitia o casamento entre portugueses (de ambos os sexos) e índios. Em junho do mesmo ano uma lei declarava os índios “livres” e isentos de toda escravidão. (BEOZZO, 1983, p.97 apud ZANONI, 1999). Ainda no mesmo ano foi instituída a Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão que passou a promover o cultivo do algodão no Maranhão e a importação de mão-de-obra escrava africana, entrando, assim, na rota do tráfico (ZANONI, 1999, p. 44).

Em 03 de maio de 1755 foi criado o Diretório das Povoações dos Índios do Pará e Maranhão, de autoria de Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do Marquês de Pombal. Esse Diretório regulava os decretos anteriores e dispunha sobre a liberdade dos índios e a nova organização civil das aldeias (Zanoni, 1999, p. 44)

De acordo com Beozzo (1983, p. 129-67, apud ZANONI, 1999: 44), o Diretório apresentava cinco propostas principais: a) previa o aporuguesamento dos índios por meio da educação escolar e a proibição do uso das línguas indígenas; b) dispunha sobre a política agrícola, fiscal e comercial; c) estabelecia uma organização administrativa com encarregados civis; d) fixava uma política da mão-de-obra que devia ser assalariada; e) ditava normas sobre a organização das aldeias e povoações indígenas com a introdução de brancos e regulamentação de casamentos mistos.

Em junho de 1755 houve a retirada do poder temporal dos jesuítas com a expulsão destes em 1758 e retirada definitiva em 1759. A expulsão dos jesuítas e a declaração de liberdade indígena colocou os índios diante de uma nova situação: uma vez que se sentiram livres do controle dos jesuítas, os índios Tenetehára retomaram sua economia de subsistência, retomaram suas formas de organização social, política e cultural e voltaram para as matas, fugindo, assim, ao contato com a população colonial.

Essa nova situação deixou os índios livres da dominação jesuítica, no entanto não os deixou livres da política dos descimentos que continuou para os índios “não-pacificados”, através das “guerras justas”. Além disso, veio a introdução de mão-de obra escrava vinda da África através da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão a qual direcionava o trabalho para uma nova relação de produção: o trabalho compulsório dos africanos (ZANONI, 1999, p. 44).

Com os Diretórios foram estabelecidas colônias, ficando o território dos Tenetehára dividido em três Diretorias, contudo nenhum diretor foi nomeado e, a considerar o baixo número de índios atraídos, o sistema foi um fracasso. Em 1683 foi fundada a Missão de Maracu que passou à categoria de Vila, em 1757 com o nome de Viana. Em 16 de julho do mesmo ano a aldeia Carará (São Francisco Xavier, no rio Pindaré) foi transformada em vila recebendo o nome de Monção (DINIZ, 1994, p. 16).

Segundo Zanoni (1999, p. 44), a partir dessa época até o início de século XIX, não se tem mais nenhuma notícia dos índios Tenetehára na literatura disponível. Como viviam no interior e tinham sua população espalhada entre diversas aldeias, eles não sofreram o primeiro impacto da civilização ocidental.

Os índios que iam sendo absorvidos ao sistema colonial tinham duas possibilidades: a) viver como escravos nas residências e terras dos senhores ou em ranchos nas fazendas; b) na condição de livres ou forros, vivendo em aldeias de missões ou em aldeias de repartição (ou de administração ou de serviços d’el Rei se exclusivas da administração da Coroa (GOMES, 2002, p. 147). Essas aldeias eram chamadas de aldeias de repartição, porque os índios que lá viviam eram distribuídos por cotas entre os fazendeiros ou oficiais do governo para fazer serviços diversos. Os índios eram tidos como livres, mas não tinham qualquer autonomia sobre sua própria vida ou sua força de trabalho.

Um dos dados importantes sobre o contato interétnico envolvendo os Teneteháras é o que Gomes (2002, p. 147-153) disponibiliza sobre os índios escravos. Estes eram apreendidos em guerras justas, resgatados de outras tribos que supostamente os iriam sacrificar em rituais canibais ou comprados de alguém que os tinha obtido legalmente. Os livres eram os que se submetiam a viver em aldeamentos organizados e supervisionados por portugueses próximos a povoados coloniais. Os índios que não eram declarados escravos eram levados para viver em aldeias próximas a povoados e fazendas dos colonizadores.

Nesse período, segundo Gomes (2002, p. 148), o relacionamento interétnico é mais bem entendido se analisado como uma espécie de servidão que significava uma forma específica de recrutamento do trabalho e um modo próprio de relacionamento social. E como os índios viviam em comunidades sem pertencer a ninguém em particular e, portanto, não poderiam ser vendidos nem transferidos, presumia-se, por causa disso, que eram livres, mas tal liberdade era cercada por várias demandas obrigatórias de trabalhar e servir aos brancos sempre que estes achassem necessário. Embora o trabalho fosse pago, o pagamento era tão irrisório – em forma de panos, de algodão ou algum instrumento – que era como se não o fosse. Os índios se submetiam ao trabalho, não pelo pagamento, mas pela obrigação imposta. Nessa fase, o índio que não fosse declarado escravo era trazido para viver em aldeias perto de povoados e fazendas dos colonizadores.

Gomes (2002, p. 150) ressalva que, depois de 1663, predominou a administração de leigos. O pagamento da mão-de-obra indígena era estipulado às vezes pela Coroa (Leis de 1596, 1624, 1625, 1647, 1649) ou pela administração colonial através das Câmaras. O salário básico fixado desde a metade do século XVII era de duas varas de pano grosso, por período de dois meses até as mudanças realizadas por Pombal.

A distribuição de mão-de-obra era motivo de disputa entre colonos, oficiais da Coroa e missionários. O sistema que vigorava no Brasil era o de “repartimiento” e não o de “encomienda”. Por determinação régia, apenas 1/3 dos índios de uma aldeia de repartição podiam ser recrutados a cada vez. Essa regra era burlada com frequência. Embora o Maranhão tenha sido conquistado quando Portugal pertencia à Espanha, o sistema de “encomienda” não foi adotado no Brasil. Este era usado nos primeiros anos da colonização espanhola no Caribe e no México, na Venezuela e Paraguai.

A escravidão e a servidão coexistiram lado a lado durante todo o período colonial, sendo a marca de um extenso período de relacionamento entre índios e colonizadores, marcado pela concepção da inferioridade dos indígenas sob a condição de escravos ou servos.

11.2.2.5 A resistência Tenetehára à escravidão e à servidão

Na história dos Tenetehára é possível notar duas fundamentais características desse povo chama a atenção para duas importantes características dos Tenetehára como

povo: a) capacidade de adaptação e resistência. Durante esses dois grandes períodos de relações inter-étnicas em que houve clara desvantagem para a população indígena em todos os aspectos, acentua Gomes, com dizimação praticamente integral de algumas etnias, uma questão se levanta a respeito dos índios Tenetehára: Como e por que este grupo étnico sobreviveu a tantas intempéries? Desde a época dos franceses, o Senhor de La Ravardiére, ao descrever expedições que mandou fazer ao interior do Maranhão e no Rio Amazonas, dá a entender que havia uma que era maior nação que toda a dos Tupinambá. Segundo Gomes é pouco provável que os Tenetehára pudessem constituir uma população comparável à dos Tupinambá, mas certamente não poderia ser um povo de pequenas e poucas aldeias.

Gomes (2002, p. 145-146)) também destaca que, considerando a força dos ataques aos índios dessa região, pode-se concluir que, não obstante terem sofrido guerras de destruição e apresamento, a queda populacional tenetehára não foi contínua nem definitiva. Há, pelo menos, quatro razões fundamentais pelas quais os Tenetehára conseguiram sobreviver a tantas dificuldades: a) em primeiro lugar está o fato de habitarem uma zona de difícil acesso por causa da estreiteza do rio, de árvores caídas em travessa, da presença de uma erva aquática chamada mururu que acabava criando barreiras naturais para a penetração em seu território; b) por não constituírem uma nação tão numerosa, não constituía atrativo para as investidas portuguesas em busca de escravos; c) os jesuítas tomaram interesse pelos Tenetehára e estes responderam sem rivalidade ou aversão, de modo que ficaram protegidos das expedições de cativo; d) o território habitado pelos Tenetehára não era adequado para o sistema de fazendas implantado pelos portugueses. Essa confluência de razões permitiu a sobrevivência dos índios Tenetehára.

11.2.3 O período Imperial

Gomes (2002, p. 209) observa que a partir de 1840, época do Império, iniciou-se um novo período de relacionamento interétnico entre os tenetehára e a sociedade maranhense. O coronel Luiz Alves de Lima e Silva – o futuro Duque de Caxias – enviou um tenente-coronel do exército brasileiro ao baixo Rio Pindaré para criar um “plano de civilização” para os Tenetehára. Segundo Gomes, antes desse novo período é possível que algum morador ou regatão da Vila de Monção já houvesse entrado em

contato com índios Tenetehára daquela região, mas teria sido pouco tempo antes e ainda de uma forma instável e cheia de precauções. Nessa época o conhecimento oficial sobre os Tenetehára era ainda inexpressivo, tanto que ainda se fazia uma certa confusão entre eles e os índios Amanajó, Gamela e Timbira (COELHO, 1990, p. 127 apud GOMES, 2002, p. 209). O mínimo que se sabe, oficialmente, dos Tenetehára nesse período, é por meio das notícias e declarações da Assembléia Legislativa do Maranhão e dos governadores da Província nas 3 primeiras décadas do século XIX.

11.2.3.1 A relação de Patronagem

Ao abordar a relação de patronagem com respeito aos Tenetehára, Gomes (2002, p. 210) salienta que o restabelecimento estável e permanente das relações interétnicas entre Tenetehára e brasileiros vai-se dar por causa de três razões fundamentais: a) a expansão agrícola; b) a decisão de controle político-militar dos rios pouco habitados por brasileiros, como o Pindaré e o Gurupi; c) o desejo de reprimir a Balaiada. Por tais razões surge um outro novo modo de relacionamento interétnico entre Tenetehára e brasileiros: a relação patrão-cliente ou patrão-freguês, denominada por Gomes (2002, p. 210) de *patronagem* ou *clientelismo social*. Esse novo modo de relacionamento caracterizou a convivência entre os Tenetehára e a sociedade regional durante o século XIX e, a rigor, pelos anos seguintes até quase os nossos dias posto em prática pelas políticas indigenistas do Império e da República.

A Patronagem, conforme Gomes (2002, p. 210), era um modo de relacionamento que tinha interesses econômicos por fundamento. Eram interesses econômicos mediados não mais por um sistema de escravidão – baseado em direitos e deveres de origem social – mas por uma economia de troca de bens e serviços. Nesse tipo de relação era preservada, por princípio, uma medida razoável de autonomia étnica e sua aceitação se dava de forma voluntária, diferente dos modos forçados característicos da escravidão e da servidão.

Ainda, segundo o mesmo autor, o princípio de poder que regia esse tipo de relacionamento era o mesmo de antes: continuava a ser o da desigualdade social e, em conseqüência, o da hierarquia. Os brasileiros negociavam com os Tenetehára de uma posição dominante, com base em sua superioridade política e econômica. Os

Tenetehára, por sua vez, como de inferiores para superiores, como clientes para patrões, ou fregueses para patrões, não exatamente como servo para amo. A patronagem se baseava em modos e atitudes interétnicos herdados do tempo da servidão, principalmente aquele das aldeias de repartição. Ainda se concebia e se tratava o índio como inferior, pouco confiável, infantil e preguiçoso.

Gomes (2002, p. 210-215) arrola algumas razões para o surgimento da patronagem. Segundo ele, foram as novas condições demográficas, sociais e políticas desenvolvidas no fim do período colonial, quando a Coroa, a sociedade maranhense e a própria economia regional passaram a depender cada vez menos do índio; some-se a isso que houve certa diminuição do poder do Estado sobre a economia e a sociedade maranhenses, a qual era inversamente proporcional ao aumento do poder da iniciativa privada; tudo isso foi reforçado pela extensa população Tenetehára e seu reconhecido espírito de cooperação amistosa.

A patronagem foi também exercida com os índios Tenetehára até quase os dias atuais, tomando formas diversificadas de acordo com os momentos históricos e a intensidade do fator econômico. Somente nas duas últimas décadas do século XX é que a patronagem veio dar sinais de enfraquecimento, sem que um novo modo de relacionamento surgisse para substituí-lo (GOMES, 2002). O autor avalia que a patronagem, embora estabelecida historicamente primeiro com os índios livres, não se resume às situações de relações interétnicas; ela é o principal modo de relacionamento entre classes sociais brasileiras fora do sistema econômico baseado na escravidão, no passado, e em relações capitalistas em amplos setores da sociedade brasileira da atualidade. A patronagem também se estabeleceu entre brancos e mestiços livres, nas zonas rurais e urbanas.

11.2.3.2 A política indigenista imperial e os Tenetehára (1840 – 1892)

Para Gomes (2002, p. 215), a retomada do contato dos Tenetehára com a sociedade regional maranhense se deu em território Tenetehára por intermédio de um oficial do exército, ou seja, por uma autoridade imperial. O que se seguiu foi que as autoridades do Estado vieram a ser os principais patrões dos Tenetehára.

Antes da ascensão de D. Pedro II em 1840, nos primeiros anos após a independência foram mantidos os termos da velha política indigenista portuguesa: o

decreto de 1789 e as cartas régias que Dom João promulgara contra os índios Botocudos, Coroados e outros na primeira década do século. O objetivo real dessas cartas era o de abrir caminho para a expansão de novas fronteiras agrícolas. A presença de índios só seria tolerada e aceita enquanto “índios aldeados”, o que, em outras palavras, queria dizer “índios que convivessem pacificamente com a sociedade luso-brasileira, aceitando as regras de relacionamento dadas”.

Nessa época, a Balaiada, estourou no Maranhão na região das grandes fazendas de algodão e arroz, cuja economia passava por um momento de baixa exportação. Em relação aos índios, o máximo que se pode dizer desse período é que a política indigenista ficou nas mãos políticas e interesseiras dos fazendeiros que, como classe, foram se expandindo sobre as terras dos índios (cf. GOMES, 2002, p. 216).

Fazia-se, nessa época, segundo Gomes (1988, p. 78), discussões acaloradas sobre a situação indígena. O grande foco de discussão, nessa época, na Assembléia Legislativa do Maranhão era a necessidade de se controlar os índios selvagens, enquanto que no Plano Nacional, discutia-se a melhor forma de trazer os índios à civilização. Dessa última discussão foi-se formando um consenso em torno da renovação do papel de missionários. O lema final que passou a prevalecer a partir da década de 1830 foi o de “catequese e civilização”.

Com a lei de 27 de outubro de 1831 as cartas régias que davam o direito de guerrear e escravizar os índios foram abolidas, cessando-se definitivamente a escravidão de índios no Brasil e liberando aqueles que viviam em regime de servidão. Foi preservada, no entanto, a condição de órfão que a legislação de 1789 havia imposto aos índios, tendo como tutores os juizes de paz ou os juizes de comarca (GOMES, 2002, p. 216-217).

Já o Ato Adicional de 12 de agosto de 1834 que criou a Regência como forma de governo no Brasil, decretou que a política de catequese e civilização a ser implantada para os povos indígenas devia ser cuidada diretamente pelas províncias, por meio de seus governos e de suas assembleias legislativas. Assim, iniciou-se um curto período em que cada província atuava separadamente, do modo como achasse melhor em relação aos povos indígenas de suas jurisdições (cf. GOMES, 2002, p. 217).

Em 12 de agosto de 1845 o imperador promulgou o decreto nº 426, o qual, apesar da maior abrangência de ação e controle político laico, ficou conhecido como o Regimento das Missões.

11.3.3.3 O Regimento das Missões e os sistemas de Diretorias e Colônias

11.3.3.3.1 O sistema de Diretorias

O Regimento das Missões resultou de uma nova mentalidade que surgiu, favorecedora da causa do índio, advinda das discussões e propostas que se debatiam nas assembleias legislativas de todo o país, bem como no Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, fundado em 1838. O Movimento Indianista brasileiro foi benéfico à causa indígena, conseguindo, ao menos, contrabalançar o discurso antiindigenista daqueles que queriam projetar o Brasil á imagem e semelhança da Europa. O Regimento das Missões veio, assim, reforçar a liberdade dos índios, propor leis sobre as formas de catequese e civilização a serem implantadas em todo o território imperial. Estabeleceu, assim, um sistema de administração chamado Diretoria dos Índios, que operou sem interrupções até alguns anos após a queda do regime monárquico em 1889. O intuito desse sistema era o de promover a integração dos índios à sociedade nacional, provendo-os com os meios necessários para se tornarem civilizados. A administração central ficava no Rio de Janeiro, nas mãos do Ministério das Viações e Obras Públicas, que expedia ordens e diretrizes para os governos provinciais (cf. GOMES, 2002, p. 217).

As funções dos diretores parciais, em nível local, consistiam das seguintes: a) proteger os direitos dos índios às suas terras; b) cuidar pela fundação, tranquilidade e desenvolvimento das aldeias indígenas; c) propiciar instrução civil, religiosa e artística dos índios; d) fiscalizar e utilizar a receita das aldeias de acordo com a política governamental. Os diretores parciais podiam nomear um chefe índio – que recebia o título de capitão ou coronel – para as aldeias indígenas. Esse sistema claramente contribuía para manter a política imperial (GOMES, 2001, p. 218).

O sistema de diretorias parciais, criado em 1845, foi, segundo Gomes (2002, p. 220) rapidamente implantado em várias regiões do Maranhão e posto em prática com determinação. As diretorias parciais do Maranhão, a localização e os índios a que atendiam eram as seguintes:

1ª Diretoria Parcial: Comarca da Chapada – 700 índios Canela.

2ª Diretoria Parcial: Margens do Lato Rio Grajaú - 677 índios de 4 aldeias Guajajára.

3ª Diretoria Parcial: Baixo Rio Grajaú, jurisdição da Comarca de Viana - 518 índios de 6 aldeias guajajára.

4ª Diretoria Parcial: Cajari – índios Gamela.

5ª Diretoria Parcial: matas do Alto Rio Mearim entre os afluentes Flores, Corda e Enjeitado, comarca da Chapada – 1269 índios de 7 aldeias Guajajára e 2 aldeias Timbira da Mata.

Um dos relatórios da época das Diretorias dos Índios foi escrito por José Maria Barreto Júnior, que atuou de 1850 a 1862 (GOMES, 2002, p. 220-221). Barreto foi o segundo diretor-geral do Maranhão e com três anos de cargo, escreveu um relatório em que apresentava ao presidente da província um balanço de suas atividades. Neste descreveu a instalação e funcionamento de 6 diretorias parciais e analisou casos de índios civilizados que pediam a defesa de suas terras. Por meio desse relatório puderam-se obter as seguintes informações: a) o caso de mais de 300 índios civilizados descendentes dos Anapurus que queriam ajuda para expulsar os intrusos que estavam em suas terras sem nenhum direito e sem ao menos pagar foro. Em favor desses índios, segundo o relatório, nada pôde ser feito; b) casos de índios que não recebiam nenhuma assistência do sistema de diretoria dos índios como “índios civilizados” descendentes dos Tobajara e Cahycahy que viviam na aldeia de São Miguel; c) o caso dos índios Gamela - assistidos pela 4ª diretoria parcial, localizada em Cajari – que viviam pacificamente e que quase todos já falavam o português.

Barreto Júnior descreveu a situação de vários índios Guajajára que viviam entre desertores e escravos fugidos nas aldeias do Alto Rio Pindaré e sugeria a criação de uma diretoria parcial na região para intervir sobre a situação. Nesse relatório toma-se conhecimento da situação de quantidade inumerada de índios selvagens e errantes, entre os quais Gaviões, Caracategés, Cragés, Timbira e Guajajára do Alto Pindaré. Mostra, ainda, que mais de 3200 índios eram assistidos, dos quais, pelo menos mais de 2 mil eram Tenetehára.

No ano de 1858 havia, no Maranhão, 14 diretorias parciais em funcionamento, das quais sete tratavam prioritariamente dos Tenetehára (GOMES, 2002, p. 221). O sistema se expandiu e, até por volta de 1884, ainda estavam sendo criadas novas diretorias parciais. Em 1887 já eram 24 as diretorias parciais e destas 14 cuidavam de Tenetehára, número que, com o acréscimo de mais uma, iria permanecer até o último ano em que ainda se pôde contar com relatório do diretor-geral dos índios, em 1892.

Gomes (2002, p. 221) observa que o sistema de diretorias parciais cobriu quase todos os índios não-domesticados do Maranhão, criando um quadro de conhecimento das terras e dos modos de vida de todos eles. Esse sistema, em termos práticos, e até legais, funcionava nos moldes do relacionamento patrão-freguês. Eram, em geral, comerciantes ou fazendeiros com experiência de lidar com índios. O cargo de diretor não era remunerado, mas era desejável, pois trazia a vantagem de se poder exercer algum controle sobre uma mão-de-obra barata, sobre alguns produtos comercializáveis e, especialmente, sobre terras. Havia disputa pelo cargo de diretor parcial, mas o cargo de diretor-geral demandava um poder maior.

Quanto à educação formal nas diretorias parciais, Gomes (2002, p. 222) reporta que no relatório do diretor-geral dos índios de 1890 constava que havia cerca de 17 índios Tenetehára alfabetizados na Colônia de Dous Braços (perto de Barra do Corda) e uns poucos em Aratauhy Grande (perto de Vitória do Mearim). Talvez isso se deva à presença de missionários capuchinhos, diretores que foram dessas colônias.

No que diz respeito ao aspecto econômico das diretorias parciais, segundo Gomes (2002, p. 222) este era semelhante ao de administração das vilas e lugares do tempo pombalino: a diretoria parcial deveria se valer da produção indígena para seu auto-sustento. Com a venda da produção em São Luís, o saldo era depositado no Tesouro Provincial, de onde poderia ser retirado para a compra de produtos dos interesses dos índios. Mas isso nem sempre ocorria dessa forma. Algumas vezes o próprio diretor-parcial é que realizava a venda, deduzia despesas e usava o saldo para comprar implementos agrícolas e produtos manufaturados para os índios.

No final das contas, não é exagero dizer que o sistema funcionou como meio de exploração da mão-de-obra indígena. A maior parte dos diretores parciais se comportavam como verdadeiros patrões dos índios, de tão engajados que estavam com a economia de troca local. A diretoria parcial foi uma espécie de negócio privado que dificilmente era desafiado, salvo por pretendentes ao cargo. Quaisquer denúncias contra diretorias parciais por causa da exploração indígena geravam apenas discussões inócuas, pois nada resolviam e os desmandos voltavam a acontecer. A partir de meados do século XIX, índios Tenetehára começaram a ir espontaneamente a São Luís para reivindicar algum direito, pedir providência para resolver suas próprias necessidades.

11.3.3.3.2 O sistema de Colônias

O sistema de colônias foi criado pelo governo provincial do Maranhão, o que se convencionou chamar de Colônias. Gomes (2002, p. 223-230) faz um balanço desse sistema no qual nos baseamos. As colônias criadas deveriam servir tanto aos índios quanto aos imigrantes brasileiros. Era um sistema que fazia parte da própria política indigenista prevista no Regimento das Missões, regulamentada pela legislação provincial, funcionando paralelamente ao sistema de diretorias parciais. A existência das colônias dava a impressão de ser mais uma fase à frente das diretorias, com uma proposta mais ousada para a integração do índio à sociedade brasileira. Ainda, segundo o mesmo autor, com a criação das colônias pretendia-se formar comunidades de índios-camponeses com o intuito de povoar e colonizar uma dada área de interesse e fazer com que tal área se vinculasse econômica e politicamente ao governo provincial. Comparando as diretorias e as colônias, o governo dava mostras de maior interesse por estas, prova disso é que recebiam créditos orçamentários que previam o pagamento das despesas do diretor, assim como o pagamento de alguns trabalhadores como carpinteiros e marceneiros. Além disso, havia verba para as doações de implementos agrícolas e sementes. Segundo Gomes, houve pelo menos três importantes colônias criadas no estado do Maranhão, cuja organização e funcionamento merecem ser destacados: as Colônias São Pedro do Pindaré, Januária e Aratauy Grande. Essas três colônias foram criadas para os índios Tenetehára.

A Colônia São Pedro do Pindaré

Gomes (2002, p. 224) ressalta que a colônia São Pedro do Pindaré foi a primeira colônia indígena do Maranhão, criada em 1840. Sua localização era à margem direita do Rio Pindaré, aproximadamente 48 km a montante da Vila de Monção, em frente à uma antiga fazenda chamada Camacaoca. O tamanho da área era de 174 km², duas léguas enquadradas no valor de dois contos de réis. Nesse lugar teria havido uma antiga aldeia Tenetehára e a colônia foi estabelecida exatamente onde era a aldeia desses índios. Nessa região devia haver aldeias Tenetehára permanentes, mas era uma área por onde transitavam índios Timbira autônomos. O organizador dessa colônia foi Fernando Luiz Ferreira, um tenente-coronel enviado pelo governo provisório do coronel Luiz Alves de

Lima e Silva, líder das tropas imperiais de combate à Balaiada, movimento que ameaçava espalhar-se para o Rio Pindaré e estender-se dali para adiante. Ferreira de início logo solicitou a presença de um missionário para fazer a catequese e uma escola onde os índios pudessem receber alguma educação.

O primeiro diretor da Colônia foi o Padre Antônio Bento da Costa Curtinhas, que parece ter conseguido agregar até 200 Tenetehára, mas foi destituído em 1842. Gomes acrescenta que a colônia contou com diversos diretores de variados ofícios: religiosos, fazendeiros e comerciantes de Monção. A Colônia São Pedro do Pindaré teve, de início, uma população de mais de cem índios. Em 1848, havia 174 indivíduos; em 1849 120 índios, aí incluídos 25 índios mateiros (Timbira da Mata); em 1850 havia 86 Tenetehára (com fuga de índios Timbira mateiros; em 1853 havia apenas 130 Tenetehára. Em 1861, 76 índios; em 1870, 44 índios e em 1881, havia somente 24 índios. Por esses dados é possível perceber uma oscilação demográfica com reconhecida baixa da população indígena na colônia. Segundo Gomes, os relatórios revelam que muitos índios morriam e outros iam passando a viver como caboclos. Diversas famílias Timbira saíam da colônia ou com a perspectiva de voltar a viver em suas aldeias ou para ficar em contato com a sociedade regional, fugindo de uma supervisão oficial.

Gomes também observa que, nesse sistema de colônias, era comum agregar-se na mesma colônia índios de etnias diferentes. Isso foi o que aconteceu na Colônia São Pedro do Pindaré e na Colônia Januária, costume que ainda continuou nos anos seguintes, especialmente com membros do grupo Timbira, que ainda eram índios autônomos e cujas terras ficavam entre os Rios Grajaú e Turiaçu. Gomes ressalta que a Colônia São Pedro do Pindaré teve 40 anos de existência e foi extinta de vez no começo de 1881, pelo Decreto nº 172 de 1850, num momento em que ainda havia, aproximadamente, seis ou sete famílias de índios ali residindo. Esses índios foram considerados dispersos entre a população civilizada. De acordo com o decreto, as terras da colônia deveriam ser passadas para o domínio público, o que aconteceu de fato. Depois essas terras foram transferidas para a Companhia Progresso Agrícola, uma empresa criada para instalar um engenho central de fabricação de açúcar na região. Esse engenho foi edificado à beira do Pindaré, onde antes ficava a sede de colônia. Nos anos seguintes foi construída uma estrada de ferro com 14 km de extensão, que ligava o engenho a um porto de escoamento na Baía de São Marcos. Segundo Gomes, esse foi um investimento que não deu certo. No início do século a estrada já não funcionava

mais, o açúcar não alcançou a produção e o retorno esperado e daí por diante o vale do Pindaré ia experimentar um período de estagnação de vários anos.

A Colônia Januária

Esta colônia Januária foi criada em 1854 para os índios Tenetehára que viviam no médio curso do Pindaré e teve como primeiro diretor o padre Antônio Raymundo Valle e Souza. Localizava-se na beira do Rio Caru. Nesse local, segundo um de seus diretores, em 1856, o frade Carlos Winckler, foram encontrados restos de parafernália de missões – castiçais de latão, por exemplo, sinais de que a área foi o sítio da primeira localização da missão do Carará, por volta de 1728, antes de ser transferida rio abaixo. A região era, então, parte do antigo Território tenetehára e, em anos posteriores, ao redor dessa área, vivera um considerável número de Tenetehára, aproximadamente, 1200 índios. Um ano antes de ser criada a colônia Januária, o diretor havia estabelecido uma aldeia, chamada Caititu para atrair índios Tenetehára e os ligar aos seus irmãos que estavam à jusante desse rio.

Gomes (2002, p. 228) observa que a idéia de se estabelecer uma colônia naquele lugar deveu-se, principalmente ao fato de que, no local, havia-se refugiado uma grande quantidade de brasileiros paraenses participantes do movimento da Cabanagem (1835-1841), não obstante a região ter outros atrativos como a presença considerável de índios, um clima agradável, além de ser livre de mosquitos. Esses paraenses não eram bem vistos pelo governo provincial, daí a necessidade de desarticular essa possível má influência naquela área.

A população da colônia Januária era estimada entre 80 a 130 pessoas até o fim do período monárquico, observa Gomes. Em alguns anos sua população aumentava com a entrada de índios Timbira que, ainda arredios, eram atraídos e convocados, terminando por ficarem temporariamente na colônia, mas logo fugiam para a mata. Há, inclusive, registros de conflitos entre índios Tenetehára e Timbira por ocasião das rápidas estadas desses índios ou com os descendentes dos índios Mateiros para lá enviados na década de 1850.

A colônia foi dirigida tanto por diretores religiosos quanto por leigos. A influência desses dirigentes ia além da população da própria colônia, incluindo as aldeias do Rio Caru e, em muitas ocasiões, as do médio e alto Pindaré, principalmente

as localizadas na área das diretorias parciais Ilhinha e Camacaoca, localizadas de um e outro lado do Rio Pindaré, até Boa Vista.

Camacaoca foi criada para os índios Timbira, em 1854, mas nunca funcionou, de fato, porque esses índios nunca se aldearam por perto. Ilhinha, por sua vez, foi criada em 1837, com cerca de 660 índios Tenetehára na época. Nesse tempo aumentava o número de imigrantes brasileiros que subiam o Pindaré e se estabeleciam em habitações e povoados por aquelas bandas. Gomes acrescenta que, aproximadamente, cerca de 30 km a montante da confluência do Rio Caru localizava-se Boa Vista, que havia se tornado um pequeno povoado, contando, inclusive, com um engenho de cana. Cinquenta quilômetros mais acima ficava Sapucaia, um povoado mais organizado e de maior importância, formado por imigrantes que subiam pelo Rio Pindaré ou que vinham do cerrado grajauense.

A Colônia Aratauhy Grande

Sobre a Colônia Aratauhy Grande, Gomes (2002, p. 229-230) mostra que, na década de 1870 3 novas Colônias foram criadas (entre 1870 -73) para os índios do Maranhão: Aratauhy Grande (150 índios), Palmeira Torta (517 índios) e Dous Braços (149 índios). As duas primeiras localizadas no Rio Grajaú e a terceira no alto Mearim.

A Colônia Aratauhy Grande estabeleceu-se numa aldeia Tenetehára que tinha influência sobre mais 3 ou 4 aldeias que se localizavam na beira do Rio Grajaú, a poucos quilômetros de sua foz com o Rio Mearim. Gomes ressalta que há poucas informações a respeito de como, de modo geral, essas colônias eram administradas. Os relatórios dos diretores-gerais disponíveis no Arquivo Público do Maranhão, que serviram de base aos relatórios dos presidentes das províncias é que trazem as poucas informações de que ainda se pode dispor sobre o assunto. Convém notar que, entre as poucas informações disponíveis, há citações de que os índios Tenetehára eram índios com grande disposição para o trabalho e com bastante inclinação a se tornarem civilizados. Isso pode ser comprovado por meio das leituras dos relatórios de Província dos anos 1854, 1855, 1859 e 1883 (cf. GOMES, 2002).

11.2.4 O movimento de expansão demográfica e territorial dos Tenetehára

A expansão dos Tenetehára alcançou regiões para além de seu conhecido território no alto do Rio Pindaré. Chegaram a penetrar uma zona ecológica, a Mata de Transição. Esses dados são fornecidos pelos relatórios dos diretores gerais (1850) e até por um visitante alemão Franz Plagge (1858). Gomes (2002), baseando-se nessas informações, afirma que é provável que a migração Tenetehára tenha começado desde as últimas décadas do século XVIII, deslocando-se para várias direções. A provável sequência da migração é a seguinte: a) do Alto Pindaré para o Gurupi – nessa migração ocuparam quase toda sua extensão até o seu curso onde viviam quilombos negros; b) do Médio Pindaré para o leste e daí para o Baixo Grajaú (Lago, 1872, p. 413- 421 apud Gomes, 2002) e Paula Ribeiro (1841, p. 194 apud GOMES, 2002), depois subindo o Rio Grajaú e passando para a Bacia do Rio Mearim; c) Do Alto Pindaré, navegando o Riacho Buriticupu para o Rio Zutiua e daí mais para leste, para o Alto Grajaú.

As razões pelas quais aconteceu a migração dos Tenetehára deram-se, especialmente, em decorrência do crescimento demográfico ocasionado pelos quase 80 anos de isolamento que haviam experimentado desde a saída dos jesuítas. Partiram para outras regiões sem desabitarem as áreas onde já viviam. Essa migração ocorreu, culturalmente, por intermédio de grupos de família que, em números pequenos de trinta a quarenta pessoas, deslocavam-se para outras áreas: a oeste para lugares mais abundantes em árvores de copaíba; a leste, para as proximidades de habitações de imigrantes brasileiros. Fato que chama a atenção é o de que, mesmo separados de suas matrizes, as novas aldeias Tenetehára mantiveram todos os traços socioculturais essenciais para a preservação do modo de vida e da cultura Tenetehára.

Um outro grande motivador dessa migração pode-se dizer que foi o desejo dos Tenetehára de estabelecer relações econômicas com brasileiros. Os machados e facões, ferramentas obtidas durante o período jesuítico, tornaram-se raros e a vida bem mais difícil no intervalo desse isolamento.

Outra circunstância facilitadora da expansão Tenetehára foi a derrocada dos índios Timbira e Gamela do Baixo Pindaré. As áreas vazias liberadas por esses índios deixaram o campo aberto para a aproximação dos Tenetehára aos novos colonos para adquirirem os bens de que necessitavam. Os Tenetehára aproveitaram a situação de ausência demográfica daqueles índios para começar sua expansão Rio Grajaú acima.

Gomes (2002) enfatiza que a migração Tenetehára deu-se com tanta firmeza e determinação que, já na década de 1840, esses índios haviam alcançado a região controlada economicamente pela então recente Vila de Missão da Barra do Corda, fundada em 1839, na embocadura do Rio Corda no Alto Mearim e, pela Vila da Chapada, posteriormente chamada de Grajaú, fundada na década de 1810, mas colonizada somente após 1820, no Alto Rio Grajaú. Gomes observa que os Tenetehára fizeram uma migração que se deu simultaneamente tanto na direção da região da fronteira agro-pastoril quanto na direção oeste, no sentido Rio Gurupi e, além, para o Pará, uma região rica em árvores copaiibeiras. Essas migrações simultâneas só foram possíveis de serem realizadas, talvez, porque os Tenetehára tivessem uma população razoavelmente numerosa, algo como 8 a 10 mil pessoas vivendo no Alto Pindaré por volta de 1800 e em crescimento. Pode-se dizer, então, que os Tenetehára haviam recuperado as condições para seu crescimento demográfico e estavam próximos de seu número populacional original.

Enquanto outras etnias como os Timbira e outros povos indígenas sofriam baixa demográfica desde o início do século XIX, os Tenetehára continuaram a crescer e a se expandir. Tal crescimento se deu até a década de 1870, momento em que os Tenetehára somariam mais de 12 mil indivíduos. Na ocasião, segundo Dodt (op. Cit, p. 86), havia no curso do Rio Gurupi cerca de 6 mil índios Tenetehára a quem ele denominou “Timbé”. Entre o Rio Pindaré, a leste e o Rio Capim, a oeste, Dodt calculou um número de mais de 3 mil Tenetehára vivendo nessa área, totalizando uma população de 9 mil Tenetehára. Essa estimativa de Dodt tem por base o número de famílias em 1500, tendo ele considerado para cada família o número de seis membros. Para Gomes (2002), talvez o número de cinco membros por família fosse mais coerente para ilustrar a real situação.

Quanto à região de Barra do Corda-Grajaú, esta não cresceu, mas manteve estabilidade. Na década de 1850 tem-se um adicional de mil índios, com o acréscimo de mais mil índios nos Riachos Zutiua e Buriticupu. Podia-se, assim, contar com uma população de 12 mil índios, a maior população Tenetehára, até então ultrapassada apenas nos dias atuais.

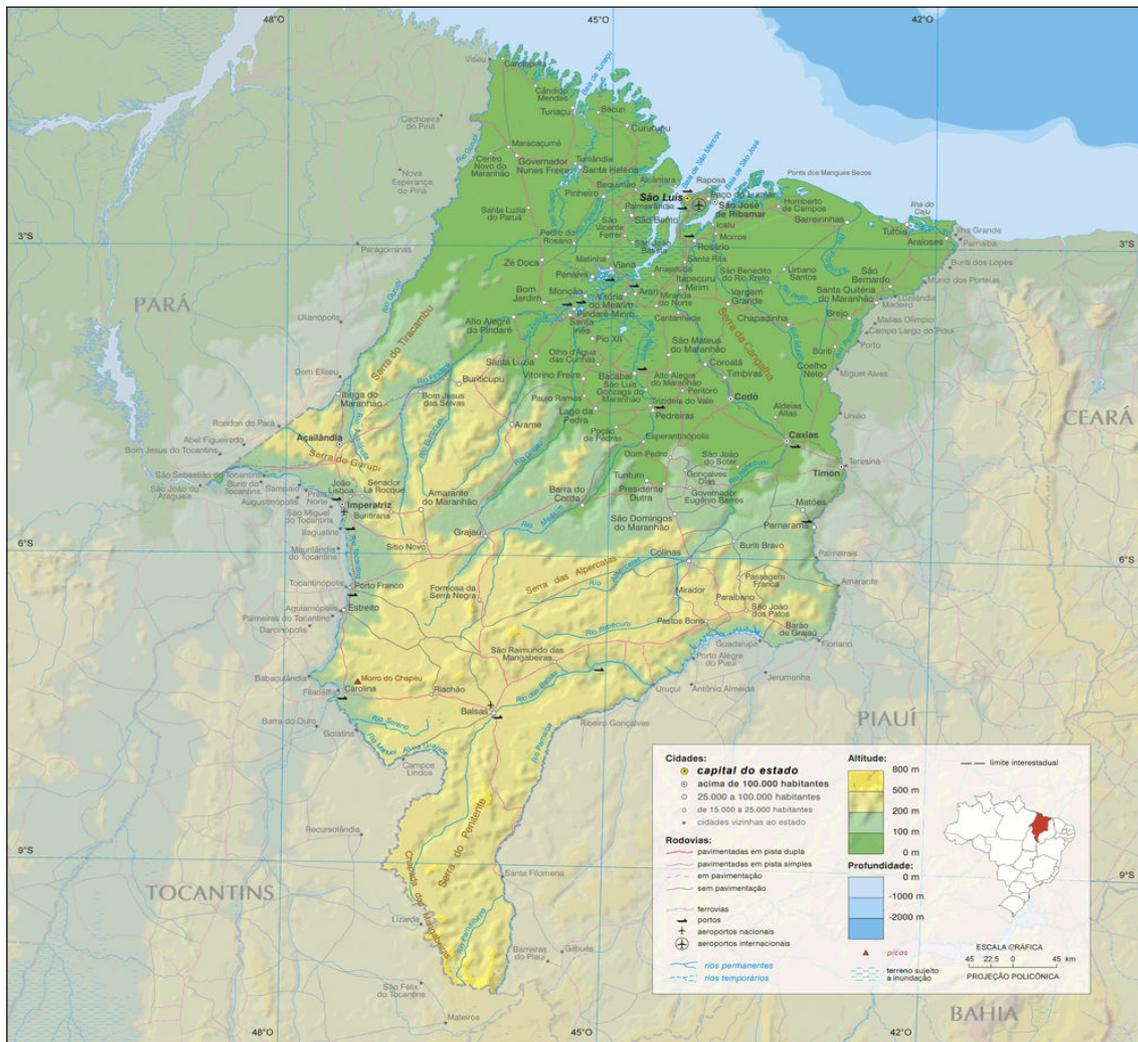
Na década posterior tem-se, segundo Gomes (2002, p. 233), uma diminuição populacional Tenetehára na região do Rio Gurupi para 2500 índios em 1887 e daí para números cada vez mais baixos. O total da população indígena no Maranhão, conforme o penúltimo relatório do diretor-geral dos índios (1887, p. 40-47), era de 25 mil índios,

contabilizando-se as várias etnias Timbira e uns índios autônomos, sem contato. Dentre essas etnias, os Tenetehára eram os mais numerosos.

Segundo Paula Ribeiro (apud Gomes, 2002, p. 233), havia no Maranhão, na segunda década do século XIX 80 mil índios selvagens, vivendo fora do domínio dos civilizados. Entre esses índios estavam os Timbira, Acroá e Tenetehára, desconhecidos pelo autor, mas que ele supunha existir. Entre esses índios selvagens, a maioria era Timbira que sofreu grande depopulação no intervalo entre 1810 e 1890 por guerras, mortes e epidemias. Spix e Martius (1938, p. 462-63 apud Gomes, 2002, p. 233) acrescentavam 9 mil índios aldeados à estimativa de Paula Ribeiro.

Segundo Gomes (2002, p. 234), o território habitado pelos índios Tenetehára abrangia as seguintes áreas: a oeste, amplas áreas ao longo dos Rios Gurupi, Guamá e Capim, no estado do Pará; o Alto e médio Pindaré, incluindo o Rio Caru, no centro do tradicional território Tenetehára; a leste, as terras margeadas pelos Rios Buriticupu e Zutuia, afluentes do Pindaré; e daí para leste e sudeste por toda a extensão do Rio Grajaú e do Alto Mearim, estas últimas pertencentes à zona ecológica de transição. Encontrando-se nos limites da Floresta Amazônica estavam as demais terras.

O relacionamento que os Tenetehára mantiveram com os brasileiros era de proximidade e com estes se engajavam por meio da economia de troca de produtos agrícolas ou de extração. Essa relação de economia de troca, nas áreas mais isoladas operava-se pela extração e venda do óleo de copaíba e de peles silvestres, negociados com regatões que visitavam as aldeias Tenetehára.



MAPA 5 – Áreas da migração dos Tenetehára a partir do séc. XVII

Fonte: <http://www.transportes.gov.br/bit/mapas/mapclick/ufs/ma.jpg>

11.2.5 O contato entre os Tenetehára e outras etnias

Como observa Gomes (2002, p. 234), os índios Tenetehára também tiveram que enfrentar a animosidade de outros povos indígenas, sobretudo a dos Timbira. Conta-se, inclusive, que uma das razões do sucesso de expansão dos Tenetehára deveu-se ao fato de os Timbira terem sido praticamente dizimados por ataques de guerra, deixando livres as áreas onde viviam.

Por volta da metade do século XIX, considerando os conflitos já sofridos, os Tenetehára passaram a organizar suas aldeias de modo que pudessem se defender contra

possíveis ataques dos Timbira. Parece que isso foi feito por meio da criação de uma organização de homens jovens e solteiros como grupo guerreiro, informação dada por Franz Plagge (1857, p. 206 apud Gomes, 2002, p. 235). Tudo indica que esse grupo guerreiro deixou de ser necessário após a derrocada dos Timbira a partir do último quartel do século.

Gomes (2002) observa que, em se tratando dos Timbira, perdura, ainda hoje, uma certa desconfiança mútua entre eles e os Tenetehára, ranço das antigas relações hostis do passado. É provável que homens Tenetehára tenham sido recrutados para as últimas batalhas de fazendeiros contra os índios Gavião e Krikatí por volta de 1870. As notícias que se tem do último grande confronto datam-no em 1901, no Alto Mearim, entre Tenetehára e os Canela Ramkokamekra (Gomes, 2002, p. 235).

Os Timbira do Rio Gurupi, a essa altura, já estavam mais mansos e brandos no relacionamento com os Tenetehára. Há até relatos de que em 1862 havia uma aldeia Timbira cujo chefe era um índio Tembé (Brasque, 1862, p. 16 apud Gomes, 2002, p. 237). É bem provável que tenha se deslocado para o Gurupi, depois dos Tembé, uma etnia Timbira vinda do leste da região do rio Turiaçu, próxima do Baixo Pindaré. Já em 1850 outro grupo Timbira, os Krejé, conhecidos como Carajés chegaram à região do Gurupi, empurrados pelas ameaças dos ataques de brasileiros locais (Dodt, 1981; 179 apud Gomes, 2002, p. 237).

Além de relacionamentos pouco amistosos com os Timbira, os Tenetehára também tiveram dificuldades com os Urubu-Ka'apór, com os Amanajó, com os Guajá, bem como com os negros que viviam na região dos Rios Pindaré e Gurupi (Gomes, 2002, p. 235). Os negros, em situação de fuga da escravidão, haviam-se estabelecido entre os Rios Pindaré e Maracaçumé desde o início do séc. XIX. Formaram quilombos e viviam do comércio na área de garimpagem. Seu principal quilombo foi destruído e sua população desbaratada em 1853.

Segundo Gomes (2002), a etnia que, de certa forma, mais deteve o expansionismo Tenetehára foram os Urubu-Ka'apór. A migração dos Urubu-Ka'apór vinha acontecendo desde a década de 1840, partindo do lado oeste. Fixaram suas aldeias entre as cabeceiras do Rio Coaraci-Paraná e às margens dos Rios Uraim e Piriá, afluentes da margem esquerda do rio Gurupi. No começo do século XX, por exemplo, os Ka'apór geraram maior temor aos Tenetehára-Tembé, porque chegaram a ter baixa de população no Gurupi devido aos ataques daqueles índios. Os Tenetehára-Guajajara passaram a sofrer as investidas dos Ka'apór somente no momento em que suas aldeias

passaram a se situar no lado maranhense do Rio Gurupi. O ápice das investidas agressivas dos Ka'apór aos índios Tenetehára ocorreu em 1918 num ataque à aldeia que servia de base ao posto indígena fundado em 1913 no Alto Pindaré (Gomes, 2002, p. 236).

Segundo Gomes (2002), os Guajá e os Amanajó também mantiveram um relacionamento hostil com os Tenetehára. Os Guajá eram índios de fala tupi que viviam em pequenos bandos, nômades nas duas margens do Rio Gurupi, já se deslocando para o Alto Pindaré. Esses índios não representavam grande ameaça aos Tenetehára. Os Amanajó eram índios que viviam na área do Rio Cajuapara, formador do Rio Gurupi, também de fala tupi, por sinal muito semelhante à língua dos Tenetehára. Eram, aproximadamente, trezentos a quatrocentos índios (Dodt, 1981[1873], p. 86 *apud* Gomes, 2002, p. 236) que distribuíam-se em três aldeias. Embora já não representassem mais perigo para os Tenetehára-Tembé do Gurupi, no passado haviam sido inimigos cruentos dos Tenetehára.

11.2.6 As relações econômicas: o sistema de economias de trocas

Gomes (2002) ressalva que no tempo do Império os Tenetehára desenvolviam pelo menos dois tipos de economia de troca: a) uma com base na produção extrativa; b) outra tendo com foco os produtos agrícolas. Esses dois tipos diferentes de economia de troca geraram diferentes relações patrão-freguês que, por sua vez, trouxeram diferentes conseqüências para os Tenetehára. Esses tipos de economia de troca eram realizados com regatões de diferentes lugares. Os Tenetehára do Gurupi negociavam com regatões da Vila de Vizeu ou do pequeno povoado de Carutapera, situados no delta do Rio; outros, com regatões de um povoado no igarapé Cajuapara, nas cabeceiras do Gurupi de onde se conectavam com a Vila de Imperatriz (DODT, 1981, p. 95-96 *apud* GOMES, 2002, p. 237). Os Tenetehára do Alto Pindaré comercializavam com regatões de Monção ou Viana. Os do Alto Mearim e Alto Grajaú com brasileiros que viviam próximos a eles, sendo a Vila de Barra do Corda o ponto central do relacionamento dos Tenetehára com os brasileiros do Alto Mearim. Os Tenetehára do Baixo Grajaú negociavam com os Tenetehára da Vila do Mearim, que era um referencial de relacionamento interétnico.

Segundo Dodt (1981 apud GOMES, 2002, p. 238), tanto índios Tenetehára quanto regatões brasileiros levavam uma vida difícil para realizar a economia de troca. Os regatões, por exemplo, recebiam crédito de seus patrões para investir em mantimentos a serem pagos num prazo previamente estipulado. Como geralmente os regatões não conseguiam cumprir o prazo acertado, ficavam cheios de dívidas e arruinados, levando, às vezes, anos para poder saldar a dívida.

Gomes enfatiza que Dodt via os Tenetehára como índios dispostos à civilização, com mais disposição do que os Amanajó e os Timbira (Krejé), tanto que os Tenetehára-Tembé são descritos como índios que andavam vestidos, calçados, caçando de espingarda e, dependentes de machados e facões para o serviços diários. Já procediam, inclusive, aos rituais de batizado de seus filhos, quando de suas andanças pelo município de Vizeu (GOMES, 2002, p. 238).

Essa foi uma época, segundo Gomes, em que os padrões de organização Tenetehára ganharam muita força. Por exemplo, nos casos em que havia rixas entre famílias extensas, estas costumavam ser resolvidas com a saída de uma das famílias em litígio. Dependendo do interesse da família que se retirava em se aproximar dos regionais, esta se mudava para longe ou perto deles.

De acordo com Gomes (2002, p. 239), as diferentes formas de relacionamento entre Tenetehára e brasileiros deu-se baseada nas duas diferentes formas de economia de troca e dos diferentes padrões de povoamento de brasileiros, a partir do último quarto do século XIX. Em linhas gerais pode-se dizer que essas formas de economia de troca se correlacionavam com duas regiões de coabitação de brasileiros e Tenetehára: a região Grajaú-Barra do Corda e a região Pindaré-Gurupi.

Quanto aos Tenetehára da região Pindaré-Gurupi, no último quartel do século XIX, estavam envolvidos com o comércio de óleo de copaíba e de outros produtos florestais de menor peso. Com o breve crescimento da cidade de Pindaré-Mirim houve um fluxo de muita gente que havia se mudado para lá e subira o Rio Pindaré em busca de novas oportunidades de agricultura e de comércio com os índios Tenetehára (GOMES, 2002, p. 241).

Na região Grajaú-Barra do Corda, o período de final de século oportunizou uma profusão de relacionamentos interétnicos e, conseqüentemente, de mistura inter-racial. Os brasileiros que se mudavam para junto dos Tenetehára, geralmente fugindo das rebeliões da Balaiada e Cabanagem, o faziam em termos amistosos, ainda que, de forma velada, impusessem uma certa superioridade social manifesta nas relações de compadrio

e de matrimônio ou concubinação. Informantes de Wagley e Galvão (1941-45 apud Gomes, 2002, p. 242) contavam, orgulhosamente, entre seus ascendentes pais ou avós brasileiros que se haviam casado com mulheres Tenetehára e se tornado pessoas de importância na economia de troca do local.

No Rio Gurupi a situação de transação econômica e miscigenação parece ter sido tão intensa que acarretou um decréscimo de população. Em 1782 havia 7.000 pessoas; em 1890, 2.500; em 1920, 850; em 1943, 300; em 1975, 100 Tembé-Tenetehára. Nessa época é que começa o crescimento populacional outra vez.

Segundo Gomes (2002, p. 242-243), essa baixa demográfica pode ser explicada a partir de quatro grandes razões. A primeira razão tem a ver com a presença intensa de brasileiros no local. Nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX o Rio Gurupi começou a ser freqüentado por regatões em busca de óleo de copaíba e por garimpeiros que se aventuravam na busca de ouro de aluvião. No início do século a presença de uma companhia de mineração gerenciada pelo dinamarquês Guilherme Lund intensificou o relacionamento e as tensões interétnicas a partir do médio Rio Gurupi – local onde havia ouro nos afluentes do rio.

Uma outra possível razão apontada pelo autor é a de que, como não existiam vilas nem povoados ao longo do rio, os regatões se fixavam nas aldeias Tenetehára, chegando a passar grande parte do ano nessas aldeias. Houve casos em que regatões queriam mandar nas aldeias Tenetehára, gerando reações violentas. Isso chegou a ocorrer entre os Tembé-Tenetehára (BRUSQUE, 1862, apud GOMES, 2002).

Outra razão para a queda demografia dos Tenetehára está ligada à migração dos índios Urubu-Ka'apór para os lados do Rio Gurupi, os quais atacavam índios Tembé e viajantes de canoa no Rio Gurupi com as famosas flechas de pontas de ferro, desde 1872 (DODT, 1981, p. 176 apud GOMES, 2002, p. 243). Como os Tembé não estavam à altura de fazer frente aos Ka'apór, no início do século XX, instalavam-se nas proximidades dos povoados brasileiros no Pará em busca de proteção contra esses índios.

Além dessas razões, há uma razão contundente e inquestionável, segundo Gomes: o surto de epidemias que sobrevinham aos índios, principalmente as de varíola e sarampo. Estas parecem ter sido devastadoras para os Tenetehára, Timbira e Ka'apór. Até a década de 1870, os relatórios de agentes do SPI, bem como de visitantes à área, apontam para uma contínua queda populacional e degradação das condições de vida das populações indígenas. Segundo Darcy Ribeiro (1996 apud GOMES, 2002, p. 243), pelo

menos 150 dos 750 índios Urubu-Ka'apór morreram de doenças e das conseqüências delas.

11.2.7 O período da República

Segundo Gomes (2002, p. 245), a proclamação da República teve como marco o dia 15 de novembro de 1889. A essa altura o Estado já havia sido declarado laico e as influências positivistas estavam a todo vapor por todos os cantos do país, inclusive em vilas inexpressivas do estado do Maranhão. No que diz respeito à questão indígena, a política indigenista imperial de colônias e diretorias parciais não foi extinta de imediato com a proclamação da República, houve apenas um desaceleramento das ações das mesmas para, somente em 1893, desaparecerem os sinais de seu funcionamento (GOMES, 2002, p. 245).

Passado os primeiros anos da era imperial, a verdadeira situação dos índios foi a de ficar à mercê dos fazendeiros e comerciantes com quem mantinham relação de patronagem ou debaixo da proteção de ordens missionárias que tentavam reaver algum poder sobre eles. Essas ordens religiosas ainda marcavam presença em vários lugares: os Dominicanos no Rio Araguaia; os Salesianos no Mato Grosso e Rio Negro; os Capuchinhos no Maranhão. Gomes observa que, somente em 11 de abril de 1901 o governador João Gualberto Torreão da Costa promulgou a Lei nº 289 que interveio na questão dos índios do estado. O único artigo dessa lei determinava o seguinte: “É o governo autorizado a organizar o serviço de civilização de índios, podendo aplicar como julgar mais conveniente a verba que para isso foi destinada na lei do orçamento.” (Gomes, 2002, p. 247).

A promulgação dessa lei coincidiu com o auge da Rebelião do Alto Alegre, não havendo notícias de que ela algum dia tenha vindo a ser aplicada. No nível federal, só em 1910 o governo republicano instituiu sua política indigenista ao criar o Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Essa medida foi tomada por causa da pressão de grupos positivistas civis e militares e como resposta às acusações internacionais de que o governo não se importava com os massacres feitos contra os índios Coroados (Kaingáng e Xoklém) no Paraná e Santa Catarina (GOMES, 2002, p. 247).

Importantes notícias sobre os índios Tenetehára foram encontradas num relatório escrito pelo penúltimo diretor-geral Hermegildo Jansen Ferreira ao então

governador do estado do Maranhão, em 1890 (GOMES, 2002, p. 247). Nesse relatório Jansen fazia um balanço final da política indigenista imperial efetuada pela diretoria-geral dos índios. Neste ele apresentou os números mais atualizados de todos os diretórios parciais e das colônias indígenas em funcionamento. Jansen defende, em seu relatório, a tese de que uma política indigenista só podia ser eficaz se feita por meio de uma estratégia de concentração das populações indígenas em umas poucas colônias com o objetivo final de se tornarem vilas e cidades. Segundo ele, essa idéia já havia sido veiculada anos antes por seu antecessor José Carlos Pereira de Castro, que estivera à frente da diretoria-geral nos últimos anos do império. Nessa proposta de Jansen já se parece prescindir da presença de missionários haja vista o papel deles não ser mencionado. Esse já era um sinal dos tempos laicos que se aproximavam. Essa idéia básica de reunir diversas etnias remetia aos propósitos dos antigos aldeamentos jesuítas e pombalinos com o propósito de transformar os índios em vassalos ou cidadãos.

No relatório de Jansen, em quem Gomes se fundamenta, há um resumo da situação das seis colônias indígenas e das vinte e cinco diretorias parciais estabelecidas no Maranhão, do qual podem ser extraídas as informações utilizadas por Gomes (2002, p. 248) na análise que fez desse período. Vale a pena apresentar algumas informações sobre como estavam, por essa época, as colônias Januária, Aratauhy Grande, Palmeira Torta e Dous Braços.

11.2.7.1 A situação das colônias

A Colônia Januária

Criada em 1854, na boca do Rio Caru, abrigava, então, apenas 24 índios. Essa colônia já havia tido uma população maior em anos anteriores (1881, p. 91 pessoas; 1873, p. 135) pois estava localizada em pleno território Tenetehára. Além dos Tenetehára, a Colônia Januária já tentara, desde 1850, atrair um grupo de Timbiras que tinham aldeias entre o Rio Grajaú e o Pindaré e que causavam perturbações aos povoados e aos regatões que comercializavam ao longo do Pindaré. Já havia, inclusive, ocorrido a morte de dois índios da colônia Januária e de um civilizado por ataques de índios Timbira.

As várias aldeias que podiam ficar sob a jurisdição da Colônia Januária somavam cerca de 1260 pessoas, mas dependiam pouco dela. O nome Januária persistiu mesmo depois do fim da colônia, pois foi aplicado às duas aldeias que mais tarde serviram de base aos postos indígenas criados pelo Serviço de Proteção ao Índio.

Colônia Aratauhy Grande

Foi criada em 1873 em uma aldeia da diretoria parcial Foz do Grajaú, na beira do Baixo Grajaú, a umas duas ou três léguas de sua confluência com o Rio Mearim. O objetivo do estabelecimento dessa colônia era o de atender mais de perto as aldeias Tenetehára da região, dar mais segurança a uma zona estratégica de passagem para o Grajaú e Mearim e também garantir mão-de-obra para os barcos que subiam o rio com manufaturados para vender na Vila da Chapada, hoje, cidade do Grajaú, localizada a uns 100 km rio acima. Nessa colônia havia, aproximadamente, 172 pessoas, mas atendia a outras 3 aldeias situadas mais acima no Rio Grajaú, que seriam as aldeias da abandonada Colônia Palmeira Torta com mais ou menos 163 índios.

Em fins de 1887, um grupo de 70 Tenetehára mudou-se dessa colônia para uma área no baixo Rio Mearim, fugindo de conflitos gerados por Joaquim Symphônio de Oliveira, que havia invadido as terras da Colônia para retirar madeira e, ao fazê-lo, deixara seus bois invadirem as roças dos Tenetehára. Mesmo depois de advertido, Symphônio continuou com a retirada de madeira. Alguns meses depois aqueles Tenetehára que haviam fugido, foram convencidos a retornar a suas terras.

A colônia Aratauhy Grande foi extinta no ano seguinte e as áreas das aldeias Tenetehára foram, aos poucos, tomadas por imigrantes pobres e por fazendeiros. Os índios, possivelmente, sem condições autônomas foram mais facilmente coagidos ao trabalho como remeiros e vareiros das embarcações que subim e desciam o Rio Grajaú no final do século.

Essa região foi dominada politicamente pela família Boguea, cujo antecessor principal havia sido o primeiro diretor da Colônia Aratauhy Grande.

A situação de aldeias extintas e terras tomadas não foi novidade na época. Uma ou duas aldeias Tenetehára localizadas numa área que ficou conhecida como Mata dos Bois sobreviveram por muitos anos mais. Nunca receberam apoio do SPI e perderam população e controle de suas terras, acabando, de vez, no fim da década de 1960. Na

ocasião, seus últimos habitantes já mestiçados, transferiram-se para o Alto Pindaré e repovoaram aquela região que havia ficado praticamente desabitada de Tenetehára.

Colônia Palmeira Torta

Localizava-se na beira do Rio Grajaú, entre a Vila da Chapada e a Vila do Mearim. Foi criada em 1870, principalmente sob o intuito de apaziguar os conflitos entre Tenetehára, índios Timbira e novos migrantes brasileiros que estavam ocupando aquelas áreas, vindos do Mearim.

A distância das Vilas fez com que a Colônia ficasse nas mãos de moradores locais que se aproveitavam da mão-de-obra indígena na troca de bens manufaturados por produtos da floresta. O Rio Grajaú era rico em todos os produtos comerciáveis da época. Essa área era, desde 1840, território tradicional de povos Timbira os Krepumkatejé e Kukuokramekra, Crenzés e Pobzés. Os Tenetehára tiveram que desenvolver um forte espírito de luta para poderem se estabelecer em território Timbira.

Essa Colônia não floresceu e teve que ser transferida para uma aldeia a jusante, em setembro de 1877 a fim de ser mais bem controlada pela Colônia Aratauhy Grande. Nela, segundo as informações de Jansen, havia, pelo menos, 163 Tenetehára. As outras aldeias Tenetehára que dependiam dessa Colônia foram extintas. Os habitantes sobreviventes se mudaram para a área de Mata dos Bois, a jusante ou mais para perto das aldeias sob a jurisdição da 16ª Diretoria Parcial da Chapada.

Colônia Dous Braços

Esta pode ter sido a mais importante colônia Tenetehára, com influência mais duradoura na vida desses índios e no seu relacionamento com a sociedade regional. Localizava-se na beira do alto Rio Mearim, a pouco mais de 3 léguas a montante de Barra do Corda. A aldeia se formou da junção de 4 ou 5 aldeias Tenetehára, com uma população na faixa de 520 pessoas. Foi construída com mão-de-obra Tenetehára em um

curto espaço de tempo e tinha uma estrutura que contava com casa residencial do diretor, capela, casa de farinha, engenho de cana e armazém de algodão e gêneros.

Mapas elaborados por Frei José Maria de Loro dão os seguintes números populacionais da Colônia Dous Braços, incluindo os que entraram e os que saíram, os nascidos e os mortos: ao todo, incluindo os que viviam fora da Colônia Dous braços, havia 751 Tenetehára na órbita desse estabelecimento. Frei Loro mostra que não proibia o contato e o relacionamento econômico dos Tenetehára com os barracordenses, mas que procurava defendê-los de abusos. Segundo ele, assim procedia, obedecendo ao regulamento das colônias de 1854.

Em 1887, segundo o relatório do barracordense Caetano Martins Jorge, a Colônia Dous Braços mantinha uma população em torno de 520 habitantes, em 8 aldeamentos e 3 desses aldeamentos eram considerados selvagens.

Em suma, a população Tenetehára que vivia em torno do município de Barra do Corda chegava a três mil pessoas, juntando as aldeias que constituíam a diretoria parcial do Bananal. A aldeia que servia de sede à Colônia Dous Braços tomou o nome de Aldeia Colônia, pelos anos seguintes e até o presente, provando, com isso, na opinião de Gomes (2002), “a estabilidade de assentamento e exploração sustentada de uma mesma área por mais de um século e meio.”

Dessa aldeia é que saíram diversos líderes que atuaram na Rebelião do Alto Alegre, inclusive o primeiro professor bilíngüe Tenetehára, que nascera e se criara nessa aldeia. A força e estabilidade dessa aldeia na década de 1920 foi o principal motivo de consideração, por parte das autoridades locais, na delimitação da 1ª Reserva de Terras para os índios Tenetehára. A Colônia nunca se dissolveu, mas permaneceu um dos principais esteios da identidade política dos Tenetehára da região.

Outras Colônias

Outras colônias também merecem ser mencionadas, apesar das poucas informações de que se dispõe. A Colônia Leopoldina, que foi aparentemente importante e produtiva atendia os índios Crenzés e Pobzés. Nova Olinda, por sua vez, colônia criada em 1888 nunca foi instalada. É possível que tenha sido destinada a algumas aldeias Tenetehára localizadas no rio Mearim, a jusante de Barra do Corda, numa região

que foi tomada por migrantes nordestinos onde hoje está localizada a cidade de Pedreiras. Como não há notícias sobre os Tenetehára dessa região, Gomes (2002) suspeita que eles foram sendo envolvidos pelos migrantes nordestinos e foram perdendo sua identidade étnica básica.

11.2.7.2 A situação das Diretorias Parciais

Coexistindo com as Colônias havia o sistema de diretorias parciais, subsistindo com menos incentivos financeiros por parte do governo, mas atuando sobre um maior contingente de índios e servindo de base para a patronagem. Para a análise desse sistema de diretorias, Gomes também se baseia no Relatório de Jansen.

A 18ª Diretoria Parcial ou DP do Gurupi

Nessa época, na região do Gurupi havia mais de 2000 índios aldeados sob o controle da 18ª diretoria parcial. Havia cerca de 1750 índios Tenetehára chamados de Tembê ou Timbé, 140 Timbira, 100 Amanajé e 80 Peocas (subgrupos Timbira que se distinguia dos Kreijé) (Nimuendajú, 1946 apud Gomes 2002). O recenseamento contendo tais dados populacionais foi elaborado pelo Sr. José Maria Bernes. Este calculava que ainda haveria cerca de 600 índios Urubu-Ka'apór, 200 Guajá e 600 Timbira “errantes”, sem depender da Diretoria Parcial. Logo, estima-se uma população indígena de 3.740 pessoas na região. Os Urubu-Ka'apór estavam subestimados em, pelo menos, dois terços, mas os Tenetehára haviam sofrido uma queda demográfica assustadora desde a estimativa do engenheiro Gustavo Dodt, feita em 1872, quando, então, deveria haver cerca de 7500 Tenetehára para toda a região entre os Rios Pindaré e Capim, dos quais uns 4000 teriam suas aldeias ao longo do rio Gurupi. A estatística a seguir mostra a queda demográfica drástica dos índios Tenetehára:

- a) 1920: 1090 indivíduos;
- b) 1942: 300 indivíduos;
- c) 1950: 70 indivíduos;
- d) 1970 e 1980: 100 indivíduos;

As razões evocadas para essa baixa populacional são, especialmente: a) a incorporação de famílias e indivíduos Tenetehára à população regional. O casamento com regionais parece ter sido uma estratégia adotada pela cultura Tembé-Tenetehára para somar força e enfrentar a avassaladora invasão de suas terras e a pressão dos pobres invasores, de fazendeiros ambiciosos e políticos regionais. Isso pode ser compreendido no relatório de Jorge Hurley (1932 apud GOMES, 2002); b) transferência para outras áreas, como para as Matas do Rio Piriá, Uraim, Capim e Guamá, no estado do Pará;

A 5ª Diretoria Parcial ou DP Cabeça Branca

Localizada no Rio Turiaçu, a seis ou a dez léguas a montante da Vila de Santa Helena, tinha 300 índios Tenetehára chamados Guajajára, sob seu controle, em um número não especificado de aldeias. Fato curioso é que o Rio Turiaçu era habitado por índios Timbira no início do século. A explicação para a existência desses Tenetehára nessa região pode ser a de que esses índios tinham a intenção de migrar para ao Gurupi e se demoraram nessa região onde passavam migrantes que se dirigiam às minas de ouro dos Rios Maracaçumé e Paruá. Tais índios Tenetehára desapareceram sem deixar vestígio algum.

A 7ª Diretoria Parcial ou DP Camacaoca

Foi a primeira Diretoria Parcial do curso do Pindaré, entre as cinco existentes. Por volta de 1840, Camacaoca fora a última fazenda de civilizados no Rio Pindaré. Essa diretoria supervisionava aldeias localizadas à margem direita do Rio Pindaré até a embocadura com o Rio Caru. Há pouquíssima informação sobre essa diretoria e é até provável que ela não fosse operante. Talvez tivesse a mesma população da DP de Ilhinha, confundindo-se com ela.

A 20ª Diretoria Parcial ou DP Ilhinha

Esta Diretoria estava localizada numa porção de terras à margem esquerda do Rio Pindaré até o Rio Caru e foi criada em 1873. Sua população era de 600 Tenetehára, divididos entre 276 homens e 384 mulheres. Sofreu queda populacional significativa após a instalação de uma colônia, a Colônia Pimentel, criada para imigrantes nordestinos.

No decorrer das primeiras décadas do século XX, algumas aldeias dessa diretoria iriam mudar-se mais para dentro da Mata. Depois, com a entrada de imigrantes povoando a região, as terras dos índios foram tomadas, muitos Tenetehára morreram e outros passaram a viver pobremente entre os lavradores e o restante terminou por se mudar para a Terra Indígena Pindaré para ficar sob a proteção do PI Gonçalves Dias.

A 11ª Diretoria Parcial ou DP Caru

Localizava-se no Rio Caru, desde a embocadura no Rio Pindaré, compreendendo também o Rio Joaquim Gomes, afluente do Rio Gurupi. Nessa diretoria havia cerca de 1.100 Tenetehára, sendo 460 homens e 640 mulheres.

Nessa época e até as primeiras décadas do século XX, os Tenetehára se davam ao trabalho de atravessar 40 a 50 km de território carregando canastras de óleo de copaíba e borracha para trocar com os regatões que freqüentavam o Rio Gurupi. Há relatos de um informante de Wagley e Galvão (1942-45) que os Tenetehára que viviam no Rio Caru foram se acabando e os sobreviventes haviam migrado para as aldeias do Alto Pindaré, Sapucaia e Ilhinha para se aproximar do Posto Indígena criado pelo SPI.

A 8ª Diretoria Parcial ou DP Boa Vista

Foi criada em 1854 e localizava-se às margens do rio Pindaré, no trecho que sobe após a embocadura do Rio Caru até o lugar conhecido como Boa Vista. Lá havia uma aldeia Tenetehára e um povoado de civilizados na década anterior. Devia compreender umas 4 ou 5 aldeias. Em 1944, no entanto, não havia mais nenhuma aldeia nesse trecho, mas o nome Boa Vista permanece até hoje como nome de um povoado.

A 9ª Diretoria Parcial ou DP Sapucaia

Ficava localizada numa área que ia da Aldeia Boa Vista rio acima até a embocadura do Riacho Buriticupu. Era considerada uma das mais importantes pelos Tenetehára. Nela havia 1.100 Tenetehára, sendo 500 homens e 600 mulheres. Na área havia a presença intensa de brasileiros, uns que viviam nas aldeias, outros em povoado próximo de onde negociavam com os índios. Essa situação se manteve até a década de 1920 quando a concentração de Tenetehára começou a entrar em baixa até acabar em fins da década de 1940. Sapucaia compreendia o território original Tenetehára mais denso desde o tempo dos jesuítas.

É bem provável que a emigração dos Tenetehára rumo ao centro-sul maranhense tenha se dado por lá a partir de meados do século XIX, pela possibilidade de comunicação com a região do cerrado maranhense. Essa migração foi conquistada na luta contra as diversas etnias Timbira que habitavam a região.

A 10ª Diretoria Parcial ou DP Alto Pindaré

Essa diretoria compreendia o território subindo o Rio Pindaré até Pontal, quase na cabeceira, porém antes do cerrado, onde viviam etnias Timbira, hoje os índios Krikatí. De acordo com o relatório de Jansen Ferreira lá havia 1000 Tenetehára, divididos em 400 homens e 600 mulheres. Gomes (2002) prefere arrolar em 500 o número desses índios.

A 22ª Diretoria Parcial ou DP Buriticupu

Seu território compreendia as terras que margeiam o Riacho Buriticupu e de seu afluente, o Riacho Serozal que desemboca na altura média do Buriticupu. Talvez os índios dessa área tenham vindo do Alto Pindaré e de Sapucaia. Nela devia haver 652 Tenetehára, compreendendo 320 homens e 350 mulheres. Tal população permaneceu estável ou em crescimento lento pelos anos seguintes.

A 4ª Diretoria Parcial ou DP Presídio

Era formada por duas aldeias que antes pertenciam à 16ª DP (ou DP da Chapada). Essas aldeias localizavam-se na beira do Rio Zutiua, na altura em que fica paralelo ao Buriticupu. Em 1872 havia duas aldeias principais: Tapera do Tenente e Presídio. Nessa DP havia cerca de 650 índios Tenetehára; em 1890 havia 524, 243 homens e 281 mulheres, o que mostra o decréscimo populacional de 20%.

A 16ª Diretoria Parcial ou DP Chapada

Esta se localizava na área do Rio Grajaú, a montante da Colônia Palmeira Torta. Uma de suas aldeias ficava mais próxima à Vila da Chapada; algumas na beira do rio, outras mais para dentro. Em 1890 havia 644 Tenetehára nas quatro aldeias Cocal, Jatobá, Tucum e Cocal Grande, que estariam na beira do Rio Grajaú.

A 21ª Diretoria Parcial ou DP Bananal

Compreendia três ou quatro aldeias localizadas na área entre o Rio Mearim e seu afluente, o Riacho Enjeitado. Bananal era o nome de uma das aldeias e ficava nas margens do riacho. Em 1890, nessa área, havia 496 Tenetehára, havendo depois queda demográfica com a Rebelião do Alto Alegre do qual diversos de seus líderes participaram. Seu crescimento só se recuperaria a partir da década de 1940 e, especialmente, nas décadas de 1960 e 1970.

A 24ª Diretoria Parcial ou DP Franco de Sá

Foi criada em 1884 e atendia um grupo de 61 Tenetehára que haviam se retirado de Colônia Palmeira Torta por desavenças com vizinhos brasileiros. Localizava-se às margens do Rio Mearim, num lugar chamado São Benedito, no termo da Vila de São Luís Gonzaga. Não se tem notícias da continuidade dessas aldeias nos anos seguintes.

Essas dezessete unidades administrativas foram criadas com o propósito de cuidar dos índios Tenetehára e deviam incluir quase toda essa etnia com exceção das aldeias localizadas no lado paraense. A população total alcançada pelas unidades era a de 9.166 indivíduos, 2 mil indivíduos a menos que na década anterior. O decréscimo maior ocorreu entre os Tembé do Rio Gurupi, os Guajajára do Alto Pindaré e de todo o Grajaú. Na região do Mearim e do Buriticupu a população se estabilizou e estava em crescimento. A Rebelião do Alto alegre é que veio parar esse crescimento, pois desorganizou o relacionamento interétnico anterior por um período de até 20 anos.

Anos após o relatório de Jansen Ferreira, o sistema de diretorias parciais e colônias foi abandonado por falta de recursos e por desinteresse político. Antes da extinção propriamente dita, o governo do Maranhão em 1892 decretou que todas as diretorias passariam a ser colônias por duas razões prováveis: a) a esperança de que surgissem recursos; b) a esperança de que houvesse uma aceleração do processo de passagem do indígena de índio para lavrador brasileiro (GOMES, 2002, p. 263).

Ainda assim, os índios não pararam de procurar o governo maranhense para reclamar de maus tratos, pedir ferramentas etc. O governo só fazia certas doações com a presença dos interessados, tentando manter, implicitamente, a lealdade por parte dos índios, concedendo-lhes patentes, em outras palavras, ainda se comportava como chefe dos índios (GOMES, 2002, p. 263-264).

Como, após a extinção das Diretorias Parciais e Colônias, não houvesse nenhuma política indigenista antes da criação do SPI, as autoridades estavam dispostas a receber ajuda de missionários que se interessassem pelos índios. Prova disso é que em 1892 missionários capuchinhos da Província de Lombardia, na Itália, chegam ao Brasil com o intuito de fazer missão em Belém e em São Luís, tendo, para isso, tanto a licença do governo maranhense para se instalarem nas dependências da Igreja do Carmo, quanto subsídios financeiros para se estabelecerem em Barra do Corda. A vinda dessa ordem religiosa para o Brasil foi apenas o início de um processo que culminou num episódio violento que se constituiu num divisor de águas na história dos índios Tenetehára (GOMES, 2002, p. 264).

11.2.8 A Missão do Alto Alegre

Gomes (2002, p. 264-265) lembra que a Colônia Dous braços, criada em 1874 teve como primeiro diretor um frade capuchinho italiano chamado Frei José Maria de Loro, tendo sido, por um tempo, substituído pelo Frei Antonino de Reschia. Ainda segundo Gomes, esses dois religiosos, bem como o Frei Peregrino de Pezzaro produziram relatórios sobre seus trabalhos no Maranhão, cujas cópias deviam ser encontradas na Itália. Assim, ao que tudo indica, a escolha do Maranhão e dos índios Tenetehára para a Nova Missão que se iniciaria não foi feita ao sabor do acaso. Pelo menos o Frei Carlos de São Martino Olearo já tinha algumas informações obtidas pela leitura desses relatórios. A própria escolha da região de Barra do Corda pode ter sido feita por influência dos oito anos de missão evangelizadora do Frei José Maria de Loro entre os índios Tenetehára de Barra do Corda.

Dessa forma, em 1893 chegava a São Luís o Frei Carlos de São Martino Olearo. Antes, porém tinha trocado correspondências com o bispo Dom Antônio Cândido de Alvarenga. Um ano depois recebia do governador do estado o velho convento dos carmelitas, a Igreja do Carmo, localizada na atual Praça de Lisboa. Em 1895, já estava em Barra do Corda, sendo recebido com honrarias das autoridades (GOMES, 2002, p. 265).

Gomes (2002) informa que Frei Carlos Olearo ergueu o Instituto Indígena num sítio perto da cidade para a educação e abrigo de jovens índios maiores de 14 anos. A partir dessa faixa etária os pais já não manifestavam resistência a que seu filhos deixassem as aldeias para receber alguma instrução. Acrescenta que, meses depois o Frei já estava trazendo rapazes Tenetehára, Canela e os últimos Mateiros (Timbira da Mata) para o Instituto Indígena. Em 1900 o Instituto já contava com 78 rapazes, o que era visto com grande admiração pelas autoridades locais, sobretudo por causa dos rapazes que compunham a Banda de música que, na chegada de convidados ilustres, era convocada para saúda-los. Gomes menciona que tais notícias são encontradas no Jornal *O Norte*, do ano de 1900.

Gomes (2002, p. 266) acentua que, alguns anos mais tarde os capuchinhos resolveram criar mais uma missão. Uma das razões foram boatos de que os barracordenses estavam tentando convencer os índios a levar seus filhos de volta para as aldeias, sob a alegação de que com a continuidade no Instituto, os rapazes poderiam ser recrutados para a Armada. Outra possível foi a publicação de um decreto federal, de

inspiração positivista, pelo qual ficava proibido o ministério do catecismo em escolas públicas, o que poderia ser usado contra os capuchinhos pelos maçons locais. Com base nessas e outras razões os capuchinhos decidiram criar outra missão em território indígena para proteger os índios da influência dos maçons.

Essa missão foi criada para atrair famílias de índios e abrigar meninas menores de 14 anos de idade vindas das aldeias próximas e das mais afastadas. Os livros escritos dessa missão que restaram e que estão no Arquivo da Cúria dos Capuchinhos em São Luís revelam o mais ambicioso propósito da missão: “estabelecer na região uma verdadeira cidade de índios” (GOMES, 2002, p. 266). Esse interesse já havia sido demonstrado tempos atrás nos últimos anos do império.

Na ocasião os capuchinhos fizeram um censo da população indígena que eles tinham condições de atender na região de Barra do Corda e Grajaú, p. 22 aldeias com 2.200 índios, das quais 18 eram aldeias Tenetehára, com 1500 índios, 2 aldeias Timbira e 2 aldeias Canela. Apesar da curta duração (1897-1901), a Missão do Alto Alegre trouxe tanto benefícios quanto prejuízo para o relacionamento interétnico entre Tenetehára e brasileiros.

Os primeiros encarregados da Missão eram 2 frades capuchinhos e um irmão. Meses depois de fundada, em outubro de 1897, sete freiras capuchinhas vindas da Itália se juntaram à missão. Em 1889 morre Frei Celso que foi substituído por 2 novos frades (GOMES, 2002, p. 266).

Quanto às meninas que chegavam à missão, as catecúmenas, a maioria devia ser Tenetehára, mas havia alguma Timbira - Krepumkatejé ou Kokuokamkra- do Rio Grajaú. Havia, ainda, umas sete ou oito meninas da elite barracordense em regime de internato com fins educativos. Em pouco tempo a missão se firmava com um contingente oscilante entre 70 e 150 pessoas.

Quanto ao tratamento dado aos índios do Instituto de Barra do Corda havia um rígido controle moral e de disciplina de trabalho sobre os jovens. Segundo Gomes (2002, p. 268), o regulamento se assemelhava ao antigo sistema jesuítico de missões. A rotina dos jovens seguia o seguinte cronograma:

ORDEM	HORÁRIO	ATIVIDADES
1)	5h30	Levantar-se e lavar-se.
2)	6h	Assistir à missa e fazer o desjejum.

- 3) 7h Iniciar o trabalho.
- 4) 9h30 Assistir aula.
- 5) 11h Almoçar e tempo livre para recreação.
- 6) 13h Retorno á aula.
- 7) 14h Fazer refeição leve e voltar ao trabalho.
- 8) 17h30 Regar as plantas ou a horta, limpar e encher os recipientes de água.
- 9) 18h Jantar e descansar.
- 10) 20h30 Fazer a reza noturna e em seguida descansar.

Após a terceira infração consecutiva, eram infligidos castigos corporais aos estudantes. Quanto aos que se destacavam nos exames e eram dedicados deviam ser recompensados em dinheiro que só era entregue ao aluno quando este se graduasse na escola.

Em 1900 um surto de varíola e tétano matou, pelo menos, 28 das meninas índias que viviam no internato do Alto Alegre, causando dor aos pais e conseqüente tensão entre índios e freiras. Há relatos de que os Tenetehára, sem perceber que tinha havido uma epidemia, chocavam-se por ver como as criancinhas iam morrendo e as freiras simplesmente jogavam os cadáveres em um poço seco (GOMES, 2002, p. 269).

Outro incidente que contribuiu para aumentar ainda mais a tensão entre missão e índios ocorreu com o Tenetehára João Caboré. Este, natural da aldeia Colônia, casado, com a bênção dos frades, com uma civilizada, se encantou por uma índia mais jovem em visita à Aldeia Canabrava e, por lá ficou, dando a impressão de ter abandonado a esposa. Os frades o chamaram para pedir explicações. Ao vir a eles, Caboré sofreu um castigo severo: foi acorrentado no porão do principal prédio da missão, ora pelos braços, ora pelos pés, ora pelo pescoço durante 4 semanas (GOMES, 2002, p. 270).

Tais motivos precipitaram a conhecida Rebelião de Alto Alegre, quando índios Tenetehára acompanhados de mulheres e filhos chegaram cedo à Missão do Alto Alegre, no momento em que se rezava a missa e mataram os que se encontravam no local. Frades, freiras, meninas barracodenses internas não resisitiram ao ataque.

O episódio ocasionou uma verdadeira dispersão dos Tenetehára, permanecendo poucas aldeias na área. A maioria desses índios fugiu atravessando o Rio Grajaú em direção oeste, fixando-se, alguns, entre o médio Grajaú e o Rio Zutuia. Outras levas

seguiram mais para oeste ainda na direção do Gurupi, misturando-se, presume-se, com os Tembê-Tenetehára. A maioria, porém, preferiu as áreas mais escondidas a fim de ficarem distantes dos regionais com quem haviam criado animosidade.

Esse distanciamento da sociedade brasileira durou pouco, pois em menos de dez anos os Tenetehára voltaram a ocupar antigos territórios abandonados por ocasião da fuga. De alguma forma, o episódio serviu para frear o tão intenso relacionamento que os índios Tenetehára vinham desenvolvendo com os brasileiros da região.

11.2.8.2 A rebelião do Alto Alegre e suas conseqüências sociopolíticas

A rebelião do Alto Alegre trouxe várias conseqüências para a relação entre Tenetehára e brasileiros, mas a mais importante foi que o acontecimento deteve, temporariamente, a integração socioeconômica que, segundo Gomes (2002, p. 278), pode ser chamada de caboclicização ou camponeização dos Tenetehára, que teria acontecido com a perda da terra, pois esse processo vinha acontecendo desde meados do século XIX: intervenção das autoridades regionais através das diretorias parciais e das colônias; missionários capuchinhos estabeleciam missões nesses postos; crescente número de lavradores pobres e fazendeiros que imigravam para essa região e tomavam posse das terras de que os Tenetehára faziam uso. Importante é referir que a grande seca de 1877-1880 no Nordeste- especialmente no Ceará- trouxe muitos lavradores para esta região e também para o Baixo Pindaré . Novas levas de imigrantes vieram em 1888 e 1900.

Hoje muitas áreas antes controladas por Tenetehára são terras de regionais ou até lugarejos e cidades. Os brasileiros daquela época, dizem os Tenetehára da atualidade, desapropriavam suas terras e tomavam suas mulheres usando de fraudes e artimanhas como a de oferecer-lhes tabaco, sal e bugigangas em troca.

Por causa da rivalidade que veio à tona e se reafirmou entre brasileiros e Tenetehára na rebelião do Alto Alegre, o relacionamento que já vinha sendo construído desde 1840 ficou prejudicado. Depois do evento de Alto Alegre os brancos passaram a ver os Tenetehára com uma certa cautela, distanciamento e até respeito. Isso fez com que os Tenetehára confirmassem suas suspeitas sobre a rivalidade dos “karaiw” contra eles e fez com que valorizassem mais sua cultura, criando uma força unida de coesão

contra brasileiros e quaisquer outras tribos indígenas (GOMES, 2002, p. 278). No século anterior muitos Tenetehára haviam até cortado relações com a vida na aldeia para se aproximarem de fazendeiros ou camponeses por motivos econômicos ou socioculturais.

Os relacionamentos progressivos com brasileiros teve um fim com a Rebelião do Alto Alegre, de modo que os Tenetehára entenderam que, para eles, não era benéfico viver muito próximo dos brasileiros embora alguns continuassem a fazê-lo. Essa consciência, que se estabeleceu nos primeiros vinte anos do século XX, foi muito importante, além de ser um passo fundamental no sentido da prevenção do desmembramento de aldeias em famílias independentes. Isto resultou na desaceleração do processo de integração socioeconômica dos Tenetehára com os brasileiros.

Até a situação de rixas entre famílias extensas nas aldeias tenetehára sofreu interferências do ocorrido em Alto Alegre. Tais rixas se resolviam com a saída de uma das famílias rivais, por exemplo. Como tinham expectativa de partilhar da cultura dos regionais, essas famílias terminavam por se mudar para perto de lugarejos e fazendas de brasileiros. Depois do episódio de Alto Alegre, quando as famílias em litígio mudavam para outro local, criavam extensão das aldeias ou fundavam uma aldeia nova, mas não mais buscavam se juntar aos brasileiros. A expansão Tenetehára se dera por esse padrão que, na época, voltava a ganhar força (GOMES, 2002, p. 279).

Como já não havia razões culturais para a aculturação e assimilação ao campesinato brasileiro, as razões econômicas já não poderiam ser tão importantes como antes. Nada havia na cultura agrícola dos brasileiros – à exceção da criação de gado – que fosse diferente da forma como os Tenetehára procediam. Os brasileiros produziam mais e possuíam mais bens manufaturados que os Tenetehára, mas as condições sociais desses campônios eram as de agregados que viviam nas terras do fazendeiro e repartiam o fruto de seu trabalho com o patrão. Os Tenetehára viviam em aldeias autônomas, eram donos exclusivos do produto de seu trabalho e tinham consciência dessa vantagem político-econômica, enquanto os campônios alimentavam a ilusão de superioridade social pelo fato de morar em casas de taipa, às vezes com alguma pintura, na sua religião cristã rural e sincretista com muitas crenças advindas, inclusive, de um passado indígena (GOMES, 2002, p. 279).

Apesar dessa consciência, os Tenetehára nunca romperam definitivamente o relacionamento com os brasileiros. Somente algumas aldeias se isolaram da convivência com os regionais até a década de 1920 (SNETHLAGE, 1931).

A rebelião do Alto Alegre é o marco diferencial entre os Tenetehára de Barra do Corda-Grajaú e aqueles do Gurupi. Snethlage, quando de sua visita à região em 1924, calculou a população tenetehára apresentando os seguintes números:

a) entre os Rios Mearim e Grajaú: 750 a 800 indivíduos (metade da população de 1896), deixando de fora 400 a 500 indivíduos que vieram da região entre os Rios Zutiua e o Buriticupu;

b) no Pindaré e no Baixo Zutiua: cerca de 1.500 índios;

c) no Gurupi e Capim: cerca de 1.100 tenetehára;

Ao todo havia cerca de 3.800 Tenetehára na 1ª década de 1920. Shnethlage escreve que havia 12 a 14 aldeias Tenetehára onde 24 anos antes havia 18. Sílvio Fróes de Abreu confirma os dados de Snethlage (Gomes, 2002, p. 280).

Apesar das contínuas epidemias de sarampo, varíola e malária, essa população Tenetehára se firmou no território reconquistado e continuou a crescer sem parar. A partir da década de 1960 seu número aumentou ainda mais e, por volta de 2000 era da monta de 8 mil pessoas, mais de dois terços da população Tenetehára total.

A atual Terra Indígena Guajajára-Canabrava onde estava localizada a missão do Alto Alegre, a Terra Indígena Urucu-Juruá, na beira do Rio Grajaú e Terra Indígena Bacurizinho constituem hoje o centro propulsor da afirmação étnica e da participação política dos Tenetehára. Como quisessem garantir esses territórios, acabaram por expulsar o povoado de São Pedro dos Cacetes, em 1996, que havia se instalado na Terra Indígena Guajajára-Canabrava desde a década de 1930 e, mais fortemente, a partir de 1960. São Pedro dos Cacetes com cerca de 2 mil e tantos habitantes e forte patronagem política regional lutava para se tornar município e controlar terras que eram, por direito, dos Tenetehára. O desejo dos capuchinhos de 1897 teria se tornado realidade caso São Pedro dos Cacetes chegasse a município, pois a área teria se tornado uma cidade de caboclos. Nesse sentido, a expulsão desse povoado pode ser considerada a última batalha da rebelião do Alto Alegre. Nesse caso, no dizer de Gomes (2002, p. 280), “a vitória foi dos Tenetehára.”

11.2.9 O Tempo do Serviço de Proteção ao Índio (SPI)

O Serviço de proteção ao índio foi criado pelo decreto 8.072 de 20 de julho de 1910 e inaugurado a 7 de setembro do mesmo ano, numa época em que já se vinha

buscando dar mais atenção à causa do índio (GOMES, 2002, p. 282). A questão indígena já vinha sendo objeto de discussão em vários setores intelectuais, sobretudo na Igreja do Apostolado Positivista Brasileiro, entre os positivistas em geral, no Museu Nacional do (RJ) e no Centro de Ciências, Letras e Artes (Campinas, SP). O assunto já era de interesse político e tinha alcance nacional.

O SPI, segundo Gomes (2002), iria fazer parte da política republicana de controle do território nacional e de abertura de novas terras à expansão agrícola. Os fundadores e organizadores do SPI esperavam estabelecer bases sólidas capazes de proteger os índios dos efeitos mais maléficos do relacionamento com a sociedade brasileira e de dar-lhes condições materiais para chegarem a um patamar mais alto em suas culturas.

11.2.9.1 O Serviço de Proteção ao índio no Maranhão

Um dos problemas mais seriamente enfrentados pelo SPI, criado no Maranhão em 5 de março de 1911, foram os problemas de escolha, definição, disputas e controvérsias sobre a demarcação das terras dos índios. A pacificação dos índios Urubu-Ka'apór eram a grande preocupação de Pedro Dantas, bem como do SPI e da sociedade regional. Esses índios aterrorizavam o oeste maranhense, especialmente os moradores e os Tembê-Tenetehára do Rio Gurupi. Os Tembê, por isso, foram deixados de lado e sofreram grande queda demográfica entre 1920 e 1949, passando de 1200 para setenta e poucos indivíduos, sem receberem a assistência devida.

O levantamento feito por Pedro Dantas, por volta de 1918, apresentava o seguinte resultado: 78 aldeias existentes no Maranhão com uma população total de 4.661 índios (1378 homens, 1328 mulheres, 1.104 meninos e 851 meninas). Nesse levantamento não estavam inclusos os Timbira (do Grajaú e Pindaré), os Guajá e os Ka'apór (entre os rios Gurupi, Maracaçumé e Turiaçu), mas incluía os Tenetehára que viviam no Baixo Grajaú, no município de Vitória do Mearim, índios que iriam ser esquecidos pelas autoridades desde então. Uma forma de saber como viviam esses índios é conhecer como funcionavam os postos indígenas de então.

Gomes privilegia as questões relacionadas com o estabelecimento dos postos indígenas, a ajuda econômica e a assistência à saúde, a forma de relacionamento desenvolvido com os índios e o papel de intermediação entre os índios e a sociedade

regional (GOMES, 2002, p. 288). As informações sobre cada um dos postos indígenas a seguir fundamentam-s na obra de Gomes (2002, p. 289- 330).

O Posto Indígena Gonçalves Dias (PI Pindaré)

O primeiro Posto Indígena, o Posto Indígena Gonçalves Dias, e o Primeiro Posto de Vigilância foram localizados na região do Pindaré e de Grajaú-Barra do Corda. O Posto Indígena Gonçalves Dias foi instalado na confluência do rio Caru com o Pindaré, nas proximidades de onde já estivera a Missão jesuítica de São Francisco Xavier (1726-1740) e a Colônia Januária (1854-1889) como se fosse a continuação de um relacionamento antigo e mal interrompido. Foi criado para ser um centro agrícola, como parte da política de localização dos lavradores daqueles anos primeiros de SPI.

Sua instalação se deu perto de onde estava o povoado de Santa Cruz, com algumas famílias de lavradores brasileiros. Para melhor atuação desse posto havia ao seu lado e ao seu dispor uma aldeia Tenetehára com algumas famílias indígenas.

As informações sobre os primeiros anos deste posto indígena são escassas, como do período inicial da 3ª Inspeção que vai até a década de 1940. Alguns arquivos locais foram descartados, outros foram extraviados (1996) de modo que quase nada restou que pudesse permitir uma análise melhor desse período. Os poucos documentos que restaram nas inspeções regionais foram coletados em meados da década de 1970 pelo antropólogo Carlos Moreira Neto, que criou um arquivo de documentação do que sobrou no Museu do Índio, do Rio de Janeiro. Com base nesses documentos e nos dados obtidos nos diários de campo e no livro de Wagley e Galvão e de informações próprias, Gomes (2002) traça um quadro sobre o 1º Posto do SPI no Maranhão.

O 1º encarregado do Posto Indígena Gonçalves Dias foi um homem de orientação positivista, o Sr. Luiz Riedel. Este fez um único relatório, datado de 31 de dezembro de 1914 no qual se dirige ao inspetor Pedro Dantas para relatar a instalação e funcionamento do seu posto, bem como para tratar do relacionamento com os Tenetehára da região e sua população.

Quanto à população Tenetehára sob sua jurisdição apresentou os seguintes dados: estimou em cerca de 1200 Tenetehára no vale do Pindaré: 200 no Alto rio Caru; 400 no Alto Rio Pindaré; 600 nas 15 aldeias da Estrada do Sertão (de Santa Inês, abeirando o Rio Zutiua, até a Aldeia do Presídio). Gomes faz um cálculo diferente.

Segundo ele, a população desses lugares seria de 1.700 índios, em que 2 mil seriam das aldeias do Buriticupu.

Entre as maiores preocupações do SPI percebidas no relatório de Riedel estavam: o controle da população indígena, os Tenetehára em primeiro lugar, depois os Urubu-Ka'apór, ainda não contactados, os Timbira e os Guajá. Esses povos viviam nas seguintes áreas: a) Ka'apór: em aldeias no Gurupi, a oeste e, a norte, nas cabeceiras do Rio Turiaçu; b) Timbira: um grupo em aldeias no Baixo Turiaçu (os Kreijé); o outro, a leste, com aldeias no Rio Grajaú; c) Guajá: havia vestígios da presença desses índios na Estrada do Sertão.

Segundo Gomes (2002), num relatório feito por Virgílio Bandeira, que esteve no P.I. Gonçalves Dias em 1925 e em 1928, a população Tenetehára era de 92 pessoas ou 28 famílias, às quais foram acrescentadas mais 28 Tenetehára em nove famílias, em janeiro de 1929.

Gomes (2002) ressalva que o relatório que José Mendes envia ao inspetor Virgílio Bandeira, dando informações sobre sua administração no ano de 1943 apresenta os seguintes números para a população Tenetehára: 1165 Tenetehára vivendo em 18 aldeias, numa média de 64 pessoas por aldeia. As aldeias arroladas por ele: Aldeia do Posto: 97 pessoas; Contra-Erva: 31; Rodagem: 54; Lagoa Comprida: 79; Tarupau: 55; Ilhinha: 53; Gabriel: 94; Grota: 62; Caruzinho: 125; Pau Santo: 52; Palmeira: 131; Batatal: 18; Limão: 33; Cigana: 42; Queimadas: 39; Pariranaua: 47; Jenipapo: 75; Tauari Queimado: 78.

A população tenetehára, segundo Wagley e Galvão, citando o censo de 1940 do SPI consistia de mais de 2000 tenetehára (300 a 400 nos Rios gurupi e Capim- este no Pará -; de 900 a 1000 no Rio Pindaré e na Estrada do Sertão e as demais nas 13 aldeias da região de Barra do Corda-Grajaú.

Em julho de 1951 o antropólogo Darcy Ribeiro esteve por 4 semanas no Posto Indígena Gonçalves Dias, esperando a chegada de índios Ka'apór para conduzi-los às aldeias do Rio Turiaçu com vistas à continuação de sua pesquisa entre esses índios. Ribeiro (1996, p. 299-333) mostra em seu diário que não lhe parecia que os Tenetehára estivessem a ponto de deixar de ser índios, ao contrário do que pensavam Wagley e Galvão.

Segundo Gomes (2002), em fevereiro de 1953 a população Tenetehára sob a jurisdição do Posto Gonçalves Dias era de 563 (pouco mais da metade da população da década anterior, sendo 233 homens, 215 mulheres, 68 meninos (de 12 anos) e 47

meninas. A população infantil era muito pequena, fazendo supor que deveria estar havendo um alto índice de mortalidade infantil. Em dezembro, no entanto, o número de Tenetehára sobe para 584, sendo 220 mulheres, 72 meninos e 59 meninas, confirmando-se, aí, um crescimento natural.

Durante a primeira metade da década de 1950, Edson Melo de Sá foi o novo chefe do posto indígena Gonçalves Dias. Segundo Gomes, era comum nessa época que os cargos de chefia fossem ocupados por funcionários que vinham dos escalões mais baixos, como serventes, enfermeiros ou motoristas.

Em 1958 o novo chefe era Júlio Tavares, o qual, em março de 1960, escreveu um relatório no qual descreveu detalhadamente a infra-estrutura material do posto Gonçalves Dias, embora tenha escrito pouquíssimo sobre os índios. Ainda neste período, por volta de 1960, Xerez trouxe os índios Timbira para viver com os Tenetehára, os quais viviam num clima de desconfiança mútua e às vezes com alguma agressividade. Eram algumas poucas famílias que vinham do Baixo Mearim – os antigos Pobzés e Crenzés. Xerez assim o fez, porque não tinha condições de instalar um posto para esses índios. Apesar dessa animosidade velada, não houve nenhum desentendimento tão grave que impedisse os Timbira de ajudar os Tenetehára de todas os modos possíveis nas demandas de expulsão de invasores e em outras necessidades.

Nessa seqüência de visitas aos Tenetehára, uma outra importante visita foi a de David Bendor-Samuel entre 1963 e 1965. David era um missionário inglês ligado ao Summer Institute of Linguistics (SIL). Esteve na área para pesquisar a língua Tenetehára com a intenção de aprendê-la e traduzir o evangelho. Visitou também os Tenetehára de Grajaú-Barra do Corda. Esse missionário foi testemunha de um período bastante difícil para os Tenetehára. Presenciou o arrendamento de lotes de terra a imigrantes para a plantação de roças de mandioca e arroz e o arrendamento de babaçuais para coleta e quebra de coco. O missionário persistiu na doutrinação religiosa após aprender a língua e conseguiu a adesão de 2 a 3 famílias Tenetehára.

Em agosto de 1963 a população do P.I. Gonçalves Dias estava reduzida a 252 Tenetehára e 22 Timbira, menos da metade da população de uma década atrás e um quarto da do início da década de 1940.

Por essa época já não havia mais aldeias na Estrada do Sertão e, no Alto Pindaré, sobreviviam não mais que umas poucas famílias Tenetehára cujas terras haviam sido tomadas para roças, centros agrícolas, povoados e fazendas por meio de grilagem. Em

ambas as margens do Pindaré até a confluência do Rio Caru, iam surgindo pequenos povoados com casas de pau-a-pique, cobertas de folhas de babaçu.

A progressiva derrubada de matas para fazer roças continuava e era tão intensa que se tinha a impressão de que as terras não tinham dono. Os Tenetehára, a essa altura, se concentravam nas aldeias do Krivivri. Olho d'Água e Faveira. A queda populacional também continuava e era causada pelas mortes naturais de adultos, pelo alto índice de mortalidade infantil e também pela intensificação do processo de assimilação de indivíduos Tenetehára pelo sistema sociocultural dos novos imigrantes gerada pelo desânimo dos Tenetehára com sua própria cultura. O SPI, por sua vez, era incapaz de sustar esse processo.

Os anos finais do SPI foram marcados por grande descrença, tanto por parte dos índios, quanto dos funcionários. Houve apenas um momento muito breve de reação que ocorreu com a reativação da velha escola indígena José de Anchieta com a ajuda da Sudene em outubro de 1964, mas essa animação foi frustrada.

Para os Tenetehára, a década de 1960 foi infeliz sob todos os pontos de vista de sorte que a lembrança que guardam desse período é das piores possíveis: tensão com os lavradores imigrantes, senso de abandono pelos chefes de posto, sensação de serem lesados por estes nos arrendamentos de terrenos para roças e nas áreas de babaçuais.

A população Tenetehára se estabilizou em torno de 250 pessoas. Os Timbira se sustentavam em 2 dezenas e em função dos casamentos com civilizados e dos nascimentos de mestiços.

Os Tenetehára continuavam a viver perto do posto, na Aldeia Kriviri, na Olho d'Água e em duas ou três moradas perto da rodovia, escolha estratégica com vistas a terem um melhor acesso às cidades de Santa Inês e Bom Jardim. Tinham como maneiras de subsistência a venda do coco babaçu, o arrendamento de babaçuais e lagoas pesqueiras, a plantação de roças e a caça. Um dos grandes problemas surgidos nesse momento foi o uso do álcool. Alguns índios passaram a beber com avidez e, por conta disso, havia mortes por atropelamentos quando do retorno das cidades.

Essa situação se perpetuou até o aparecimento da FUNAI. Pensou-se em extinguir o posto Gonçalves Dias, entregar a área para o estado e transferir os índios para a área entre o Rio Caru e o Pindaré, que estava em melhores condições de ser preservada. Isso só não ocorreu, porque houve uma reversão na curva demográfica dos Tenetehára a partir dos primeiros anos da década de 1970 e houve também a insistência

dos Tenetehára em ficar onde estavam. Foi justamente esses fatores que forçaram a FUNAI a demarcar a Terra Indígena Pindaré, em 1977.

Na década de 1920, o esforço maior do SPI em Barra do Corda foi com o processo de demarcação da área decretada pelo governo do estado aos Tenetehára. Alguns conflitos aconteceram entre índios e lavradores, porque algumas aldeias se recusaram a deixar suas terras para se transferir para dentro da área delimitada, daí a grande necessidade da vigilância para acompanhar todo o processo.

Na década de 1930 não houve acontecimentos ou eventos marcantes entre os Tenetehára de Grajaú-Barra do Corda, já que, não há documentos dessa época.

A vigilância de Barra do Corda, liderada por Raimundo Miranda, coordenava as atividades de vários funcionários e trabalhadores braçais que viviam em algumas aldeias indígenas. Na Aldeia São Pedro, localizada na beira do Rio Mearim, havia uma escola indígena, criada na década de 1920, cujo professor era um Tenetehára, o professor Felipe Boni. Com seu trabalho, foi possível a alfabetização de mais de uma centena de Tenetehára até sua morte em 1948.

11.2.10 A Funai e sua atuação no Maranhão

A Funai foi criada pelo Decreto-lei nº 5.371 de 5 de dezembro de 1967. Esta não teve uma atuação tão diferente da do antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI). Transferida do Ministério da Agricultura para o Ministério do Interior, a Funai experimentou, no início de sua implantação, considerável apoio financeiro, decaindo, no entanto, tal apoio, nos anos subseqüentes.

Entre as mudanças operadas quando da passagem do SPI para a Funai consta a seguinte: as inspetorias regionais do SPI passaram a ser chamadas de Delegacias, denominação bastante compatível com o militarismo que se vivia àquela época. Cada uma dessas delegacias encarregava-se de coordenar as ações dos postos indígenas e gerenciar os problemas mais significativos dos índios.

Com o novo órgão foi disponibilizada aos índios a presença de um corpo médico-odontológico que visitava esporadicamente as aldeias e os postos indígenas. Cada posto indígena contava com um chefe de posto, um auxiliar de enfermagem e uma farmácia, um técnico agrícola, um professor de 1ª a 4ª séries e um ou mais serviçais para cuidar dos serviços gerais.

Com a Funai, os índios também passaram a contar com um setor jurídico que os representava em juízo, sendo criadas também, nessa época, as Casas do Índio. Esta também promoveu cursos de formação de indigenistas a partir de 1971, os quais com o tempo, ascenderam ao cargo de sertanistas.

Na avaliação de Gomes (2002, p. 334), a Funai melhorou o que foi deixado pelo SPI, mas não foi menos problemática no que diz respeito ao uso do poder.

No que diz respeito à atuação da Funai no Maranhão, esta enquanto órgão substituto do SPI, causou estranheza aos índios do Maranhão os quais não entenderam tal substituição uma vez que não percebiam a decadência do SPI.

Com as paulatinas mudanças operadas pela Funai, em janeiro de 1969, a 3ª Inspeção do SPI passou a ser uma Ajudância semelhante à Ajudância de Barra do Corda sem que os índios percebessem motivos aparentes para tal mudança. No ano seguinte, no entanto, a Ajudância de Barra do Corda elevou-se ao nível de delegacia, tornando-se a 6ª Delegacia Regional da Funai (Gomes, 2002, p. 340). A Ajudância de Barra do Corda foi mantida e renovada com mais verbas para cuidar dos índios Tentehára, Canela, Ramkokamekra e Apanyekra e os Timbira-Krepumkateyé de Barra do Corda e da beira do Grajaú.

Os nomes de posto foram substituídos: o Posto Gonçalves Dias ganhou o cognome de P.I. Pindaré; o P.I. Tenente Manuel Rabelo passou a se chamar P.I. Guajajara; o P.I. Brigadeiro Eduardo Gomes ganhou o nome de P.I. Canabrava e o P.I. Araribóia recebeu o nome de P.I. Funil. Os índios Gavião e Krikati iriam ter seus próprios postos e novos postos seriam criados a partir de 1973 para os Tenetehára da Terra Indígena Caru, no Alto Pindaré e mais 2 foram criados para os Tenetehára da terra indígena Guajajara-Canabrava, o P.I. Coquinho e o P.I. Barreirinha, ambos nos limites da BR-262 que consta naquela área indígena. A justificativa principal para a criação de novos postos indígenas na década de 1970 era de ordem estratégica para fortalecer a posição dos índios e Funai, para a demarcação de terras e preservação de seus limites contra invasores atraídos pelos investimentos econômicos na região. Na década de 1980 a criação de novos postos indígenas justificava-se na consciência vaga do crescimento da população Tenetehára e na formação de novas aldeias que exigiam do órgão algumas medidas de assistência.

A 6ª Delegacia Regional

O primeiro delegado da 6ª Delegacia Regional da Funai foi o Tenente-coronel Armando Perfetti que ficou dois anos no posto (1970-1972) e depois mais três anos consecutivos (1977-1979). Nos primeiros anos da década de 1970, não era de praxe a política de demarcar terras indígenas e sim de resolver problemas pendentes ainda que à revelia dos interesses dos índios. Assim, Perfetti tentou de diversas maneiras que os Tenetehára acatassem a presença dos povoados São Pedro dos Cacetes e Alto Alegre para que os Tenetehára do P.I. Pindaré abrissem mão das terras do Baixo Pindaré e se transferissem para as terras do Rio Caru, onde um novo P.I. estava sendo instalado, ou para as terras do P.I. Araribóia, onde teriam condições de viver com mais tranquilidade. Perfetti não conseguiu seu intento: os índios insistiram em continuar onde estavam.

Com tantas questões por resolver, em 1983 os Tenetehára do Maranhão demonstraram insatisfação com a 6ª Delegacia Regional da Funai, especialmente pelo não cumprimento de promessas ligadas à saúde, educação e terra, intentaram esforços no sentido de terem um indígena na liderança da Delegacia de modo que conseguiram nomear o mestiço Pedro Marizê, um mestiço Tenetehára da aldeia Bacurizinho para liderar a 6ª Delegacia Regional. O feito trouxe-lhes orgulho cultural, mas não resolveu seus principais problemas.

A luta principal que se seguiu a esse período consistiu na luta pela demarcação das Terras Indígenas do Maranhão, conseguidas, principalmente, pela parceria entre o estado brasileiro – luta iniciada com o SPI e finalizada com a participação da Funai – e o esforço dos próprios índios.

Segundo Gomes (2002, p. 421), as Terras Indígenas dos Tenetehára do Maranhão somam - excluindo-se a Terra Indígena Alto Turiaçu – 846.000ha. Após intensa espera e luta, os Tenetehára conseguiram a demarcação de significativa parte dos territórios onde habitavam nos meados do século XX.

Os Tembê-Tenetehára enfrentaram luta semelhante. A Reserva Indígena Alto rio Guamá foi criada pelo decreto 307 de 21.03.1945 na gestão de Joaquim Magalhães Barata, Interventor Federal na época (SALES, 1999, p. 16). Participaram do processo o estado brasileiro – por meio do SPI – o Interventor Federal, os prefeitos de Ourém e Vizeu, os proprietários formais de terras na área, os colonos nordestinos e os índios.

A superfície da reserva compreendeu 279.897,70ha somando um perímetro total de 366.292,90 metros (FUNAI – DF, 1992, *apud* SALES, 1999, p. 11) e é banhada em

seu curso alto pelos rios Guamá – limite natural ao norte – Gurupi – limite natural ao sul na divisa Pará-Maranhão – e os rios Piriá Coararici-Paraná que cortam a reserva. As terras dessa reserva localizam-se nos municípios de Santa Luzia do Pará, Nova Esperança do Piriá e Paragominas.

À época da pesquisa de Sales, a população Tembé-Tenetehára total da reserva era de, aproximadamente, 800 indivíduos, distribuídos em 22 aldeias, 11 das quais localizadas no Alto rio Guamá e 11 no Alto rio Gurupi (SALES, 1999, p. 15).

Conforme Sales (1999, p. 34), a criação da Reserva Alto Rio Guamá está relacionada a três fatores principais que não podem ser esquecidos para o entendimento do seu significado: a) a criação do município de Capitão Poço; b) a migração de nordestinos para o nordeste paraense; c) a saturação da zona bragantina como espaço anterior à Guajarina.

Como a área da reserva não correspondeu ao espaço que era efetivamente ocupado pelos índios, foi necessário o empreendimento de esforços por parte do SPI a fim de convencer os índios a mudarem de suas antigas aldeias para ocupar a nova área demarcada. De acordo com Sales (1999, p. 47), “Para os índios, esse foi um momento de dispersão, confusão e morte.” Isso adveio da insatisfação com a nova área delimitada, o que levou alguns a não se submeterem à ordem de mudança, migrando, alguns, para Ourém ou para povoados próximos, outros permaneceram no antigo território e outros, ainda, migraram para o Gurupi ou Grajáú. A criação da reserva significou uma redefinição da forma de relação dos índios com a terra e com os outros grupos na área. Além da visita de familiares, das trocas de bens de uso e intercâmbio de habitação, houve a novidade da ativação do comércio de peles oriundas do Gurupi.

A partir dos anos 60, os Tembé-Tenetehára enfrentaram sérios problemas com a invasão à reserva indígena. Depois de graves conflitos, em 1972, a Funai providenciou a demarcação da reserva, trabalho desenvolvido sob a cobertura da polícia (SALES, 1999, p. 54), o qual foi suspenso por pressão de empresas particulares que não aceitavam a linha demarcatória. A demarcação foi reiniciada em 1974, sendo novamente interrompida e mais tarde reiniciada e concluída em 1976, porém não homologada. O que se seguiu foi uma sucessão de novas invasões, inclusive, no interior da reserva, com abertura de estradas no meio da reserva. Isso resultou em muitos conflitos, situação que até hoje ainda não se resolveu completamente.

11.3. Considerações gerais

Neste capítulo procuramos sintetizar as principais informações sobre a história do povo Tenetehára reunidas na obra de Mércio Pereira Gomes (2002). Como observado na introdução deste capítulo, embora tenhamos tido acesso a parte importante da documentação relativa aos Guajajáras, Turiwára e Tembé, optamos por privilegiar o conteúdo da obra de Gomes (2002), sobretudo para não incorrer no erro de duplicar esforços e informações, quando estas já foram devidamente levantadas e organizadas. Ressalvamos que, no histórico ora apresentado, incluímos informações não completas em Mércio (2002).

Os dados reunidos neste capítulo fundamentam algumas das hipóteses que defendemos ao longo desta tese, dentre as quais, as de que o povo Tenetehára (a) foi o primeiro povo Tupi-Guaraní setentrional a deslocar-se mais longe na direção leste, (b) foi um que vivenciou forte contato com outros povos falantes de línguas Jê, mas também com falantes de outras línguas Tupi-Guaraní, de forma que, similaridades lingüísticas do Tembé e do Guajajára com línguas do interflúvio Tocantins-Mearim podem ter resultados desses contatos. A história dos índios tenetehára é, notadamente, uma história de resistência. Sobreviveram a 400 anos de contato forçado com não-índios, que os levou a vivenciar circunstâncias adversas que poderiam ter levado à sua total destruição – surtos epidêmicos, diferentes políticas contrárias à sua integridade física e cultural.

Ao longo de mais de 400 anos de relacionamento interétnico os Tenetehára têm contrariado prognósticos de que a essa altura já estariam completamente assimilados à cultura regional, não obstante o tratamento a eles dispensado sempre ter sido o de encaminhá-los para a integração, de uma forma ou outra, à sociedade regional. O fato de haver índios dessa etnia que ainda falam a língua são os sinais da grande resistência que esse grupo teve para se manter dinâmica e, ao mesmo tempo, coesa.

De particular interesse para nosso estudo é analisar de que modo o percurso histórico feito por esse povo foi determinante para as modificações que sua língua sofreu ao longo desses anos. Igualmente fundamental é verificar o tipo de impacto lingüístico que o contato com a língua dominante dos regionais exerceu sobre as duas línguas do povo Tenetehára, bem como aquele exercido pelas línguas de outros povos indígenas com os quais tiveram contato ao longo de sua história.

Este traçado histórico mostra que a sociedade não indígena com a qual os Tenetehára entraram em contato foram os portugueses, os brasileiros e os negros quilombolas. Os povos indígenas com quem travaram contato foram os Urubu-Ka'apór, os Amanajó (ou Amanajé), os Guajá e os Timbira. Sendo os Amanajé do mesmo sub-ramo dos Anabé, dos Araweté e dos Asurini do Xingu, como propõem Rodrigues e Cabral (2002), justificam-se as semelhanças que unem o Tembé a essas línguas, semelhanças que são, muito provavelmente, resultantes de contato lingüístico. As semelhanças do Tembé e do Guajajára com o Guajá podem ter-se dado também por meio de contato lingüístico, mas provavelmente, por interferência das primeiras sobre o Guajá.

Na pesquisa de Wagley & Galvão (1961) sobre os índios Tenetehára esses autores prognosticaram que essa etnia completaria seu processo de assimilação à cultura regional em poucas gerações, posição que mais tarde seria revista pelo próprio Galvão. A resistência Tenetehára tem mostrado o contrário. Segundo Ribeiro (1996, p. 485-486), em sua análise sobre a possibilidade de assimilação dessas etnias à sociedade nacional, nessa relação “o que prevalece é uma acomodação penosa que concilia certa participação na vida nacional com a perpetuação da identidade étnica discrepante.” E conclui:

“Assim é que o índio civilizado, ao término de sua história aculturativa e apesar de todas as suas transfigurações étnicas, se vê diante de uma barreira construída dentro e fora dele que o condena a permanecer indígena. Nenhum grupo pôde escapar a essa realidade. Só através da fuga individual se pode sair dela, mimetizando-se em ‘não índio’, se esta simulação não chega a ser percebida e denunciada.

Entretanto é de se supor que uma mudança revolucionária na estrutura social global, que altere radicalmente a composição de classe e as normas compulsórias de contingenciamento da força de trabalho, erradicando desse modo as bases sociais da discriminação e do preconceito, possa transfigurar tanto os brasileiros quanto aos índios. Nesta nova ordem de relações interétnicas, o índio civilizado tanto poderá viver em liberdade seu destino de microetnia, porque liberto das perseguições e da odiosidade que hoje o oprimem; como poderá romper, eventualmente, com sua identificação étnica para mergulhar na etnia nacional” (Ribeiro, 1996, p. 486).

A história dos Tenetehára não se encerra aqui e, conforme Gomes, no que respeita à demografia desses índios, esta ainda se encontrava em processo de transformação que ainda não eram passíveis de discernimento. Dessa forma as previsões poderiam ser várias, mais ou menos esperançosas e, para o autor: “Como meta mais esperançosa é provável que os Tenetehára chegarão a 30 mil indivíduos por volta do ano de 2025 (GOMES, 2002, p. 548).”

CAPÍTULO 12 - SEGUINDO PISTAS PRÉ-HISTÓRICAS DA LÍNGUA TENETEHÁRA: UMA HIPÓTESE SOBRE SUA ORIGEM

12. Introdução

Nesta tese de doutorado comparamos aspectos do léxico, da fonologia e da gramática das duas línguas faladas pelo povo Tenetehára - o Tembé e o Guajajára - para identificar, por um lado, em que elas se assemelham e, por outro lado, em que se distinguem. O estudo levou ao aprofundamento de alguns pontos que permaneciam obscuros no conhecimento lingüístico dessas línguas e trouxe elementos adicionais para o entendimento das diferenças entre elas. Essa incursão no Tembé e no Guajajára nos permitiu também o aprofundamento da descrição de vários aspectos dessas duas línguas, de modo que foi muito importante a identificação de algumas de suas características em comum com línguas que não fazem parte do sub-ramo em que foram classificadas. Algumas dessas características apresentam correspondências em línguas do sub-ramo VIII, outras em línguas do sub-ramo V, mas outras fazem o Tembé e o Guajajára mais próximo das línguas do sub-ramo IV, em que foram classificadas por Rodrigues (1985).

12.1 Semelhanças entre as línguas Tenetehára e as línguas do sub-ramo IV

12.1.1. Fonologia

Fonologicamente as línguas Tenetehára se assemelham mais às línguas do sub-ramo IV, como o Asuriní do Tocantins, o Parakanã e o Suruí, pois perderam a nasalidade que se associava a vogais acentuadas e que se projetava através de fronteiras morfológicas. São, também, mais semelhantes às línguas do sub-ramo IV por terem mudado os reflexos do PTG */j/ para /d/ ou /z/, porém mantendo pronúncias [dʒ] em alguns contextos, o que mostra que as duas línguas Tenetehára seguiram caminhos paralelos aos de línguas como o Suruí em que os reflexos atuais do PTG */j/ são /s/, distinguindo-se do Guajajára /z/ apenas com respeito à sonoridade. Ressaltamos que a

existência de /d/ em Tembé mostra que, quando esta língua se separou do Guajajára teria tido muito provavelmente uma africada /dz/ como reflexo do PTG *j, mas com alguns reflexos [dʒ] diante de vogais altas, /i/, /i/, /u/. Este som, [dʒ], eliminou, em seguida, o gesto de soltura, no Tembé, tornando-se totalmente oclusivo (dz > d Tembé) e enfraquecendo a oclusão, transformando-a em fricção em Guajajára (dz > z Guajajára). Outro aspecto fonético que faz as duas línguas Tenetehára fonologicamente mais próximas das línguas do sub-ramo IV é a mudança sistematicamente ocorrida do PTG *pw > kw, dado que em línguas dos sub-ramos V os reflexos do PTG *pw guardaram o traço labial e nas línguas do sub-ramo VIII a mudança de PTG *pw > kwa foi apenas parcial, tendo as línguas deste sub-ramo adotado outras estratégias para manter a labialização (Cabral, comunicação pessoal). A mudança do PTG */t/ para [tʃ] diante de /i/ também torna esta língua mais próxima de línguas do sub-ramo IV, embora línguas do sub-ramo V também apresentem esta última mudança, exceto o Tapirapé (cf. Solano 2009).

12.1.2 Morfologia

As duas línguas Tenetehára são curiosamente conservadoras com respeito à semântica dos morfemas derivacionais, mas inovadoras com respeito ao status gramatical dos morfemas que carregam esses significados. Isso significa que as duas línguas mantêm as formas fonológicas de morfemas derivacionais do PTG, mas mudaram, em sua maioria, o status gramatical de sufixo para partículas. Esses são os casos dos sufixos *wer* ‘agente habitual’, *kwer* ‘coletivo’, *ram* ~ *wan* ‘projetivo’, *kwer* ‘retrospectivo’, *kar* ‘causativo-prepositivo’, entre outros.

Mas quanto à retenção funcional dos morfemas, as duas variedades são bastante conservadoras, inclusive por manter um coletivo *kwer* < PTG *-*kwer* e um nominalizador de agente habitual *wer* do PTG **tswer*, este desaparecido da grande maioria das línguas setentrionais.

O Tembé e o Guajajára são também conservadores por manter ativos reflexos dos prefixos derivacionais do PTG *-*emi* ‘nominalizador de nome de objeto’, *-*je*- ‘reflexivo’ e *-*jo*- recíproco.

Quanto à morfologia flexional verificamos uma redução na morfologia casual, com a perda quase total dos reflexos do caso argumentativo do PTG *-*a*, que se mantêm

em algumas posições sintáticas, mas cuja obrigatoriedade não é mais convincentemente sistemática. Houve também perdas significativas nas realizações do caso locativo *-pe* ~ *-me* ~ *-ipe* ~ *-ime*, ainda consistente na fala de falantes Tembé da variante mais conservadora, mas reduzidos a *-pe* na fala da maioria dos falantes das duas variedades.

Finalmente, o caso translativo *-ramo* ~ *-amo*, embora continue ativo, foi a fonte do atual morfema associativo do Tembé *iruramo* ~ *iramo*, resultado da combinação de *iru* ‘companheiro’ mais ‘*-ramõ* caso translativo.

Com respeito à morfologia casual, as duas variedades Tenetehára são inovadoras e diferenciam-se tanto das línguas do sub-ramo IV quanto do Asuriní do Xingú (sub-ramo V) e do Guajá (sub-ramo VIII), ficando mais parecidas com o Ka’apór (sub-ramo VIII), uma língua em que o sufixo TG que marca o caso argumentativo e os demais sufixos casuais desapareceram, mesmo a língua tendo mantido consoantes finais.

Quanto ao sistema pessoal do Tembé, verifica-se ser esta língua conservadora em vários aspectos. Por um lado mantém vestígios de combinações *a-pu* e *uru-pu* para expressar as relações entre agente de primeira pessoa e paciente de segunda pessoa plural, o que combina com o Asuriní do Xingu e com as línguas do sub-ramo VIII localizadas ao norte do rio Amazonas, mas também com o Kaiowá, o que constitui evidências de uma antiga estratégia de expressar relações entre agentes e pacientes na família Tupí-Guaraní (ver Cabral 2001). Apenas uma das línguas do sub-ramo IV mantém reflexos dessa combinação, o Tapirapé, em que em *ãpa*, o fonema /ã/ nasalizado vem de um PTG **a* e o último fonema /a/ vem de um PTG **ɔ*, o que leva à reconstrução de um estágio anterior do Tapirapé, em que a forma era *a-pɔ*, em que o prefixo de primeira pessoa sujeito se combinava com um prefixo *po*. Veja que a atual forma *ãpa* do Tapirapé é, segundo Cabral (2001), crucial para demonstrar que também nessa língua as relações entre um agente de primeira pessoa e um paciente de segunda eram expressas pela combinação de prefixos pessoais sujeito *a-* ou *oro-* (agente) com o prefixo *-pu* (paciente). Este último é o que Cabral associa ao antigo nome Tupí-Guaraní *poro* ‘genérico e humano’, inclusive ainda sobrevivente em Tembé.

A expressão dessas relações entre agente e paciente no Guajajara e no Tembé sugere que, na época em que os falantes do Tenetehára se separaram do seu grupo original, eram essas as estratégias existentes. Como o Tapirapé, o Asuriní do Xingu e as línguas do sub-ramo VIII que se encontram ao norte do rio Amazonas mantêm reflexos dessas estratégias, o que fortalece a idéia de que a separação do Tenetehára das demais línguas deve ter-se dado há muito tempo, talvez quando as línguas do sub-ramo IV

ainda estavam se desmembrando em línguas diferenciadas e ainda estavam próximas temporalmente das línguas dos sub-ramos V e VIII.

Outro aspecto do sistema pessoal do Tenetehára que chama a atenção é a retenção de resquícios de prefixos correferenciais em formas verbais intransitivas posicionais que ocorrem principalmente como modificadores de predicados nucleares (CARVALHO, 2001). Como mostramos na presente tese, as duas línguas Tenetehára ainda mantêm *te-* ~ *t-* ‘1corr.’ e *e-* ‘2corr.’. A forma *te-* é também a forma da primeira pessoa correferencial em Asuriní do Xingu (Monserrat 1988, Solano e Cabral 2006), em Anambé (2005) e em Araweté (Solano 2009). A maioria das línguas do sub-ramo VIII mantêm apenas o correferencial de terceira pessoa, mas o Guajá mantém um *t* inicial em formas de alguns verbos posicionais que podem ser reflexos do *t* presente em formas correferenciais de primeira pessoa nas línguas setentrionais. Note-se que a forma da primeira pessoa correferencial em Asuriní do Tocantins e em Parakanã é *wet-* ~ *w-*, mas as línguas do sub-ramo V têm *te-*, como em Tembé. Por outro lado, Boudin (1966) registrou as formas *i-* e *it-* para a primeira correferencial do Tembé, o que sugere que o Tenetehára teria tido a forma *wet-*, que teria mudado para *et-* e , em seguida, por meio de metátese, a forma *et-* teria mudado para *te-*, mas algumas ocorrências de *et* teriam mudado para *it-* e posteriormente para *t-*. Essa é a explicação para as formas presentes em Asuriní do Xingu, em Araweté, em Anambé, em Tenetehára e também nas formas de primeira pessoa de partículas posicionais do Guajá.

Os dados de Boudin sugerem que essa mudança de *it-* ou de *et-* para *te-* em Tenetehára não é tão antiga, de forma que a presença de *te-* em Tenetehára pode ter resultado de mudança independente ou pode ter resultado do contato de falantes Tenetehára com falantes de línguas do ramo V. A antiga presença dos povos Anambé, Amanajé e Ararandewára entre o Tocantins, o Capim e o Moju sugere contatos intermitentes entre falantes dessas línguas do sub-ramo V com falantes Tenetehára e Guajá.

Ainda com respeito à codificação de pessoa, a presença de um prefixo *ti-* de primeira pessoa inclusiva em Tembé e em Guajajára evidencia o caráter bastante conservador dessas duas línguas, embora atualmente a forma *ti-* tenha perdido a sua funcionalidade original que era a de se combinar exclusivamente com verbos transitivos (Cabral e Silva em preparação). A presença de *ti-* é encontrada apenas em línguas do sub-ramo VI e em línguas do sub-ramo VIII localizadas ao norte do Amazonas (Jensen 1988, Rose 2003, Cabral 2009). A presença desse morfema em Tenetehára sugere que

os ancestrais dos Tembé e dos Guajajára teriam se separado de seu grupo original há bastante tempo e que, nessa época, o Tenetehára teria preservado essa forma, enquanto os seus parentes mais próximos a teriam perdido.

Trataremos agora de duas formas pessoais das línguas Tenetehára de particular importância, embora elas não sejam prefixos flexionais, enquadram-se no sistema de codificação de pessoa. Há em Tembé e em Guajajára a presença da forma *pe* que ocorre quando uma segunda pessoa age sobre uma primeira pessoa. Essa forma aproxima o Tembé do Asuriní do Tocantins, do Parakanã e do Suruí, já que o Tapirapé e o Asuriní do Xingu preservam reflexos de PTG **(e)jepe* e **pejepe*, respectivamente ‘2’ e ‘23’ usados quando uma primeira pessoa é paciente.

Retomando a morfologia flexional, há que ser destacada a mudança muito interessante em processo nas duas línguas Tenetehára, que diz respeito à reanálise da forma *kwaw* como partícula de negação. Há, atualmente, duas estratégias de negação de predicados processuais, uma com o sufixo *-i* e outra com a partícula *kwaw*. Ora, a combinação de um predicado com *kwaw* só ocorre quando o falante exprime uma proibição, mas uma simples negação se faz com o antigo sufixo *-i*. A explicação histórica a que chegamos (Silva e Cabral, em preparação) é a de que *kwaw* é um dos reflexos do PTG **-kuaaβ* ‘saber/poder’ que em estágio anterior das duas variedades combinava-se com qualquer verbo para lhe atribuir uma modalidade deôntica ‘poder/saber X’. Como o sufixo de negação Tenetehára começou um processo de apagamento, atualmente já centenário, seguindo *w*, desapareceu quase que totalmente depois de *w*. Este fato somado à reanálise de uma antiga composição como sendo dois morfemas justapostos, levou ao uso de *kwaw* em construções antes negadas pelo sufixo de negação *-i* a ser reanalisado como uma marca de negação proibitiva ou de impossibilidade absoluta. Trata-se de uma mudança que faz do Tembé e do Tenetehára uma das variedades da Língua Geral Amazônica (Cabral e Silva, em preparação), únicas na família Tupí-Guaraní.

Quanto ao morfema de subjuntivo, este foi drasticamente reduzido. Várias línguas da família têm *-ramo -amo* e outras têm *-rame ~ -ame*. É interessante notar que as línguas do sub-ramo IV e o Asuriní do Xingu do sub-ramo V têm *-ramo ~ -amo* como sufixo do subjuntivo *-rame ~ -ame* como uma marca de aspecto perfectivo recente, mas no Tembé e no Guajajára a forma correspondente ao subjuntivo é *mehe*. Isso mostra duas divergências do Tenetehára com respeito às outras línguas. Por outro lado, apresentamos a hipótese de que em um estágio anterior das línguas setentrionais o

subjuntivo no sub-ramo IV teria sido expresso por *-rame* ou *-ramo*, mas que grupos de línguas diferentes optaram por uma ou outra forma, tendo o Tenetehára optado pelo morfema *-rame*. Há também a hipótese de que foi o morfema *-rame* que deu origem ao atual morfema *mehe* das línguas Tenetehára e que tenha sido resultado de influência do Tupinambá setecentista ou mesmo da Língua Geral Amazônica, já que, inclusive o Araweté e o Anambé, têm reflexos de *-rame* como morfemas de subjuntivo. Cabral et al. (2007) propõem que a presença de partículas que marcam o subjuntivo nessas últimas línguas teria sido resultado de contato entre elas e a Língua Geral Amazônica no interflúvio Tocantins-Mearim. Algumas conclusões a que chegamos quanto à expressão dos modos gerúndio e subjuntivo foram as seguintes:

- O Tembé e o Guajajára foram as línguas que mais inovaram na morfossintaxe das línguas do sub-ramo IV, considerando que há ainda línguas que não foram até o presente documentadas com profundidade, como o Suruí, por exemplo.
- O Tembé e o Guajajára tornaram-se mais analíticos desenvolvendo partículas a partir de antigos sufixos.
- Embora as duas variedades Tenetehára tenham inovado subversivamente, ainda assim preservaram aspectos originais de suas regras e princípios.
- O Tembé e o Guajajára compartilham algumas mudanças com o Guajá, como o desenvolvimento de uma partícula de gerúndio e de uma partícula de subjuntivo com características funcionais e fonológicas similares.
- O Guajajára se sobressai, em vários aspectos, nas expressões modais como mais inovador e criativo do que o Tembé.
- Formas fonológicas de morfemas do Tenetehára destacam-se como relíquias no ramo setentrional.
- Há evidências morfossintáticas de que o Guajajára é mais diferenciado do Tembé.

12.1.3 O sistema de Dêiticos

O estudo mostrou que as línguas Tembé e Guajajára diferem muito pouco quanto aos traços semânticos de cada um dos seus dêiticos. A principal diferença reside no fato de que, em Guajajára, os dêiticos *akwej* ‘distante, +/- visível, + movimento e afastando-se’ e *kwej* ‘+ visível, + movimento e aproximando-se’ diferem dos correspondentes dêiticos em Tembé, porque nesta língua a forma *akwej* não apresenta o traço ‘distanciando-se’ nem a forma *kwej* o traço ‘aproximando-se’.

Quanto à proximidade do sistema de dêiticos Tenetehára com sistemas de dêiticos de outras línguas Tupí-Guaraní, concluímos que as línguas dos sub-ramos IV, V e VIII são bastante tradicionais quanto ao uso de dêiticos locativo-espaciais, o que torna difícil utilizar essa parte da gramática como critério distintivo no diagnóstico de graus de relações genéticas entre as línguas desses sub-ramos. Mas, por outro lado, há detalhes que sugerem pelo menos que o Tenetehára se associa mais a línguas do sub-ramo IV.

Verificamos que as duas línguas Tenetehára, além de possuírem dêiticos que fazem referência a posições/formas combinam esses dêiticos com verbos posicionais e, ainda, com partículas posicionais. Estas últimas derivadas historicamente de antigas formas posicionais combinadas com vestígios de antigos morfemas de gerúndio, como são os casos de *tenə* ‘sentado’, *tuj* ‘deitado no chão’, *tupə* ‘deitado na rede’, *zaike* ‘pendurado’. Este é um desenvolvimento paralelo ao desenvolvimento observado em Ka’apór, em que existem partículas de posição: *ĩ* ‘de pé’, *ĩj* ‘vertical’, *hĩ* ‘assentado’.

12.1.4 Tempo, aspecto e modalidade

Os resultados a que chegamos neste estudo quanto às expressões de tempo, aspecto e modalidade em Tembé e em Guajajára, mostram que, a esse respeito a expressão de modalidade epistêmica e alética das duas línguas são mais próximas das línguas do sub-ramo IV. Quanto às expressões de aspecto, elas se assemelham mais à língua Tupinambá.

12.1.5 O léxico Tembé e Guajajára

Mostramos neste estudo que, embora o Tembé e o Guajajára compartilhem a maior parte de seus respectivos léxicos, mesmo assim há diferenças notáveis. A comparação de parte do léxico dessas duas línguas com línguas de três sub-ramos da família Tupí-Guaraní deixou claro que as duas línguas são mais próximas das línguas do sub-ramos IV e, em vários aspectos, aproxima-se mais do Tapirapé. Por outro lado, os itens lexicais que compartilha com línguas do sub-ramo VIII são claramente devido a empréstimos das línguas que compartilham a mesma grande área em que os falantes do Tembé e do Guajajára vivem há mais de quatro séculos.

12.1. Bases etno-históricas

Gomes (2002) ressaltou diferenças fundamentais entre os Tupinambá e os Tenetehára, como a prática do ritual canibalista Tupinambá que era motivado tanto por guerra quanto por manifestação religiosa (FERNANDES, 1963, 1970), ao passo que não se tem notícias desse tipo de manifestação cultural entre os Tenetehára.

Os Tenetehára, como exposto por Gomes, possuíam população menos numerosa do que os Tupinambá e, em geral, essa população ficava restrita a uma região mais ou menos delimitada. Seu sistema de organização política caracterizava-se por aldeias autônomas, com liderança localizada, o que não lhes permitia grande coesão política, o oposto da organização dos Tupinambá.

Já mencionamos anteriormente que os Tenetehára foram induzidos a descer o Rio Pindaré para fazer parte da missão jesuítica instalada às margens do Lago Maracu, décadas após o massacre perpetrado por Bento Maciel Parente e outras entradas oficiais. A pressão exercida pela concepção jesuítica de transformar a cultura indígena numa cultura cristã, ou, no mínimo, cristianizada, levada a efeito pela estratégia de juntar povos indígenas diferentes com o fim de fragilizar-lhes a integridade étnica, teve como resultado a necessidade de alguma forma de auto-afirmação por parte dos Tenetehára.

Gomes ressalta que embora a missão de Maracu tenha sido criada com maioria de índios Tenetehára, foram levados para lá índios Tupinambá da Ilha de São Luís, de Pernambuco, e da Serra do Ibiapaba. Os Tupinambá, já conhecedores dos modos

jesuíticos e da prática dos portugueses, foram os que cristianizaram os Tenetehára, servindo de base experimental para as missões jesuíticas desde a segunda metade do século XVI, na Bahia e em São Paulo, onde floresceram as primeiras missões. Viver sob tais circunstâncias foi o grande desafio imposto aos Tenetehára. Uma importante circunstância que favoreceu os Tenetehára em sua luta pela sobrevivência foi o fato de a Missão de Maracu bem como as de São Francisco Xavier ou Carará, e ainda Acarará, que arregimentaram os Tenetehára entre 1653 e 1759 não terem conseguido controlar a totalidade de sua população. Isso permitiu que uma grande parte de índios Tenetehára – o segmento maior, segundo Gomes (2002, p. 52) - ficasse fora do controle dos jesuítas, habitando nas matas do Rio Pindaré. Esses índios mantinham contato com os demais índios aldeados e há fortes indícios de que foram esses índios que preservaram a base populacional, étnica e cultural, gerando estímulo para que os índios missionados se mantivessem Tenetehára. Esta situação é o ponto central no qual se apóia a hipótese de Gomes.

Considerando esse convívio intenso dos Tenetehára com os Tupinambá, é muito provável que a língua Tupinambá falada no Maranhão tenha exercido influências no Tenetehára, tanto lexicais quanto gramaticais. A migração Tenetehára a partir do Pindaré, nos séculos XVIII e XIX, teria tido a seguinte sequência, segundo Gomes: a) do Alto Pindaré para o Gurupí – nessa migração ocuparam quase toda sua extensão até o seu curso onde viviam quilombos negros; b) do Médio Pindaré para o leste e daí para o Baixo Grajaú (LAGO, 1872, p. 413- 421 *apud* GOMES, 2002) e Paula Ribeiro (1841, p. 194 *apud* GOMES, 2002), depois subindo o Rio Grajaú e passando para a Bacia do Rio Mearim; c) Do Alto Pindaré, navegando o Riacho Buriticupu para o Rio Zutuia e daí mais para leste, para o Alto Grajaú.

É aqui que começa, muito provavelmente, a grande interferência da Língua Geral Amazônica, agora uma língua mais analítica com a manutenção de prefixos flexionais, mas não de sufixos, uma direção que também tem seguido o Tenetehára.

O contato com povos Timbira também se reflete na história da língua Tenetehára. Uma das prováveis influências Timbira sobre a língua Tenetehára teria sido o surgimento de uma vogal media central não arredondada, um *shwa*. Mas provavelmente a característica analítica das línguas Timbira tenha também influenciado a língua Tenetehára.

Enquanto outras etnias, como os Timbira e outros povos indígenas, sofriram baixa demográfica desde o início do século XIX, os Tenetehára continuaram a crescer e

a se expandir. Tal crescimento se deu até a década de 1870, momento em que os Tenetehára somariam mais de 12 mil indivíduos. Na ocasião, segundo Dodt (op. Cit, p. 86), havia no curso do Rio Gurupi cerca de 6 mil índios Tenetehára a quem ele denominou “Timbé”. Entre o Rio Pindaré, a leste e o Rio Capim, a oeste, Dodt calculou um número de mais de 3 mil Tenetehára vivendo nessa área, totalizando uma população de 9 mil Tenetehára. Essa estimativa de Dodt tem por base o número de famílias em 1500, tendo ele considerado para cada família o número de seis membros. Para Gomes (2002), talvez o número de cinco membros por família fosse mais coerente para ilustrar a real situação.

Quanto à região de Barra do Corda-Grajaú, esta não cresceu, mas manteve estabilidade. Na década de 1850 tem-se um adicional de mil índios, com o acréscimo de mais mil índios nos Riachos Zutiua e Buriticupu. Podia-se, assim, contar com uma população de 12 mil índios, a maior população Tenetehára, até então ultrapassada apenas nos dias atuais.

Na década posterior tem-se, segundo Gomes (2002, p. 233), uma diminuição populacional Tenetehára na região do Rio Gurupi para 2500 índios em 1887 e daí para números cada vez mais baixos. O total da população indígena no Maranhão, conforme o penúltimo relatório do diretor-geral dos índios (1887, p. 40-47), era de 25 mil índios, contabilizando-se as várias etnias Timbira e uns índios autônomos, sem contato. Dentre essas etnias, os Tenetehára eram os mais numerosos.

Segundo Gomes (2002, p. 234), o território habitado pelos índios Tenetehára abrangia as seguintes áreas: a oeste, amplas áreas ao longo dos Rios Gurupi, Guamá e Capim, no estado do Pará; o Alto e médio Pindaré, incluindo o Rio Caru, no centro do tradicional território Tenetehára; a leste, as terras margeadas pelos Rios Buriticupu e Zutiua, afluentes do Pindaré; e daí para leste e sudeste por toda a extensão do Rio Grajaú e do Alto Mearim, estas últimas pertencentes à zona ecológica de transição.

Conforme o autor (2002), a etnia que, de certa forma, mais deteve o expansionismo Tenetehára foram os Urubu-Ka’apór, mas os Guajá e os Amanajó também teriam tido um relacionamento hostil com os Tenetehára.

Todas essas informações são muito importantes para entendermos o que aconteceu com a língua Tenetehára durante sua história, depois de sua diferenciação como língua independente.

Essa língua deve ter influenciado, mas também deve ter recebido influências de todas as línguas que se encontram no interflúvio Tocantins-Mearim (cf. Cabral *et al.*,

2007). Atualmente é o Português a que mais ameaça a existência da língua Tembé e Guajajára e também é a que mais as influencia.

No que diz respeito à origem do Tenetehára, evidências do sistema pessoal, do sistema de dêíticos, da modalidade epistêmica e alética, assim como a fonologia e o léxico são fortes evidências de que sua origem é, inconfundivelmente, do sub-ramo IV, mas é provável que o Tenetehára tenha migrado para o Pindaré, a partir do Xingu quando seu ancestral ainda mantinha contato com os ancestrais dos sub-ramos V e VIII. É possível que o Tenetehára tenha sido o primeiro membro a se afastar, migrando para leste, tendo os demais povos dos sub-ramos V e VIII o seguido.

12.1.7 Tembé e Guajajára: línguas distintas ?

Finalmente, concluímos este estudo tecendo algumas considerações sobre a diferença entre Tembé e Guajajára. Embora as similaridades lexicais e fonológicas possam contar para a visão de que se trata da mesma língua, a gramática de cada uma dessas línguas já apresenta diferenças substanciais, além do que os Tembé já não se comunicam com os Guajajára e já não compartilham os mesmos ritos e cumplicidades culturais. O que os une é o ser Tenetehára, uma identidade de origem, mas se consideram diferentes enquanto povos e com modos de falar distintos. Tembé e Guajajára são, portanto, duas línguas distintas em processo crescente de diferenciação, mas ainda com grau avançado de inteligibilidade e semelhança.

REFERÊNCIAS

ABBEVILLE, Claude d'. *História da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão e terras circunvizinhas*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. USP. Livraria Martins, 1945.

ALMEIDA, A. et alii. *A Língua Tapirapé*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil (*Série Biblioteca Reprográfica Xerox*), 1983.

ANCHIETA, José de. *Arte de grammatica da língua mais usada na costa do Brasil*. Coimbra, 1595.

BARROS, Maria Mirtes dos Santos; ZANNONI, Cláudio. *Povos Indígenas no Maranhão: exemplo de resistência*. CIMI/MA. 1988.

BENDOR-SAMUEL, David. *Levantamento da Situação dos Guajajara*. Brasília, 1967. Relatório datilografado existente nos Arquivos da FUNAI.

BENDOR-SAMUEL, Margaret. 1970. "Notes on Guajajara." *Notes on Literacy* 8: 23-24.

BENDOR-SAMUEL, David. 1972. Hierarchical structures in Guajajara. Summer Institute of Linguistics Publications in *Linguistics and Related Fields*, 37. Norman: Summer Institute of Linguistics. xiv, 214 p.

BERREDO, Bernardo Pereira de. *Anais Históricos do Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro: Tipo Editor Ltda e ALUMAR, 1988.

BETTENDORF, João Felipe. Crônica da Missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1910, vol. LXXII, Parte I.

BORGES, Mônica Veloso. *Aspectos fonológicos e morfossintáticos da Língua Avá-Canoeiro*. (Doutorado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras da Universidade de Campinas. Campinas, São Paulo, 2006.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi-Moderno*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente, 1966.

BOUDIN, M. H. *Dicionário de Tupi-Moderno (dialeto Tembê-Tênêthár do alto rio Gurupi)*. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1978. 2 v.

CABRAL, A. S. A. C. Prefixos Relacionais no Asuriní do Tocantins. In: *Moara*, Belém, n. 8, p.7-24, jul./dez. 1997.

_____. Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 13, Campinas, 1998. *Anai*. Campinas: UNICAMP, 1998.

_____. Particules Épistémiques de la Famille Linguistique Tupí-Guaraní. In: Guentchéva, Z.; Landaburu, J. (orgs.). *Enonciation médiatisée et les sources du savoir*. Paris: PEETERS, 1999. No prelo.

_____. Observações sobre a história do morfema -a na família Tupí-Guaraní. In Queixalós, F. (org.). *Des noms et des verbs en Tupí-Guaraní, état de la question*. Cayenne: IRD, 2000a. p. 63-74.

_____. Algumas observações sobre a história social da Língua Geral Amazônica. In: Simões, M. do S. *Memória e Comunidade: Entre o rio e a floresta*. Belém: Gráfica Universitária/UFPA, 2000b p. 103-129.

_____. O desenvolvimento da marca de objeto de segunda pessoa plural em Tupí-Guaraní. In: Cabral, A. S. A. C; Rodrigues, A. D. (orgs.). *Estudos sobre línguas indígenas*. Belém: Gráfica da UFPA, 2001a. p.117-146.

_____. Prefixos relacionais na família Tupí-Guaraní. In: Soares, M. E. (org). *Boletim da ABRALIN*. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2001b, n. 25, p. 233-262.

_____. *Algumas evidências lingüísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní*. Moara, Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras 4, p. 47-76. Belém: UFPA, 1996.

_____. A propósito das oclusivas sonoras do Zo'é. *Moara, Revista dos cursos de Pós-Graduação em Letras* 9:53-71, Belém, UFPA, 1998.

_____. Fonologia da Língua Jo'é. *Universa, Revista da Universidade Católica de Brasília* 8.3:571-596. 2000b.

CABRAL, Ana Suelly A.C.; RODRIGUES, Aryon D. (Orgs.), *Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins-Português*. Belém: UFPA/IFNOPAP, UnB/IL/LALI, 2003.

CABRAL, Ana Suelly A. C. & SOLANO, Eliete de Jesus B. Sobre as línguas Tupí-Guaraní do Xingu e os seus deslocamentos pré-históricos. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org). *Sob o signo do Xingu*. Belém: UFPA/IFNOPAP, 2003, p. 17-36.

_____. *Mais fundamentos para a hipótese de proximidade genética do Araweté com línguas do sub-ramo V da Família Tupí-Guaraní*. Trabalho apresentado no XXI Encontro Nacional da ANPOLL - GT- línguas indígenas, 03-06 de julho, São Paulo, 2006.

CABRAL, Ana Suelly A. C. & JULIÃO, Maria Risoleta & MAGALHÃES Marina. *Linguistic Diffusion in the Tocantins-Mearin*. I Encontro Internacional Sobre Línguas e Culturas dos Povos Tupí. UnB/LALI, 2004.

CASTRO, Ricardo Campos. *Interface Morfologia e Sintaxe em Tenetehára*. (Mestrado em Lingüística) – Programa de Pós-Graduação em Lingüística – POSLIN. Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

CALDAS, Raimunda B. C. *Aspecto, modo de ação e modalidade em Ka'apor*. (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Instituto de Letras da Universidade Federal do Pará. Belém, 2001.

CALDAS, R.B.; SILVA, T.F. Verbos de atividades mentais em Ka'apór e outras línguas da família Tupí-Guaraní In: *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL*, tomo I, p. 269-273. Belém: EDUFPA. 2002.

CAMPBELL, Lyle. *Historical Linguistics: an introduction*. Edinburgh University Press, Edinburgh, 1998.

CARVALHO, M.G.P. Mudanças estruturais em processo em Tembé. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL* Belém: EDUFPA 2001.

_____. *Sinais de Morte ou de Vitalidade? Mudanças estruturais na Língua Tembé*. Dissertação (Mestrado em Linguística) UFPA.

CEDI. *Tembé: povos indógenos (indígenas) no Brasil &- sudeste do Pará (Tocantins)*. São Paulo, 1985, Carlos Alberto Ricardo (coord).

CORRÊA DA SILVA, B.C. A codificação dos argumentos em Ka'apór: sincronia e diacronia, in Ana S. A. C. Cabral e Aryon D. Rodrigues (Orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*, t.I, Belém:UFPA, 2002, p.343-351.

_____. Hipóteses sobre a história lingüística dos Ka'apór. In *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico* – CD-ROM, p. 1582-1595. Associação Brasileira de Lingüística, Florianópolis, 2000.

_____. *Urubú-Ka'apór, da gramática à história: a trajetória de um povo*. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 1997.

CRUZ, Olímpio. *Vocabulário de quatro dialetos dos índios do Maranhão: Guajajara, Canela, Urubu e Guajá*. São Luís: Secretaria de Educação e Cultura, 1972.

COMRIE, B. Switch-reference in Huichol: a typological study. In HAIMAN, J. & MUNRO P. (orgs.), *Switch-reference and universal grammar Typological Studies in language*. John Benjamins, Amsterdam, 1983.

DESCLÈS, J.-P. Construction formelle de la catégorie de l'aspect (essai). [in:] *David et Martin*. 1980, 198-237.

DESCLÈS, J.-P.; Z. GUENTCHÉVA. Aspects et modalités d'action (Représentations Topologiques dans une perspective cognitive). In: *Etudes Cognitives*. Warszawa, 1997.

_____ Convergences et divergences dans quelques modèles du temps et de l'aspect. In: *Semantyka a konfrontacja jezykowa*, 1, SOW, Warszawa, 1996. p.23-42.

DINIZ, Edson Soares. *Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional*. Belém: UFPA-CNPq, 1994.

_____. *Os índios Tenetehara-Guajajara e seu convívio com os regionais*. Marília:UNESP, 1982,. Publicação Avulsa, 38, série Etnologia 02.

_____.Convívio e dependência: os Tenetehara-Guajajara. *Journal de La Société dès Americanistes* , Paris, tome 69, p. 117-127, 1983.

_____. Os Tenetehara-Guajajara- convívio e contaminação. In: *Revista de Antropologia*, n. 27/28. São Paulo: USP, 1984-85, p. 343-353.

_____. Os Tenetehara-Guajajara: convívio e integração. In: *Revista d Antroplogia*. São Paulo, v. 27-28, 1984-1985.

_____. *Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional. Avaliação da Organização Social*. Marília (SP): UNESP, 1988a.

_____. *Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional. Avaliação das Relações Econômicas*. Marília (SP): UNESP, 1988b.

_____. *Os Tenetehara-Guajajara e a Sociedade Nacional. Avaliação das Relações Intersocietárias*. Marília (SP): UNESP, 1988c.

DUARTE, F. B. *Análise Gramatical das orações da língua Tembé*. 1997.85 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília.

_____. Ordem de constituintes na língua Tembé, In: *COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO MESTRADO EM LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA*, Juiz de Fora, 2000 Anais. Juiz de Fora: Universidade de Juiz de Fora, 2000.

_____. Construções de gerúndio na Língua Tembé. Revista *LIAMES*, Campinas: IEL-UNICAMP, 20001. No prelo.

_____. Negação frásica na Língua Tembé. In: *ENCONTRO INTERNACIONAL DO GTLI DAANPOLL* Belém, 2001. Anais. Belém: Universidade Federal do Pará, 2001b.

EHRENREICH, Paul. Materialien zur Sprachenkunde Brasiliens: IV. Vocabulare der Guajajara und Anambē (Para). *Zeitschrift für Ethnologie*, 27.163-168, 1895.

EIRÓ, J.G. *Contribuição à análise fonológica da Língua Tembé*. 2001.70 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Curso de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal do Pará.

EVREUX, Yves d'. *Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614*. Maranhão: sem ref. Editorial, 1874.

_____. *Viagem ao norte do Brasil pelo padre Ivo d'Evreux*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1929.

FIGUEIRA, Padre Luiz. *Arte de Grammatica da Língua Brasilica*. Typographia e Litographia a vapor de Lombaerts & C. Ourives n. 7. Rio de Janeiro, 1880

FOLEY, William A e VAN VALIN Jr, Robert D. *Functional syntax and universal grammar*. Cambridge University Press, Cambridge, 1984.

GALVÃO, Eduardo. *Diários de Campo de Eduardo Galvão entre os Tenetehára, Kaióá e Índios do Xingu*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Museu do Índio – FUNAI, 1996.

GOMES, Pereira Mércio. *Perspectivas indígenas no Maranhão pós-Carajás: um estudo de previsão histórica*. Campinas (SP): UNICAMP, 1983, paper mimeo.

GOMES, Mércio Pereira. *O índio na história: o povo Tenetehara em busca da liberdade*. Petrópolis : Vozes, 2002. 632 p.

GOMES, Mércio Pereira. *The etnical survival of the Tenetehara indians of Maranhão, Brazil*. PhD University of Flórida, 1997.

HARRISON, Carl H. 1983. "Typological disharmony and ergativity in Guajajara." *Work Papers of the Summer Institute of Linguistics, University of North Dakota* 27:73-106.

_____. The interplay of causative and desiderative in Guajajara. *Moara - Revista dos Cursos de Pós-Graduação da UFPA* 4:83-113. Belém.

_____. Verb Proeminence, Verb Initialness, Ergativity and Typological Disharmony in Guajajara. In: *Handbook of Amazonian Languages – volume I*. Desmond Derbyshire, Geoffrey K. Pullum, ed. Berlin; New York; Amsterdam: Mouton de Gruyter. 1986.

HOCK, Hans Heinrich. *Principles of historical linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter.

HURLEY, J. Vocabulário Tupí-Português falado pelo Tembé dos rios Gurupi e Guamá do Pará. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, v.17, p. 323-351. 1931.

JAKOBSON, R. *On Language*. Cambridge/London: Harvard University Press.

JENSEN, Cheryl Joyce S. *O desenvolvimento histórico da língua Wayampi*. (Série Línguas Indígenas). 2ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. LEHMANN, W. P. *Syntactic Typology* (ed.) Austin: University of Texas Press, 1981 463 p

HURLEY, Jorge. Viagem à aldeia dos Tembé (Alto Guamá). *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Pará*, Belém: Ofici nas Graphicas do instituto Lauro Sodré, p.283-291, out 1920.

HURLEY, Jorge. Relatório Apresentado Pelo Dr. Henrique Jorge Hurley sobre sua Viagem de Inspeção aos índios do Guamá e Gurupi, In. *Nos Sertões do Gurupi*. Belém: Oficinas Gráficas do Instituto Lauro Sodré, p. 1540, 1928.

HURLEY, Jorge. Clorographia do Pará e Maranhão. *Revista do Instituto Histórico e Geographico do Pará*, Belém, vol. VII, p. 4-44, 1932.

KAKUMASU, J. *Urubú-Kaapor*. In Derbyshire, D. C. and Pullum G. K. (eds.), *Handbook of Amazonian Languages*, v. I, p.326-403. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1986.

KAUFMAN, Terrence. Language History in South of America: what we know and how to know more. In: PAYNE, D. L. *Amazonian Linguistics- studies in lowland South American Languages*. University of Texas Press, Austin. 1990.

LABOV, William. *On the mechanism of linguistic change*. Georgetown University Monographs on Languages and Linguistics, 1965.

LAGO, Antônio Pereira do. Itinerário da Província do Maranhão. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1872, Vol. 35, Part. I.

LEHMANN, Winfred P. *Historical Linguistics*. New York: Holt. 1962. I.

LEITE, Serafim, S. J. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro (INL) e Lisboa: Livraria Portugália, 1943, Tomos III e IV.

MAGALHÃES, J. V. Couto de. *O Selvagem*. I. Curso de Língua Geral segundo Ollendorf, compreendendo o texto original de lendas tupis. II. Origens, costumes, região selvagem, methodo e empregar para amansa-los por intermédio das colônias militares e do interprete militar. Rio de Janeiro: Typ. da Reforma, 1876.

_____ *Viagem ao Araguaia*. 6ª Ed. São Paulo. Companhia Editora nacional, 1975.(Coleção Brasileira, n. 28 (1. ed. de 1975).

MAGALHÃES, M. M. S. *Sobre a morfologia e a sintaxe da língua guajá* (família Tupi-Guaraní. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____ 2005. “Pronomes e prefixos pessoais do Guajá” In. Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C. (org.), *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Ed. UnB, p.141-151.

_____ 2006. Harmonia vocálica como processo desencadeador de mudanças estruturais na língua Guajá In.: Rodrigues, A. D. (org), *Estudos da língua(gem)*. Vitória da Conquista, v.4, n.2, p.67-75.

_____ 2007. O gerúndio em Guajá In. *Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. C.* (org.), Campinas,SP: Ed. Curt Nimuendajú; Brasília: LALI/UnB, p.349-356.

MARQUES, César Augusto. *Dicionário Histórico-Geográfico da Província do Maranhão*. Rio de Janeiro: Editora Fon-Fon e Seleta, 1970.

MEILLET, Antoine. Les dialectes indo-européens.Engl.trans. *The Indo-European dialects*, 1967, University of Alabama Press, 1908.

_____.La méthode comparative em linguistique historique.Oslo.(Repr.1966, Paris: Champion.),1925.

MITHUN, M. 1984. The evolution of noun incorporation. *Language* 60: 847-894.

_____. *The languages of Native North America*. Cambridge University Press, 1999.

MONSERRAT, Ruth Maria Fonini & Irmãzinhas de Jesus. *Língua Asuriní do Xingu: Observações gramaticais*. Altamira (Pará): Conselho Indigenista Missionário, 1998.

MORAES, José de. *História da Companhia de Jesus na extinta Província do Maranhão e Pará*. Rio de Janeiro: Alhambra, 1987.

MOREIRA NETO, Carlos de Araújo. 1971. *A política indigenista brasileira durante o século XIX*. Rio Claro (SP): UNESP, 1971, 3 vol., tese de doutoramento.

NIMUENDAJU, Curt. Vocabulários da Língua Geral do Brasil nos dialetos dos Manajué do rio Ararandéu, Tembé do Acará Pequeno e Turiwara do rio Acará Grande, Estado do Pará. *Zeitschrift für Ethnology*. v. 46, p.615-6188. Berlin, 1914.

_____. Mitos dos índios Tembé do Pará e Maranhão. In: *Sociologia*. São Paulo, Escola de Sociologia e Política e São Paulo e Museu Paulista, 1951. Vol. XII, n. 2, p. 174-82; n. 3, p. 274-82.

PRAÇA, W.N. *A morfossintaxe da língua Tapirapé*. (Doutorado em Lingüística) – Curso de Pós-Graduação em Lingüística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, 2007.

RIBEIRO, Darcy. *Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1995.

RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. A classificação do tronco lingüístico Tupi. *Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1 e 2, p. 99-104.

_____. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní, *Revista de Antropologia*, p.27/28:33-53. São Paulo, 1985.

_____. A categoria de voz em Tupi. In: *Logos*. 6:50-53. Curitiba, 1947.

_____. Semántica y etimología en el Guaraní?. In: *International Journal of American Linguistics*. Vol. XIX, 1953.

_____. Os estudos de lingüística indígena no Brasil”. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo, 1963.

_____. A case of grammatical affinity among Tupí, Karíb, and Macro-Jê. MS, UnB, 1990b.

_____. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. *Ciência Hoje*, v.16, n.95, p.20-26,1993 a.

_____. *Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas*. D.E.L.T.A, São Paulo, v.9, n. 1,p.83-103,1993b.

_____. *The Grammatical Structure of Classical Tupí*. Notas de curso dado na Universidade de Leiden, Holanda, 1994.

_____. Argumento e predicado em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística* 19:57-68. Maceió, 1996.

_____. Tupí. In: Dixon, R. M. W. & A. Y. Aikhenvald (orgs.), *The Amazonian Languages*, pp 107-124. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28:33-53. São Paulo, 1985.

_____. *Casos de gramaticalização em línguas Tupí-Guaraní*. Trabalho apresentado durante a 20a. Sessão do Seminário Permanente de Línguas Indígenas da UFPA, em 4 de outubro de 1998, Laboratório da Linguagem, UFPA.

_____. Análise morfológica de um texto Tupí. *Logos* 7:56-77. Curitiba, 1952.

_____. *Alguns casos de regramaticalização em línguas da família Tupi-Guaraní*. Comunicação feita no Seminário Permanente de Línguas Indígenas, UFPA, Belém. 1998.

_____. Sobre a natureza do caso argumentativo. In: Queixalós, F. (org.), *Des noms et des verbs en Tupi-Guaraní, état de la question* p.63-74., p.63-74. Cayenne: IRD, 2000a.

_____. Caso em Tupi-Guaraní, particularmente em Tupinambá. In: *CONGRESSO DA ANPOLL*, 13, Niterói, Síntese2000. Anais...Niterói; ANPOLL, 2000b.

_____. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em línguas Tupi-Guaraní. In: Cabral, A.S.A.C; Rodrigues,A.D.(orgs.). *Estudos sobre línguas indígenas*, p. 87-100. Belém: Gráfica da UFPA, 2001.

RODRIGUES A. D. ; CABRAL, A. S. A.C. Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní. In: *I ACTAS DO I ENCONTRO INTERNACIONAL DO GTLI DA ANPOLL*. Belém: EDUFPA 2001.

RODRIGUES, Edmilson. *Comissão Especial de Estudos sobre os índios Tembétetehara da Reserva Indígena Alto Rio Guamá: Relatório Final*. Belém : Assembléia Legislativa do Pará, 1994. 72 p.

RODRIGUES, João Barbosa. *Exploração e Estudo do Valle do Amazonas. Rio Capim, rio Capim*, Rio de Janeiro: Typographia Nacional, p. 20-21, 1882.

RODRIGUES, J. Barbosa. Tribo dos Tembété : índole, casamento e morte. *Rev. da Exposição de Antropologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Typ. Pinheiro, 1982. 160 p.

_____. Tribo dos Tembés, Vestuário. *Revista da Exposição Antropológica, Brasileira.*, Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro, p. 32, 1882.

_____. Tribo dos Tembés, Festa da Tucunayra. *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro, p. 32, 1882.

RIBEIRO, Francisco de Paula. Memória sobre as nações gentias que presentemente habitam o continente do Maranhão. Escriptas no anno de 1810 pelo Major Graduado... In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1841, vol. 3.

_____. Roteiro de viagem que fez o capitão Francisco de Paula Ribeiro às fronteiras da capitania do Maranhão e da de Goyaz no ano de 1815 em serviço de S. M. Fidelíssima. In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1848, Vol. 10.

_____. Descrição do Território de Pastos bons nos sertões do Maranhão. . In: *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, 1849, Vol. 12.

RICE, Frederick John. *A Pacificação e Identificação das Afinidades Lingüísticas da Tribo Urubú dos Estados do Pará e Maranhão: 1928-1929*. Journal de la Sociéte des Américanistes, XXII. Paris, 1930, p. 311-16.

SALES, Noêmia Pires de. *A Década de 80 e autoconsciência Étnica dos TEMBÉ-TENETEHÁRA do Alto Rio Guamá*. Belém: UFPA, 1990 (mimeo)

SALES, Noêmia Pires de & TEIXEIRA, Joaquina Barata. *Os índios Tembé-Tenetehára: Rebatendo a idéia do Fim*. O liberal. Belém: 27 de outubro de 1991. Caderno 1, p.7.

SALES, Noêmia Pires de. *Pressão e resistência: os índios Tembé-Tenetehára do Alto Rio Guamá e a relação com o Território*. Belém: UNESPA, 1993, paper mimeo.

SILVA, Tabita Fernandes. *Classes verbais e algumas questões pragmáticas em Ka"apór*. 79f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2001.

_____. *Subclasses de verbos em Ka'apór*. Boletim da ABRALIN 25. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 2001.

SILVA, Tabita Fernandes & CABRAL, A.S.A.C. Desvendado a História Interna do Morfema *pə* da Língua Tenetehára (Revealing the Internal History of the Morpheme *pə* in Tenetehara. In: *Estudos da Linguagem: pesquisa em Línguas Indígenas* v.4, nº 2. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2006. p.77-86.

SCHRÖDER, Peter. *Relatório sobre a situação atual das A.I. Cana Brava/Guajajara e Lagoa Comprida*, municípios de Barra do Corda e Grajaú – Ma. Köln, 1991, paper mimeo.

SNETHLAGE, Emil Heinrich. *Worte und texte der Tembé-indianer aufgezeichnet von Cyriaco Baptista (Tembé)*. In *De La Revista Del Instituto de Etnologia*, Tomo II, páginas 347 a 393. Tucumán, 1932.

SOLANO, Eliete de J. B. *A posição do Araweté na Família Tupi-Guarani: contribuições lingüísticas e históricas*. 113 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2004.

_____. *Análise Comparativa de Aspectos Fonológicos das Línguas Asuriní do Xingu, Araweté e Wayampí*. In: SIMÕES, Maria do Socorro (org). *Revisitando o Marajó: um arquipélago sob a ótica da ciência, educação e biodiversidade*. Belém: NUMA/UFPA/IFNOPAP, 2005, p. 11-27.

SHOPEN, Timothy (ed). *Language Typology and Syntactic Description – Complex Constructions*. 3 vol. *Grammatical categories and the lexicon*. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.

TESNIÈRE, L. *Éléments de Syntaxe Structurale*. Paris. Éditions Klincksieck, 1969.

THOMASON, S. G. *Analogic change as grammar complication*. In: *Christie* (ed.)1976: 401-409.

THOMASON, S.G. *Language Contact: an Introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

THOMASON, S.G.;KAUFMAN, T. *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkaley: University of California Press,1988.

SOARES, Marília Facó. *A Perda da Nasalidade e outras Mutações Vocálicas em Kokama, Asurini e Guajajara*. Menção: Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.1979.

WAGLEY, Charles. Notas sobre aculturação entre os Guajajara. In: *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro, 1943, N.S. Antropologia, N. 2.

WAGLEY,C.;GALVÃO, E. *Os índios Tenetehára:uma cultura em transição*.Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura,1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos para uma teoria da mudança lingüística*.São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZANNONI, Cláudio. *Conflito e coesão: o dinamismo Tenetehára*. Brasília: Conselho Indigenista Missionário, 1999. (Coleção Antropologia;2).

ZANONI, Cláudio & BARROS, Maria Mirtes dos Santos. *Povos indígenas no Maranhão*. Maranhão: CIMI, 1988.

ANEXOS

FOTOS DO POVO TENETEHÁRA

TEMBÉ E GUAJAJÁRA

(Fotos: Tabita Fernandes, Eliete Solano e Cristina Caldas)

1. O espaço físico

Temas: 2. Manifestações culturais

3. O homem

1. O ESPAÇO FÍSICO



(Foto 01) - Aldeia Cajueiro às margens do Rio Uraim – (Tembé)
Porto de passagem para as demais aldeias assentadas às margens do rio Gurupi.



(Foto 02) - Rio Gurupi – Entrada da Aldeia Tekohaw (Tembé)



(Foto 03) Aldeia Tekohaw-Tembé



(Foto 04) – Braço do rio Zutiwa que corta a Aldeia Angico Torto (Guajajara)



(Foto 05) Aldeia Angico Torto (Guajajara)



(Foto 06) Energia elétrica e



(Foto 07) Água encanada na Aldeia Angico Torto



(Foto 08) Escola Indígena da Aldeia Angico Torto



(Foto 09) Posto de Saúde da aldeia Angico Torto



(Foto 10) Igreja Tenetehára – Aldeia Angico Torto



(Foto 11) - Telefonia na Aldeia Angico Torto



(Foto12) - Tv na Aldeia Angico Torto



(Foto 13) Habitação Guajajára



(Foto 14) Temi'uapohaw - local de fazer comida



(Foto 15) – Centro da aldeia Tekohaw



(Foto 16) – Centro da Aldeia Angico Torto

1. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

1.1 A PRODUÇÃO DE FARINHA DE MANDIOCA – ESPAÇOS E UTENSÍLIOS

ALDEIA ANGICO TORTO



(Foto 17) Casa de farinha



(Foto 18) Tanque para pôr mandioca de molho



(Foto 19) Casa do motor



(Foto 20) – Motor de moer a mandioca



(Foto 21) –Escoadouro da massa de mandioca



(Foto 22) – reservatórios da massa



(Foto 23) – Recipiente para a massa



(Foto 24) – Reservatório da massa



(Foto 25) - Prensa



(Foto 26) - Fornos



(Foto 27) – Forno



(Foto 28) – Fogão a lenha

2.2 A TECELAGEM GUAJAJÁRA – ALDEIA ANGICO TORTO



(Foto 29) – Tecelã Guajajára



(Foto 30) – Tecelã Guajajára

2.2 A TECELAGEM GUAJAJÁRA – ALDEIA ANGICO TORTO



(Foto 29) – Tecelã Guajajára



(Foto 30) – Tecelã Guajajára

2.4 USO DOS PRODUTOS MANUAIS NO COTIDIANO DOS GUAJAJÁRA
ALDEIA ANGICO TORTO



(Foto 36) cesto



(Foto 37) – myhaw (esteira)



(Foto 38) - ‘porta de palha’



(Foto 39) – tatapekwaw ‘abano’



(Foto 40) – espécie de cesto



(Foto 41) – espécie de cesto



(Foto 42) - manaku



(Foto 43) - cofo



(Foto 44) – cofo



(Foto 45) – espécie de paneiro



(Foto 46) - moringa



(Foto 47) - cuia



(Foto 48) – espécie de cofo



(Foto 49) – espécie de paneiro



(Foto 50) – pilão e mão de pilão



(Foto 51) – pilão de madeira



(Foto 52) –fogão de barro



(Foto 53) – fogão de barro



(Foto 54) –fogão de barro



(Foto 55)- Rede para brincadeira de crianças/casinha de brincadeiras

2.5 RITO DE PASSAGEM TEMBÉ – ALDEIA TEKOHAW

A FESTA DA MOÇA



(Foto 56) - Início da pintura dos corpos dos meninos e meninas - uma das fases do rito de passagem (Fotos de Solano e Caldas, 2006)



(Foto 57) – Fase final da ornamentação corporal (Fotos de Solano e Caldas, 2006)



(Foto 58) – Ornamentação típica para a ‘Festa da Moça’ (Fotos de Solano e Caldas, 2006)



(Foto 59)- Meninas ornamentadas para o rito da passagem a’Festa da moça’ (fotos de Solano e Caldas, 2006)



(Foto 60) – Organização para o início da dança fora da ramada (Solano e Caldas, 2006)



(Foto 61) – Cacique Sérgio Muxi Tembê conduzindo a cantoria na ramada (Solano e Caldas, 2006)



(Foto 62) – Dança coletiva que marca o final da 'Festa da Moça' (Solano e Caldas, 2006)

3.O HOMEM

3.1 A TERCEIRA IDADE



(Foto 63) – índia Guajajára – Aldeia Angico Torto



3.2 A NOVA GERAÇÃO - CRIANÇAS TEMBÉ E GUAJAJÁRA



(Foto 68) – Índia Guajajára e filhos



(Foto 69) - Índia Guajajára e filho



(Foto 70) -Índia Guajajára e filho



(Foto 70) –Menino Guajajara



(Foto 71) – Menino Guajajara



(Foto 72) - Menina Guajajara



(Foto 73) - Menina Guajajara



(Foto 74) - Menina Guajajara



(Foto 75) - Menina Guajajara

(Foto 74) - Menina Guajajára

(Foto 75) - Menina Guajajára



(Foto 76) - Meninas Guajajára



(Foto 77) - Crianças Tembé



(Foto 78) - Crianças Guajajára

(Foto 79) - Menina Tembé



(Foto 79a) - Menino Tembé



(Foto 79b) - Menina Temb 



(Foto 80) - Crianças Guajajára



(Foto 81) – Crianças Guajajara